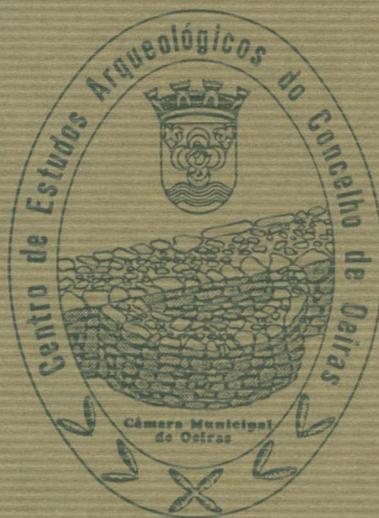


ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS
DE
OEIRAS

11



2003
OEIRAS

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 11 2003



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2003

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS
Volume 11 • 2003 ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
DESENHO – Bernardo Ferreira, salvo os casos
devidamente assinalados
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E
REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso
MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Palma, Artes Gráficas, Lda. - Tel. 244 447 120 - Mira de Aire
DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

ÍNDICE

	Pág.
PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS DR. ^a TERESA PAIS ZAMBUJO Apresentação	7
MARIA LEONOR MACHADO DE SOUSA Portugal e os viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX	9
LUÍS AIRES-BARROS Os monumentos e o futuro da memória do passado	19
JOÃO LUÍS CARDOSO A utensilagem óssea de uso comum do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras)	25
JOÃO LUÍS CARDOSO O uso do marfim, no território português, durante o Calcolítico: a propósito de um alfinete recolhido no povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras)	85
JOÃO LUÍS CARDOSO & JÚLIO ROQUE CARREIRA O povoado calcolítico do Outeiro de São Mamede (Bombarral): estudo do espólio das escavações de Bernardo de Sá (1903/1905)	97
JOÃO LUÍS CARDOSO (colaboração de O. da Veiga Ferreira [†] , G. Zbyszewski [†] , M. Leitão, C. T. North & F. Berger) A gruta do Correio-Mor (Loures)	229
A. M. DIAS DIOGO & JOÃO PEDRO CARDOSO Nótula sobre materiais romanos provenientes do rio Tejo (Oeiras)	323
NOTÍCIAS E RELATÓRIOS (2002/2003)	
Entrega do Prémio Aboim Sande Lemos da Academia Portuguesa da História (10 de Julho de 2002)	331
Qualificação arquitectónica da entrada do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras)	333
Lançamento do livro “O povoado pré-histórico de Leceia no quadro da investigação, recuperação e valorização do património arqueológico português”	337
Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). Relatório das actividades desenvolvidas em 2002 e em 2003	345

APRESENTAÇÃO

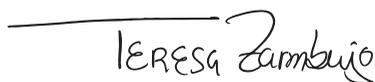
Este número da série “Estudos Arqueológicos de Oeiras” é, como os anteriores, paradigma do muito que as autarquias podem e devem fazer no domínio da investigação e valorização do património arqueológico. Trata-se de área em que a Câmara Municipal de Oeiras adquiriu reconhecidas competências, desde a criação pioneira, em 1988, do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, um dos primeiros a ser criado, a nível autárquico, em Portugal. Cedo se verificou que o adequado conhecimento do passado arqueológico do território oeirense obrigava à investigação de outras realidades situadas muito além dos limites administrativos actualmente existentes. Tal evidência justificou o perfil editorial adoptado pela revista, acolhendo a publicação de espólios, documentos, sítios e estações relevantes para o conhecimento da arqueologia regional e nacional que, deste modo, permitiram melhorar a perspectiva e integração cultural da realidade arqueológica oeirense, desde o Paleolítico até às épocas históricas. O presente volume reflecte esta realidade, com a publicação de dois artigos respeitantes a duas importantes estações pré-históricas da Estremadura, um povoado e uma necrópole, os quais permitem adequada comparação com estações congéneres concelhias. Deu-se, naturalmente, continuação à publicação regular de estações e espólios arqueológicos oeirenses, representados por dois contributos relativos aos espólios recuperados pelo Prof. Doutor João Luís Cardoso no povoado de Leceia, sucedidos de nota sobre achados subaquáticos de materiais romanos efectuados na frente ribeirinha do Tejo, os primeiros que dali se publicam, da autoria do Dr. A. M. Dias Diogo e de J. Pedro Cardoso.

Importa também referir outros estudos que, embora não sendo de índole arqueológica, se justificam plenamente numa revista de Arqueologia, da autoria de ilustres mestres, nas suas respectivas áreas de especialidade: o primeiro, da Senhora Prof.^a Doutora M. L. Machado de Sousa, respeita aos relatos de viajantes estrangeiros dos séculos XVIII e XIX que, tendo permanecido em Portugal, escreveram as suas impressões sobre a realidade que lhes foi dado observar. Trata-se da época em que a observação da Natureza, dos fenómenos naturais e da determinação científica da antiguidade da espécie humana começava a interessar a intelectualidade e a própria opinião pública, coincidindo com o início dos reconhecimentos científicos sistemáticos do país e das suas possessões de além-mar. O segundo estudo, em linguagem simples e sugestiva, aborda a problemática da conservação do património construído, em que o Prof. Eng. Luís Aires-Barros é reputado especialista internacional, discorrendo sobre os diversos tipos de agressões a que a nossa memória colectiva material é diariamente sujeita, seja por causas naturais, seja pela própria acção humana. A ambos, o meu agradecimento.

A revista inclui ainda um capítulo final, relativo às actividades e acontecimentos relevantes no domínio da Arqueologia concelhia verificados em 2002 e 2003. As primeiras, encontram-se detalhadamente descritas no Relatório de Actividades do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, bem elucidativo das múltiplas áreas de intervenção e dos resultados alcançados. Entre os segundos, inclui-se a qualificação da entrada do povoado pré-histórico de Leceia, dando início a um ambicioso projecto de

valorização daquele espaço patrimonial ímpar, bem como a apresentação de publicação sobre os trabalhos que ali vêm sendo desenvolvidos pelo Prof. Doutor João Luís Cardoso e, ainda, referência à entrega do Prémio Aboim Sande Lemos da Academia Portuguesa da História, que confirma – se necessário fosse – a valia científica da obra realizada por este arqueólogo. Em todas as cerimónias tive a oportunidade de comparecer e de intervir, pelo que agora me limitarei, em meu nome pessoal e no do Executivo municipal, a reafirmar o apoio e o muito apreço devidos a quem, pelo trabalho desenvolvido, viabilizou a Arqueologia como área funcional de pleno direito na Câmara Municipal de Oeiras, conferindo-lhe o estatuto de parceira efectiva de um desenvolvimento equilibrado e culturalmente sustentado, que é desígnio maior do Executivo a que tenho a honra de presidir.

A Presidente da Câmara Municipal de Oeiras,

A handwritten signature in black ink, reading "TERESA Zambujo". The signature is written in a cursive style with a horizontal line above the name.

Teresa Pais Zambujo

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
11, Oeiras, Câmara Municipal, 2003, p. 9-18

PORTUGAL E OS VIAJANTES ESTRANGEIROS NOS SÉCULOS XVIII E XIX

Maria Leonor Machado de Sousa¹

Nos últimos anos tem-se manifestado um interesse crescente pela literatura de viagens, género de contornos por vezes difíceis de definir, mas a respeito da qual existe já uma teorização de certa envergadura.

Até um período que podemos situar ainda no início da segunda metade deste século, os relatos de viagem tinham um interesse simplesmente exótico, de estabelecer um contacto do leitor com gentes e costumes pouco conhecidos. Sem que esse aspecto tenha desaparecido, a verdade é que o cinema e sobretudo a televisão ultrapassaram a necessidade de recurso à leitura, pois os meios de que dispõem têm um impacte visual que nenhum livro pode igualar.

Mas a diminuição de valor nesse sentido, valor que, aliás, nada vence no que se refere à perenidade e facilidade de acesso ao registo escrito, coincidiu curiosamente com a descoberta, ou talvez melhor, com o reconhecimento de uma nova espécie de valor, já abrangido pelo interesse em determinadas áreas científicas. Estas são as ciências sociais, também elas objecto de enorme desenvolvimento ao logo do século XX. A descrição dos países visitados interessa sobretudo à etnografia e à sociologia. Neste último caso, esse interesse só pode ser avaliado com a distanciação que a perspectiva histórica permite. Trata-se da descrição de costumes e situações que frequentemente constituem fontes únicas, dado que os naturais do país, imersos numa vida rotineira e para eles normal, não viam razão para descrever. Dessa maneira – e isso é particularmente significativo na caso português – os relatos dos viajantes estrangeiros que nos visitavam são praticamente as únicas fontes para o conhecimento do quotidiano de outras épocas, cujo estudo tem constituído recentemente quase uma sub-área das ciências sociais.

Um outro ponto de vista sob o qual podemos encarar estas obras tem a ver com a sua abordagem, em termos mais ou menos estéticos: o que é relato de viagem e em que domínio deve ser preferencialmente situado, histórico ou literário?

Em rigor, o género – que é frequentemente designado por “literatura de viagens” – aplica-se ao

¹ Professora Catedrática jubilada da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
Vice-Presidente da Academia Portuguesa da História.

resultado das observações feitas por um viajante sob a forma de documento escrito. Mas a literalidade de um roteiro, por exemplo, não tem o mesmo grau estético que um relato do que o autor viu e viveu durante a permanência de alguns meses num meio desconhecido. No primeiro caso temos um documento científico, no segundo um documento com valor histórico e forma e qualidades literárias. Este é o fruto da curiosidade do autor – muitas vezes pouco dotado para as letras – que pretende registar e divulgar o que vê.

A explosão de interesse por este tipo de narrativas deu-se no século XVI, quando os participantes nas viagens de descoberta ou exploração traziam consigo descrições escritas. O resultado foi que algumas delas foram rapidamente traduzidas, às vezes antes da sua publicação no original, na maior parte das vezes em português. Também aconteceu que manuscritos portugueses foram dispersos pela Europa, havendo ainda inéditos em diversas bibliotecas de fundo antigo. Correspondendo ao grande interesse que o público leitor manifestou por estas obras também na segunda metade do século XVIII e durante todo o século XIX alguns autores ganharam certa notoriedade e, várias vezes reeditados e traduzidos, tornaram-se clássicos do gênero. A própria atitude do autor foi modificada pela sua época: se do viajante quinhentista e mesmo setecentista se esperava que fosse objectivo e transmitisse no seu relato toda a espécie de informações – a novidade –, que instruissem os leitores, o viajante romântico do século XIX era considerado livre de fazer interferir no relato a sua sensibilidade e de seleccionar os elementos e mesmo as facetas destes que, de modo algo impressionista, iria registar em detrimento dos outros.

Também a forma de que se revestem os relatos é variada: se muitos se apresentam como simples descrições da viagem e do que se deparou ao autor – paisagem, monumentos, costumes –, outros surgem como notas de diário ou cartas, numa tentativa de maior espontaneidade e de infundir maior confiança na informação transmitida. Mas a todos os relatos subjaz uma estrutura comum, aquela que justifica a tendência actual de os incluir cada vez mais na área da literatura: trata-se de encarar estas descrições como resultado do percurso de uma personagem – o “eu” narrador – ao encontro do “outro”, o país visitado. O choque das duas origens, de duas culturas implica uma estrutura romanesca, mais ou menos marcada conforme o grau de participação directa do autor em termos pessoais e dos episódios narrados.

A moda da viagem instituiu-se na Inglaterra, no século XVII, como complemento da educação dos rapazes de boas famílias. Em alguns casos teve como uma das consequências um relato escrito, mas este tornou-se quase obrigatório, no século XVIII, sobretudo quando o país visitado era mal conhecido. Na segunda metade do século, Portugal começa a aparecer cada vez mais no percurso dos viajantes, com razões que, por um lado, tinham a ver com a pouca segurança da travessia da França revolucionária, mas por outro tinham justificações no próprio país. Além dos casos particulares como o da Inglaterra, mais desperta para a existência de Portugal na sequência do casamento de Carlos II com Catarina de Bragança, houve uma circunstância que, mais que todas, chamou a atenção dos contemporâneos: o terramoto de 1755, cujas consequências catastróficas suscitaram na Europa uma polémica filosófica, na qual tomaram parte Voltaire, Kant e Rousseau, entre outros, quanto à existência de um Deus capaz de destruir a sua própria obra e que, dizendo-se o Deus da bondade, podia causar tão grande sofrimento.

Outras razões trouxeram viajantes estrangeiros até nós. O restabelecimento dos que sofriam de doenças pulmonares era um dos mitos que levavam os médicos a receitar algum tempo de permanência nos países mediterrânicos, sobretudo a Itália, mas motivos económicos ou de relações com membros das colónias inglesas em Portugal terão justificado o crescente afluxo desses doentes durante o século XVIII.

Também foram muitos os militares que se alistaram nas tropas portuguesas para tomarem parte nas campanhas europeias ou para colaborarem na reorganização do exército. O caso dos militares foi particularmente importante no século XIX, nos exércitos britânicos que participaram na Guerra Peninsular e, como voluntários, nas guerras civis entre liberais e absolutistas. Nesta área, os relatos são principalmente especializados, apresentando estratégias, organização das tropas e relatos de campanhas ou batalhas. No entanto, é possível encontrar nestes textos pormenores interessantes no que se refere ao carácter e à de maneira de viver das populações, por vezes até mesmo à própria paisagem, e a casos humanos ou amorosos que as situações de guerra acabam sempre por produzir.

Outro grupo de estrangeiros que em todas as épocas acompanharam a vida portuguesa era constituído por diplomatas, quer residentes quer encarregados de missões específicas. Infelizmente pouco ou nada nos deixaram registado da sua experiência, mas houve outras consequências igualmente importantes: das negociações do casamento de Catarina de Bragança resultou a primeira tradução inglesa de *Os Lusíadas*, 1655, feita pelo encarregado dessa missão, *Sir* Richard Fanshawe; o representante do Reino Unido em Lisboa no início do século XIX, *Lord* Strangford, que acompanhou D. João VI ao Brasil, fez a primeira tradução de uma série de poemas líricos de Camões; o General Dumouriez, que veio a Portugal por ordem do Ministro dos Negócios Estrangeiros de Luís XV para estudar a topografia e as condições estratégicas do país, ultrapassou os limites da sua missão e deixou um interessante relato do que eram o país e a vida portuguesa. Em poucas palavras, resumiu as razões que podiam tornar Portugal interessante aos olhos estrangeiros: “As íntimas relações entre Portugal e a Inglaterra, as suas riquezas, a sua situação como potência marítima, as horríveis convulsões da Natureza que na nossa era o abalaram até aos alicerces, as guerras a que foi forçado e, acima de tudo, o génio transcendente do seu Primeiro-Ministro devem suscitar a curiosidade de todos os viajantes e animar aqueles que visitam o seu território a adquirir e comunicar a informação que obtenham acerca de um país tão interessante e, atrevo-me a dizer, tão desconhecido.”

Esse Primeiro-Ministro, o Marquês de Pombal, foi o português mais célebre na Europa desta época. Todos os estrangeiros tiveram que falar desse homem todo-poderoso, de quem gostavam muito ou nada, mas que não podiam deixar de admirar.

Pombal tinha vivido alguns anos em Londres e em Viena e sabia quão longe da Europa estava Portugal, mas também via que uma abertura demasiado grande às novas ideias que começavam a perturbar o pensamento e a política europeia poriam em perigo o poder absoluto, que queria conservar. Por isso tentou desenvolver a economia e a indústria, chegou mesmo a lançar uma reforma da educação no sentido de a tornar mais prática, mas fortaleceu a Inquisição, que na altura era mais uma polícia política que religiosa. Os problemas militares derivados da Guerra dos Sete Anos levaram-no a chamar oficiais

estrangeiros, que viveram em Portugal durante alguns anos e tentaram reorganizar o nosso exército, mas nunca se adaptaram e devem ter-se sentido rigorosamente vigiados.

Os militares que vieram de muitos países eram, na sua maioria, mercenários e, passado algum tempo, partiam para novas aventuras. Deixaram um exército melhor organizado, que em breve os esqueceu, a eles e às suas regras, e a semente de algo mais europeu, a Maçonaria, cuja influência em breve seria sentida em outros círculos, na maior parte intelectuais.

Arthur William Costigan, o estrangeiro que com mais agressividade escreveu sobre Portugal, poderá ter sido um dos participantes no grupo maçónico do Norte, pelo qual José Anastácio da Cunha, matemático e um dos mais notáveis poetas pré-românticos, teve que responder em tribunal. Ele pertenceu a uma geração de intelectuais que procurou manter-se a par da evolução europeia, para o que tentava arranjar livros recentes por canais privados e que se reunia em círculos eruditos e aristocráticos, onde era mais fácil iludir a vigilância política.

Um aristocrata italiano arruinado que tentou a sorte em Lisboa e chegou a ser um dos favoritos do Marquês, Giuseppe Gorani, cedo compreendeu a verdadeira situação e procurou uma desculpa para deixar o país o mais depressa que lhe fosse possível. Ele poderá ter vindo para Lisboa por razões ainda menos aceitáveis do que aquelas que confessou, mas escreveu um dos mais importantes livros do século XVIII sobre Portugal, que é, aliás, muito pouco favorável. Poderá ser exagerado e demasiado contundente, mas é muito importante, porque é o único a dar testemunho de um nível de vida a que os estrangeiros geralmente não tinham acesso: os círculos políticos, militares e da Corte que rodeavam o Ministro. Outros escreveram sobre o seu carácter e acção, mas só Gorani descreveu conversas, refeições e fins-de-semana na sua casa.

Um dos aspectos mais destacados e sem dúvida duradouro da acção de Pombal foi a reconstrução de Lisboa, em que se centravam todas as descrições. Os registos estrangeiros falam tanto das pavorosas ruínas como do nascimento de uma cidade nova. Concordando ou não com o projecto, os mais conscientes destes viajantes compreenderam que estavam a testemunhar o nascer de uma era iluminada num país que em muitos aspectos se conformava ainda com um padrão feudal.

Além dos tipos de viajante já referidos, outros nos visitaram e escreveram sobre nós. Cientistas, arquitectos e meros turistas vieram a Portugal e escreveram sobre o que viram. E não são muito raros os casos em que o viajante se poupou a esforços, seguindo em grande parte os seus antecessores, chegando a contar os mesmos episódios e a referir os mesmos pormenores, por vezes apresentando-os como registados por ele próprio. Nem sempre, todavia, isto reflecte uma atitude de menos seriedade, mas antes preocupação de informar completamente, recorrendo àqueles que podem preencher lacunas na experiência do novo autor. Criou-se mesmo o hábito de ler relatos já existentes sobre o país que iam visitar. Já sabendo o que iam encontrar, acabavam muitas vezes por não ser objectivos, pois estavam já predispostos a achar mau ou bom aquilo que ainda não conheciam. Deve dizer-se que, para o fim do século XVIII e durante o século XIX, houve tentativas de corrigir a versão negativa e muitas vezes preconceituosa que se espalhara na Europa. Um dos casos mais importantes foi o do botânico alemão

Heinrich Wilhelm Link, que ficou desgostoso quando, depois de levar a cabo a tarefa científica que o fez viajar por todo o país, foi ler tudo o que encontrou na Alemanha sobre Portugal. Por isso propôs-se tentar alterar essa imagem de “fanáticos e ladrões”, para fazer justiça às boas qualidades daqueles a quem chamou “os [s]eus amigos portugueses”. Na opinião dele, esse juízo desfavorável era principalmente devido a que, tendo permanecido apenas em Lisboa, os estrangeiros alargavam a todo o país os defeitos que podiam encontrar-se na capital, e também ao desconhecimento da língua, que impedia a comunicação e a compreensão do que se passava.

O facto de os autores se lerem uns aos outros, ficando já orientados no sentido do que deviam ver, tinha forçosamente de levar a estereótipos, ou seja à aceitação de imagens que são no fundo comportamentos caracterizados pela repetição automática de um modelo anterior, que se verifica ser constantemente o mesmo. O resultado é obviamente demasiado redutor, mas a tradição perpetuou algumas características, como a fleuma dos britânicos, a exuberância dos espanhóis e italianos, a melancolia dos portugueses.

O modo de um viajante encarar o país estrangeiro tem bastante a ver também com a nacionalidade. Embora seja norma geral a afirmação de objectividade e imparcialidade, o certo é que estes homens, por mais isentos que se declarassem, estavam condicionados pela cultura em que tinham sido educados; por um lado, ela determinava a extensão e a qualidade da diferença que provocava a curiosidade; por outro, criara preconceitos que por vezes levavam à deturpação, mesmo inconsciente, da realidade observada. Um caso típico, relativamente aos ingleses, é o modo totalmente negativo com que a tradição e os rituais religiosos dos portugueses eram vistos, pois representavam a sobrevivência de tudo aquilo que a Reforma quinhentista, considerada um dos pilares da civilização britânica, quisera abolir. Com raras e honrosas excepções, os viajantes ingleses não conseguiram ser objectivos neste campo, pelo que as suas informações resultam em ataques violentos ou em algo a que podemos chamar caricatura.

Ainda a respeito dos ingleses, é fácil compreender como estes homens, chegados do país da Revolução Industrial, com o conseqüente desenvolvimento dos meios de comunicação, ficaram chocados com o estado artesanal em que vivia ainda o povo português e as suas más estradas que, aliás, nenhum viajante deixou de notar.

Por outro lado, tradicionalmente entusiasmados pela Natureza, são eles os que mais minuciosamente descrevem as paisagens, revelando uma sensibilidade que em outros é difícil de encontrar e chamando mesmo a atenção para aspectos que aos próprios naturais passavam despercebidos. Um caso paradigmático é o de Sintra, que podemos dizer ter sido descoberta pelos viajantes britânicos do século XVIII. Muito gabada por Murphy, Beckford, Southey e também Link, foram os versos de Byron que a tornaram famosa, embora por oposição, quando disse que Sintra era mal empregada nos portugueses. O certo é que se tornou, para todos os viajantes posteriores, uma espécie de ex-libris de Portugal.

A estranheza perante certas situações obriga a conhecer não só a cultura descrita como a de origem, pois só assim ela poderá ser compreendida. Há que tomar uma perspectiva histórica, da época em que diversas comunidades viviam ainda isoladas, em tempos e ritmos diferentes.

A mudança de atitude generalizada a partir da viragem para o século XIX não foi espontânea nem

mera coincidência. Nos finais do século XVIII, o pensamento e as ideias estéticas passaram por uma grande alteração, e os relatos de viagem como género adquiriram características que lhes deram uma posição mais literária. Quaisquer que fossem os motivos das suas deambulações, os viajantes tornaram-se mais atentos à Natureza e ao que chamaram “cor local”. Com o novo movimento filosófico e artístico que então se desenvolveu – o Romantismo – a viagem tornou-se uma experiência mais importante que os acontecimentos reais. Significava, como já disse, a procura do Outro, o desconhecido, o diferente. “Cor local” queria dizer exotismo e implicava um maior interesse pelo passado.

Juntamente com o sonho da Idade Média, este período desencadeou o gosto pelo exótico, e este convergia sobretudo no Oriente, criando a nova tendência estética que se chamou Orientalismo. Grandemente responsável por isso foi a tradução francesa de *As Mil e Uma Noites*, feita no início do século XVIII por Antoine Galland e largamente conhecida na Europa. Nessa época, as pessoas desejavam conhecer os países onde podiam desenrolar-se acontecimentos como os que eram aí narrados, mas tratava-se de uma expedição difícil, cara e perigosa. E na Península Ibérica, sobretudo em Espanha, encontraram algo do que procuravam: países onde os árabes tinham vivido durante séculos até um passado recente e onde os seus monumentos e a influência da sua civilização se podia ainda ver e sentir. E tudo a curta distância...

Em Portugal nunca se esqueciam de anotar a cor escura do povo e principalmente a condição das mulheres, a sua vida fechada e o rigor com que eram vigiadas pelos pais e maridos como sendo consequências da ocupação árabe.

Mas o passado não era apenas a Idade Média e o florescimento da civilização árabe. Algures na Europa viviam pessoas que, tendo em conta os padrões dos países desenvolvidos, não podiam ser ditas civilizadas, estavam ainda próximas do “homem natural” de Rousseau, um dos ideais filosóficos da época. Encontravam-se na Península Ibérica, separada fisicamente do resto da Europa e que, após alguns períodos de riqueza e poder, tinham sido abandonadas a uma vida obscura e isolada. E no fim do século XVIII, quando a Revolução Francesa tornara a Europa pouco convidativa para uma viagem por terra, a via aberta do mar oferecia novas perspectivas. Desembarcando quer em Espanha quer em Portugal, os viajantes atravessavam geralmente os dois países. As comparações entre eles não eram coincidentes, mas Link foi um daqueles que preferiram os portugueses em muitos aspectos. A sua boa-vontade termina numa exclamação particularmente simpática: “Oh, pudesse a minha fraca voz saber louvar devidamente este digno povo, que tantos viajantes ignorantes, e especialmente os ingleses, estigmatizaram e censuraram!”. O seu maior louvor será talvez o dizer que, entre a gente do campo, se poderia pensar que se estava na Alemanha. Mas até como cientista alguma coisa o impressionou particularmente: “o orgulhoso pinheiro, a bela árvore do Sul da Europa”.

Seguindo o gosto pela arte antiga e pelo pitoresco, gosto característico da época, como já disse, alguns viajantes vieram em busca do que era desconhecido mas podia merecer ser visto. Foi o caso de dois arquitectos, o inglês Richard Twiss e o irlandês James Murphy, o primeiro a dar atenção especial aos monumentos portugueses para além do aqueduto de Lisboa, construído no tempo de D. João V e que foi

uma fonte de maravilhas para todos os viajantes até ao fim do século XIX. Para com Murphy têm os portugueses uma dívida especial pelo seu estudo monumental e pelos desenhos do Mosteiro da Batalha, que são até hoje uma obra única sobre este ou qualquer outro edifício português.

Foi também Murphy o autor de uma série de desenhos dos trajes portugueses que, juntamente com os do anónimo A.P.D.G. e os que ilustram a obra de Marianne Baillie sobre Lisboa em 1820 a 1822, continuam a ser reproduzidos nas obras sobre o assunto nossas contemporâneas, por constituírem praticamente as únicas fontes existentes em tal matéria.

Outro visitante com interesses artísticos foi William Beckford, talvez o viajante mais famoso que escreveu sobre o nosso país. A sua experiência foi especial porque, sendo nobre, viveu entre os seus pares e descreveu uma espécie de vida diferente da daqueles que se relacionavam apenas com residentes estrangeiros ou com pessoas que encontravam nas estalagens ao longo das estradas. Os seus livros são ainda fontes únicas para o conhecimento da vida e das personagens dos mais elevados estratos sociais do final do século XVIII. O seu nome está ainda associado a alguns edifícios, que testemunham gostos e concepções diferentes.

Um outro aspecto da vida cultural portuguesa que encontra a sua descrição mais importante num relato estrangeiro sobre Portugal é o teatro, sobretudo a ópera. Foi o seu autor Carl Israel Ruders, capelão da embaixada sueca em Lisboa, no virar do século XVIII, que nos deixou pormenorizadas descrições do texto, da execução e do ambiente de S. Carlos e de outros teatros de Lisboa.

Resta agora fazer um apanhado do que todos estes viajantes disseram sobre Portugal. Foram unânimes no louvor do clima ameno, do sol brilhante, do céu azul.

Quase todos concordaram na afabilidade para com os desconhecidos, a chamada hospitalidade portuguesa, que se tornou um estereótipo ainda hoje presente nos relatos que continuam a ser publicados, o que não quer dizer que não corresponda a uma realidade. Gorani louvou muito os aldeões do Alentejo, que lhe deram de comer e o ajudaram o mais que puderam, e, como Link, alargou esse louvor a toda a população da província. Para ele, conservavam ainda as virtudes de um povo rural, antes que o comércio tivesse desenvolvido nele o vício da avarizia.

Muitos falaram da beleza das mulheres, particularmente dos seus cabelos e olhos escuros, algo que podemos considerar principalmente o valor dos contrários, já que os homens do Sul exprimem muitas vezes o mesmo entusiasmo pelo tipo nórdico, talvez apenas porque é diferente daquele a que estão habituados. Mas até o italiano Gorani teve palavras de louvor para com elas: “As mulheres portuguesas, que geralmente não perdem os seus encantos com a idade, são sempre belas na juventude. Não há país onde as mulheres tenham aspecto mais atraente.”

O General Dumouriez, embora preocupado com problemas militares, teve ainda ocasião de comentar: “As mulheres portuguesas têm a mais bela tez de muitas da Europa, os mais belos dentes e o cabelo mais belo. O seu vestuário, embora com algumas semelhanças com o das turcas, não as prejudica [...] São galantes e espirituosas e bem informadas, mas vivem numa rigorosa solidão”.

A paisagem foi considerada bela, e a de Sintra acima de todas, embora, segundo Link, os portugueses

a não apreciassem devidamente.

Alguns monumentos foram admirados mas não as cidades, que não eram suficientemente importantes nem organizadas. Isto é também verdade a respeito de Lisboa, embora houvesse unanimidade, mesmo entre os mais aguerridos detractores, a respeito da sua maravilhosa situação geográfica e da sua beleza, pelo menos quando vista de longe.

Imundície, mau cheiro, má iluminação, demasiados pedintes, cães e crimes eram os principais defeitos que assacavam à cidade. Eram reais, mas não tão característicos como muitos acharam, pois é fácil encontrar queixas semelhantes a respeito de praticamente todas as capitais europeias nesta altura.

Para a maioria dos viajantes, os portugueses eram um povo bem-humorado e alegre. Todavia, muitos sublinharam o traço melancólico que se revelava principalmente no seu cantar, algo que se tornou também um estereótipo. E entre as palavras que registaram nunca esqueceram a tão portuguesa *saudade*.

Nos aspectos práticos, as coisas foram diferentes. E em alguns a censura foi tão unânime como o louvor do clima. Ela incluía as más estradas e carros e estalagens primitivas e desconfortáveis, embora mencionassem algumas notáveis pela limpeza e comida saudável.

Muito raramente foram expressas opiniões políticas. Porque alguns não ficavam entre nós o tempo suficiente para terem certezas ou por qualquer outra razão, geralmente contentavam-se com a acusação do poder supremo dos reis e dos ministros. Os que não vinham da Inglaterra foram muito severos na crítica daquilo que chamaram a submissão aos interesses britânicos. Consideravam que esse facto era a verdadeira razão do sub-desenvolvimento do país, que permitia à Inglaterra ter mão livre na orientação do comércio e da indústria.

A religião foi a área onde a crítica não teve restrições. Para os protestantes, particularmente os britânicos, a fé proclamada pela Igreja Católica era superstição e fanatismo, e os conventos, na tradição do que o romance gótico fizera deles, eram covis de todas as espécies de vícios e crime. Contudo, ficaram fascinados com a vida ascética de alguns monges e louvaram alguns padres afáveis e sábios.

Mas até os viajantes católicos ficavam chocados com os excessos da religião portuguesa, que não consideravam uma experiência vivida, mas sim uma representação. A piedade das mulheres era apenas uma forma de sair de casa e encontrar-se com os seus amantes, com quem trocavam olhares, cartas e mesmo palavras na igreja, o único lugar onde tinham liberdade de ir, embora em companhia de uma criada que, evidentemente, estava metida na intriga.

Isto não deve ser considerado como ataques vãos ou preconceituosos. Pelo que escreveram e por aquilo que podemos encontrar nas obras de autores portugueses da época, a vida indolente, viciosa e de intriga de muitos membros do clero deve ter sido notória, mesmo para aqueles que passavam pouco tempo em Portugal. Devia-se principalmente à organização social e às tradições, que se pode dizer forçaram muitos jovens a entrar em instituições religiosas para as quais não tinham o mínimo pendor.

A Inquisição, que continuava a ser vista como sendo dominada pela Igreja, mesmo depois de ser já uma instituição política, era uma culpa de que a Espanha e Portugal nunca viriam a ser perdoados. Comparadas com algo institucional, parecia fácil esquecer as perseguições, as prisões, a tortura e a morte

que tinham acontecido na Europa, por razões as mais diversas.

Os viajantes tinham geralmente fraca opinião da educação portuguesa, principalmente das mulheres. Alguns tiveram palavras de louvor para a Universidade de Coimbra, para algumas bibliotecas, sobretudo particulares, e para alguns estudiosos de convívio requintado. Mas é verdade que, não obstante a reforma de Pombal, a educação estava muito atrasada em relação aos padrões europeus. Tradicionalmente era confiada aos Jesuítas, mas no reinado de D. João V estabeleceu-se em Portugal uma nova comunidade que se dedicava ao ensino, a dos Oratorianos, mais actualizados e pragmáticos. Mesmo assim, os Jesuítas deixaram uma marca profunda na educação portuguesa até à sua expulsão por Pombal, em 1759. A tentativa do Marquês para os substituir por uma escola laica para jovens aristocratas, o Colégio dos Nobres, não teve êxito, talvez porque a educação em Portugal estava ainda muito submetida à orientação da Igreja.

Os autores de relatos de viagem não pretendiam geralmente corrigir ou melhorar a vida e usos do seu próprio país, mas simplesmente divertir e transmitir o frémido do desconhecido. Sentiam-se apenas espectadores. Reparavam na diferença, mas viam-na mais como algo exótico do que como qualquer coisa com a qual pudessem aprender. Ao longo do século XVIII – e contrariamente ao que se pode dizer dos que nos visitaram no século XIX – vinham na sua maioria de passagem, não conheciam a língua e viviam isolados, limitando o seu convívio à comunidade dos seus compatriotas e nas estalagens que estes dirigiam. Por exemplo, os britânicos, que constituíam o grupo mais numeroso em Lisboa, tinham o seu hospital, a sua igreja, o seu cemitério, as suas escolas e até mesmo as suas assembleias, que hoje chamaríamos qualquer coisa como clubes recreativos privados.

Por isso não havia verdadeira convivência com a população, que os via como personagens exóticas, perante as quais podia ficar admirada, mas com as quais não tinha nada a aprender. A influência dos estrangeiros nos hábitos e na vida portuguesa só se sentiria mais de cem anos depois, e isso teve a ver com a vaga de novas modas trazidas pelos portugueses que tinham andado pelo estrangeiro. Isto foi sentido, por exemplo, naquilo que comiam e bebiam e no modo como decoravam as suas casas.

Mas os viajantes estrangeiros que, no século XVIII, decidiram escrever sobre a sua experiência no nosso país tornaram Portugal conhecido na Europa, pelo menos para demonstrar como era diferente. Não tentaram encontrar qualquer coisa tão boa que devesse ser imitada. Os seus maiores louvores iam no sentido dos aspectos que eram tão bons como nos seus próprios países, como já referi a propósito de Link.

Até agora falei da paisagem e dos costumes, coisas a respeito das quais uma pessoa que viesse por pouco tempo não podia deixar de conhecer e sobre as quais podia formar uma opinião. Mas havia uma herança cultural que lhes escapava, especialmente a literatura. Sem saberem praticamente nada da língua, que uns disseram ser áspera e outros musical, não podiam lê-la.

Uma excepção importante foi o alemão Johann Andreas von Junk, que esteve em Portugal no ano do terramoto e se interessou pela língua. Em 1778 tornou-se o primeiro autor estrangeiro de uma gramática portuguesa, na qual incluiu a tradução de alguns textos literários.

Mal informados ou desinteressados, esses viajantes diziam pouco mais do que não havia qualquer

bom autor para além de Camões, o único que podiam ler em tradução e em muitos casos os acompanhou nas suas viagens.

Algumas obras literárias portuguesas tinham sido ocasionalmente traduzidas, mas foram completamente esquecidas. Com Camões o caso foi diferente. Ao terminar o século XVIII, *Os Lusíadas* tinham sido traduzidos total ou parcialmente em Espanha, França, Inglaterra, Itália, Alemanha, Holanda e Rússia. Isto despertou um novo interesse pelo país que produzira tal obra e tal poeta. Em breve visto como uma espécie de herói romântico, Camões tomou-se assunto de muitos estudos no estrangeiro. Em Inglaterra apareceu, em 1822, a primeira obra de fôlego sobre ele, *Memoirs of The Life and Writings of Louis de Camoens*, de John Adamson, um inglês que vivera alguns anos em Portugal, que deixou em 1807, nas vésperas das Invasões Francesas.

E assim viajar implicava aprender. Tomando-se mais conscientes da sua importância no intercâmbio de culturas, os viajantes tentaram empenhar-se cada vez mais no conhecimento da vida, dos hábitos e tradições dos países que visitavam, e colaboraram na integração de Portugal na Europa.

OS MONUMENTOS E O FUTURO DA MEMÓRIA DO PASSADO

Luís Aires-Barros¹

Os monumentos são entidades com características próprias. Modificam-se com a idade, mostram as marcas do tempo e podem mesmo morrer, ou seja, deixar de ter valor dada a sua degradação avançada. É esta degradação que temos de evitar a todo o transe. Ganha enorme acuidade a taxa de decaimento dos monumentos, desde as pedras lavradas, aos vitrais, couros e papéis, que vem aumentando assustadoramente nos últimos decénios.

Urge, pois, preservar e conservar as mensagens e os valores intrínsecos dos monumentos. E são vários os valores que eles nos transmitem. Há valores emocionais, ligados a factos simbólicos e a outros de feição espiritual, valores culturais, documentais, históricos, estéticos, arquitectónicos, científicos e mesmo valores sócio-económicos, englobando aspectos funcionais, económicos, sociais e políticos.

Com efeito, qualquer peça do património cultural é um documento polifacetado que possibilita uma leitura polivalente que, inclusivamente, permite averiguar da idiosincrasia dos povos que a fabricaram, a usaram, a veneraram ou a amaldiçoaram.

A consciência acrescida destes factos tem levado os governos e organismos internacionais a lançar acções de estudo concertadas. Assim, verifica-se que os países da União Europeia gastam anualmente, nas tarefas de conservação e restauro do seu património cultural cerca de 1 300 milhões de euros por ano!

Mas para além da necessidade de possuir fundos materiais para as operações de conservação e restauro, para além de todos os conhecimentos, por um lado técnico-científicos ligados aos materiais envolvidos e à evolução da sua manufactura e uso ao longo da História, por outro, estéticos relacionados com a concepção desse mesmo objecto, há que considerar a ética da conservação e restauro.

Com efeito é totalmente diferente tratar de evitar o decaimento da pedra num pilar de uma ponte ou da fachada de um prédio comum ou tratar o mesmo tipo de pedra de um pórtico romano ou de um palácio renascentista. O mesmo material – a pedra, inclusivamente do mesmo tipo e proveniência – carrega

¹ Professor catedrático jubilado do I.S.T.; Presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa; Sócio de Mérito da Academia Portuguesa da História; Sócio Honorário da Academia Nacional das Belas Artes.

no segundo caso valores artísticos, históricos, técnicos e emocionais que lhe conferem lugar especial na memória dos povos. Eis porque o técnico de conservação e restauro, nas suas tarefas de limpeza, consolidação e protecção tem obrigatoriamente de pensar e levar em consideração a preservação da mensagem que o autor do monumento quis transmitir.

Talvez se possa sintetizar a ética da conservação e restauração, afirmando que não se deve:

- i) usar materiais que não mereçam confiança ou se degradem rapidamente;
- ii) usar materiais e métodos directamente sobre as obras de arte sem ensaios prévios, se possível em porções destacáveis do monumento;
- iii) evitar revelar os métodos e materiais usados à comunidade técnico-científica interessada;
- iv) tomar decisões inadequadas, desrespeitando o original;
- v) usar um método universal para todos os casos, não cuidando das especificidades de cada situação.

Ao longo da História, a nossa herança cultural tem sido vítima de dois tipos principais de acções exógenas. A primeira, ligada à intempérie, condicionada pelos agentes atmosféricos actuantes no local de existência da obra de arte.

É bem conhecido que a resposta que determinado monumento dá ao intemperismo actuante no seu lugar de residência depende, antes de tudo, do que definimos como factores intrínsecos que se reportam, fundamentalmente ao tipo de material e à estrutura de que é feito o objecto em questão. Designamos por factores extrínsecos os que caracterizam o ambiente em que vive a obra de arte. Será o microclima da área de uma igreja ou será o nanoclima do local onde está exposta uma pintura, etc.

Os agentes do meteorismo têm mantido relativa constância nos poucos milénios que nos interessam considerar como os representativos da história do património cultural.

Todavia, na definição da ambiência envolvente dos monumentos, nas últimas décadas, mais concretamente após o desenvolvimento do industrialismo, nova e importante componente se veio adicionar.

Trata-se da poluição induzida pela avassaladora actividade industrial e civilizacional dos nossos dias. E a Natureza-mãe que até então tinha capacidade homeostática, regenerando-se em tempo curto em relação às actividades humanas, deixou de o poder fazer tal é o ritmo alucinante a que se têm vindo a realizar as agressões ao equilíbrio biofísico da Terra. Pela primeira vez, na História da Humanidade, o Homem ser temente da Natureza cujos mistérios mal conhecia e foi desvendado ao longo de séculos, passou a não temer a Natureza, mas a temer deteriorá-la irreversivelmente.

O Homem, de ser dominado pelas forças da Natureza e temendo as suas leis, passou a ser dominador da Natureza e não cumpridor das suas leis. Os resultados estão à vista de todos nós.

Como muito bem caracterizou Konrad Lorentz, prémio Nobel com os seus estudos de etiologia, parece que o gigantismo da nossa civilização tecnocrónica nos conduz ao suicídio colectivo seguindo o instinto obscuro que tem levado ao suicídio colectivo dos grandes mamíferos, como é o caso actual das baleias!

A análise da introdução dos poluentes, nos solos, nas águas e na atmosfera é de enorme interesse e

justifica as nossas preocupações.

Com efeito, está-se tornando assustador o aumento dos poluentes atmosféricos, consequência do desenvolvimento tecnológico da nossa civilização. Em linhas muito gerais, cerca de 80% do monóxido de carbono emitido para a atmosfera provém dos transportes rodoviários que são, ainda, responsáveis por cerca de 40% dos óxidos de azoto. Igualam este teor os óxidos de azoto lançados na atmosfera pelas centrais termoeléctricas responsáveis, ainda, por cerca de 70% das emissões de dióxido de enxofre nos ares.

A presença do cloro está relacionada com a proximidade do mar, pelo que a sua acção pode ser relevante nas zonas ribeirinhas.

Devem ainda mencionar-se os compostos orgânicos voláteis (os VOC's) principalmente emitidos pela indústria e pelos veículos (hidrocarbonetos). Está na ordem do dia a análise das consequências dos CFC's, os hidrocarbonetos clorofluorados que tão ligeiramente lançamos na atmosfera ao usar os nossos nebulizadores. As consequências na concentração de ozono da atmosfera são de temer. Por fim não se pode esquecer o dióxido de carbono que, embora sendo um constituinte comum na atmosfera e necessário à vida no nosso planeta, tem visto o seu teor a aumentar de modo a tornar-se um gás indesejável e um poluente perigoso.

Toda esta carga gasosa poluente tem ainda acção nefasta relevante quando, reagindo em meio húmido, acidifica as águas das chuvas que lixiviam os monumentos expostos à intempérie.

Referiu-se que os principais agressores da nossa herança cultural se repartem por dois tipos. Discorreu-se um pouco sobre o intemperismo coadjuvado pelos agentes agressores da poluição.

O outro grande agressor é o Homem e é comum designar a sua acção nefasta em relação às obras de arte por *vandalismo*.

É extraordinário que, no rolar das invasões bárbaras do quinto e sexto séculos da nossa era, um povo com cerca de 100 000 habitantes não nos legou outra herança cultural senão a palavra *vandalismo*, tal a fúria e acção demolidora com que os Vândalos saquearam, mais uma vez, Roma, que continuou ainda a ser saqueada ao longo da História.

Parece que a palavra *vandalismo* foi usada pela primeira vez em 1663 para designar a *destruição ignorante de toda a beleza*. Esta definição, velha de três séculos, guarda a profundidade do seu significado. Na realidade só uma enorme ignorância pode explicar o vandalismo.

Procurando compreender um pouco as motivações e as causas do vandalismo, encontram-se quatro raízes para estas acções nefastas: a guerra, o fanatismo, o desenvolvimentismo económico-modernista e a falta de senso individual.

O primeiro e mais espectacular tipo de vandalismo é o que resulta das actividades guerreiras. O que os vândalos fizeram de aterrador na sua tomada de Roma foi uma destruição selvática cujos ecos ressoam ao longo da História chegando a nós com os casos lamentáveis das guerras do Afeganistão e do Iraque. Ligado ao vandalismo guerreiro está todo um conjunto de sequelas derivadas como incêndios, uso de objectos para fins guerreiros (v.g. fusão de sinos para construção de canhões) e sem dúvida o cego direito

ao saque.

O fanatismo, muitas vezes a causa das guerras, tem sido um voraz destruidor da herança cultural dos povos. A iconoclastia é um bom exemplo do furor fanático que chegou aos nossos dias e, infelizmente irá prosseguir, pois ainda está para vir a realização da revolução moral que instale a compreensão entre as gentes. Recorde-se as destruições decretadas pelos fanáticos talibans.

O desenvolvimento económico-modernista é muito perigoso. Tão destruidor como os dois tipos de vandalismo vistos anteriormente. Apareceu sob o manto diáfano da legalidade e da instalação do bem-estar e da modernidade. São inúmeros os exemplos, nacionais e internacionais. Quem não tem presente a demolição de relevantes partes de Bucareste, capital da Roménia? Destruíram-se igrejas e mosteiros únicos, dos séculos XVI e XVII para construir uma nova e geométrica Bucareste e ao gosto do *conductador* que mal a chegou a vêr de pé.

É conhecida a afirmação, bastante polémica, do actual príncipe de Gales que em 1987, falando perante uma reunião de arquitectos ingleses, considerou que, quanto à arquitectura de Londres, o Blitz alemão causou menos “destruições” do que os arquitectos modernos!

A quarta causa principal do vandalismo está ligada à falta de bom senso individual e colectivo.

Merece um pouco de atenção este tipo de vandalismo, já que ele é exercido por cada um de nós, subtilmente, por vezes em grupo, numa afirmação de egoísmo condenável.

Circulemos pela nossa bela Lisboa e reparemos na miríade de actos de vandalismo pintados e impressos nos nossos monumentos, muitas vezes sob a forma cândida e amorosa de um coração de Julieta trespassado por uma seta que Cúpido emprestou a Romeu.

Imagine-se a depredação a que se sujeita o Fórum romano onde Cícero perorou e Júlio César foi assassinado, quando milhares de turistas, furtivamente, ao longo dos anos vão retirando pequenas lascas das pedras históricas ainda existentes! E o disparate dos “graffiti” impressos na Piazza della Signoria de Florença, onde Savonarola foi queimado e o apoio, pouco clarividente, que boas senhoras, normalmente de idade avançada, dão aos pombos. Estas aves são terríveis depredadores dos nossos monumentos.

Hoje em dia apareceu um novo vândalo potencial – o turista. O essencial é não permitir que ele passe à prática, armado de vários utensílios de que sobressaem as mãos e as unhas cobertas de dura “cutina”, as máquinas fotográficas, etc.

Quantos gregos visitaram as pirâmides do Egipto em vários séculos de domínio do mundo de então? Algumas dúzias por ano, ou por década! Hoje em dia a Espanha recebe cerca de 50 milhões de turistas por ano, a Itália e a Grécia são autenticamente invadidas por vagas de turistas. Admite-se que a “vaga total” anual de turistas seja de 350 milhões de pessoas. Admitamos que apenas 1% desta gente são vândalos: isso significa que temos três milhões e meio de vândalos à solta? Como estamos longe dos 100 000 vândalos “verdadeiros” que conhecemos da história da invasão dos bárbaros. Que nova invasão está em curso?

Sabe-se que estes turistas, desde o fundo da História, foram deixando as suas marcas.

É curioso que no Egipto, no Vale dos Reis em uma parede do túmulo de Ramsés VI, um turista romano

gravou qualquer coisa em latim que se pode traduzir como “Kilroy esteve aqui”. Gravou ainda o mês da excursão como sendo “Ianvarivs”, mas infelizmente não gravou o ano! Esta inscrição data de antes de Cristo.

Heródoto, o pai da História, fez longo turismo pelos monumentos do Egipto no século V antes de Cristo. E um século antes da visita de Heródoto, um outro turista grego gravou um *graffiti* numa estátua de Ramsés II que se tornou um marco importante para a história do alfabeto.

Hoje em dia, dois mil anos depois dos turistas romanos deixarem as suas marcas nos monumentos egípcios, os actuais turistas aparecem em avalanches, quase em hordas, não só para ver e fotografar, como para “possuir” os monumentos.

Esta “posse” dos monumentos tem um preço alto. Alguns exemplos são ilustrativos. Nas salas com frescos, a presença de visitantes provoca altas concentrações de poeiras, de dióxido de carbono e vapor de água. Para garantir o bem-estar dos visitantes (e não das obras de arte), as salas são aquecidas e o aquecimento desligado de noite e nos feriados. Estas variações forçadas da temperatura e da humidade relativa do ar provocam fadiga mecânica, transporte de sais solúveis e formação de eflorescências. O aquecimento forçado induz um gradiente térmico que provoca no ar, próximo das paredes, um gradiente de densidade e o ar em contacto com as paredes mais frias desce. Esta corrente de ar descendente varre as paredes e provoca uma deposição termofóretica de pequenas partículas sobre as paredes. Acresce que os visitantes funcionam como fontes difusoras de humidade, havendo difusão mútua entre o vapor de água e o ar seco. Há um arrastamento nítido das partículas suspensas no sentido oposto ao da direcção da difusão do vapor de água, ou seja, para o centro da sala, devido à maior massa molecular do ar seco.

Quando o sistema de aquecimento é desligado ou se abrem as portas e janelas para limpeza, geram-se fluxos em sentido inverso. Daqui resulta que é recomendável que a temperatura do interior de uma sala com frescos seja mantida constante e se possível em equilíbrio com as paredes.

O problema da iluminação e dos golpes de luz por “flashes” dos fotógrafos é outra questão séria.

As lâmpadas fornecem calor à atmosfera gerando células convectivas favorecendo a deposição por inércia de partículas sobre os frescos, murais, etc. Quando as luzes se acendem, a energia emitida em largo espectro do UV ao IV, bate abruptamente nas superfícies pintadas que são, então, rapidamente aquecidas provocando um gradiente térmico no interior da parede. Este sobre-aquecimento à superfície é responsável pela fadiga mecânica e secagem forçada da camada mais exterior com fluxo para o interior da humidade. Ao se apagarem as luzes, passa-se a situação inversa: a camada mais externa em contacto com o ar mais frio arrefece e retrai-se sobre uma parede ainda quente, reabsorvendo humidade. Assim se geram fissuras e exfoliações.

É evidente o perigo da sobrelotação das salas dos museus e palácios, com miríades de emissores de vapor de água, CO₂ e difusores térmicos armados de máquinas fotográficas com “flashes” disparando ininterruptamente.

Após as considerações expendidas é evidente que a conservação e o restauro do património cultural exigem sábio manejo dos recursos técnico-científicos e um agudo bom senso.

Parafrazeando Bernard Feilden, director do Centro para a Conservação de Roma, há que ter, sempre, presente dois princípios fundamentais: “prevention is better than cure” e “stitch in time saves nine”, o que quer dizer que “a preservação é melhor do que a cura” e ainda que “um passo dado a tempo, evita muitos outros a dar mais tarde”.

A conservação é, acima de tudo, um processo que procura o prolongamento da vida do património cultural para que seja possível a sua fruição hoje e no futuro. Trata-se de uma actividade multidisciplinar envolvendo facetas e metodologias que recorrem à Estética, à História, à Ciência e à Tecnologia.

Acresce que o património cultural pertence e caracteriza o povo que o produziu no imediato do território que ocupa, no uso e aproveitamento dos materiais que aí se encontram e explora e no seu manuseamento para reverenciar os deuses que adora ou os poderosos que teme e os heróis que glorifica. O património cultural é, na sua contingência, memória do povo a que pertence. É, pois, fundamental o estudo e a preservação dos monumentos para que a memória do passado não se perca e tenha futuro.

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
11, Oeiras, Câmara Municipal, 2003, p. 25-84

A UTILIZAÇÃO ÓSSEA DE USO COMUM DO POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA (OEIRAS)

João Luís Cardoso¹

1 - INTRODUÇÃO

As vinte campanhas de escavações arqueológicas dirigidas pelo signatário no povoado pré-histórico de Leceia, entre 1983 e 2002, propiciaram a recolha de um copioso número de artefactos polidos de osso, sem dúvida o maior conjunto até agora estudado em Portugal com indicações estratigráficas, possibilitando, deste modo, a realização de diversos estudos comparativos, mais desenvolvidos daquele que ora se apresenta. O principal objectivo deste é o de dar a conhecer as principais características da utensilagem óssea de uso comum, com exclusão das peças de adorno, de indumentária ou de carácter ideotécnico, recolhidas neste notável povoado pré-histórico e conservadas em excelentes condições, mercê das características geoquímicas particularmente favoráveis do terreno, constituído por calcários duros recifais do Cenomaniano Superior. Trata-se, pois de contributo que poderá ser futuramente desenvolvido com mais pormenor, conducente à apresentação de estudos específicos, como o já publicado a propósito da utensilagem em haste de veado (cabos e caixas) ali recolhida (SALVADO & CARDOSO, 2001/2002), ou ainda de outros, versando a componente tecnológica do seu fabrico, entretanto produzidos (AVERBOUH & PROVENZANO, 1998/1999).

2 - ASPECTOS TERMINOLÓGICOS

Antes de passar à análise das características da utensilagem de osso recolhida em Leceia, importa definir alguns critérios de carácter tipológico que se seguiram. A generalidade dos autores consultados seguiram critérios de ordem funcionalista; com efeito, a morfologia das peças de osso é expressiva da respectiva função, restando porém nalguns casos a dúvida acerca do seu equivalente exacto actual.

¹ Agregado em Pré-História. Professor da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). Académico de Número da Academia Portuguesa da História.

Tais dificuldades, foram também sentidas na opção, no decurso do presente trabalho, por uma ou outra designação; deste modo, convém ser explicitados os caracteres gerais de cada um dos grupos tipológicos considerados.

Agulhas ou sovelas: trata-se de artefactos estreitos e alongados, mais ou menos robustos, que justificam, para os de maiores dimensões, a designação de “sovelas”. Na maioria dos casos, são peças executadas sobre esquirolas de ossos longos, que sofreram polimento em quase toda a superfície; noutros, especialmente nos exemplares de maiores dimensões, ainda se podem observar restos da superfície externa ou interna das peças ósseas originais. Muito raramente, há exemplares que ostentam furos na base, indício inequívoco que seriam utilizados como verdadeiras agulhas de coser; mas a ausência de tais perfurações, não inviabiliza, por si só, o desempenho daquela função; esta reporta-se, sobretudo, à capacidade de penetração, relacionada com a fina largura face ao comprimento de tais exemplares. É, igualmente, muito rara, a ocorrência de varetas, totalmente polidas, de secção circular, as quais poderiam corresponder a hastes de alfinetes de cabeça postiça canelada, ou maciça; destes últimos, recolheram-se diversos exemplares em Leceia, em contextos calcolíticos.

De destacar a existência de dois exemplares sobre muralhas de esmalte dentário de defesas de javali: aproveitaram-se, nos dois casos reconhecidos, ambos da Camada 2, do Calcolítico Pleno, porções de defesas inferiores, com transformação limitada, devido à morfologia original do suporte, em sovelas curvilíneas, facilitando o manuseamento e a penetração (Fig. 26, n.º 15 e 16). Estas duas peças, raras em contextos calcolíticos, embora presentes, como em Vila Nova de São Pedro (PAÇO, 1960) têm paralelo em exemplares de uma estação do Neolítico danubiano perto de Liège (DANTHINE & OTTE, 1985, Fig. 1, n.º 6). Trata-se de exemplares que requeriam pequena transformação, beneficiando para tanto da forma naturalmente encurvada do dente e da sua manifesta dureza.

A principal característica das agulhas e sovelas é, pois, a capacidade de penetração, associada à pequena largura, permitindo o atravessamento de toda a peça pela matéria que se pretendia perfurar. Algumas, apontadas em ambas as extremidades, poderiam ser consideradas como anzóis; por não possuírem, contudo, nenhum indício de fixação pela parte média, não se crê, que tal designação se encontre suficientemente suportada (Fig. 5, n.º 28). Em Vila Nova de São Pedro, peças análogas, foram, porém, assim classificadas (PAÇO, 1960, Fig. 4, n.º 23).

Furadores: trata-se, como o nome indica, de artefactos destinados a perfurar; facilmente poderemos admitir o seu uso preferencial na confecção de vestuário a partir de peles de animais, aliás em consonância com a utilização dominante que seria dada às peças do grupo anterior. Contudo, ao contrário destas, não se exigia que o corpo do objecto atravessasse totalmente a matéria a perfurar, à semelhança dos actuais furadores. A extremidade, possui frequentemente marcas de uso, por desgaste, conferindo-lhe

aspecto polido e boleado, indício de utilização por rotação, sobre superfícies moles, como peles e couro. A diversidade de necessidades a que estas peças responderiam, explica a assinalável variedade morfológica deste grupo, o qual foi subdividido nas seguintes categorias:

- **furadores obtidos pelo seccionamento oblíquo da diáfise de ossos longos:** os mais comuns são os que recorreram a tíbias ou a metápodos de ovino/caprinos (mais raramente a ossos longos de cervídeo), que podem conservar uma das extremidades articulares, geralmente a distal; mas existem casos em que nenhuma das extremidades se conservou, tornando difícil ou impossível a identificação anatómica do suporte original;

- **furadores obtidos sobre esquirolas de diáfises de ossos longos, partidos longitudinalmente:** nestes casos, em geral, a identificação anatómica do suporte não é possível; é certo, contudo, que se recorreu a ossos de ovinos/caprinos e de bovídeos e, eventualmente, de cervídeos;

- **furadores ou punhais sobre cúbito de grandes bovídeos:** pela sua forma ergonómica, estas peças ósseas seriam, com pequeno investimento de tempo, através de polimento na extremidade distal, transformadas em furadores; a sua elevada robustez seria propícia a trabalhos “pesados”, sem inviabilizar a hipótese de poderem ser utilizados como punhais, especialmente úteis na caça, designação que recolhe diversos apoios na bibliografia disponível; talvez isso explique a existência de diversos elementos com perfuração do olecrânio, destinados, talvez, a serem fixados a um cinto; com efeito, o seu uso exclusivamente doméstico, dispensava tal particularidade, aliás exclusiva desta categoria de peças. Em Vila Nova de São Pedro também se encontraram exemplares com furações análogas (PAÇO, 1960). É curioso referir que já Carlos Ribeiro havia recolhido em Leceia um exemplar com tal particularidade (RIBEIRO, 1878, Est. 20, nº. 117);

- **furadores sobre cúbito de ovinos/caprinos:** trata-se de exemplares semelhantes aos anteriores, mas de menores dimensões, que justificam a sua exclusão do grupo dos “punhais”;

- **furadores sobre ossos longos de aves:** trata-se de uma categoria particular: graças à extrema finura da tábia óssea, porém de assinalável dureza e resistência, conseguiram-se extremidades muito delgadas, perfurantes e cortantes; talvez por isso, o termo “lancetas” seja mais consentâneo com a verdadeira utilização destas peças, por exemplo em cirurgia, prática que já era seguramente realizada na época; afins das peças anteriores, são os pequenos exemplares realizados sobre ossos longos de leporídeo, recorrendo, também, à sua sabida dureza e resistência.

Cabos: sob esta designação inscrevem-se peças executadas em diáfises de ossos longos, especialmente de ovinos/caprinos (e, nestes, sobretudo, sobre tíbias, sempre que é possível a identificação anatómica da peça original), excepcionalmente sobre hastes de cervídeo. Nuns casos, o osso foi serrado e polido em ambas as extremidades; noutros, apenas uma foi seccionada, conservando a oposta a epífise articular do osso. O comprimento é, também, variável, a ponto de os exemplares menores poderem ser confundidos

com elementos tubulares de colar. A função destas peças não se encontra isenta de dúvidas; com efeito, apesar de no povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro, Azambuja, se terem encontrado duas destas peças conservando ainda os correspondentes punções de cobre (PAÇO, 1960, Fig. 2, n.º 5, 6), a descoberta em Leceia de exemplares em tudo análogos na Camada 4, do Neolítico Final, e na Camada 3, do Calcolítico Inicial, onde o cobre não existe, ou é excepcional, indica outras utilizações, a não ser que fossem utilizados para o encabamento de furadores de osso ou, ainda menos provavelmente, de sílex.

Ao conjunto de cabos ósseos ora estudados, soma-se a colecção de cabos de haste de cervídeo recolhidos em Leceia, e que já foram objecto de trabalho anterior (SALVADO & CARDOSO, 2001/2002), acrescidos de alguns outros exemplares, entretanto identificados nas colecções. Inscrevem-se em dois tipos principais: os que correspondem ao seccionamento de uma ponta da armação, depois perfurada na secção para o encaixe da ponta perfurante; e os que correspondem a sectores mesiais das hastes, tendo estes últimos, paralelos no povoado do Zambujal, Torres Vedras, onde um exemplar foi encontrado ainda com o respectivo escopro ou formão de cobre (SANGMEISTER, SCHUBART & TRINDADE, 1970, Fig. 3, b, c). Excepcionalmente, um dos exemplares maiores, mostra perfuração na parte média de uma das extremidades, destinada a melhor fixar a ponta a encabar, talvez metálica (Fig. 34, n.º 18).

Tubos: algumas dos exemplares considerados como cabos, poderiam utilizar-se como tubos, por exemplo para a aspersão de substâncias corantes; de referir, especialmente, alguns escassos exemplares de pequenas dimensões, realizados sobre diáfises de ossos longos de aves, mas que, por se encontrarem incompletos em uma das extremidades, obriga a considerar a possibilidade de corresponderem a partes inferiores e mesiais de furadores.

Formões e escopros: quando se estudou a utensilagem de pedra polida do povoado de Leceia, seguindo idêntica metodologia à adoptada neste trabalho (CARDOSO, 1999/2000; CARDOSO, 2003), consideraram-se estas categorias de forma distinta: assim, seguindo a morfologia dos artefactos actualmente com o mesmo nome em português, os formões seriam peças cujo gume terminal é monobiselado, propício para o trabalho em madeira, enquanto os escopros são peças de bisel terminal duplo; no caso dos artefactos de osso, os biséis são em geral simples, ou pelo menos mais desenvolvidos num dos lados; porém, tornava-se necessário, em geral, uma regularização do gume, por desbaste do lado oposto, dada a convexidade natural do suporte ósseo; daí que não se tenha justificado a separação de ambas as categorias artefactuais. Não só pela pouca dureza do osso, como também pela morfologia do gume, estas peças eram adequadas a um trabalho de raspagem ou desbaste, por pressão, tanto da pele como da madeira, configurando uma utilização à maneira dos formões. Tal não significa que algumas delas, com marcas de utilização por percussão, não pudessem ser utilizadas como verdadeiros escopros; talvez por tal indefinição, alguns autores preferiram uma designação meramente morfológica, como a

de “biséis”, utilizada pelo signatário, a propósito de exemplares recolhidos em Leceia à superfície (CARDOSO, 1980, 1981). Os suportes em que estas peças foram talhadas é variável, privilegiando ossos longos de grandes bovídeos, seccionados longitudinalmente, sobretudo metápodos.

Espátulas: são peças executadas sobre tábuas ósseas aplanadas, de bordos boleados, adequadas à referida utilização; num caso, trata-se de uma larga folha de contorno triangular, na extremidade de uma fina e longa haste de secção lenticular (Fig. 27, n.º 13), com paralelos em Vila Nova de São Pedro (PAÇO, 1960). Esta particularidade afasta a hipótese de se tratar de um alfinete de cabeça espatulada, visto aqueles possuírem, invariavelmente, a haste de secção circular. É possível que neste caso, aquele espigão fosse encabado recorrendo-se, para o efeito, a um dos artefactos anteriormente referidos como “cabos”. É interessante assinalar que existem peças de cobre de morfologia semelhante, oriundas de diversas estações calcolíticas estremenhas e que têm sido consideradas, ora como espátulas (LEISNER, FERREIRA & ZBYSZEWSKI, 1961, Pl. 8, n.º 98), ora como alfinetes de cabeça espatulada (SANGMEISTER, SCHUBART & TRINDADE, 1970, Fig. 3, a; SPINDLER, 1981, Abb. 43), consoante a importância atribuída ora à extremidade espatulada, ora ao corpo apontado destas peças.

Um exemplar apresenta a particularidade de ter sido afeiçoado sobre uma omoplata provavelmente de ovino/caprino (Fig. 17, n.º 5). Trata-se, em suma, de um conjunto morfologicamente muito heterogéneo, reunido pela circunstância de as peças que o integram possuírem sempre uma superfície plana e achatada, propícia à aludida utilização.

Alisadores/brunidores: trata-se de peças morfologicamente afins das anteriores, mas em que a parte útil corresponde aos bordos, em geral boleados; para o efeito, é frequente a utilização de tábuas de ossos longos, fracturados longitudinalmente, bem como o recurso a esquirolas de armações de cervídeo.

Recipientes: trata-se de artefactos de corpo cilíndrico, executados em ossos longos de grandes bovídeos, regularizados tanto exterior como interiormente. Em trabalho académico (SALVADO, 1999), arguido pelo signatário, foram estas peças designadas por “caixas”. Podem apresentar-se lisas ou decoradas. A obturação das duas extremidades, correspondentes a serragens transversais da diáfise, poderia ser feita por elementos amovíveis de materiais percíveis, como madeira ou cortiça; a ilustrar tal possibilidade, é de referir a existência, em exemplar da *tholos* de Pai Mogo, Lourinhã, de várias perfurações junto à base, para fixação de pequenos rebites com aquela finalidade (GALLAY *et al.*, 1973, Fig. 69, n.º 361). Ainda dentro desta categoria, inscreve-se um exemplar afeiçoado numa porção de uma grande haste central de veado, totalmente escavada e regularizada interiormente; em alternativa, poder-se-ia considerar a hipótese de esta peça (Fig. 39, n.º 1) corresponder a um cabo (manga) para a fixação de uma lâmina lítica de machado, à semelhança de exemplar anteriormente estudado de Leceia

(SALVADO & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 4, n.º. 4), do Calcolítico Inicial. No lago alpino de St. Aubin, recolheu-se uma porção de armação de veado de forma análoga, ainda com um pequeno machado de pedra polda encastado, desprovida de cabo: a manipulação da peça far-se-ia pela própria manga (KELLER, 1878, Pl. 44, n.º. 5). No caso em apreço, a total ausência de marcas de atrito, resultantes da referida fixação, somada à grande cavidade escavada interiormente, de paredes muito finas e frágeis, levam a considerar preferencialmente a hipótese de se tratar de recipiente.

A pequena capacidade destas peças, sugere que se destinariam a guardar fármacos ou unguentos, incluindo psicotrópicos.

Pontas de seta (?): sob esta designação, foram já publicados, embora com reservas, diversos exemplares de Leceia (CARDOSO, 1995 a), a que agora se juntam outros. Trata-se de pontas robustas de osso, totalmente afeixoadas, de corpo cónico, correspondendo a parte inferior a um espigão igualmente cónico, mas mais estreito. A hipótese, admitida por diversos autores, de se tratar de um tipo particular de alfinetes de cabelo, não se afigura plausível, dado o curto comprimento destas peças, face ao dos objectos tradicionalmente considerados como tal; neste particular, a robustez e tamanho seria mais consentânea com a hipótese de sovela, adoptada para um dos escassos exemplares inteiros, oriundos da Gruta 1 de São Pedro do Estoril (LEISNER, PAÇO & RIBEIRO, 1964). A particular morfologia destas peças, levou a que fossem baptizadas por pontas de tipo Fórnea, "Fórneaspitzen", por K. Spindler, o qual, em 1981, inventariou as principais ocorrências, todas de povoados estremenhos: para além do povoado da Fórnea, representam-se exemplares de Ota, Rotura, Vila Nova de São Pedro e Zambujal (SPINDLER, 1981, Abb. 34); a estes, somam-se os exemplares de Pragança e do Outeiro de São Mamede, estudados ulteriormente (SALVADO, 1999; CARDOSO & CARREIRA, 2003). O facto de se tratar de tipo artefactual praticamente acantonado aos povoados, leva a considerar tratar-se de peças utilitárias; caso tivessem utilidade ostentatória, relacionada com o vestuário ou o penteado, certamente seriam abundantes em contextos funerários, tal como acontece com outros tipos artefactuais, com tal finalidade. Por outro lado, a sua robustez seria inusitada em peças com tal finalidade, mas não no caso de corresponderem a pontas de projecteis; esta hipótese encontra-se reforçada por se encontrarem, via de regra, fracturadas, e nalguns casos, com a ponta partida ou danificada por pancadas violentas, como se verifica em dois exemplares de Leceia, agora republicados. Por tudo o que foi dito, e ainda pelos paralelos com exemplares além-Pirenéus que foi possível compulsar (cf. CARDOSO, 1995 a), crê-se que a hipótese de corresponderem a pontas de seta de osso é a que melhor enquadra estas peças, no actual estado da investigação.

Pontas bífidas: trata-se de peças obtidas sobre tíbias de ovinos/caprinos e, apenas em um caso, sobre esquirola de osso longo; nos conjuntos calcolíticos do País, este artefacto encontra-se apenas presente, de acordo com as consultas bibliográficas efectuadas, no povoado calcolítico fortificado de Vila Nova de São

Pedro, Azambuja, que forneceu um exemplar a que, porém, os autores não concedem particular atenção (JALHAY & PAÇO, 1945, Lám. 14, n.º 7); não parece tratar-se de furadores; as alternativas possíveis, com base na análise bibliográfica, são as seguintes:

- **cabo de um artefacto, cuja lâmina fosse de sílex:** nesta hipótese, as duas pontas envolveriam, cada uma de seu lado, a lâmina lítica a encabar no corpo do próprio osso, que desta forma, se incluiria na categoria dos cabos. Parece ser a hipótese mais provável;

- **pente de fição:** nesta hipótese, a extremidade funcionaria como um garfo, destinado a separar as fibras, vegetais ou animais, que seriam ulteriormente tecidas, à maneira de cardadeira; um exemplar muito semelhante, executado numa costela, provém da área urbana de Zurique (in BAZZANELLA & MAYR, 1996, Fig. 42); um exemplar análogo, também executado em costela, provém da gruta de Pontil (Hérault, França) e foi reproduzido por Paul Gervais, em obra hoje clássica (GERVAIS, 1867, pl. 1, n.º 4). Exemplares análogos provém de diversas estações lacustres da Alta Áustria (Mond See e Atter See), mas são apenas designados como “pontas duplas” (KELLER, 1878, Pl. 188, n.º 7 e 191, n.º 12 e 13); a propósito do seu uso, o autor refere o seguinte (*op. cit.*, p. 600): “The Swiss consider similar implements as having been used for combing or heckling flax, but those found in the Mond See seem too slight for this purpose”. Trata-se de exemplares de tamanho idêntico aos de Leceia. Oscar Montelius reproduz exemplar de Mond See, afastando-se também da hipótese de se tratar de um pente de cardar, atribuindo-lhe a função de uma ponta dupla de lança; trata-se, no entanto, de um peça de tamanho muito superior às de Leceia (MONTELIUS, 1900, p. 181, Fig. 448).

Bobine (?): trata-se de uma placa de finamente polida, possuindo de ambos os lados dois entalhes, conferindo-lhe contorno antropomórfico; o objecto poderia ser, deste modo, considerado como um ídolo em contorno recortado, ou, mais simplesmente, uma bobine, servindo os dois entalhes para enovelar o fio.

Bigornas: duas peças aproveitando porções de costelas de cetáceo, apresentam abundantes marcas de terem servido como suportes ao corte de substâncias moles. A maior, foi já objecto de um estudo anterior (CARDOSO, 1995 b), pelo que não se repetirão aqui as considerações então desenvolvidas a seu propósito.

Denteado: trata-se, também, de uma tábua óssea afeiçãoada, a qual possui um dos bordos maiores recortado, através de pequenos entalhes. É de afastar a hipótese de pente de oleiro, dado o fraco desenvolvimento dos denticulados; também não é aceitável a designação de “serra”, adoptada por outros autores para peças semelhantes (RODANÈS VICENTE, 1987, p. 123), dada a manifesta falta de dureza do bordo serrilhado para assegurar aquela função.

Inclassificáveis: além da categoria anterior, existem diversas peças que, pelo grau de fracturação que apresentam, não são susceptíveis de uma classificação. Os exemplares considerados mais significativos são, também objecto de reprodução.

Neste estudo, reproduzem-se todos os artefactos de osso polido recolhidos, constituindo, deste modo, um *corpus* no qual se apoiarão as comparações que adiante se apresentam.

Os grupos tipológicos assim considerados, seguindo um critério funcionalista, tiveram em consideração a natureza do suporte ósseo seleccionado, em detrimento de caracteres meramente descritivos e analíticos subsidiários que, além de complexos, pouca ou nenhuma informação adicional carregam para a definição tipológica, complicando desnecessariamente o processo classificativo.

Poderá atender-se, ainda, a caracteres adquiridos após a manufactura da peça, como a análise das marcas de uso, que fornecerá novos argumentos para a classificação e as marcas de fogo, para as endurecer (GOMES, 1971), aspecto que seria mais útil em determinados utensílios designadamente nos destinados a perfurar. Estes e outros aspectos ficarão reservados para estudos de pormenor que se efectuem futuramente sobre o rico conjunto dado agora a conhecer.

2 - DISTRIBUIÇÃO ESTRATIGRÁFICA DA INDÚSTRIA ÓSSEA E ANÁLISE DESCRITIVA CORRESPONDENTE

São três as unidades cronológico-culturais identificadas em Leceia, com correspondência estratigráfica em outras tantas camadas, qualquer que seja o local investigado da estação (CARDOSO, 1994, 2000 a); como a descrição estratigráfica já foi apresentada em numerosos trabalhos anteriores, apenas se refere a correlação entre as respectivas camadas e as correspondentes unidades cronológico-culturais. Assim, a Camada 4, corresponde ao Neolítico Final da Estremadura (cerca de 4300 a 2900 a.C.); a Camada 3 é coeva da construção e utilização de um complexo dispositivo defensivo, no decurso do Calcolítico Inicial da Estremadura (cerca de 2900/2800 a 2600/2500 a.C.), resultando a Camada 2, em boa parte, de materiais de derrube das estruturas anteriores, no decurso da derradeira ocupação com carácter permanente do local, correspondente ao Calcolítico Pleno da Estremadura (cerca de 2600/2500 a 2300/2200 a.C.), época em que se verifica, por outro lado, a emergência das cerâmicas campaniformes.

Tendo presentes as três unidades descritas, de significado cultural específico, a distribuição da indústria de osso de utilização comum (excluindo-se, deste modo, os artefactos de adorno ou de carácter ideotécnico) apresenta-se no Quadro 1.

QUADRO 1 - DISTRIBUIÇÃO DA INDÚSTRIA ÓSSEA DE UTILIZAÇÃO COMUM

TIPOLOGIA DAS INDÚSTRIAS DE OSSO	C.2	C.3	C.4
Agulhas/sovelas, em diversos suportes ósseos* ou em fragmentos de muralhas de esmalte de defesas inferiores de javali**	134* 2**	72*	10*
Furadores sobre tibia de <i>Ovis/Capra</i>	8	8	2
Furadores em metápodo de <i>Cervus*</i> ou <i>Ovis/Capra**</i>	2**	2**	1*
Furadores em diáfises de ossos longos, por seccionamento oblíquo	13	19	2
Furadores em esquirolas de ossos longos*, ou de haste de cervídeo**, seccionados longitudinalmente,	12* 1**	14*	5*
Furadores em esquirolas de ossos longos, de grandes dimensões, seccionados longitudinalmente	3	7	-
Furadores em cúbitos de grande bovídeo	3	9	-
Furadores em cúbitos de <i>Ovis/Capra</i>	1	4	-
Furadores em ossos longos de leporídeo	1	1	-
Furadores em ossos longos de ave - lancetas	2	5	-
Cabos em diáfises de ossos longos, seccionados em ambas as extremidades	18	20	1
Cabos em ossos longos, seccionados numa das extremidades, sobre tíbias* ou rádios** de <i>Ovis/Capra*</i> , metápodos de <i>Cervus***</i> , ou indeterminados****	11* 1*** 1****	13* 1** 1***	3*
Cabos em segmento de haste de <i>Cervus</i>	8	6	-
Cabos em extremidade de haste de <i>Cervus</i>	6	-	-
Espátulas de tipologia diversa	2	7	1
Tubos (ou porções de furadores) em ossos longos de ave	-	2	1
Alisadores/brunidores de diferentes tipologias e natureza	4	13	1
Recipientes em haste de <i>Cervus*</i> ou em diáfises de ossos longos de grandes bóvidos**	6* 3**	-	-
Formões	1	8	-
Pontas bifidas (pentes de fiação ? cabos ?) sobre diáfises de tibia ou de metápodo de <i>Ovis/Capra*</i> ou em esquirolas de ossos de grandes dimensões**	2* 1**	2*	-
Bigorna sobre ossos de cetáceo	1	1	-
Pontas de seta (?)	4	-	-
Bobines para fio ou ídolo antropomórfico	-	-	1
Denteado	1	-	-
Totais de peças classificáveis	252	215	28

2.1 - Materiais da Camada 4 (Neolítico Final)

A Camada 4, correspondendo ao termo mais antigo da sequência descrita, encontra-se, via de regra, representada no espaço escavado, sendo identificada sempre que a escavação é aprofundada até o substrato geológico. Tal situação mostra a existência de um vasto povoado aberto, implantado em local com boas condições naturais de defesa.

Trata-se de um depósito compacto, castanho-chocolate a castanho-avermelhado, com espólio característico do Neolítico Final. A dispersão do espólio ósseo recolhido nesta camada, representa-se na Fig. 1, a qual reflecte a situação descrita; naturalmente, se a escavação tivesse atingido, em toda a área explorada, o nível arqueológico mais profundo, a quantidade de espólio e a sua distribuição no terreno seria muito mais numerosa e homogénea. Tal facto explica, também, o escasso número de peças de osso exumadas: apenas vinte e oito, das quais uma inclassificável. Foram todas desenhadas (Figs. 2 e 3). No conjunto, avulta o largo predomínio das agulhas ou sovelas (10 ex.), seguido, mas a distância considerável (5 ex.), dos furadores sobre esquirolas de ossos longos, seccionados longitudinalmente e, depois, dos cabos (3 ex.). Importa referir que os furadores executados em tíbias de ovinos/caprinos por seccionamento oblíquo da diáfise são já conhecidos nesta etapa mais recuada da ocupação de Leceia; também é de realçar um furador executado sobre metápodo de veado (Fig. 2, n.º 13), de assinaláveis dimensões. Importa também assinalar um estreito e longo tubo, feito provavelmente em um rádio de *Sula bassana*, incompleto numa das extremidades (Fig. 3, n.º 6), pelo que permanece em aberto a possibilidade de corresponder a uma lanceta, como as recolhidas nas Camadas 3 e 2. Enfim, a única bobine, executada sobre uma tábua óssea finamente polida, provém desta camada e poderá corresponder, em alternativa, a um ídolo antropomórfico em contorno recortado (Fig. 3, n.º 12).

2.2 - Materiais da Camada 3 (Calcolítico Inicial)

Aos duzentos e catorze artefactos de osso polido inventariados nesta camada, soma-se o fragmento de manga de machado em porção de haste de cervídeo, estudada anteriormente (SALVADO & CARDOSO, 2002/2002, Fig. 4, n.º 4). No que respeita à distribuição da utensilagem no terreno (Fig. 4), verifica-se nítida concentração pelas áreas de maior densidade habitacional, designadamente o espaço entre a primeira e a segunda linha de muralhas e, sobretudo, o definido entre esta e a terceira linha, correspondente ao circuito mais interno, enquanto que o número de peças oriundo da zona dos bastiões é diminuto. Esta situação não significa, porém, que tais estruturas fossem desprovidas de interesse como espaços habitacionais, bem ao contrário: a limpeza constante que seria efectuada de tais espaços domésticos, explica a escassez de materiais arqueológicos neles encontrados.

Do ponto de vista tipológico, o grupo das agulhas e sovelas continua a ser o mais numeroso, com

setenta e dois exemplares, em duzentas e quinze peças classificáveis; mas o segundo lugar é agora ocupado, embora a larga distância do primeiro, pelo grupo dos cabos seccionados nas duas extremidades, aproveitando diáfises de ossos longos, especialmente tíbias de ovinos/caprinos, com vinte exemplares. Apenas com menos um exemplar, surge, em terceiro lugar, o grupo dos furadores em diáfises de ossos longos – uma vez mais, predominando tíbias de *Ovis/Capra* – seccionados obliquamente numa das extremidades o qual, recorde-se, já se encontrava representado no conjunto do Neolítico Final.

No Calcolítico Inicial a diversidade artefactual atinge notável expressão, sendo idêntica à patenteada no Calcolítico Pleno (21 tipos principais identificados), apesar de ser maior o número total de artefactos correspondentes a este último (252 artefactos contra 215 recolhidos em contextos do Calcolítico Inicial). Igualmente importante é o grupo dos alisadores/brunidores, alguns deles realizados sobre fragmentos de haste de cervídeo (quinze exemplares), sugerindo a existência de uma importante indústria cerâmica local, aliás já indicada pela notável abundância dos correspondentes restos. Os formões são outro grupo bem representado (dez exemplares), executados em esquirolas longitudinais de ossos longos os quais, quando determináveis, pertencem a grandes bovídeos.

De referir o grupo dos grandes furadores sobre cúbitos de grandes bovídeos, com nove exemplares, sendo de destacar dois deles, por possuírem furação no olecrânio, a que já anteriormente se fez referência (Fig. 22, n.º 1 e 2). Os maiores poderão pertencer a *Bos primigenius*.

Os artefactos de ponta bífida, cuja funcionalidade foi anteriormente discutida, encontram-se representados por dois exemplares (Fig. 17, n.º 1; Fig. 19, n.º 8), ambos sobre tíbias de *Ovis/Capra*.

O recurso a ossos de aves, já conhecidos anteriormente (Fig. 3, n.º 6), encontra-se agora na sua máxima expressão, pertencendo-lhes cinco lancetas, finamente polidas e de alto poder penetrante, que poderiam ser utilizadas na cirurgia (Fig. 9, n.º 10 e 11; Fig. 11, n.º 5 a 7). O uso de anzóis não se encontra demonstrado, pois o único exemplar (Fig. 5, n.º 28), não evidencia qualquer indício mesial de fixação do fio; é, por isso lícito incluí-lo no grupo dos furadores, ou, se se preferir uma designação meramente morfológica, no dos “biapontados”, seguindo anterior proposta (RODANÉS VICENTE, 1987, p. 82). Contudo, a prática da pesca tanto no Calcolítico Inicial como no Neolítico Final, encontra-se plenamente demonstrada em Leceia, pela presença de restos de pargo e de dourada (ANTUNES & CARDOSO, 1995; CARDOSO, SILVA & SOARES, 1996). Enfim, foi por certo a assídua frequência do litoral que explica a ocorrência de um fragmento de costela de baleia utilizado como bigorna, ou percutor passivo (Fig. 17, n.º 6).

2.3 - Materiais da Camada 2 (Calcolítico Pleno)

A derradeira ocupação permanente do povoado de Leceia deu-se no Calcolítico Pleno. Apesar de, nessa altura, o dispositivo defensivo se encontrar em declínio, ou já francamente arruinado, a correspondente

ocupação, corporizada por cabanas de fraca qualidade construtiva, essencialmente de materiais parecíveis, revelou inesperada quantidade de materiais, alguns em matérias de difícil aquisição, como o cobre, revelando um florescimento e pujança económica aparentemente contrariada pela realidade supra mencionada. Esta aparente contradição, já antes assinalada (CARDOSO, 2000 b), terá de ser explicada no quadro da dinâmica social que caracterizou todo o III milénio a.C. na Estremadura.

A indústria óssea reflecte, igualmente, aquela realidade; apesar de a área ocupada pela comunidade então sediada em Leceia ter então sofrido nítida retracção, face à anterior, concentrando-se no núcleo da antiga fortificação, é ao Calcolítico Pleno que corresponde o maior acervo recolhido, ascendendo a duzentas e cinquenta e seis peças classificáveis. Com efeito, a análise da Fig. 23 mostra a assinalável rarefacção de peças para além da segunda linha defensiva, embora entre esta e a primeira (a linha mais externa) se tenha identificado um notável conjunto artefactual, associado a várias unidades habitacionais ali identificadas. Da mesma forma, a única peça recolhida na zona extramuros provém de uma das duas cabanas campaniformes (Cabana FM) postas a descoberto (CARDOSO, 1997/1998).

A análise tipológica, expressa no Quadro 1, revela um nítido acréscimo relativo e absoluto, do grupo das agulhas e sovelas, face ao conjunto anterior, com cento e trinta e seis ex., correspondente a 54,0%, enquanto que, no conjunto do Calcolítico Inicial, tal percentagem era de 34,4%. Esta realidade pode encontrar explicação no acréscimo das actividades de fição e de produção de vestuário, como mostra o aumento nítido da ocorrência de placas de barro de tecelagem, enquadrando-se na sabida intensificação e diversificação das produções que caracterizou todo o Calcolítico estremenho, no quadro da dita “Revolução dos Produtos Secundários”.

Com efeito, a diferença entre o grupo das agulhas e sovelas e os restantes grupos é muito grande: basta observar que o segundo grupo mais abundante – o dos cabos seccionados nas duas extremidades de diáfises de ossos longos – se encontra apenas representado por dezoito exemplares.

Algumas agulhas ou sovelas possuem um furo basal, destinado à passagem da linha (Fig. 28, n.º 13 e 14; Fig. 29, n.º 16), aproximando-se por este carácter de exemplares dos vizinhos povoados da Espargueira, Amadora (SALVADO, 2001, Fig. 5, n.º 7 a 9).

Outros grupos artefactuais, conquanto representados por número muito inferior de efectivos, detêm também particular interesse:

Os furadores continuam a ser preferencialmente executados em tíbias de *Ovis/Capra* e, mais raramente em metápodos destes dois grupos, ou de cervídeo, conservando uma das extremidades articulares, que permitem a classificação; recolheu-se um exemplar desta categoria em curso de execução (Fig. 37, n.º 10), com paralelo em exemplar da Espargueira (SALVADO, 2001, Fig. 2, n.º 1); porém, a maioria dos furadores não a conservam, o que dificulta a identificação do segmento anatómico original que lhes serviu de suporte; pelo tamanho, trata-se de diáfises de ossos longos de ovinos/caprinos, e particularmente de segmentos de tibia; a preferência pelo aproveitamento deste osso, face a outros ossos

longos, designadamente o humero e o fémur compreende-se, por ser a tibia o elemento que possui paredes mais robustas sendo, deste modo, mais adequado ao fim pretendido. Muito menor foi o aproveitamento dos metápodos, embora estes ossos fossem caracterizados, também, por assinalável robustez (apenas dois exemplares identificados). O grupo dos furadores obtidos por seccionamento oblíquo de diáfises de ossos longos desprovidos de extremidade articular, correspondem ao terceiro grupo artefactual mais abundante, mas apenas representado por treze exemplares. São também abundantes, com apenas menos um exemplar, os furadores obtidos sobre esquirolas de ossos longos de ovinos/caprinos, fracturados longitudinalmente. Os exemplares de grandes dimensões, sobre esquirolas de ossos de grandes bovídeos, estão representados por três ocorrências (face às cinco da Camada 3); foram considerados como constituindo um grupo à parte: trata-se de peças de ocasião, aproveitadas quase tal qual, devido à existência de pontas aceradas, com escassa transformação, resultantes da fracturação por torsão, flexão ou percussão. As pontas evidenciam, nalguns casos, intensa utilização, apresentando-se gastas e boleadas. Outros exemplares, de grandes dimensões, também contabilizados autonomamente, são os furadores (ou punhais, cf. discussão anterior), executados em cúbitos de grandes bovídeos, embora apenas representados por três peças, comparativamente às nove que se recolheram na Camada 3. De referir, também a existência de um pequeno furador executado em tibia de coelho (Fig. 11, n.º 10), a que se soma um exemplar idêntico, mas aproveitando a metade oposta de outra tibia, recolhido na Camada 2 (Fig. 33, n.º 8). Esta incidência é explicada pela dureza deste osso, tal como já se verificava no caso dos furadores executados em tibias de *Ovis/Capra*.

As lancetas, finas pontas perfurantes obtidas por seccionamento oblíquo da diáfise de ossos longos de aves, encontram-se representadas, embora em menor número (dois exemplares), face ao conjunto da Camada 3 (cinco exemplares).

Os cabos constituem o conjunto mais numeroso, logo a seguir às agulhas/sovelas e aos furadores de diversos tipos, vistos anteriormente. Consideraram-se três grupos distintos: os exemplares executados em diáfises de ossos longos, essencialmente de *Capra/Ovis*, seccionados em ambas as extremidades, que são os mais numerosos, com dezoito exemplares; o segundo grupo, corresponde às peças seccionadas em apenas uma extremidade, por serragem, conservando a outra a superfície articular do osso, representado por treze exemplares. Destes, dez são em tibias de *Ovis/Capra*, confirmando a preponderância absoluta deste segmento anatómico, uma em metápodo de cervídeo e uma em suporte indeterminado; o terceiro grupo, integra os exemplares sobre hastes de cervídeo; neste grupo, identificaram-se diversos tipos, a saber: cabos executados em segmentos de haste seccionados nas duas extremidades, não representados na Camada 2, conhecendo-se, apenas, dois exemplares na Camada 3 (Est. 13, n.º 5 e 6); cabos em extremidade de galhos, apenas com uma das extremidades serradas e perfuradas (Fig. 38, n.º 3, 5, 7, 8 e 11); e, enfim, os cabos com serragem lateral, em extremidade de galho (Fig. 38, n.º 6), à qual poderia ser fixado um artefacto cortante, fosse uma lâmina de cobre ou de sílex. Ao conjunto dos cabos seccionados

em extremidades de haste de cervídeo, há que somar os sete exemplares estudados anteriormente, todos seccionados de ambos os lados (SALVADO & CARDOSO, 2001/2002) inscrevendo-se, pois, no primeiro grupo acima descrito. Igualmente merecedor de destaque é um cabo com um furo no centro de uma das extremidades, destinado à fixação da extremidade útil (Fig. 34, n.º 18).

Os restantes grupos tipológicos representados na Camada 2 são muito menos importantes, quanto ao número de exemplares: é o caso dos formões, executados em esquirolas de ossos de grandes bovídeos, espessos e robustos, como convinha às funções desempenhadas; das pontas bífidas (pentes de fiação ou cabos?), com três exemplares, executados em diáfises de ossos longos de *Ovis/Capra* (Fig. 33, n.º 11 e 12) ou, mais raramente em esquirolas de ossos de grandes dimensões (Fig. 33, n.º 10); dos alisadores/brunidores, alguns executados em porções de hastes de cervídeo, representados por quatro exemplares; das espátulas, representadas por dois exemplares, uma delas em extremidade de haste alongada, cuja classificação tipológica foi já anteriormente discutida (Fig. 27, n.º 13); das prováveis pontas de seta de osso, já anteriormente objecto de discussão, apenas presentes nesta camada (Fig. 41, n.º 1 a 4); dos recipientes de formato cilíndrico, obtidos através da serragem de diáfises de ossos longos de grandes bovídeos, lisos ou decorados (Fig. 41, n.º 5 a 7), sendo de destacar, no concernente a povoados, os recolhidos em Vila Nova de São Pedro (PAÇO, 1960); em haste de cervídeo, registou-se um belo exemplar (Fig. 39, n.º 9), a somar aos cinco já anteriormente dados a conhecer (SALVADO & CARDOSO, 2001/2002), enfim, no conjunto de artefactos de utilização ocasional, registre-se a porção de costela de cetáceo com profundas marcas de corte, indício de ter sido utilizada como bigorna ou apoio passivo (Fig. 42), a qual é acompanhada de um pequeno fragmento análogo, recolhido na Camada 3, em outro lugar da estação arqueológica.

Por último, o grupo dos artefactos inclassificáveis, para além dos que se encontram mal conservados ou incompletos, integra peças, aparentemente completas, como a esquirola cuidadosamente polida com serrilhado ou denteado numa dos bordos maiores, de utilização desconhecida (Fig. 41, n.º 8).

3 - CONCLUSÕES

A indústria óssea recolhida no povoado de Leceia, agora objecto de um primeiro estudo de síntese, corresponde ao maior conjunto pré-histórico estratigrafado até ao presente estudado em Portugal. Reflecte as actividades domésticas desenvolvidas ao longo de cerca de mil anos naquele povoado: assim, os formões podem associar-se à preparação das peles e de madeiras, incluindo a execução de recipientes que, naturalmente, não se conservaram; as espátulas, e os alisadores/brunidores, relacionar-se-ão com o fabrico de uma diversificada panóplia doméstica de barro, bem denunciada pela existência de abundantes restos cerâmicos e justificada pela disponibilidade de matéria-prima na imediata envolvência do povoado (as margas do Cenomaniano Superior que ali afloram); a grande diversidade de furadores denuncia, por seu turno, a produção de vestuário ou de peles utilizadas nos espaços habitados (coberturas, tabiques,

enxergas), obtidas dos muitos animais, caçados ou domésticos, cujos restos, encontrados em grande número, foram já objecto de estudo específico (CARDOSO & DETRY, 2001/2002); a importância da produção de vestuário encontra-se, aliás, particularmente sublinhada pela abundância de agulhas/sovelas, que corresponde ao grupo artefactual mais numeroso, tanto no Neolítico Final, como no decurso do Calcolítico, verificando-se, mesmo, um significativo acréscimo percentual do Calcolítico Inicial para o Calcolítico Pleno. Como se referiu, tal acréscimo pode relacionar-se com a intensificação e a diversificação produtivas verificadas ao longo do III milénio a.C. na Estremadura, já que, para além do recurso às fibras e às peles dos animais, a produção de fibras vegetais, como o linho, conhecido no povoado coevo de Vila Nova de São Pedro, Azambuja (PAÇO & ARTHUR, 1953) deverá ter então experimentado significativo aumento. Tal realidade é sugerida pelo aumento em Leceia das placas de barro utilizadas na tecelagem, no Calcolítico Pleno, face às identificadas no Calcolítico Inicial. Enfim, outros artefactos, como os recipientes de osso, reflectem a existência de produtos farmacêuticos ou outros, assim conservados; aliás, a eventual prática da cirurgia parece encontrar-se sugerida pela presença, tanto no Calcolítico Inicial, como no Calcolítico Pleno, de aceradas pontas executadas em ossos de ave, utilizadas como lancetas.

Outro contributo que resultou do estudo ora efectuado respeita às informações ecológicas e paleoclimáticas fornecidas por certas espécies: neste particular, o maior destaque vai para os ossos longos de *Sula bassana*, o ganso-patola, de que se recolheram: na Camada 4, um exemplar tubular e incompleto correspondendo provavelmente a rádio (Fig. 3, n.º 6); na Camada 3, sete exemplares, sendo cinco furadores (lancetas) e dois tubos, incompletos, talvez pertencentes também a furadores (Fig. 9, n.º 10 a 12; Fig. 11, n.º 5 a 9 e 11); e na Camada 2, dois exemplares (Fig. 33, n.º 6 e 7). Alguns deles foram já anteriormente publicados (GOURICHON & CARDOSO, 1995, Fig. 5, n.º 1 a 4). Quando classificáveis, pertencem a rádios e a cúbitos da referida espécie. Trata-se de ave de clima mais húmido e frio que o prevalente na região estremenha, o que explica a rarefacção da frequência sazonal desta espécie na actualidade, na referida região.

As restantes espécies identificadas, fazem parte das que, actualmente, potencial ou realmente habitam o território onde se integra o sítio de Leceia: as espécies selvagens, estão representadas pelo coelho (tíbias para pequenos furadores, embora somente representados por dois exemplares) e pelo veado (metápodos sobretudo para cabos, galhos para alisadores/brunidores e para a confecção de recipientes). O auroque (*Bos primigenius*), sendo provável a sua presença, à semelhança do que se verificou para outras estações calcolíticas da Estremadura (caso do povoado pré-histórico do Zambujal Torres Vedras, cf. DRIESCH & BOESSNECK, 1976), terá sido caçado e os seus ossos aproveitados (especialmente o cúbito) para a produção de furadores/punhais. Quanto às espécies domésticas, a que se recorreu com muito maior frequência, em resultado de ser também, maior o número de animais vivos, correspondem à presença dominante do grupo dos ovinos/caprinos, utilizados para fazer agulhas/sovelas, furadores e cabos (especialmente a tíbia), enquanto que os ossos, mais robustos e maiores, de grandes bovídeos domésticos, foram utilizados para a confecção de formões e recipientes.

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, M. T. & CARDOSO, J. L. (1995) – Ictiofauna do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 187-192.
- AVERBOUH, A. & PROVENZANO, N. (1998/1999) – Propositions pour une terminologie du travail préhistorique des matières osseuses: 1 - les techniques. *Préhistoire Anthropologie Méditerranéennes*. 7/8, p. 5-25.
- BAZZANELLA, M. & MAYR, A. (1996) – *Le fibre tessili*. Trento: Ufficio Beni Archeologici.
- CARDOSO, J. L. (1980, 1981) – O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa, Portugal). Estudo da colecção do Escultor Álvaro de Brée. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 1ª Parte, 90, p. 211-304; 2ª Parte, 91, p. 120-233.
- CARDOSO, J. L. (1994) – *Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico*. Estudos Arqueológicos de Oeiras. Oeiras. Número Especial.
- CARDOSO, J. L. (1995 a) – Possíveis pontas de seta calcíticas de osso do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 233-241.
- CARDOSO, J. L. (1995 b) – Ossos de cetáceo utilizados no Calcolítico da Estremadura. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 193-198.
- CARDOSO, J. L. (1997/1998) – A ocupação campaniforme do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 89-153.
- CARDOSO, J. L. (1999/2000) – Os artefactos de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 8, p. 241-323.
- CARDOSO, J. L. (2000 a) – The fortified site of Leceia (Oeiras) in the context of the Chalcolithic in Portuguese Estremadura. *Oxford Journal of Archaeology*. Oxford. 19 (1), p. 37-55.
- CARDOSO, J. L. (2000 b) – *Sítios, pedras e homens. Trinta anos de Arqueologia em Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (2003) – Polished stone artefacts at the prehistoric settlement of Leceia (Oeiras). *Madrider Mitteilungen*. Mainz (no prelo).
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (2003) – O povoado calcolítico do Outeiro de São Mamede (Óbidos): estudo do espólio das escavações de Bernardo de Sá. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras (neste volume).
- CARDOSO, J. L. & DETRY, C. (2001/2002) – Estudo arqueozoológico dos restos de ungulados do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 131-182.
- CARDOSO, J. L.; SILVA, C. Tavares da & SOARES, J. (1996) – A ocupação neolítica de Leceia (Oeiras). Materiais recolhidos em 1987 e 1988. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 47-89.
- DANTHINE, H. & OTTE, M. (1985) – L'industrie osseuse danubienne de Liège. *L'industrie en os et bois de cervidé durant le Néolithique et l'Âge des métaux*. H. Camps-Fabrer, org. Paris: CNRS, p. 33-36.
- DRIESCH, A. v. d. & BOESSNECK, J. (1976) – *Die Fauna vom Castro do Zambujal*. Studien über frühe Tierknochenfunde von der Iberischen Halbinsel. München: Institut für Paleoanatomie, Domestikationsforschung und Geschichte der Tiermedizin der Universität.
- GALLAY, G. et al. (1973) – *O monumento pré-histórico de Pai Mogo (Lourinhã)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

- GERVAIS, P. (1867) – *Recherches sur l'ancienneté de l'Homme et la Période Quaternaire*. Paris: Arthus Bertrand, Libraire-Editeur.
- GOURICHON, L. & CARDOSO, J. L. (1995) – L'avifauna de l'habitat fortifié chalcolithique de Leceia (Oeiras, Portugal). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 165-186.
- GOMES, J. J. F. (1971) – Objectos manufacturados sobre osso, do povoado pré-histórico do Penedo (Cortegaça-Sintra). II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970). Actas. Coimbra. 2, p. 193-197.
- JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1945) – El castro de Vilanova de San Pedro. Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria. Madrid. 20, p. 55-141.
- KELLER, F. (1878) – *The lake dwellings of Switzerland and other parts of Europe*. Second edition. Vol. 1 - Text; Vol. 2 - Plates. London: Longmans, Green & Co.
- LEISNER, V.; PAÇO, A. do & RIBEIRO, L. (1964) – *Grutas artificiais de São Pedro do Estoril*. Lisboa: ed. dos autores.
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1961) – *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la culture du vase campaniforme*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Memória nº. 8 - Nova Série).
- MONTELIUS, O. (1900) – *Die Chronologie der Ältesten Bronzezeit in Nord-Deutschland und Skandinavien*. Sonder-Abdruck aus dem Archiv für Anthropologie. Braunschweig. 25, 26.
- PAÇO, A. do & ARTHUR, M. L. C. (1953) – Castro de Vila Nova de San Pedro. IV - Sementes pré-históricas de linho. *Archivo de Prehistoria Levantina*. Valencia. 4, p. 151-157.
- PAÇO, A. do (1960) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. XII - Alguns objectos de osso e marfim. *Zephyrus*. Salamanca. 11, p. 105-117.
- RIBEIRO, C. (1878) – *Notícias de algumas estações e monumentos pré-históricos. 1 - Notícia da estação humana de Licêa*. Lisboa: Academia Real das Sciencias de Lisboa, 72 p.
- RODANÉS VICENTE, J. M. (1987) – *La industria osea prehistorica en el valle del Ebro Neolítico-Edad del Bronce*. Diputacion General de Aragon: Departamento de Cultura y Educación.
- SALVADO, M. C. (1999) – *Apointamentos sobre a utilização do osso no Neolítico e Calcolítico da península de Lisboa. As colecções do Museu Nacional de Arqueologia*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- SALVADO, M.C. (2001) – Os artefactos ósseos dos povoados da Espargueira/serra das Éguas e da necrópole de Carenque, do Museu Nacional de Arqueologia. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 19, p. 29-56.
- SALVADO, M. C. & CARDOSO, J. L. (2001/2002) – Análise de alguns fragmentos de artefactos em haste de cervídeo do povoado pré-histórico de Leceia: cabos e caixas. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 49-76.
- SANGMEISTER, E.; SCHUBART, H. & TRINDADE, L. (1970) – Escavações na fortificação eneolítica do Zambujal 1968. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 4, p. 65-113.
- SPINDLER, K. (1981) – *Cova da Moura*. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern (Madrider Beiträge, Band 7).

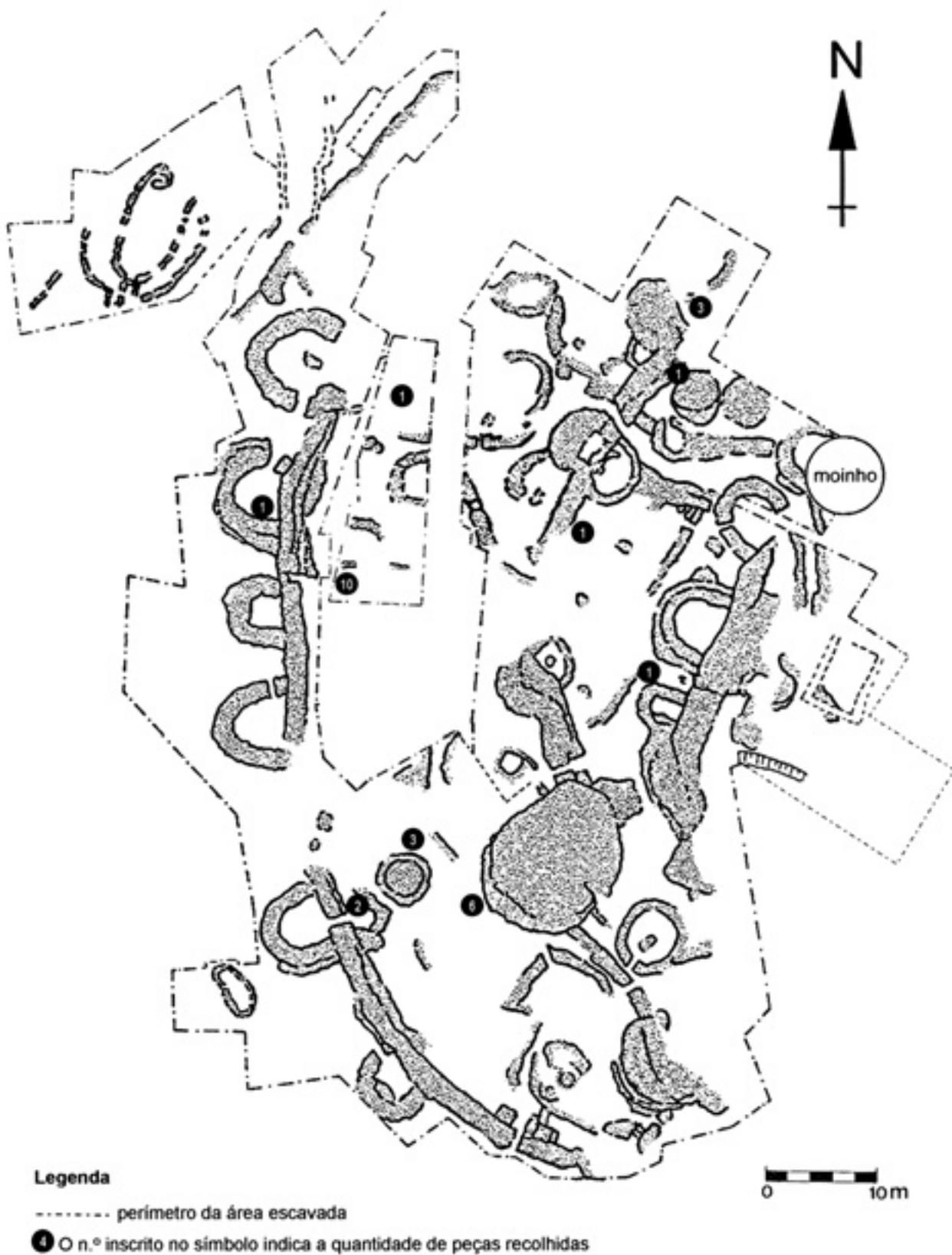


Fig. 1 - Leceia. Distribuição da utensilagem óssea de uso comum na Camada 4 (Neolítico Final).

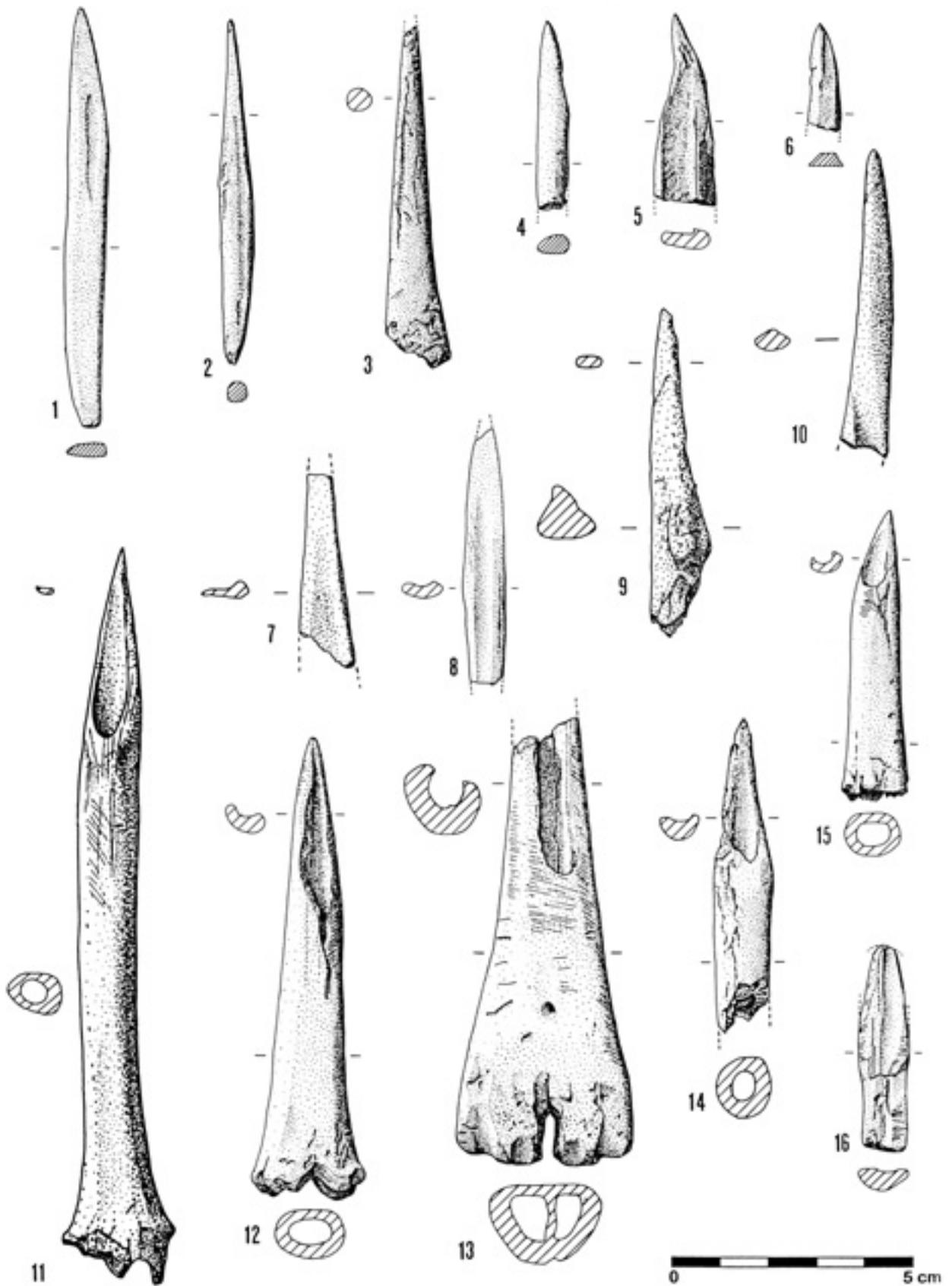


Fig. 2 - Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 4 (Neolítico Final): 1 a 4, 6 a 10 e 16 - agulhas /sovelas; 5, 11 a 15 - furadores; 11 e 12, sobre tíbias de *Ovis/Capra*; 13, sobre metápodo de *Cervus*.

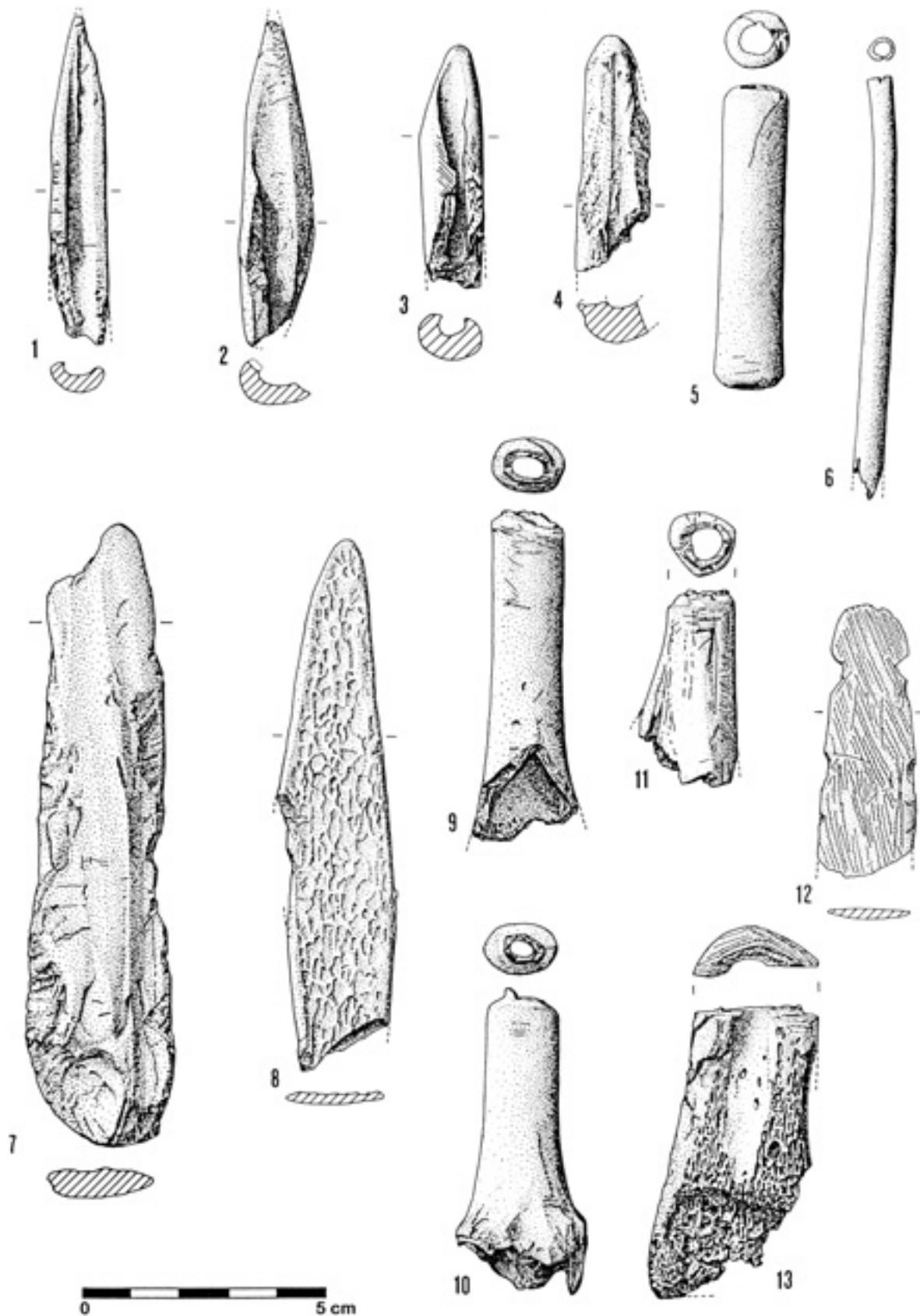


Fig. 3 – Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 4 (Neolítico Final): 1 a 4 - furadores; 5, 9 a 11 - cabos; 6 - tubo em rádio de *Sula bassana*; 7 - alisador/brunidor sobre esquirola de osso longo de grandes dimensões; 8 - espátula sobre tábuas óssea polida; 12 - bobine ou ídolo antropomórfico (?) sobre placa óssea bem polida; 13 - fragmento inclassificável.

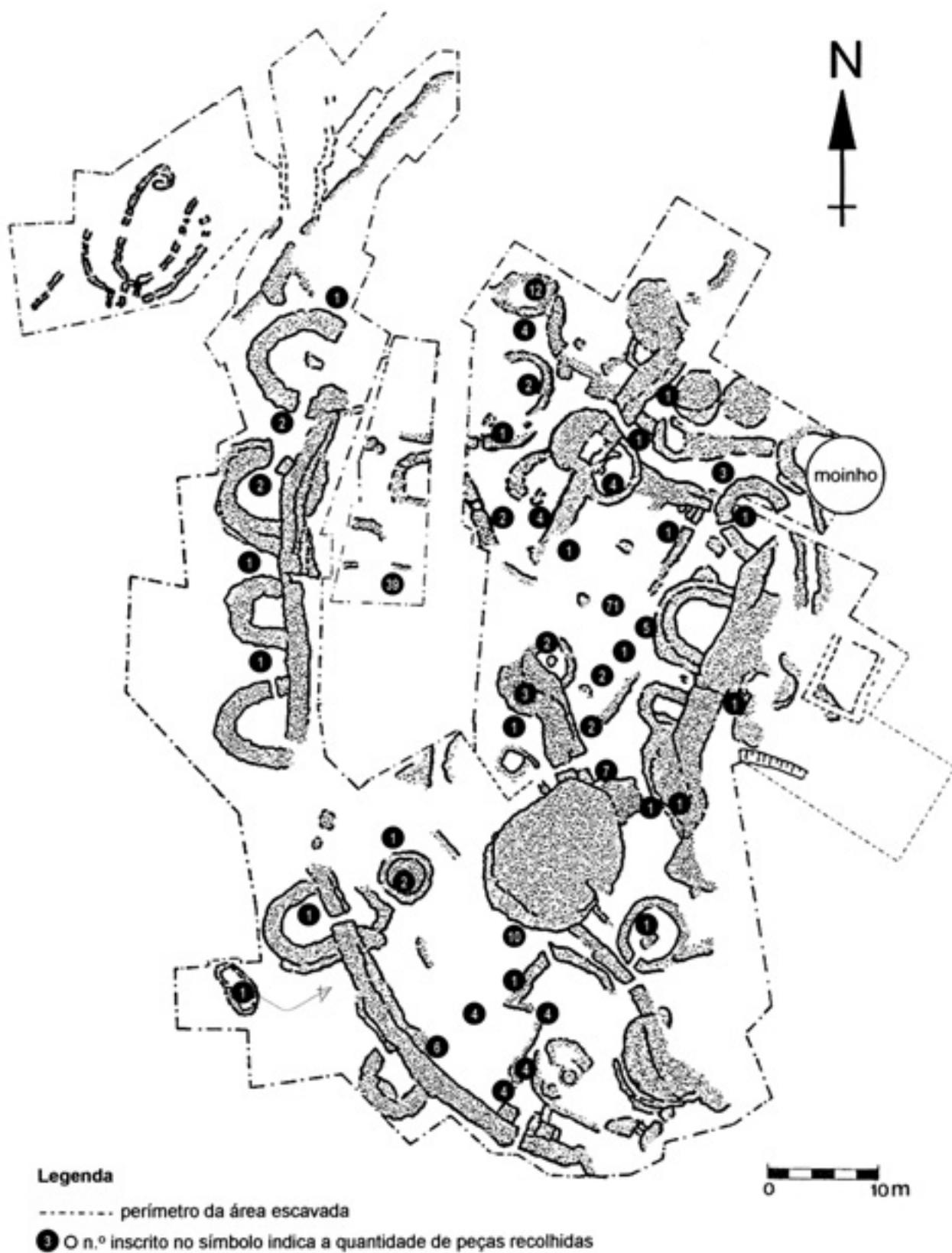


Fig. 4 - Leceia. Distribuição da utensilagem óssea de uso comum na Camada 3 (Calcolítico Inicial).

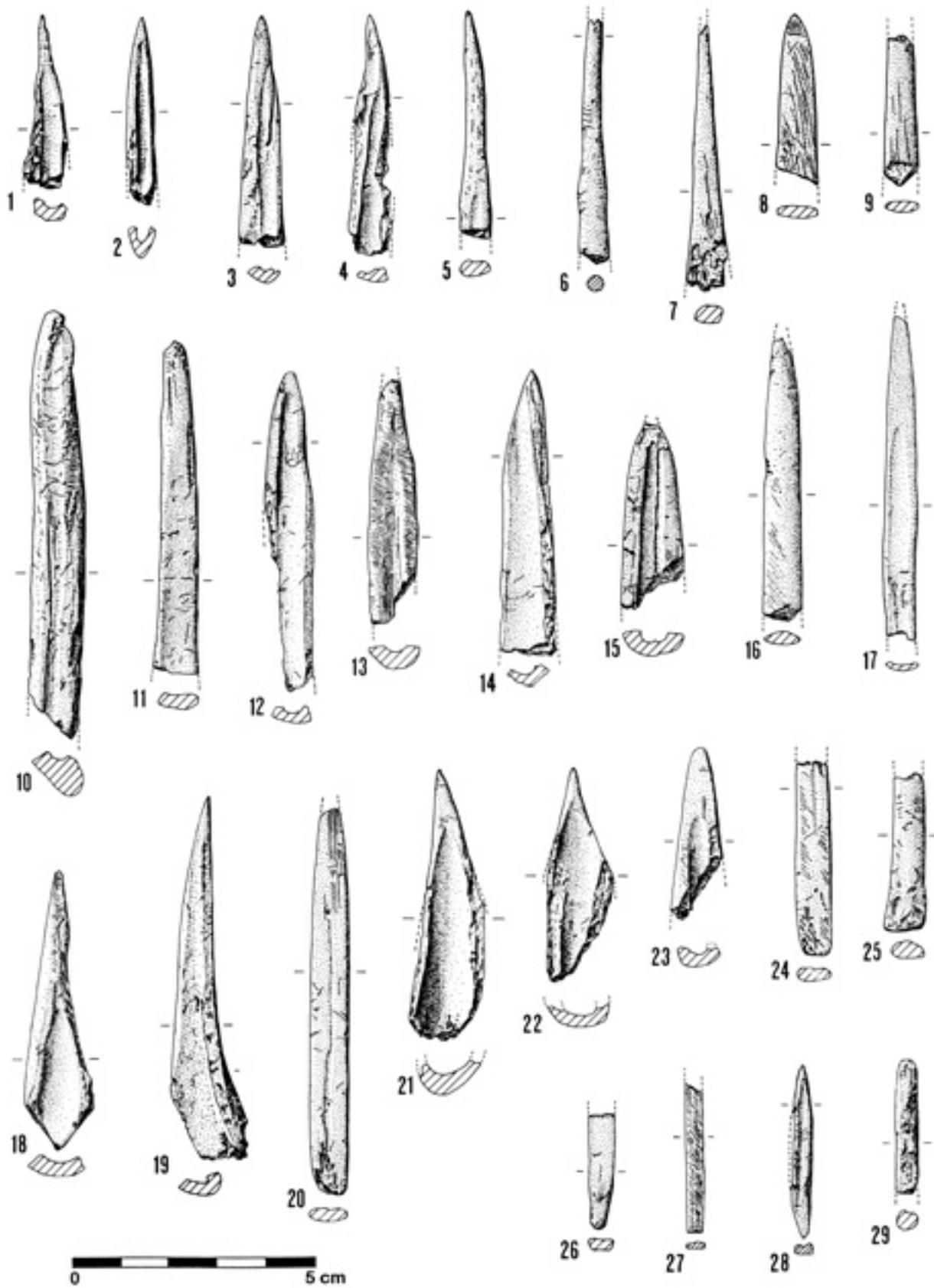


Fig. 5 - Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 3 (Calcolítico Inicial): 1 a 17, 24 a 29 - agulhas/sovelas; 18, 19, 21 a 23 - furadores sobre esquirolas de ossos longos.

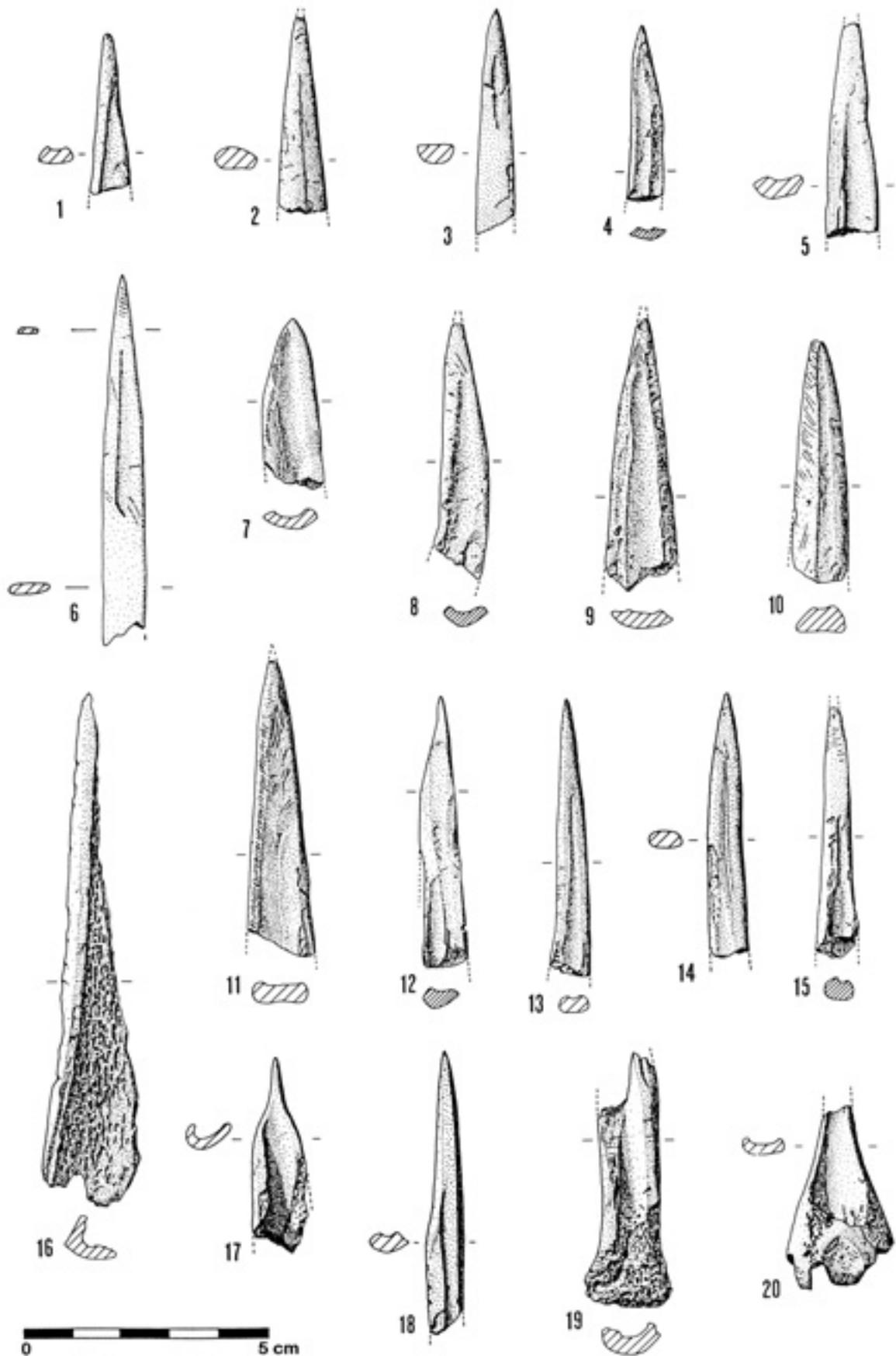


Fig. 6 - Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 3 (Calcolítico Inicial): 1 a 15 e 18 - agulhas/sovelas; 16, 17, 19 e 20 - furadores sobre esquirolas de ossos longos, dos quais apenas o n.º 20 é identificável (tíbia de *Ovis/Capra*).

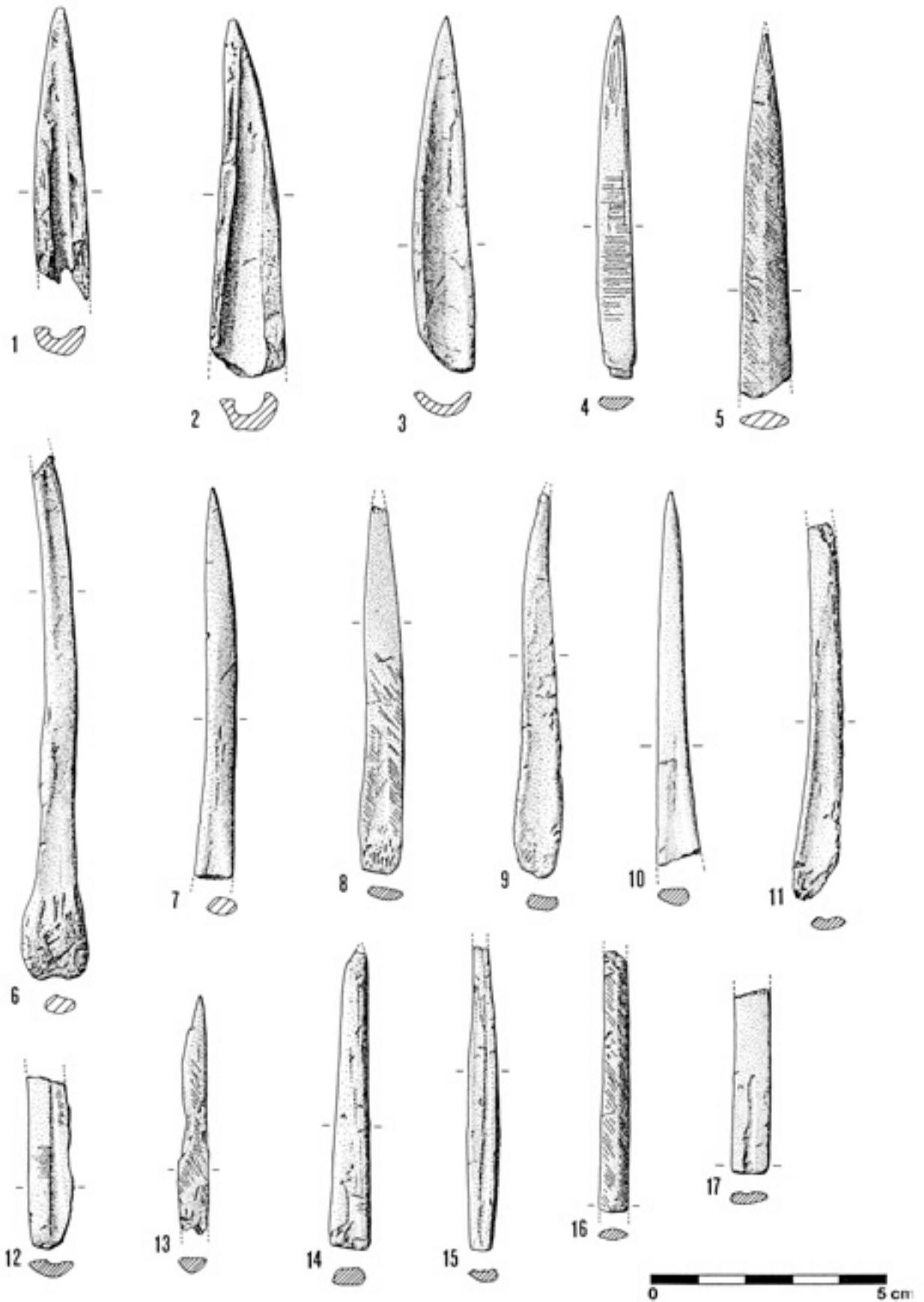


Fig. 7 – Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 3 (Calcolítico Inicial): 1, 3 e 17 - agulhas/sovelas; 2 - furador sobre esquirola de osso longo.

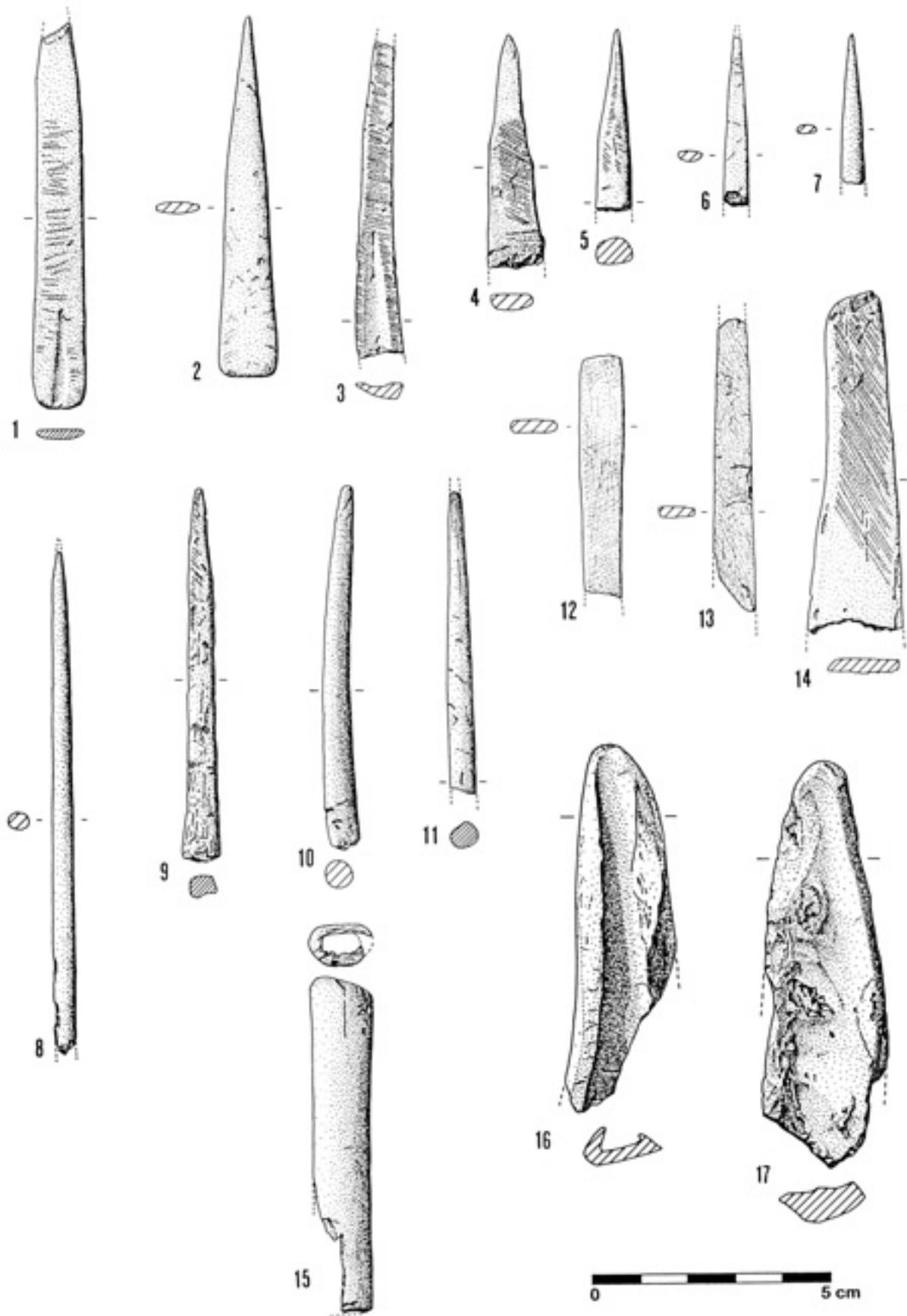


Fig. 8 - Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 3 (Calcolítico Inicial): 1 a 11 - agulhas/sovelas; 12 a 14 - espátulas; 15 - cabo; 16 e 17 - furadores sobre esquirolas de ossos longos de grandes dimensões.

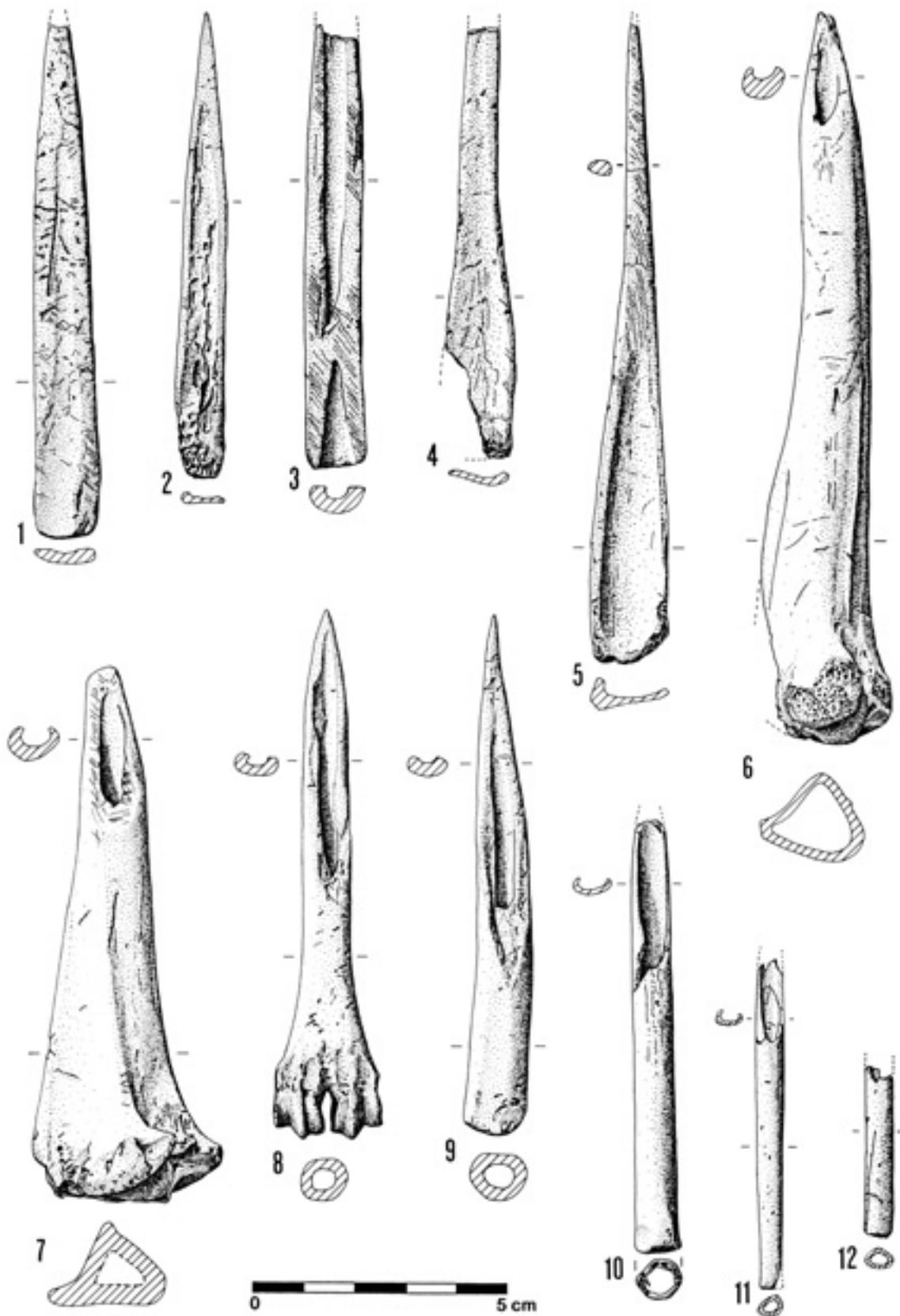


Fig. 9 - Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 3 (Calcolítico Inicial):1 a 5 - agulhas/sovelas; 6 e 7 - furadores sobre tibia de *Ovis/Capra* seccionados obliquamente na diáfise; 8 - furador sobre metápodo de *Ovis/Capra* seccionado obliquamente na diáfise; 10 e 11 - furadores/lancetas sobre ossos longo de ave; 12 - tubo (ou furador incompleto ?) em osso longo de ave.

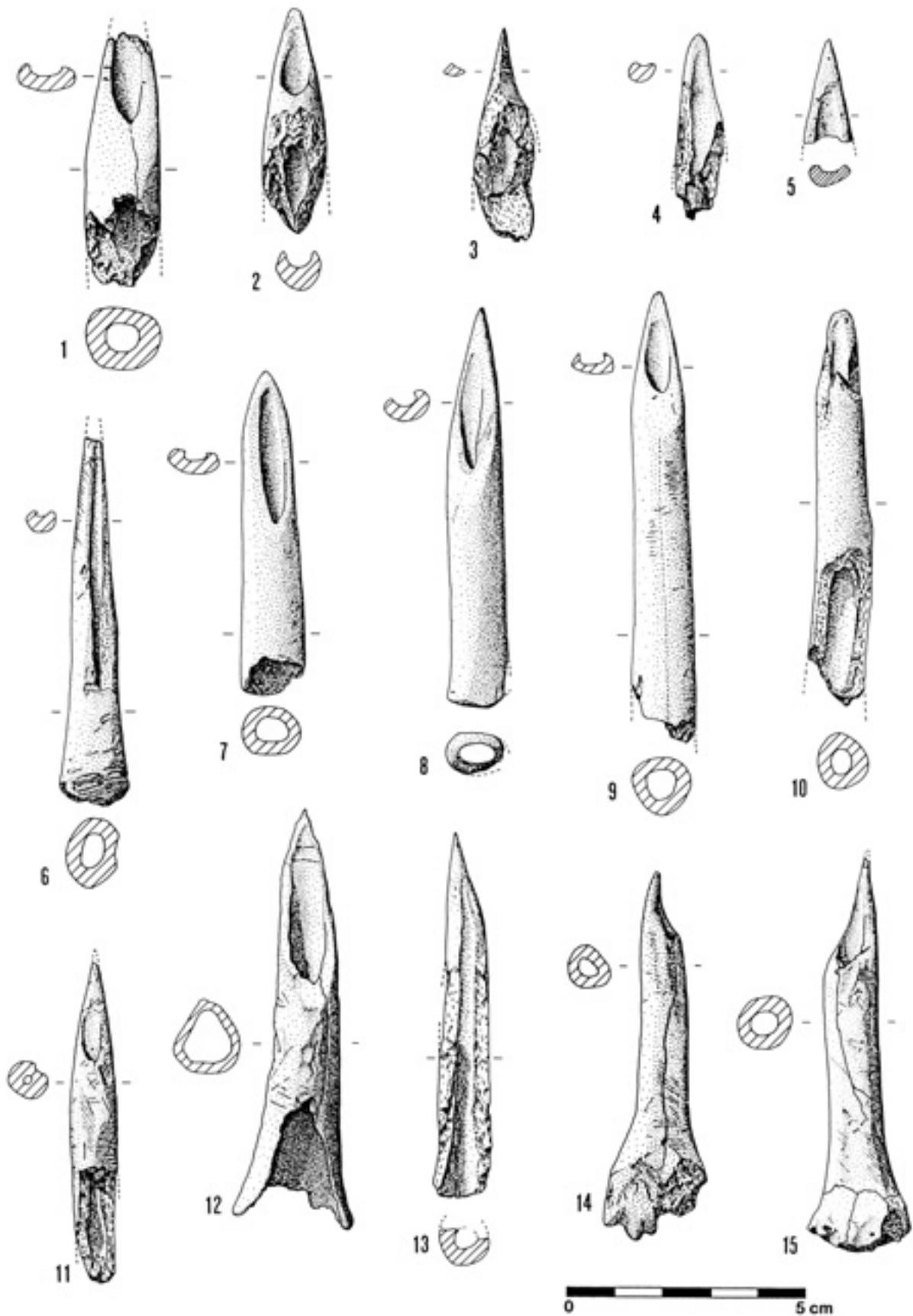


Fig. 10 – Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 3 (Calcolítico Inicial): furadores sobre ossos longos de *Ovis/Capra* seccionados obliquamente na diáfise. 12, sobre tibia; 14, sobre metápodo; os restantes, de classificação incerta.

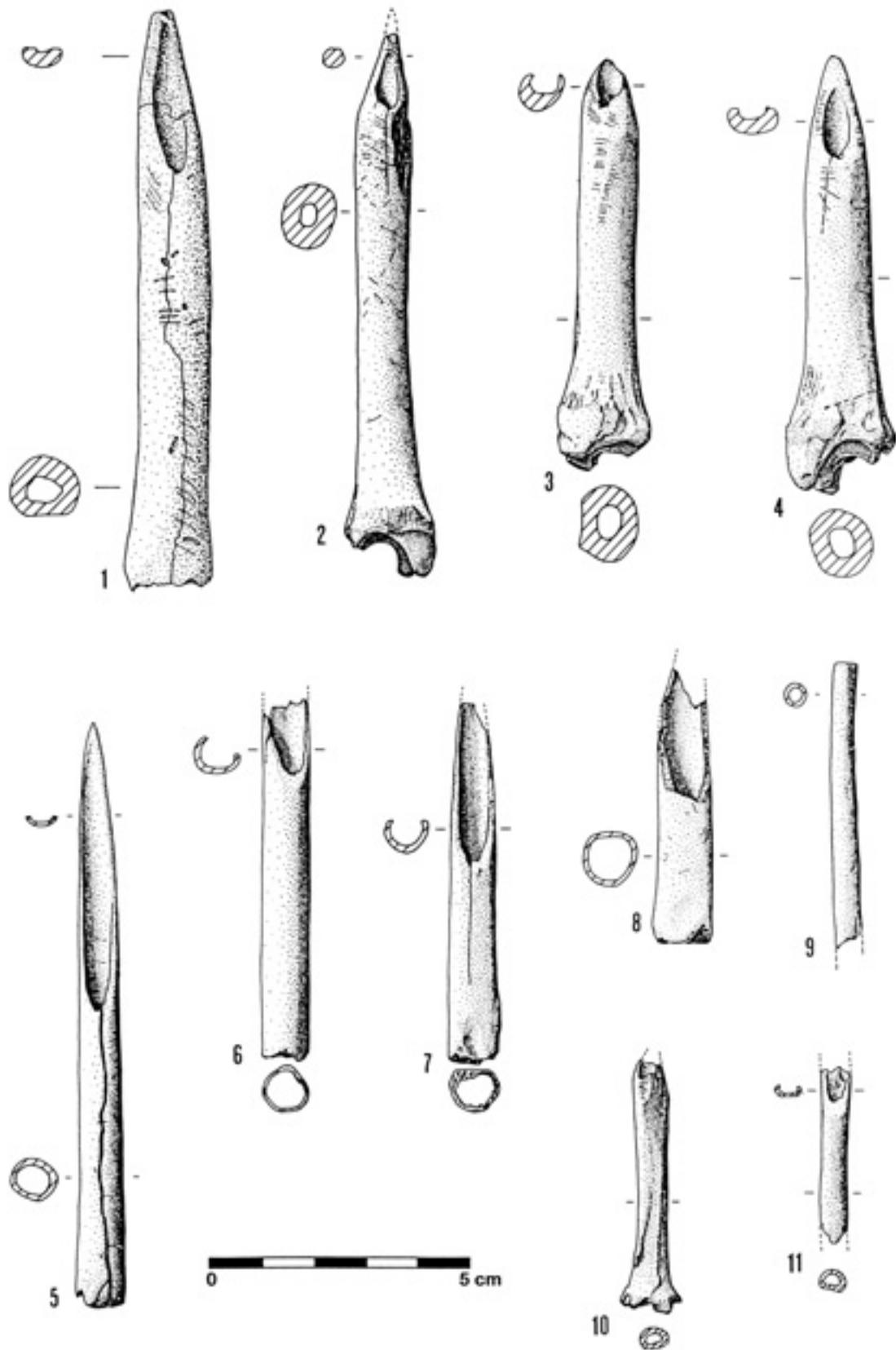


Fig. 11 – Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 3 (Calcolítico Inicial): 1 a 5 - furadores sobre ossos longos de *Ovis/Capra* seccionados obliquamente na diáfise, sendo os n.º 2 a 4 sobre tíbia; 5 a 8 e 11 - furadores/lancetas sobre ossos longos de ave, seccionados obliquamente na diáfise, sendo o n.º 9 sobre ulna de *Sula bassana*; 9 - tubo (ou furador incompleto ?) sobre rádio de *Sula bassana*; 10 - furador sobre tíbia de *Oryctolagus cuniculus*.



Fig. 12 - Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 3 (Calcolítico Inicial): 1 a 9 - furadores sobre ossos longos de *Ovis/Capra* seccionados obliquamente na diáfise, sendo os n.º 6 e 8 sobre tíbia; 10 a 14 - cabos sobre diáfises de ossos longos de *Ovis/Capra*, seccionados transversalmente.

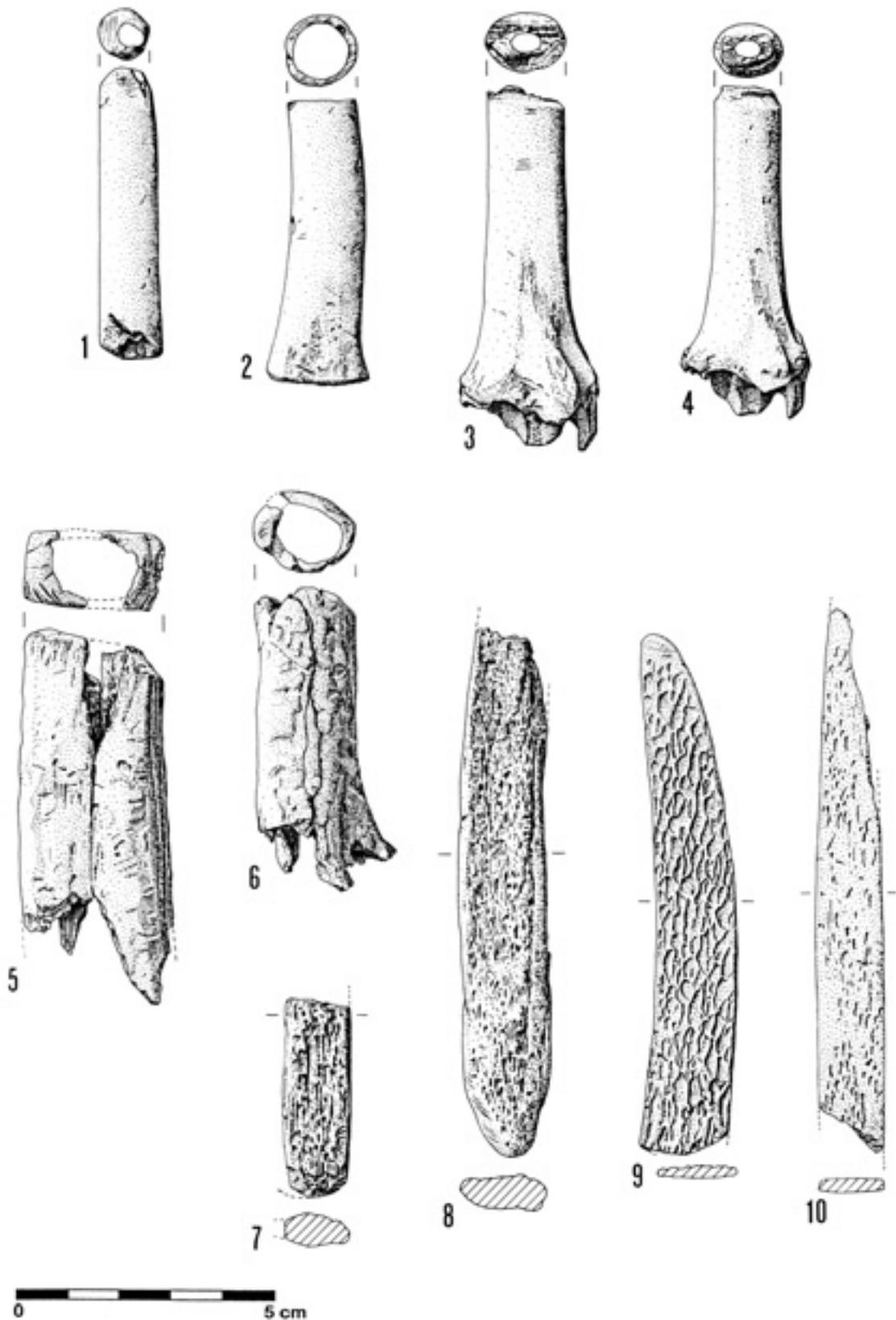


Fig. 13 – Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 3 (Calcolítico Inicial): 1 a 4 e 6 - cabos sobre diáfises de ossos longos de *Ovis/Capra*, seccionados transversalmente numa ou em ambas as extremidades, sendo os n.º 3, 4 e 6 sobre tíbias; 5 - cabo sobre segmento de haste de cervídeo; 7 e 8 - cabos fracturados longitudinalmente sobre segmentos de hastes de cervídeo; 9, 10 - espátulas sobre tábuas de osso polidas.

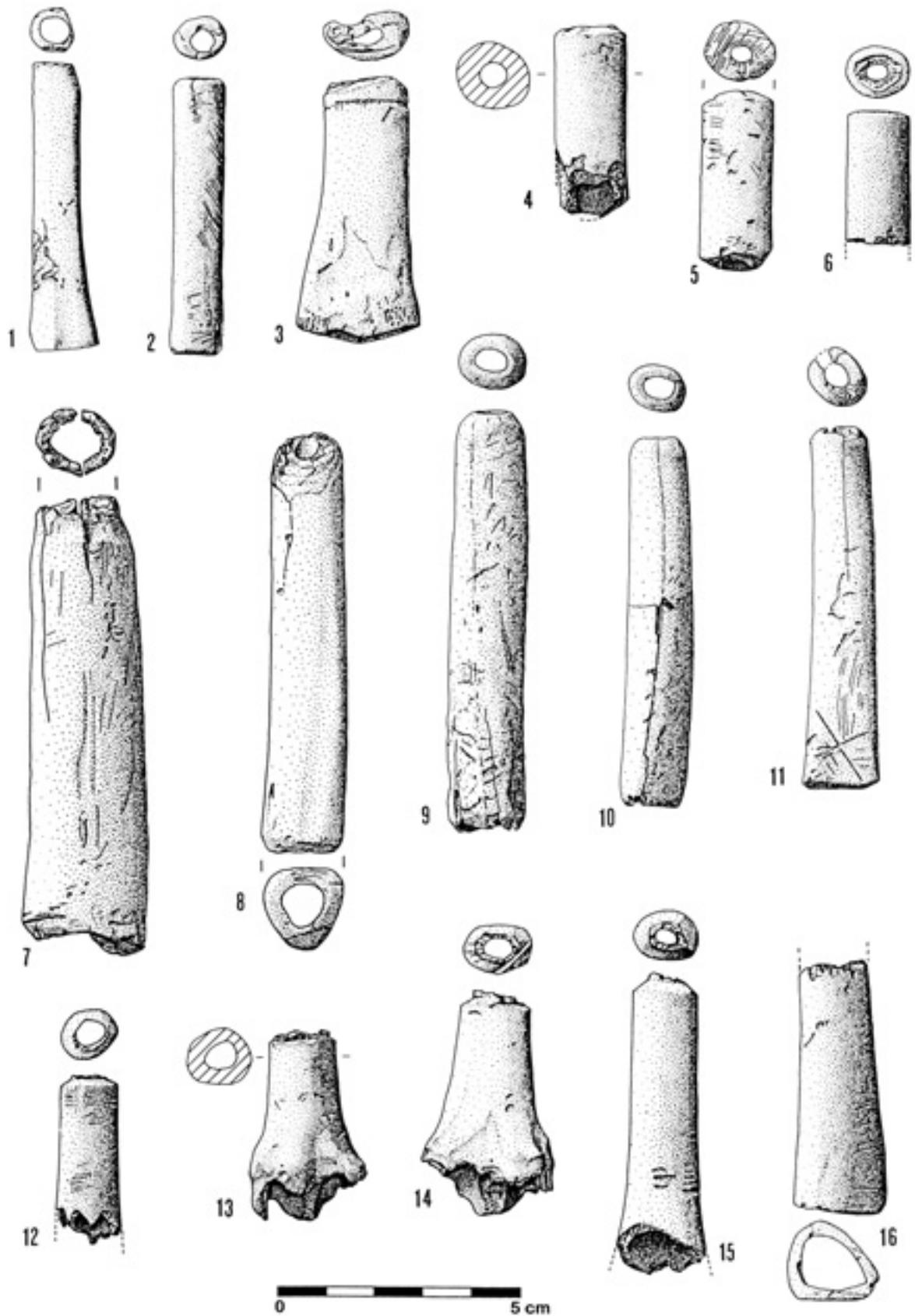


Fig. 14 – Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 3 (Calcolítico Inicial): 1 a 6 e 8 a 16 - cabos sobre diáfises de ossos longos de *Ovis/Capra*, seccionados transversalmente numa ou em ambas as extremidades sendo os n.º 13, 14 e 16 são sobre tíbia; 7 - cabo sobre segmento de haste de cervídeo regularizada e polida.

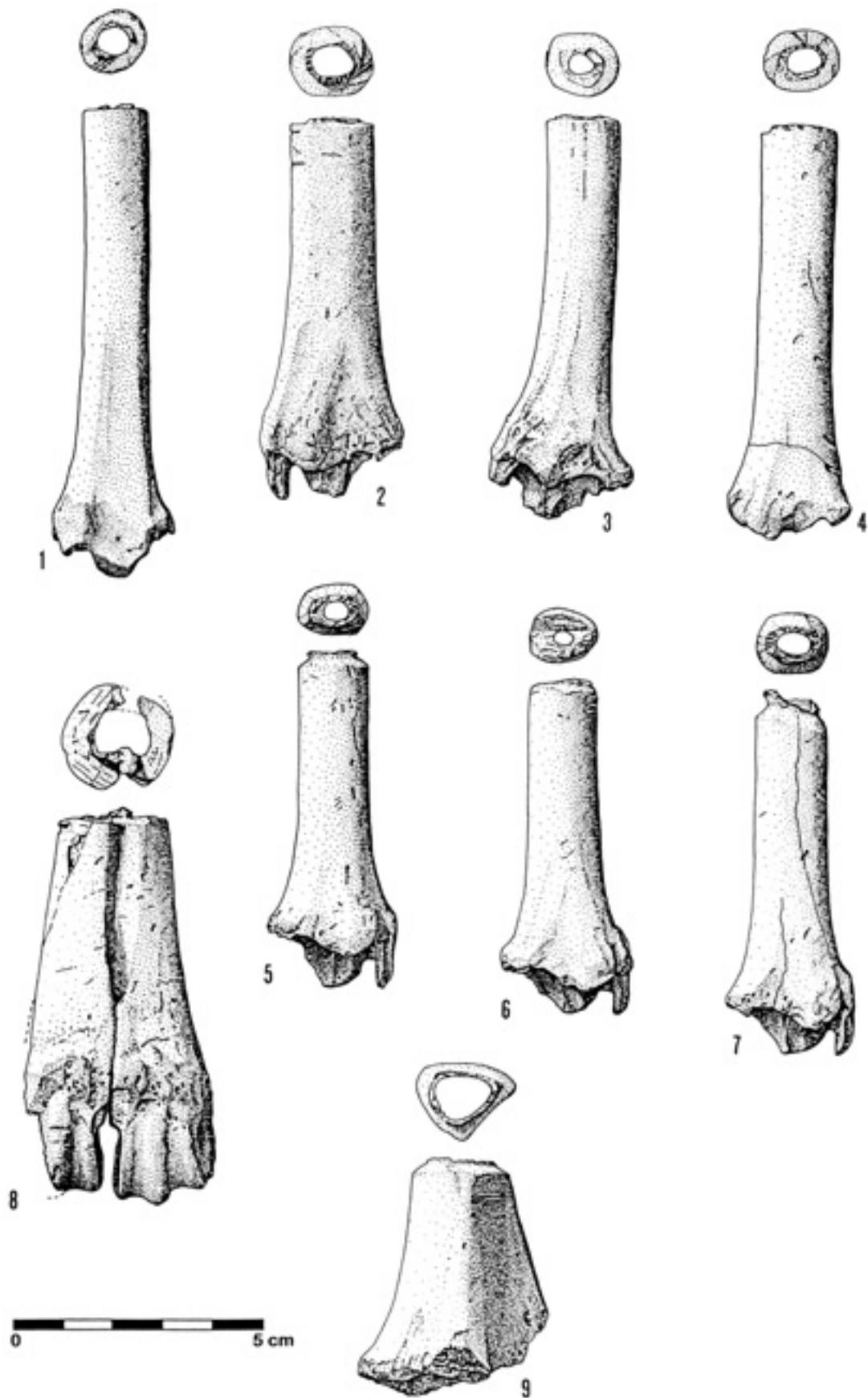


Fig. 15 - Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 3 (Calcolítico Inicial): cabos sobre diáfises de tíbia de *Ovis/Capra*, com exceção do n.º 9, sobre metápodo de *Cervus*, seccionados transversalmente numa das extremidades.

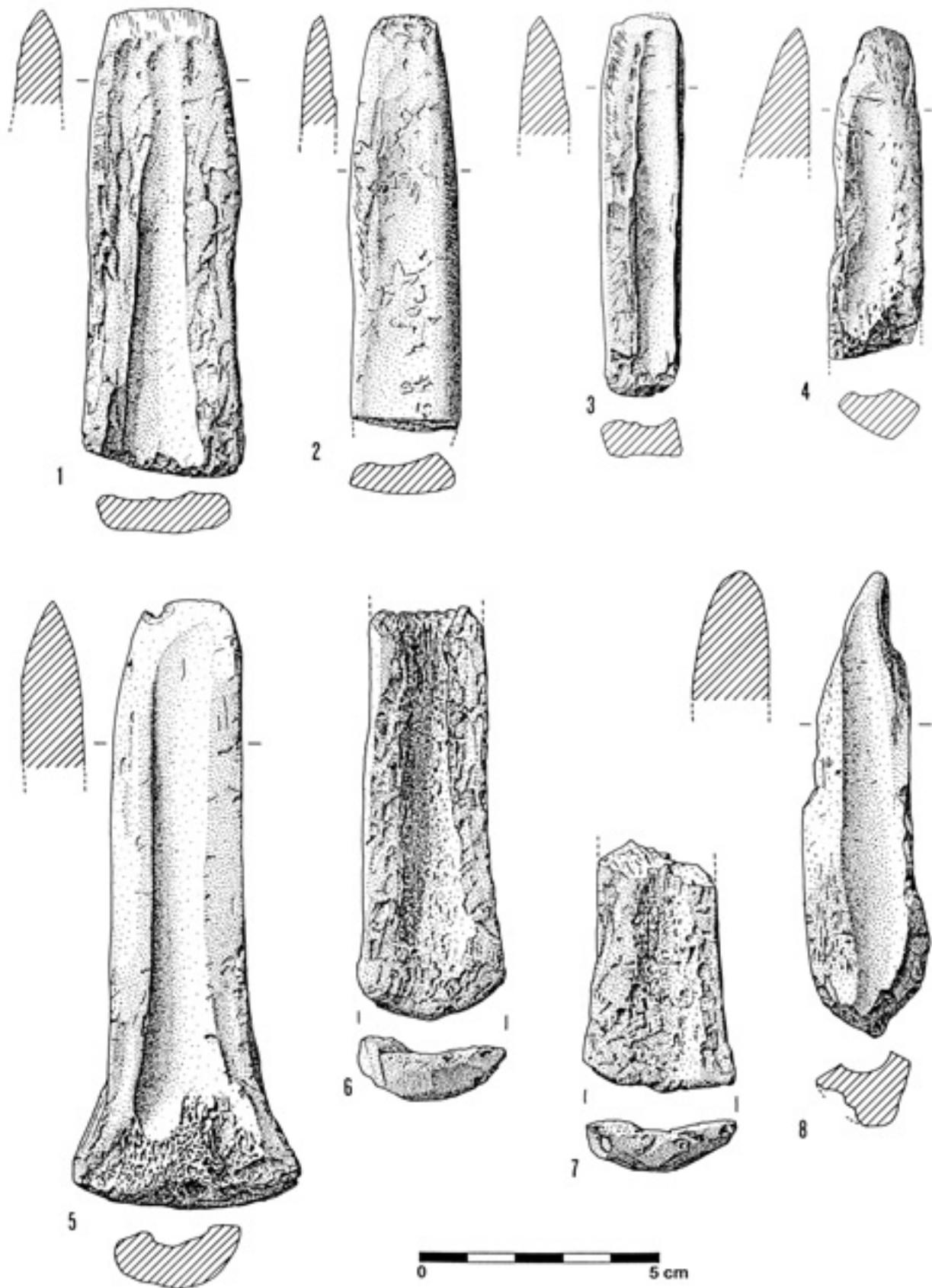


Fig. 16 – Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 3 (Calcolítico Inicial): 1 a 5 - formões sobre esquirolas de ossos longos de grandes dimensões; 6 e 7 - fragmentos do mesmo cabo, em segmento de haste de cervídeo; 8 - furador sobre esquirola de osso longo de grandes dimensões.

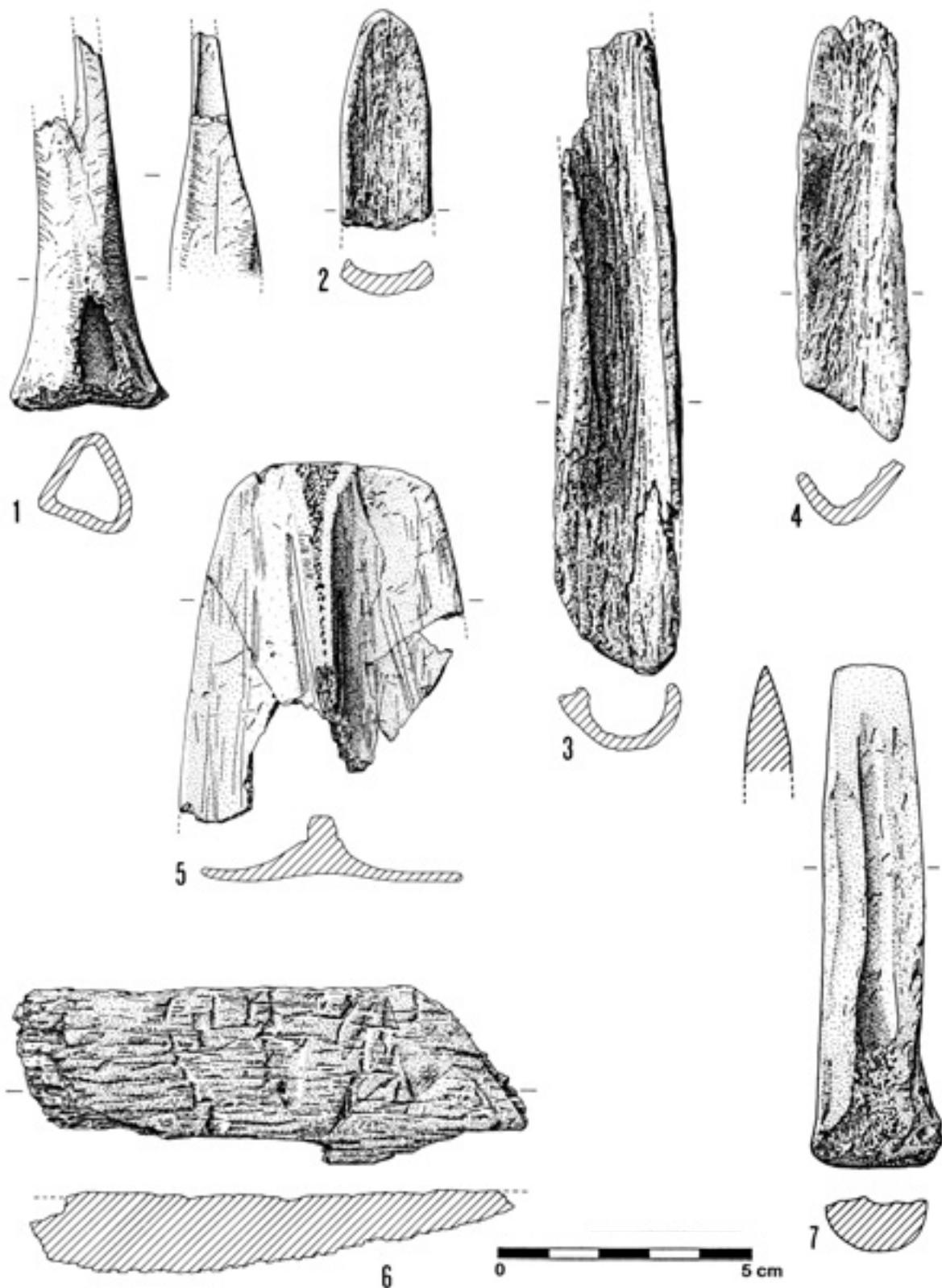


Fig. 17 – Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 3 (Calcolítico Inicial): 1 - ponta bifida (pente de fiação ? cabo ?); 2 a 4 - alisadores/brunidores sobre esquirolas de armação de cervídeo; 5 - espátula sobre omoplata; 6 - bigorna sobre fragmento de costela de cetáceo; 7 - formão sobre esquirola de osso longo de grandes dimensões.

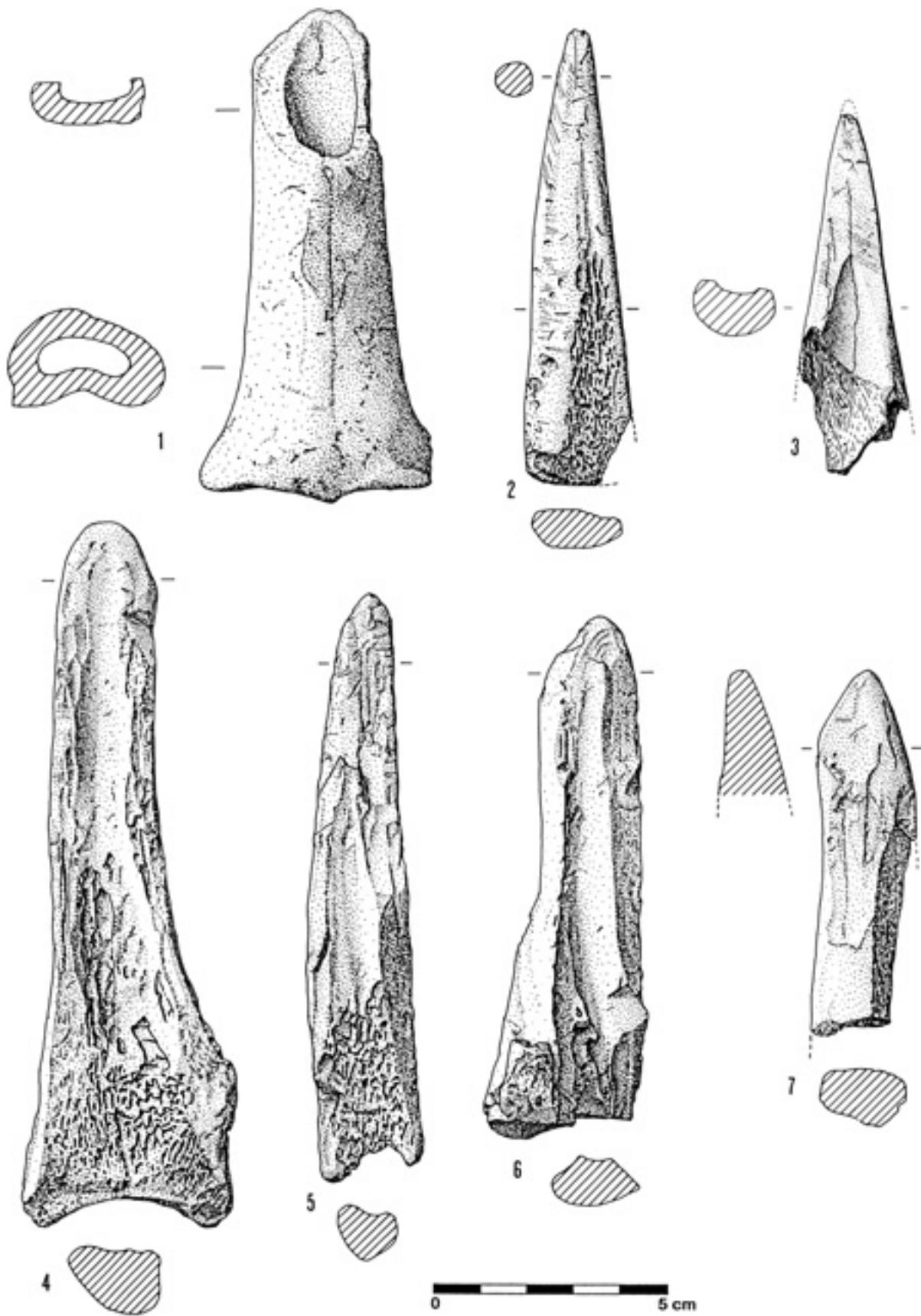


Fig. 18 - Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 3 (Calcolítico Inicial): 1 - formão obtido por secção obliquo de metápodo de *Bos*; 2 e 3 - furadores sobre esquirolas de ossos longos de grandes dimensões, 4 a 7 - alisadores/brunidores sobre esquirolas de ossos longos de grandes dimensões.

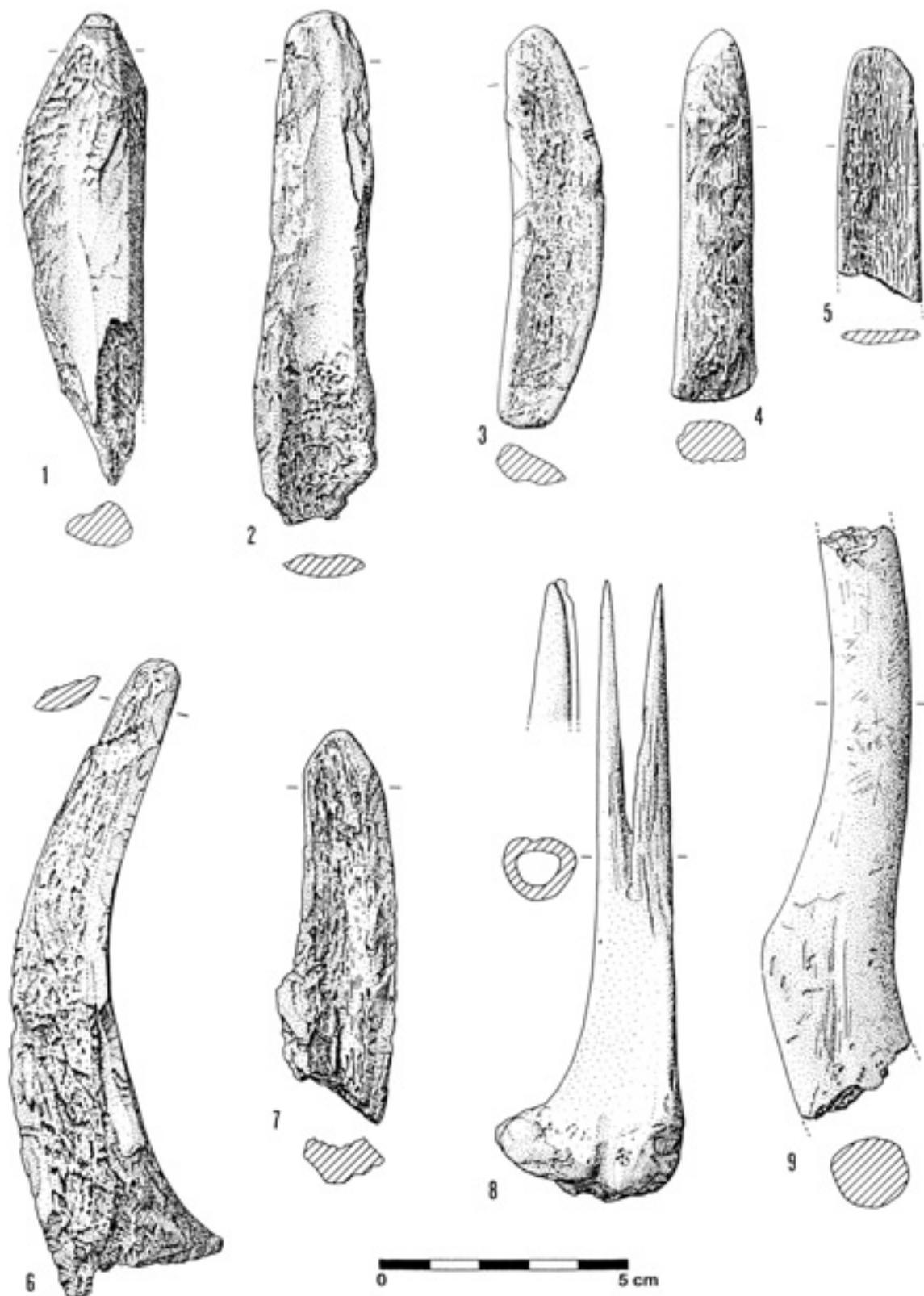


Fig. 19 – Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 3 (Calcolítico Inicial): 1 a 4, 6 e 7 - alisadores brunidor sobre esquirolas de ossos longos de grandes dimensões ou de hastes de cervídeo; 5 - espátula sobre esquirola de osso longo; 8 - ponta bífida (pente de fiação ? cabo ?) sobre tibia de *Ovis/Capra*; 9 - peça indeterminada sobre segmento de haste de cervídeo totalmente polida.

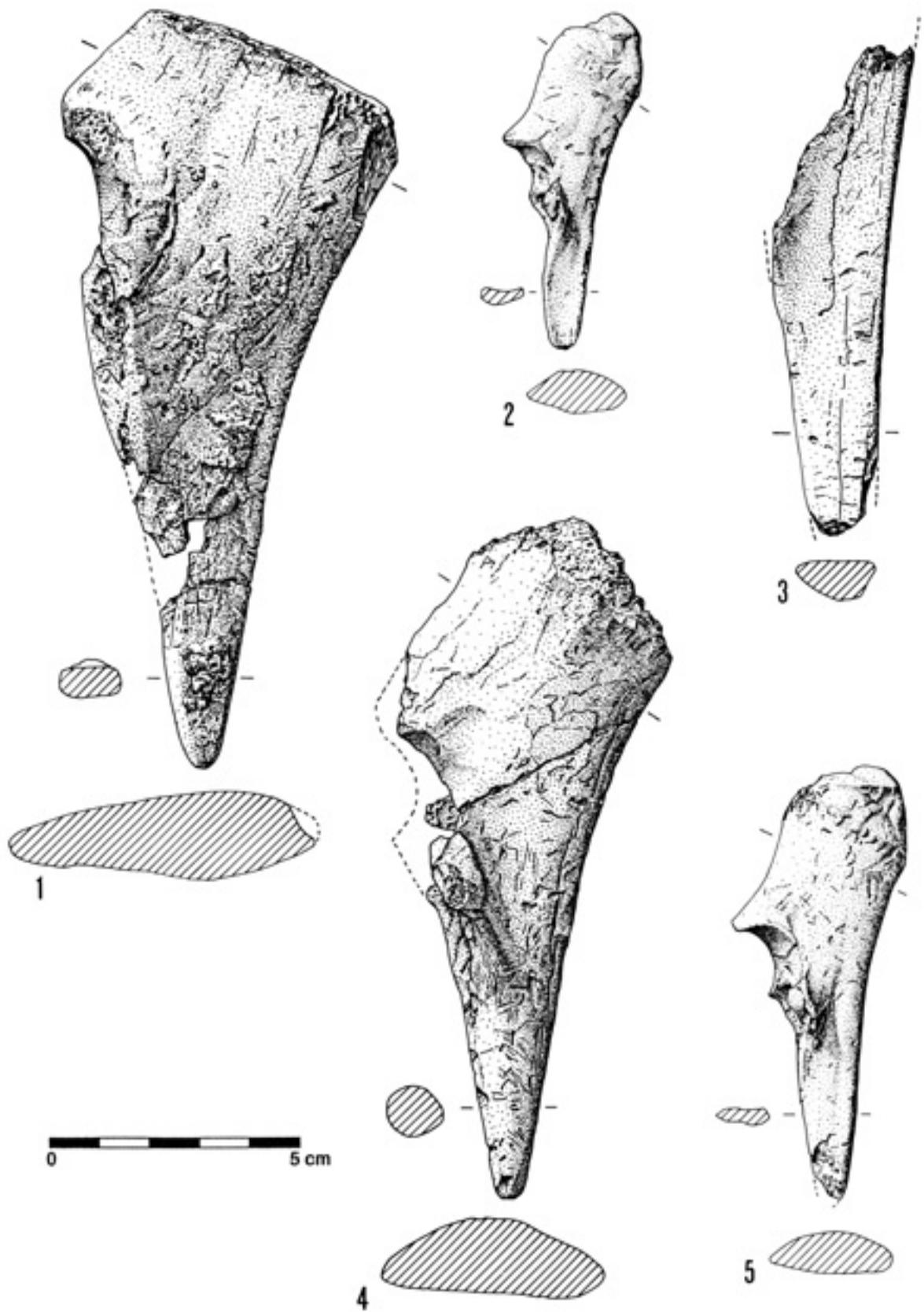


Fig. 20 - Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 3 (Calcolítico Inicial): 1, 3 e 4 - furadores (ou punhais ?) sobre cúbitos de *Bos*; o n.º 1 é de *Bos* cf. *primigenius*; 2 e 5 - furadores sobre cúbitos de *Capra/Ovis*.

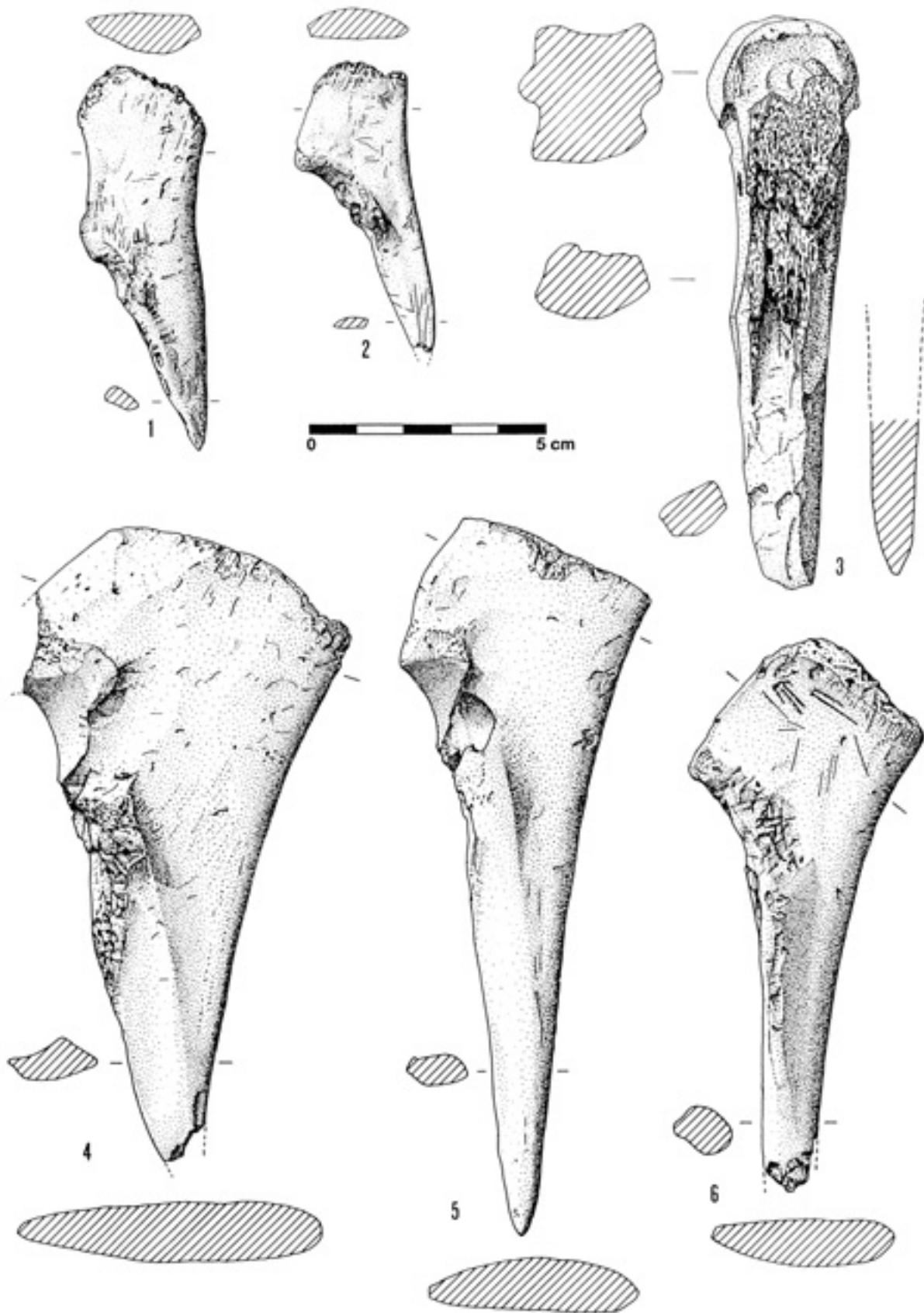


Fig. 21 - Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 3 (Calcolítico Inicial): 1, 2 - furadores sobre cúbitos de *Capra/Ovis*; 3 - formão sobre esquirola de osso longo de grandes dimensões (metápodo de *Bos* seccionado longitudinalmente); 4 a 6 - furadores (ou punhais?) sobre cúbitos de *Bos*; o n.º 4 é de *Bos cf. primigenius*.

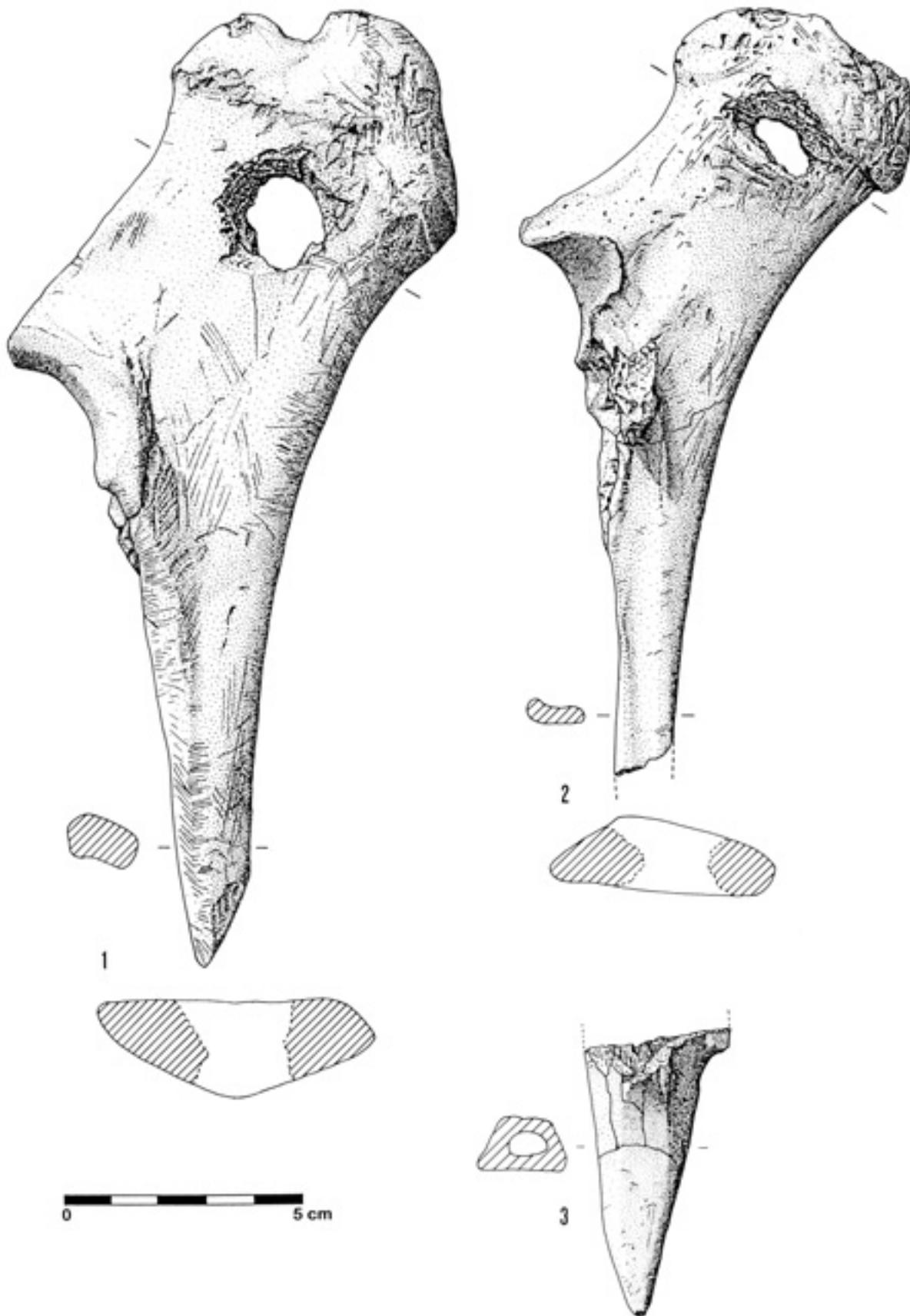


Fig. 22 - Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 3 (Calcolítico Inicial): furadores (ou punhais ?) sobre cúbitos de *Bos*, possuindo os nº. 1 e 2 perfurações no olecrânio.

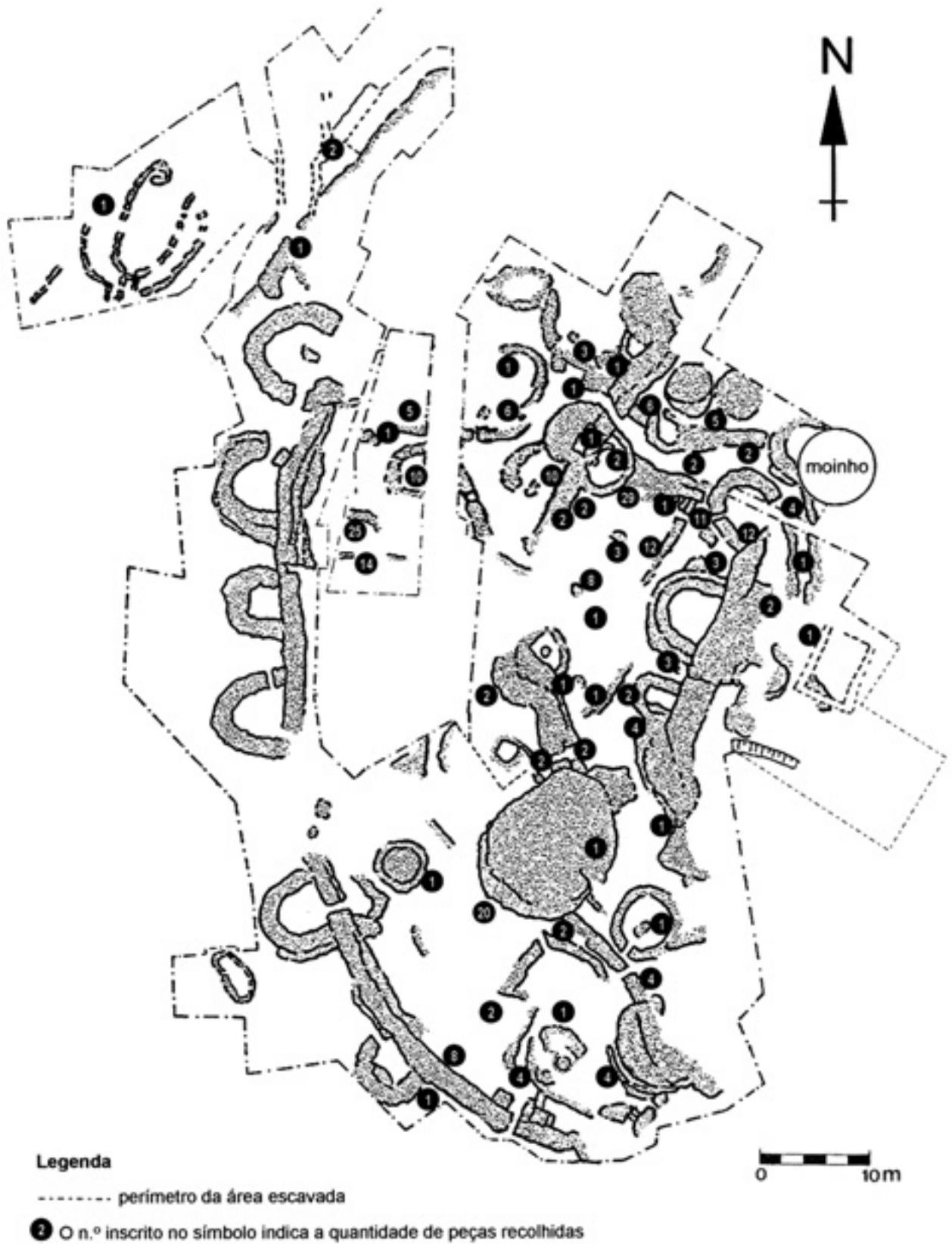


Fig. 23 – Leceia. Distribuição da utensilagem óssea de uso comum na Camada 2 (Calcolítico Pleno).

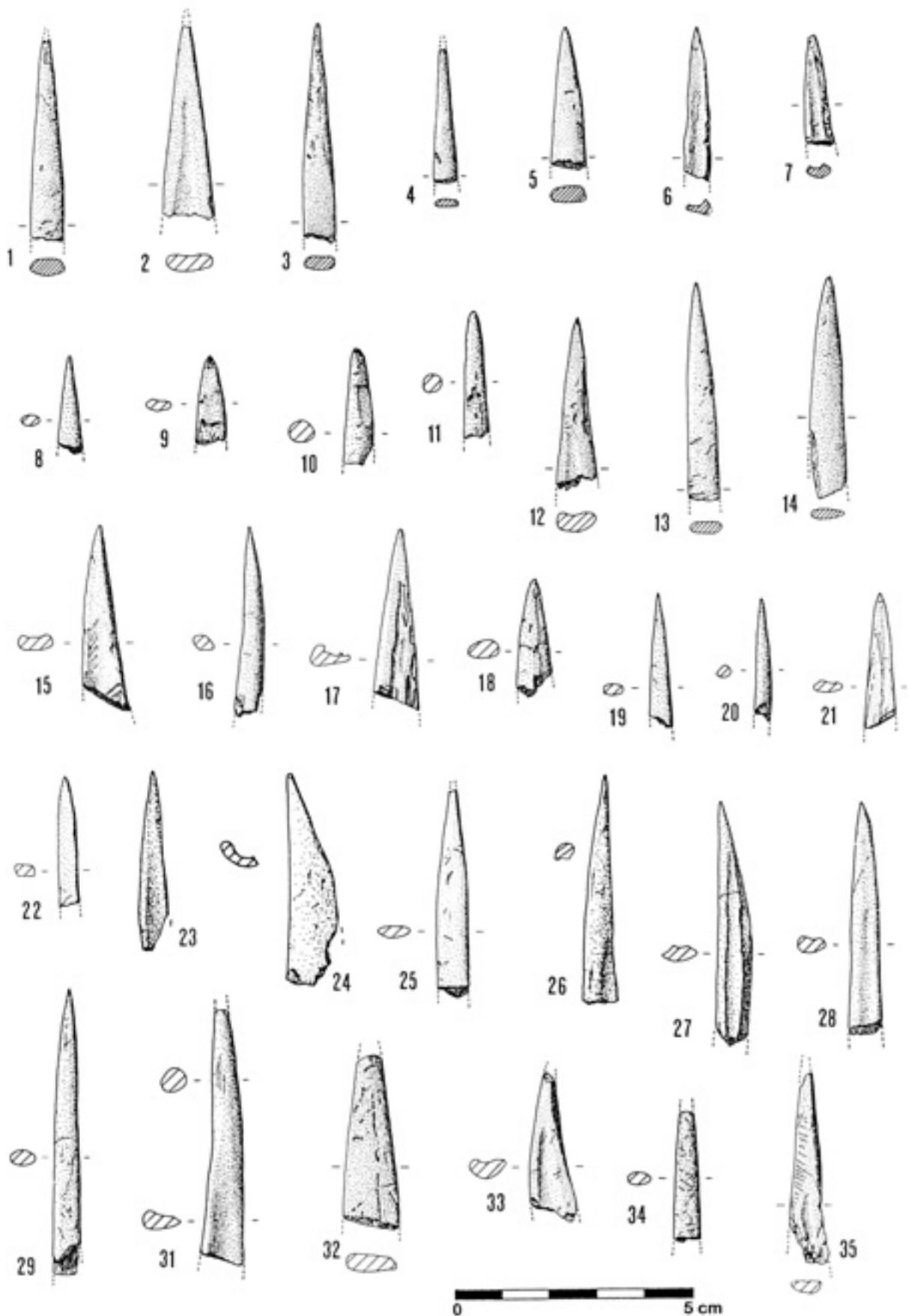


Fig. 24 – Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 2 (Calcolítico Pleno): 1 a 35 - agulhas/sovelas.

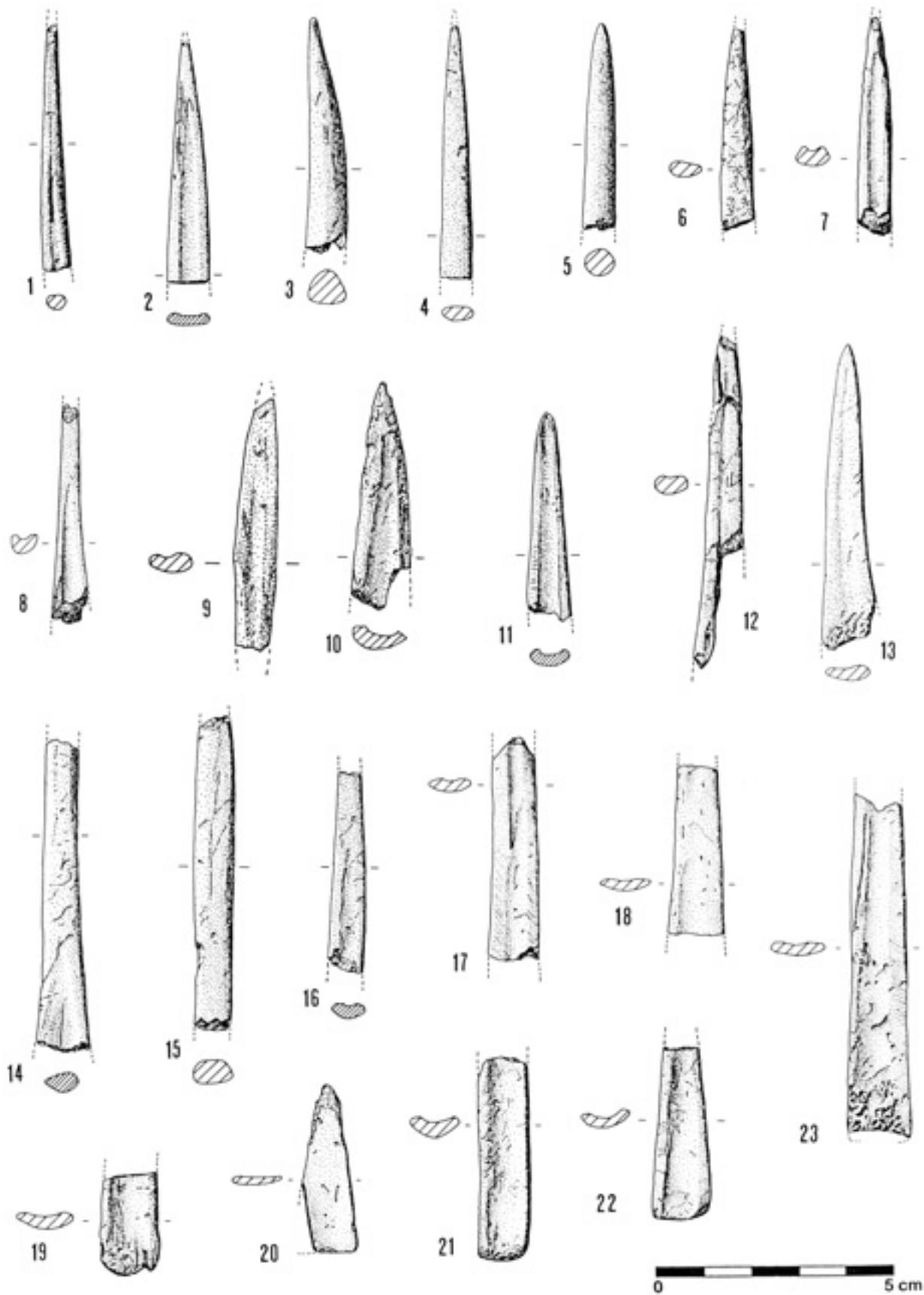


Fig. 25 – Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 2 (Calcolítico Pleno): 1 a 23: agulhas/sovelas.



Fig. 26 – Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 2 (Calcolítico Pleno): 1 a 17 - agulhas/sovelas; note-se, pelas suas características únicas, o exemplar nº. 16, com ponta recurvada aproveitando a morfologia natural de muralha externa de defesa inferior de javali. Também o exemplar nº. 15 aproveita uma esquirola de defesa de javali.

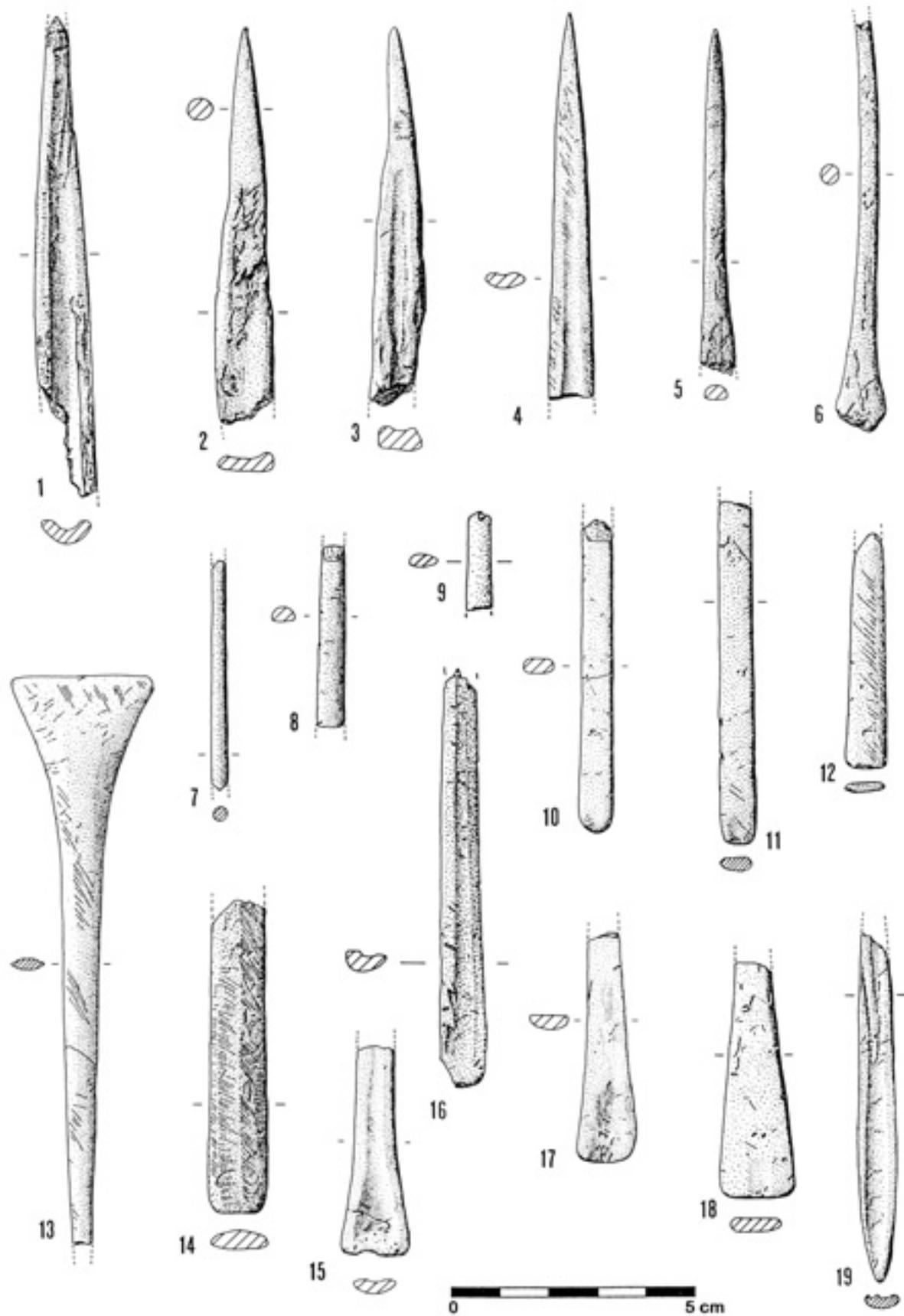


Fig. 27 – Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 2 (Calcolítico Pleno): 1 a 12, 14 a 19 - agulhas/sovelas; 13 - espátula em extremidade de haste finamente polida.

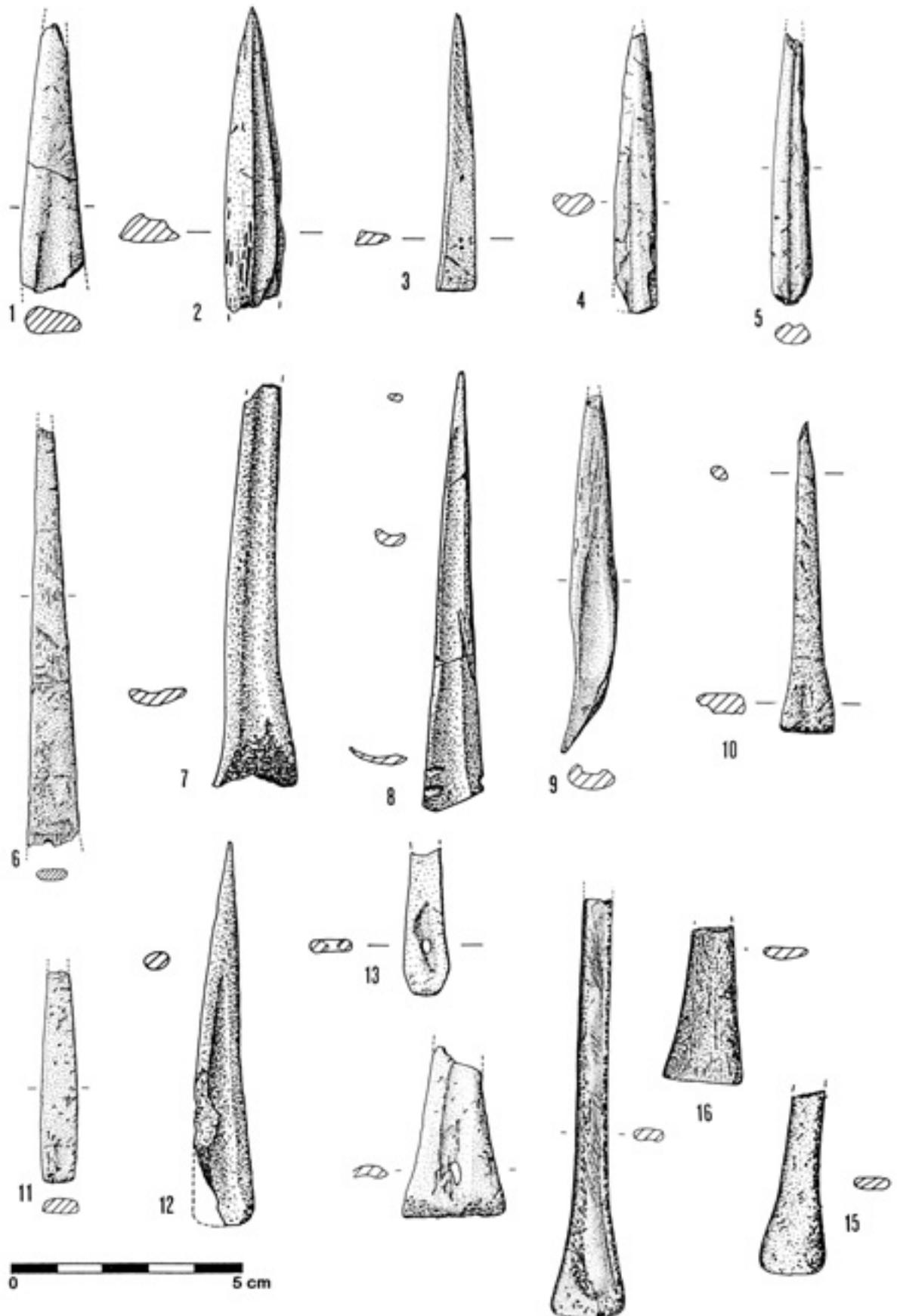


Fig. 28 - Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 2 (Calcolítico Pleno): 1 a 17: agulhas/sovelas; notar a existência de perfurações basais, para passar o fio, nos n.º 13 e 14.

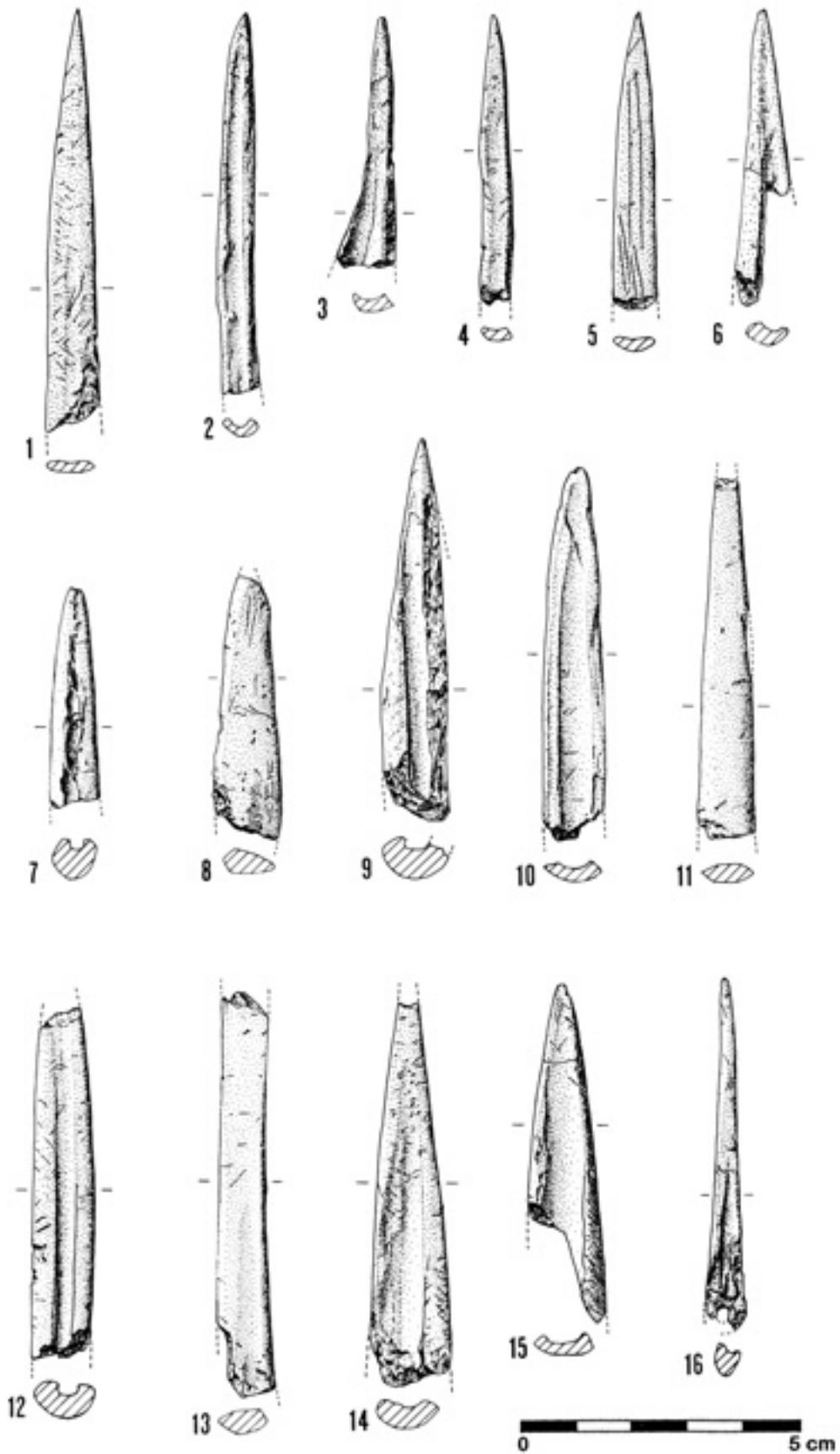


Fig. 29 – Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 2 (Calcolítico Pleno): 1 a 16: agulhas/sovelas; notar a existência de perfuração basal, para passar o fio, no n.º 16.

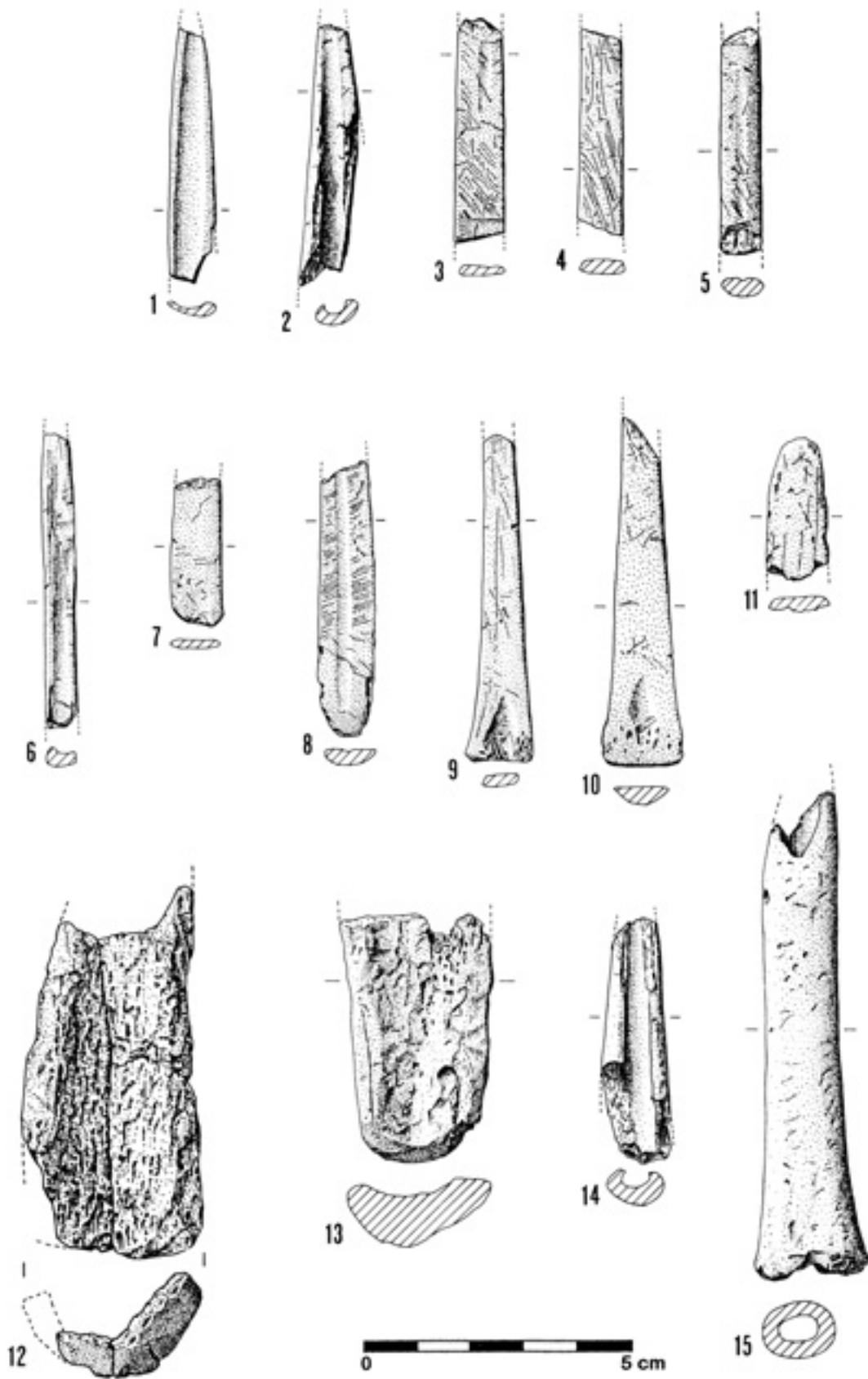


Fig. 30 - Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 2 (Calcolítico Pleno): 1 a 10 - agulhas/sovelas; 11 - espátula; 14 e 15 - furadores diversos; 12 e 13 - fragmentos indeterminados.

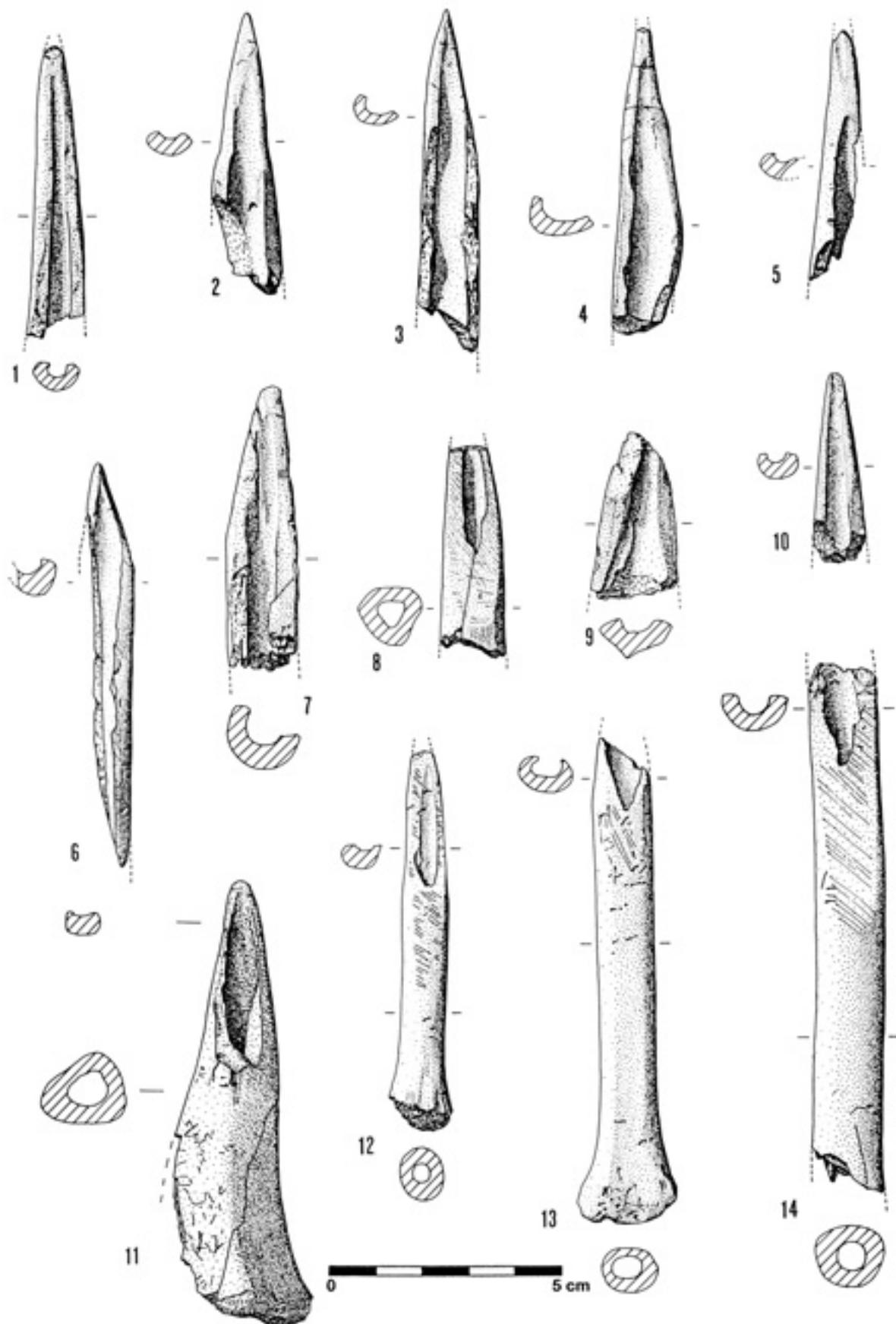


Fig. 31 – Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 2 (Calcolítico Pleno): 1 a 14 - furadores em esquirolas de ossos longos seccionados longitudinalmente ou obliquamente, na diáfise. Os nº. 11 e 13, são sobre tíbias de *Ovis/Capra*.

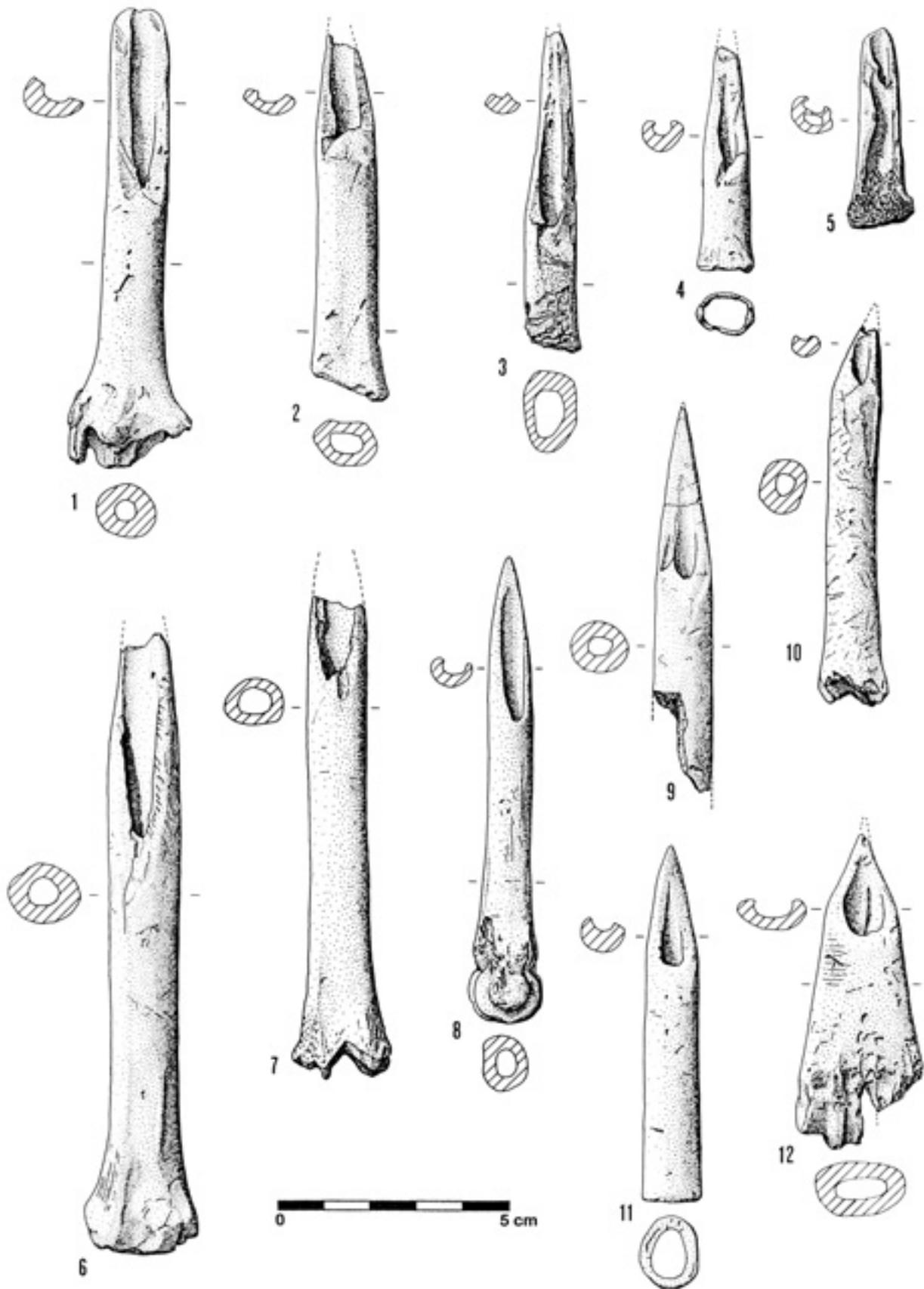


Fig. 32 – Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 2 (Calcolítico Pleno): 1 a 4; 6 a 12 - furadores em ossos longos de *Ovis/Capra* seccionados obliquamente na diáfise, conservando ou não uma das extremidades articulares; n.º. 1, 6 e 7 sobre tíbias; n.º. 8 e 12 sobre metápodos; 5 - furador em esquirola de osso longo seccionado longitudinalmente.

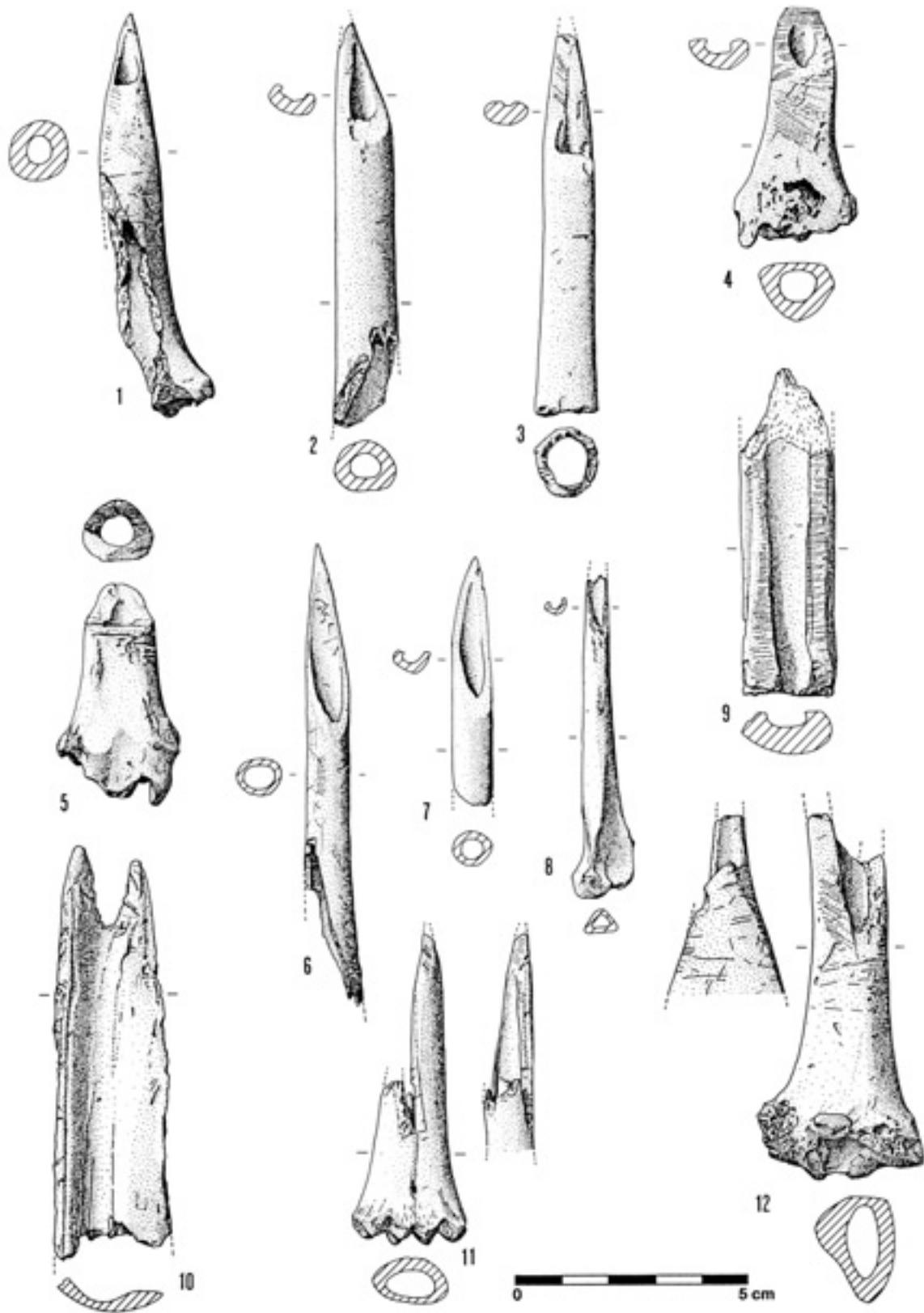


Fig. 33 – Luceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 2 (Calcolítico Pleno): 1 a 5 - furadores em ossos longos de *Ovis/Capra* seccionados obliquamente na diáfise, conservando ou não uma das extremidades articulares; n. 1, 4 e 5 sobre tíbias; 6 e 7 - furadores/lancetas sobre ossos longos de ave; n.º 6 sobre húmero de *Sula bassana*; 8 - furador sobre tíbia de leporídeo; 9 - furador sobre esquirola de osso longo seccionado longitudinalmente; 10 a 12 - pontas bífidas (pentes de fição ? cabos ?); 10, furador sobre esquirola de osso longo, seccionado longitudinalmente; 11 e 12, furadores sobre metápodo e tíbia de *Ovis/Capra*, respectivamente.

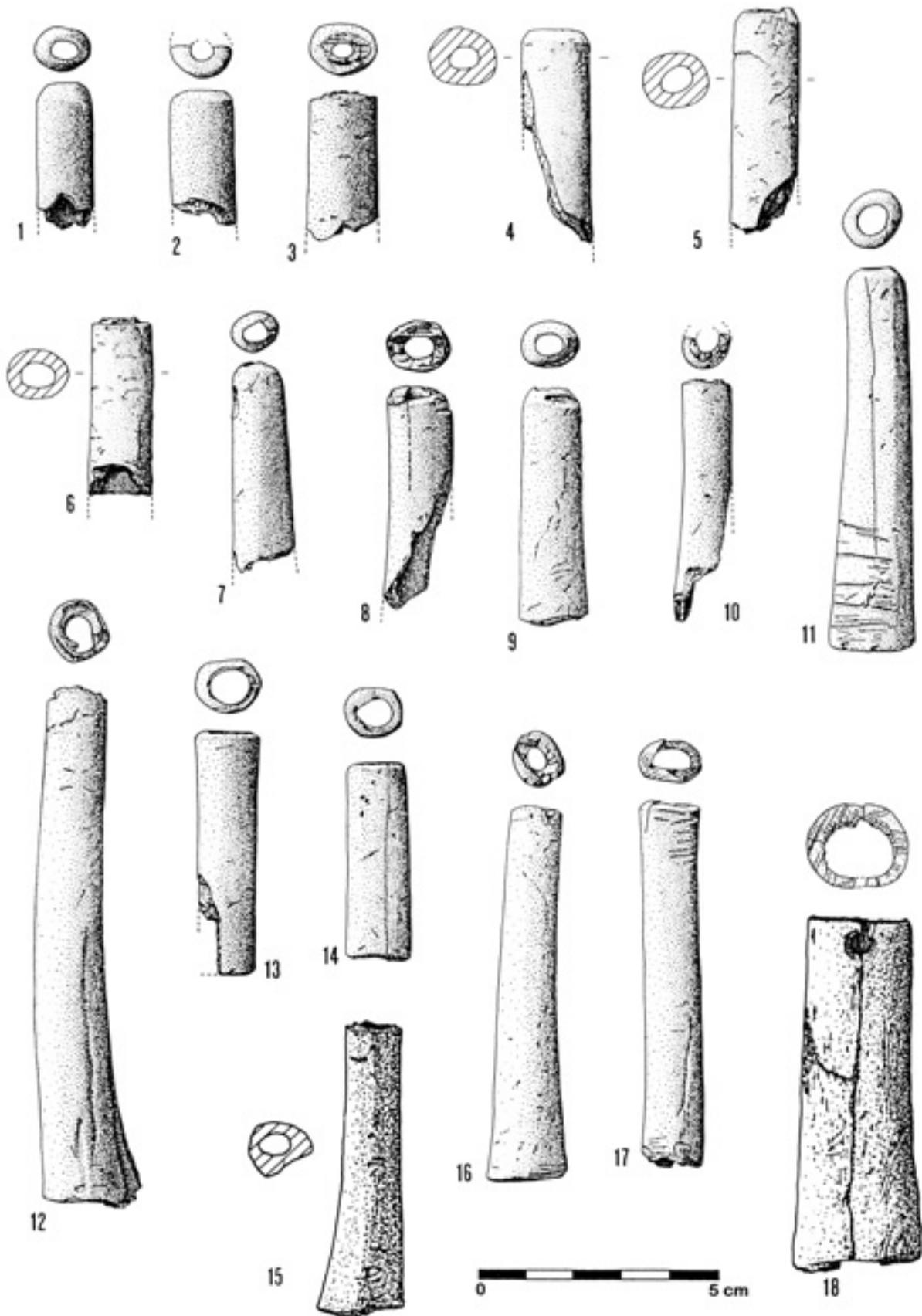


Fig. 34 – Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 2 (Calcolítico Pleno): 1 a 17 - cabos sobre ossos longos de *Ovis/Capra* seccionados em ambas as extremidades, quando completos; 18 - cabo com furo de fixação em segmento de haste de cervídeo.

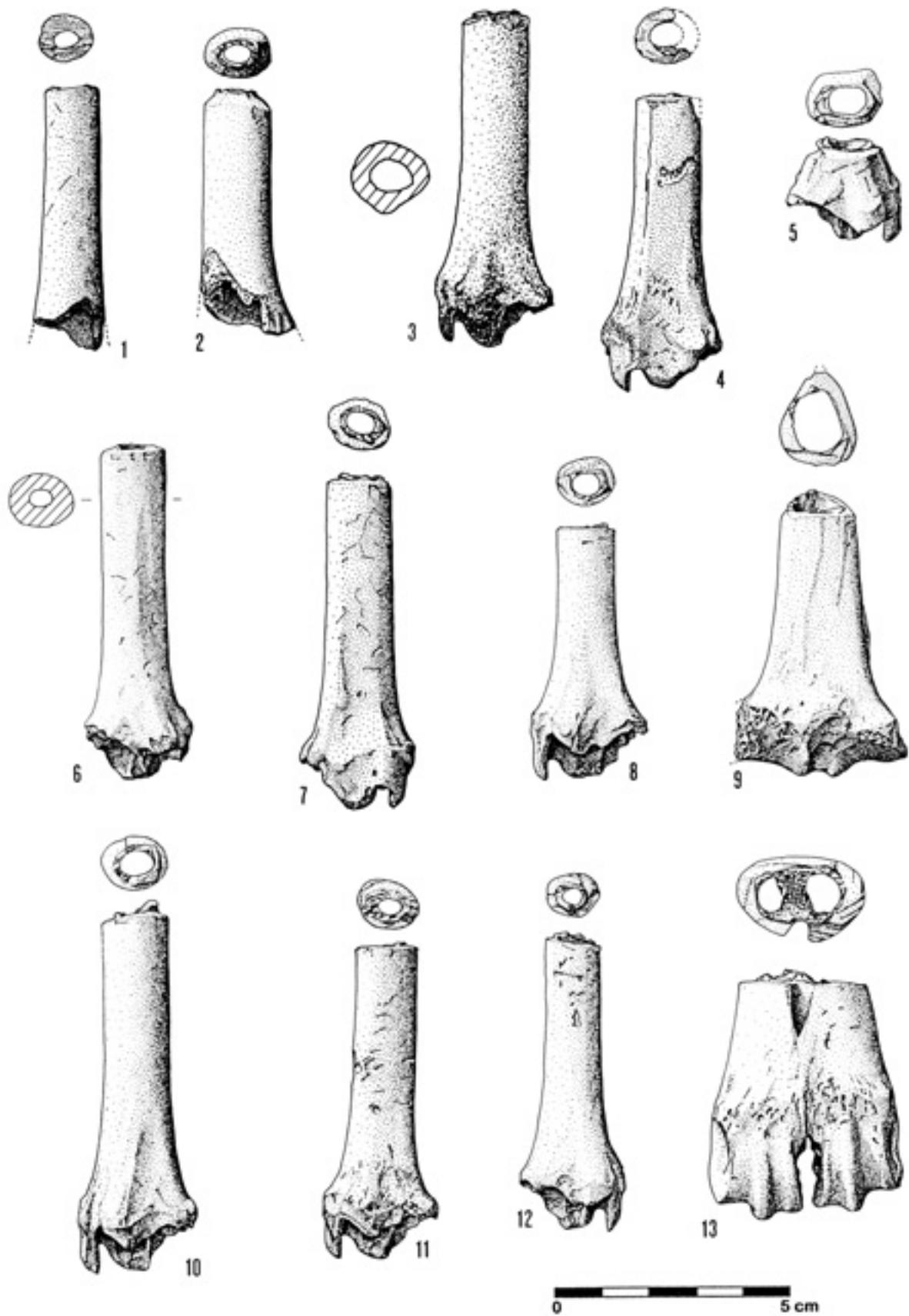


Fig. 35 - Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 2 (Calcolítico Pleno): 1 a 13 - cabos obtidos por secionamento de diáfises de ossos longos conservando uma das extremidades articulares: 1 a 4, 6 a 12 - sobre tíbias de *Ovis/Capra*; 13 - em extremidade distal de metápodo de cervídeo; 5 - em segmento indeterminado.

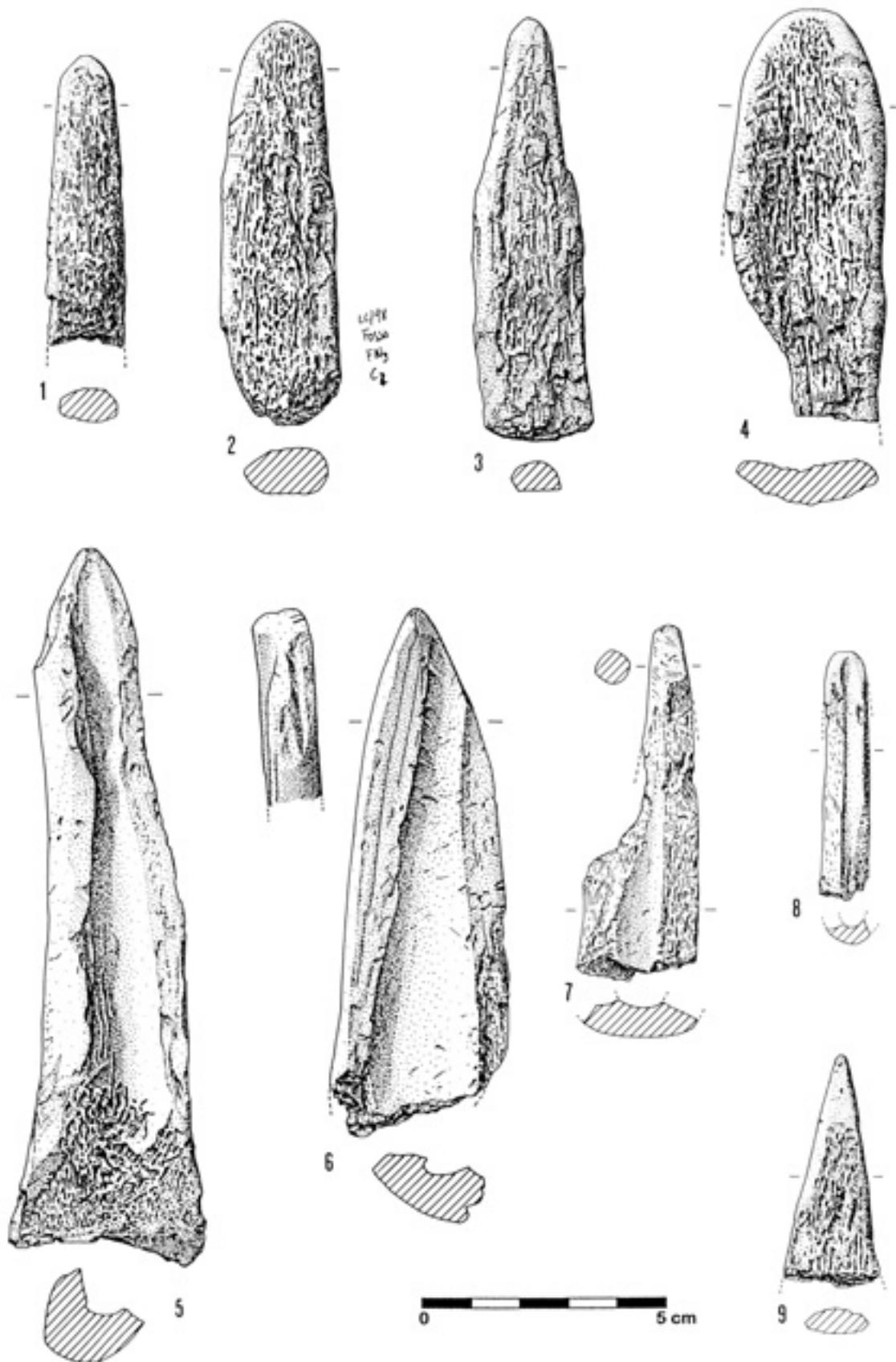


Fig. 36 – Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 2 (Calcolítico Pleno): 1 a 4 - alisadores/brunidores em esquirolas de hastes de cervídeo; 5 - furador em esquirola de osso longo de grandes dimensões (rádio de *Bos*); 6 - formão em esquirola de osso longo de grandes dimensões; 7 e 8 - furadores em esquirolas de ossos longos, o primeiro de grandes dimensões, o segundo de *Ovis/Capra*; 9 - furador em esquirola de haste de cervídeo.

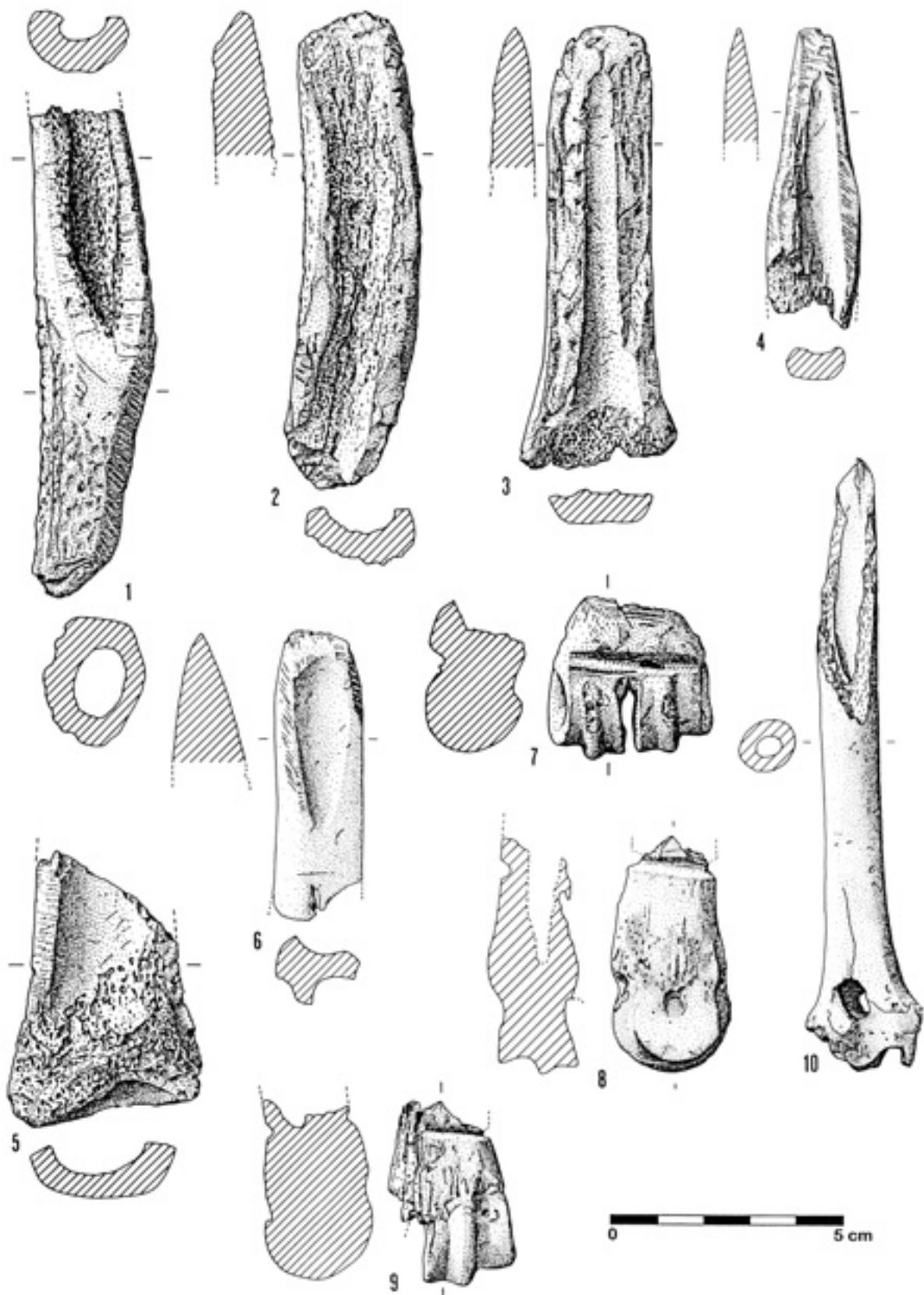


Fig. 37 – Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 2 (Calcolítico Pleno): 1 a 4 e 6 - formões, sobre haste de cervídeo (1 e 2) ou sobre esquirolas de ossos longos de grandes dimensões (3, 4 e 6); 10 - furador em curso de execução, obtido por fracturação oblíqua de diáfise de tibia de *Capra/Ovis*; 5 e 7 a 9 - diversos e indeterminados: osso de grandes dimensões parcialmente polido, muito incompleto (5) e extremidades distais de metápodos de cervídeo seccionados por serragem (7 a 9), correspondentes a rebotalhos do aproveitamento das respectivas diáfises (cabos).

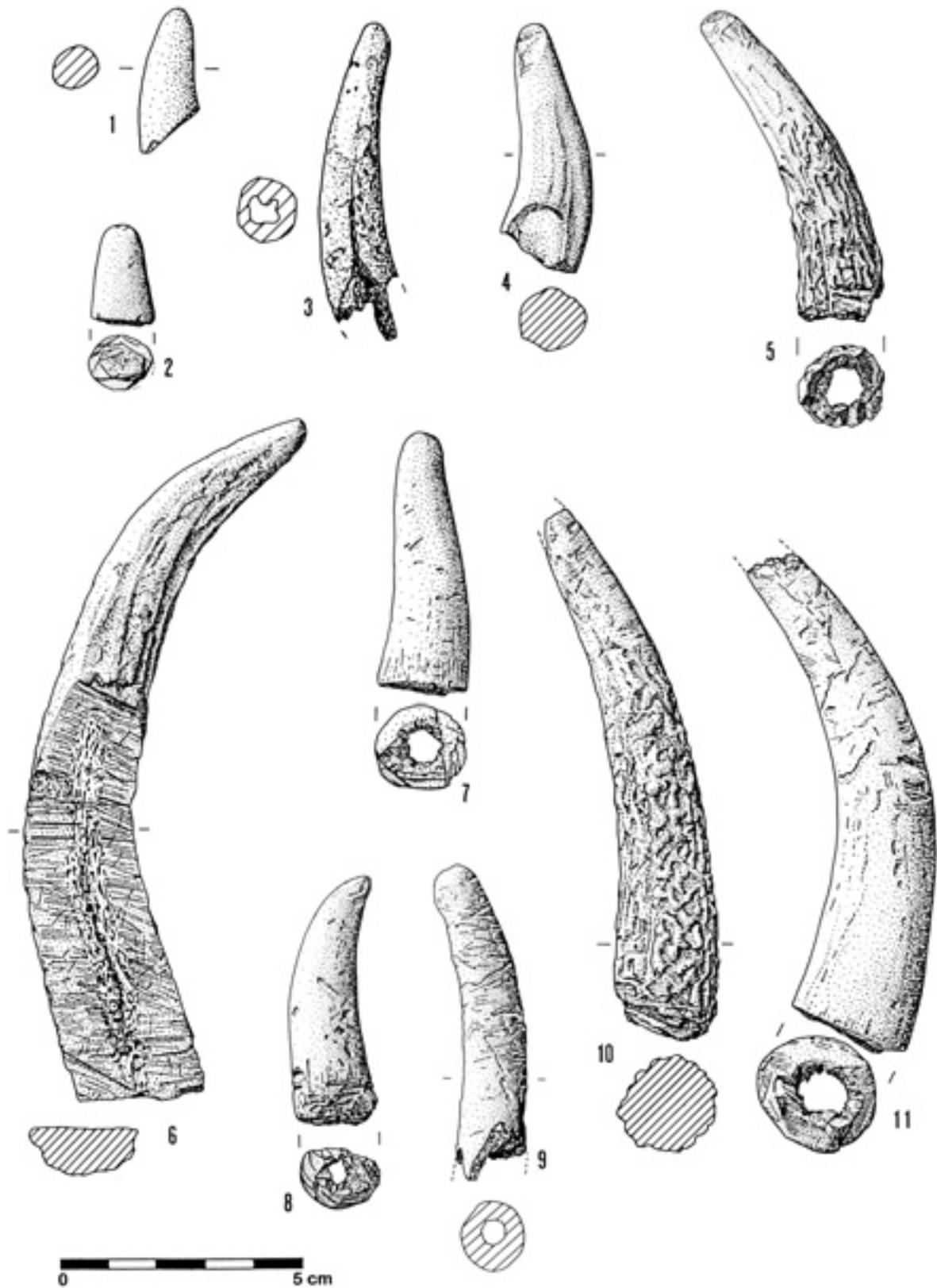


Fig. 38 - Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 2 (Calcolítico Pleno): 3, 5, 7, 9 e 11 - cabos executados em extremidades de hastes de cervídeo, por secionamento numa das extremidades, com cavidade para fixação; 6 - cabo executado por serragem longitudinal na extremidade de haste de cervídeo, para ajustamento de uma lâmina de cobre ou de sílex; 1, 2, 4 e 10 - indeterminados: extremidades de hastes de cervídeo, maciças, fracturadas na base ou secionadas por serragem.

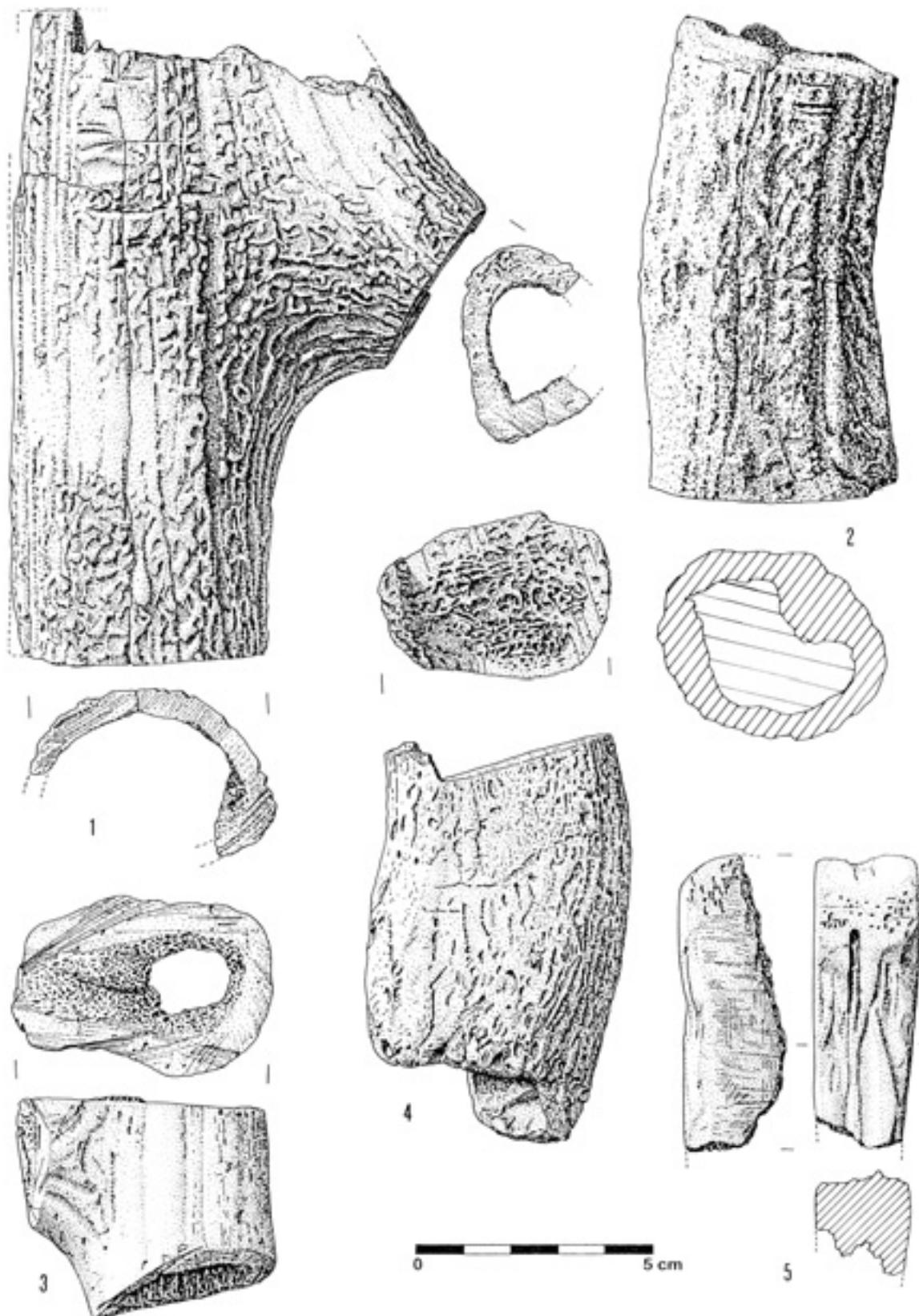


Fig. 39 – Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 2 (Calcolítico Pleno): 1 - segmento de haste de cervídeo serrada e raspada interiormente, transformada em recipiente; 2 a 5 - indeterminados: 2 e 3, segmentos de haste de cervídeo serradas em ambas as extremidades maciças ou quase (cabos ou caixa em vias de aproveitamento?); 4, segmento de ossicone de *Capra* maciço, serrado numa das extremidades; 5, peça maciça, totalmente incarbonizada e polida, muito fracturada.

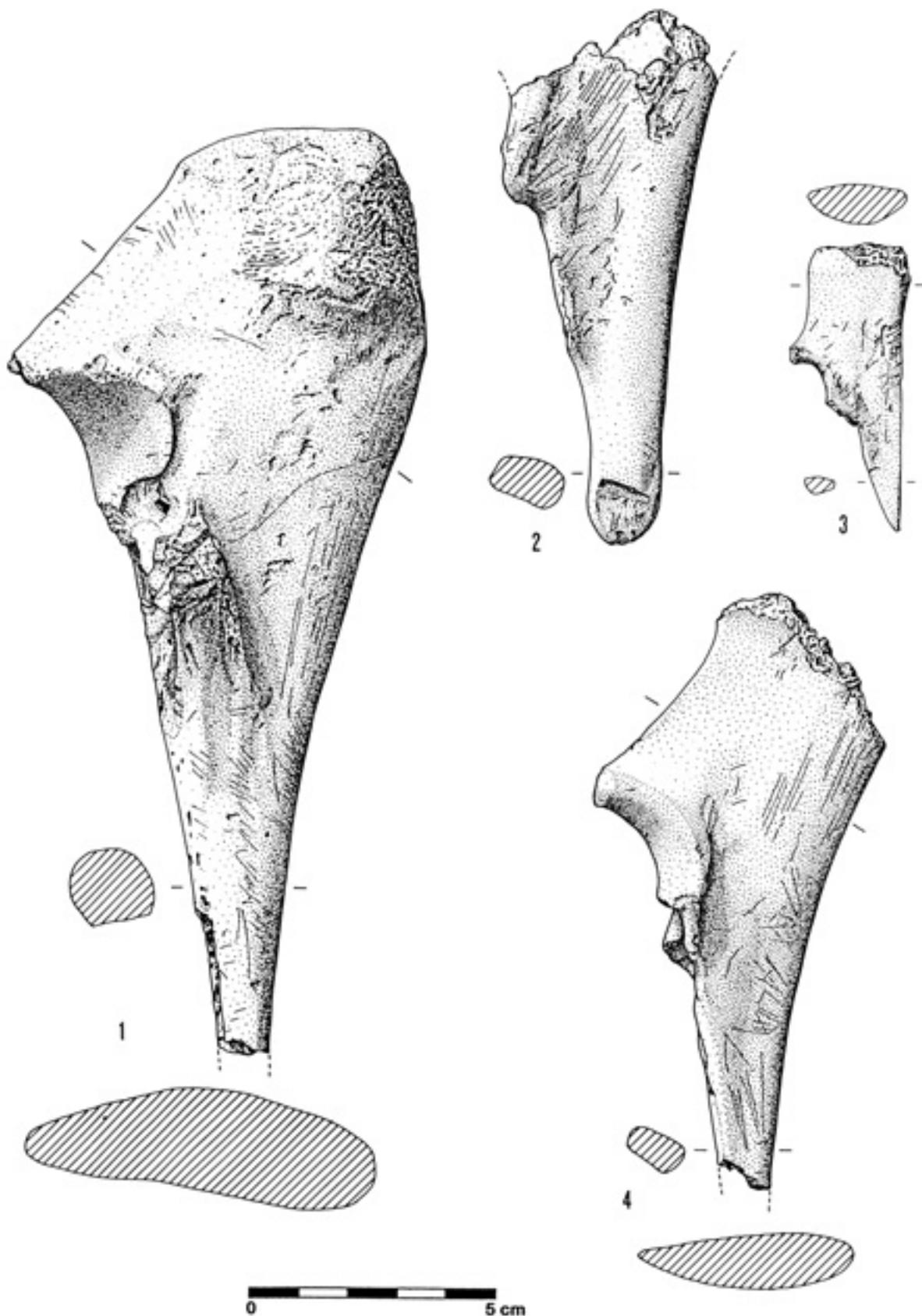


Fig. 40 - Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 2 (Calcolítico Pleno): 1, 2 e 4 - furadores em cúbito de *Bos*; o n.º 1 é de *Bos cf. primigenius*; 3 - furador em cúbito de *Capra/Ovis*.

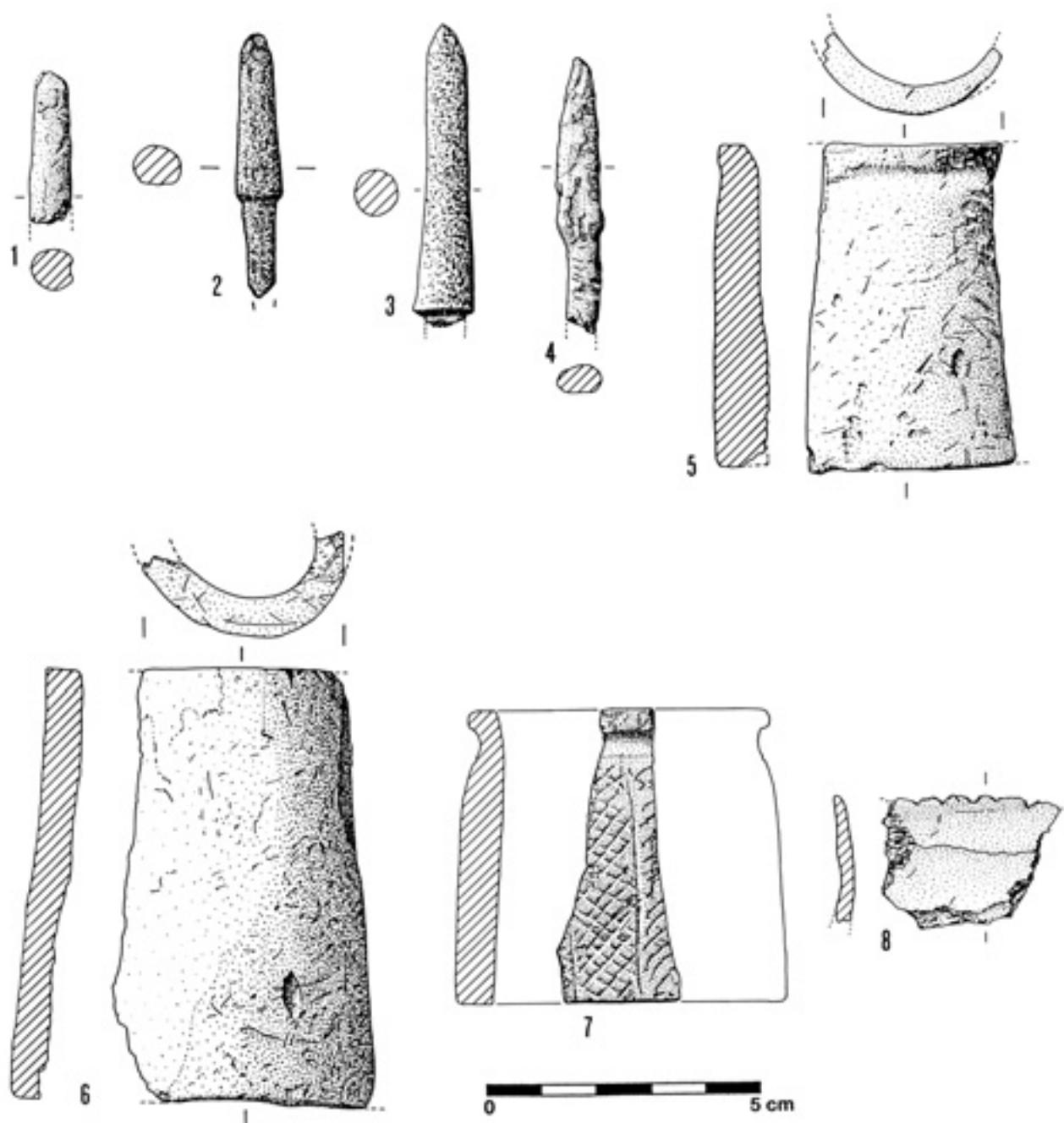


Fig. 41 – Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 2 (Calcolítico Pleno): 1 a 4 - pontas de seta (?); 5 a 7 - recipientes cilíndricos executados em diáfises de ossos longos de grandes dimensões, lisos (5 e 6) ou decorados (7). Notar a canelura existente em torno da abertura do n.º 5; 8 - esquirola polida e denticulada ao longo do bordo maior.

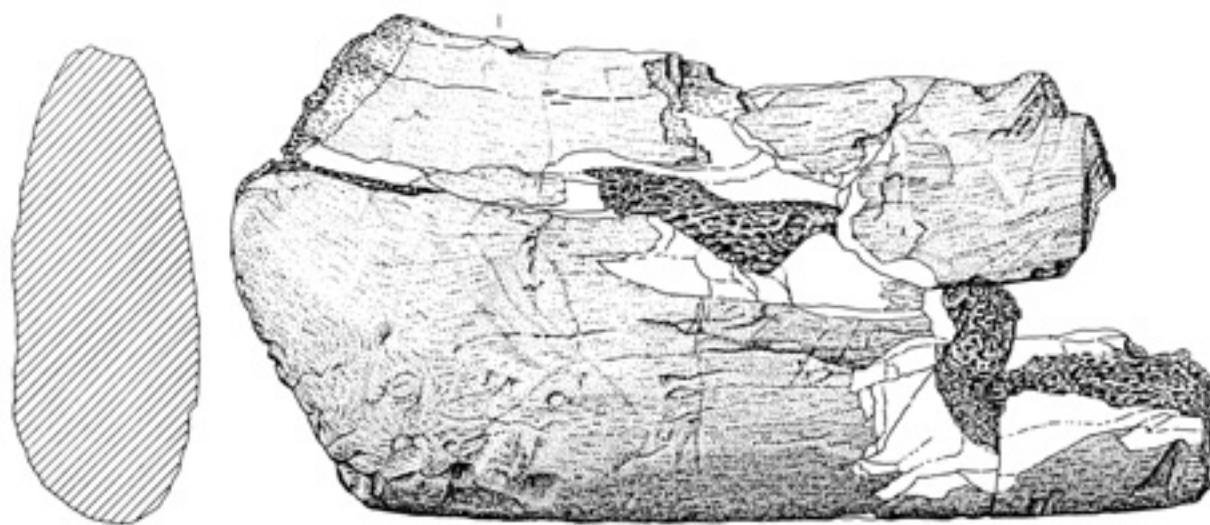


Fig. 42 - Leceia. Utensilagem óssea de uso comum da Camada 2 (Calcolítico Pleno): porção de costela de cetáceo, utilizada em ambas as faces maiores como bigorna, com numerosas marcas de corte.

O USO DO MARFIM, NO TERRITÓRIO PORTUGUÊS, DURANTE O CALCOLÍTICO: A PROPÓSITO DE UM ALFINETE RECOLHIDO NO POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA (OEIRAS)

João Luís Cardoso¹

1 - INTRODUÇÃO

Em trabalho anterior, estudou-se a presença de conchas de origem africana no território português, no decurso do Neolítico Final e/ou do Calcolítico, servindo como elementos de adorno ou a outros usos (CARDOSO & GUERREIRO, 2001/2002). Importava, pois, integrar tais achados em contexto mais amplo de trocas e de contactos comerciais, do qual fariam, naturalmente, parte integrante. Uma das evidências mais expressivas desta realidade é a presença do marfim, em bruto ou trabalhado, em contextos pré-históricos portugueses. A descoberta, em Agosto de 2002, de uma porção proximal de um alfinete indiscutivelmente de marfim, no povoado calcolítico fortificado de Leceia (Oeiras), no decurso da vigésima campanha de escavações ali realizada sob responsabilidade do signatário (Fig. 1), esteve na origem imediata deste pequeno contributo, valorizando-se assim uma das componentes mais relevantes da realidade calcolítica da baixa Estremadura: a abertura a estímulos culturais exógenos, denunciada pelo comércio trans-regional de matérias-primas ou de artefactos de prestígio, por vezes a longa distância, entre os quais o marfim, em bruto ou manufacturado, como a peça agora estudada permite concluir.

2 - CONDIÇÕES DA JAZIDA

O exemplar provém de sector entre a segunda e a terceira linha de muralhas, perto de uma antiga entrada lageada existente na primeira das referidas muralhas (Muralha O), a qual foi ulteriormente obstruída intencionalmente, na perspectiva de melhorar as capacidades defensivas do recinto (Fig. 2). Foi recolhido na Camada 3, em camada terrosa pouco compacta e pulverulenta, de coloração amarelo-acinzentada

¹*Agregado em Pré-História. Professor da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). Académico de Número da Academia Portuguesa da História.*

devido à presença de cinzas; integra-se, deste modo, no Calcolítico Inicial da Estremadura, no quadro geral definido na estação (CARDOSO, 1997, 2000), cuja cronologia foi situada entre cerca de 2900/2800 e 2600 anos a.C. (CARDOSO & SOARES, 1996). Perto, jaziam diversos objectos ideotécnicos de calcário, calcite e osso, de mistura com abundante espólio de carácter doméstico. Trata-se, pois, de uma das áreas mais ricas da estação, situação que é explicável pela privilegiada situação deste local, correspondente à área nuclear do antigo povoado pré-histórico, onde se concentrariam numerosas estruturas habitacionais (Fig. 3).

3 - DESCRIÇÃO DA PEÇA E COMPARAÇÕES COM EXEMPLARES CALCOLÍTICOS PORTUGUESES

Trata-se da porção proximal de um alfinete de secção circular, com cabeça achatada, ultrapassando o diâmetro da haste e inclinada para a frente. A natureza da matéria-prima não oferece dúvidas: a típica alternância de bandas de tonalidades diferentes, características do marfim, observam-se a todo o comprimento da peça, sendo especialmente evidentes na extremidade conservada, por esta as seccionar transversalmente.

Do ponto de vista tipológico, a morfologia desta peça aproxima-a singularmente dos ídolos de corpo cilíndrico, mais ou menos bombeado, com estrangulamento numa das extremidades e cabeça achatada, por vezes inclinada para a frente, tal como na peça em apreço. Conhecem-se em Leceia alguns destes exemplares, de osso, igualmente recolhidos na Camada 3, do Calcolítico Inicial (CARDOSO, 2003, Fig. 46). Alguns, possuem uma leve goteira, ou chanfro, aberto na dita extremidade, acentuando a sua concavidade. Este tipo de ídolos é relativamente comum em necrópoles estremenhas: da Lapa do Bugio, Sesimbra, conhecem-se diversos exemplares, também todos de osso, alguns deles munidos da goteira a que se fez referência (CARDOSO 1992, Est. 3, n.º 9; Est. 5, n.º 17; Est. 20, n.º 21 e 22; Est. 46, n.º 1 a 49) e da gruta artificial 1 de São Pedro do Estoril, publicaram-se dois outros (LEISNER, PAÇO & RIBEIRO, 1964, Est. E, n.º 31 e 32). Estes últimos, inserem-se em contexto pré-campaniforme, situação comum a exemplar análogo recolhido no povoado calcolítico fortificado de Vila Nova de São Pedro, Azambuja (PAÇO, 1960, Fig. 4, n.º 22). Segundo A. do Paço, citado por V. Leisner e colaboradores (*op. cit.* P. 57), este exemplar encontrava-se “numa pequena parte do estrato pré-campaniforme intacto”. Tal afirmação é plenamente concordante com a posição stratigráfica das peças homólogas de Leceia, incluindo o alfinete em estudo, também elas do Calcolítico Inicial.

Sendo certas as afinidades destes pequenos ídolos ou amuletos com o alfinete de marfim agora objecto de estudo, a primazia, neste particular, vai para um alfinete de osso de corpo encurvado e cabeça oblíqua maciça, do tipo “agulha de crochet”, proveniente da *tholos* de Pai Mogo, Lourinhã (GALLAY *et al.*, 1973, Fig. 70, n.º 381; Est. 16, c). A morfologia da extremidade deste exemplar lembrou aos autores a hipótese de se tratar de uma ave; neste caso, teria em um alfinete de Vila Nova de São Pedro o seu paralelo mais próximo (PAÇO, 1960, Fig. 3, n.º 59). É interessante registar a existência de alfinetes

análogos, também rematados por aves, mas de marfim, na cultura egípcia badariana, de época pré-dinástica (BRUNTON & CATON-THOMPSON, 1928, Pl. 53, n.º 20). Em estudo recente, defendeu-se a origem comum das culturas do Neolítico Final do sul e oeste peninsular e da cultura badariana, a partir de um foco comum, na região norte-africana do Tassili (ESCACENA-CARRASCO, 2000, p. 144), hipótese que poderia explicar estas e outras semelhanças formais.

4 - O COMÉRCIO DE MARFIM NO CALCOLÍTICO PENINSULAR

4.1 - O sudeste peninsular

A referência ao norte de África e ao Egipto pré-histórico como áreas de onde seriam originárias influências culturais, expressas por artefactos encontrados nesta finisterra ocidental tem uma larga tradição historiográfica na produção arqueológica portuguesa. O exemplo mais expressivo desta linha difusionista é, talvez, o trabalho que E. Jalhay dedicou a algumas peças recolhidas em Vila Nova de São Pedro, que reporta a tais influências culturais (JALHAY, 1943).

Com efeito, são de há muito conhecidos certos ídolos, idênticos aos da Estremadura portuguesa acima referidos, como dois exemplares reproduzidos (SIRET, 1908, Fig. 8), mais tarde também publicados por G. e V. Leisner, oriundos da sepultura 40 de Los Millares, Almería (LEISNER & LEISNER, 1943, Tf. 10, n.º 144, 145) confeccionados em marfim de hipopótamo, facto que faz atribuir àquela área geográfica a sua origem, já que seria improvável a importação de tal matéria-prima do Senegal.

Por outro lado, a presença de peças calcolíticas em marfim de elefante é de há muito conhecida, tanto em Portugal como, sobretudo, na Andaluzia (ALMAGRO-BASCH, 1959); embora algumas possam ser, na verdade, de osso, existem muitas evidências da presença de tal matéria-prima, ou mesmo de peças importadas já manufacturadas, como poderá ser o caso do notável pente, fabricado em duas placas simétricas ajustadas longitudinalmente, recolhido na sepultura 12 de Los Millares, acerca do qual L. Siret apresenta as seguintes judiciosas considerações (SIRET, 1908, p. 139, 140): “L’habileté de ce procédé démontre un art perfectionné, une industrie avancée, des ateliers et des artisans spéciaux, établis dans un centre où l’ivoire était abondant et se travaillait depuis longtemps sur une grande échelle. Ce centre n’était pas l’Espagne, privée d’éléphants, ni la côte d’en face, où une semblable industrie n’a jamais existé”. Deste modo, o autor, ao sublinhar as características, tecnologicamente avançadas do fabrico da peça, indica como origem o Mediterrâneo oriental e, concretamente, paralelos micénicos.

A propósito da origem oriental desta peça de marfim importa referir duas outras, também assim consideradas e igualmente muito conhecidas: trata-se de placas de marfim em forma de segmento de círculo, com perfurações múltiplas ao longo do bordo rectilíneo, recolhidas nas *tholos* 7 e 5 de Los Millares (LEISNER, 1945, Est. 7, n.º 45; Est. 9, em baixo). Consideradas por este autor réplicas votivas do machado egípcio de cobre, seriam, deste modo, indícios a ter em conta quanto à própria origem do marfim que não proviria do norte de África mas sim, já manufacturado, do Egipto. Esta opinião quanto à

origem do marfim é partilhada por M. Almagro-Basch, que voltou a valorizar estas peças, no âmbito do estabelecimento da cronologia de Los Millares, tendo presente a cronologia dos hipotéticos protótipos de machados de cobre egípcios do final do III milénio a.C. que, de facto, se assemelham às peças em causa (ALMAGRO BASCH, 1959; ALMAGRO BASCH & ARRIBAS, 1963, p. 240 e seg., Fig. 28). Porém, a simples convergência formal é manifestamente insuficiente para a arrojada tão conexão cultural; embora de marfim, tais peças poderiam corresponder a outros objectos funcionais, e nada terem a ver com os paralelos invocados (HARRISON, 1977, p. 50).

4.2 - O território português

No concernente ao território português, mantêm-se as dificuldades em destrinçar quais as peças verdadeiramente de marfim, especialmente as de menores dimensões, dada a semelhança de tal matéria-prima com o osso. Prova disso é a contradição observada, frequentemente, na atribuição de uma mesma peça a uma ou a outra daquelas substâncias, por autores diferentes, ou até pelo mesmo autor: tenha-se presente, por exemplo, a contradição existente entre o título do estudo que A. do Paço dedicou aos objectos de osso e marfim de Vila Nova de São Pedro para, no texto, não separar os primeiros dos segundos, remetendo a estes últimos todos os exemplares desenhados... (PAÇO, 1960). Esta dificuldade é muitas vezes insuperável: decorre da pequenez dos artefactos e da patina que estes adquiriram, mascarando a estrutura da matéria-prima original; apenas em certos casos particulares se observa a estrutura do marfim, como no alfinete de Leceia que esteve na origem deste estudo (Fig. 1), correspondendo ao típico zonamento do marfim que, uma vez alterado, se destaca em lamelas paralelas e concêntricas.

Estácio da Veiga assinalou, no Algarve, alguns artefactos que podem, com maior probabilidade, pertencer a marfim e como tal têm sido considerados: o primeiro, provém do monumento dolmênico de Nora, Cacela (VEIGA, 1886, Est. 14, n.º 10; LEISNER & LEISNER, 1943, p. 203). Trata-se de objecto em calote de esfera decorada na periferia, a toda a volta, por motivos reticulados incisos. Esta peça poderá interpretar-se como remate do cabo de um punhal (ALMAGRO BASCH, 1959; ALMAGRO BASCH & ARRIBAS, 1963, Lám. 188; HARRISON, 1977, p. 39), preferível à hipótese de ser “tampa de caixa” (GONÇALVES, 1997, p. 174; 2003, p. 28). As afinidades mediterrâneas deste exemplar a outros, do final do III milénio a.C. foram já assinaladas por M. Almagro, a começar por exemplar oriundo de Los Millares, por si publicado. Mas esta peça, a corresponder, como se disse, ao remate do cabo de punhal, é de remeter para o início da Idade do Bronze, indicando reutilização do sepulcro megalítico onde foi encontrada.

Outro artefacto de marfim da Pré-História algarvia é um pente igualmente com decoração reticulada em toda a superfície, proveniente da *tholos* de Marcela, também pertencente à freguesia de Cacela (*op. cit.*, Est. 21, n.º 2), este com evidentes paralelos em homólogos calcolíticos.

Afastada a hipótese de se tratar de artefactos de osso, Estácio da Veiga admitiu a alternativa, na sequência de observação que lhe fora apresentada por E. Cartailhac, de corresponderem a marfim do elefante africano subactual, espécie que teria sobrevivido até aquela época no Algarve (VEIGA, 1889, p.

212, 213). De facto, o elefante africano de floresta (*Loxodonta africana cyclotis*) ocupava ainda, no Período Romano, uma faixa do litoral mediterrâneo, da Tripolitânia ao Atlântico e até aos contrafortes do Atlas (KRZYSKOWSKA & MORLOT, 2000, p. 323). Em abono desta realidade, é de referir que Plínio-o-Velho, em H.N., VII, 11 (32) indica que os elefantes continuavam a obter-se no norte de África ainda na sua época (século I d.C.), relatando que o primeiro general romano a atravessar o Atlas encontrou florestas repletas de elefantes, o que corrobora a conclusão da subespécie de floresta existir ainda nessa época a tais latitudes. Foi ali, certamente, que os Cartagineses obtinham os seus elefantes de guerra, cuja extinção se terá verificado apenas no século IV d.C., época em que cessam as referências a caçadas de elefantes naquela região (trata-se do, actualmente marroquino, território da Mauritânia Cesarea).

Apesar da extinção tardia da subespécie no norte de África, não se crê, porém, que esta tenha alguma vez transposto o estreito de Gibraltar, não se confirmando a hipótese subscrita por E. Cartailhac; da mesma forma, afigura-se inverosímil a possibilidade de se tratar de aproveitamento de marfim fóssil de elefantes quaternários. Com efeito, os exemplares de defesas de elefantes quaternários do território português (*Elephas antiquus*) que se conhecem por observação directa do Autor, apresentam-se muito mineralizados e quebradiços, impossíveis de afeiçãoamento, situação que difere significativamente dos marfins de mamute pliocénicos, oriundos da Sibéria, que foram intensamente utilizados na confecção de peças decorativas e de adorno, até ao século XIX. Acresce o facto da sua extrema raridade no País, onde apenas se referenciou um exemplar de defesa de elefante inteiro e um outro incompleto, não sendo nenhum deles originário do Algarve (ANTUNES & CARDOSO, 1992); deste modo, o aproveitamento de marfim fóssil afigura-se, também, francamente improvável.

Ainda mais expressivo do comércio calcólico do marfim no território hoje português, seja ou não de origem norte-africana, é a presença, em diversos monumentos da necrópole de Alcalar, de porções de marfim não trabalhado. É o caso de peça recolhida no monumento 4, descrita por Estácio da Veiga: “Era um fragmento cortado longitudinalmente de um dente de elephante: tinha por isso uma secção plana e outra convexa. O raio correspondente a esta curva mediou 0,05 m, e portanto o diametro do dente devêra ter o dobro. O único trabalho que recebeu foi o da serragem, e segundo parece estaria destinado para alguns artefactos”. Também desta notável *tholos* provém um bloco de marfim, destacado do dente por serragem, “mui provavelmente para diversos artefactos” (VEIGA, 1889, p. 223).

A presença insistente de marfim, manufacturado ou em bruto, nos sítios algarvios referidos explica-se, pois, pela proximidade geográfica do norte de África, bem como dos mercados calcólicos mediterrâneos; que este comércio se estendeu à Estremadura, é-nos indicado por alguns objectos, naturalmente muito mais escassos que os reconhecidos no Algarve. Uma lista de tais ocorrências, classificadas como marfins, em resultado de observações directas dos exemplares, foi já feita para o território português (HARRISON, 1977, p. 51); algumas delas pertencem, inquestionavelmente, à época campaniforme, como é o caso de alguns botões com perfuração em V das grutas artificiais de Palmela. Deste conjunto sepulcral, é de destacar “uma grande conta de marfim”, recolhida por A. I. Marques da Costa na gruta III da necrópole da Quinta do Anjo, Palmela (COSTA, 1907, Est. 16, n.º 386). A descrição do autor não oferece dúvida quanto

à natureza da matéria-prima: “O marfim, de que é formada, está pela sua grande antiguidade a separar-se naturalmente em camadas cylindricas muito regulares, cujo eixo commum é paralelo ao da conta, mas não se confunde com elle”.

5 - DISCUSSÃO

As referências acima transcritas bastariam para demonstrar a existência do comércio calcólico de marfim em bruto, ulteriormente transformado, nos locais peninsulares de destino, em diversos artefactos, ao gosto e necessidades específicas dos seus habitantes, ou já importados manufacturados. Trata-se, afinal, de processo idêntico ao observado, a partir do século VIII a.C., nas estações orientalizantes da Andaluzia, onde ocorrem caixas e plaquetas de marfim cuja estilística decorativa indica frequentemente fabricos locais, a partir de matéria importada em bruto; a realidade mais óbvia desta evidência é já de época púnica, sendo ilustrada pelo achado subaquático de dentes de elefante do cabo de Palos, Cartagena, alguns com curtas inscrições gravadas em caracteres púnicos (CARDOSO, 2001). Aliás, o comércio marítimo calcólico ao longo da costa ocidental atlântica, entre a Estremadura portuguesa, a Galiza e a Bretanha, encontra-se bem documentado pela difusão dos vasos campaniformes “marítimos” (SALANOVA, 2000); não existe, pois, nenhuma razão para não se aceitar, por maioria de razão, a mesma realidade em sentido contrário, isto é, entre a Estremadura e o Sudeste peninsular – situação plenamente comprovada pelo achado de idênticos materiais arqueológicos em ambas as regiões – e, a partir daqui, sempre através do comércio marítimo, paragens ainda mais longínquas, já do outro lado do Mediterrâneo.

Embora de época mais recente, tem interesse referir, a este propósito, o naufrágio da Idade do Bronze de Ulu Burun, Turquia, do século XIV a.C., que permitiu reconstituir a rota anterior do navio e os respectivos portos de escala, com base nos testemunhos dos produtos comerciados em cada um deles. Entre os materiais recuperados, figura um troço maciço de defesa de elefante, provável bloco de matéria-prima destinado ao comércio, e um dente de hipopótamo não modificado, certamente com idêntica finalidade (BASS, 1986, III.18 e III.19).

Depois dos estudos pioneiros de Siret, que apontava o Mediterrâneo oriental como região de origem do marfim, a presença desta matéria-prima, no território peninsular, passou a ser, ulteriormente, relacionada com o comércio norte-africano. Assim se explicaria a presença, em diversas estações litorais do Marrocos atlântico, de objectos campaniformes, com destaque para as cerâmicas decoradas, acompanhadas de produções metálicas igualmente características, como pontas Palmela e punhais de lingueta (POYATO HOLGADO & HERNANDO GRANDE, 1987), peças estranhas às produções locais. Contudo, se é indiscutível a presença de peças campaniformes de origem peninsular no litoral marroquino, os testemunhos materiais de tais contactos, para períodos ante-campaniformes, são por ora desconhecidos naquela região.

Com efeito, tanto P. Bosh-Gimpera (BOSCH-GIMPERA, 1955) como, mais tarde, A. Gilman (GILMAN, 1975), concordam com as provas inofismáveis constituídas pela presença de materiais campaniformes

de origem peninsular, mas não indicam quaisquer outras, mais antigas. O segundo dos autores referido, é conclusivo quanto a este aspecto: “We have seen that the bulk of the artifactual inventory of the Neolithic of the western Maghreb in general and of northern Morocco in particular has no significant resemblances to prehistoric materials in the Iberian peninsula. Two classes of artifacts are exceptions to this pattern. True Beaker pottery has been found at a number of prehistoric localities in the Maghreb. In addition, a number of metal artifacts, mostly found out of context, clearly resemble types of the Spanish and Portuguese Bronze Age” (*op. cit.*, p, 128).

Remontando as mais antigas peças peninsulares de marfim ao Calcolítico pré-campaniforme, como já tinha sido assinalado por R. Harrison (HARRISON, 1977, p. 39), a ocorrência da peça de Leceia – a única com indicação estratigráfica precisa das até agora conhecidas no território português – ter-se-ia de procurar noutra região que não o norte africano – à luz das anteriores considerações – a origem do marfim de que são feitas¹. Tal realidade faz, assim, do Mediterrâneo oriental, uma área aparentemente mais provável para a origem desta matéria-prima.

6 - CONCLUSÃO

O alfinete de Leceia de marfim de elefante dado agora a conhecer, situável no Calcolítico Inicial da Estremadura, período cronológico-cultural correspondente a boa parte da primeira metade do III milénio a.C., é um dos mais interessantes e antigos testemunhos do comércio pré-campaniforme de marfim entre o território peninsular e África, mais provavelmente, no estado actual dos nossos conhecimentos, com o Egipto, ou o Mediterrâneo oriental. Junta-se, assim, a outra evidência: o adorno de concha de *Patella safiana*, também reportável à mesma época, recolhido no povoado do Pedrão, Setúbal (SOARES & SILVA, 1975, CARDOSO & GUERREIRO, 2001/2002), cuja origem africana (litoral atlântico marroquino) é inquestionável, afastada a hipótese de corresponder ao reaproveitamento de uma concha fóssil². Este estudo evidencia, por outro lado, necessidade de se proceder a revisão e identificação sistemática de muitos dos materiais nele referidos, todos eles conhecidos de há muito mas jamais valorizados como mereceriam, a começar pela identificação rigorosa da respectiva matéria-prima. A confirmar-se que se trata de marfim, a relevância de tais contactos com o Mediterrâneo oriental, mais do que com o norte-africano, sobretudo no plano da difusão cultural, ao nível de diversos artefactos ideotécnicos, teria sido seguramente mais relevante do que aquela que, no presente, lhe é conferida.

Notas

¹ Na verdade, das evidências peninsulares inventariadas por R. J. Harrison, nada autoriza a admitir uma realidade comercial calcolítica pré-campaniforme na Estremadura portuguesa: com efeito, sem questionar, na globalidade, a correcta classificação das peças por ele vistas, para nenhuma delas se conhecem contextos precisos ou associações com controlo estratigráfico. Deste modo, facilmente se compreende a importância do achado do alfinete de Leceia, em contexto do Calcolítico Inicial. Mesmo no Algarve, a cronologia das peças calcolíticas não pode seguramente ser correlacionada com a de Leceia: com efeito, a peça recolhida no monumento dolménico de Nora será já dos inícios da Idade do Bronze, como já se referiu e a presença de marfim norte-africano em outras estações algarvias, como as *tholoi* de Alcalar, pode em parte coincidir com o campaniforme.

² Embora conhecida em depósitos marinhos no Forte da Baralha, perto do cabo Espichel, a cerca de 40 km de distância, esta espécie encontra-se representada por exemplares partidos, ou fortemente concrecionados nos respectivos sedimentos (CARDOSO, 1994; CHOFFAT & DOLLFUS, 1904/1905), o que tornaria altamente improvável a possibilidade de extracção de um exemplar inteiro.

BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO BASCH, M. (1959) – Elementos para la cronologia absoluta del Bronce I en la Península Ibérica. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958). Lisboa. 1, p. 161-185.
- ALMAGRO BASCH, M. & ARRIBAS, A. (1963) – *El poblado y la necrópolis megalíticas de Los Millares (Santa Fe de Modújar, Almería)*. Madrid: CSIC (Bibliotheca Praehistorica Hispana, 3).
- ANTUNES, M. Telles & CARDOSO, J. L. (1992) – Quaternary elephants in Portugal: new data. *Ciências da Terra (UNL)*. Lisboa. 11, p. 17-37.
- BASS, G. (1986) – A Bronze Age shipwreck at Ulu Burun (KAS): 1984 campaign. *American Journal of Archaeology*. 90 (3), p. 269-296.
- BOSH-GIMPERA, P. (1955) – Néo-Énéolithique espagnol et africain. *Actes du II Congrès Panafricain de Préhistoire* (Alger, 1952). Paris, p. 503-508.
- BRUNTON, G. & CATON-THOMPSON, G. (1928) – *The Badarian civilisation and predinastic remains near Badari*. London: British School of Archaeology in Egypt.
- CARDOSO, J. L. (1992) – A lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9/10, p. 89-225.
- CARDOSO, J. L. (1994) – O litoral sesimbrense da Arrábida. Resenha dos conhecimentos da sua evolução quaternária e das ocupações humanas correlativas. *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 4, p. 5-12.
- CARDOSO, J. L. (1997) – *O povoado de Leceia (Oeiras), sentinela do Tejo no terceiro milénio a.C.* Lisboa/Oeiras: Museu Nacional de Arqueologia/Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (2000) – The fortified site of Leceia (Oeiras) in the context of the Chalcolithic in Portuguese Estremadura. *Oxford Journal of Archaeology*. Oxford. 19 (1), p. 37-55.

- CARDOSO, J. L. (2001) – Achados subaquáticos de defesas de elefante, prováveis indicadores do comércio púnico no litoral português. *Os Púnicos no extremo ocidente*. Actas do colóquio internacional (Lisboa, 2000, A. A. Tavares, ed.). Lisboa: Universidade Aberta.
- CARDOSO, J. L. (2003) – *O povoado pré-histórico de Leceia no quadro da investigação, recuperação e valorização do património arqueológico português*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. & GUERREIRO, A. (2001/2002) – Presença do género *Conus* sp. no Neolítico ou Calcolítico da Estremadura portuguesa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 363-373.
- CHOFFAT, P. & DOLLFUS, G. F. (1904/1905) – Quelques cordons littoraux du Pleistocène du Portugal. *Comunicações da Comissão do Serviço Geológico de Portugal*. Lisboa. 6 (1), p. 158-173.
- COSTA, A. I. Marques da (1907) – Estações prehistoricas dos arredores de Setubal. *O Archeologo Português*. Lisboa. 12, p. 206-217 e 320-338.
- ESCACENA-CARRASCO, J. L. (2000) – Applications of evolutive archeology: migrations from Africa to Iberia in the recent Prehistory. In *Prehistoric Iberia: Genetics, Anthropology and Linguistics* (A. Arnaiz-Villena, ed.) New York: Kluwer Academic/Plenun Publishers.
- FRANÇA, J. Camarate & FERREIRA, O. da Veiga (1958) – Estação pré-histórica da Samarra (Sintra). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 58, p. 61-84.
- GALLAY, G. et al. (1973) – *O monumento pré-histórico de Pai Mogo (Lourinhã)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- GILMAN, A. (1975) – *A Later Prehistory of Tangier Morocco*. American School of Prehistoric Research. Peabody Museum. Harvard University (Bulletin 29).
- GONÇALVES, V. S. (1997) – As necrópoles de Monchique e o megalitismo do Algarve: algumas notas para uma futura revisão. *Noventa séculos entre a terra e o mar* (M. F. Barata, ed.). Lisboa: IPPAR, p. 163-189.
- GONÇALVES, V. S. (2003) – O Algarve oriental no 4º e 3º milénios. Tavira. *Território e Poder* (Maia, M.; Fernandes, C.; Lopes, M. & Cavaco, S., ed.). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia/Câmara Municipal de Tavira, p. 23-35.
- HARRISON, R. J. (1977) – *The bell beaker cultures of Spain and Portugal*. Peabody Museum of Archaeology and Ethnology. Cambridge, Massachusetts: Harvard University.
- JALHAY, E. (1943) – O castro eneolítico de Vila Nova de São Pedro e as suas relações com o norte africano e o Mediterrâneo oriental. *IV Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências* (Porto, 1942). Actas. Porto. 8, p. 107-117.
- KRZYSKOWSKA, O. & MORLOT, R. (2000) – Ivory and related materials. *Ancient egyptian materials and technology* (P. T. Nicholson & Shaw, ed.). Cambridge University Press, p. 320-331.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1943) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Erster Teil: Der Süden*. Tafelband. Berlin: Walter de Gruyter & Co. (Römische-Germanische Forschungen, Band 17).
- LEISNER, G. (1945) – A cultura eneolítica do sul da Espanha e suas relações com Portugal. *Arqueologia e História*. Lisboa. Série VIII, 1, p. 11-28.
- LEISNER, V.; PAÇO, A. do & RIBEIRO, L. (1964) – *Grutas artificiais de São Pedro do Estoril*. Lisboa, s/editor.

- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1969) – Les monuments préhistoriques de Praia das Mações et de Casainhos. Lisboa: *Serviços Geológicos de Portugal* (Memória n.º 12 - N.S.).
- PAÇO, A. do (1960) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. XII Alguns objectos de osso e marfim. *Zephyrus*. Salamanca. 11, p. 105-117.
- POYATO HOLGADO, C. & HERNANDO GRANDE, A. (1988) – Relaciones entre la península Ibérica y el norte de África: “marfil y campaniforme”. *Congreso Internacional “El Estrecho de Gibraltar”* (Ceuta, 1987). Madrid: UNED, 1, p. 317-329.
- SALANOVA, L. (2000) – Mécanismes de diffusion des vases campaniformes: les liens franco-portugais. 3.º *Congresso de Arqueologia Peninsular* (Vila Real, 1999). Actas. 4, p. 399-409.
- SIRET, L. (1908) - Les Cassitérides et l’empire colonial des Phéniciens. *L’Anthropologie*. Paris. 19, p. 129-166.
- SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1975) – A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 1, p. 53-153.
- VEIGA, S. P. M. Estácio da (1886/1889) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve. Tempos prehistoricos*. Lisboa: Imprensa Nacional. Vols. 1 e 3.



Fig. 1 – Porção proximal de alfinete de marfim, com cabeça achatada e inclinada. Leceia Camada 3 (Calcolítico Inicial). Foto de J. L. Cardoso.



Fig. 2 – Leceia 2002. A estrela assinala a localização do achado, na Camada 3 (Calcolítico Inicial), entre a segunda e a terceira linha de muralhas. Foto de J. L. Cardoso.

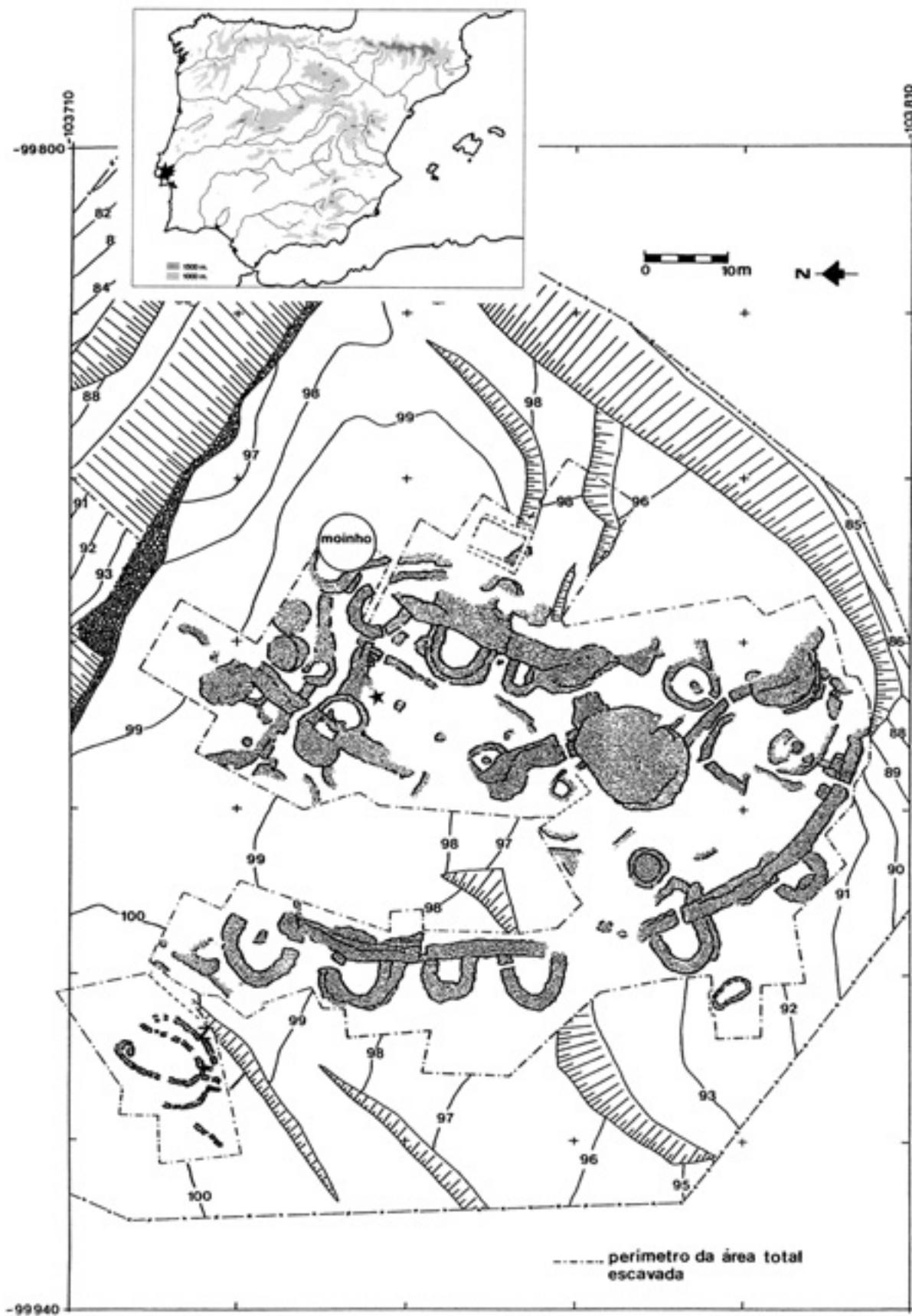


Fig. 3 – Localização do achado (estrela) no contexto da área escavada do povoado pré-histórico de Leceia e, deste último, no território peninsular (em cima).

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
11, Oeiras, Câmara Municipal, 2003, p. 97-228

O POVOADO CALCOLÍTICO DO OUTEIRO DE SÃO MAMEDE (BOMBARRAL): ESTUDO DO ESPÓLIO DAS ESCAVAÇÕES DE BERNARDO DE SÁ (1903/1905)

João Luís Cardoso¹
Júlio Roque Carreira

1 - INTRODUÇÃO

O povoado pré-histórico conhecido pelo nome de Outeiro de São Mamede, localiza-se na colina alongada, de orientação aproximada Norte-Sul, bem demarcada na paisagem, e pontuada de rochedos na sua parte mais alta, formando nalguns lugares escarpa vertical, sobre o fértil vale adjacente, designada por Cabeço da Raposa, na Carta Militar de Portugal, na escala da 1/25 000. Trata-se de afloramentos de calcários dolomíticos do Jurássico Inferior (Infralias). Administrativamente, pertence à freguesia de Roliça, concelho de Bombarral (Fig. 1).

Uma designação alternativa é a de Cabeço das Guerras, apresentada por Nery Delgado no seu caderno de campo, aquando de uma breve passagem pelo local, em trabalhos de reconhecimento geológico da região, realizados em 29 de Junho de 1862. Com efeito, este topónimo é condizente com um outro, referido pelo explorador do povoado pré-histórico, Bernardo António de Sá, numa carta para Leite de Vasconcelos de 6/6/1904, mencionando “uma antiga ermida sob a invocação de Nossa Senhora da Batalha” que teria existido no sítio mais elevado do Outeiro, da qual, porém, não encontrou quaisquer vestígios.

Os testemunhos arqueológicos concentravam-se, segundo os resultados obtidos por aquele funcionário da então Comissão do Serviço Geológico de Portugal, destacado no Museu Ethnologico Portuguez, na parte meridional do Outeiro, constituindo uma pequena elevação, em cujo cume existe um marco geodésico. Para Sul, o terreno desenvolve-se em três socalcos, delimitados do lado oriental por uma parede rochosa. Foi nesta zona que Bernardo de Sá concentrou as escavações, cuja planta esquemática

¹*Agregado em Pré-História. Professor da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). Académico de Número da Academia Portuguesa da História.*

(Fig. 2, nº 1), inserta nas notas de exploração por ele legadas, foi apresentada em trabalho escolar não publicado, de Salvador das Dores Alves (dissertação de Licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas, orientada pelo Prof. Manuel Heleno), a que se teve acesso através do exemplar que pertenceu à Prof. Virgínia Rau (ALVES, 1956/1957).

2 - HISTÓRIA DAS INVESTIGAÇÕES

Deve-se a Maximiano Apolinário o primeiro reconhecimento do castro. No seu caderno de campo de 1895, pode ler-se: “Outeiro de S. Mamede / Pesquisa na encosta oriental junto ao cabeço. Na camada de terra vegetal, machado de pedra, pesos de barro, cerâmica ornamentada, pedras de funda, mós etc.” Os materiais encontrados nessas primeiras prospecções deram logo entrada no então Museu Ethnographico Português, conforme consta da notícia publicada por J. Leite de Vasconcelos, a seguir transcrita (VASCONCELOS, 1895, p. 220):

“O adjunto do Museu Ethnographico, o Sr. Maximiano Apollinario, tendo procedido a um reconhecimento archeologico no Outeiro de S. Mamede de Obidos, onde ha um “castro”, trouxe de lá para o Museu os seguintes objectos:

Uma mão de mó (?) (...);

Um pêso de barro e um fragmento de outro, analogos aos que appareceram no “castello” de Pragança (Cadaval), e que supponho serem pre-romanos;

Cinco fragmentos ceramicos, com ornamentação analoga á que se observou no referido “castello” de Pragança;

Cinco machados de pedra polida;

Varios fragmentos de barro grosseiro.”

Nesta nota histórica, importa referir sumariamente a trajectória de alguns dos funcionários do Museu Ethnographico intervenientes na recolha do copioso espólio recolhido no Museu Nacional de Arqueologia desde finais do século XIX e que, por razões inexplicáveis, tendo presente a sua evidente relevância científica, jamais foi objecto de publicação.

Maximiliano Apolinário (VASCONCELOS, 1915: 316) ingressou no Museu Etnológico a 20 de Dezembro de 1893, pouco tempo após a sua fundação, onde permaneceu até 6 de Agosto de 1896, altura em que, nas palavras de Leite de Vasconcelos trocou a Arqueologia pelas Matemáticas, ingressando na Universidade de Liège para cursar Engenharia. Foi, na prática, o primeiro colaborador de Leite de Vasconcelos no Museu por este fundado. Do seu currículo de escavações contam-se numerosas e importantes intervenções de campo, das quais existem notícia nas páginas de “O Arqueólogo Português”, conforme o levantamento bibliográfico realizado (RIBEIRO, 1973). Assim, são de referir intervenções nas grutas do Furadouro na serra de Montejunto, em Agosto de 1894, no castro de Pragança em 1893 e 1894, e em diversas antas beirãs e, em Alguber, Cadaval; em 1895 em Açafora, Sintra, na importante necrópole

calcolítica de *tholoi* de S. Martinho de Sintra e ainda em diversos monumentos megalíticos da região de Vila Pouca de Aguiar; em Maio de 1896, no povoado pré-histórico da Rotura e na lapa da Rotura, Setúbal; ainda nesse ano, no castro de Pragança, para além das já mencionadas primeiras prospecções no Outeiro de São Mamede, realizadas em 1895.

Por razões diversas, a maioria das intervenções de campo por si executadas foram relativamente restritas, certamente em consequência dos escassos recursos do Museu.

É por via de Maximiano Apollinario que outro técnico ingressa no Museu, onde desempenhou papel de relevo nas explorações que viria a desenvolver no Outeiro de São Mamede: trata-se de Bernardo de Sá.

Bernardo António de Sá ingressou no Museu Etnológico em Março de 1903 por sugestão de Maximiliano Apolinário a Leite de Vasconcelos, com documenta sugestiva carta conservada no legado deste último, a qual pelo interesse que possui, a seguir se transcreve:

Evora 15 de Nov. (de 1902)

Meu caro Amigo

Circunstancias de ordem practica (?) me trouxeram a esta mui nobre Cidade, onde conto ainda demorar-me 2 dias.

Hoje de manhã, á luz do sol, encontrei o seu homem. Imagine que está aqui um rapaz, conductor das Obras Públicas, um certo Bernardo de Sá, pessoa que eu conheço um pouco, que me diz ter desejo de servir no Museu Etnológico.

Elle procura, affirmou-mo, essa comissão, porque ao mesmo tempo satisfaz a vantagem que lhe traz o ter residencia em Lisboa por ter ahí familia, e lhe dá ensejo de estudar assumptos para os quaes elle sente um certo pendor (?).

Creio que é este o homem que lhe convém. É um rapaz muito commedido, posto que tenha, creio eu, ideias políticas ultra-avanzadas, que afinal professa muito pacificamente, e é pessoa capaz de se applicar a estudar.

Por estas razões recommendo-lho vivamente.

Elle ja fez um requerimento no sentido de ser transferido d'aqui p^a o Museu.- Se o Amigo quizer o rapaz sabe que lhe basta fazer um gesto.- Faça-o e depois me dirá se está satisfeito com o tê-lo feito. Creia-me sempre . seu am^o

Max Apollinario

P.S- Se quizer escrever ao Bernardo de Sá- elle mora na Rua dos Infantes 44- Évora
seu Max

Bernardo de Sá permaneceu no Museu até Outubro de 1906, tendo participado entre outras nas escavações no Outeiro de S. Mamede, no cemitério de Mértola (1904), nas efectuadas em Colares e em outras, como no Marco (Junho e Julho de 1903); No final de Novembro e início de Dezembro de 1903 deslocou-se a Aljustrel, para finalizar a escavação ali iniciada por Almeida Carvalhaes, outro funcionário

do Museu.

Ainda em Março 1904 explorou a necrópole pré-histórica da Torre, e o cemitério romano de Alcaria. Tal como se verificou com o seu antecessor, as referidas intervenções arqueológicas encontram-se devidamente documentadas nas páginas da revista oficial do Museu.

No acervo da correspondência recebida por Leite de Vasconcelos, conservam-se algumas cartas de Bernardo de Sá relativas às explorações arqueológicas que efectuou no Outeiro de São Mamede em 1903, 1904 e 1905, as quais, por constituírem interessante achega para o conhecimento dos trabalhos pioneiros ali efectuados, se transcrevem a seguir na íntegra. De acordo com apontamento de Leite de Vasconcelos, junto á documentação das explorações do Outeiro de São Mamede, as sucessivas campanhas arqueológicas ali realizadas tiveram lugar entre (ALVES, 1956/1957, p. 54):

1903 - Fins de Outubro a 23 de Novembro;

1904 - 25 de Maio até pouco depois de 6 de Junho;

1905 - 13 de Fevereiro a 3 de Março;

1906 - Junho e Julho (?).

A primeira carta foi escrita na sequência da realização da primeira campanha de escavações, em Maio de 1903.

Carta nº. 1

26 Outubro de 1903 (27 Outubro data de Correio)

Ex mo Sr.

Eis-me finalmente em S. Mamede....a chuva que tem caído ininterruptamente não me permitiu ainda iniciar os trabalhos.

Procurei o Sr. Castro (Joaquim) logo que cheguei acomodando-me na estalagem á sahida da estação em casa de Luiz da Costa a onde poderá V. Ex^a dirigir-se a seu primo a quem procurei recomenda se mt.

De V^a Ex^a

Att^o.

B. Ant^o de Sá

Carta nº. 2

Exmo S. Dr. J. Leite de Vasconcelos

Biblioteca Nacional

Lisbôa

6 Nov de 1903

Exmo Sr.

Acabei a exploração do (?) voltando-me novamente p^a o castro, hoje colhi mt. cacos ornamentados alem dos outros que contem bem 2 caixotes, encontrei também pontas de seta e um novo machadinho, um peso com 4 braços, uma lança de cobre e um bocado de uma faca de pederneira isto é bôa colheita, o tempo está

ameaçando mas não chovendo continuar-se-ha. Estimei saber as notícias que V^a Ex^a me deu no seu postal ultimo. Recomendo-me a (?)

De V. Ex^a

B. Ant^o de Sá

Carta n.º. 3

Exmo S. Dr. J. Leite de Vasconcelos

Biblioteca Nacional

Lisbôa

9 de Novembro de 1903

Exmo. Sr.

Respondo ao ultimo de V Ex^a. Tenho informado a V. Ex^a dos resultados da minha exploração, se não tenho enviado mais detalhados informes é porque os guardo para quando entregar a V. Ex^a as minhas notas. Hoje comecei crivando a terra feita no cóрте que exceptuando uns cacos ornamentados já colhidos nada mais deu continuarei entretanto conforme as suas ordens.

De V. Ex^a

B. Ant^o de Sá

Carta n.º. 4

Exmo S. Dr. J. Leite de Vasconcelos

Biblioteca Nacional

Lisbôa

18 de Novembro de 1903

Exmo Sr.

Já estamos a meio da semana e ainda não tive resposta ao meu pedido em carta ao Sr. Campos. Lido o postal de V. Ex^a fico sciente de que não vem 5^a feira como eu esperava, peço portanto a fineza de me enviar os 25\$000 reis que pedi pois necessito satisfazer as dívidas contraídas e as jornas da semana que decorre. Sobre o castro tenho a dizer que o julgo quasi esgotado, tenho mt. cacos que enchem bem 2 caixotes grandes, (?) e um cheio de materiais de construção, mais algumas settas, machados (uns 6) e pezos quadrados (7). O trabalho marcha com rapidez pois a rocha aflora a superficie sendo o corte maior com 1,30 m de altura media

De V^a Ex^a

B. Ant^o de Sá

Carta n.º. 5

Exmo S. Dr. J. Leite de Vasconcelos

Biblioteca Nacional

Lisbôa

21 Novembro de 1903

Exmo Sr.

Recebi o vale que V. Ex^a me enviou. Faço tenção de me apresentar na proxima 3^a feira, pois necessito estar aqui ainda 2^a para crivar um resto de terra, e regularizar o terreno das escavações. De cobre encontrei hontem uma lamina de bronze uns pedaços que me parece ser lança e uns pequenos pedaços que não posso encontrar o nome adequado, umas 2 goivas, mais umas 4 settas no crivo e uma pequena conta, o mais importante vae n`um pequeno caixote, o bronze, settas e uma placa de ardósia ornamentada levo-a comigo.

B. Ant. de Sá

As explorações continuaram no ano de 1904, como provam as seguintes cartas, enviadas nesse ano a Leite de Vasconcelos:

Carta n.º 6

26-5-904

Exmo Sr.

Iniciei hoje os trabalhos não onde (??) estão semeadas de batatas entretanto vou explorando o que tenho disponível a fim de não pagar indemnizações.

Entretanto com o que tenho colhido já dou por bem empregado o meu tempo.

De V^a Ex^a

B. Ant^o de Sá

Carta n.º 7

2-6-904

Exmo Sr.

Tenho continuado a exploração não com tanta felicidade como no começo mas pelo menos com relativo exito contava explorar os (?) mas como já disse a V. Ex^a estão plantados de batatas e os donos pedem demasiado pela expropriação, razão porque me não atrevo sem ordens de V^a Ex^a a faze-lo. Falando com o Sr. Leite (?) foi elle de opinião de voltar cá quando não houvesse plantação, entretanto ainda tenho campo explorável p^a 8 ou 10 dias.

Nada de ferro e de cobre mt. pouco

De V. Ex^a

Att^o e Obrg^o

B. Ant^o de Sá

Carta nº. 8

6-6-904

Exmo Sr.

Respondo á ultima de V^a Ex^a, tenho continuado com (?) as pesquisas, antehontem foi um dia feliz sobretudo em cacos ornamentados, (?) quasi metade d'um lindo vaso (?) além de vários fragmentos com desenho tenho com abundancia furadores d'osso, fragmentos de facas, serras, raspadores, machados etc. Desde já posso responder ao questionário de V. Ex^a

1º O nome do morro é do Outeiro, o monte não apresenta vestígios de muralhas como o castro dos Arados algumas divisórias são segundo informes obtidos muros de vedação modernos não apresentando nenhuma regularidade nem qualquer característica especial, com este môrro é bastante alcantylado julgo pela sua própria configuração facilmente defensavel, quando mt. posso supôr que em pequenas obras como barricadas de penedos (?) e sou levado a pensar assim pois que pelas encostas tenho observado grandes fragas que evidentemente (?) pelas ditas.

2º Com respeito ás camadas a parte que tenho explorado mesmo bem apresenta pequenas profundidades não ha camadas pelo menos facilmente definidas, tenho me admirado de nunca ter notado o mais pequeno fragmento de carvão ou vestígios de cinzas, e não é engano mas pois que ja com o dos Arados não seria fácil.....tão pouco vestígios de habitações, so na parte mais alta e que tem vestigios de alicerces que a gente do logar atribue a uma antiga ermida sob a invocação de N. S da Batalha, escavando ainda não me deu senão alguns fragmentos ceramicos, não encontrando nenhum indício de haver sido de ermida.

poderei aproveitar bem os penedos a pique como (?) nas encostas do monte sobretudo a poente existem 3 lapas que já visitei, todas ellas totalmente revolvidas pelos pesquisadores de tesouros...

Segundo (?) n'uma esqueleto com caveira completa (?) e espalharam os ossos evidentemente uma sepultura porque fragmentos ceramicos peças usadas como espólio destas necrópoles (?) levo amostras de osso e conchas assim como fragmentos de machados, conforme V. Ex^a me recomenda, o cobre é quase (?) excursão anterior. Paciência. Tenho notado que as zonas mais altas são sobretudo as (...) junto aos penedos que é (?).

De cerâmica não ornamentada levo sobretudo bordos ou fundos por onde facilmente se possa deduzir as formas do vaso e a sua (?) Eis o que (?) tenho a comunicar a V. Ex^a os trabalhos da quantia de 18\$000 que V. Ex^a a bondade de (?).

De V. Ex^a

B. Ant^o de Sá

Esta carta, de resposta a um questionário enviado por Leite de Vasconcelos tem, entre outros aspectos de interesse, o facto de mencionar algumas cavidades naturais na encosta alcantilada do Outeiro, as quais foram utilizadas como necrópoles pré-históricas; esta situação possui estreitos paralelos em outros povoados pré-históricos estremenhos, como o de Leceia e o de Carnaxide, Oeiras e o da Rotura, Setúbal. Merece também destaque a referência ao facto de os materiais arqueológicos abundarem nas zonas junto

aos penedos, sugerindo que estes poderiam ser utilizados como apoios às habitações.

Em 1905 as explorações continuaram; no final dessa campanha, foram redigidas as “Notas de Exploração” (que não se localizaram), pois estas terminam, segundo S. D. Alves, com a relação dos trabalhos efectuados nesse ano, com destaque para o esboço dos sectores objecto de exploração, a que já anteriormente se fez referência (Fig. 2, nº. 1).

Carta nº. 9

14-2-905

Comecei 2ª feira os trabalhos com 3 homens, as jornas estão altas por que os trabalhos de campo empregam agora mt. gente trago-os a 380. Já colhi alguma cousa mas nada de novidade, o costume furadores de osso, raspadores, cinzeis, machados etc.

Há aqui um pousio onde espero fazer uma boa colheita, mas está semeado de cevada, amanhã falarei com o dono e se elle não exigir exorbitanciascomeçarei aqui as explorações no dito.

De Vª Exª

B. Antº de Sá

Carta nº. 10

Exmo Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos

Biblioteca Nacional

Lisbôa

19-2-905

Exmo Sr.

Os trabalhos continuam e bem, hoje dei com 2 lareiras bem caracterisadas no intervalo de 2 penedos ao pé eram abundantes os cacos, restos de grandes vasilhas e ossos largos de animais, a colheita foi de 1ª ordem, só settas colhi mais de 80, um grande número de furadores d'osso, alem de outros ossos aguçados em bisel, pequenas tijelinas, 2 partidas mas que se podem recompôr e 1 copo de barro forma cylindrica toscamente feito á mão mas inteiro, e uns 4 machados, tenho tambem arrançadas umas 6 mós e uma grande pia (?) Cobre nada, ferro nenhuns vestígios. O dono da cevada a que me referi não consente na exploração do seu terreno senão depois de arrancar a mesma, o que só tera logar para o fim de março, pois segundo elle diz é lhe mt precisa para o gado, entretanto consentiu nos trabalhos no terreno não semeado.

Sem mais assumpto

De Vª Exª

Att. e Obrg.

B. Ant de Sá

Carta nº. 11

Exmo Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos

Biblioteca Nacional

Lisbôa

24-2-905

Exmo Sr.

Recebi os folhetos que V^a Ex^a me enviou. A exploração tem continuado com bom (?). A camada de carvão que julgo ser de uma (?) cabana esta situada n'uma especie de covão com 8,0 m de largura e tem de comprimento uns 5,0 m fica abrigada de todos os lados por rochedos cortados quasi a prumo e é aberta só p^a o lado sul fácil seria cobrir todo este espaço com um telhado e obter-se um abrigo com uns 2 m de altura profundidade a que levo o corte e aonde encontro carvão disposto por camadas de espessura varia e que seriam mt. presumivelmente restos de habitação incendiada. Isto é tudo pura hipótese mas que naturalmente ocorre ao analyzar o terreno e a disposição das camadas do terreno para o fundo cinzeiro é geral e assenta sobre um barro vermelho esteril que cobre a rocha, tenho encontrado com abundancia ossos e cacos hoje apareceram umas 4 mós e umas 80 settas sómente alguns machados 2 perfeitos, furadores e uma especie de prato quebrado mas que se reconstitue.

Sem mais assumpto

De V. Att..

B. Ant^o de Sá

Carta nº. 12

Exmo S. Dr. J. Leite de Vasconcelos

Biblioteca Nacional

Lisbôa

27-2-905

Exmo Sr.

Concluidos os trabalhos da parte a que já me referi em anteriores bilhetes, passei p^a outro sitio, mas a colheita tem sido quasi nulla pois a rocha anda muito á superficie, alguns cacos e ossos que quando se fôsse possivel explorar agora o campo de cevada de que já fallei a V^a Ex^a teria ainda trabalho p^a uns 15 ou 20 dias e poder-se-hia segundo julgo dar por finda a exploração do "castro".

Tencionava pedir a V Ex^a mais uns 5\$000 reis mas como V. Ex^a me diz no seu postal ultimo que tenciona aqui vir pelo entrudo aguardo para então, devendo entretanto notar que o campo que tenho desponivel p^a exploração não me deve levar mais de 4 ou 5 dias de trabalho.

Tenho crivado a terra e obtido uma rica messe em setas.

Enfim a colheita d'este ano já em nada é inferior à dos anos anteriores.

A cabana (?) forneceu por si só um museu completo.

De V^a Ex^a

Att. e Obrg do
B. Antº de Sá

Esta foi a campanha mais profícua e certamente a mais interessante, sobretudo por ter sido escavada uma “cabana” com espólio abundantíssimo, conservado *in situ*. Na Fig. 2, nº. 2, apresenta-se o corte estratigráfico registado por Bernardo de Sá, que evidencia a existência de camadas arqueológicas não remexidas, muito carbonosas, em resultado de fogueiras ali efectuadas. Trata-se de um recinto rectangular, de 4,50 m por 3,60 m, limitado do lado poente pela escarpa natural e ao norte e nascente por outros rochedos, encontrando-se o espaço interior assim definido, completamente preenchido por depósitos antrópicos.

As “Notas de Exploração”, parcialmente transcritas (ALVES, 1956/1957, p. 64), indicam as condições de jazida de alguns dos materiais arqueológicos: “No fundo da cabana e numa pequena anfractuosidade encostada ao paredão, encontrei, em dois montículos pouco afastados um do outro, um tesouro de setas, e, do lado oposto, numa cavidade da fraga, um almofariz tendo ainda emborcada a respectiva mão”.

Em 1906 os trabalhos prosseguiram; com efeito, a carta anteriormente transcrita, de 27/2/1905 indica a existência de um campo semeado de cevada, que justificaria exploração; deve ter sido ali que se efectuaram os derradeiros trabalhos arqueológicos, visitados a 30 de Junho de 1906 por Leite de Vasconcelos. Os apontamentos deste último registam um corte, por certo ali efectuado, reproduzido na Fig. 2, nº. 3; foi nesse corte que se encontraram, nos locais assinalados, um martelo (1); um diadema de ouro (2); um caco ornamentado (3); uma ponta de seta, junto ao substrato geológico (4); e um fragmento de machado de pedra (5).

As “Notas de Escavação” de Bernardo de Sá, segundo S. D. Alves (ALVES, 1956/1957, p. 69), contém ainda outras informações de interesse no respeitante à distribuição de materiais e à correspondente estratigrafia dos mesmos; assim, o sector 2 da Fig. 2, nº. 1, corresponde a um recinto aberto para Sul, circundado por rochas, que uma cobertura bastaria para o transformar numa espécie de cabana, semelhante à já descrita. É desse local, cuja estratigrafia se registou (Fig. 2, nº. 4), que provêm doze elementos de tear inteiros, além de fragmentos de outros, conferindo-lhe um estatuto de sítio especializado na tecelagem, aliás sublinhado pelas suas modestas dimensões. Idêntica conclusão é extensível a outra zona, assinalada na Fig. 2, nº. 1, onde a quantidade de machados era tanta que os trabalhadores a baptizaram como a “mina dos raios”, de acordo com as “Notas de Escavação”.

Apesar de não ter sido possível, como já se referiu, aceder às “Notas de Escavação” de Bernardo de Sá, verificou-se que o Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia conserva ainda diversos apontamentos de campo de Bernardo de Sá, cuja transcrição, tal como a da correspondência acima, igualmente se justifica:

7-6-904

Escavação a 1,50 de profundidade terreno apresenta (?) camadas a 1ª de um metro de terra aravel de cor escura a 2ª d'uma 0,50 em média de uma terra fina amarelada n'alguns pontos tirante (?) pª vermelho, abundancia em ossos grossos e cacos de grande espessura bordos de talhas etc. sem efeites apareceram no fundo 2 machados pequenos os cacos apresentam pintas de carvão na 1ª camada apresentam-se tambem cacos não é possivel á simples vista achar as formas predominantes das camadas pois que com idênticas formas tanto se encontram no fundo como a superficie d'uma maneira geral pode-se dizer que os cacos ornamentados são mais superficiais, assim como os raros objectos em cobre que tem aparecido Aparecem alguns cacos grossos que parece de grandes talhas com pintas de carvão aderentes, a sua côr negra acinzentada mostra indícios de terem servido ao fogo.

27

Exploração do castro de S. Mamede (?) distante menos de 1 km do lugar de S. Mamede (?) cujas escarpas são para o poente aplanadas. Posto que não tenha encontrado em reconhecimento previo vestigios de muralhas é-se levado a crer que a N. deverá havê-las pois que por este lado o monte não apresenta o aspecto defensável que apresenta ao poente e ao nascente onde as próprias fragas escalabradas umas sobre as outras constituem por si só optima defesa. Foi nos planos (?) (a b c) que encontrei vestigios de bilhas ... e tijolos, o que me determinou imediatamente (?) iniciando os trabalhos no pequeno plano superior (b) onde no esquema (?) se pode considerar talvez como cidadella.

29

Iniciei trabalhos n'uma baixa (a) encostada ao contraforte do lado nascente e bastante abrigada começando por abrir um corte no terreno Este corte pouco fundo de 1,20 a 1,0 este corte apresenta uma camada de terra estéril encontram-se muitos cacos de barro negro alguns com detritos em quartzo, outro vermelho com camada negra ao centro, pelas formas fundos e bordos parecem pertencer a louça bastante primitiva vasos de forma de cabaça mas já talvez moldados à roda, pelo menos alguns dentro d'elles, encontrei bastantes seixos rolados que podem ser aplicados como martelos, duas pontas de flecha, Disseram-me que na fazenda do José Marques apareceram bastantes restos de tijelas, flechas, ossos de (?) etc., pedi e obtive licença para explorar o sítio.

30 de Outubro

A superficie na terra vegetal a telha e o tijolo. São abundantes as cascas de mariscos.

31

José Monteiro oferece tijollos cinco.

Inventário da cabana

- 1 ponta de lança de sílex grande
- 2 fragmentos de lâminas de sílex retocadas
- 5 faquinhas de sílex
- 5 fragmentos de sílex retocados
- 4 facas de quartzo
- 262 pontas de seta de sílex
- 10 raspadores de sílex
- 14 pezos de tear
- 30 machados de pedra completos
- 1 enxó de pedra completa
- 31 fragmentos de machados
- 1 furador trabalhado com arte
- 22 furadores
- 6 raspadores (?) de osso
- 15 cinzéis (ossos aguçados em bisel) (?)
- 1 osso com dois furos
- 9 percurtores arredondados
- 1 idem, cilíndrico
- 1 fragmento d'outro
- 7 amoladores
- 1 nucleos de sílex
- 1 fragmento de placa de xisto
- 1 botão
- 1 conta
- 1 objecto indeterminado ornamentado
- conchas furadas
- 1 copo de barro inteiro (;) toda a louça foi encontrada no lugar da cabana
- diversos fragmentos de pesos, e de cacos ornamentados que foram quase todos achados à superfície do terreno aravel
- lascas de sílex sem sinal de trabalho
- ossos de animais diversos
- dentes

Este inventário encontra-se igualmente transcrito nas “Notas de Escavação” e reporta-se à “cabana” registada em planta (Fig. 2, n.º 1) e em corte (Fig. 2, n.º 2), a que já anteriormente se fez referência.

Pela correspondência enviada por Bernardo de Sá a Leite de Vasconcelos, e ainda pelos apontamentos que aquele fez das suas explorações no Outeiro de São Mamede, conclui-se que a abundância de materiais se relaciona directamente com uma ocupação importante do topo da elevação, onde foi possível identificar não apenas estratigrafia, como também a existência de estruturas habitacionais, com destaque para um provável fundo de cabana que forneceu tanto material (cujo inventário se apresentou acima), segundo o escavador, suficiente para constituir um museu...

É, pois, este conjunto estratigrafado e, em parte com localização definida – ao qual, já na época do estudo de S. D. Alves (ALVES, 1956/1957) se encontraria desfalcado de muitas das peças referidas por Bernardo de Sá – conquanto se encontre desprovido de informações mais precisas, que será objecto de estudo e caracterização neste trabalho. Cumpre agradecer desde já à Direcção do Museu Nacional de Arqueologia as facilidades concedidas (1995-1997) para o estudo desta importante colecção até ao presente inédita, bem como o acesso ao seu precioso arquivo documental, onde se conservam as cartas dirigidas por Bernardo de Sá a Leite de Vasconcelos, agora dadas a conhecer. Os desenhos que ilustram este trabalho são da autoria de Helena Figueiredo, Carlos Lemos, Bernardo L. Ferreira e de um de nós (J. R. C.).

2 - ESTUDO DO ESPÓLIO

2.1 - Indústria de pedra polida e afeiçãoada

É assaz numeroso o espólio de pedra polida recolhida no Outeiro de S. Mamede, integrando tipos artefactuais bastante diversificados, alguns de relativa raridade. A escassa representação de fragmentos e de peças com extensas mutilações sugere triagem na sua recolha, prática comum na época, desprezando-se os fragmentos considerados de interesse menor.

Na sua larga maioria, os utensílios foram executados em anfiboloxistos de idêntica coloração e de textura fina, sugerindo uma fonte única de abastecimento desta matéria-prima, e, deste modo, uma ocupação breve mas muito intensa, ao menos da área explorada da estação.

A relevância do conjunto exumado mostra a existência de importantes actividades sobre o meio ambiente envolvente, designadamente a desflorestação (com o conseqüente trabalho da madeira) e a criação de áreas abertas, propícias a pastagens, na zona baixa e com abundância de água, na base do Outeiro.

2.1.1 - Machados

A exemplo de outros contextos domésticos calcolíticos, as lâminas polidas de machados, constituem

o utensílio numericamente dominante no cômputo total da indústria de pedra polida (Est. 3, nº. 1 a 5; Est. 4, nº. 1, 3 e 5; Est. 5, nº. 1 a 6; Est. 6, nº. 1 a 5 Est. 7, nº. 1 a 4; Est. 8, nº. 1, 3 e 4) .

No conjunto, dominam os machados de secção subrectangular e em menor proporção os de secção subelíptica, registando-se ainda a presença de martelos e escopros. Tem sido tradicional a atribuição dos segundos a uma fase neolítica anterior à plena afirmação dos machados de secção sub-restangular ou sub-quadrangular. No entanto, de machados com estas últimas características, curtos e espessos, como a maioria dos recolhidos no Outeiro de São Mamede, encontraram-se em contextos do Neolítico Antigo da gruta do Caldeirão, Tomar (ZILHÃO, 1992, Fig. 7.7) e, fora de contexto, mas pertencentes também provavelmente ao Neolítico Antigo, em outras grutas da Estremadura, como a da Casa da Moura (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002). No caso em apreço, é inquestionável a inclusão de uns e de outros no Calcolítico, por ter sido única fase cultural identificada, como se conclui das características do espólio cerâmico, adiante estudado.

Os gumes evidenciam frequentes vestígios de utilização: nos casos em que estes exibem reduzida amplitude, que não inviabilizaria a sua utilização cortante, manteve-se a designação de machado; porém, quando os massacramentos se apresentam de tal forma intensos, ocorrendo simultaneamente no talão e no antigo gume, inviabilizando a continuação da utilização deste, optou-se pela sua inclusão no grupo dos martelos/percutores, adiante estudados, sem prejuízo de corresponderem, via de regra, a reaproveitamentos de machados e, em menor escala, de enxós, destrinça que frequentemente é impossível, tal o estado de mutilação da zona cortante dos artefactos originais.

O polimento dos utensílios revela-se desenvolvido nas faces e nestas especialmente na extremidade activa, ao passo que nos flancos se afigura em regra sumário, resultando, em consequência, peças de secções relativamente assimétricas.

2.1.2 - Enxós

Diferem dos machados sobretudo pela seu arqueamento lateral, extensível ao perfil dissimétrico do gume, em forma de bisel, constituindo este caracter o elemento principal de separação tradicionalmente considerado (Est. 4, nº. 2 e 4; Est. 8, nº. 2; Est. 9, nº. 1 a 3; Est. 10, nº. 1 a 5). As enxós apresentam-se, frequentemente, de formato espalmado, sendo muito menos pesadas que os machados, e de secções lenticulares, o que tem naturalmente a ver com a respectiva funcionalidade. Acessoriamente, possuem, muito mais frequentemente do que aqueles, polimento total ou quase, embora tal não seja a regra, como se verifica, no caso em apreço, pela grande enxó representada na Est. 9, nº. 2, onde é ainda perceptível o formato do lingote em bruto de onde foi talhada, por polimento da região distal (gume). A variabilidade de dimensões e, até, de formatos, faz crer que, sob a designação geral de “enxó”, existam diversos tipos de artefactos que pouco ou nada teriam a ver entre si, do ponto de vista funcional, a começar pela forma como seriam encabados. Sob este aspecto, é interessante relembrar que as pequenas peças polidas, tenham ou não gume dissimétrico (característico das enxós), poderiam nem sequer ser encabadas, como se deduz de

um exemplar polido de fibrolite, encastado numa manga de barro cosido, recolhido na anta 1 da herdade de Entreáguas, Pavia (CORREIA, 1921, Fig. 48; VASCONCELOS, 1922, Fig. 21). Como judiciosamente refere este último autor, “A folha ou lamina (...) é do tipo que usualmente denominamos machado ou machadinho, denominação puramente convencional, resultante da forma e nem sempre da serventia do objecto. Aqui a lamina servia de cortar ou de raspar (...)”.

2.1.3 - Goivas

As duas goivas recolhidas por Bernardo de Sá na campanha de 1903 e por ele referidas na correspondência ora publicada com Leite de Vasconcelos, já não foram vistas por S. D. Alves (ALVES, 1956/1957, p. 88). Porém, foi possível identificar nas colecções do Museu Nacional de Arqueologia um exemplar inteiro (ao contrário do fragmento por aquele citado), de secção elipsoidal, totalmente polido, como é característico deste tipo artefactual (Est. 10, n.º 6). As goivas são sempre muito escassas, constituindo uma ínfima percentagem da utensilagem em pedra polida das estações do Neolítico e do Calcolítico da fachada atlântica, isto apesar de, já em 1886, E. Cartailhac (CARTAILHAC, 1886: 75) tê-las considerado como um utensílio caracteristicamente português.

2.1.4 - Artefactos com sulcos de fixação

No conjunto da utensilagem de pedra polida de S. Mamede merecem atenção três utensílios com caneluras transversais, certamente destinadas a facilitar a fixação da lâmina lítica ao respectivo cabo. O primeiro exemplar mostra dois tênues sulcos paralelos numa das faces e um terceiro, na face oposta (Fig. 11, n.º 1). Possui evidentes analogias com um exemplar do povoado pré-histórico de Leceia, Oeiras (CARDOSO, 1999/2000, Fig. 42, n.º 2; Fig. 44). Trata-se de exemplar munido numa das faces de finos sulcos, obtidos por incisão e alargamento ulterior por abrasão; provém da Camada 2, do Calcolítico Pleno, época a que deverá também pertencer o exemplar do Outeiro de São Mamede, o qual foi ulteriormente transformado em martelo/percutor, atendendo às evidentes marcas existentes em ambas as extremidades. A sua utilização primária como machado não oferece dúvidas, tendo presente que se observam sulcos de fixação em ambas as faces maiores da peça. Dois outros exemplares, apresentam apenas um sulco, mais largos que os da peça anterior, na zona mediana de uma das faces, produzidos por abrasão e polimento (a menos que este último tivesse resultado apenas da fricção do cabo ou das fibras vegetais que garantiam a fixação da lâmina lítica (Fig. 11, n.º 2 e 3). Leite de Vasconcelos dedicou estudo ao modo de encabamento de alguns dos instrumentos de pedra pré-históricos (VASCONCELOS, 1922). No caso vertente, trata-se de dois machados, atendendo à simetria do perfil do gume, embora num dos casos reste apenas cerca de um quarto do volume original (Fig. 11, n.º 2) e o outro tenha sido reaproveitado como martelo ou sacho, dadas as marcas de choques violentos que ostenta na zona do gume (Fig. 11, n.º 3). Embora pouco comuns, a presença de lâminas líticas com sulcos de encabamento (mais frequentemente apenas um sulco numa

das faces), está longe de ser considerada rara, inscrevendo-se em fase avançada do Neolítico, ou já no Calcolítico.

2.1.5 - Martelos/percutores

Nesta designação integram-se os utensílios que exibem uma ou ambas as extremidades massacradas por percussão, a tal ponto que, como atrás se referiu, os gumes das peças originais – fossem elas machados ou enxós – deixaram de desempenhar a função cortante (Fig. 12, n.º 1 a 4); frequentemente, a modificação que sobreveio foi tão intensa que dificulta a identificação da peça original (machado ou enxó ?).

2.1.6 - Escopros e formões

Os escopros (também designados por cinzéis), correspondem a artefactos estreitos, em geral de secção sub-rectangular e bem polidos, sendo o gume simétrico, com perfil lateral idêntico ao dos machados (Fig. 13, n.º 1, 2, 4 a 8; Fig. 14, n.º 1 a 3 e 5 a 9). Ao contrário, sob a designação de formões, integram-se artefactos idênticos aos anteriores, mas frequentemente encurvados, e com gume de perfil assimétrico, idêntico ao das enxós (Fig. 13, n.º 3; Fig. 14, n.º 4). A distinção entre estes dois tipos, de carácter estritamente morfológico, poderia não ter as incidências funcionais implícitas a ambas as designações; estas, simplesmente, reflectem as analogias morfológicas com artefactos actuais, de ferro, com tais características, critério seguido em outros trabalhos (CARDOSO, 1999/2000). É provável que, nalguns casos, fossem encabados, designadamente quando apresentam a extremidade oposta ao gume em bruto ou, pelo contrário, polida e biselada (com bisel simples ou duplo), como é o caso dos exemplares da Fig. 13, n.º 1, 2, 6 a 8. Noutros casos, aquela extremidade mostra-se espessa e, por vezes, com indícios de percussão, sendo, deste modo, provável que a peça fosse utilizada sem encabamento (Fig. 13, n.º 3 a 5 e todos os exemplares da Fig. 14). Em um, observa-se um pequeno sulco transversal, que dificilmente se poderá relacionar com o encabamento (Fig. 14, n.º 5).

Relativamente frequentes em contextos domésticos, especialmente calcolíticos da região estremenha, como em Leceia, Oeiras, os escopros e os formões tornam-se mais raros em ambientes funerários, salientando o seu carácter profano e exclusivamente utilitário, desprovido de cunho simbólico, ao contrário do verificado com os machados e as enxós.

2.1.7 - Martelo de mina

Na indústria lítica de pedra polida ou afeiçãoada, é de referir a existência de um martelo mineiro, realizado, como usualmente, em pesado calhau de quartzito, munido de um sulco transversal em todo o seu perímetro (Fig. 15, n.º 1). Ambas as extremidades denotam intensas marcas de percussão, tratando-se,

deste modo, de uma peça muito utilizada.

A simples presença desta peça – cuja longevidade tipológica se estendeu sem alterações do Calcolítico até pelo menos o final da Idade do Bronze – indica que, naquela época, se minerou galeria nas proximidades do povoado. Com efeito, martelos análogos foram identificados por Estácio da Veiga em diversas minas de cobre algarvias (VEIGA, 1889, 1891). Na região de Óbidos, o cobre é conhecido, nas formações da base do Jurássico (Infralias), conforme é referido por O. da Veiga Ferreira (FERREIRA, 1970: 100). Já anteriormente, A. do Paço que, conjuntamente com E. Jalhay colheu no povoado calcolítico fortificado de Vila Nova de São Pedro, Azambuja, 13,5 kg de mineral com incrustações de malaquite por tratar (JALHAY & PAÇO, 1945), tinha referido a existência de um registo antigo de uma mina de cobre, na freguesia de São Pedro, do concelho de Óbidos, com o nome de mina de Benjunco ou de Outeiro da Mina (PAÇO, 1955: 35). Esta mina consta, conforme nota infrapaginal daquele estudo, no inventário das minas concedidas desde Agosto de 1836 a Junho de 1946, editado neste último ano pela Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos.

Enfim, Jacinto Pedro Gomes (GOMES, 1896/1898), assinalou o cobre nativo, nas colecções da Direcção dos Trabalhos Geológicos de Portugal e da Escola Politécnica, proveniente da mina de Trás-do-Outeiro, relacionada com as formações do Infralias do vale Tifónico das Caldas da Rainha. Assim se explicaria, não apenas o martelo mineiro ali encontrado, mas também a invulgar colecção de artefactos de cobre recolhidos, alguns deles lingotes, associados a diversos restos de fundição e a crisóis, adiante estudados.

A importância da mina de cobre de Trás-do-Outeiro em tempos pré-históricos parece, aliás confirmar-se, pela referência de Félix Alves Pereira, no estudo que dedicou ao vizinho povoado do Outeiro da Assenta, Óbidos, de ter ali obtido cerca de sessenta machados polidos (PEREIRA, 1914, 1915), o maior número obtido entre todas as povoações dos concelhos de Óbidos e de Caldas da Rainha. Com efeito, sendo estes machados maioritariamente de anfibolitos de origem alentejana, a sua abundância só poderá explicar-se pela disponibilidade de outras produções – neste caso o cobre – susceptíveis de serem trocadas por aquela matéria-prima.

2.1.8 - Mós, dormentes e percutores

Regista-se ainda a presença de diversos outros materiais arqueológicos de pedra afeiçãoada, pouco característicos e de amplo espectro cronológico: moventes e dormentes de mós manuais e alguns seixos truncados de talhe unifacial.

O elevado número dos elementos de moagem, dá conta do grau de sedentarização das comunidades sediadas no decurso do Calcolítico no Outeiro de São Mamede e indiciam, em particular, a importância da agricultura cerealífera na economia de então, recorrendo certamente ao aproveitamento dos campos imediatamente adjacentes ao cabeço e nele próprio, o qual poderia ser também agricultado, como aliás dá conta a correspondência de Bernardo de Sá para Leite de Vasconcelos.

A exemplo do verificado para outros povoados coevos do Centro de Portugal, o granito constitui a

matéria em que foram executadas as diversas mós exumadas no castro de tipo barquiforme, ou de movimento de vai-vem. Os abundantes exemplares recolhidos em S. Mamede, que possuem perfil subtriangular de base sumariamente desbastada e topo aplanado, por vezes ligeiramente encurvado, com a concavidade destinada à moagem indicam, pois, uma origem exógena, visto que os afloramentos graníticos mais próximos se situam na região da Berlenga. Os moventes são maioritariamente executados em calhaus rolados de quartzito.

Os calhaus talhados, de quartzo e, sobretudo, de quartzito, conhecidos em múltiplos ambientes do Neolítico Final/Calcolítico da baixa Estremadura, a exemplo do registado em Casas Velhas, Maфра (CARREIRA & LOPES, 1994), vem questionar as frequentes e quase automáticas atribuições ao Paleolítico destes artefactos, quando os seus contextos não se encontram esclarecidos.

Um calhau rolo de topo aplanado evidencia uma depressão, certamente aprofundada por massacramento resultante de utilização como percutor passivo (Fig. 15, n.º 2). Peças deste tipo, podem interpretar-se como bigornas de talhe de indústria microlítica. Com efeito, a presença de esquirolas e restos de talhe, frequentemente desprezadas nas antigas escavações sugere a existência de fabrico local.

2.2 - Indústria de pedra lascada

A utensilagem de pedra lascada recolhida no Outeiro de São Mamede respeita os cânones usuais nos conjuntos homólogos do Calcolítico da Estremadura. A existência de sílex, sob a forma de nódulos, nos calcários mesosóicos das vizinhanças, explica a abundância de peças recolhidas, as quais, via de regra se encontram inteiras ou pouco fragmentadas, indiciando triagens no momento da colheita, aliás já identificadas ao nível do conjunto de pedra polida, como anteriormente se referiu. Do ponto de vista tipológico, podem considerar-se diversos grupos, a seguir caracterizados.

2.2.1 - Lamelas e fragmentos de lâminas não retocadas, ou com retoques marginais

A Fig. 16 reproduz lamelas não retocadas (n.º 1 a 14) e fragmentos de lâminas, igualmente não retocadas ou possuindo retoques marginais, mais ou menos descontínuos, ou simples indícios de utilização (n.º 15 a 24), tendo uma delas um dos bordos denticulado (n.º 19). A presença de lamelas e de lâminas pouco ou nada retocadas é frequente em contextos do Neolítico Final e do Calcolítico da Estremadura, a par de produtos laminares com maior transformação dos bordos e das extremidades, adiante referidos. É provável que as lâminas que possuem as extremidades partidas, fossem utilizadas como segmentos, encastoadas em cabos de madeira, integrando de peças compósitas; nestes casos, tais fracturas teriam sido consequência de acto intencional e não de simples acidente, durante a preparação ou ulteriormente.

2.2.2 - Lâminas com retoque marginal contínuo, com extremidades distais utilizadas como raspadeiras, "bicos" e furadores

Trata-se de grupo muito bem representado no conjunto instrumental de pedra lascada; tal como os exemplares do grupo anterior, possuem em geral secções sub-trapezoidais, diferenciando-se daqueles por exibirem retoque contínuo, em geral em ambos os bordos laterais (Fig. 17, n.º 1 a 14; Fig. 18, n.º 1 a 15; Fig. 19, n.º 1 a 5); excepcionalmente, o retoque circunscreve-se apenas a um dos bordos (Fig. 17, n.º 4). Tal como nos casos anteriores, são frequentes as lâminas partidas, com truncaturas direitas verticais, transversais ou oblíquas, desconhecendo-se, porém, se intencionais, ao menos nalguns casos.

As extremidades distais, quando conservadas, apresentam retoques idênticos aos dos bordos laterais, formando gumes fortemente convexos (Fig. 17, n.º 9; Fig. 18, n.º 9, 10 14 e 15; Fig. 19, n.º 1 a 3), ou sub-rectilíneos (Fig. 17, n.º 5; Fig. 18, n.º 7; Fig. 19, n.º 4 e 5), que poderiam ser utilizados como raspadeiras, utilização igualmente extensível a uma lâmina espessa, com levantamentos invasores sub-verticais, a única com tais características (Fig. 19, n.º 7).

Noutros casos, a extremidade distal apresenta-se apontada, do tipo "bico", talvez destinada a perfurações largas e pouco profundas, como sugere a robustez da ponta (Fig. 19, n.º 8 a 11). Estes exemplares correspondem a transição para os furadores sobre lâmina, de que se conhecem quatro exemplares (Fig. 19, n.º 12 a 15). Peças análogas recolheram-se em numerosos povoados do Neolítico Final e do Calcolítico da Estremadura: nuns casos, a ponta resultou do afilamento progressivo dos bordos laterais, com retoques abruptos contínuos; noutro (Fig. 19, n.º 14), deu-se um estrangulamento simétrico da largura da lâmina, no seu terço superior, originando uma ponta estreita, igualmente produzida por levantamentos abruptos.

2.2.3 - Peças de retoque plano, uni ou bifacial

Objecto de numerosas designações, resultado, afinal, das diversas propostas de funcionalidade apresentadas por sucessivos autores ao longo do tempo (SERRÃO & VICENTE, 1980), os exemplares recolhidos no Outeiro de São Mamede atestam, por si só, a relevância da economia cerealífera destas populações, visto a sua utilização dever conotar-se, essencialmente, com a incorporação em foices com cabos de madeira, sem contudo se excluírem outras utilizações, como a de raspadores ou facas (Fig. 20, n.º 1 a 9; Fig. 21, n.º 1 a 9; Fig. 22, n.º 1 a 10). Estas peças peculiares, constituem um tipo lítico de cronologia indubitavelmente calcolítica, embora com antecedentes no Neolítico Final, como se comprova pela recolha de exemplares em estratigrafia no povoado pré-histórico de Leceia (CARDOSO, SOARES & SILVA, 1996). Dominam os exemplares de corpo foliáceo, de silhuetas essencialmente elípticas ou subrectangulares e retoque plano e invasor, embora se registem exemplares sub-quadrangulares.

No concernente às extremidades do grupo mais numeroso, correspondente às peças de contorno elíptico, reconheceram-se diversas variantes: convexas, côncavas, sub-rectilíneas e apontadas. Do mesmo

modo, o talhe afigura-se quase total numa das faces e parcial na outra, que conserva frequentemente a superfície primitiva da lasca de onde a peça foi obtida. Um caso extremo é representado pelo exemplar da Fig. 21, n.º 2, representando transformação mínima face ao suporte inicial, aliás reconhecível em outros exemplares (Fig. 21, n.º 1). Parece que a preparação destes artefactos era efectuada no próprio povoado, como sugere a presença de lascas de talhe (Fig. 19, n.º 6), ou de peças apenas esboçadas (Fig. 20, n.º 9); a sua escassez, face ao número das peças acabadas e utilizadas, pode explicar-se facilmente por corresponderem a fragmentos, ou a blocos mais ou menos informes, que não despertariam especial interesse, tendo presente a triagem efectuada na altura da recolha. Seja como for, os escassos indícios de talhe *in loco* concordam com o observado no povoado pré-histórico de Leceia, onde se identificou a sequência operatória completa (CARDOSO, 1997: 56).

A raridade destas peças em contextos funerários – de que se podem, não obstante, indicar algumas ocorrências pontuais, como as *tholoi* de Paimogo, Lourinhã (GALLAY *et al.*, 1973: n.º 331 a 334) e de Tituaria, Mafra (CARDOSO *et al.*, 1996, Fig. 40, n.º 9) e a Gruta II de Alapraia (JALHAY & PAÇO, 1941, Fig. 12, n.º 11) – reflecte o seu carácter essencialmente utilitário, sem especial conotação simbólica, situação que tem equivalente em outras categorias de espólio, como as cerâmicas com decoração em folha de acácia, muito comuns nos povoados, mas excepcionais nas necrópoles coevas.

A sua particular abundância em fases plenas do Calcolítico, como foi verificado no povoado pré-histórico de Leceia, Oeiras, mostra o sucesso da economia cerealífera então atingido.

2.2.4 - Punhais

A colecção estudada integra um exemplar com um pedúnculo basal bem marcado (Fig. 22, n.º 11), característica pouco comum neste tipo de peças. Trata-se de uma das peças lascadas mais notáveis exumadas no Outeiro de São Mamede, tendo sido citada anteriormente por E. Jalhay, no seu estudo da alabarda do Casal da barba Pouca, Mação (JALHAY, 1947).

O. da Veiga Ferreira elaborou, com base nos exemplares das colecções dos Serviços Geológicos de Portugal, uma classificação tipológica para estas peças (FERREIRA, 1957). O exemplar do Outeiro de São Mamede, integra-se no Grupo C, “punhais alongados (...) retocados nas duas faces, de forma triangular com espigão ou lingueta de encabamento”, reportando a este grupo exemplares do dólmen de Monte Abraão, Sintra, gruta da Casa da Moura, Óbidos e sepultura da Folha das Barradas, Sintra. O espigão, de contorno sub-triangular, bem como a assimetria geral da base da peça, torna-a muito idêntica a exemplar da Casa da Moura (*op. cit.*, Est. III, n.º 12; CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 21, n.º 1), gruta que se situa muito próximo, a apenas cerca de 7,5 km para WSW.

Frequentemente, alguns exemplares exibem colorações rosadas, que denunciam a utilização de tratamentos térmicos nos estádios preparatórios ou terminais do talhe destas peças, correspondentes, respectivamente, ao levantamento de grandes lascas e ao retoque marginal, através da extracção, por pressão (?), de negativos estreitos e paralelos entre si, perpendicularmente aos bordos laterais.

Eugénio Jalhay (JALHAY, 1947: 20), em uma síntese pioneira sobre estes artefactos, citando G. Leisner, distingue duas variedades na execução das grandes folhas bifaciais, sejam de alabardas ou de punhais: umas, totalmente retocadas; outras, que apresentam as faces polidas, tendo retocada apenas a zona marginal, correspondente aos bordos. Esta segunda categoria, para o Autor, é mais abundante na Estremadura, sendo as inteiramente lascadas dominantes fora dela. O presente exemplar vem reforçar esta asserção, por conservar, tal como a maioria dos seus congéneres (alabardas incluídas), restos de polimento ao longo de uma faixa central, interrompido pelo lascamento centrípeto, a partir dos bordos laterais, feito ulteriormente ao polimento.

A finalidade deste tratamento explica-se pela necessidade de produzir folhas de fina espessura, o que poderia conseguir-se vantajosamente por recurso a esta técnica, apesar da sua morosidade; com efeito, o lascamento, mesmo utilizando pré-aquecimento e pressão orientada, produziria acidentes de talhe e fracturas frequentes. Acessoriamente, o polimento poderia desempenhar uma função estética.

A cronologia dos punhais e alabardas encontrados na Estremadura reporta-se, sobretudo, ao Neolítico Final (apesar da escassez de contextos fechados fiáveis), o que não significa que a produção destas peças não se tivesse prolongado pelo Calcolítico, como sugere a ocorrência deste exemplar, a par de alguns outros, como é o caso do punhal da *tholos* da Tituaria, Mafra (CARDOSO *et al.*, 1996, Fig. 40, n.º 11).

2.2.5 - Pontas de seta

As pontas de seta exumadas no Outeiro de S. Mamede, apesar de muito abundantes (Figs. 23 a 26) e de ser evidente a triagem realizada aquando da colheita, o que faria aumentar de várias vezes o seu número caso tivessem sido recolhidas as fragmentadas, constituem um grupo particularmente homogéneo, do ponto de vista tipológico.

Por outro lado, o espólio ora estudado é apenas uma parte do recolhido por Bernardo de Sá: como o próprio declara, só o fundo da cabana por ele explorado deu 262 pontas de seta, e S. D. Alves (ALVES, 1956/1957) menciona mais de trezentas, das quais restam apenas 116 exemplares, desconhecendo-se o paradeiro dos elementos em falta, bem como de outras peças entretando extraviadas. Faltam, por exemplo, alguns exemplares referidos e fotografados por aquele autor, de base pedunculada, triangular ou bicôncava (ALVES, 1956/1957, p. 85).

Uma tão elevada quantidade destes projecteis, concentrados em área circunscrita, recorda as referências de Afonso do Paço a ninhos de seta em Vila Nova de São Pedro, Azambuja, povoado onde, até meados da década de 1940, tinha recolhido mais de 2000 exemplares. A título de exemplo, num só dia (15 de Julho) da campanha de 1948, recolheu E. Jalhay 269 exemplares, acrescentando que as setas se encontravam “aos ninhos de 7, 10 e até 12, todas juntas” (PAÇO, 1954: 64), o que não pode deixar de evocar a hipótese de estarem contidas em carcazes.

Relativamente à geometria da base, tomando como ponto de partida anteriores classificações (CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996; CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002), tem-se:

Pontas de seta de base sub-rectilínea.

Representadas apenas por seis exemplares (Fig. 23, n.º. 1 a 4, 6 e 21). Os bordos laterais apresentam-se ligeiramente convexos sendo apenas num caso sub-rectilíneos. O último exemplar referido merece destaque, por possuir a particularidade da base corresponder a um volume sub-rectangular, lembrando a lingueta dos encabamentos dos punhais de cobre de época campaniforme, ou a de alguns punhais de sílex.

Pontas de base côncava

Entre os exemplares de base côncava, observam-se diferenças quanto à geometria do respectivo contorno, correspondendo aos seguintes tipos:

Pontas de seta de lados côncavos: correspondem ao tipo dito "torre Eiffel", possuindo a ponta muito pronunciada e perfurante (Fig. 23, n.º. 5; 9 a 13); existe, no entanto um exemplar largo e curto (Fig. 23, n.º. 22).

Pontas de seta de lados sub-rectilíneos: menos alongadas que as anteriores, estão representadas por maior número de exemplares (Fig. 23, n.º. 7, 8, 14, 15, 17 a 20, 23, 26, 29 e 30; Est. 24, n.º. 18, 26). Tal como se verificou no grupo anterior, existem exemplares longos e estreitos e, em oposição, outros mais curtos e largos, o que poderá relacionar-se com a natureza da função pretendida.

Pontas de seta de lados convexos: frequentemente, as diferenças face ao grupo anterior são muito ténues, visto a convexidade dos bordos ser em geral pouco acentuada. Dada a semelhança de ambos os grupos – com a existência, também neste, de exemplares curtos e alongados – é natural que as funções desempenhadas, em ambos os casos, fossem as mesmas (Fig. 23, n.º. 16, 24, 25, 27 e 28; Fig. 24, n.º. 1 a 10; 12 a 17; 19 a 25; Fig. 25, n.º. 4 a 8 e 11). Neste grupo existem alguns exemplares de base profundamente cavada, a lembrar pontas de seta recolhidas por Estácio da Veiga em túmulos de Alcalar (VEIGA, 1889), como os representados na Fig. 24, n.º. 6 e 16. Neste mesmo grupo poderá integrar-se um grande exemplar, incompleto, ou, em alternativa, pertencer à categoria, pouco conhecida, das pontas de dardo (Fig. 24, n.º. 27).

Pontas de seta mitriformes

Trata-se de um grupo característico do Calcolítico da Estremadura, assim designado pelo contorno se assemelhar à de uma mitra episcopal (Fig. 25, n.º. 1 a 3; 9 e 10; 12 a 29; Fig. 26, n.º. 1 a 30). As bases são em geral côncavas, mas podem, nalguns casos, apresentar-se rectilíneas ou mesmo levemente convexas; do mesmo modo, as extremidades basais podem ou não ser munidas de aletas laterais, mais ou menos pronunciadas ou divergentes. Quanto aos bordos laterais, em geral acentuadamente convexos, possuem, na parte superior, uma inflexão, produzindo uma extremidade distal muito fina e nalguns casos

particularmente proeminente, suficiente para atestar a extraordinária qualidade do talhe da pedra atingido no decurso do Calcolítico na Estremadura. Em casos, mais raros, os bordos laterais podem ser também levemente côncavos na parte inferior, realçando as aletas laterais. É evidente a expressão regional deste tipo – acantonado na área estremenha – embora com analogias às pontas alcalarenses e, por essa via, a exemplares mediterrâneos.

Em conclusão, se é certo terem diversos tipos de pontas de seta coexistido, em estádios avançados do Neolítico, tanto na Estremadura como na Beira Interior (CARDOSO, CANINAS & HENRIQUES, 1997), no Calcolítico, a variabilidade tipológica das pontas de seta na Estremadura, restringe-se; o conjunto do Outeiro de São Mamede evidencia particularmente este facto, sendo um argumento a somar a outros, quanto ao curto intervalo de tempo correspondente à ocupação pré-histórica do topo da elevação. De facto, uma tão evidente homogeneidade, em torno a um grupo de especificidades tipológicas como é o das pontas de seta mitriformes, para além de um curto período de produção, pode corresponder a uma escola de artífices, que se especializou na produção de tais exemplares (que incluem, dentro de uma aparente homogeneidade, diversas variantes).

2.3 - Indústrias de osso

A utensilagem executada sobre osso revela-se particularmente abundante, possuindo grande diversidade de tipos, cujos melhores paralelos se encontram nos clássicos povoados calcolíticos de Vila Nova de S. Pedro, de Zambujal e de Leceia. Condições favoráveis de jazida possibilitaram a preservação em boas condições, mesmo das partes mais facilmente degradáveis, com as massas esponjosas e as extremidades, muito finas e frágeis, de certas peças. A riqueza das peças ósseas do Outeiro de São Mamede justificou que boa parte delas fosse reproduzida fotograficamente, dispostas em arranjo artístico, na época usual, por Mendes Corrêa, na síntese sobre a Pré-História de Portugal inserida na conhecida História de Portugal, dirigida por Damião Peres (CORRÊA, 1928: 125).

A determinação de cronologias finas para a utensilagem óssea resulta frequentemente problemática, quer pelos escassos estudos realizados neste domínio, com base em artefactos estratigrafados, quer, sobretudo, pela assinalável longevidade de alguns tipos, facilmente encontrados, por simples convergência funcional, em contextos bem diversos. A abundância dos artefactos de osso deve relacionar-se com o trabalho de peles (furadores, sovelas, agulhas, alisadores), ou da madeira, como os formões, ou ainda em actividades cinegéticas, como é o caso das prováveis pontas de projecteis, adiante referidas com maior detalhe. Mais raras são as peças atribuíveis a espátulas e a percutores ou retocadores; enfim, a indústria óssea em haste de veado merece também destaque.

No conjunto, identificaram-se os seguintes grupos de artefactos:

Agulhas e sovelas

Trata-se de exemplares executados em esquirolas de ossos longos, sujeitas a intensa transformação, impedindo a identificação anatômica do segmento original. Em geral, apresentam-se totalmente polidas, conservando apenas nalguns casos o canal medular interno, com secções achatadas, elipsoidais, mais raramente subcirculares (Fig. 27, nº. 1 a 15; Fig. 28, nº. 1 a 15). A distinção entre agulhas e sovelas é arbitrária, entendendo-se que as primeiras são mais estreitas e de menores dimensões que as segundas, destinadas a esforços mais intensos. Nalguns casos, relativos a exemplares achatados, é provável a sua utilização na tecelagem, destinados a separar os fios da teia.

Furadores

Corresponde a grupo muito diversificado e heterogéneo; nele podem considerar-se as seguintes variantes:

Furadores espessos alongados e regulares, totalmente afeiçãoados: apenas representados por um exemplar (Fig. 29, nº. 1) o qual, à semelhança de alguns outros exemplares, poderia ser considerado como sovela de grandes dimensões.

Furadores realizados em esquirolas longitudinais irregulares de ossos longos: correspondem a grupo muito numeroso, até pela facilidade com que eram produzidos; qualquer esquirola obtida pela fractura de um osso longo, teria pelo menos uma extremidade pontiaguda, a qual, por trabalho sumário, seria facilmente transformada em furador. Em geral, não é possível determinar o segmento anatômico original, o que se deve não à intensidade da transformação, mas à morfologia original das esquirolas utilizadas (Fig. 29, nº. 2, 4, 7 a 9; Fig. 30, nº. 2, 3, 5 a 9; Fig. 31, nº. 1 a 3; Fig. 32, nº. 2 e 3). Num caso, observa-se a existência de um furo, na extremidade proximal, que poderia ser utilizado para a fixação da fibra; neste caso, o artefacto destinar-se-ia a coser, o que parece contrariado pela assinalável largura que possui; mais provável seria a utilização desta perfuração para fixar a peça a um cabo de madeira (Fig. 31, nº. 2).

Furadores realizados pelo seccionamento oblíquo de ossos longos: trata-se de exemplares que conservam porções significativas das superfícies originais das peças ósseas, nalguns casos mesmo uma das suas extremidades articulares. A ponta perfurante foi obtida por polimento de uma superfície oblíqua ao eixo da peça, corresponde à zona da diáfise, como é o caso dos exemplares sobre tíbias de coelho (Fig. 29, nº. 3, 5), sobre metápodo de ovino/caprino (Fig. 31, nº. 4), ou sobre ossos longos indeterminados, na maioria pertencentes também a este grupo faunístico (Fig. 29, nº. 6; Fig. 31, nº. 5 a 9). Só muito raramente o seccionamento atingiu todo o comprimento da diáfise do osso longo, expondo longitudinalmente a cavidade medular (Fig. 32, nº. 1).

Furadores sobre cúbitos de ovinos/caprinos e de bovinos: trata-se de dois exemplares (Fig. 30, nº. 1 e 4), que representam no Outeiro de São Mamede um bem conhecido grupo de pontas ósseas, cujos maiores exemplares, sobre cúbitos de bovinos, são por vezes considerados como punhais; esta atribuição não é

dispicienda, porquanto a sua robustez permitiria tal uso (incluindo a caça), sendo nalguns casos reforçada pela existência de perfurações, no olecrâneo, que facilitavam a fixação destas peças a um cinto, como é o caso de dois exemplares recolhidos nos níveis calcolíticos de Leceia, Oeiras, e como tal admitidos (CARDOSO, 1997: 59), aliás na sequência dos critérios adoptados por E. Jalhay e A. do Paço, que, em Vila Nova de São Pedro, encontraram também alguns exemplares munidos de perfuração (JALHAY & PAÇO, 1945: 35). A preferência por estas peças ósseas justifica-se: por um lado, a sua morfologia propiciava a realização de uma ponta estreita mas robusta, com um investimento mínimo de trabalho, a partir da diáfise da peça óssea original; por outro, a zona do olecrâneo, incluindo a superfície articular com o humero, possui uma forma ergonómica propícia à fixação da peça na mão.

Peças sobre grandes esquirolas ósseas

Podem considerar-se como artefactos de ocasião, dada a sua nula transformação, tendo sido utilizadas tal qual foram obtidas (Fig. 32, n.º 4 e 6). Em ambos os casos, a extremidade terminal, espessa e robusta, poderá justificar utilização em trabalhos de mineração. Com efeito, em diversas galerias de minas pré-históricas têm sido encontrados picos e maças sobre hastes de veado, cuja extremidade útil pode assimilar-se à destas duas peças (ver, por exemplo, BLAS CORTINA, 1989, Fig. 9). No entanto, outras finalidades são admissíveis; o segundo exemplar poderia ser utilizado como alisador ou como pico para perfurar o solo, desde que montado em adequado dispositivo de madeira.

Cabos

Trata-se de grupo mal representado no conjunto da indústria óssea. O único exemplar (Fig. 34, n.º 5), inscreve-se no tipo mais comum, sendo também tradicionalmente reportado a cabos de artefactos de cobre do tipo punção ou sovela. Com efeito, em Vila Nova de São Pedro, Azambuja, recolheram-se dois cabos análogos, conservando ainda os correspondentes punções de cobre (PAÇO, 1960, Fig. 2, n.º 5, 6); mas existem outros, em estações onde o cobre falta em absoluto, pelo que será lícito considerar, pelo menos nalguns casos, outras funcionalidades.

Formões ou escopros

Em geral, são esquirolas obtidas pelo seccionamento longitudinal de ossos longos e muito volumosos, nas quais uma ou excepcionalmente ambas as extremidades (Fig. 33, n.º 2; Fig. 34, n.º 1) foram cuidadosamente desbastadas por polimento, originando gumes robustos transversais ao eixo das peças ósseas cortantes e regulares, sub-rectilíneos ou convexos (Fig. 33, n.º 1 a 8; Fig. 34, n.º 1). Apenas em um caso o polimento foi mais extenso, cortando obliquamente a peça óssea, dando origem, tal como noutros casos, a gume muito robusto e curto (Fig. 34, n.º 2).

Nenhuma destas peças ostenta marcas de pancadas violentas: não se destinariam, por isso, a trabalhar à percussão; é provável que se destinassem, essencialmente, ao trabalho de desbaste da madeira, em trabalhos de minúcia, à maneira das goivas, ou ainda à esfolagem de peles e respectiva raspagem e limpeza. A designação adoptada resulta da morfologia do respectivo gume, obtido por biselamento simples ou duplo, à semelhança dos artefactos de pedra polida a que foi dado, respectivamente, o nome de formões e de escopros; no entanto, não se crê que, neste caso, tal diferença morfológica tenha incidências funcionais indiscutíveis.

Espátulas e alisadores

São peças elaboradas sobre lascas relativamente alargadas, obtidas por seccionamento longitudinal de diáfises de ossos largos, cujos bordos foram boleados (Fig. 34, n.º 3). Noutros casos, correspondem a tábuas ósseas achatadas, embora de morfologia muito diferenciada, com o bordo distal boleado pela utilização, aproveitando frequentemente esquirolas de armações de veado (Fig. 34, n.º 4, 6 e 7; Fig. 35, n.º 1 a 3 e 6). Caso particular é o de duas pequenas peças, totalmente afeiçoadas por polimento (Fig. 36, n.º 4 e 5); a primeira, possui a extremidade alargada sendo possível que o espigão se destinasse ao encabamento.

Pontas de seta (?)

A extremidade robusta, maciça e fusiforme, sempre aguçada e perfurante, de algumas das peças ósseas (Fig. 36, n.º 3, 6 a 10), sugeriu a diversos autores utilização como pontas de seta; entre outros, um de nós admitiu tal possibilidade, a propósito do estudo de alguns exemplares recolhidos nos níveis do Calcolítico Pleno do povoado de Leceia, Oeiras (CARDOSO, 1995 a), discutindo as alternativas e apresentando paralelos. Em detrimento desta hipótese, podem invocar-se os pedúnculos, compridos e volumosos, de alguns dos exemplares, que seriam desnecessários para assegurar a pretendida fixação à haste da seta: a extensão e robustez dos espigões de tais exemplares, afigura-se, assim, para outros autores, condizente com a utilização como furadores duplos ou alfinetes de cabelo curtos. Segundo a lista de ocorrências conhecidas, publicada por um de nós (J. L. C.), são frequentes em alguns povoados calcolíticos estremenhos, com destaque para o da Rotura, Setúbal, mas não em necrópoles, o que contrasta significativamente com a distribuição dos verdadeiros alfinetes, enquanto peças da indumentária funerária. A este propósito, é também de registar que a quase totalidade destas peças apresenta-se com a ponta fracturada, ou romba por pequenas percussões (caso dos dois exemplares recolhidos em Leceia, vg. CARDOSO, 1995 a, Fig. 2, A e B), compatível, como foi defendido, com o seu uso como projecteis.

Diversos

De funcionalidade pouco evidente temos um placa sub-quadrangular com duas perfurações independentes num dos topos (Fig. 35, n.º 7). Não se pode afastar a hipótese de corresponder a um pendente de colar; mas a falta de paralelos impede considerandos mais desenvolvidos; De referir ainda uma lâmina de osso, de secção plano-convexa, com extenso e cuidado polimento na face dorsal, dando origem bordo lateral sub-rectilíneo, a qual poderia ser utilizada como espátula, pois a sua capacidade cortante seria nula, afastando a hipótese de faca (Fig. 35, n.º 5). Enfim, um fragmento de haste de veado, de secção quadrangular achatada, com extremidade distal em ponta boleada pelo uso, poderá ser considerado como furador (Fig. 35, n.º 4).

2.4 - Indústria metálica

A Estremadura portuguesa, e, em especial, as zonas envolventes dos estuários do Tejo e do Sado, é frequentemente referenciada na bibliografia arqueológica como um dos principais focos de actividade metalúrgica calcolítica peninsular. A metalurgia do cobre parece ter-se amplamente difundido, existindo abundantes provas da sua prática em numerosos povoados, para já não falar dos três sítios mais notáveis, o Zambujal, Vila Nova de São Pedro e Leceia, onde tal prática se encontra abundantemente demonstrada, tanto por estruturas destinadas à fusão do metal, como no Zambujal, como pela identificação de minério por tratar (Vila Nova de São Pedro), ou ainda pela descoberta de lingotes de cobre puro (Leceia). Em todos eles, e em muitos outros, reconheceram-se fragmentos de cadinhos de fundição (crisóis), escórias de fundição do cobre, e mesmo pingos de fundição, para além de um abundante, ainda que pouco diversificado, instrumental metálico; o Outeiro de São Mamede, pode, doravante, em resultado do espólio que se publica, incorporar o conjunto dos sítios estremenhos onde esta prática se revelou mais importante.

A metalurgia do cobre, assumiu, no Calcolítico, função exclusivamente utilitária, desconhecendo-se adornos, ou outras formas de expressão plástica, por via de regra mais tardios e de ouro. Mesmo em muitas actividades domésticas, o osso, o sílex e algumas rochas duras de grão fino, constituíram um conjunto de matérias-primas suficientes para as actividades do quotidiano, e onde para a maior parte das funções o uso do cobre não apresentava vantagens. O estabelecimento destes povoados, nalguns casos com notáveis estruturas defensivas, remonta claramente a uma etapa pré-metalúrgica, como ficou claramente demonstrado pela análise conjugada da estratigrafia (e do seu conteúdo arqueológico) e da correspondente sequência construtiva identificada em cada um deles, com destaque para o de Leceia, Oeiras, onde a referida correlação foi devidamente demonstrada (CARDOSO, 1994, 1997). Neste sentido, a construção de tais dispositivos, deve ser entendida como o resultado do desenvolvimento interno dessas populações, tanto do ponto de vista económico como social, denotando em especial o sucesso de uma economia agro-pastoril, potenciada pelas particulares aptidões naturais da região estremenha.

Os primórdios dessa metalurgia não são claros; em Leceia, tais vestígios indicam que a generalização

do uso do cobre se verificou apenas no Calcolítico Pleno, cujo início se pode ali situar, com relativa precisão, cerca de 2600 a.C. (CARDOSO & SOARES, 1996; SOARES & CARDOSO, 1995), de acordo com o espólio recolhido na camada correspondente (a Camada 2 de sequência geral), onde as cerâmicas campaniformes ocorrem apenas na sua parte superior; pode, pois, concluir-se ser aquela inovação tecnológica anterior à introdução das cerâmicas campaniformes e corresponder, apenas, a mais uma expressão da crescente especialização das produções (inseridas na chamada “Revolução dos Produtos Secundários”), que caracterizou todo o 3º. Milénio a.C., tanto na Estremadura como noutras regiões do País (CARDOSO, 2002). Também em Vila Nova de São Pedro, as escassas informações sobre a estratigrafia do sítio fornecidas nas publicações, sugerem que a camada basal daquela notável fortificação calcolítica, caracterizada pela presença dos clássicos “copos”, ali definidos pela primeira vez (PAÇO, 1959), que corporizam o Calcolítico Inicial na Estremadura, seria desprovida de peças metálicas: ao menos, H. N. Savory não as encontrou ali, no corte realizado em 1959 na muralha interna do dispositivo defensivo (SAVORY, 1970).

Outra das questões mais discutidas relativamente à metalurgia peninsular reside na intencionalidade dos conteúdos de arsénio presentes nos artefactos de cobre calcolíticos.

Nas 22 peças recolhidas em Leceia e submetidas a análise quantitativa por método não destrutivo – FNAA (“Fast Neutron Activation Analysis”) – permitiram concluir que os teores máximos de arsénio detectados são da ordem dos 5%, muito inferiores aos cerca de 11 % identificados, nas mesmas peças, com recurso à técnica de XRF (Fluorescência de Raios-X); privilegiando esta última técnica a análise próximo da superfície dos objectos, tal facto deve-se ao enriquecimento superficial daquele elemento, fenómeno, aliás, bem conhecido. O facto de os teores de arsénio nas peças analisadas de Leceia, se distribuírem uniformemente até cerca de 5 %, vem mostrar que este elemento fazia parte integrante do minério de origem, não resultando de qualquer adição intencional. Acima dos referidos 5 % de arsénio, é possível que se tenha procedido à sua adição, com o objectivo de endurecer as ligas de cobre, situação que se terá verificado não antes do final do Calcolítico; deste modo, os artefactos cupríferos da Estremadura pré-campaniformes, resultariam, sobretudo, da metalurgia de cobres nativos, onde aquele elemento se encontrava presente (CARDOSO & GUERRA, 1997/1998).

Sendo a metalurgia calcolítica do cobre de carácter utilitário, facilmente se compreende a nítida dominância de peças metálicas de pequenas dimensões, como furadores e sovelas de cobre de secção sub-rectangular: com efeito, seriam essas as peças cujas funções os seus equivalentes líticos ou ósseos cumpririam com mais nítidas desvantagens; por outro lado, sendo o cobre uma matéria-prima de evidente valor na época, e por conseguinte escassa, tal seria razão acrescida para privilegiar a manufatura de peças utilitárias de pequenas dimensões.

Com efeito, não será pela via da eficácia funcional que se poderão justificar os grandes utensílios de cobre calcolíticos, como os machados de cobre, material cuja ductilidade inviabilizaria rapidamente o fio cortante dos respectivos gumes, tendo, deste modo, uma eficácia muito inferior aos machados de anfiboloxisto (Fig. 37, nº. 1, 2 e 7). É no quando da sua utilização como peças de prestígio, utilizadas

apenas em finalidades muito especiais, ou, simplesmente, como matéria-prima, que a sua ocorrência deverá ser interpretada. É neste último sentido que também aponta a presença de diversos gumes de machados, cortados por serragem ou puncionamento dos corpos dos machados correspondentes (Fig. 37, n.º 3 a 6). Com efeito, tais porções, como em trabalho anterior um de nós já referiu (CARDOSO & GUERRA, 1997/1998), poderão simplesmente ser interpretadas como pequenas tiras de cobre destinadas a serem transformadas, por martelagem, em punções ou outros artefactos de pequenas dimensões, que nos casos em apreço não chegaram a concretizar-se. Com efeito, se o propósito fosse simplesmente o reavivamento dos gumes dos machados, tal poderia vantajosamente fazer-se por martelagem a qual, aliás, conduziria a um aumento da dureza da parte cortante destas peças. Tal realidade só reforça a atribuição dos grandes machados planos de cobre a reservas de matéria-prima, sem prejuízo, no entanto, de poderem ser utilizados como verdadeiros machados. Peças idênticas recolheram-se tanto em Vila Nova de São Pedro (JALHAY & PAÇO, 1945, Lám. XVIII, 20), como no Zambujal (SANGMEISTER, 1995, Tf. 6); no Penedo (SPINDLER, 1970, Est. XVIII, n.º 430 e 431) e na Fórnea povoados da região de Torres Vedras (SPINDLER & GALLAY, 1973, Tf. 11, n.º 355) e, na área cultural do Sudoeste, no Monte da Tumba, Alcácer do Sal (SILVA & SOARES, 1987, Fig. 4).

Ao contrário do verificado nos povoados estremenhos, onde a metalurgia do cobre atingiu destacada importância, e onde, como produtos de tal actividade, dominam os pequenos artefactos utilitários, como sovelas, furadores e punções, no Outeiro de São Mamede, conquanto tais peças ocorram (Fig. 38, n.º 7; Fig. 39, n.º 1 a 7 e 13), nalguns casos copiando protótipos de osso (Fig. 38, n.º 7), são as massas de cobre fundidas e os pequenos rebotalhos destinados a fundição, incluindo chapas incaracterísticas (Fig. 39, n.º 9 a 12; Fig. 40, n.º 1 a 5; 7, a 15), além de verdadeiros lingotes (Fig. 39, n.º 8; Fig. 40, n.º 6), que se apresentam mais frequentes. Esta constatação sugere que o povoado se comportou, sobretudo, como um importante centro metalúrgico, cujas produções seriam, em boa parte, para consumo externo.

No capítulo dos pequenos artefactos utilitários, são de destacar dois punções de secção sub-quadrangular (Fig. 39, n.º 1 e 2). Punções análogamente dobrados em ângulo recto são conhecidos na gruta artificial da Ermegeira, Torres Vedras (LEISNER, 1965, Tf. 12, n.º 7) e em La Ataiela, Rioja, em contexto campaniforme (PÉREZ ARRONDO & CALLE CAMARA, 1986: 48). A sua ocorrência, poderia relacionar-se com uma utilização específica, não conhecida, que implicasse movimento de torsão.

A peça representada na Fig. 38, n.º 7, considerada como sovela, furador ou punção, merece também comentário desenvolvido. Com efeito, a extremidade distal, que se apresenta espatulada e com gume cortante, pressupõe a utilização como espátula ou, com menor probabilidade, como goiva ou mesmo como uma ponta de projectil de gume transversal. E. Sangmeister representa exemplar análogo, do Zambujal (SANGMEISTER, 1995, Tf. 2, n.º 8). De referir ainda outros dois paralelos, um do povoado de Chibanes, Setúbal, este com desenvolvimento muito mais acentuado da zona espatulada, que justifica, mais do que os dois restantes, tal designação (CARREIRA, 1998, Est. VII, n.º 9), outro com extremidade espatulada ainda mais desenvolvida, das grutas artificiais da Quinta do Anjo, Palmela (COSTA, 1908, Fig. 429).

Ainda no campo dos artefactos utilitários, são de referir três fragmentos de cobre; um deles

corresponde provavelmente a um pequeno formão ou escopro, com falta da extremidade útil, semelhante a exemplar encontrado encabado, com manga em osso, do Zambujal (SANGMEISTER, 1995, Tf. 1, n.º 1). Os dois restantes, poderão ser incluídos no grupo das facas, mas encontram-se demasiado incompletos para maiores certezas (Fig. 38, n.º 5, 6).

Os punhais nervurados constituem produções sobretudo associáveis à Idade do Bronze, embora a técnica de nervura central, obtida por martelagem, seja conhecida nos tempos calcolíticos. É o caso dos punhais recolhidos na sepultura 3 de Alcalar, Portimão, e publicados por Estácio da Veiga (VEIGA, 1889, Est. IX), que constituem o mais belo conjunto calcolítico deste tipo de peças do território português. Dois deste punhais possuem um nervura central longitudinal, de secção sub-retangular, idêntica à patenteada nos dois exemplares do Outeiro de São Mamede (Fig. 38, n.º 1 e 2), dos quais apenas um está completo. Trata-se, sem dúvida, de exemplar de tipologia evoluída, com base peltada, como outra peça, hoje desaparecida, de cronologia campaniforme do Outeiro de São Bernardo, Moura (CARDOSO, SOARES & ARAÚJO, 2002), e, tal como é comum nos punhais daquela fase, munido de lingueta de encabamento (no caso muito longa) e não de entalhes de encabamento, como os exemplares de Alcalar. Tal como nestes, as nervuras foram obtidas por martelagem, sendo evidente que se destinavam, para além de uma função estética, a reforçarem a robustez da lâmina.

Na Estremadura, foi referenciada peça análoga (tanto quanto se pode concluir pela reprodução fotográfica publicada), recolhida no povoado calcolítico fortificado da Pedra do Ouro, Alenquer (PAÇO, 1966: fig. 4, n.º 2), a qual possui também uma nervura longitudinal bastante robusta; enfim, no povoado pré-histórico da Fórnea (Torres Vedras), foi recolhida uma lâmina de cobre, de pequenas dimensões, possuindo uma nervura longitudinal no centro de ambas as faces (SPINDLER & GALLAY, 1973, Tf. 11, n.º 357).

Outra arma interessante é um punhal de base estrelada, munida de múltiplos entalhes, ou chanfros, para facilitarem a fixação ao cabo (Fig. 38, n.º 3). Trata-se do modo tradicional de encabamento das folhas metálicas calcolíticas, neste caso com a particularidade de se observarem também dois rebites, que se tornam apenas usuais na Idade do Bronze, com idêntico propósito. Deste modo, a ocorrência de um sistema de encabamento misto neste exemplar, corresponde a um raro exemplo de transição, compatível com uma fase muito avançada do Calcolítico, aliás já indicada pelas duas peças nervuradas supra estudadas.

A inusitada frequência de peças de cobre e, especialmente, das directamente relacionadas com as práticas da fundição, reforça o carácter metalúrgico desta ocupação pré-histórica, aliás ilustrado pela presença de fragmento de cadinho de fundição, adiante estudado. Relembre-se, a propósito, a ocorrência de mineralizações de cobre nas proximidades, que, como atrás se referiu, se encontram de há muito conhecidas, relacionadas com afloramentos do Infralías do vale tifónico das Caldas da Rainha. Trata-se de mineralizações de malaquite, cuprite e calcosite (THADEU, 1965).

Importa destacar a importância que neste âmbito, detêm os dois lingotes encontrados (Fig. 39, n.º 8; Fig. 40, n.º 6). Estas peças têm paralelo próximo em exemplares de Leceia (CARDOSO & FERNANDES,

1995; CARDOSO, 1997: 52) e corresponderão à forma usual como esta matéria-prima seria transportada e transaccionada (para além dos machados planos). Tendo presente a proximidade de mineralizações cupríferas, e as práticas metalúrgicas identificadas no local, é admissível terem tais lingotes sido produzidos localmente, para ulterior exportação. Com efeito, não se conhecem ocorrências cupríferas na Estremadura, para além das referidas susceptíveis de bastarem às necessidades das dezenas de povoados calcolíticos registados, realidade já por outros admitida (SCHUBART & SANGMEISTER, 1987).

De assinalar na panóplia dos utensílios de cobre a ausência de pontas de seta de tipo Palmela, tão frequentes em contextos do final do Calcolítico, possuam ou não vasos campaniformes, aliás presentes no Outeiro de São Mamede.

As análises metalográficas efectuadas dos artefactos de cobre do Outeiro de S. Mamede (JUNGHANS, SANGMEISTER & SCHRÖDER, 1960) evidenciaram, na globalidade, cobres com reduzidas impurezas de outros elementos, destacando-se nestes o arsénio, em proporções que se inscrevem entre as comumente detectadas na metalurgia coeva do Baixo Tejo. No conjunto das análises apresentadas, ressalta a preponderância do grupo C3, espécie metalográfica de grande desenvolvimento na Península a partir do Calcolítico Final e do Bronze Antigo (PEREZ ARRONDO & CALLE CAMARA, 1986: 200). Três dos utensílios pertencem ao grupo EO1A e um outro ao EOO, ambos referenciados em alguns dos contextos calcolíticos mais antigos do território peninsular. De salientar a ocorrência em três das análises de concentrações relativamente altas de arsénio, iguais ou superiores a 5%, associando-se numa delas o mais elevado destes conteúdos com o único registo de chumbo detectado.

2.5 - Objectos de adorno

Alfinetes de osso de cabeça espatulada

Dois exemplares podem ser assim classificados (Fig. 36, n.º 1 e 2), apesar de possuírem a haste de secção sub-retangular (e não circular, como é frequente naqueles exemplares). Porém, a extremidade distal é demasiado diminuta para ser considerada espátula – o que colocaria estes objectos na categoria dos utensílios de uso corrente – além de não possuir a forma fina e estreita, “em pá”, susceptível de poder suportar tal funcionalidade. De referir que, na vizinha gruta da Casa da Moura, se registou um exemplar que respeita tais características, pelo que foi classificado dentro daquele grupo de utensílios (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 26, n.º 6). A estes dois exemplares, acrescentar-se-ia um belo alfinete de cabeça torneada maciça, caracteristicamente calcolítico, referido por S. D. Alves (ALVES, 1956/1957, p. 173), mas que não foi localizado no Museu Nacional de Arqueologia.

Fita de Ouro

A panóplia metálica inclui uma fita de ouro, desaparecida pouco depois de ter dado entrada no Museu,

correspondendo por certo a diadema.

A superior ductilidade do ouro proporcionou a confecção de finas lâminas obtidas por martelamento. As fitas de ouro batido seriam utilizadas, quer como aplicações, sobre diversos suportes, como o couro ou tecidos (PÉREZ ARRONDO, 1986: 134), quer como elementos de adorno isolados. Segundo Delibes de Castro (DELIBES DE CASTRO, 1977: 113) a existência deste tipo de peças não implica necessariamente a prática de uma verdadeira metalurgia. Com efeito, a martelagem a frio de pepitas de ouro nativo, poderia produzir, sem outros meios, folhas tão finas quanto o artífice pretendesse. Deste modo ter-se-ão produzido algumas das mais antigas peças da ourivesaria pré-histórica peninsular (DELIBES DE CASTRO, 1977: 113). A admissão de uma cronologia neolítica para o bem conhecido diadema de ouro de Cueva dos Murciélagos, Albuñol, Granada (GÓNGORA, 1868, Lám. 1, n.º. 1), associado ao clássico conjunto neolítico ali exumado, defendida por vários autores, não é opinião compartilhada em trabalhos mais recentes.

Deste modo, os elementos auríferos mais antigos até ao presente conhecidos, indicam uma cronologia calcolítica. A peça, provavelmente um diadema, desapareceu do Museu entre 1914 e 1935, visto ainda ser mencionada por Leite de Vasconcelos em 1915 (VASCONCELOS, 1915: 182), mas já se registar como desaparecida na segunda daquelas datas (HELENO, 1935: 230). Na hipótese de se tratar da fita de um diadema, o paralelo mais próximo é o exemplar de ouro batido e decorado, recolhido na sepultura da Quinta da Água Branca, Vila Nova de Cerveira (FORTES, 1905/1908, Fig. 6), situável no Calcolítico Final. Mas existem outras ocorrências, ainda que muito raras, de jóias auríferas em chapas marteladas de ouro, em geral de pequenas dimensões, que poderiam pertencer a diademas análogos, os quais, pela sua grande fragilidade, se teriam fragmentado. É o caso do achado, na gruta próxima da Cova da Moura, Torres Vedras (HELENO, 1935, Fig. 14), de um fragmento possuindo numa das extremidades diversas perfurações, tal como o diadema supra referido, destinado à sua fixação a uma base de tecido ou de couro, a menos que, simplesmente, fosse cingido na cabeça tal qual. Também nas grutas I e III de Palmela se encontraram diversas chapas de ouro batido, enroladas ou não (COSTA, 1907, Est. VI, Fig. 320 a 324; 387 a 389), presumivelmente elementos de pulseira ou de colar; no Algarve, salienta-se o descobrimento, na sepultura 4 de Alcalar, Portimão, de dois fragmentos de ouro batido, um deles correspondente a uma fita lisa, munida de dois furos numa das extremidades (VEIGA, 1891, Est. IV, 2 A), particularidade que confere a esta jóia analogias às anteriormente referidas. Em síntese, a desaparecida fita de ouro do Outeiro de São Mamede, tem paralelo em exemplares que podem atribuir-se a diademas, todos do final do Calcolítico, com distribuição geográfica alargada: um exemplar no Minho; dois na Estremadura; e um último no Algarve. Não cabe, naturalmente, neste trabalho, a descrição de outros adornos auríferos (anéis helicoidais, brincos, e diversos ornamentos) que mostram, ainda que timidamente, o pleno domínio do ouro martelado no decurso do Calcolítico, no território português. Do diadema de ouro do Outeiro de São Mamede, conhece-se apenas um molde de cartão (ALVES, 1956/1957, Fot. 72), indicando que se tratava de jóia filiforme de largura constante.

Contas de mineral verde

No espólio conservado, apenas se identificaram, dentro desta categoria, duas contas discóides, de lados bombeados, de mineral verde (Fig. 72, n.º 7 e 8), provavelmente pertencente ao grupo da variscite, visto ser este o mais abundantemente representado, com base nas análises realizadas em materiais portugueses (GONÇALVES, 1979). Com efeito, os minerais verdes despertariam uma particular preferência por parte das populações calcólicas da Estremadura: sem que nesta região existam possibilidades de se obterem, a sua presença denuncia a existência de trocas a longa distância, quer com o Norte de Portugal, onde se reconheceram diversas ocorrências deste tipo mineralógico, em afloramentos silúricos (MEIRELES, FERREIRA & REIS, 1987), quer com a região de Huelva (Encinasola), onde se identificou mineração pré-histórica de variscite; trata-se, com efeito, da ocorrência geograficamente mais próxima da Estremadura portuguesa (EDO, VILLALBA & BLASCO, 1995; NOCETE, 2001).

Fóssil de *Cidaris* sp.

S. D. Alves (ALVES, 1956/1957, p. 163) refere-se a um fóssil de crinóide do género referido, o qual teria sido encontrado no recinto da “cabana” (cf. Fig. 2). Embora tal peça não se tenha encontrado no conjunto do espólio, é interessante referi-la, porque constitui prova da colheita de fósseis pelo homem pré-histórico, ainda que a sua finalidade se desconheça: poderia ser simplesmente um adorno, uma curiosidade ou tomada como objecto de culto, dada a sua semelhança morfológica com as “pinhas” de calcário calcólicas, com as quais partilha a natureza da matéria-prima.

2.6 - Indústria cerâmica

2.6.1 - Cerâmica lisa

A escassa presença da olaria lisa, sobretudo representada por bordos, face à decorada, revela ter sido aquela negligenciada, fosse no decurso da escavação, fosse, posteriormente, aquando do transporte e depósito dos materiais no Museu, tal como o verificado em outras categorias do espólio, onde os materiais considerados “banais” não se encontram significativamente representados.

De um modo geral, a cerâmica lisa revela reduzida diversidade formas relativamente à decorada.

Taças em calote

Forma representada por numerosos exemplares completos (Fig. 41, n.º 1 a 14), de bordo simples (não espessado), cujas de dimensões variam entre cerca de 30 mm e 135 mm. A descoberta de alguns destes recipientes, no decurso da escavação, encontra-se relatada na correspondência enviada por Bernardo de

Sá a Leite de Vasconcelos, acima transcrita.

Estes recipientes, possuem, como é sabido, larga diacronia, sendo já comuns no Neolítico Médio, prolongando-se a sua presença até pelo menos o Bronze Pleno.

Reconheceram-se, nas taças de maiores dimensões, variantes no perfil e na geometria do bordo. Assim, este pode apresentar-se levemente espessado do lado externo, como se verifica no maior exemplar, de transição para a categoria dos esféricos baixos (Fig. 43, nº. 1) ou com reentrância, espessada ou não, para o lado interno, aspecto particular dos exemplares mais baixos (Fig. 44, nº. 1 a 3). Uma grande taça baixa possui, em ambos os fragmentos que a integram, furos de suspensão, de secção bitroncocónica, feitos após a cozedura.

Pratos

Os pratos estão apenas representados por um fragmento, de bordo espessado e lábio convexo, forma comum no Calcolítico do Sudoeste, mas escassa no Calcolítico da Estremadura (Fig. 44, nº. 4).

Esféricos

Os vasos esféricos estão igualmente presentes, com morfologias e tamanhos muito diversos (Fig. 42, nº. 1, 2, 4, 5 e 7). Um dos esféricos possui, sob o bordo, um pequeno mamilo perfurado obliquamente (Fig. 42, nº. 5).

Lucerna

Um pequeno vaso carenado, encontra-se munido de um mamilo, sobre a carena, com perfuração vertical (Fig. 42, nº. 6). Pela morfologia, pode integrar-se no grupo das lucernas, pequenos vasos fechados com furos de suspensão, cujas formas são reportáveis a dois tipos principais. O presente exemplar integra-se no grupo dos vasos de carena média, com representantes em diversos monumentos funerários como Torre de Frades, Aljezur, Monte Velho (Ourique), Folha das Barradas (Sintra), Carenque (Amadora) e Eira Pedrinha (Condeixa-a-Nova) (CARDOSO, 2002: 284). Em uma das grutas de Palmela, foi encontrado exemplar deste tipo, amplamente reproduzido desde há muito, em obras hoje clássicas (CARTAILHAC, 1886, Fig. 170, 171; ABERG, 1921, Fig. 65).

Copo com base constituída por cordão em relevo

Trata-se de pequeno recipiente (Fig. 43, nº. 11), cujo paralelo mais próximo corresponde a um recipiente, de maiores dimensões, recolhido no Algar de João Ramos, Turquel, Alcobaça (CARDOSO & CARREIRA, 1991, Fig. 2, nº. 2), a que foi atribuído cronologia neolítica.

Recipientes com asas verticais

Apenas um fragmento se inscreve nesta categoria. Na área estremenha, os recipientes munidos de asas deste tipo são característicos do Neolítico Antigo, rareando significativamente no Neolítico Final e no Calcolítico, onde são excepcionais. Este exemplar poderá inscrever-se neste último caso (Fig. 42, n.º 3).

Recipientes de grandes dimensões, de bordo espessado ou em aba

Na Fig. 43, n.º 2 a 10, representam-se bordos de grandes recipientes, de paredes quase verticais, todos eles comuns em contextos calcolíticos estremenhos, embora alguns deles, como os vasos de bordo em aba sejam frequente no Neolítico Final, como se comprovou em Leceia (CARDOSO; SOARES & SILVA, 1996).

Recipientes esféricos de parede reentrante e bocal côncavo

Esta designação reporta-se a uma forma de vaso peculiar, com a zona em torno da abertura côncava, por vezes decorada. O único exemplar liso possui, em torno do bordo, um conjunto de pequenas perfurações, feitas na pasta fresca, com carácter decorativo (Fig. 43, n.º 12).

2.6.2 - Cerâmicas decoradas

As cerâmicas calcolíticas da Estremadura portuguesa apresentam variado rol de motivos decorativos, que reforçam a sua importância como elementos potenciadores de cronologias finas. A classificação tipológica das cerâmicas decoradas atendeu, simultaneamente, às técnicas, aos motivos decorativos, e à forma dos correspondentes recipientes; com efeito, crê-se que tais realidades, tratadas de forma desligada, não poderiam conduzir a uma classificação coerente e operativa, tal a multiplicidade de variantes a que forçosamente se seria levado a considerar.

Cerâmicas decoradas do tipo "folha de acácia" e "crucífera" e motivos associados, a ponta romba e incisos

Uma das decorações mais características do Calcolítico estremenho são os foliculos elipsoidais, mais ou menos alongados, executados por impressão oblíqua a punção rombo, que nalguns casos é arrastada, a qual, em rearranjos diversos produziu estruturas decorativas das quais se destacam as "crucíferas" e a denominada "folha de acácia". Estes motivos encontram-se associados a outros, constituindo um grupo homogéneo, amplamente representado no Outeiro de São Mamede (Fig. 45, n.º 1 a 12; Fig. 46, n.º 1 a 8; Fig. 47, n.º 1 a 9; Fig. 48, n.º 1 a 9; Fig. 49, n.º 1 a 7; Fig. 50, n.º 1, 5 a 8, 10 e 12; Fig. 54, n.º 1 a 5. Esta

designação já em 1958 foi utilizada por E. Cunha Serrão e E. Prescott Vicente, a propósito de fragmentos neolíticos encontrados no povoado de Olelas, Sintra (SERRÃO & VICENTE, 1958), os quais vieram mais tarde a ser incluídos por O. da Veiga Ferreira num outro grupo, o da “falsa folha de acácia”, pelo facto de as decorações, corresponderem a curtas incisões e não a impressões (FERREIRA, 1970 a). Em geral, trata-se de decorações onde os folículos – que podem ter comprimento, largura e profundidade variáveis – se organizam em linhas como as folhas de um ramo, dispostas em oposição (daí o nome de “folha de acácia”, por lembrarem os ramos desse arbusto). Tais ramos, sobrepostos em bandas horizontais sucessivas, dão origem a um motivo mais complexo, lembrando zigue-zagues, em que os folículos do lado de um desses ramos são comuns ao do ramo adjacente. Noutras vezes, a disposição dos folículos corresponde a linhas oblíquas, cruzando-se a 45 graus, constituindo padrão decorativo cujo elemento nodal é um quadrifólio em X, chamado por isso de “crucífera”. Estes dois motivos podem ocorrer associados, no mesmo recipiente, em geral grandes vasos esféricos, ditos “vasos de provisões”, desenvolvendo-se em painéis em torno da abertura e até cerca do diâmetro máximo dos mesmos, separados por bandas de caneluras largas e pouco profundas, realizadas com punção rombo, o mesmo artefacto cuja extremidade terá produzido as impressões foliculares em apreço. Tais caneluras distribuem-se também em torno da abertura e podem, mesmo, constituir decorações geométricas, das quais as mais comuns são grandes triângulos, com o vértice apontado para cima (“dentes de lobo”), preenchidos interiormente por segmentos oblíquos simples e paralelos. Nos estádios mais evoluídos destas decorações, os motivos em “folhas de acácia” e em “crucífera” desaparecem quase por completo, dando lugar, nos mesmos tipos de recipientes, a decorações geométricas feitas a incisão fina, em reticulados oblíquos, feitos por incisão, sendo comuns os losangos preenchidos interiormente, dispostos em xadrez, que por serem muito comuns no povoado da Penha Verde, Sintra, corporizam a cerâmica denominada “tipo Penha Verde” (FERREIRA & SILVA, 1970: 216).

A cronologia relativa destas cerâmicas, adentro o faseamento fino do Calcolítico da Estremadura foi possível, pela primeira vez, no povoado pré-histórico da Rotura; ali, a estratigrafia definida por C. Tavares da Silva, era clara a tal respeito: “A “folha de acácia” e a “crucífera” surgem em maior abundância nos níveis médios, decrescendo nos superiores. O nível 6 não forneceu cerâmica com esta decoração” (SILVA, 1971: 185). O nível 6, que é o mais antigo, é reportável aos últimos estádios do Calcolítico Inicial, enquanto que os níveis superiores correspondem à eclosão das cerâmicas campaniformes, dominadas no povoado em apreço, pela técnica a pontilhado. Pode, pois, concluir-se que existiu uma época de coexistência, já numa fase muito adiantada do Calcolítico da Estremadura, das cerâmicas campaniformes com cerâmicas decoradas de tradição local, em “folha de acácia” e em “crucífera”. Esta conclusão foi corroborada, no mesmo sítio, de forma independente, por Victor S. Gonçalves (GONÇALVES, 1971: 77, 78) e, mais tarde, em Leceia, mercê das escavações ali dirigidas por um de nós desde 1983 (CARDOSO, SOARES & SILVA, 1983/1984, 1987; CARDOSO, 1989, 1994, 1997, 2000). Com efeito, a cerâmica em “folha de acácia” e “crucífera” é característica da Camada 2, que representa o Calcolítico Pleno, estando completamente ausente da Camada 3, imediatamente subjacente, que corresponde ao Calcolítico Inicial. Na

área intramuros, as cerâmicas campaniformes circunscrevem-se à parte superior da Camada 2, onde se encontram associadas às supra mencionadas.

No Zambujal, a distribuição estratigráfica das cerâmicas em “folha de acácia” e em “crucífera” é concordante, nos seus traços gerais, com o quadro descrito em Leceia e na Rotura: com efeito, a sua incidência máxima ocorre nas fases mais tardias da vida do povoado, tal como as cerâmicas campaniformes e ao contrário do grupo dos “copos” com decoração canelada, que se acantonam nas fases mais antigas da ocupação (KUNST, 1996, Fig. 6).

É interessante registar a evidente distribuição de carácter geográfico desta cerâmica: muito comum na região do estuário do Sado (Rotura e Chibanes) e, a norte do Tejo, até à região de Torres Vedras, a sua rarefacção para latitudes superiores e para o interior do País é rápida e notória; sendo ainda comum no Outeiro de São Mamede, desaparece logo a seguir, para Norte, do mesmo modo que, para o interior, é igualmente notório o seu desaparecimento rápido: muito comum no povoado da Pedra do Ouro, Alenquer (PAÇO, 1966; LEISNER & SCHUBART, 1966), em Vila Nova de São Pedro, Azambuja a sua ocorrência é muito escassa, face à importância do povoado. O evidente ar de família que tais cerâmicas detêm faz pensar numa difusão, de sul para norte, a partir do estuário do Tejo, com base na troca de mulheres, partindo do princípio que competiria a estas tal tarefa. A ocorrência de alguns esparsos fragmentos em sítios do Baixo Alentejo, como o povoado do Monte da Tumba (SILVA & SOARES, 1987, Fig. 25, n.º 8 a 10), pode explicar-se facilmente por transacções comerciais a partir dos povoados situados sobre a embocadura do rio Sado.

Os dois motivos “nodais” – a “folha de acácia” e a “crucífera” – além de grandes esféricos, ocorrem em vasos de menor volume, taças em calote (Fig. 47, n.º 1 e 2) ou “copos” de paredes verticais e cuidado acabamento, que podem ser considerados como os sucedâneos dos seus homólogos canelados, característicos do Calcolítico Inicial da Estremadura, associados a complexos e variados motivos incisos (Fig. 54, n.º 1 a 5). Nalguns, é frequente a disposição na vertical da “folha de acácia”, sem paralelo nos grandes esféricos, onde surge apenas na horizontal, bem como a existência de ressaltos, a demarcar o campo decorado (Est. 47, n.º 8). De referir que, no limite, as impressões de folículos estreitos e pouco fundos, presentes nestes pequenos recipientes, pode ser substituída por finas incisões, ou impressões de estilete, mas respeitando o mesmo modelo decorativo.

Como já em trabalho anterior se tinha salientado (CARDOSO, 1982), este grupo de cerâmicas decoradas não faz parte dos mobiliários das necrópoles coevas, excepção feita aos materiais encontrados em uma das *tholoi* de São Martinho de Sintra (APOLINÁRIO, 1896, Fig. 3; LEISNER, 1965, Tf. 32, n.º 54 a 56) os quais constituem, ao que se saiba, as únicas ocorrências destas cerâmicas em contextos funerários calcolíticos, indicando carácter exclusivamente funcional.

Outros recipientes com decorações incisas

Importa referir a existência de uma forma fechada muito rara, caracterizada por possuir uma abertura

estreita, delimitada por inflexão do bojo, formando carena (Fig. 47, n.º 9; Fig. 52, n.º 11). A decoração desenvolve-se de um e outro lado da referida inflexão, constituindo espinhados incisos e triângulos ou losangos, preenchidos interiormente.

Esta forma é afim de uma outra, caracterizada por inflexão côncava em torno do bordo, a qual se encontra separada do bojo, que é convexo, por carena muito bem marcada, como a do exemplar liso já anteriormente referido (Fig. 43, n.º 12), forma que também ocorre com ornamentação (Fig. 51, n.º 1), tal como se observa em exemplares do povoado da Penha Verde, Sintra (ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1958).

Copos canelados e outros recipientes com decoração canelada

O restritivo deste parágrafo apenas se reportar aos copos com decoração canelada, exclui os homólogos decorados pela técnica incisa e impressa, tratados no grupo anterior. Com efeito, tal distinção justifica-se: de entre as diversas produções decoradas do Calcolítico estremenho, os copos com decoração canelada, pela problemática que lhes está associada merecem um lugar de relevo. Característicos do Calcolítico Inicial, distinguem-se das restantes produções calcolíticas pela sua superior qualidade de acabamento, com superfície alisada e brunida, conferindo-lhe nalguns casos aspecto brilhante e toque quase metálico e assinalável dureza e compacidade, que fazem deles uma evidente produção de excepção. Têm, todavia, equivalente em outras produções cerâmicas, como as taças em calote, decoradas com caneluras abaixo do bordo. O carácter de marcador crono-cultural que possuem, decorre tanto da homogeneidade da forma e da qualidade do acabamento, como da monotonia decorativa: podendo apresentar-se lisos, ostentam, em geral, uma banda de caneluras, feitas a punção rombo, largas e pouco profundas, abaixo do bordo e na base do corpo do vaso, imediatamente acima da carena que o separa do fundo, que é sempre levemente convexo. O bojo, direito ou levemente côncavo, que caracteriza estes recipientes, encontra-se delimitado superior e inferiormente por aquela dupla faixa e pode apresentar-se liso ou decorado; neste último caso, trata-se sempre de motivos geométricos (dominando os reticulados e os espinhados), que podem ocupar a totalidade do bojo, com ornatos brunidos produzidos por finíssimas caneluras muito semelhantes às que ostentam exemplares do Bronze Final.

No conjunto das cerâmicas decoradas do Outeiro de São Mamede, os copos com decoração canelada encontram-se apenas representados por dois exemplares, um deles com reserva, por se encontrar muito incompleto (Fig. 53, n.º 9; Fig. 53, n.º 2). A este poder-se-iam juntar dois esféricos, igualmente com decoração canelada sob o bordo (Fig. 53, n.º 4, 5), constituída por duas ténues caneluras paralelas.

O copo supra-referido ostenta a característica banda de caneluras horizontais abaixo do bordo, sendo o bojo do recipiente, até o fundo, decorado por finas caneluras brunidas, organizadas em métopas verticais. A presença deste recipiente vem colocar a questão de a ocupação pré-histórica poder ser recuada até o Calcolítico Inicial. Esta hipótese parece ser de reter, não obstante a curta cronologia indicada globalmente pelo espólio, compatível com uma fase adiantada do Calcolítico Pleno, dada a presença de outras cerâmicas decoradas pela técnica canelada, reportáveis a fase de transição do Calcolítico Inicial

para o Calcolítico Pleno. É o caso para além dos dois esféricos já referidos, de dois outros exemplares, decorados por caneluras serpenteantes (Fig. 53, n.º 7; Fig. 52, n.º 12). O paralelo mais próximo conhecido é um esférico recolhido na Camada 3 (Calcolítico Inicial) do povoado pré-histórico de Leceia (CARDOSO, 1994, Fig. 120, n.º 1). É de assinalar, igualmente, outro paralelo, representado por um copo da Lapa do Bugio, Sesimbra (CARDOSO, 1992, Est. 13, 52), para além de um conjunto de fragmentos decorados com caneluras, ou sulcos muito ténues que parecem corresponder a uma fase de transição das cerâmicas do Calcolítico Inicial para as do Calcolítico Pleno (Fig. 52, n.º 1 a 10). A estas, poder-se-ia ainda juntar o conjunto de copos decorados por linhas incisivas, já anteriormente referidos (Fig. 54, n.º 1 a 5) no que se refere à eventual ocupação do Calcolítico Inicial do Outeiro de São Mamede.

Cerâmicas não campaniformes decoradas a ponteadado e a penteado

A presença de cerâmicas decoradas a pontilhado, de tradição não campaniforme, é conhecida desde há muito: N. Aberg (ABERG, 1921, Fig. 123) reproduz, por exemplo, o fragmento decorado de Fig. 51, n.º 1. Trata-se de recipiente cujas particularidades tipológicas já foram devidamente salientadas anteriormente, a propósito de exemplar liso (Fig. 43, n.º 12), com paralelos em exemplares com decoração incisa do povoado calcolítico da Penha Verde, Sintra (ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1958, Est. X, n.º 78). No entanto, apesar de há muito conhecidas, até época recente não se lhes tinha dado a devida atenção: com efeito, corporizam um fácies regional cuja distribuição geográfica evidencia concentração na região do Outeiro de São Mamede/Pragança, sítios que forneceram os mais importantes exemplares, já devidamente valorizados (GONÇALVES, 1991). Com efeito, mais para sul, a sua presença esmorece notavelmente, a ponto de serem excepcionais na baixa Estremadura, onde se encontram apenas representadas por escassos exemplares em Leceia, Oeiras e Penha Verde, Sintra, em ambos os casos conectáveis com o cupações do Calcolítico Pleno/Final (CARDOSO, 1995 b), condizentes com a cronologia da ocupação dominante no Outeiro de São Mamede. O pontilhado foi produzido com uma matriz em forma de pente, a qual era impressa na pasta mole, dando origem aos alinhamentos organizados em diversos padrões decorativos, especialmente espinhados horizontais ou verticais (Fig. 50, n.º 2 a 4; Fig. 51, n.º 1 a 3 e 5; Fig. 52, n.º 1 e 6; Fig. 56, n.º 1 e 2; Fig. 61, n.º 1) presentes em recipientes de tipologia e dimensões muito diversas, dominando os esféricos e as taças em calote, cujos paralelos mais evidentes provêm do vizinho povoado de Pragança, Cadaval (GONÇALVES, 1991, Fig. 4, n.º 1 a 6).

Esta técnica encontra-se estreitamente associada, por vezes no mesmo exemplar, à técnica incisa (Fig. 51, n.º 4; Fig. 56, n.º 3), a qual, noutros casos, deu origem aos clássicos motivos “penteados”, obtidos pela mesma matriz, pormenor que já foi devidamente salientado (CARDOSO, 1995 b): ou seja, a mesma matriz produziu por impressão, os motivos a ponteado e, por arrastamento, as linhas incisivas, correspondentes a sulcos contínuos e paralelos abertos na pasta fresca (penteados). Esta coexistência de técnicas e de padrões decorativos distintos encontra-se particularmente ilustrada em dois recipientes (Fig. 50, n.º 9; Fig. 55, n.º 2), dos quais o último foi já objecto de reprodução anterior (GONÇALVES, 1991, Fig. 6, n.º 1).

Nalguns casos, torna-se difícil a destriça deste grupo de recipientes, das cerâmicas campaniformes decoradas pela mesma técnica. Tal dificuldade é acrescida pela semelhança de padrões decorativos, a qual sublinha a possibilidade de ambas as produções terem coexistido. É o caso do fragmento de grande esférico da Fig. 50, n.º 11, decorado com profundas impressões feitas com pente, que poderá sem dificuldade integrar-se nas produções campaniformes, aliás representadas no povoado. Da mesma forma, os recipientes da Fig. 56, n.º 1 e 2, têm afinidades com exemplares seus homólogos campaniformes, por exemplo com os oriundos de uma das cabanas campaniformes de Leceia (CARDOSO, 1997/1998, Fig. 1, 2). As estreitas analogias entre os dois grupos são ainda evidenciadas pela existência de porção de caçoila de ombro, com decoração a ponteadado geométrico, em zigue-zagues no bojo e em reticulado oblíquo sob o bordo, como muitas caçoilas campaniformes, exactamente com a mesma tipologia (Fig. 56, n.º 4), a ponto de ser admissível a sua inclusão nestas últimas.

Pelo exposto, é evidente ter existido coexistência no Outeiro de São Mamede, entre as produções das cerâmicas em apreço e as campaniformes, de tal modo é discutível, nalguns casos, a destriça entre ambas.

Por consequência, as cerâmicas decoradas por linhas incisas, por arrastamento do pente/matriz, devem igualmente reportar-se a essa fase de coexistência do final do Calcolítico Pleno, em que produções de carácter local se mesclaram com as campaniformes. Nalguns casos, as incisões penteadas desenvolvem-se sob o bordo de taças ou, sobretudo, esféricos, evocando uma tradição anterior, das decorações caneladas (Fig. 53, n.º 8), cujos melhores paralelos provêm do já referido povoado pré-histórico de Pragança, Cadaval (GONÇALVES, 1991, Fig. 3, n.º 1 a 5) ; noutros casos, ocupam toda a superfície do recipiente (Fig. 53, n.º 10), ou desenvolvem-se em bandas paralelas, separadas por espaços não decorados, ocupando o bojo dos recipientes, dominando nestes os esféricos (Fig. 58, n.º 1 a 10; Fig. 59, n.º 1 a 9). Em ambos os casos, podem vislumbrar-se analogias com as organizações dos campos decorativos dos recipientes campaniformes: no primeiro caso, ter-se-ia o equivalente da variante linear do grupo AOO (“All Over Ornamented”), do mesmo modo que o segundo corresponderia à variante de faixas preenchidas interiormente, dita “herringbone”. A existência de alguns exemplares com ondulados (Fig. 58, n.º 9 e 10), é uma variante comum noutras áreas geográficas, muito mais setentrionais (região de Chaves-Vila Pouca de Aguiar) (JORGE, 1986). Nalguns casos, foram consideradas como imitações de cerâmicas campaniformes, como se verificou no castro de Palheiros, Murça e em outras estações com ocupação calcolítica do norte de Portugal, como o Buraco da Pala, Mirandela (SANCHES, 1997).

A cerâmica penteada comparte, pois, com a cerâmica campaniforme, a utilização de pente ou matriz na execução de motivos decorativos, sendo este um elemento de reforço em defesa da produção coeva de ambas, embora a sua origem seja claramente reportável ao Neolítico Antigo, com paralelos em estações dessa época a norte do Douro, bem como no litoral baixo alentejano, como se refere em síntese recente, a propósito dos exemplares da gruta da Casa da Moura, Óbidos (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002).

A crescente presença de cerâmicas incisas por arrastamento de pente/matriz (ditas por isso penteadas), de sul para norte, dentro da Estremadura, evidencia a influência de grupos calcolíticos

beirões, até latitudes como as correspondentes às estações referidas, influência que se estendeu, também a estações do interior do Alto Alentejo, como o povoado de Pombais, Monforte, onde a sua ocorrência é, igualmente, muito esporádica (BOAVENTURA, 2001, Fig. 37, nº. 2).

Cerâmicas decoradas interiormente

Representadas por dois fragmentos de taças baixas (Fig. 57, nº. 3 e 5), com decoração feita a punção rombo, correspondendo à técnica presente nos copos canelados, com os quais ocorre em associação. Com efeito, a sua incidência máxima observa-se, em Leceia, no Calcolítico Inicial (CARDOSO, 1994, Fig. 119, nº. 3 e 4), com prolongamento pelo Calcolítico Pleno (CARDOSO, 1989, Fig. 119, nº. 6).

Cerâmicas campaniformes

Os materiais campaniformes exumados no Outeiro de São Mamede, embora não muito abundantes, apresentam algumas características dignas de registo. Como em nenhum outro sítio estremenho, nele se evidenciam peças que evocam uma estreita analogia com uma série de produções de tradição não campaniforme, aspecto já anteriormente valorizado, sem prejuízo de se tratar de conjunto de cronologia recuada dentro do faseamento que é uso fazer-se das cerâmicas campaniformes. Com efeito, não só a decoração a ponteados é quase exclusiva, como os vasos marítimos clássicos, de tipo AOO com decoração de bandas preenchidas interiormente (tipo “herringbone”) estão presentes (Fig. 57, nº. 2; Fig. 60, nº. 1; Fig. 61, nº. 4). A existência de caçoilas de ombro com decoração geométrica a ponteados (Fig. 55, nº. 1; Fig. 60, nº. 5, 6 e 7), a que se poderão juntar outros fragmentos, de classificação tipológica discutível, dada a sua fragmentação, mas pertencentes provavelmente também a caçoilas (Fig. 57, nº. 4; Fig. 60, nº. 2 a 4 e 8; Fig. 61, nº. 2, 3 e 5), é coerente com a presença dos vasos marítimos, configurando um momento precoce, que se insere no chamado “Grupo Internacional”, de J. Soares e C. Tavares da Silva, que desenvolveram ensaio de faseamento das cerâmicas campaniformes da Baixa Estremadura, ainda hoje válido, nas suas linhas gerais (SOARES & SILVA, 1974/1977) e ao mesmo tempo, de forma independente, por outros autores (HARRISON, 1977).

A já mencionada existência de peças híbridas, entre a tradição das produções locais, e os cânones das peças campaniformes, vem reforçar a conclusão destas últimas corresponderem, de facto, a etapa antiga da sua afirmação regional.

Trata-se, por conseguinte, de um conjunto homogéneo, com excepção de dois fragmentos com decoração incisa, de difícil classificação (Fig. 61, nº. 6 e 7), sendo de destacar a ausência de qualquer taça Palmela, forma concentrada na região das embocaduras do Tejo e do Sado, rareando à medida que nos afastamos destas regiões, caminhando para norte do Tejo (CARDOSO & CARREIRA, 1996; CARDOSO, 2002). Desta forma, a sua ausência deste, como de outros contextos calcolíticos da mesma região, não terá incidência cronológica.

É interessante registrar a coexistência de duas técnicas decorativas na caçoila de ombro (Fig. 55, n.º 1): com efeito, para além da técnica a ponteados, esta peça encontra-se decorada por sucessivas linhas horizontais de impressões em forma de coroa circular; executado com um pequeno caule oco: trata-se um motivo que, apesar de pouco frequente está longe de poder ser considerado raro. Peças calcólíticas, campaniformes ou não, com a aplicação da mesma técnica, foram documentadas nos povoados do Penedo, Torres Vedras (SPINDLER & TRINDADE, 1970, Est. XXX, n.º 723), Montes Claros (PAÇO & BARTHÓLO, 1961, Fig. 1; HARRISON, 1977, fig. 47, n.º 257), Rotura (Id., ib., fig. 103, n.º 20), num prato de Vila Nova de S. Pedro (LEISNER, 1961, Tf. 2, 3). Na fachada atlântica, fora do território português, encontram-se referenciadas na Galiza, no túmulo de Roupar (CRIADO BOADO & VÁZQUEZ VARELA, 1982: 29, fig. 12), em vários exemplares dos silos funerários de El Acebuchal, Sevilha (HARRISON, BUBNER & HIBBS, 1976) e em Marrocos, na Gruta de Dar-es-Soltan, Rabat (RUHLMAN, 1951, Fig. 58, n.º 1 e Fig. 61, n.º 1). Esta técnica decorativa, vista isoladamente, remonta ao Neolítico Antigo, estando presente em diversos sítios desta época do território português. A sua presença em recipientes campaniformes é mais uma prova da filiação destas produções em tradições cerâmicas mais antigas, localmente representadas.

Recipientes com decorações figurativas ou simbólicas

Outro exemplar que importa valorizar é um pequeno vaso de tendência esférica, decorado na parte inferior, por um corpo radiado, a partir de um círculo central (Fig. 53, n.º 3). Ser-se-ia levado a considerar uma representação de um simples olho radiado, como os que usualmente ocorrem aos pares na cerâmica simbólica calcólítica – de que existem diversos exemplos na área estremenha – associados frequente a outros atributos faciais (sobrancelhas, “tatuagens”, etc.). No entanto, no caso em apreço, esta hipótese não é admissível, porque de um dos lados do referido círculo, se desenvolvem duas linhas divergentes, a partir das quais, de ambos os lados, novas linhas irradiam. Parece inquestionável tratar-se da representação de um cometa, ou de uma estrela cadente. É a única peça, no seu género, de que há conhecimento: a sua excepcional importância iconográfica deve ser por isso devidamente sublinhada.

2.6.3 - Cerâmicas industriais

Cinchos

Exemplares desprovidos de fundo, uniformemente perfurados, conhecem-se desde o IV milénio a.C., em conjuntos do Neolítico Médio e recente da Europa Oriental e, mais perto de nós, no Chasseense francês. A sua presença na Península Ibérica parece associada ao Calcólítico; no território português, centra-se em fase já avançada do Calcólítico: com efeito, na Estremadura, é ao Calcólítico Pleno que deverão ser reportadas as ocorrências conhecidas, como indicam os raros casos em que se dispõe de indicações estratigráficas, como no povoado pré-histórico de Leceia. Ali, tais peças circunscrevem-se à

Camada 2, representativa daquela fase crono-cultural, indicando que a melhoria do aproveitamento das matérias-primas, revelando uma crescente especialização das produções, continuou, em pleno III milénio a.C., através da obtenção de produtos lácteos, como o queijo, cujo fabrico se tem relacionado com estes exemplares de paredes perfuradas (Fig. 57, n.º 7 a 11).

Frequentes no Calcolítico da Estremadura, são mais raros no do Sudoeste, o que parece indicar uma economia agro-pastoril, baseada na exploração secundária das espécies domésticas, mais aperfeiçoada na primeira daquelas áreas culturais.

Ocorrem formas análogas em vários contextos proto-históricos do Sudoeste peninsular, com funcionalidades distintas, associadas a actividades metalúrgicas, designadamente à copelação da prata (FERNÁNDEZ JURADO, 1989, Fig. 4). Exemplares parecidos encontram-se representados em baixos relevos aztecas, representando actividades de combustão. Seja como for, na Estremadura não é crível que estas peças tivessem tal finalidade, por jamais se ter encontrado em nenhuma delas restos de metal fundido, ao contrário do observado nas supra-citadas peças proto-históricas, ou dos verdadeiros cadinhos, frequentes nos povoados calcolíticos da Estremadura, também representados no Outeiro de São Mamede por um exemplar, adiante estudado.

Com base em vários paralelos etnográficos europeus, é possível defender a utilização destas peças, quer no processo de fabricação do queijo e do requeijão, quer na operação de separação do soro do leite, quer ainda como recipiente para dar forma à massa. Diversamente, uma função alternativa, como filtros destinados à obtenção de água ou de sucos foi considerada por outros autores. Outras possibilidades serão ainda certamente possíveis; bastaria ter presente o diminuto diâmetro de muitas destas peças para se concluir que o fabrico do queijo não será, nalguns casos, a melhor alternativa (SCHÜLE & PELLICER, 1966: 7).

Cadinhos de fundição

Um fragmento de recipiente de contorno sub-rectangular, espesso, com uma cavidade aberta numa das faces, corresponde a esta categoria de artefactos, os quais, frequentemente, conservam no interior da depressão, restos de cobre ou de produtos oxidados aderentes, o que não deixa dúvidas quanto à sua finalidade (Fig.70, n.º 3). Esta peça possui, contudo, uma particularidade digna de registo, correspondente a uma perfuração cilíndrica que a atravessa em toda a sua espessura, junto ao único vértice conservado.

A massa argilosa de que são feitas tais peças, aliás bem representadas em diversos povoados estremenhos, encontra-se, por seu turno, frequentemente calcinada, de coloração cinzento-esbranquiçada ou esverdeada, pela impregnação de óxidos cupríferos, e por vezes esboroável, em resultado de repetidos sobre-aquecimentos. Nalguns casos, os restos de escória aderentes foram suficientes para efectuar análise química por simples recolha mecânica de uma amostra como aconteceu em exemplar de Vila Nova de São Pedro, Azambuja (PAÇO, 1955), tendo revelado 95 % de cobre.

A simples presença desta peça no Outeiro de São Mamede, chegaria para demonstrar, à falta de

outras evidências, já antes devidamente valorizadas, a existência da prática metalúrgica no povoado, como em muitos outros da baixa Estremadura, onde era praticada com carácter artesanal, destinada a prover em geral necessidades locais e necessariamente limitadas, sem excessivo impacto nas actividades produtivas; por isso, a metalurgia calcolítica da Estremadura, poderá ser simplesmente encarada como mais uma manifestação da especialização das produções, verificada no decurso do III milénio a.C. No respeitante ao Outeiro de São Mamede, porém, a abundância dos restos metalúrgicos, leva a considerar como plausível a sobre-produção, destinada à permuta, como já anteriormente se referiu.

Elementos de tear

Aos elementos de tear paralelepípedicos munidos de quatro perfurações em cada um dos vértices, é usual dar a designação de pesos de tear, já utilizada por Vergílio Correia, a propósito das centenas de exemplares por si encontrados no Castelo de Pavia, Mora (CORREIA, 1921, Fig. 14).

Na generalidade dos casos, as perfurações são cilíndricas, feitas na pasta fresca.

A. I. Marques da Costa, referiu-se-lhes, simplesmente, por tijolos de suspensão (COSTA, 1906: 50), tendência simplificadora também expressa na designação de “placas de barro”, adoptada muito mais tarde por Afonso do Paço (PAÇO, 1940); anos antes, Leite de Vasconcelos, referindo exemplar do Outeiro de São Mamede, que ostenta a representação de um possível machado encabado, chamou-lhe, simplesmente, “quadrângulo de barro” (VASCONCELOS, 1922: 295); porém, o mesmo autor, anteriormente, tinha designado vários exemplares homólogos, lisos ou decorados, desta mesma estação, como “pesos de tear” (VASCONCELOS, 1915, Est. V) antecedendo, deste modo, outros autores, que depois a adoptaram.

Com efeito, mercê da extraordinária abundância destas peças no Outeiro de São Mamede, algumas das quais ostentam decoração, as mesmas foram, pouco tempo depois de ingressadas no Museu dirigido por Leite de Vasconcelos, devidamente valorizadas e publicadas pelo próprio.

Trata-se de artefactos cerâmicos característicos dos contextos domésticos da Idade do Cobre do Baixo Tejo, que evidenciam a importância da tecelagem na economia de então: em Vila Nova de São Pedro, Azambuja, encontraram-se sementes de linho (PAÇO & ARTHUR, 1953), que atestam a produção local de tecidos, os quais se encontram exemplificados pela porção de linho que embrulhava ritualmente um machado de cobre calcolítico, encontrado no interior de uma das cistas da necrópole de Belle France, Monchique (FORMOSINHO, FERREIRA & VIANA, 1953/1954, Est. XVII, n.º 2).

A atribuição funcional dominante que tem sido atribuída a estas placas de barro perfuradas nos quatro cantos, é a de pesos de tear, destinados a esticar as fibras da trama na vertical. Nessa perspectiva, compreende-se que algumas delas possuam apenas dois furos, situados de um dos lados, que seriam bastantes para manterem esticados os fios a tecer, como já há muito foi assinalado por Afonso do Paço, a propósito de exemplares deste tipo recolhidos em Vila Nova de São Pedro (PAÇO, 1940), também presentes no Outeiro de São Mamede (Fig. 62, n.º 1 e 2; Fig. 70, n.º 1). Em abono desta hipótese, um de nós assinalou, entre os exemplares com quatro furos recolhidos em Leceia, um que possuía

desgaste em apenas dois furos de um dos lados, sugerindo tal utilização (CARDOSO, 1997: 89). Outras possibilidades de utilização destas peças foram apresentadas, ao longo do tempo, por outros autores. Sem discutir aquelas que a própria evolução das investigações se encarregou de demonstrar erróneas, como a de serem elementos de fornos de fundição, defendida por L. Siret (*in* CORREIA, 1921: 22), importa sublinhar que todas as outras alternativas apontam, senão para pesos de tear, ao menos para elementos relacionados com a fição. Poderiam, nesta perspectiva, ser utilizadas para torcer fios, dando origem ao fabrico de cordões de linho ou de outras fibras vegetais ou animais, ou ainda em técnica de fição recorrendo a “pranchetas de tecelagem”, hipótese que, em Portugal, foi primeiramente defendida por K. Spindler, ao estudar o espólio calcolítico do povoado do Penedo, Torres Vedras (SPINDLER & TRINDADE, 1970: 141). R. Boaventura, a propósito dos elementos análogos recolhidos no povoado calcolítico do Pombal, Monforte (BOAVENTURA, 2001), sem inviabilizar a hipótese de pesos de tear de teares verticais, valorizou outras alternativas, nas quais as placas de barro seriam utilizadas em paralelo, tanto em teares horizontais (*op. cit.*, Fig. 18, n.º 1), como manuseados directamente pela tecedeira, que cruzaria os fios que passavam pelas perfurações das placas (*op. cit.*, Fig. 17). Estas, no caso vertente, seriam de barro; mas usualmente, eram de osso, madeira, e mesmo em couro ou cartão (N.A., 1993); fica, deste modo, por confirmar a utilização destas peças em teares de placas, os quais correspondem a uma técnica conhecida em diversas épocas e civilizações: no antigo Egipto, no Japão, na China, na Europa, América, Austrália, mas sempre sem a utilização do barro como matéria-prima das placas.

Deste modo, ainda que o modo de utilização destas peças, que evidenciam uma marcada homogeneidade na Estremadura, não esteja cabalmente demonstrado, sem ignorar que poderiam ser utilizadas como placas em teares horizontais, ou como pesos propriamente ditos em dispositivos de tecelagem verticais, será mais adequado a sua designação como elementos de tear, em vez de pesos de tear, muito embora esta continue ainda em voga, por certo devido ao forte peso da tradição: veja-se, por exemplo, recente ensaio de M. Diniz: não obstante a cuidada discussão apresentada, persiste a designação tradicional (DINIZ, 1994). De qualquer modo, dever-se-á ter em consideração, na discussão desta questão, as marcas de uso como elemento indispensável de análise. Da ponderação deste aspecto, parece resultar uma maior probabilidade de estas placas serem utilizadas na vertical, suspensas por dois orifícios, como atrás ficou dito, apesar de a larga maioria não denunciar qualquer desgaste, ao nível das perfurações.

Enfim, como caracter peculiar, talvez relacionado com o uso, deve referir-se que um dos exemplares lisos apresenta uma concavidade bem marcada no centro de uma das faces (Fig. 67, n.º 5); por ser única, não poderá conotar-se com qualquer particularidade de ordem funcional, como a destinada a conservar uma reserva de engordurante que se tornaria necessário nas pontas dos dedos ao fiar e ao tecer (SPINDLER & TRINDADE, 1970: 142).

Como em todos os povoados estremenhos, os elementos de tear correspondem a peças paralelipédicas, mais ou menos achatadas, por via de regra com quatro perfurações, uma em cada canto. Lisos, ou mais raramente decorados, constituem um artefacto de cronologia centrada no Calcolítico Pleno: tal é a conclusão que se retira da distribuição estratigráfica registada em Leceia. Assim, pode admitir-se que, à

semelhança de outros indicadores, também a actividade especializada que era, à época, a tecelagem, conheceu um acréscimo do Calcolítico Inicial para o Calcolítico Pleno, correspondendo à intensificação e diversificação das produções que caracterizou o III milénio a.C. na Estremadura, como em outras áreas do actual território português. Por outro lado, não pode ignorar-se o evidente contraste entre a importância de certos povoados pré-históricos da Estremadura e a escassez relativa de elementos de tear que neles foram encontrados (caso de Leceia e, talvez do Zambujal), por oposição às centenas de elementos homólogos encontrados por V. Correia (CORREIA, 1921) em outros sítios do Alentejo, como o “castelo” de Pavia, para já não falar na cerca de um milhar de exemplares recolhidos até 1945 em Vila Nova de São Pedro (JALHAY & PAÇO, 1945: 64), onde as escavações prosseguiram até finais da década seguinte. No centro interior e no norte, o panorama é ainda mais contrastante, visto tais elementos, embora conhecidos, serem escassos. Esta situação indicia uma actividade de tecelagem muito desigual entre povoados – sugerindo maior especialização nuns do que noutros – e, de modo geral muito mais intensa na Estremadura e sudoeste do que no norte de Portugal, durante o Calcolítico.

Em Vila Nova de São Pedro, os elementos de tear apresentam-se tanto lisos como decorados, sendo as respectivas quantidades desconhecidas. No que toca aos exemplares decorados, por incisão, avultam os motivos zoomórficos e os astrais, a que não será difícil atribuir significado simbólico, a par de motivos geométricos (zigue-zagues, espinhados, cruciformes, reticulados), feitos também por incisão, a que se associa, excepcionalmente, o ponteadado e a impressão de coroas circulares, como numa caçoila campaniforme de ombro atrás estudada. Os exemplares do Outeiro de São Mamede evidenciam estreitas analogias, com os de Vila Nova de São Pedro, tanto nos motivos, como na técnica com que foram produzidos (Fig. 66, n.º 2; Fig. 67, n.º 6; Fig. 68, n.º 1 a 4; Fig. 69, n.º 1 a 7; Fig. 70, n.º 1). Importa salientar que, de 14 exemplares decorados, quatro ostentam decoração nas duas faces, com paralelos em Vila Nova de São Pedro. Por outro lado, existem particularidades que importa salientar: é o caso de um exemplar decorado, em ambos os topos, por linhas paralelas verticais, feitas a ponteadado (Fig. 66, n.º 2), que lembram a técnica campaniforme; neste aspecto, merece ser referido um cadinho de fundição recolhido no povoado calcolítico do Moinho da Fonte do Sol, Palmela (SOARES; BARBIERI & SILVA, 1972) o qual, pela raridade da presença de tal técnica, em peça de índole industrial, como os elementos de tear em análise, merece ser mencionada como paralelo. Outro exemplar digno de registo é o decorado por um par de arcos de circunferência (tatuagens faciais), tão comuns em ideofactos do Calcolítico da Estremadura e do Sudoeste (Fig. 70, n.º 1), o único, dentre os exemplares decorados, que possui apenas dois orifícios. Tem paralelo em pelo menos um exemplar de Vila Nova de São Pedro (PAÇO, 1940, Fig. 3, n.º 20), e talvez num outro, do Outeiro de São Mamede, com ambas as faces assim decoradas (ALVES, 1956/1957, p. 135), o qual não foi localizado.

No concernente aos exemplares lisos que, em Vila Nova de São Pedro correspondem exclusivamente aos de quatro orifícios (PAÇO, 1940: 249), estão representados por trinta exemplares (Fig. 62, n.º 1 a 6; Fig. 63, n.º 1 a 6; Fig. 64, n.º 1 a 6; Fig. 65, n.º 1 a 6; Fig. 66, n.º 1; Fig. 67, n.º 1 a 5), dos quais apenas dois com dois orifícios, vinte e seis com quatro e dois com número indeterminado, por se encontrarem incompletos.

Apenas um exemplar é figurativo, embora esquemático (Fig. 68, n.º 4), ostentando numa das faces um cruciforme e na outra, igualmente por incisão, uma figura que Leite de Vasconcelos interpretou, como já antes se referiu, como a representação de um machado encabado (VASCONCELOS, 1922: 295). Tomando como lado útil do machado aquele que fica para a direita do observador, que é o oposto ao considerado pelo referido autor, estaríamos, mais provavelmente, perante a representação de uma enxó encabada, artefacto cujo simbolismo, aliás, se encontra expressivamente registado pelas numerosas peças calcolíticas de calcário conhecidas na área estremenha, representando, identicamente, peças encabadas.

Segundo observações de H. N. Savory relativas ao corte estratigráfico realizado pelo próprio em 1959 na muralha da fortificação interna de Vila Nova de São Pedro (SAVORY, 1970), todos os níveis do Período I (correspondente ao Calcólítico Inicial da Estremadura) deram fragmentos de placas lisas, predominando as decoradas no Período II (conotável com o Calcólítico Pleno da Estremadura).

As decorações que, de forma insistente, se observam nas placas de barro do Outeiro de São Mamede, tal como nas de outros sítios estremenhos, com destaque para o tantas vezes mencionado povoado de Vila Nova de São Pedro – a que não faltam os motivos sexuais, como o triângulo púbico feminino, ou mesmo, a silhueta do rosto humano (JALHAY & PAÇO, 1945, Fig. 11, n.º 7 e 9) – encerram um estranho e acentuado simbolismo, ausente da restante cerâmica decorada de carácter utilitário. Torna-se difícil vislumbrar as razões que levaram algumas destas peças a receber tais decorações; em todos os casos, a simplicidade e esquematismo sugerem mais do que uma função decorativa, uma marca de posse ou função apotropaica relacionada com a própria prática da tecelagem; como há muito foi assinalado por um de nós, a propósito de um exemplar profusamente decorado encontrado em Leceia (CARDOSO, 1982: 31), “é lícito admitir que as múltiplas actividades ligadas ao fabrico de tecidos, estivessem de qualquer forma expressas nos próprios artefactos utilizados: o Sol, que fazia crescer o linho, representado pelos círculos radiados ou não, a água que o alimentava e era utilizada na sua lavagem (...), representada pelas linhas onduladas, etc.”

A terminar, é de salientar que estas peças, sendo de carácter indiscutivelmente utilitário, poderiam assumir, em situações especiais, certa carga simbólica, difícil de avaliar: é o caso, recentemente assinalado, no sítio do Castelo Velho, Vila Nova de Foz Coa, de um depósito ritual situado no exterior do recinto muralhado, onde restos humanos se associavam a pesos de tear, de formato análogo aos da Estremadura (JORGE, 2002). Outro exemplo da manipulação ritual destas peças é relatado por Vergílio Correia ao estudar o Neolítico da região de Pavia, Mora (CORREIA, 1921: 23): “(...) en el fondo de un dolmen de la región encontré un exemplar que indicaba estar en su sitio originario”. Esta peça, bem como os elementos de tear homólogos do Calcólítico do Sudoeste, em forma de crescentes com duas perfurações em cada extremo, recolhidos por Estácio da Veiga na necrópole de *tholoi* de Alcalar, Portimão e também mencionados por V. Correia, “tal vez indiquen el sexo femenino de las personas enterradas”, interpretação que é perfeitamente aceitável: a deposição funerária de um desses elementos, que a defunta utilizou em vida, seria um testemunho para a posterioridade da sua actividade artesanal preferida.

2.6.4 - Diversos

Asa de recipiente (?)

Uma dos artefactos cerâmicos mais singulares de S. Mamede é um elemento de secção circular arqueado (Fig. 70, n.º 2), que recorda os crescentes do calcolítico do Sudoeste, mas que difere destes pela ausência de perfurações nas extremidades, bem assim como maior robustez. De funcionalidade não evidente, recorda estreitamente uma peça proveniente do povoado do Bronze Médio do Catujal, Loures. Poderá, no entanto, não passar de uma asa que se tenha descolado do bojo do correspondente recipiente, não diferindo significativamente do exemplar da Fig. 42, n.º 3. Ainda que muito raras no Calcolítico da Estremadura, foi recolhido na *tholos* de Pai Mogo um recipiente munido de uma asa semelhante (SPINDLER & GALLAY, 1972, Abb. 19, n.º 22).

Esferas perfuradas diametralmente

Três exemplares, de dimensões próximas (Fig. 70, n.º 4 a 6), representam provavelmente contas de colar, integrando-se, nesta hipótese, no grupo das peças de adorno.

No Neolítico Final e/ou no Calcolítico da Estremadura conhecem-se três exemplares de contas de cerâmica, embora de morfologia distinta, de corpo bicónico, provenientes da necrópole da lapa do Bugio, Sesimbra, registadas respectivamente nas sepulturas 5 e 9 e ainda nas colecções do Museu de Sesimbra (CARDOSO, 1992). Também no nível campaniforme do dólmen de Montum, Melides, se encontraram idênticos exemplares (FERREIRA *et al.*, 1975). Poderá parecer estranho que objectos de adorno de tamanha raridade ocorram em uma área habitada, quando é certo se concentrarem tais objectos nas necrópoles, onde peças desta tipologia são, contudo, desconhecidas; por isso, é preferível atribuir-lhes uma designação estritamente morfológica.

Discos de cerâmica

Dois exemplares discoidais, de secção lenticular, de cerâmica grosseira (Fig. 70, n.º 7 e 8) correspondem provavelmente a malhas ou a peças de jogo, com paralelo num exemplar recolhido no povoado de Leceia, Oeiras, em nível do Calcolítico Pleno, ainda inédito.

2.7 - Artefactos mágico-religiosos

Placas de xisto

No grupo dos artefactos ligados às actividades mágico-religiosas há a registar a presença de duas

placas de xisto decoradas. A primeira (Fig. 71, n.º 1), apresenta-se decorada com faixas de triângulos dispostas horizontalmente, e reporta-se a um tipo comum. Diversamente, a morfologia pouco comum da segunda (Fig. 71, n.º 2), com um assinalável estreitamento, leva a admitir a alternativa de reaproveitamento de uma placa de maiores dimensões, não invalidando, por outro lado, a hipótese de estarmos perante a parte inferior (cabo) de um báculo. Contudo, o facto de apenas uma das faces se apresentar decorada regularmente, leva a tornar menos provável tal possibilidade. Em abono da reutilização, podem invocar-se diversos exemplos: os mais conhecidos são exemplar das grutas de Cascais, já referido por Leite de Vasconcelos (PAÇO, 1941, p. 35, Est. 39 a) e um outro das grutas artificiais de Palmela, recentemente reapreciado (SOARES, 2003, Fig. 118), para além de muitos outros inventariados por um de nós em outro lugar (CARDOSO, 2003). Mas a irregularidade patenteada pela geometria decorativa que ostenta, é condizente com a sua ocorrência em um contexto calcolítico, época em que muitas placas de xisto foram ainda produzidas: segundo hipótese recentemente defendida (GONÇALVES, 2002), tais placas seriam caracterizadas por uma crescente desorganização da decoração, tal qual se observa no presente exemplar. Deve ainda referir-se o motivo reticulado patenteado no reverso, com paralelos em outras placas ou pendentes decorados de xisto, como o exemplar recolhido na lapa do Bugio, Sesimbra (CARDOSO, 1992, Est. 46, n.º 5), neste caso em ambas as faces, com figuras antropomórficas.

A presença de placas de xisto em contextos domésticos estremenhos calcolíticos, constitui uma ocorrência pouco frequente, encontrando-se porém registada, entre outros, nos povoados de Vila Nova de S. Pedro, Azambuja (JALHAY & PAÇO, 1945, Fig. 5, n.º 1, 2 e 4), e no de Pedrão, Setúbal, onde se encontrou uma placa inteira quase (SOARES & SILVA, 1975, Est. 17, n.º 231). Também em sepulcros calcolíticos da Estremadura se têm recolhido, esporadicamente, placas de xisto decoradas: é o caso, entre outros, da *tholos* de Tituaria, Mafra (CARDOSO *et al.*, 1996, Fig. 41, n.º 1).

A presença das placas de xisto ardoso e, em muito menor quantidade, de báculos, na região estremenha, onde não são conhecidos afloramentos desta matéria-prima, levanta de imediato uma questão, que respeita ao modo como seriam importadas. O mais certo é que tal importação se desse já com os objectos prontos a serem utilizados, hipótese sublinhada pela semelhança que os motivos decorativos que ostentam exibem com os alentejanos seus homólogos. Tal facto mostra a existência de uma estreita conexão cultural entre o Alto Alentejo e a Estremadura, no decurso do Neolítico Final, que se terá esbatido no Calcolítico, visto então as placas de xisto escassearem na Estremadura, mas não no Alto Alentejo. A decifração desta rica gramática decorativa constitui um atraente campo, que ainda não suscitou significativo empenho da parte dos investigadores, mas que constitui um desafio pleno de sentido: recente contribuição, devida a K. Lillios evidencia o desconhecimento, por parte desta autora, da realidade social, económica e cultural que caracterizou a transição do IV para o III milénio a.C. nas duas regiões supracitadas, campo no qual os arqueólogos portugueses – e sobretudo aqueles que lhe têm dedicado décadas de trabalhos de campo e de gabinete – reconhecem serem mais as dúvidas que as certezas (sobretudo as que se pretendem “sensacionais”). No caso concreto, faltam quase totalmente à partida (salvaguardando algumas excepções), dados de escavação relevantes sobre estes exemplares,

nomeadamente associações artefactuais e antropológicas seguras e significativas entre placa e os inumados (como sexo ou a idade), que dificultam irremediavelmente o avanço dos conhecimentos naquele âmbito. Caso excepcional é o que foi recentemente publicado, em modelar monografia, dedicada à anta 3 de Santa Margarida, Reguengos de Monsaraz, em que se definiu uma relação directa entre um inumado e a placa que o acompanhava (GONÇALVES, 2003), pendurada ao peito.

Cilindros de calcário

Constituem o grupo de artefactos simbólicos mais frequentes em contextos domésticos calcolíticos, tanto da Estremadura, como do Sudoeste.

Do conjunto de seis exemplares lisos de calcário (Fig. 72, n.º 1 a 6), um ostenta, num dos topos, depressão intencional (Fig. 72, n.º 4), sem que, contudo, se possa atribuir a tal pormenor qualquer significado específico. A maioria apresenta-se fracturada e incompleta, denotando pelo menos dois deles reutilização como pilão, tal como já tinha sido observado em um exemplar de Leceia (CARDOSO, 1989, Fig. 110, n.º 8): tal facto conduz à admissão de terem tais peças perdido em algum momento a sua carga simbólica, transformando-se em simples artefactos de uso comum, enquanto que outras, suas homólogas, conservariam o seu estatuto simbólico e cultural. Com efeito, em algumas outras associações funerárias do final do Calcolítico, de que se destaca a encontrada na gruta de Verdelha dos Ruivos, Vila Franca de Xira (LEITÃO *et al.*, 1984) que corresponde a um conjunto homogéneo campaniforme, a ocorrência de cilindros de calcário mostra que a sua utilização ritual continuou até àquela época. O sétimo exemplar liso apresenta uma depressão punctiforme no centro de ambos os topos (Fig. 72, n.º 9): trata-se de um fóssil de pedúnculo de crinóide, tal como outros recolhidos em Vila Nova de São Pedro, e aproveitados directamente como pequenos ídolos. Em Leceia, também se colheram alguns destes exemplares. Esta realidade reforça a convicção de o homem pré-histórico possuir curiosidade e sentido de observação suficientes para dar atenção aos fósseis, sobretudo aos ostentando formas suas conhecidas, que poderia utilizar de diversos modos, ou simplesmente conservar como “curiosidades”.

Os três cilindros decorados recolhidos no Outeiro de São Mamede increvem-se nos tipos mais comuns (Fig. 71, n.º 3 a 5): trata-se de exemplares que, num dos topos, ostentam duas linhas simétricas incisadas arqueadas (consideradas como “tatuagens faciais”); um deles (Fig. 71, n.º 3), possui uma depressão cuja posição, face àquelas duas linhas, é intencional; outro exemplar (Fig. 71, n.º 4) possui os olhos assinalados por duas depressões punctiformes, também frequentes em peças suas congéneres da Estremadura. Importa referir, no entanto, que o exemplar mais perfeito (Fig. 71, n.º 5) não é mencionado no trabalho de S. D. Alves.

Cilindro de calcite

Anote-se a presença de um pequeno cristal de calcite, cujas arestas foram boleadas por polimento, que

o transformou num pequeno ídolo, muito regular (não figurado). Possui a forma de um paralelepípedo. Conhecem-se diversos paralelos para estes pequenos cilindros de calcite: em Leceia, ocorreram diversos, estando publicado um, do Calcolítico Pleno (CARDOSO, 1989, Fig. 110, n.º 3). No povoado pré-histórico do Pedrão, recolheu-se outro, incompleto, de maiores dimensões, reportável ao Calcolítico Inicial (SOARES & SILVA, 1975, n.º 232). Enfim, de Vila Nova de São Pedro, provém um terceiro exemplar, também fracturado e de pequenas dimensões, considerado de cristal de rocha (JALHAY & PAÇO, 1945, Fig. 4, n.º 10), mas que deverá ser também de calcite, sendo munido de um sulco periférico destinado talvez a suspensão.

***Phallus* (?)**

Trata-se de um objecto de osso maciço, totalmente afeiçoado por polimento, o qual exhibe, na parte central de uma das extremidades, a mais proeminente, um sulco linear, sugerindo a abertura do canal uretral (Fig. 32, n.º 5). Tratar-se-ia, deste modo, de um ídolo fálico, com paralelos cerâmicos no povoado pré-histórico de Leceia; em particular, uma das peças ali encontradas, mostra uma depressão de tendência linear muito semelhante à do presente exemplar, sublinhada por duas protuberâncias laterais (CARDOSO, 1995 c, Fig.1).

2.8 - Fauna

A proximidade do Outeiro de São Mamede da lagoa de Óbidos explica a ocorrência de valvas de amêijoas (*Ruditapes decussatus*) recolhidas por S. D. Alves (ALVES, 1956/1957, p. 171). O mesmo autor refere ter encontrado restos de mamíferos que foram classificados por O. da Veiga Ferreira e H. Breuil; revelando predomínio de cervídeos, encontravam-se presentes ainda bovinos e suínos (javali). Os restos faunísticos, que apareceram em grande abundância nas escavações de Bernardo de Sá (como transparece das cartas de 18 e 24/2/1905 enviadas a Leite de Vasconcelos e acima transcritas), não foram por este recolhidos, como era costume na época, limitando-se apenas aos que evidenciavam nítida intervenção humana.

3 - SÍNTESE E CONCLUSÕES

O estudo do espólio do povoado pré-histórico do Outeiro de São Mamede, permitiu as seguintes conclusões gerais:

1 - Trata-se de materiais que, conquanto de posição estratigráfica e de localização no terreno imprecisas, parecem provir essencialmente de uma única camada arqueológica e de uma zona circunscrita do povoado

pré-histórico, como decorre da análise da documentação existente: com efeito, tanto o esboço estratigráfico realizado por Leite de Vasconcelos na sua visita de 30 de Junho de 1906, como os cortes efectuados por Bernardo de Sá, indiciam a existência de uma única camada arqueológica, particularmente evidente no interior de um recinto de planta rectangular considerado como fundo da cabana, o qual forneceu grande quantidade de espólio; por isso, foi considerado como a zona nuclear do antigo assentamento humano; é de reter, ainda, ter Bernardo de Sá assinalado vários muros rectilíneos, de contenção de terras, os quais deram origem a plataformas cuja sucessão de estratos arqueológicos parecem encostar-se ao lado interno das referidas estruturas; a ser assim, tratar-se-iam de estruturas pré-históricas, com equivalente em muro do Neolítico Final, construído exactamente com o mesmo propósito, posto a descoberto por um de nós (J. L. C.) no povoado do Neolítico Final do Carrascal, Oeiras, em Agosto de 2003 e ainda inédito. Ainda no respeitante à distribuição diferencial de espólio arqueológico, deve assinalar-se a existência de um “tesouro” de pontas de seta, recolhido na “cabana”, enquanto que outro sector circunscrito da estação forneceu cerca de sessenta machados de pedra polida, sendo por isso designado pelos trabalhadores rurais como “mina dos raios”;

2 - do espólio recolhido por Bernardo de Sá, parte significativa ter-se-á extraviado; disso é prova a falta de algumas peças notáveis, entre as agora observadas no Museu Nacional de Arqueologia: basta referir que, só pontas de seta, existiam cerca de trezentas, número muito além do actual. De qualquer modo, os materiais conservados, com assinalável coerência cronológica e cultural, indicam tratar-se de uma ocupação calcolítica. Com efeito, as tipologias das classes de espólio consideradas mais discriminantes, são concordantes em apontarem uma presença dominante no Calcolítico Pleno: para tal conclusão, pode invocar-se a tipologia do espólio lítico (com notável predomínio das pontas de seta de tipo mitriforme); a abundância de vestígios de metalurgia, prática que, como é sabido, só se generalizou a partir daquela fase cultural; e, sobretudo, as características do conjunto cerâmico.

No entanto, para além de alguns recipientes cerâmicos poderem pertencer ao Calcolítico Inicial, como a seu tempo foi referido, outros há, referidos na bibliografia mas não localizados, como um fragmento de vaso de bordo denteado, que poderão indicar uma ocupação pouco importante do Neolítico Final. A este exemplar, poder-se-iam associar ainda algumas pontas de seta de base pedunculada ou bicôncava (também não localizadas); a tal propósito, é de reter a observação de Bernardo de Sá de, nalguns sectores, a camada mais funda conter abundante espólio arqueológico, que lhe parecia mais primitivo, por dele não fazer parte as cerâmicas decoradas; tal situação condiz, com efeito, com a larga predominância de cerâmicas lisas no Neolítico Final, ao contrário do observado no Calcolítico; mas a presença de apenas um bordo denteado e a ausência de taças carenadas neolíticas – apenas um exemplar se encontra desenhado por S. D. Alves, mas com perfil que sugere a sua inclusão na Idade do Bronze (ALVES, 1956/1957, Fig. 6, nº. 3) – não permite aceitar tal possibilidade: só novas escavações, que aliás o referido autor considerava justificáveis, recentemente empreendidas, poderão esclarecer esta e outras questões;

3 - a evidente prosperidade dos habitantes calcólicos do Outeiro de São Mamede decorria da conjugação de diversos factores favoráveis: por um lado, do sucesso da economia agro-pastoril, propiciado pelo aproveitamento dos férteis solos agrícolas adjacentes ao povoado, os quais, nos princípios do século XX continuavam a ser intensamente cultivados, como se conclui da correspondência de Bernardo de Sá para Leite de Vasconcelos; por outro lado, da proximidade da lagoa de Óbidos e do rio Real, que corre a Oeste, desde sempre fontes relevantes de recursos (peixe, marisco); enfim, a existência de cobre (sob a forma nativa ou carbonatos) nas proximidades, explica a existência de numerosas provas de metalurgia, que por si só é bem demonstrativa da pujança económica do povoado. A presença de um rico espólio de pedra lascada explica-se, igualmente, pela existência de sílex nos calcários mesozóicos da região, o qual, conjuntamente com o cobre, seria por certo permutado com anfíbolitos, cujo abastecimento, oriundo do Alto Alentejo ou do Alto Ribatejo se encontra expressivamente registado através da presença de dezenas de machados. A especialização e diversificação das actividades, a par da acumulação de bens, em zonas diferenciadas do espaço habitado – um dos indícios da formação de sociedades complexas – encontra-se aliás bem expresso pela abundância registada por Bernardo de Sá de pontas de seta e de machados em áreas adjacentes, mas distintas, a que se poderia também somar a invulgar acumulação de elementos de tear, em outra das áreas escavadas.

As pontas de seta merecem comentário particular: ao serem na sua esmagadora maioria de um tipo particular (mitriforme) denunciam uma tradição própria, produção intensiva e por certo durante um bem delimitado intervalo cronológico. Com efeito, não se conhece outro caso de uma especialização tão evidente, por certo obra de um muito limitado número de artífices, mesmo tendo em conta a falta de muitos dos exemplares recolhidos por Bernardo de Sá.

4 - Enfim, a tipologia das cerâmicas – sem dúvida o melhor marcador crono-cultural do Calcólico da Estremadura – evidencia ligações estreitas com os povoados coevos situados mais a sul. É o caso das cerâmicas do grupo “folha de acácia/crucíferas”, cuja abundância se afigura algo inesperada, dado constituir, a par do Outeiro da Assenta, a ocorrência significativa mais setentrional deste grupo. A referida presença vem mostrar que a ocupação do Outeiro de São Mamede terá correspondido a um curto período de tempo, no Calcólico Pleno. Por outro lado, a presença de cerâmicas calcólicas penteadas e impressas a matriz, por vezes coexistindo ambas as técnicas no mesmo exemplar, indício de que a matriz utilizada era a mesma, exprime outro vector cultural, de influências setentrionais, fortemente implantado na região, como se conclui pela abundância de tais exemplares tanto aqui como em Pragança, povoado pré-histórico do vizinho concelho do Cadaval. Ao observar-se o conjunto das cerâmicas pertencentes a este grupo, sem dúvida coevo das cerâmicas do grupo anterior, reconhecem-se exemplares influenciados pelos clássicos “copos” do Calcólico Inicial da Estremadura, nos quais a decoração canelada foi em parte ou no todo substituída por motivos decorados a pente. O conjunto cerâmico em apreço revela, por outro lado, elementos comuns com a olaria campaniforme, também presente no Outeiro de São Mamede. Deste modo, as produções decoradas a pente (incisas e impressas) preencheram um tempo e um espaço

geográfico específicos, cuja importância importa deixar bem registada.

Entre as produções cerâmicas mais relevantes, uma merece destaque especial: trata-se de pequena taça em calote, com decoração incisa, no lado externo, do que não parece oferecer dúvidas ser um cometa, com todos os elementos que constituem tais corpos celestes: a ser assim, é a primeira representação conhecida do género de que se tem conhecimento, devendo, assim, ser devidamente salientada.

BIBLIOGRAFIA

ABERG, N. (1921) – *La civilisation énéolithique dans la Péninsule Ibérique*. Uppsala: A. - B. Akademiska Bokhandeln.

ALVES, S. D. (1956/1957) – *O Outeiro de S. Mamede*. Dissertação para licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiada), 214 p.

APOLINÁRIO, M. (1896) – Necrópole neolítica do vale de São Martinho. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 2, p. 210-221.

BLAS CORTINA, M. A. de (1989) – *La minería prehistorica del cobre en las montañas astur-leonesas. Minería y metalurgia en las antiguas civilizaciones mediterraneas y europeas (Madrid, 1985)*. Madrid: Instituto de Conservacion y Restauracion de Bienes Culturales, 1, p. 143-155.

BOAVENTURA, R. (2001) – *O sítio calcolítico do Pombal (Monforte). Uma recuperação possível de velhos e novos dados*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 20).

CARDOSO, J. L. (1982) – *O castro de Leceia*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 57 p.

CARDOSO, J. L. (1989) – *Leceia, resultados das escavações realizadas 1983-1988*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.

CARDOSO, J. L. (1990) – A Lapa do Bugio (Sesimbra), *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 50, p. 15-34.

CARDOSO, J. L. (1992) – A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9/10, p. 89-225.

CARDOSO, J. L. (1994) – *Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico*. Estudos Arqueológicos de Oeiras. Oeiras. (Número Especial).

CARDOSO, J. L. (1995 a) – Possíveis pontas de seta calcolíticas de osso do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 233-241.

CARDOSO, J. L. (1995 b) – Cerâmicas decoradas a pente, do Calcolítico Pleno de Leceia (Oeiras) e da Penha Verde (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 243-249.

CARDOSO, J. L. (1995 c) – Símbolos sexuais do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 251-261.

CARDOSO, J. L. (1997) – *O povoado pré-histórico de Leceia sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo*. Lisboa/Oeiras: Museu Nacional de Arqueologia/Câmara Municipal de Oeiras.

- CARDOSO, J. L. (1997/1998) – A ocupação campaniforme do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 89-153.
- CARDOSO, J. L. (1999/2000) – Os artefactos de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 8, p. 241-323.
- CARDOSO, J. L. (2000) – The fortified site of Leceia (Oeiras) in the context of the Chalcolithic in Portuguese Estremadura. *Oxford Journal of Archaeology*. Oxford. 19 (1), p. 37-55.
- CARDOSO, J. L. (2002) – *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Verbo.
- CARDOSO, J. L. (2003) – A gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 11 (neste volume).
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1991) – O espólio arqueológico do Algar de João Ramos ou Gruta das Redondas, Turquel - Alcobaça. *Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1990). Lisboa, p. 277-285.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1996) – Materiais campaniformes e da Idade do Bronze do concelho de Sintra. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 317-340.
- CARDOSO, J. L. & FERNANDES, F. B. (1995) – Estudo arqueometalúrgico de um lingote de cobre de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 5, p. 153-164.
- CARDOSO, J. L. & GUERRA, M. F. (1997/1998) – Análises químicas não destrutivas do espólio metálico do povoado pré-histórico de Leceia, Oeiras e seu significado no quadro da intensificação económica calcolítica da Estremadura portuguesa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 61-87.
- CARDOSO, J. L. & SOARES, A. M. M. (1996) – Chronologie absolue pour le Néolithique et le Chalcolithique de l'Estremadura portugaise - la contribution de Leceia. *Révue d'Archéométrie*. Rennes. Supplément, p. 45-50.
- CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C. & HENRIQUES, F. (1997) – A anta 2 do Couto da Espanhola (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova). *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 5, p. 9-28.
- CARDOSO, J. L.; FERREIRA, O. da Veiga & CARREIRA, J. R. (1996) – O espólio arqueológico das grutas naturais da Senhora da Luz (Rio Maior). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 195-256.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, A. M. Monge & ARAÚJO, M. F. (2002) – O espólio metálico do Outeiro de S. Bernardo (Moura): uma reapreciação à luz de velhos documentos e de outros achados. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 20, p. 77-114.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1983/1984) – O povoado calcolítico de Leceia (Oeiras). 1ª e 2ª campanhas de escavação. *Clio/Arqueologia*. Lisboa. 1, p. 41-68.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1987) – *Oeiras há 5000 anos. Monografia de Leceia*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1996) – A ocupação neolítica de Leceia (Oeiras). Materiais recolhidos em 1987 e 1988. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 47-89.
- CARDOSO, J. L.; LEITÃO, M.; FERREIRA, O. da Veiga; NORTH, C. T.; NORTON, J.; MEDEIROS, J. & SOUSA, P. Fialho de (1996) – O monumento pré-histórico de Tituarria, Moinhos da Casela (Mafra).

- Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 135-193.
- CARREIRA, J. R. (1998) – A ocupação da Pré-História recente do Alto de Chibanes (Palmela), Setúbal. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 3 / 4, p. 123-213.
- CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (2001/2002) – A gruta da Casa da Moura (Cesareda Óbidos) e sua ocupação pós-paleolítica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 249-361.
- CARREIRA, J. R. & LOPES, F. P. (1994) – A ocupação pré-histórica de Casas Velhas (Mafra). *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1993). Lisboa. 2, p. 137-146.
- CARTAILHAC, E. (1886) – *Les âges préhistoriques de l’Espagne et du Portugal*. Paris: Ch. Reinwald.
- CORREIA, A. A. Mendes (1928) – *A Lusitânia pre-romana*. História de Portugal (Direcção de Damião Peres). Barcelos: Portucalense Editora. 1, p. 79-214.
- CORREIA, V. (1921) – *El Neolítico de Pavia*. Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales (Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistoricas, memoria n.º. 27).
- COSTA, A. I. Marques da (1903) – Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 8, p. 47-52, 137-148, 266-274.
- COSTA, A. I. Marques da (1906) – Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 11, p. 41-50.
- COSTA, A. I. Marques da (1907) – Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 12, p. 206-217; 320-338.
- COSTA, A. I. Marques da (1908) – Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 13, p. 270-283.
- CRIADO, BOADO, F. & VÁZQUEZ VARELA, J. M. (1982) – *La cerámica campaniforme en Galicia*. Cuadernos do Seminario de Sargadelos, 42.
- DELIBES de CASTRO, G. (1977) – *La cultura del vaso campaniforme en la Meseta Norte española*. Valladolid. (Studia Archaeologica, 46).
- DINIZ, M. (1994) – Pesos de tear e tecelagem no Calcolítico em Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 34 (3/4), p. 133-149.
- DINIZ, M. (1999) – Povoado neolítico da Foz do Enxoé (Serpa): primeiros resultados. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2 (1), p. 95-126.
- EDO, M.; VILLALBA, J. & BLASCO, A. (1995) – La calaita en la Península Ibérica. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 35 (2), p.127-167.
- FERNÁNDEZ JURADO, J. (1989) – Aspectos de la minería y la metalurgia en la Protohistoria de Huelva. *Huelva Arqueologica*. Huelva. 10/11 (3), p. 179-214.
- FERREIRA, O. da Veiga (1957) – Tipos de punhal lítico da colecção dos Serviços Geológicos de Portugal. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 67 (1/2), p. 185-191.
- FERREIRA, O. da Veiga (1970) – La metallurgie primitive au Portugal pendant l’époque chalcolithique. *VI Congreso Internacional de Minería* (Leon, 1970). Actas, 1, p. 99-116.
- FERREIRA, O. da Veiga & SILVA, C. Tavares da (1970) – A estratigrafia do povoado pré-histórico da Rotura

- (Setúbal). Nota preliminar. *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1969). Lisboa. 1, p. 203-225.
- FORMOSINHO, J.; FERREIRA, O. da Veiga & VIANA, A. (1953/1954) – Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 14 (1/4), p. 66-225.
- FORTES, J. (1905/1908) – A sepultura da Quinta da Agua Branca (Idade do Cobre). *Portugalia*. Porto. 2, p. 241-252.
- GALLAY, G.; SPINDLER, K.; TRINDADE, L. & FERREIRA, O. da V. (1973) – *O monumento pré-histórico do Paimogo (Lourinhã)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- GOMES, J. P. (1896/1898) – Mineraes descobertos em Portugal. *Comunicações da Direcção dos Trabalhos Geológicos de Portugal*. Lisboa. 3 (2), p. 199-209.
- GONÇALVES, J. L. M. (1991) – Cerâmica calcolítica da Estremadura. *Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1990). Lisboa, p. 215-226.
- GONÇALVES, V. S. (1971) – *O castro da Rotura e o vaso campaniforme*. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal.
- GONÇALVES, V. S. (2002) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular: 4. A “síndrome das placas loucas”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6 (1), p. 131-157.
- GONÇALVES, V. S. (2003) – *STAM-3, a anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 25)
- GONÇALVES, V. S.; CARVALHO, A. & POMBAL, S. (2003) – A ocupação pré-histórica da Quinta das Longas (S. Vicente e Ventosa, Elvas). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6 (2), p. 109-142.
- GÓNGORA Y MARTINEZ, M. de (1868) – *Antigüedades prehistóricas de Andalucía*. Madrid: C. Moro.
- HARRISON, R. J. (1977) – *The Bell Beaker Cultures of Spain and Portugal*, American School of Prehistoric Research. Peabody Museum. Harvard University. Bulletin 35. Cambridge-Massachusetts.
- HARRISON, R. J.; BÜBNER, T. & HIBBS, V. A. (1976) – The beaker pottery from El Acebuchal, Carmona (Prov. Sevilla). *Madridrer Mitteilungen*. Heidelberg. 17, p. 79-141.
- HELENO, M. (1935) – Jóias pré-romanas. *Ethnos*. Lisboa. 1, p. 229-257.
- JALHAY, E. (1947) - A alabarda de sílex do Casal da Barba Pouca (Mação) e a expansão das lanças e alabardas líticas em Portugal. *Brotéria*. Lisboa. 44 (1), p. 36-56.
- JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1941) – A Gruta II da necrópole de Alapraia. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 4, p. 107-140.
- JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1945) – El Castro de Vilanova de San Pedro. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*. Madrid. 20, p. 55-141.
- JORGE, S. Oliveira (1986) – *Povoados da pré-história recente da região de Chaves-Vila Pouca de Aguiar* (2 vols.). Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto.
- JORGE, S. Oliveira (2002) – Castelo Velho de Freixo de Numão: um recinto monumental pré-histórico do Norte de Portugal. *Património - Estudos*. Lisboa. 3, p. 145-164.
- JUNGHANS, S.; SANGMEISTER, E. & SCHRÖDER, M. (1960) – *Metallanalysen Kupferzeitlicher und frühbronzezeitlicher Bodenfunden aus Europa*, S. A. M.

- KALB, P. & HÖCK, M. (1980) – Cabeço da Bruxa, Alpiarça (Distrikt Santarém) vorbericht über die Grabung im Januar und Februar 1979. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg. 21, p. 91-104.
- KUNST, M. (1996) – As cerâmicas decoradas do Zambujal e o faseamento do Calcolítico da Estremadura portuguesa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 257-287.
- LEISNER, V. (1961) – Innenverzierte schalen der Kupferzeit auf der Iberischen Halbinsel, *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg. 2, p. 79- 131.
- LEISNER, V. (1965) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*. Berlin: Walter de Gruyter (Madrider Forschungen, Band 1/3 - Tafeln).
- LEISNER, V. & SCHUBART, H. (1966) – Die kupferzeitliche befestigung von Pedra do Ouro/Portugal. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg. 7, p. 9-47.
- LEISNER, V.; PAÇO, A. do & RIBEIRO, L. (1964) – *Grutas artificiais de S. Pedro do Estoril*. Lisboa.
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1961) – *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la culture du vase campaniforme*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Memória nº. 8 - Nova Série).
- LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; NORTON, J.; FERREIRA, O. da V. & ZBYSZEWSKI, G. (1984) – The prehistoric burial cave at Verdelha dos Ruivos (Vialonga), Portugal, in J. Guilaine (dir.), *L'age du Cuivre européen*. Paris: CNRS, p. 221-239.
- MEIRELES, C.; FERREIRA, N. & REIS, M. L. (1987) – Variscite occurrence in Silurian formations from northern Portugal. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 75 (1/2), p. 21-27.
- N/A (1993) – *Corso di tessitura (Neolitico - Età del Rame)*. Trento: Ufficio Beni Archeologici.
- NOCETE, F. (2001) – *Tercer milenio antes de nuestra era. Relaciones y contradiciones centro/periferia en el valle del Guadalquivir*. Barcelona.
- PAÇO, A. do (1940) – Placas de barro de Vila Nova de S. Pedro. *Congresso do Mundo Português: Memórias e comunicações apresentadas ao Congresso de Pré e Proto-História* (I Congresso, Lisboa, 1940). Lisboa. 1, p. 235-251.
- PAÇO, A. do (1941) – As grutas do Poço Velho ou de Cascais. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 22, p. 45-84.
- PAÇO, A. do (1954) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. VI - campanhas arqueológicas de 1943 a 1950 (nº. 7 a nº. 14). *Arqueologia e História*. Série VIII, 3, p. 31-80.
- PAÇO, A. do (1955) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. VII. Considerações sobre o problema da metalurgia. *Zephyrus*. Salamanca. 6, p. 27-40.
- PAÇO, A. do (1956) – Castelo da Pedra de Ouro. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. Série II, 16, p. 117-152.
- PAÇO, A. do (1959) – Castro de Vila Nova de San Pedro. XI - Nota sobre un tipo de cerámica del estrato Vila Nova I. *Ampurias*. Barcelona. 21, p. 252-260.
- PAÇO, A. do (1960) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. XII - Alguns objectos de osso e marfim. *Zephyrus*. Salamanca. 11, p. 105-117.

- PAÇO, A. do (1966) – Castelo da pedra de Ouro. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. Série II, 16, p. 117-152.
- PAÇO, A. do & ARTHUR, M. L. C. (1953) – Castelo de Vila Nova de San Pedro. IV - Sementes pré-históricas de linho. *Archivo de Prehistoria Levantina*. Valencia. 4, p. 151-157.
- PAÇO, A. do & BÁRTHOLO, M. L. (1961) – Nota acerca de uma escudela do povoado do Bronze I de Montes Claros (Monsanto - Lisboa). *Zephyrus*. Salamanca. 12, p. 230-233.
- PEREIRA, F. Alves (1914) – Estação arqueológica do Outeiro da Assenta (Óbidos). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 19, p. 135-146.
- PEREIRA, F. A. (1915) – Estação arqueológica do Outeiro da Assenta (Óbidos). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 20, p. 107-155.
- PEREZ ARRONDO, C. & CALLE CAMARA, C. L. (1986) – *Aportaciones al estudio de las culturas eneolíticas en el valle del Ebro. II*: Los orígenes de la Metalurgia. Logroño.
- RIBEIRO, M. (1973) – *O Arqueólogo Português. Índices dos volumes I-XXX (1895-1938)*, 1. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.
- ROTHENBERG, B.; GARCÍA PALOMERO, F.; BACHMANN, H.-G. & GOETHE, J. W. (1989) – *The Rio Tinto enigma. Minería y metalurgia en las antiguas civilizaciones mediterráneas y europeas (Madrid, 1985)*. Madrid: Instituto de Conservación y Restauración de Bienes Culturales, 1, p. 57-70.
- RUHLMAN, A. (1951) – *La grotte préhistorique de Dar es-Soltan*. Paris: Institut des Hautes Études Marocaines. (Collection Hespéris, 11).
- SANCHES, M. J. (1997) – *Pré-História recente de Trás-os-Montes e Alto Douro* (2 vols.). Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.
- SANGMEISTER, E. (1995) – *Zambujal. Kupferfunde aus den grabungen 1964 bis 1973*. Madrider Beiträge. Band 5, p. 4-153.
- SANTOS, M. Farinha dos & FERREIRA, O. da Veiga (1969) – O monumento eneolítico de Santiago do Escoural. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 3, p. 37-62.
- SAVORY, H. (1970) – A section through the innermost rampart at the chalcolithic castro of Vila Nova de S. Pedro. *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1969). Lisboa, 1, p. 135-162.
- SCHUBART, H. & SANGMEISTER, E. (1987) – *Zambujal*. Torres Vedras - Portugal. Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras.
- SCHÜLE, W. & PELLICER, M. (1966) – *El Cerro de la Virgen - Orce (Granada) I*. Madrid: Servicio Nacional de Excavaciones Arqueológicas (Excavaciones Arqueológicas en España, 46).
- SERRÃO, E. da Cunha & VICENTE, E. Prescott (1958) – O castro eneolítico de Olelas. Primeiras escavações. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 39, p. 87-125.
- SERRÃO, E. da Cunha & VICENTE, E. Prescott (1980) – *Lâminas de sílex ovóides e sub-retangulares. Interpretação funcional*. Porto: Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, n.º 4.
- SILVA, C. Tavares da (1971) – O povoado pré-histórico da Rotura. Notas sobre a cerâmica. *Actas do II*

- Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970). Coimbra: Junta Nacional da Educação, 1, p. 175-192.
- SOARES, A. M. M. & CARDOSO, J. L. (1995) – Cronologia absoluta para as ocupações do Neolítico Final e do Calcolítico Inicial do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 263-276.
- SOARES, J. & SILVA, C. T. (1974/1977) – O Grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 7/9, p. 101-112.
- SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1975) – A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal, 1, p. 53-173.
- SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1987) – O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. I - Escavações Arqueológicas. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8, p. 29-79.
- SOARES, J. (2001) – O povoado pré-histórico da Ponta da Passadeira: economia ribeirinha dos IV/III milénios a.C. *Arqueologia e História regional da Península de Setúbal* (Seixal, 1999). Lisboa: Universidade Aberta, p. 101-127.
- SOARES, J. (2003) – *Os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do simbólico*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia da Assembleia Distrital de Setúbal.
- SOARES, J.; BARBIERI, N. & SILVA, C. Tavares da (1972) – Povoado calcolítico do Moinho da Fonte do Sol (Quinta do Anjo - Palmela). *Arqueologia e História*. Lisboa. Série IX, 4, p. 235-268.
- SPINDLER, K. & GALLAY, G. (1972) – Die Tholos von Pai Mogo/Portugal. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg. 13, p. 38-108.
- SPINDLER, K. & GALLAY, G. (1973) – *Kupferzeitliche Siedlung und Begräbnisstätten von Matacães in Portugal*. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern (Madrider Beiträge, 1).
- SPINDLER, K. & TRINDADE, L. (1970) – A povoação eneolítica do Penedo - Torres Vedras. *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1969). Lisboa. 1, p. 59-157.
- THADEU, D. (1965) - *Carta mineira de Portugal na escala de 1/500 000*. Notícia explicativa. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1895) – Aquisições do Museu Etnográfico Português. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 1, p. 218-222.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1915) – *História do Museu Etnológico Português*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1922) – Encabamento de instrumentos de pedra prehistoricos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 22, p. 288-298.
- VEIGA, S. P. M. Estácio da (1889, 1891) – *Antiguidades Monumentais do Algarve. Tempos Pré-Históricos* (vols. 3 e 4). Lisboa: Imprensa Nacional.
- ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da V. (1958) – Estação pré-histórica da Penha Verde (Sintra), *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 39, p. 37-57.
- ZILHÃO, J. (1992) – *Gruta do Caldeirão. O Neolítico Antigo*. Lisboa: IPPAR (Trabalhos de Arqueologia, 6).

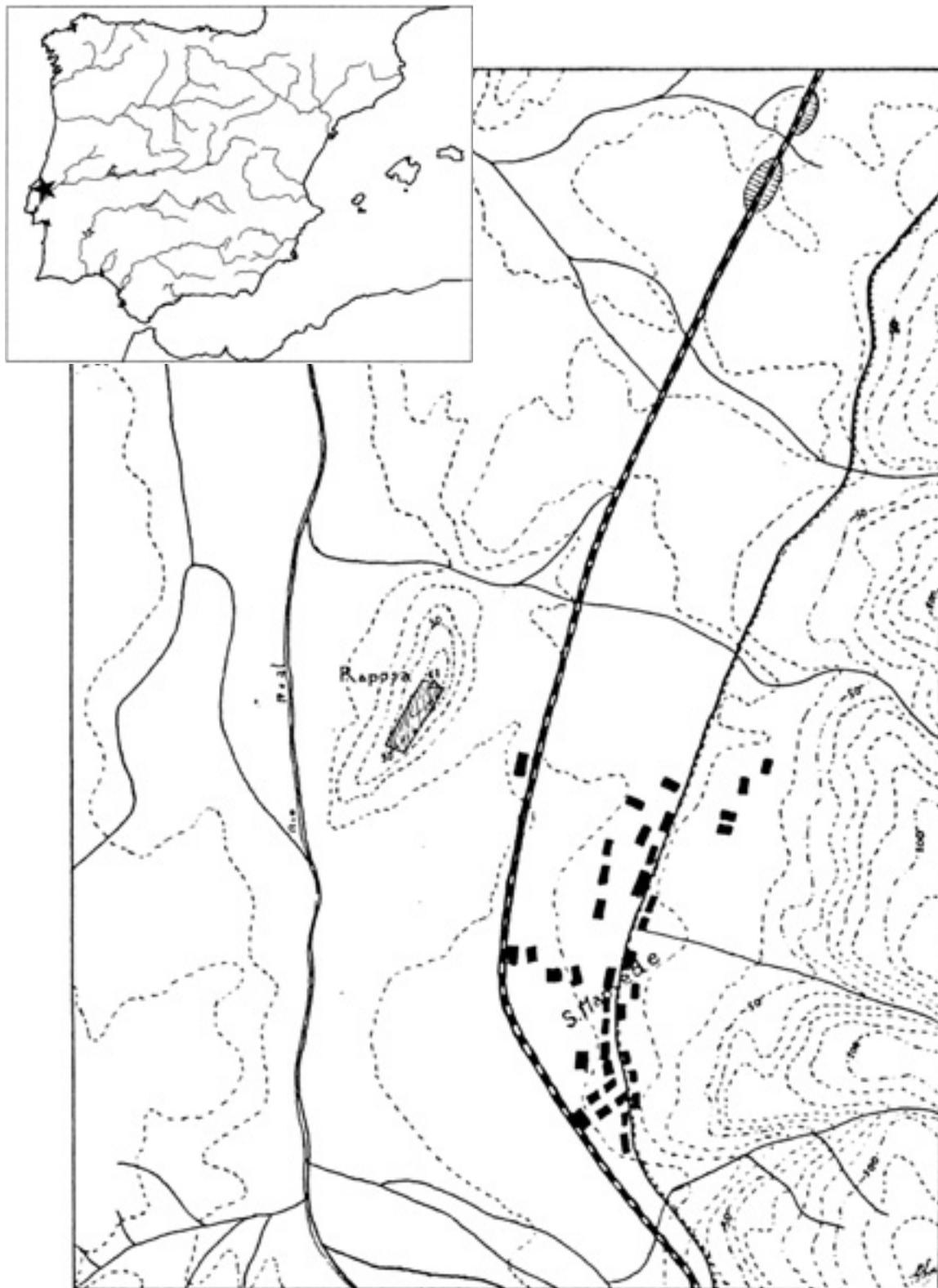


Fig. 1 - Localização do Outeiro de São Mamede, com a delimitação a tracejado, da zona de colheita do espólio arqueológico (segundo S. D. ALVES, 1956/1957), à escala de 1/25 000 e na Península Ibérica.

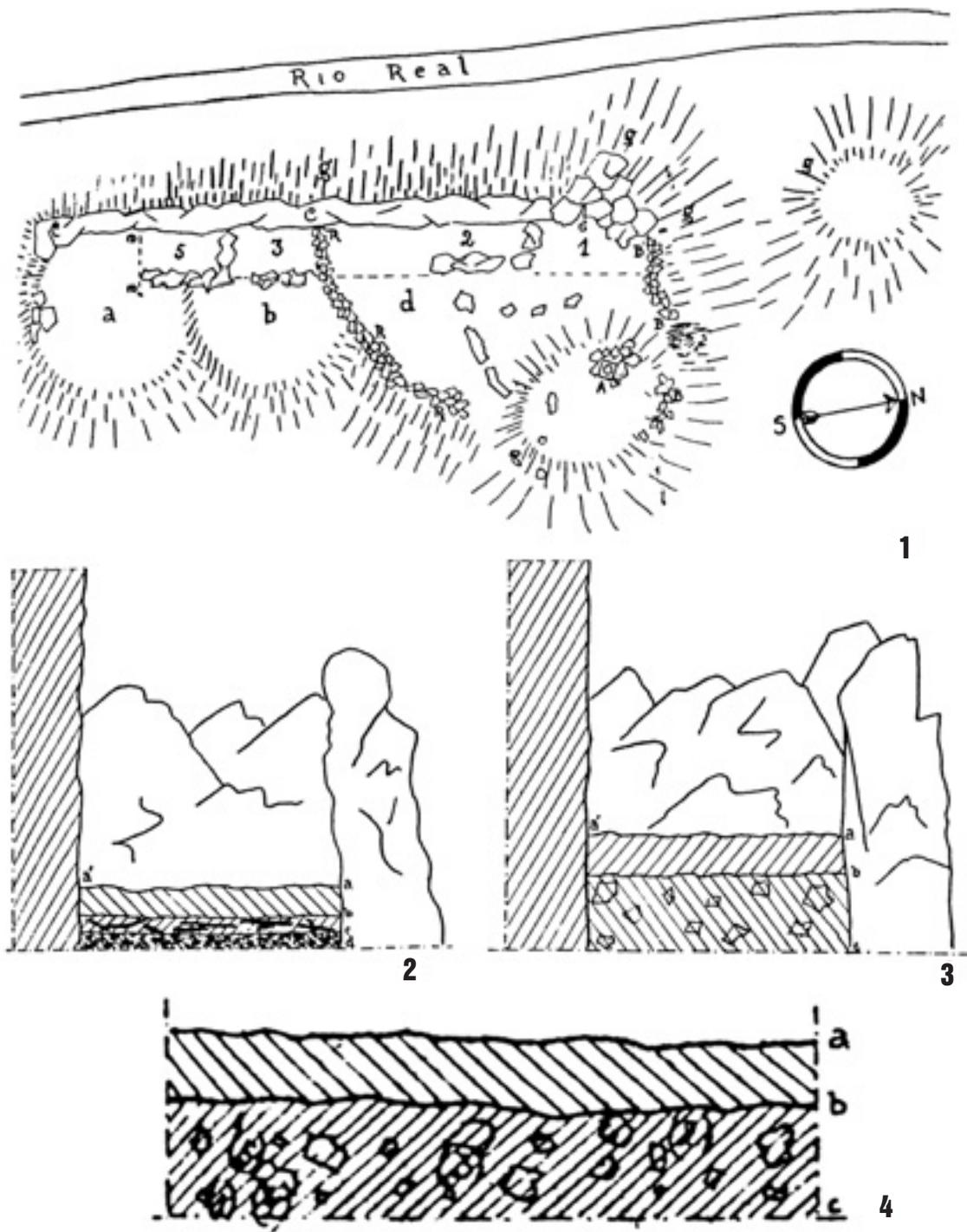


Fig. 2 - n.º 1, planta esquemática e respectivos cortes, segundo as “Notas de Exploração de Bernardo de Sá da zona por si explorada no Outeiro de São Mamede. A : marco geodésico ; BBB e RRR : muros pré-históricos (?) ; CCC : contraforte de penedos ; 2 : ver Fig. 2, n.º 3 ; 3 : “mina dos raios” ; 5 : “cabana” ; n.º 2, corte estratigráfico do interior da “cabana” : a’a (3,50 m), largura do recinto ; ab (0,50 m), terra arável ; bc (1,00 m), entulho arqueológico ; n.º 3, corte estratigráfico executado no sector 2 da planta reproduzida acima : aa’ (3,50 m), largura do recinto ; ab (0,50 m), terra arável ; bc (1,00 m), entulho arqueológico ; n.º 4, corte estratigráfico executado a 30 de Junho de 1906 em sector indeterminado da estação : ab (0,43 m), solo arável ; bc (0,65 m), camada arqueológica ; 1 martelo ; 2 diadema de ouro ; 3 - caco ornamentado ; 4 - ponta de seta ; 5 - fragmento de machado de pedra (segundo apontamento de J. Leite de Vasconcelos, publicado por S. D. ALVES, 1956/1957).

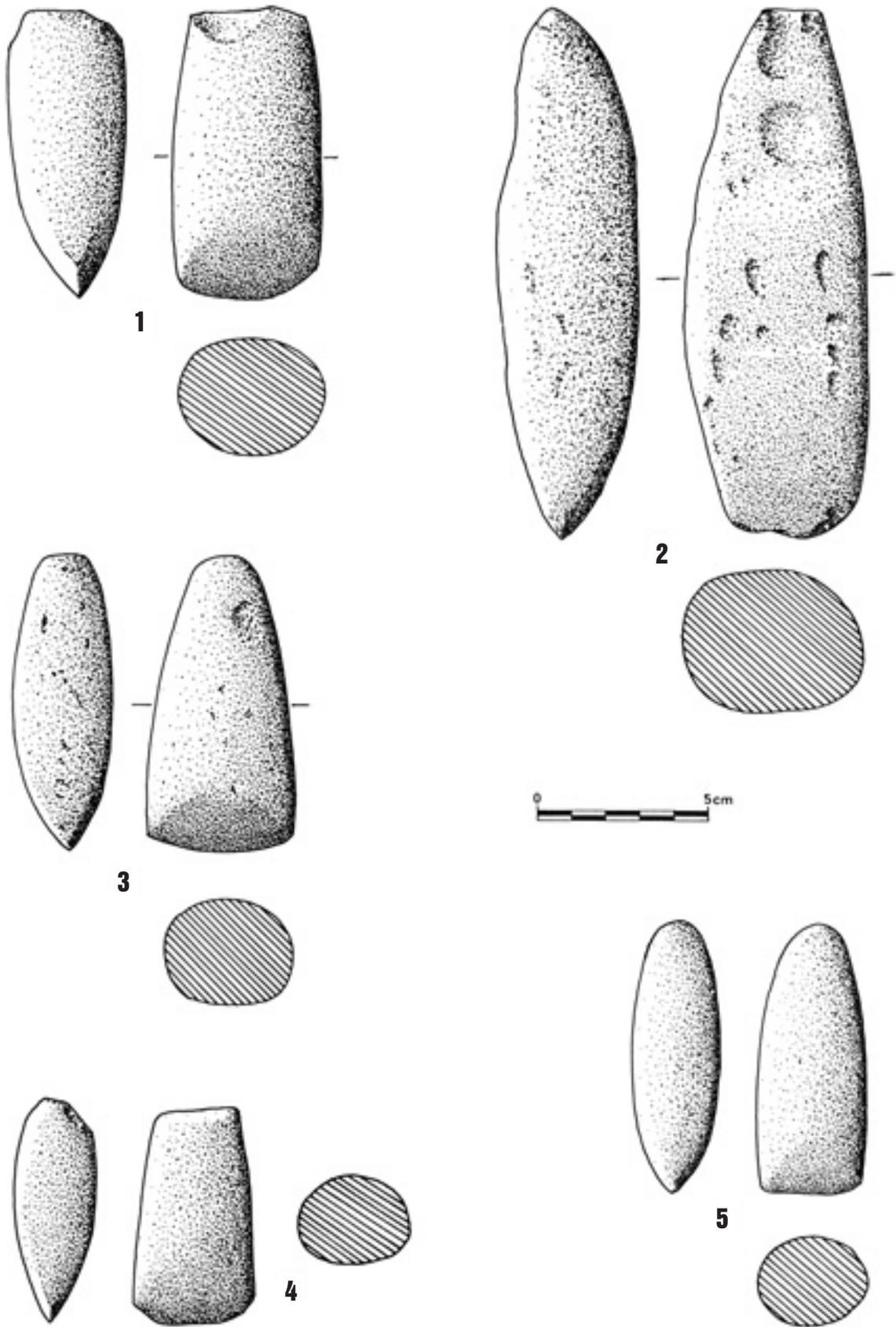


Fig. 3 - Outeiro de São Mamede: indústria de pedra polida.

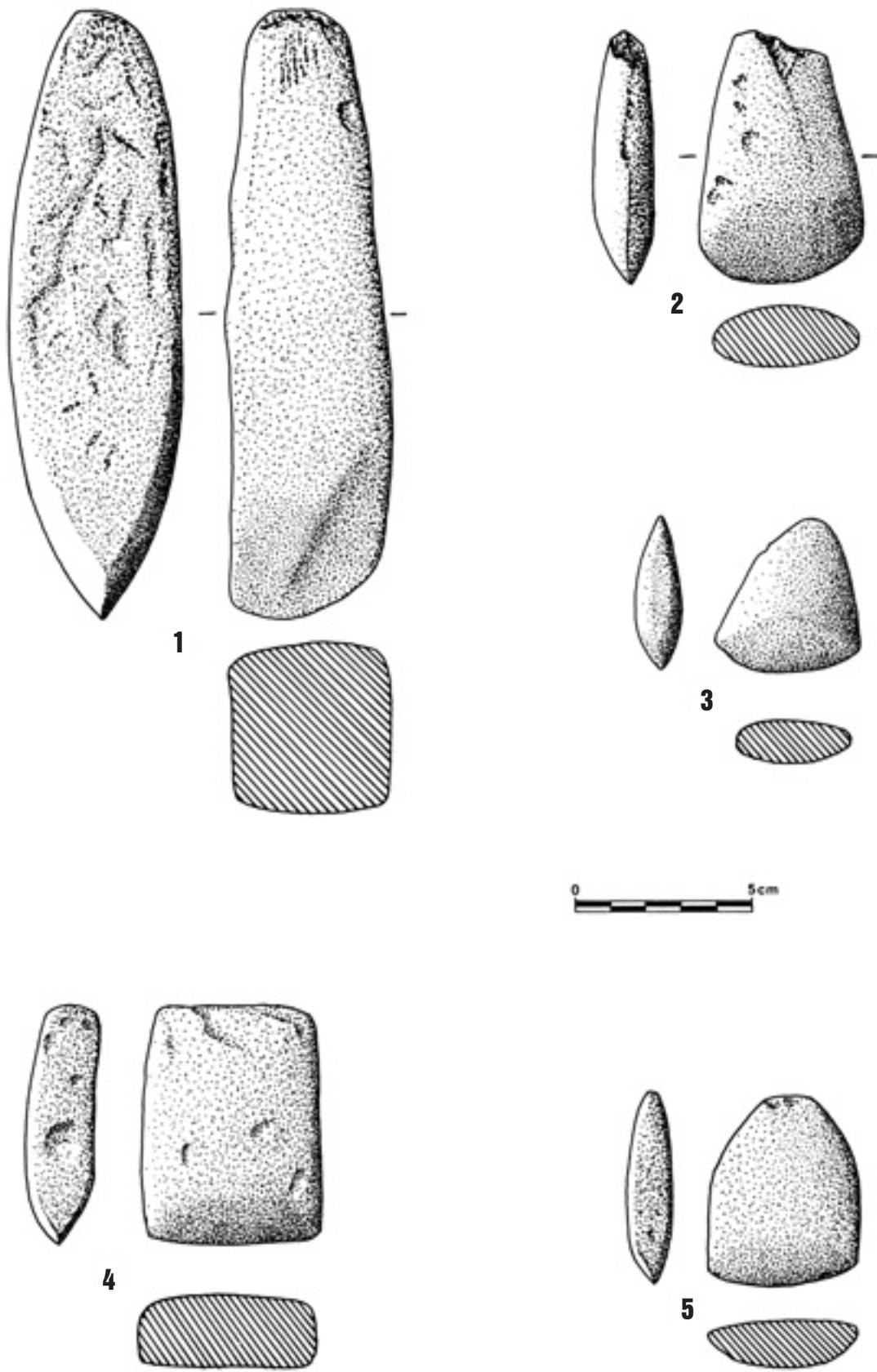


Fig. 4 - Outeiro de São Mamede: indústria de pedra polida.

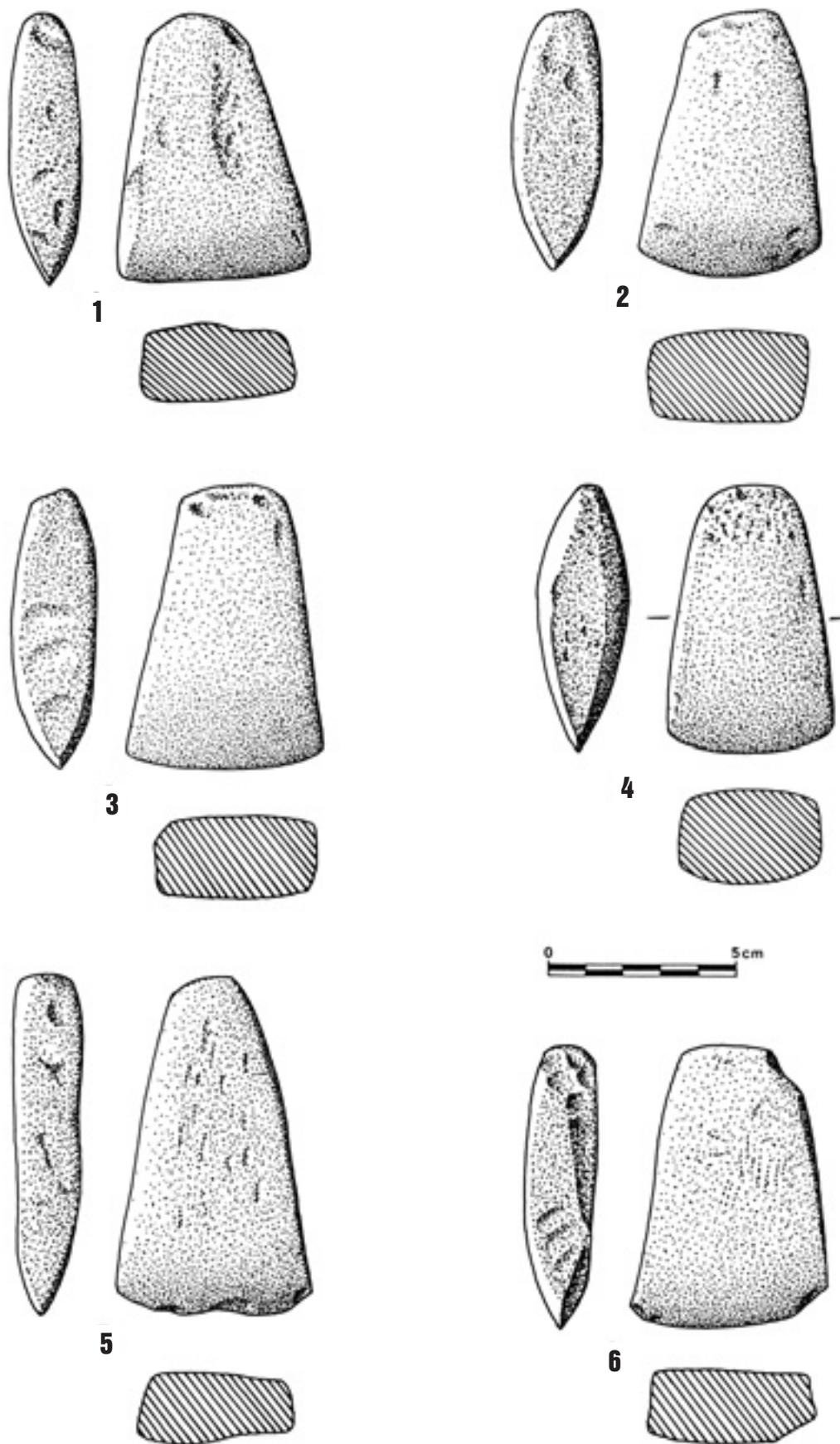


Fig. 5 - Outeiro de São Mamede: indústria de pedra polida.

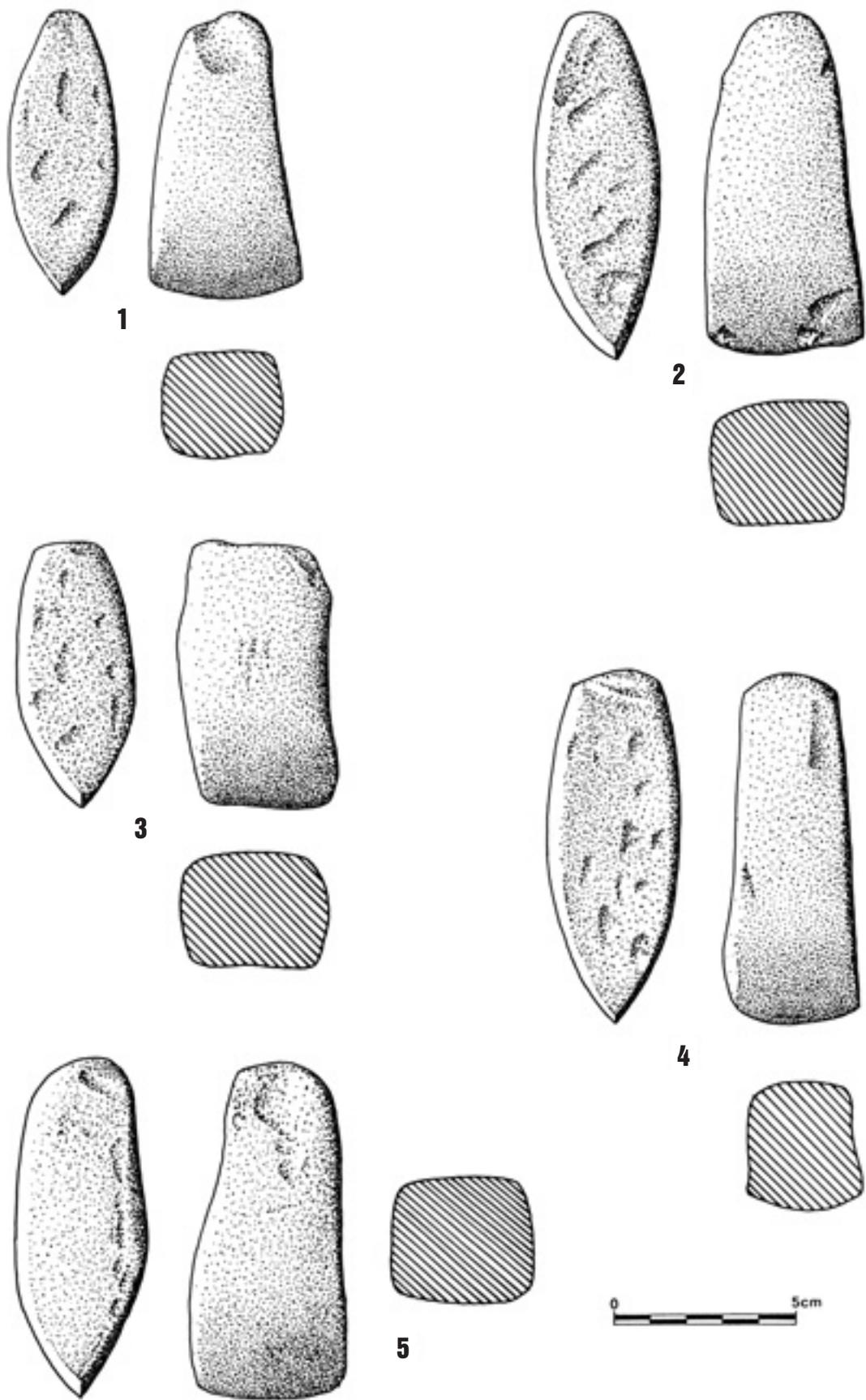


Fig. 6 - Outeiro de São Mamede: indústria de pedra polida.

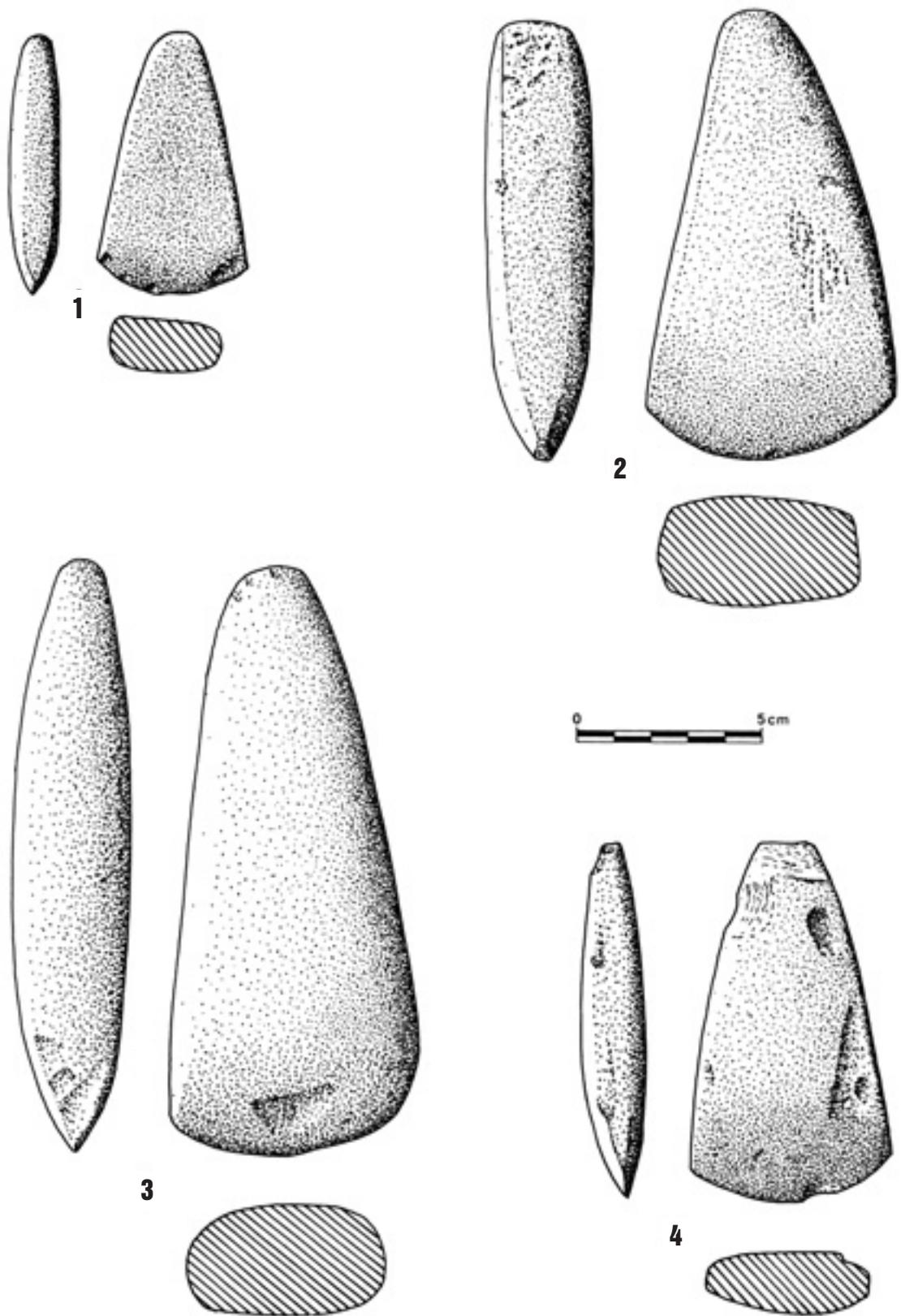


Fig. 7 - Outeiro de São Mamede: indústria de pedra polida.

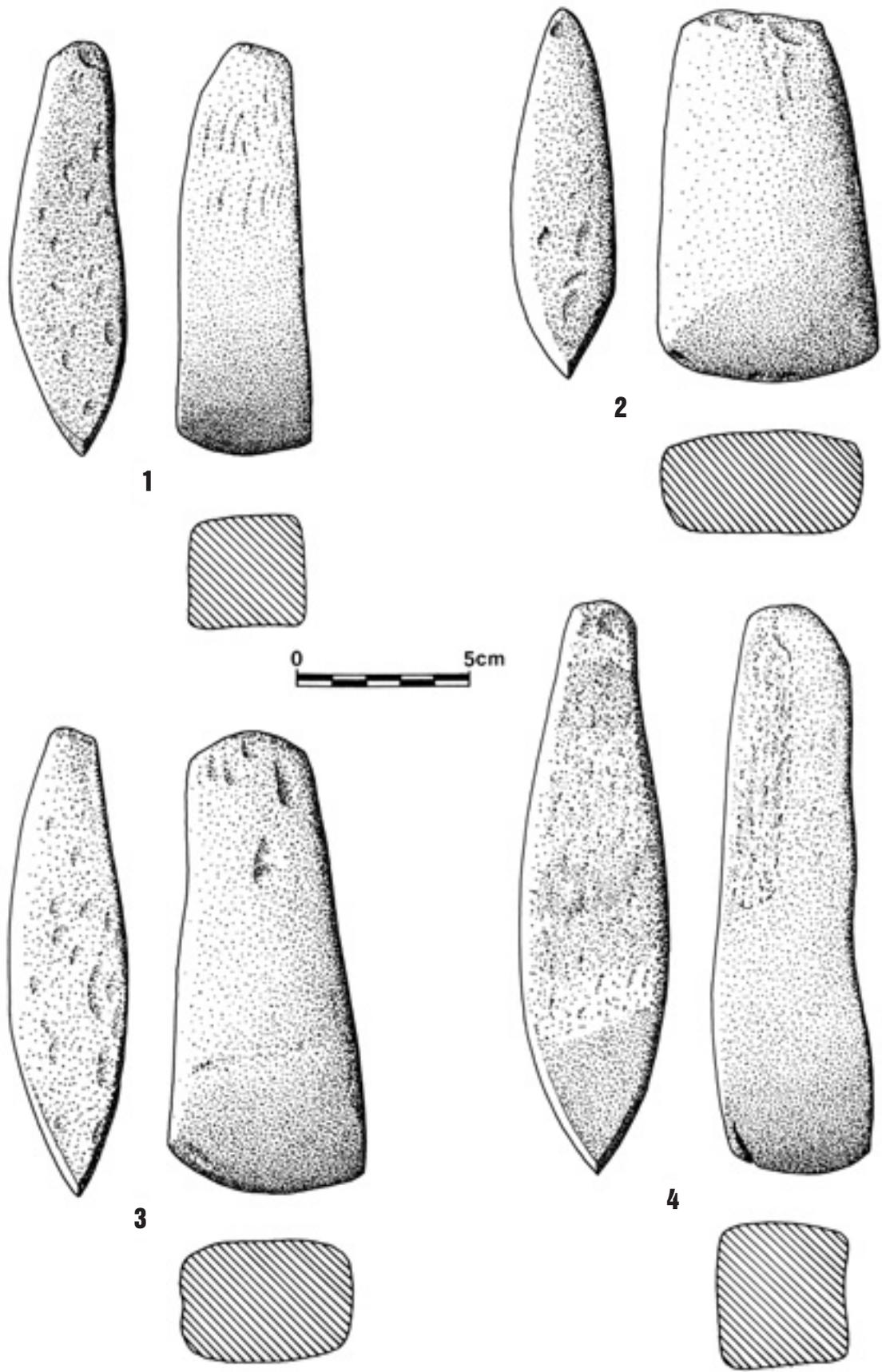


Fig. 8 - Outeiro de São Mamede: indústria de pedra polida.

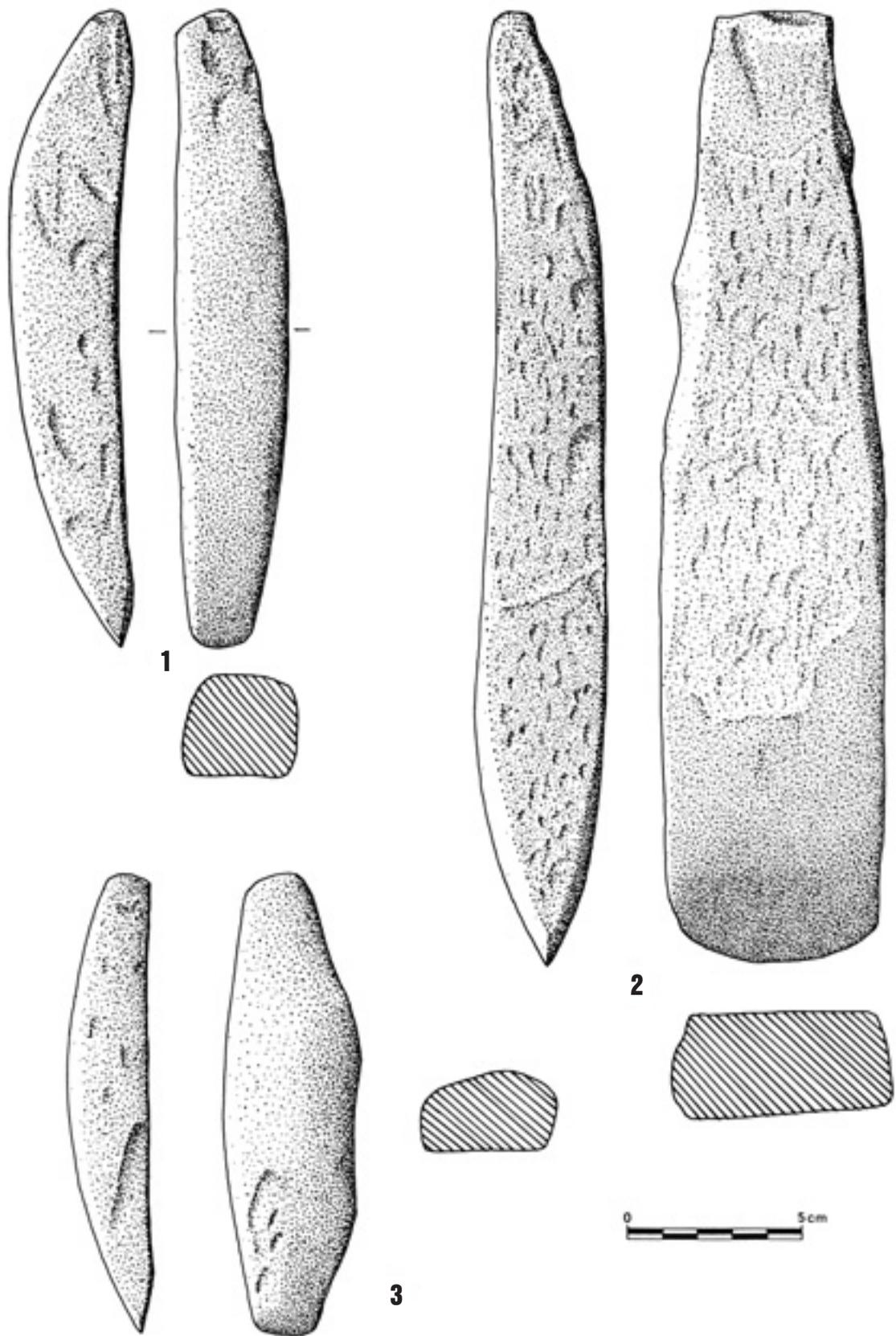


Fig. 9 - Outeiro de São Mamede: indústria de pedra polida.

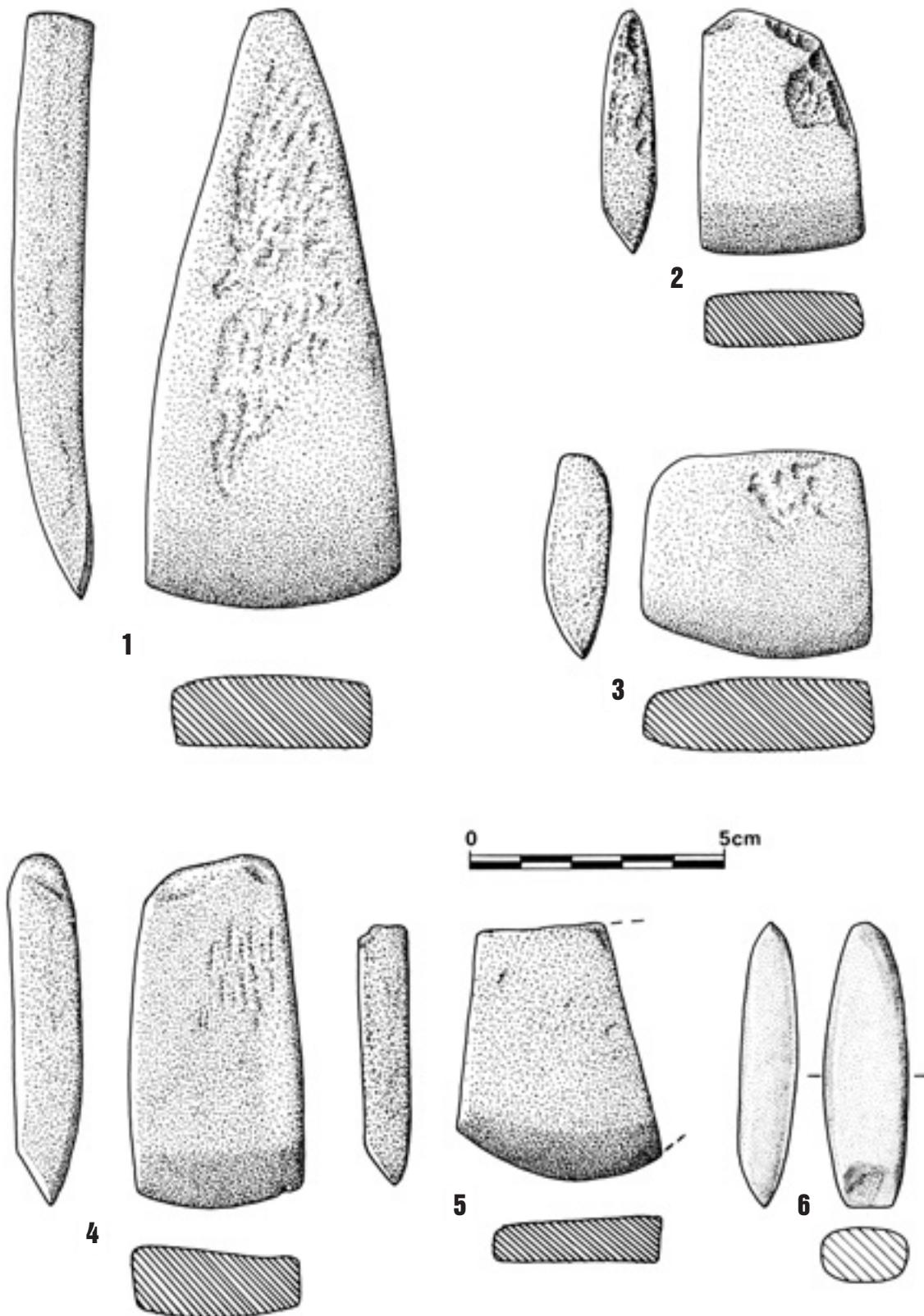


Fig. 10 – Outeiro de São Mamede: indústria de pedra polida.

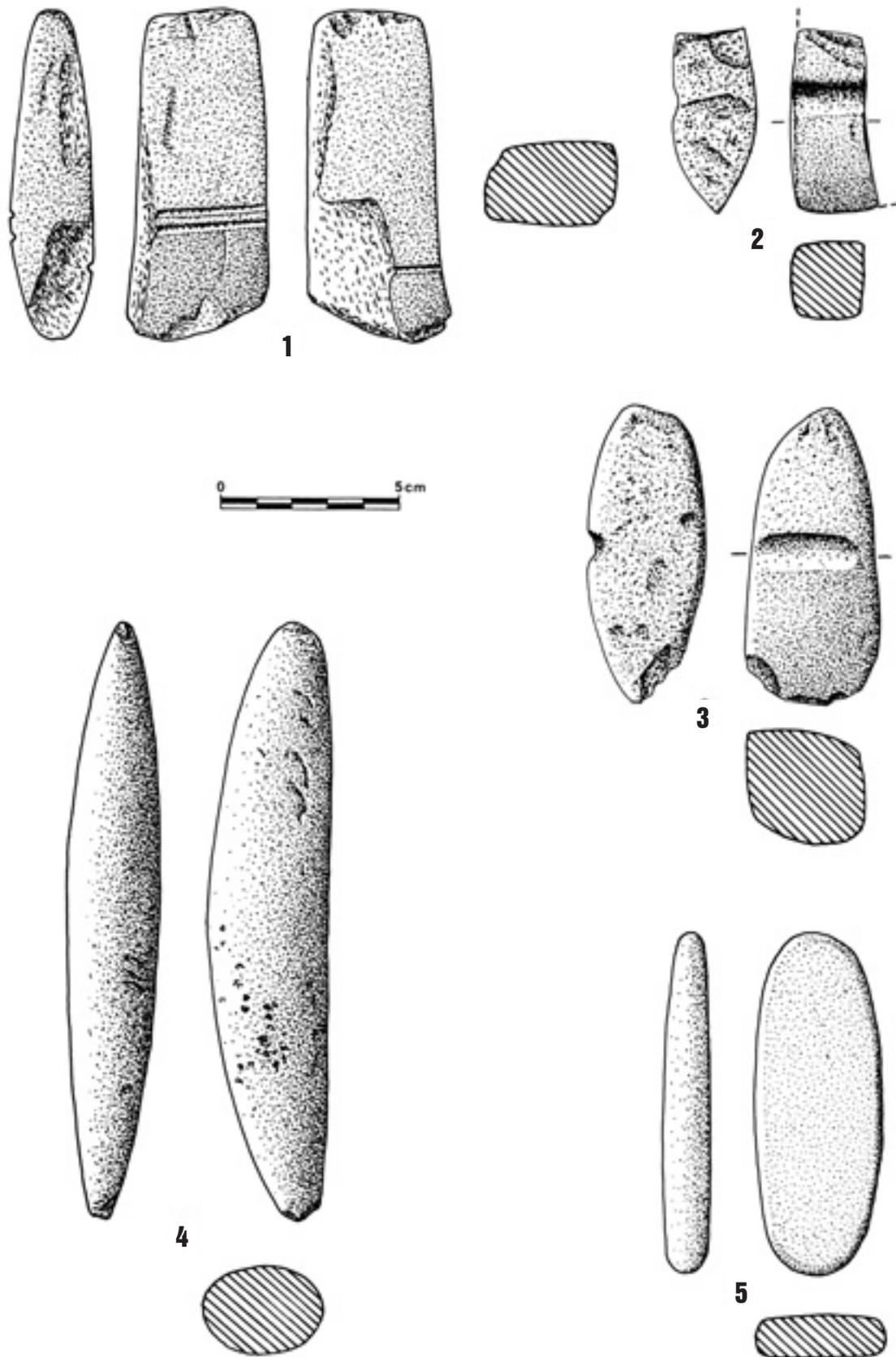


Fig. 11 – Outeiro de São Mamede: indústria de pedra polida.

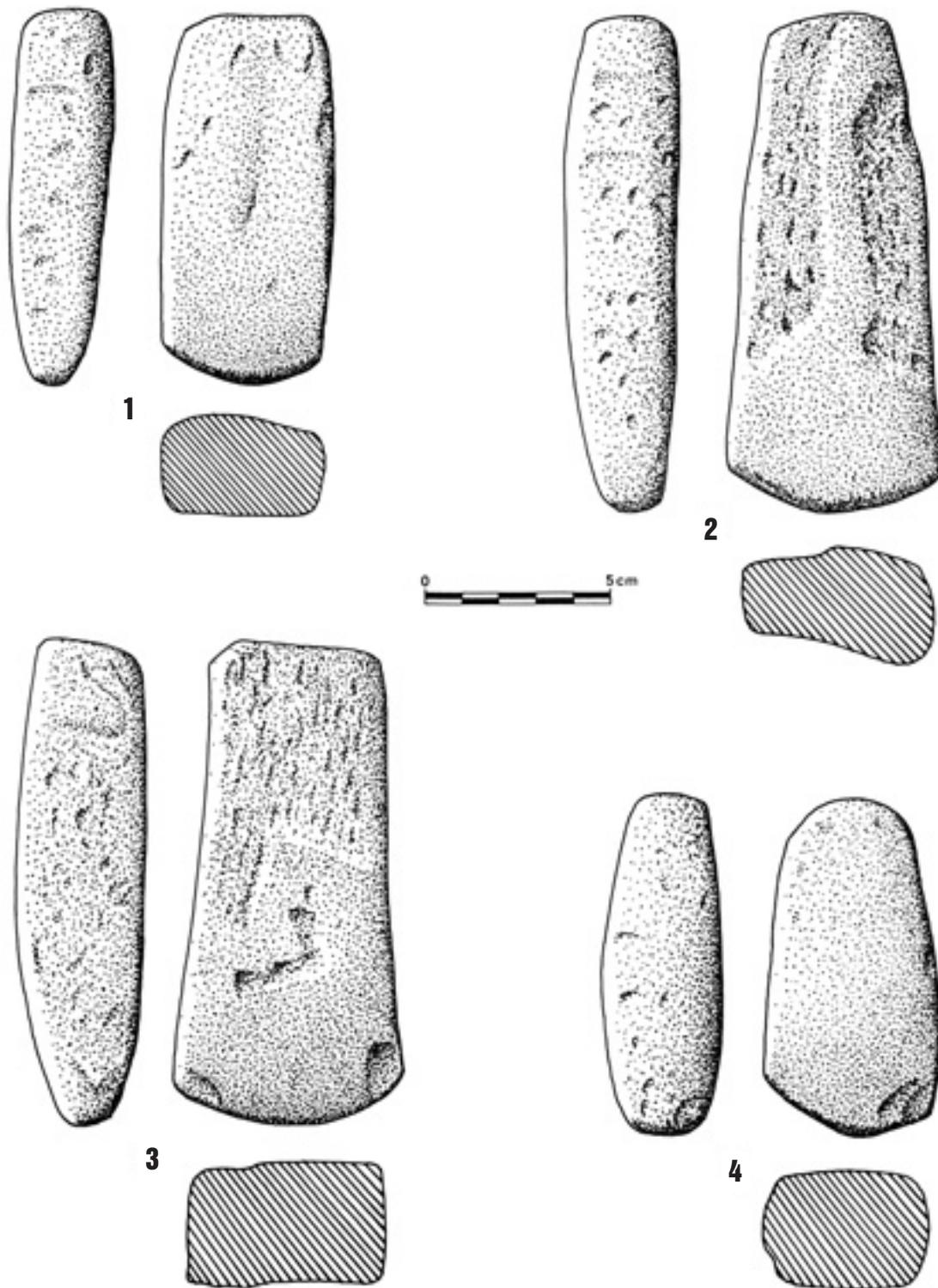


Fig. 12 – Outeiro de São Mamede: indústria de pedra polida.

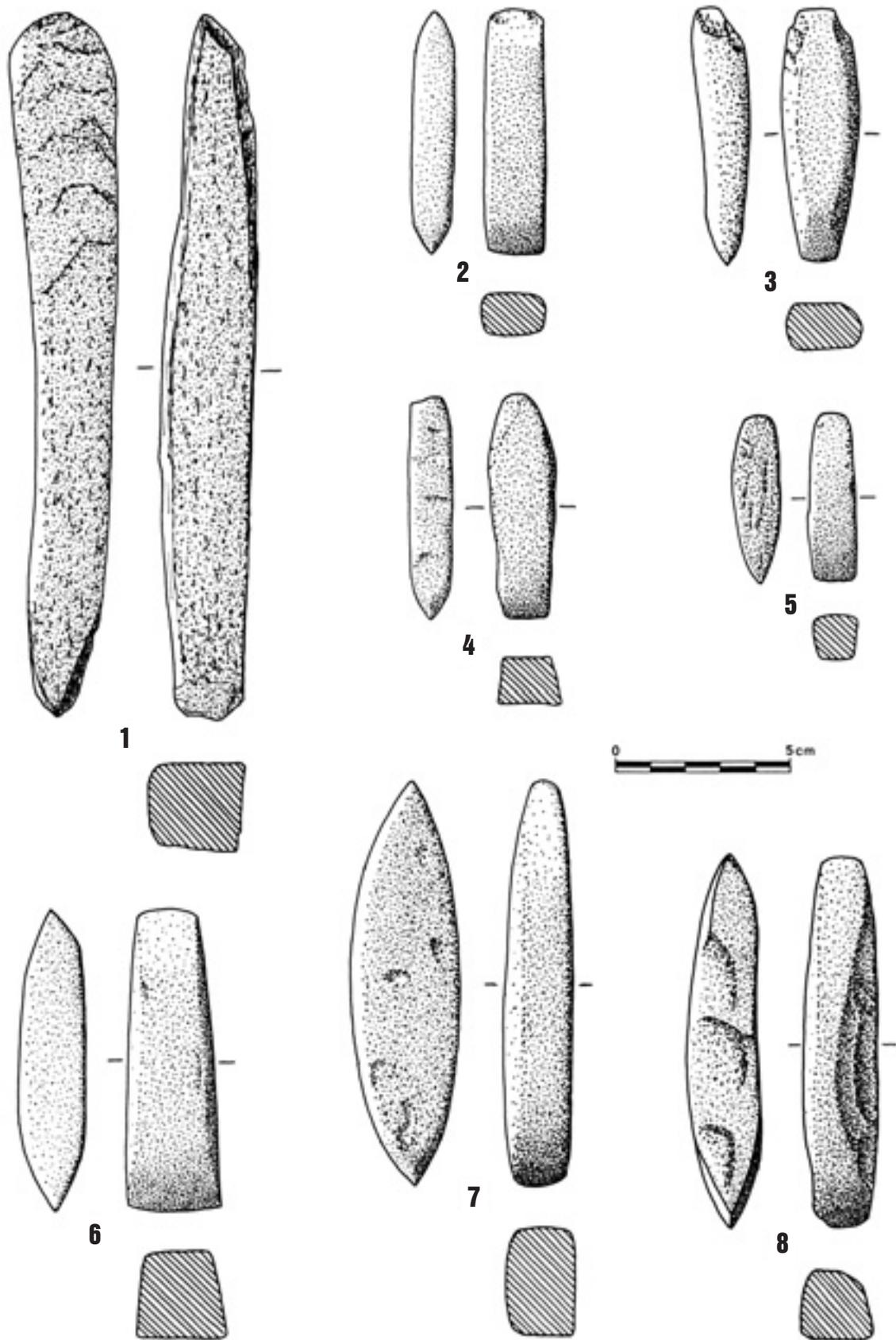


Fig. 13 - Outeiro de São Mamede: indústria de pedra polida.

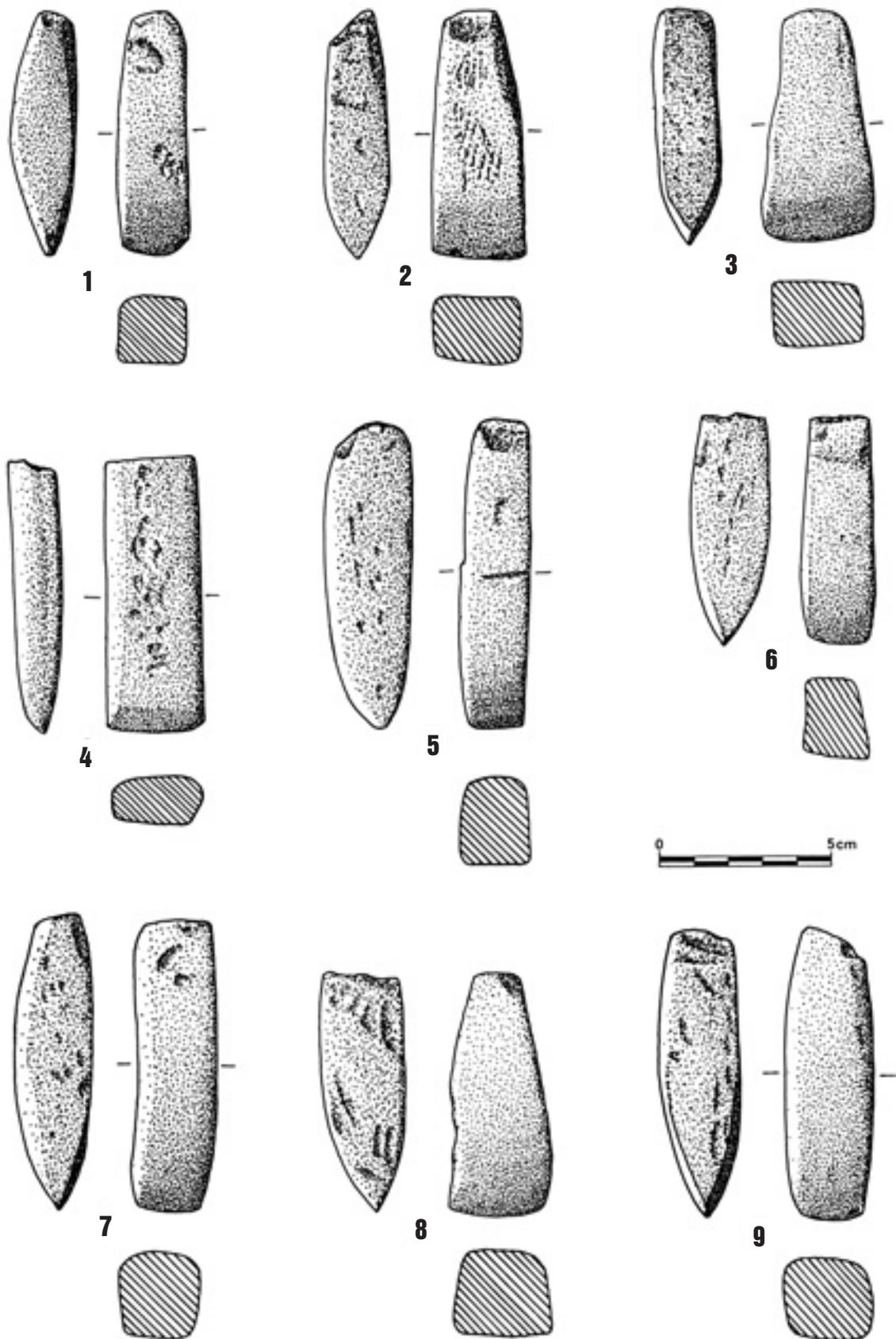


Fig. 14 – Outeiro de São Mamede: indústria de pedra polida.

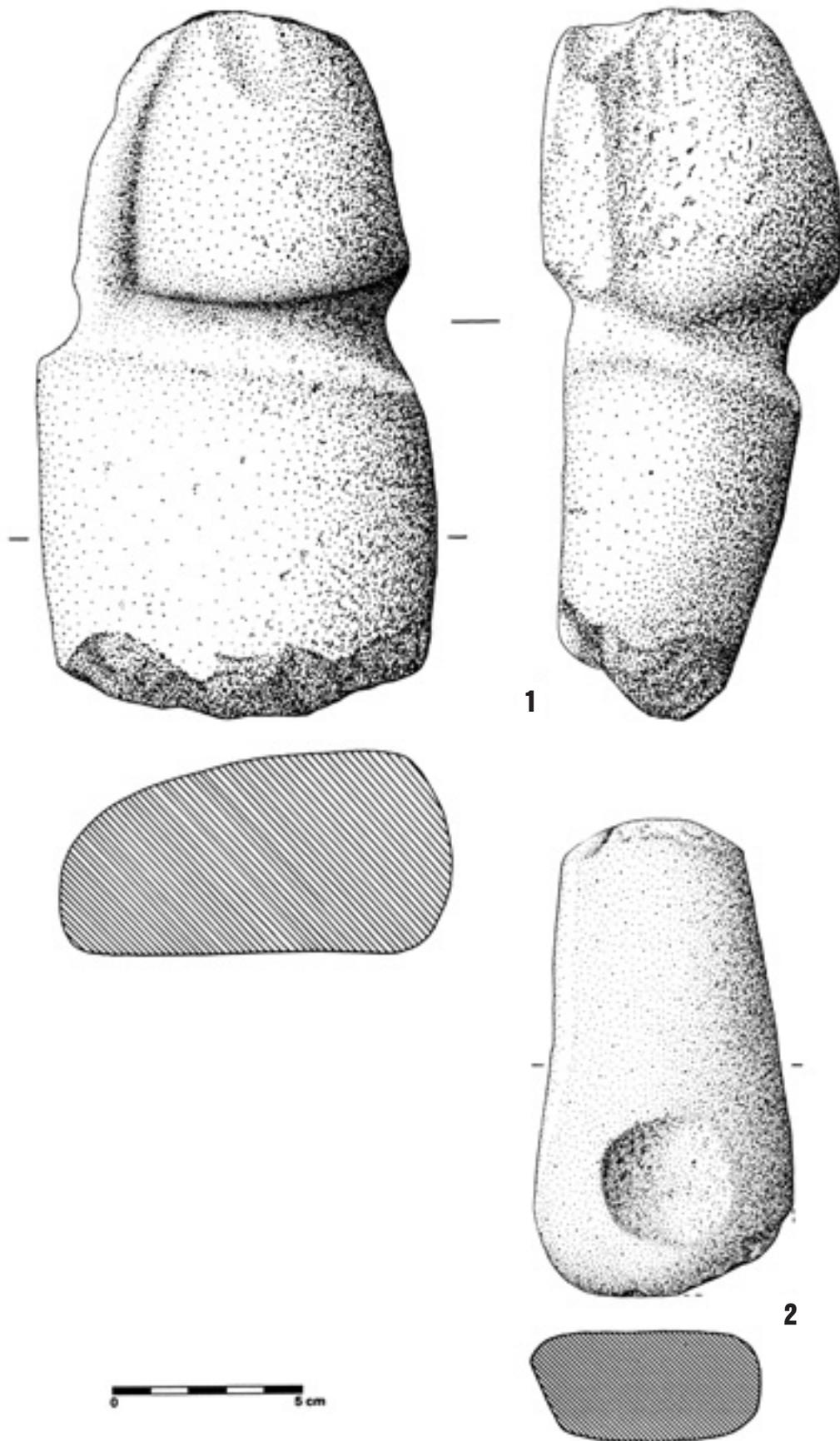


Fig. 15 – Outeiro de São Mamede: indústria de pedra afeiçãoada por picotagem.

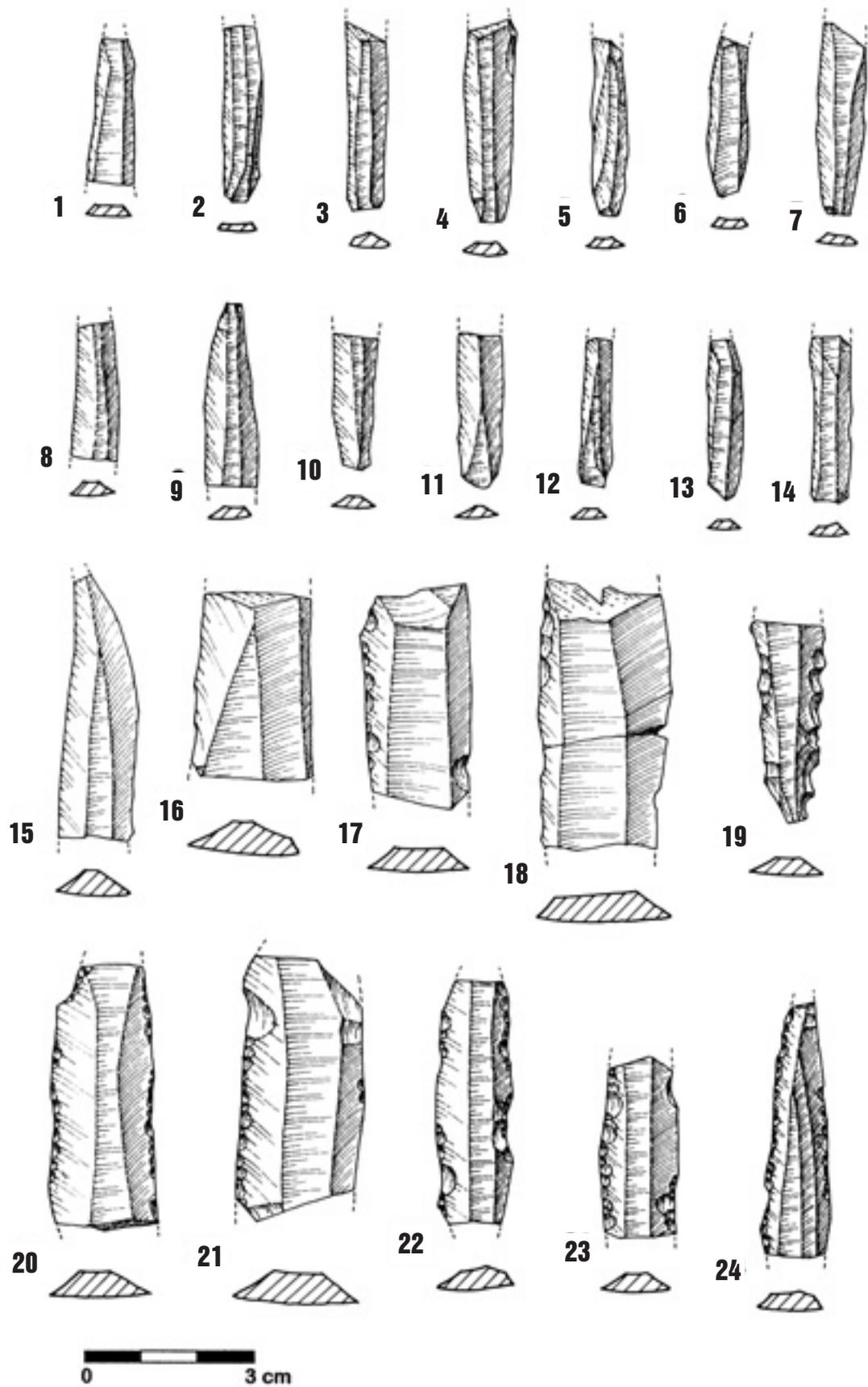


Fig. 16 – Outeiro de São Mamede: lâminas e lamelas de sílex não retocadas ou com retoque parcial.

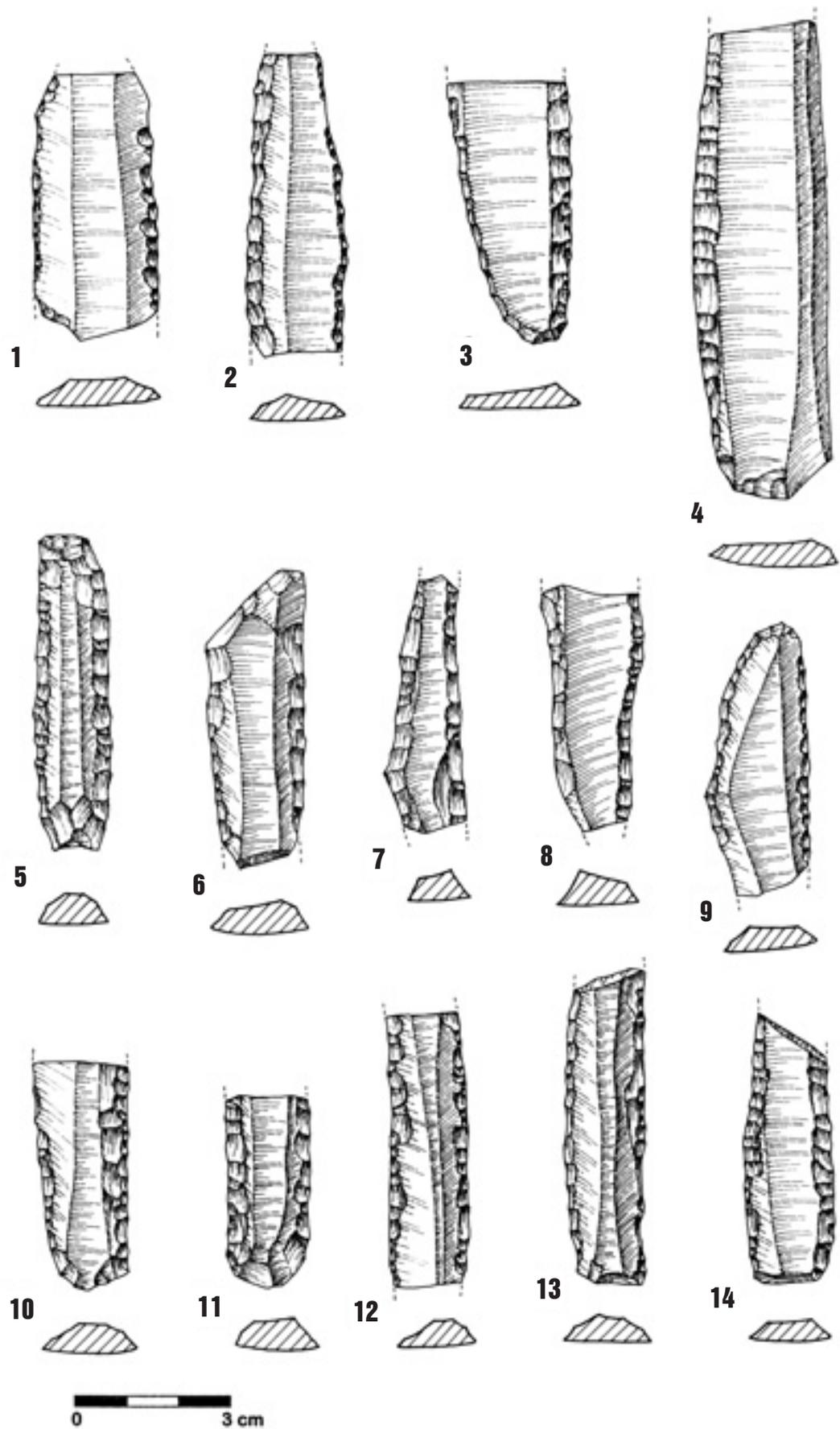


Fig. 17 - Outeiro de São Mamede: lâminas de sílex com retoque contínuo, total ou parcial.

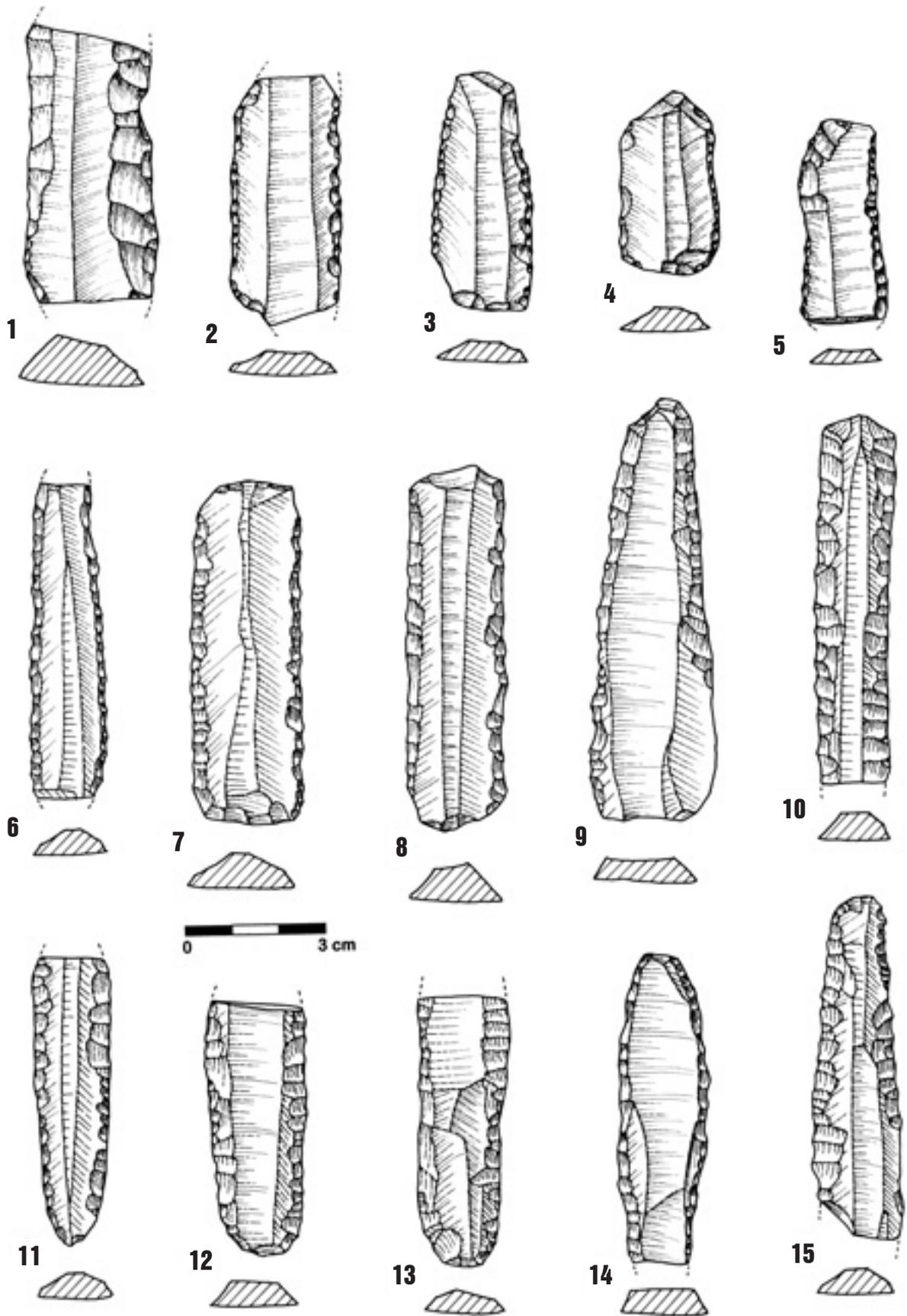


Fig. 18 - Outeiro de São Mamede: lâminas de sílex com retoque contínuo total, alguns casos com extremidade em raspadeira.

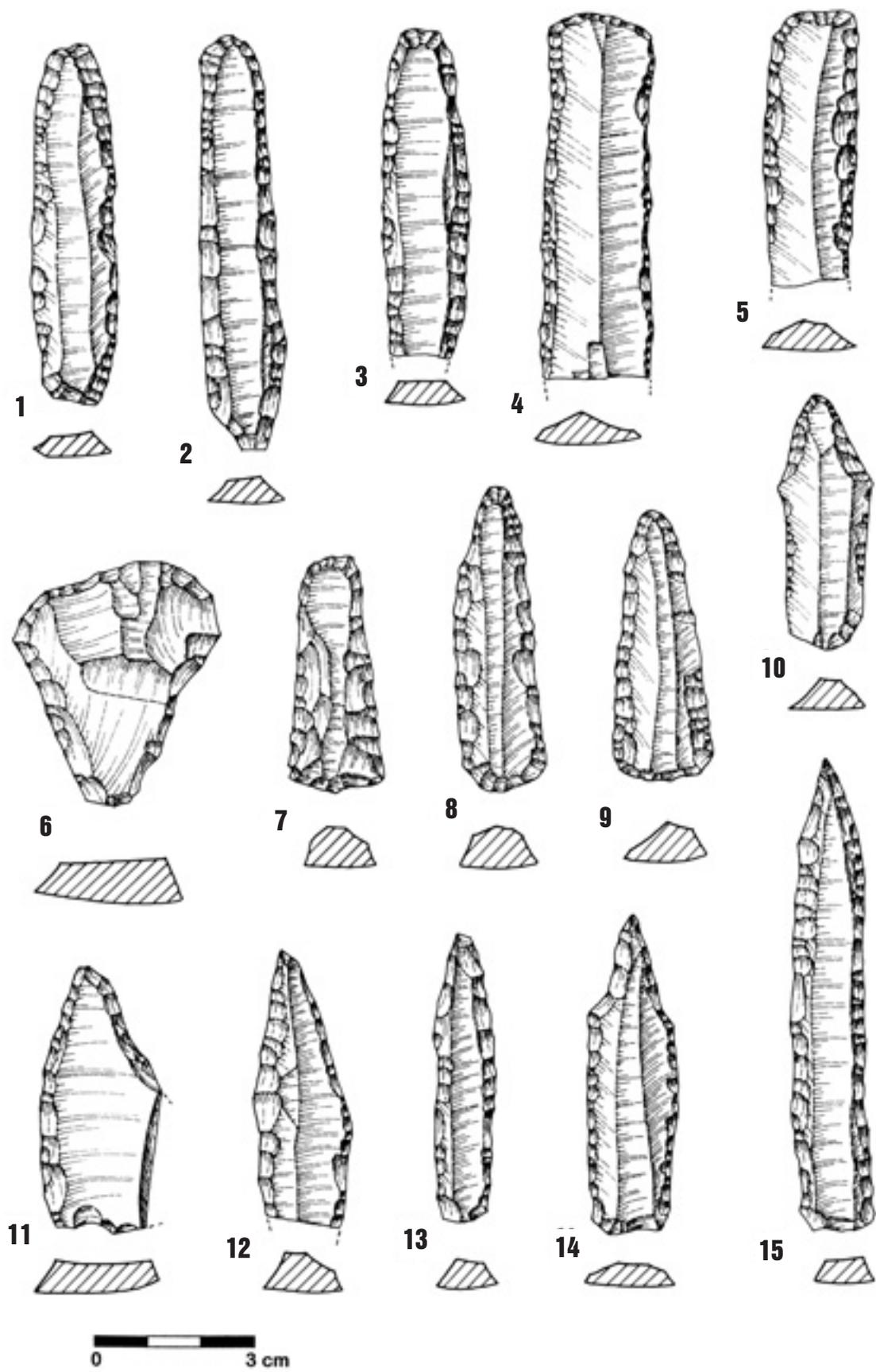


Fig. 19 - Outeiro de São Mamede: lâminas de sílex e lascas (n.º 6) com retoque contínuo total, com extremidade afeçoada em raspadeira ou em furador.

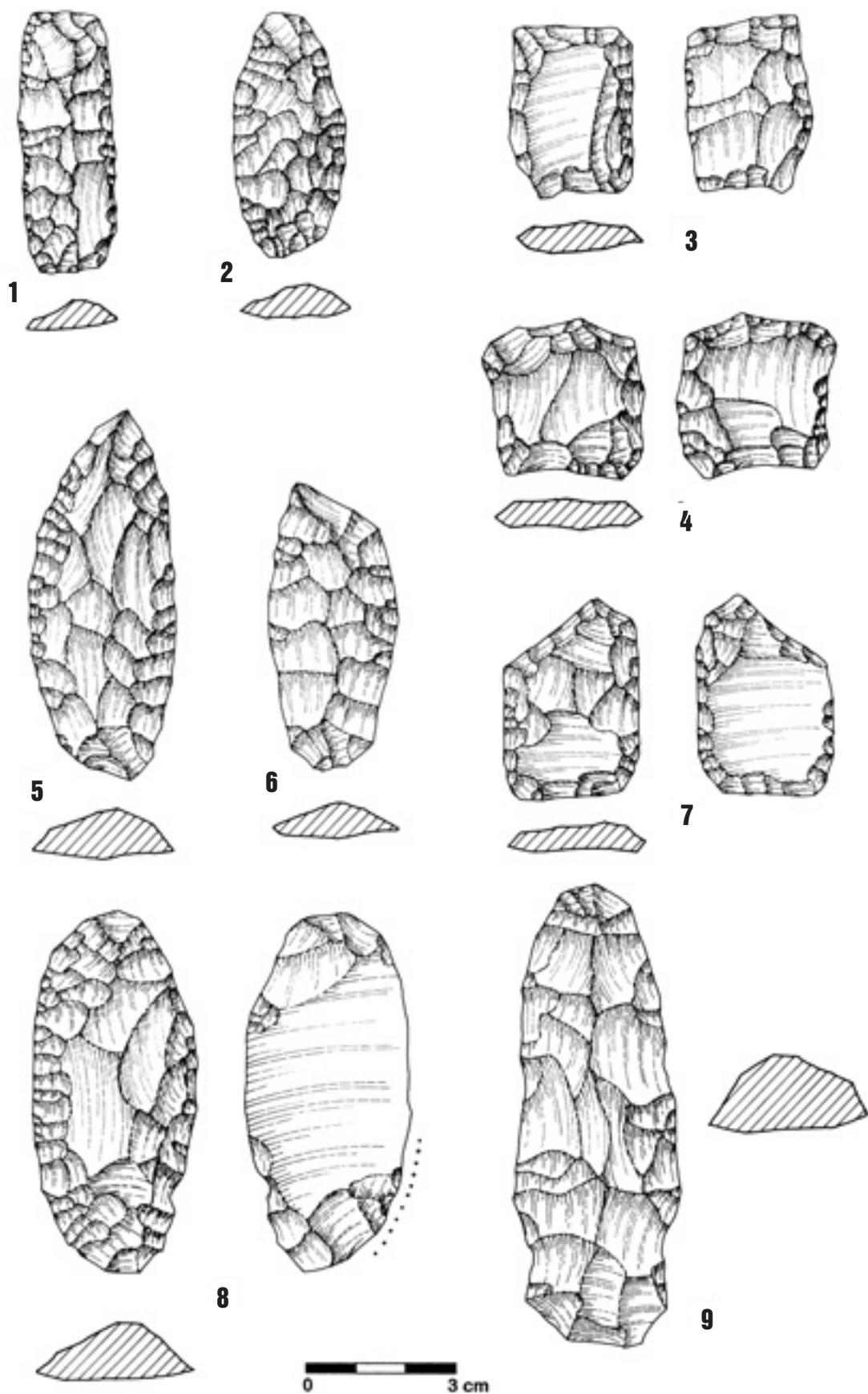


Fig. 20 – Outeiro de São Mamede: elementos de sílex de trabalho bifacial, total ou parcial.

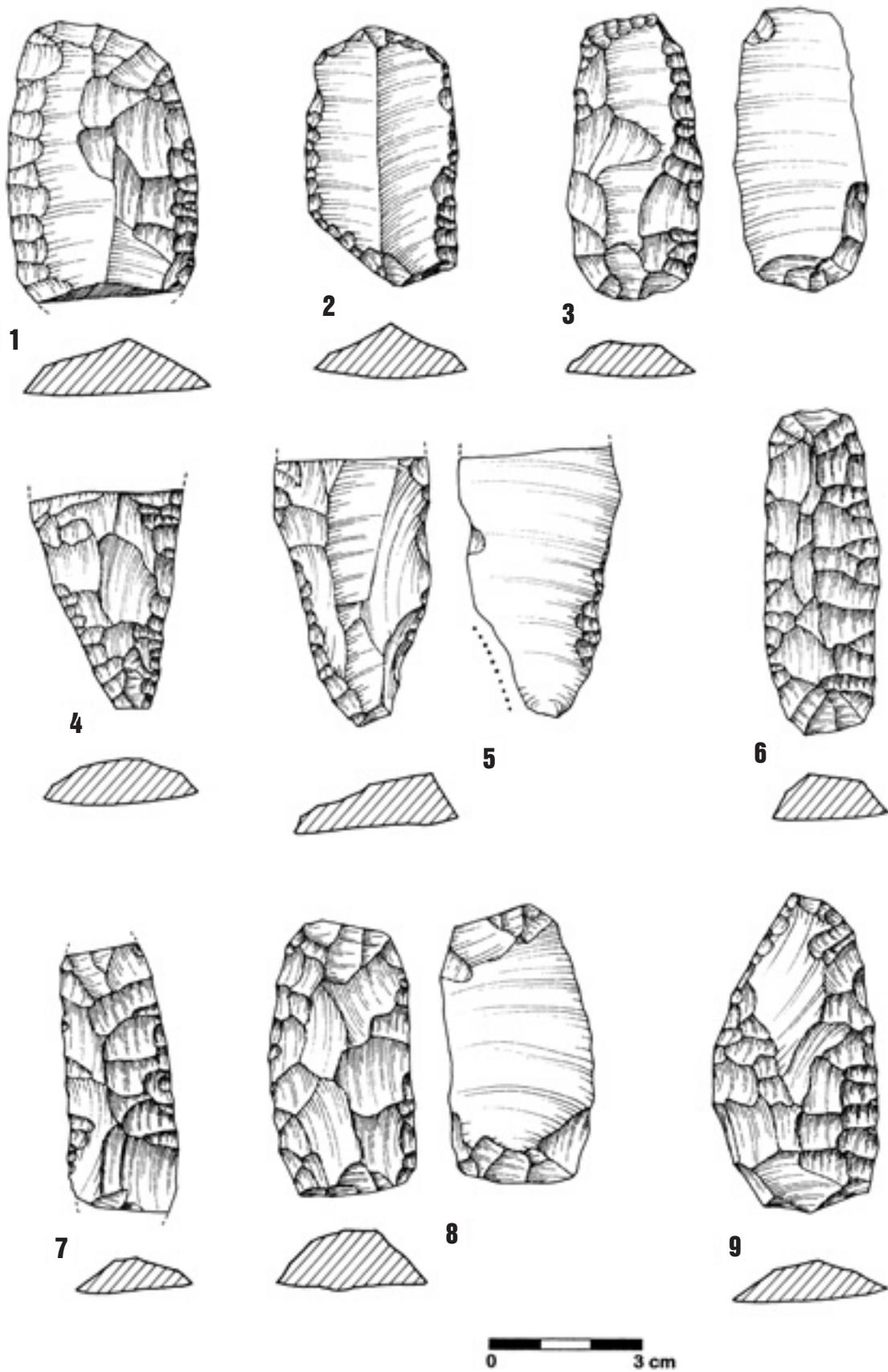


Fig. 21 – Outeiro de São Mamede: elementos de sílex de trabalho bifacial, total ou parcial (o n.º 2 é um segmento de grande lâmina retocada).

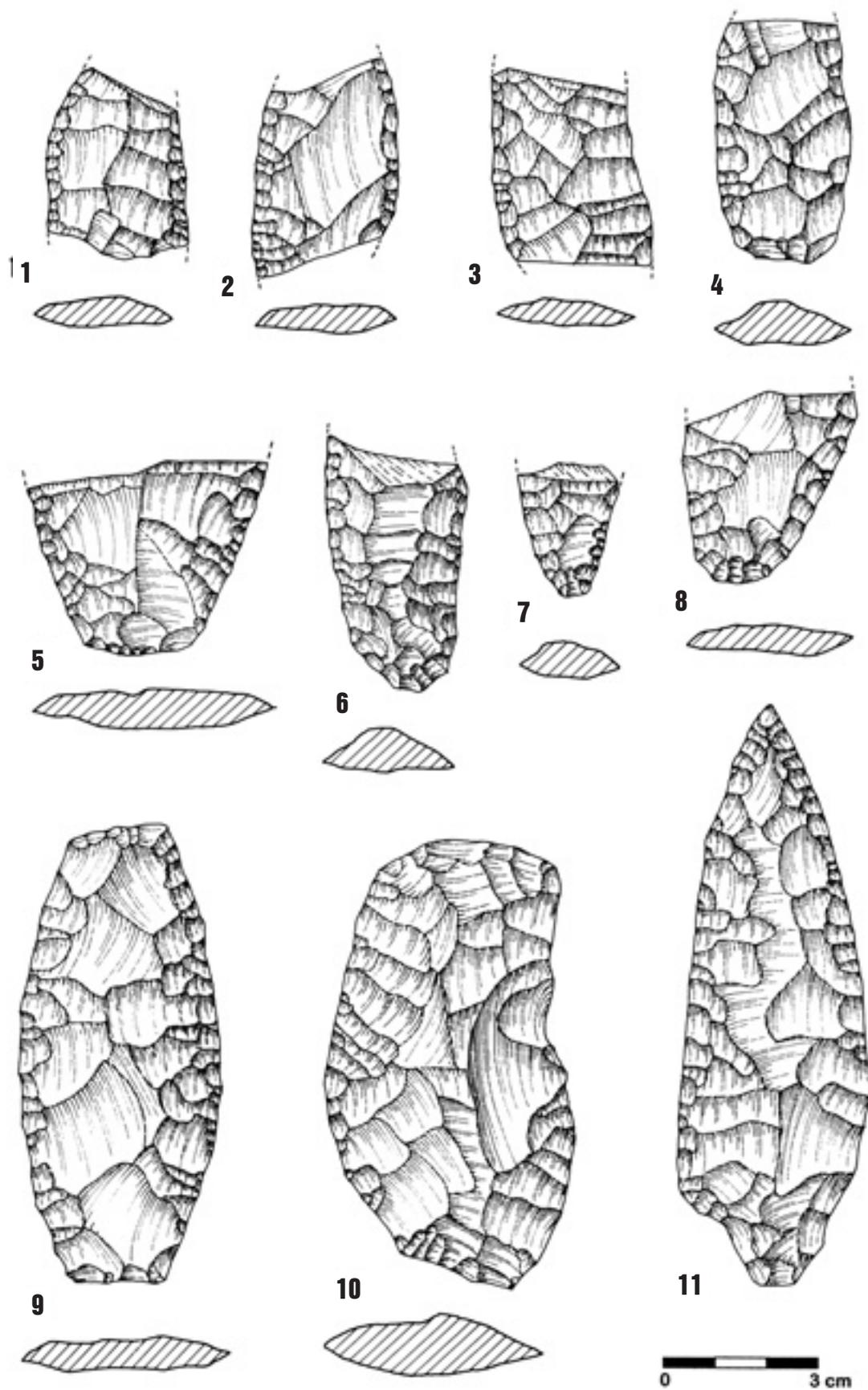


Fig. 22 - Outeiro de São Mamede: elementos de sílex de trabalho bifacial, total ou parcial (n.ºs 1 a 10) e punhal de sílex com lingueta para encabamento (n.º 11).

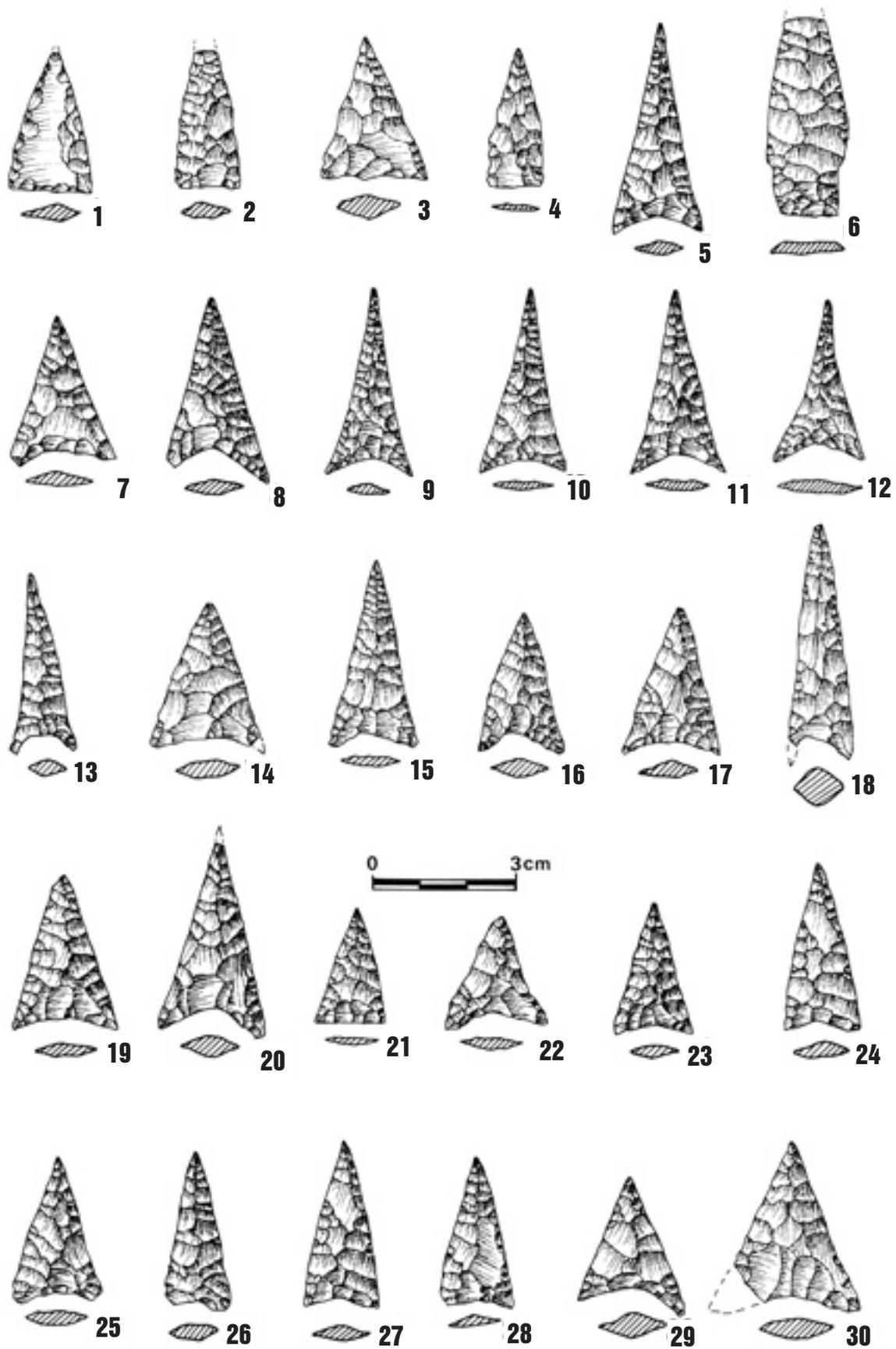


Fig. 23 - Outeiro de São Mamede: pontas de seta, de sílex.

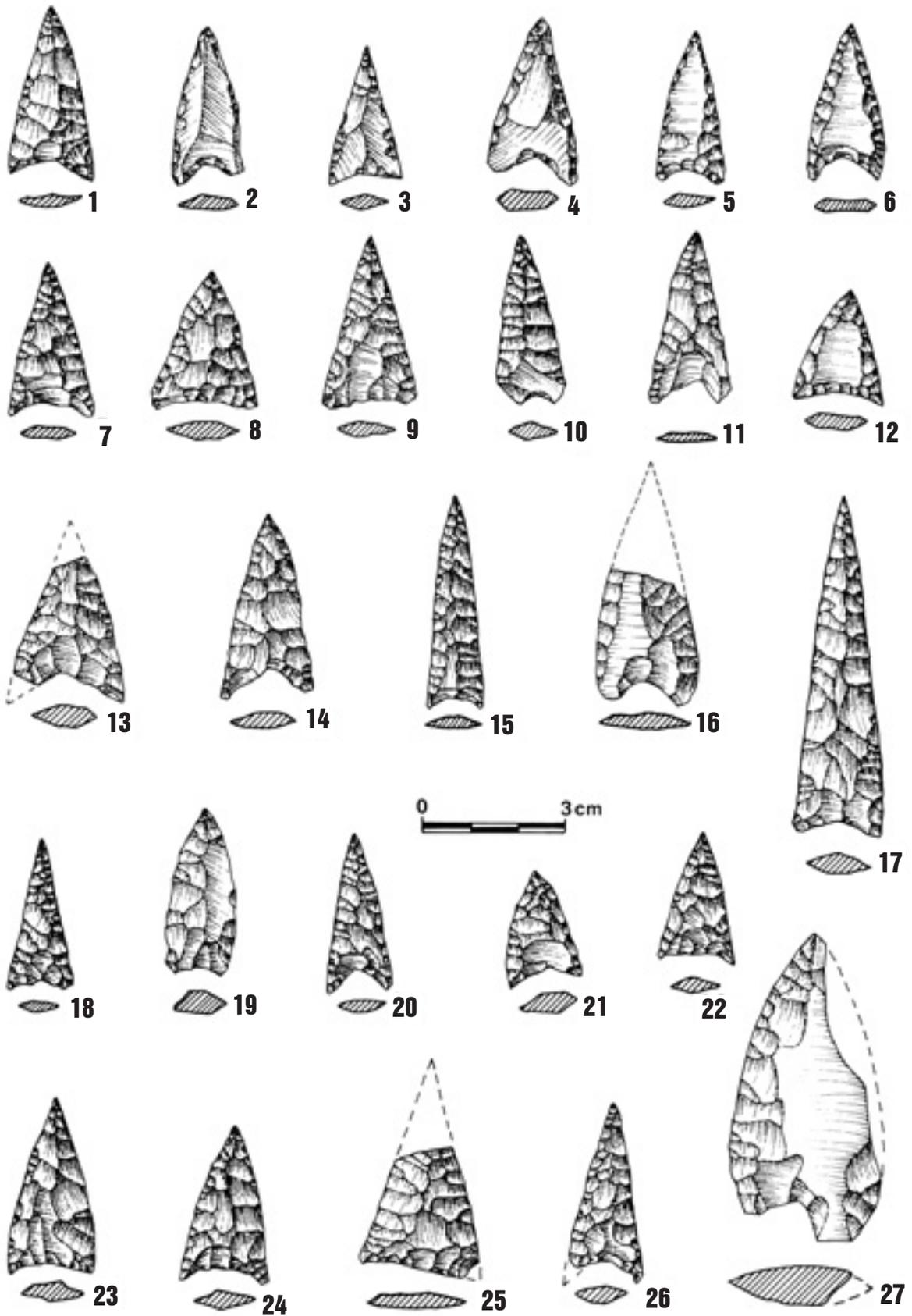


Fig. 24 – Outeiro de São Mamede: pontas de seta, de silex.

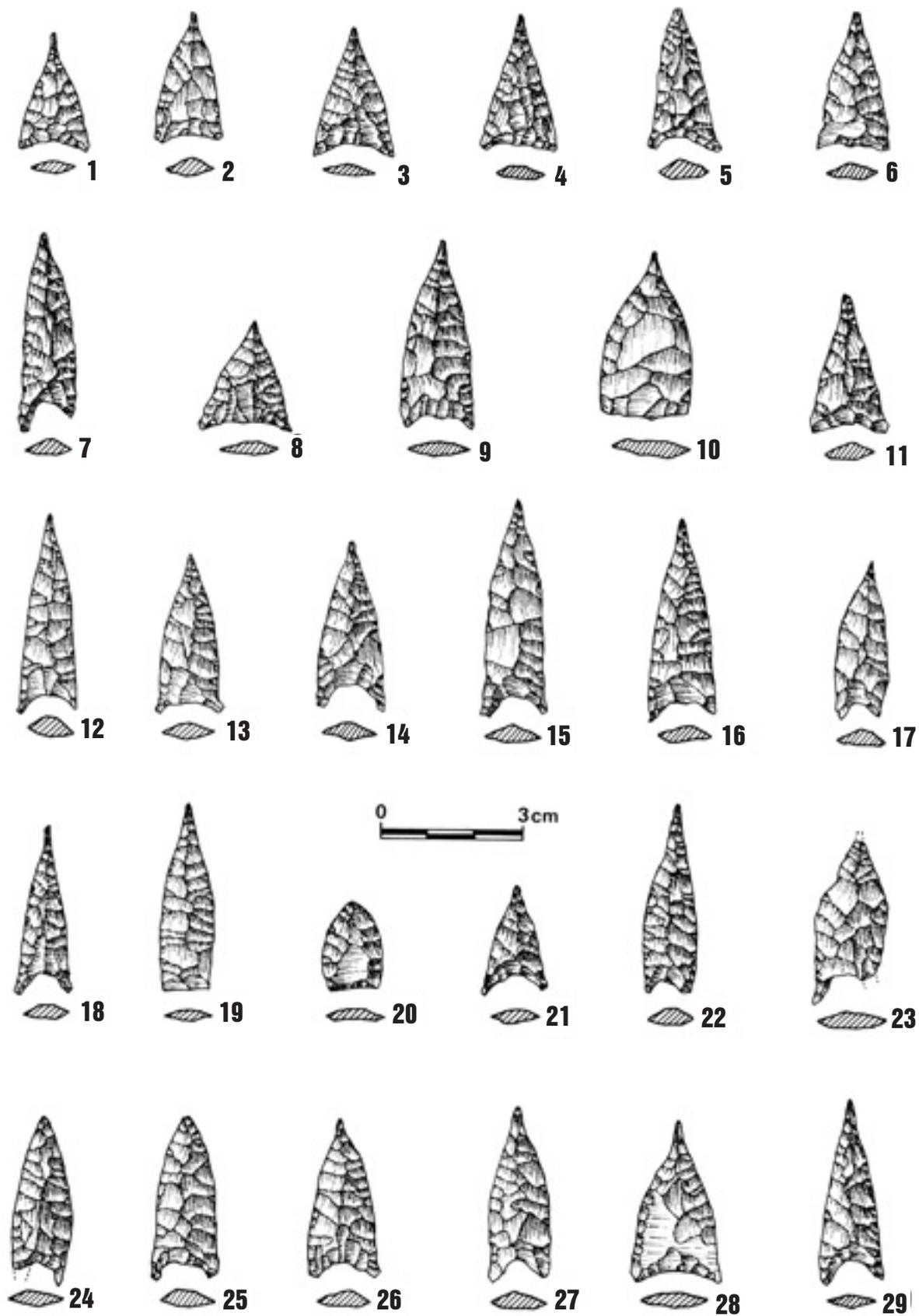


Fig. 25 – Outeiro de São Mamede: pontas de seta, de sílex.

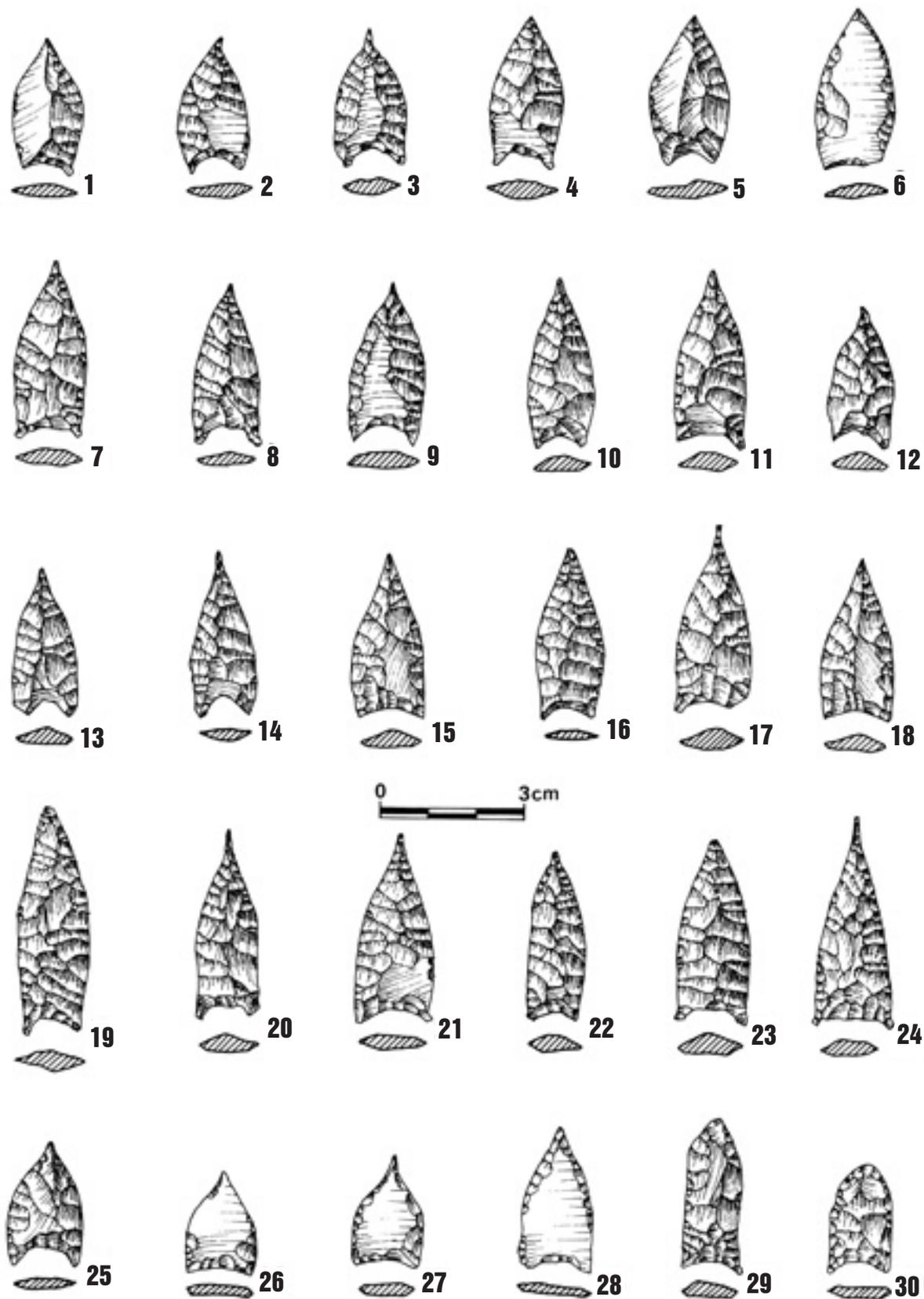


Fig. 26 – Outeiro de São Mamede: pontas de seta, de sílex.

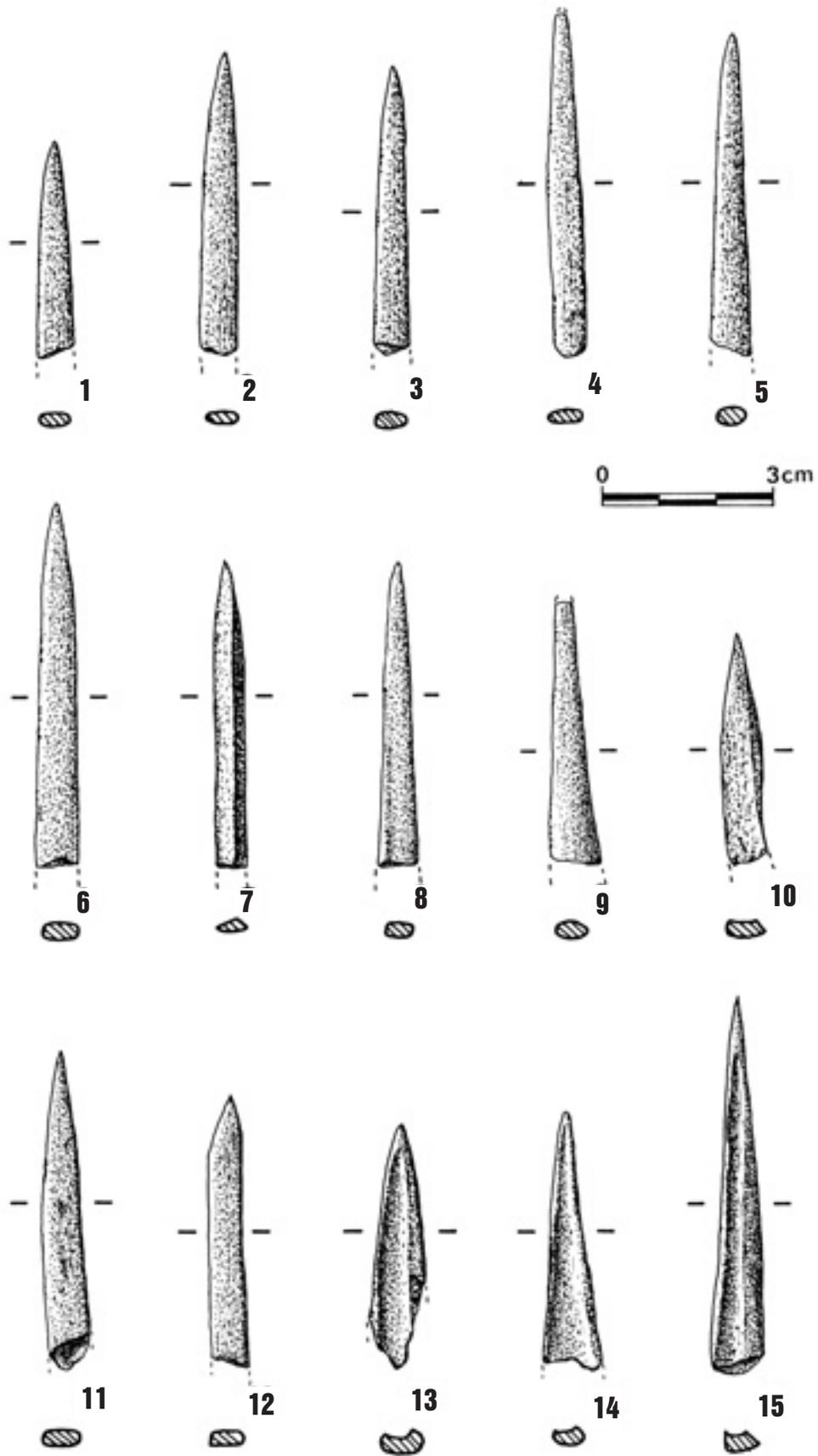


Fig. 27 - Outeiro de São Mamede: indústria óssea.

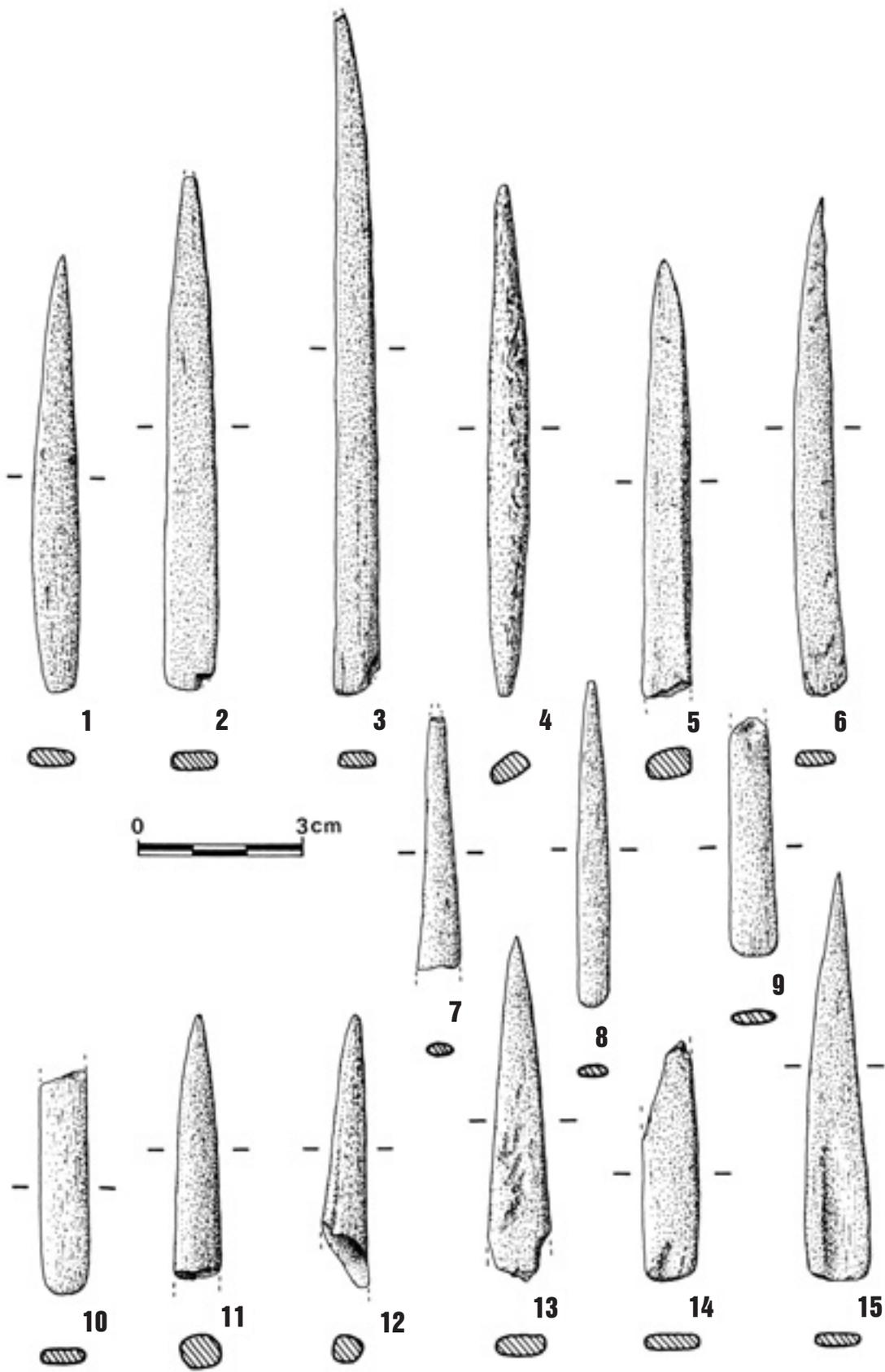


Fig. 28 - Outeiro de São Mamede: indústria óssea.

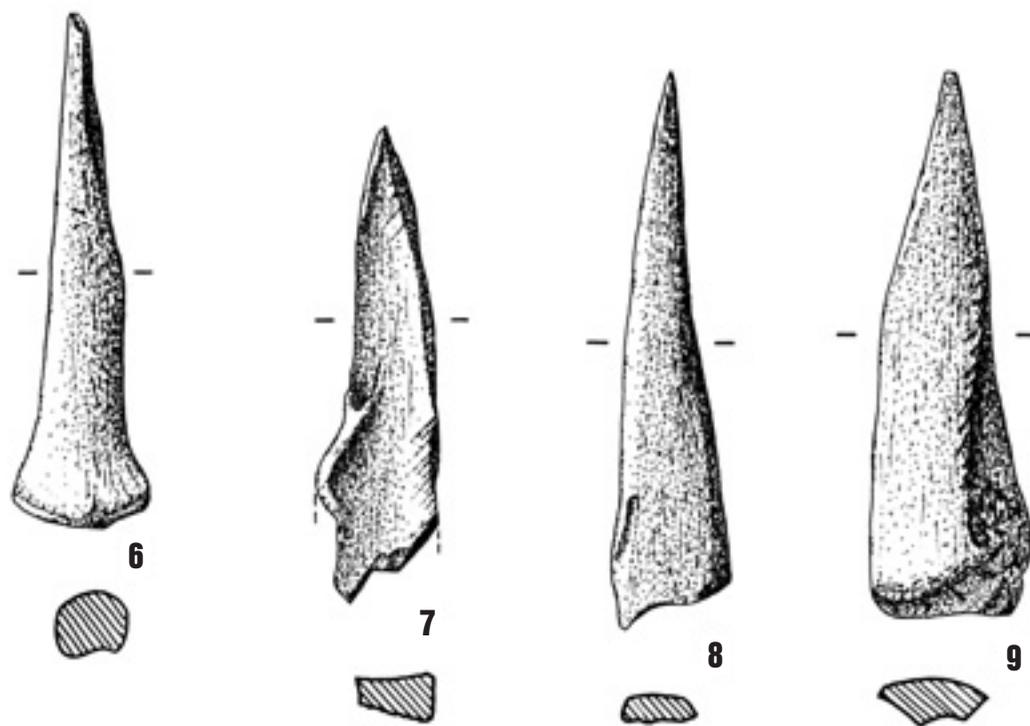
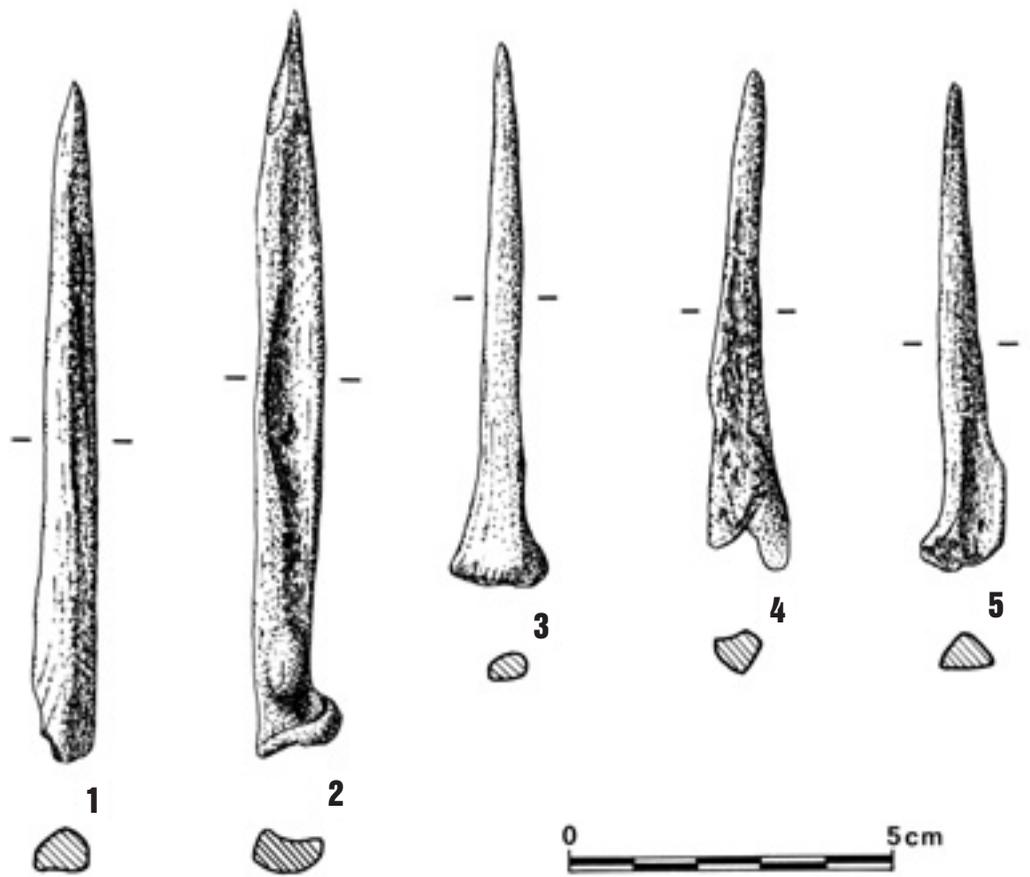


Fig. 29 - Outeiro de São Mamede: indústria óssea.

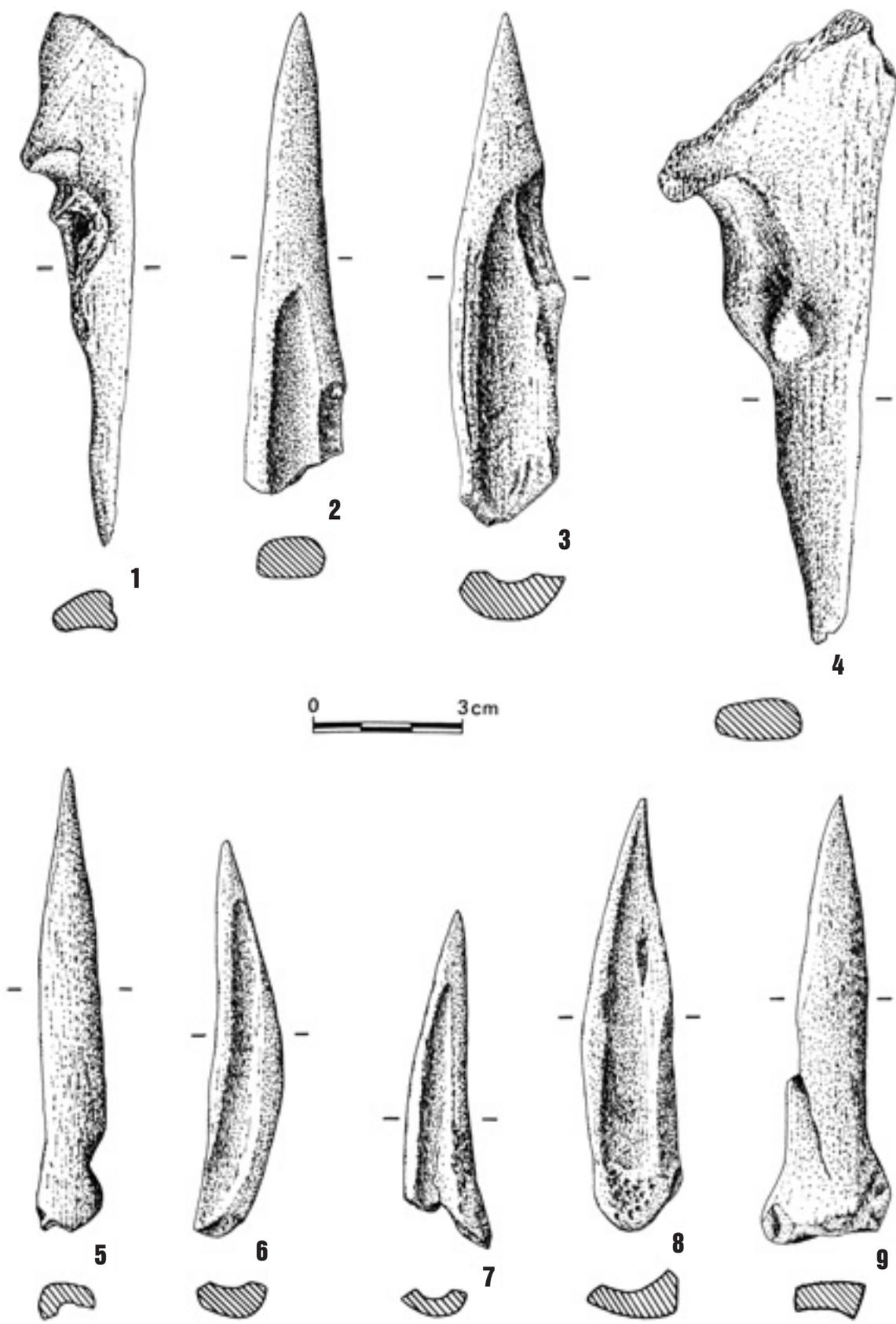


Fig. 30 – Outeiro de São Mamede: indústria óssea.

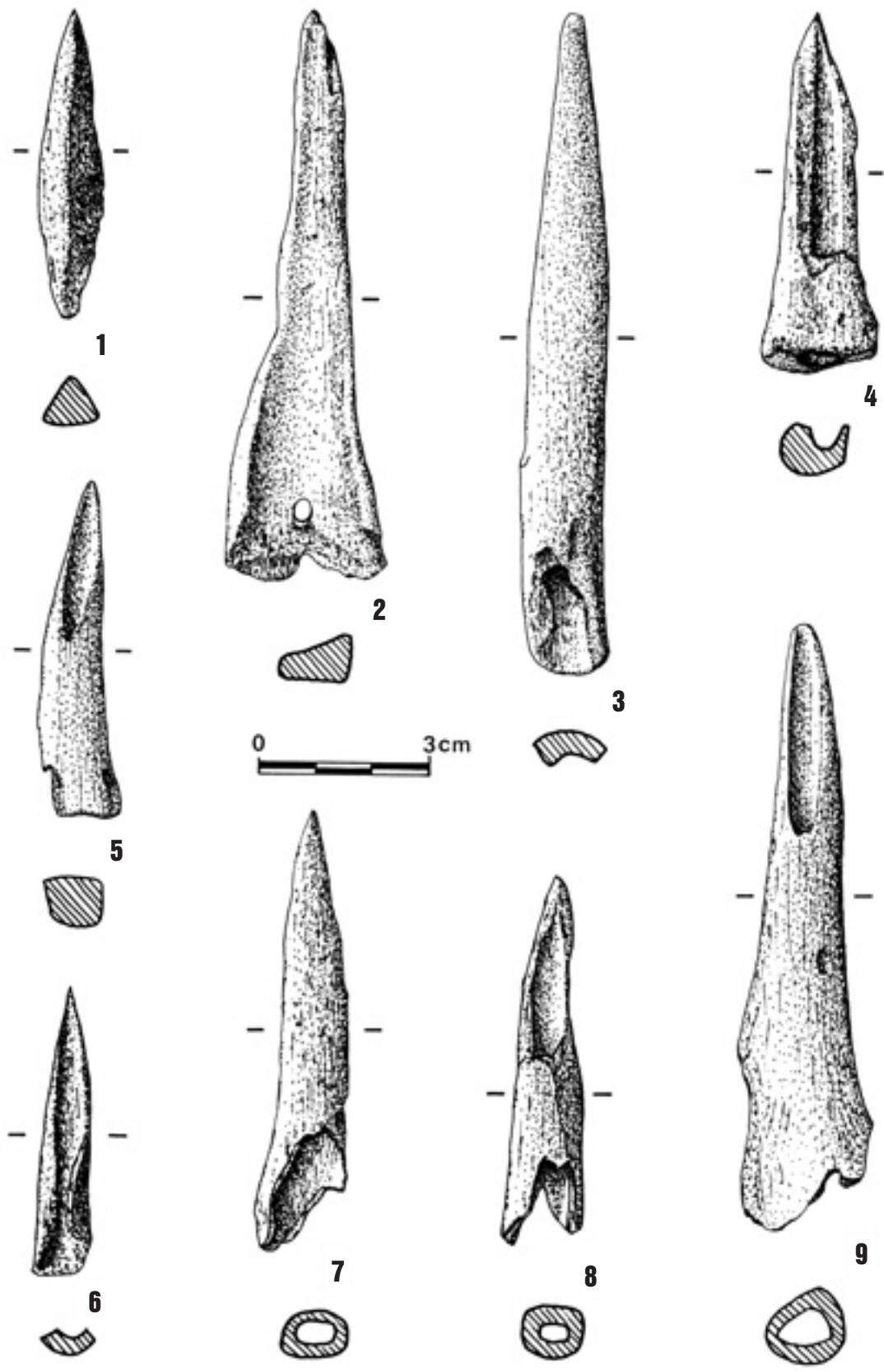


Fig. 31 – Outeiro de São Mamede: indústria óssea.

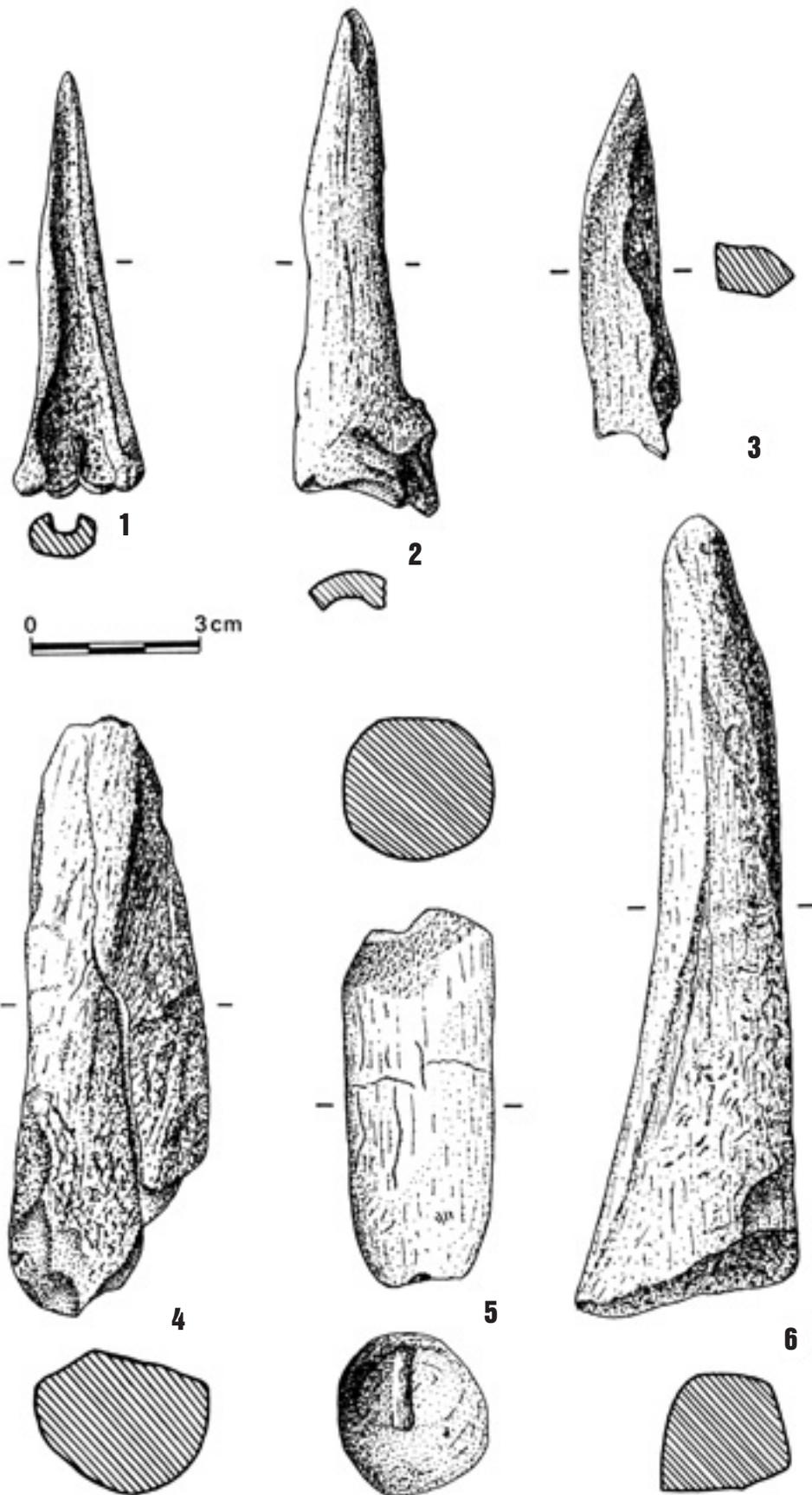


Fig. 32 – Outeiro de São Mamede: indústria óssea (o n.º 5 é, provavelmente, um ídolo fálico, observando-se a abertura do canal uretral num dos topos).

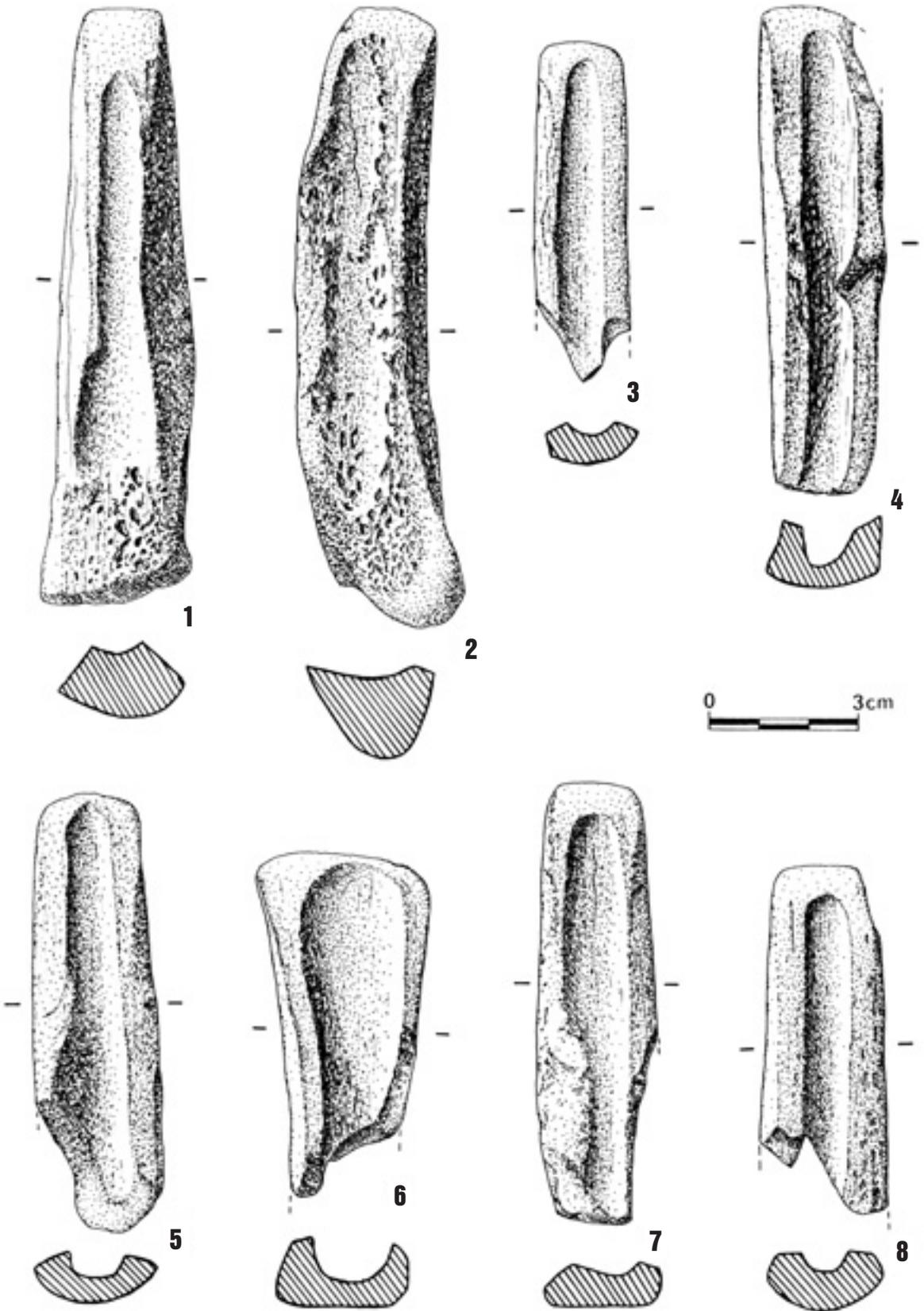


Fig. 33 - Outeiro de São Mamede: indústria óssea.

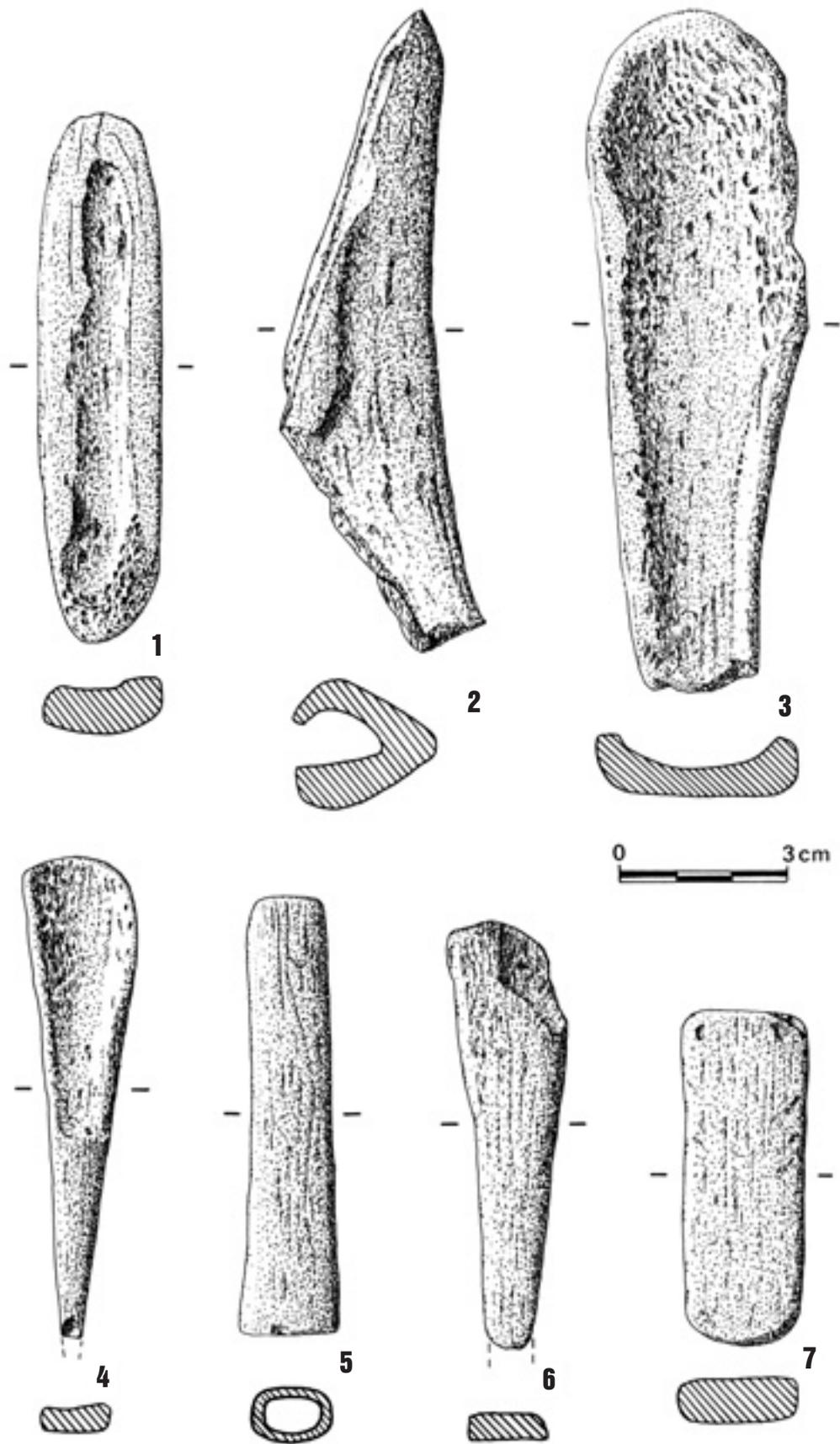


Fig. 34 – Outeiro de São Mamede: indústria óssea.

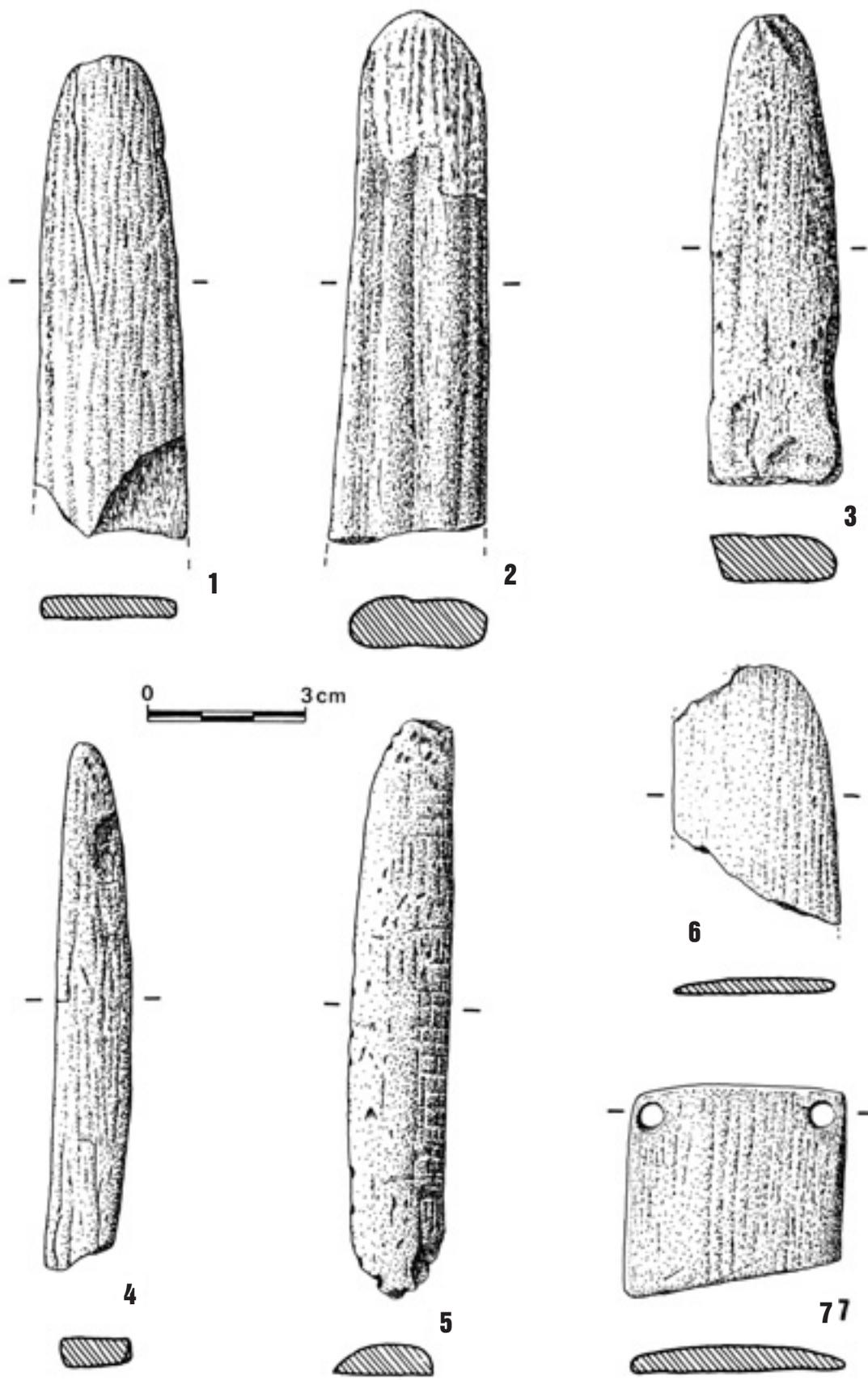


Fig. 35 - Outeiro de São Mamede: indústria óssea.

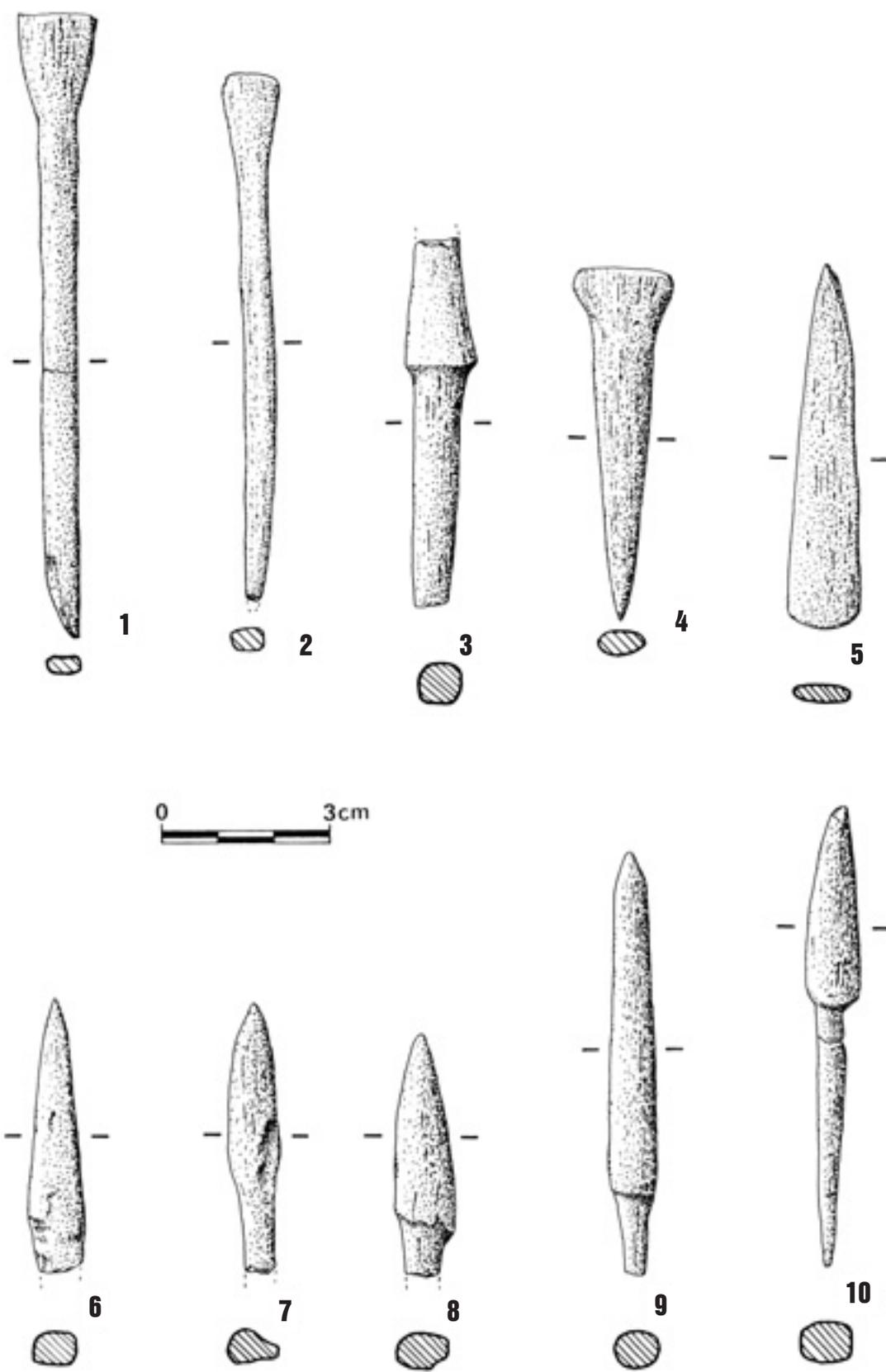


Fig. 36 - Outeiro de São Mamede: indústria óssea.

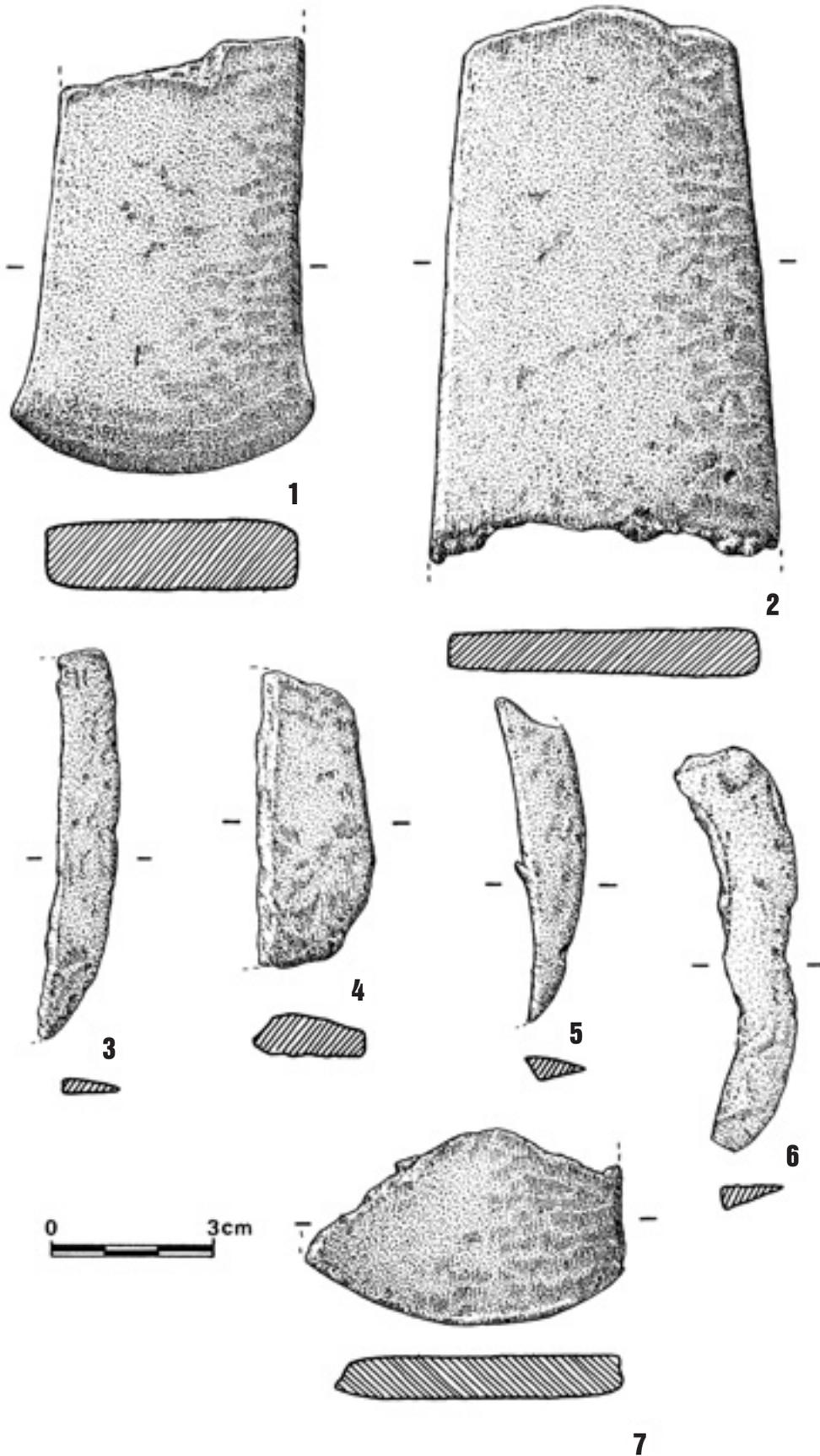


Fig. 37 – Outeiro de São Mamede: artefactos de cobre.

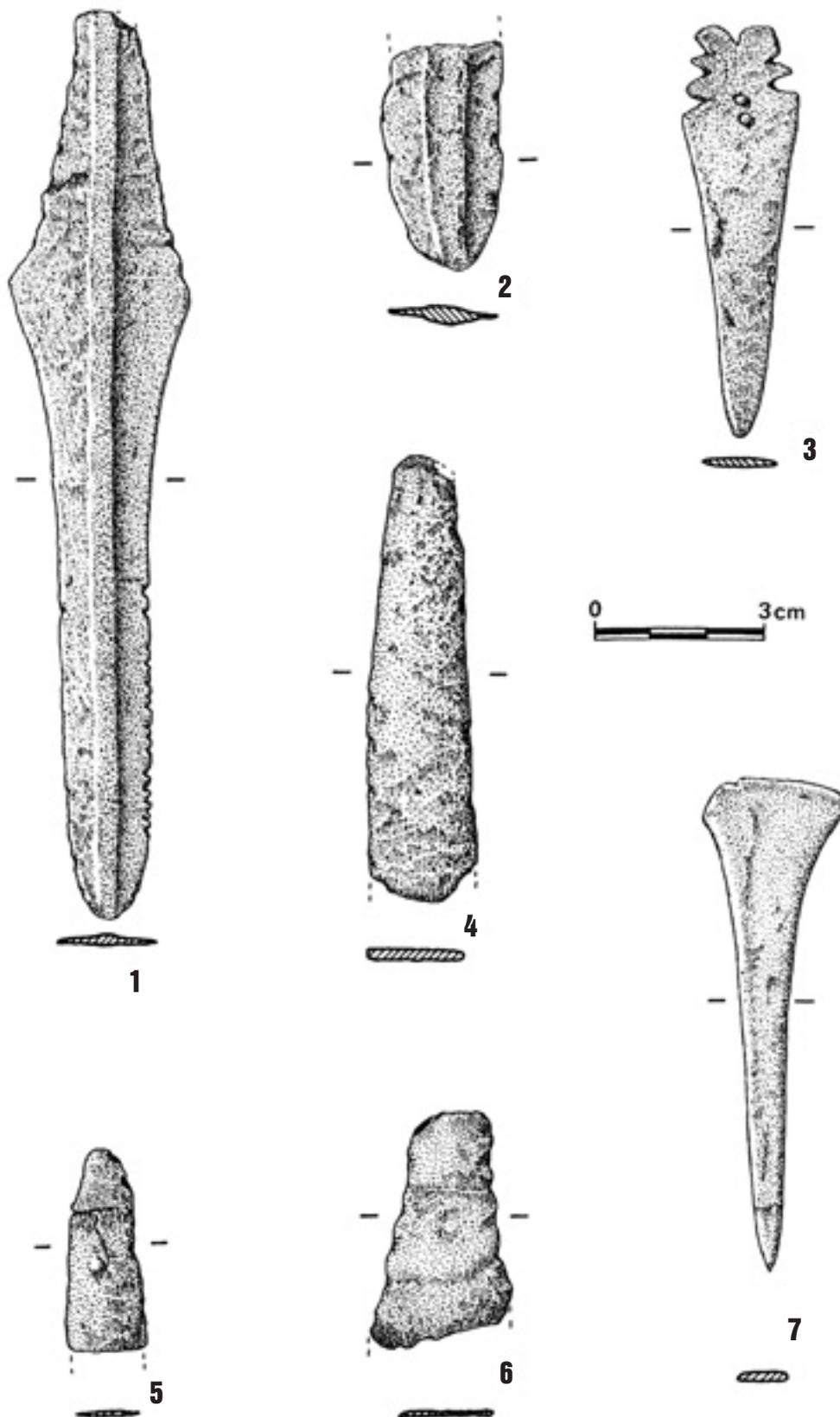


Fig. 38 – Outeiro de São Mamede: artefactos de cobre.

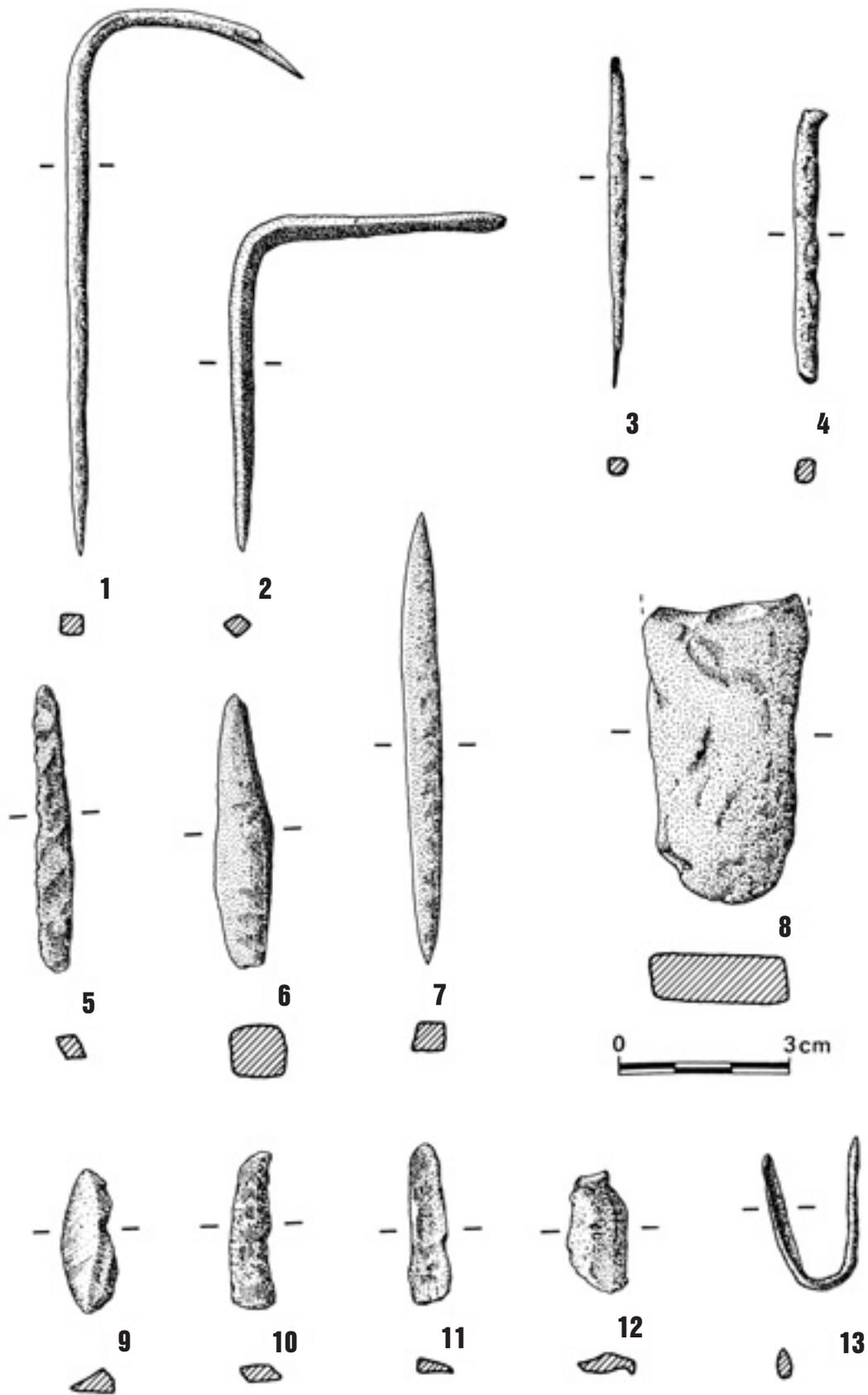


Fig. 39 – Outeiro de São Mamede: artefactos de cobre.

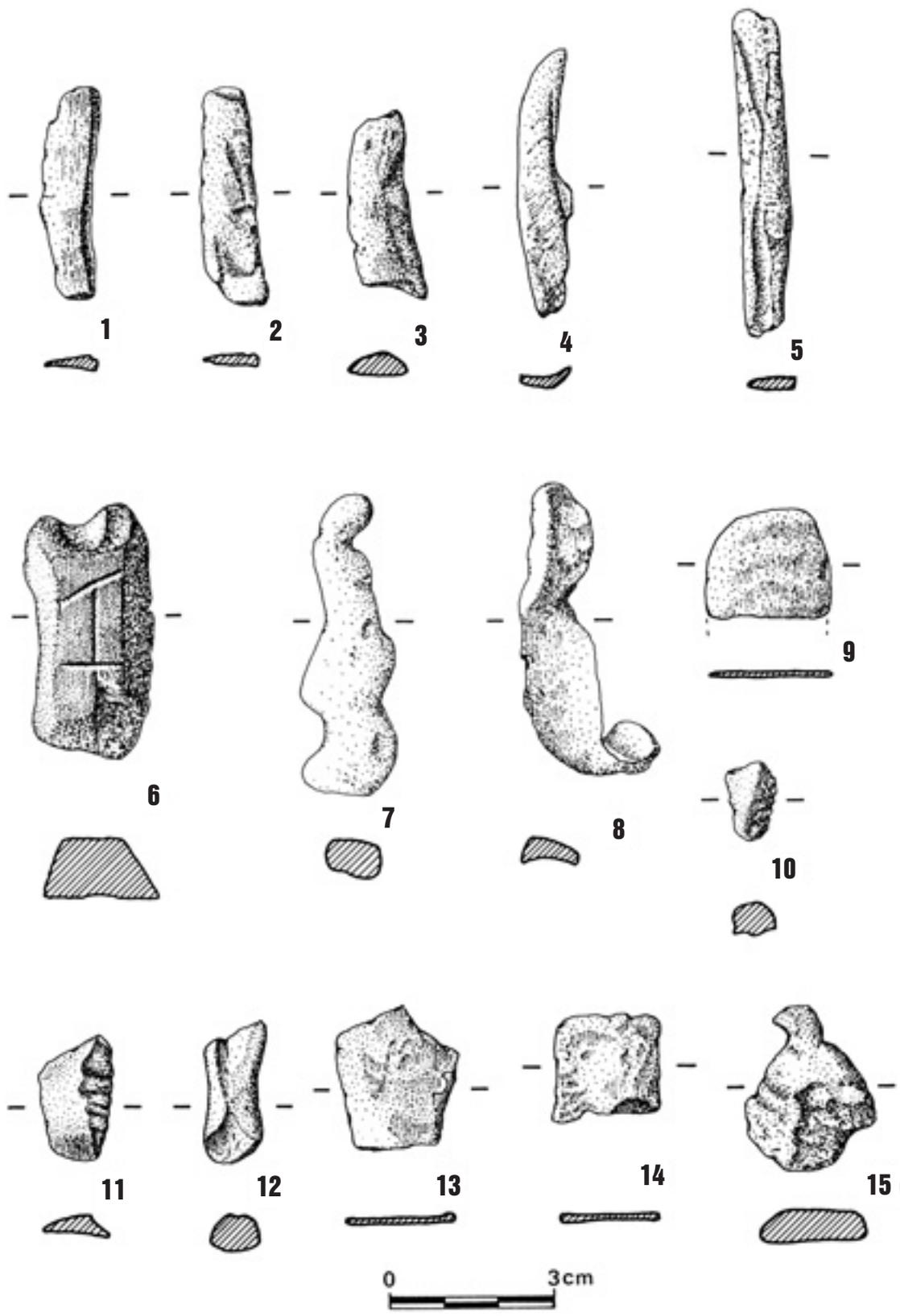


Fig. 40 – Outeiro de São Mamede: artefactos de cobre.

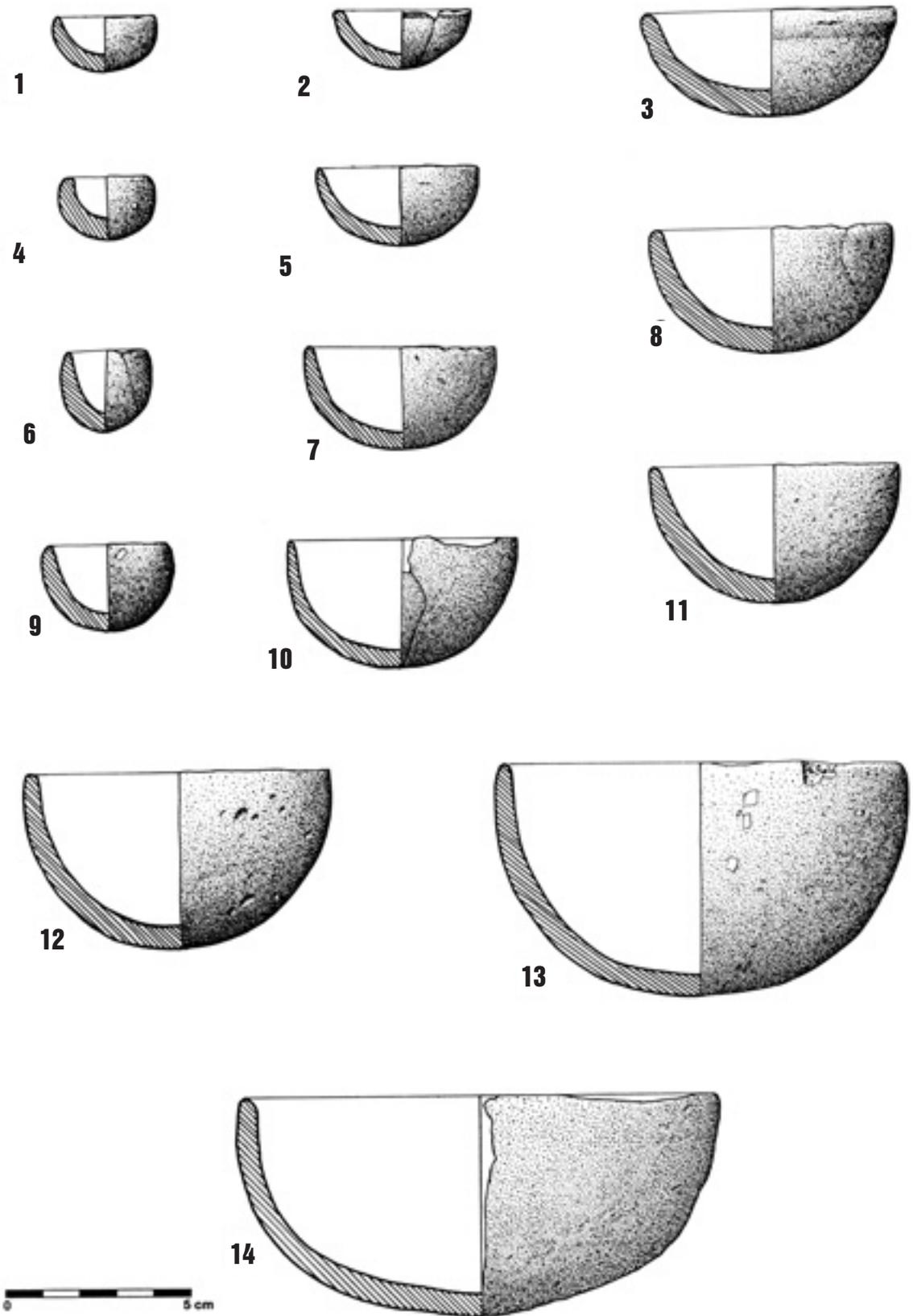


Fig. 41 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas lisas.

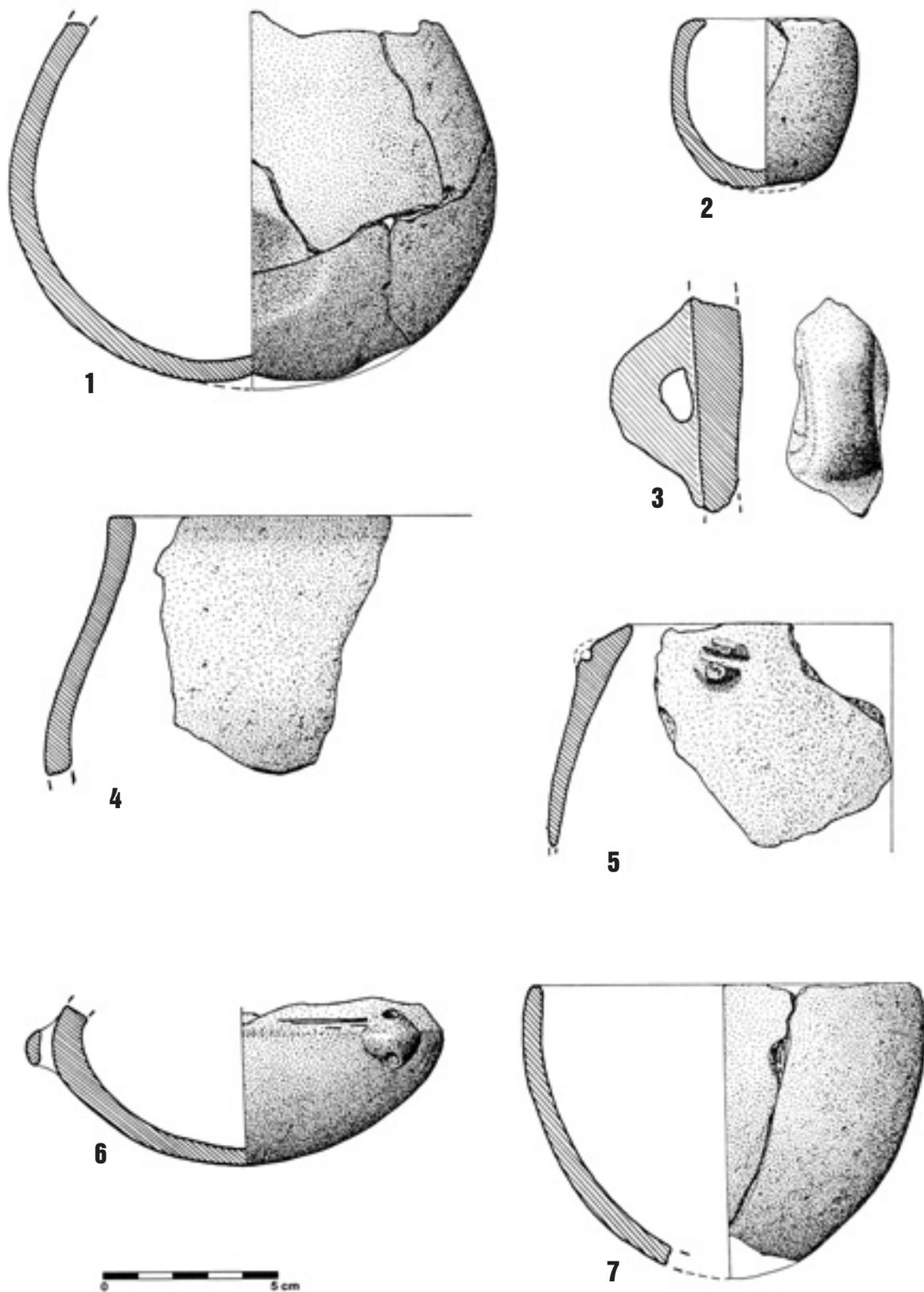


Fig. 42 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas lisas, com ou sem elementos de prensão.

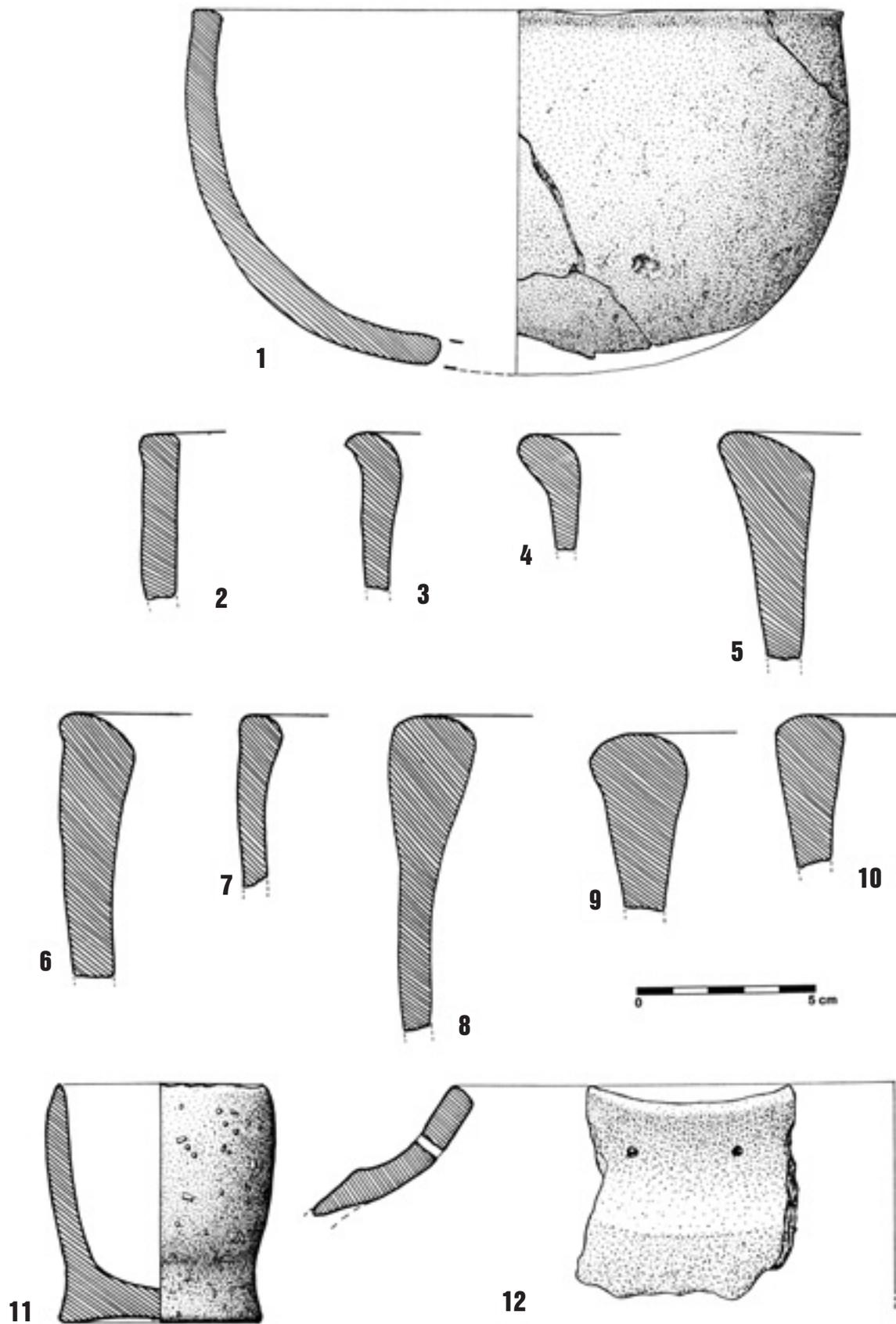


Fig. 43 - Outeiro de São Mamede: cerâmicas lisas.

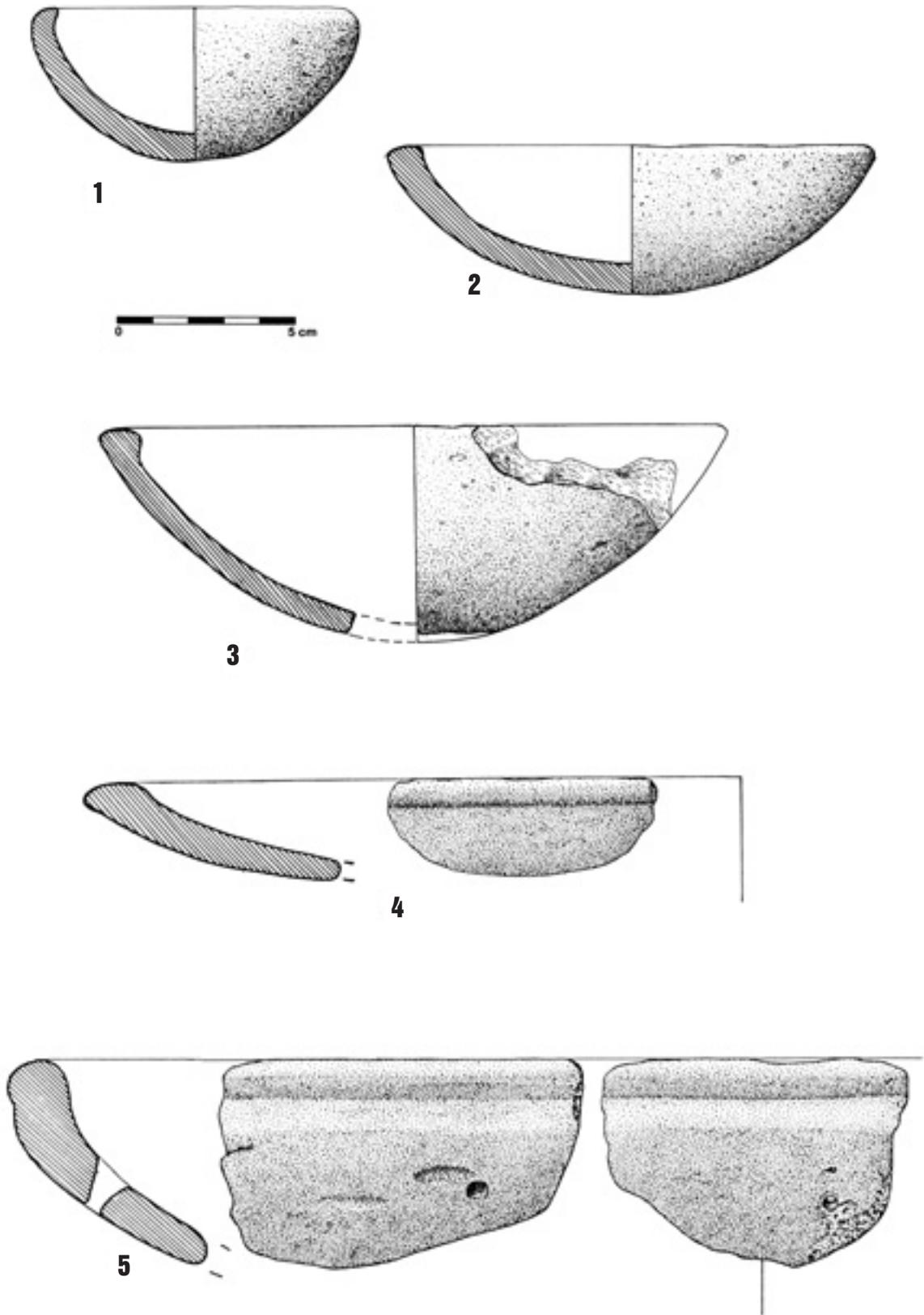


Fig. 44 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas lisas.

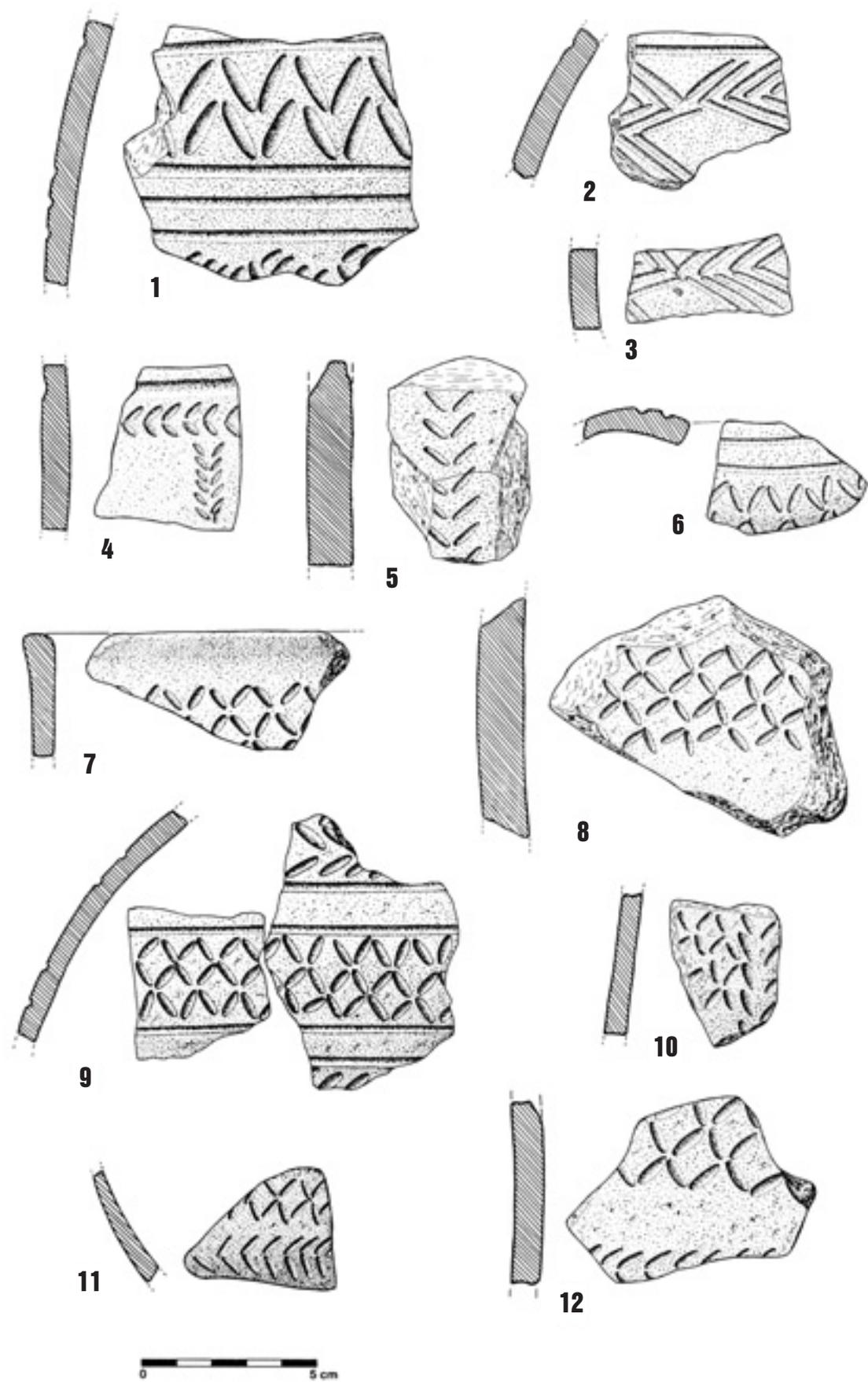


Fig. 45 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas decoradas.

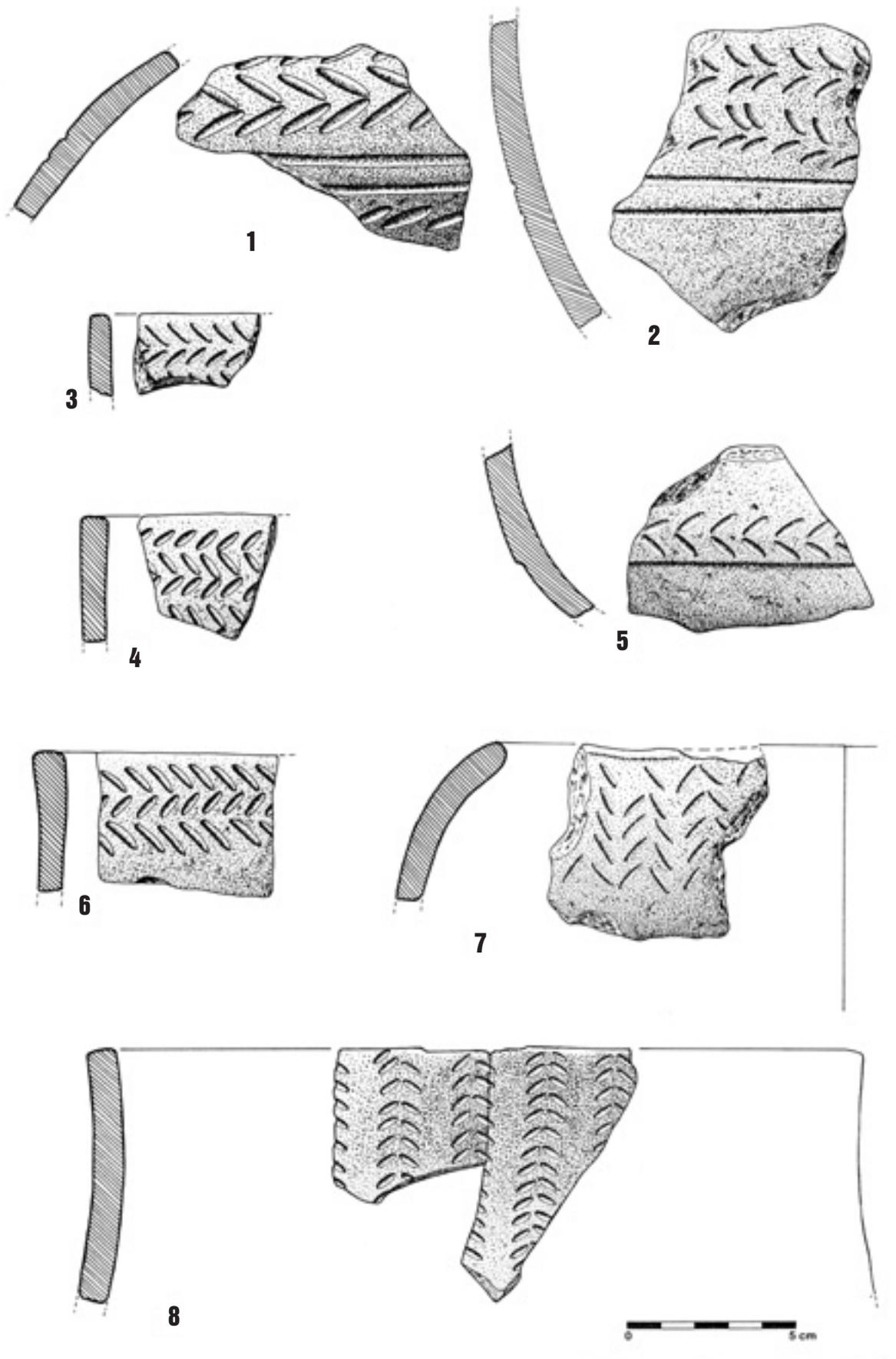


Fig. 46 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas decoradas.

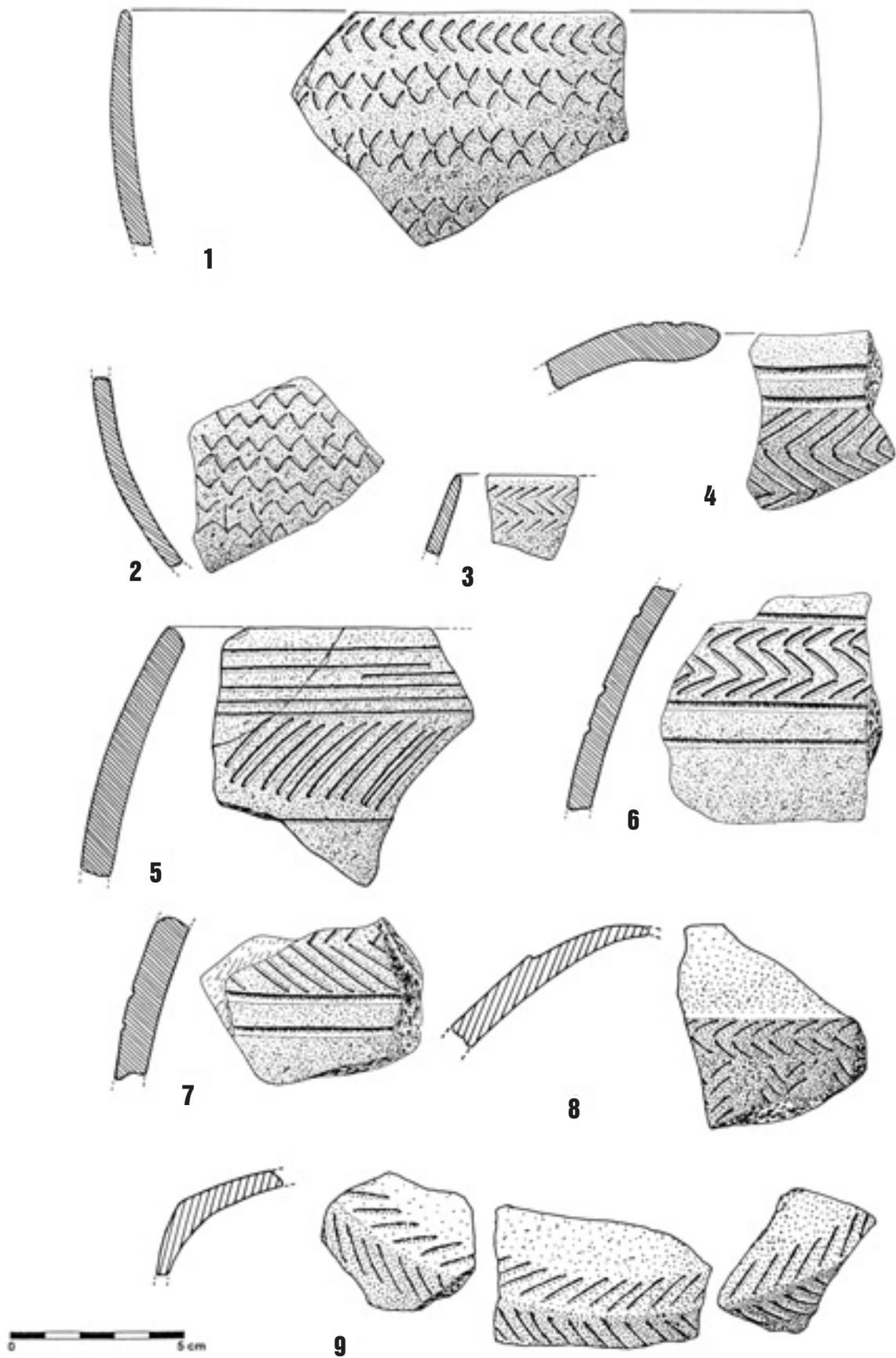


Fig. 47 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas decoradas.

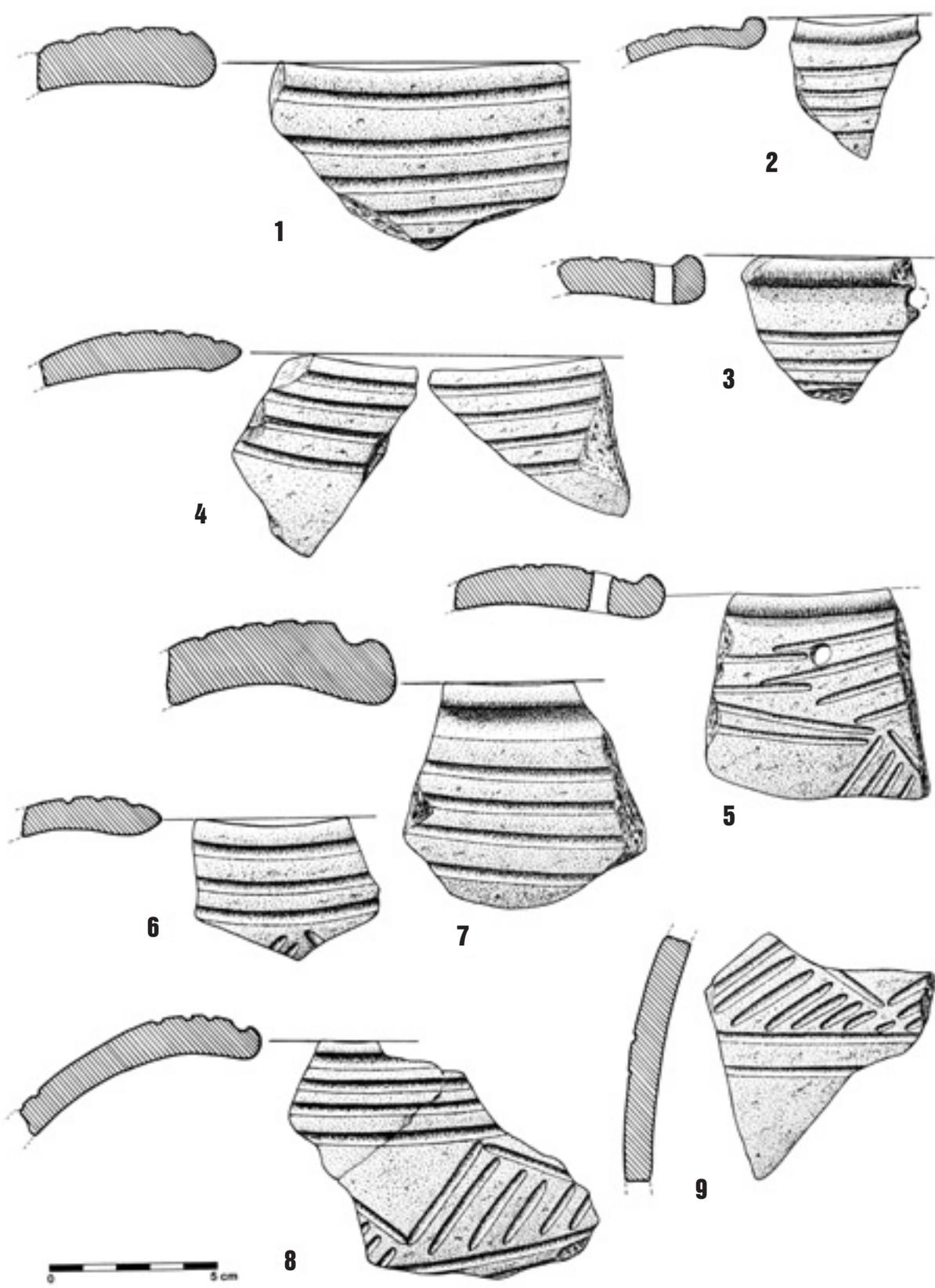


Fig. 48 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas decoradas.

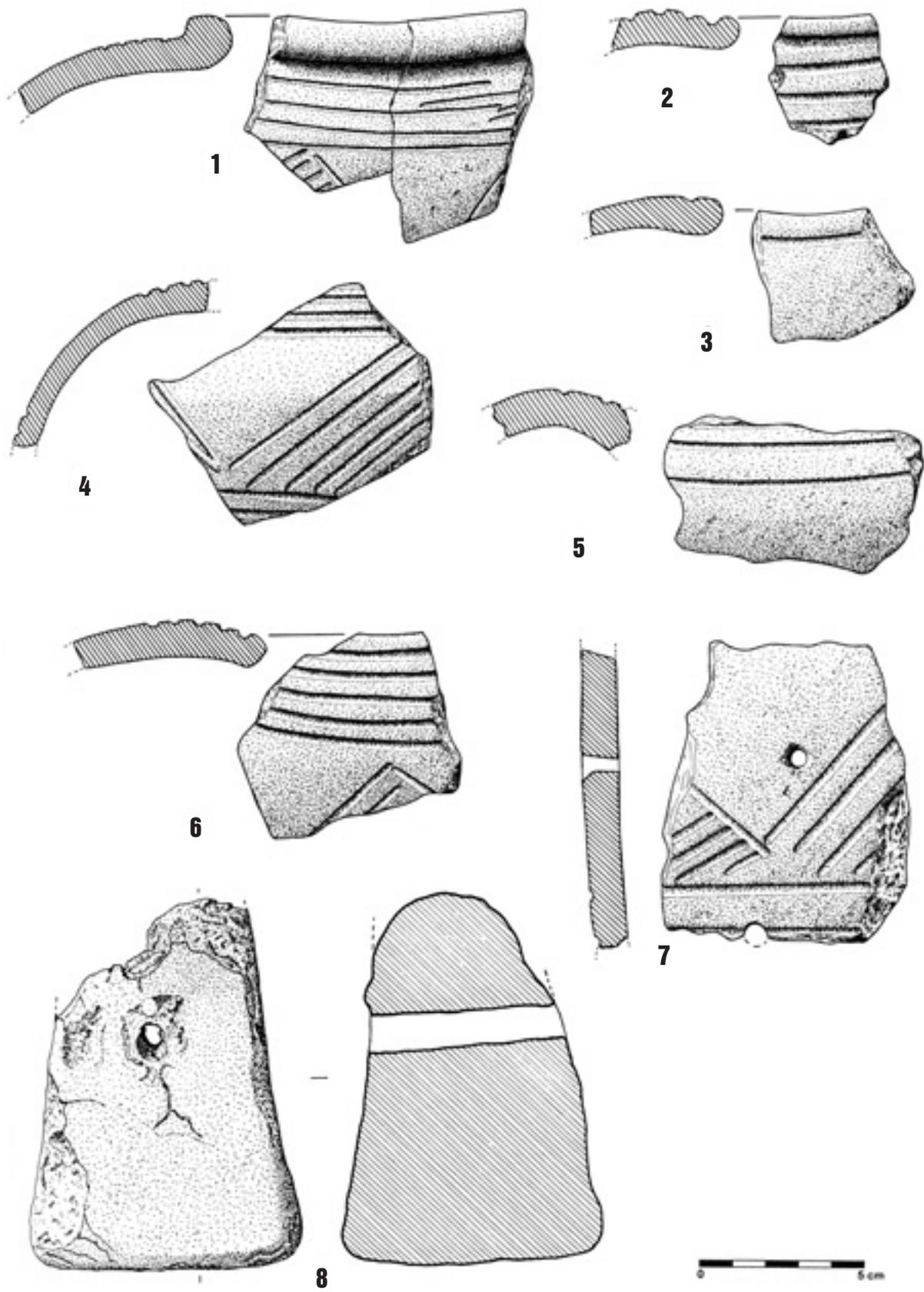


Fig. 49 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas decoradas e peso de tear romano (n.º 8).

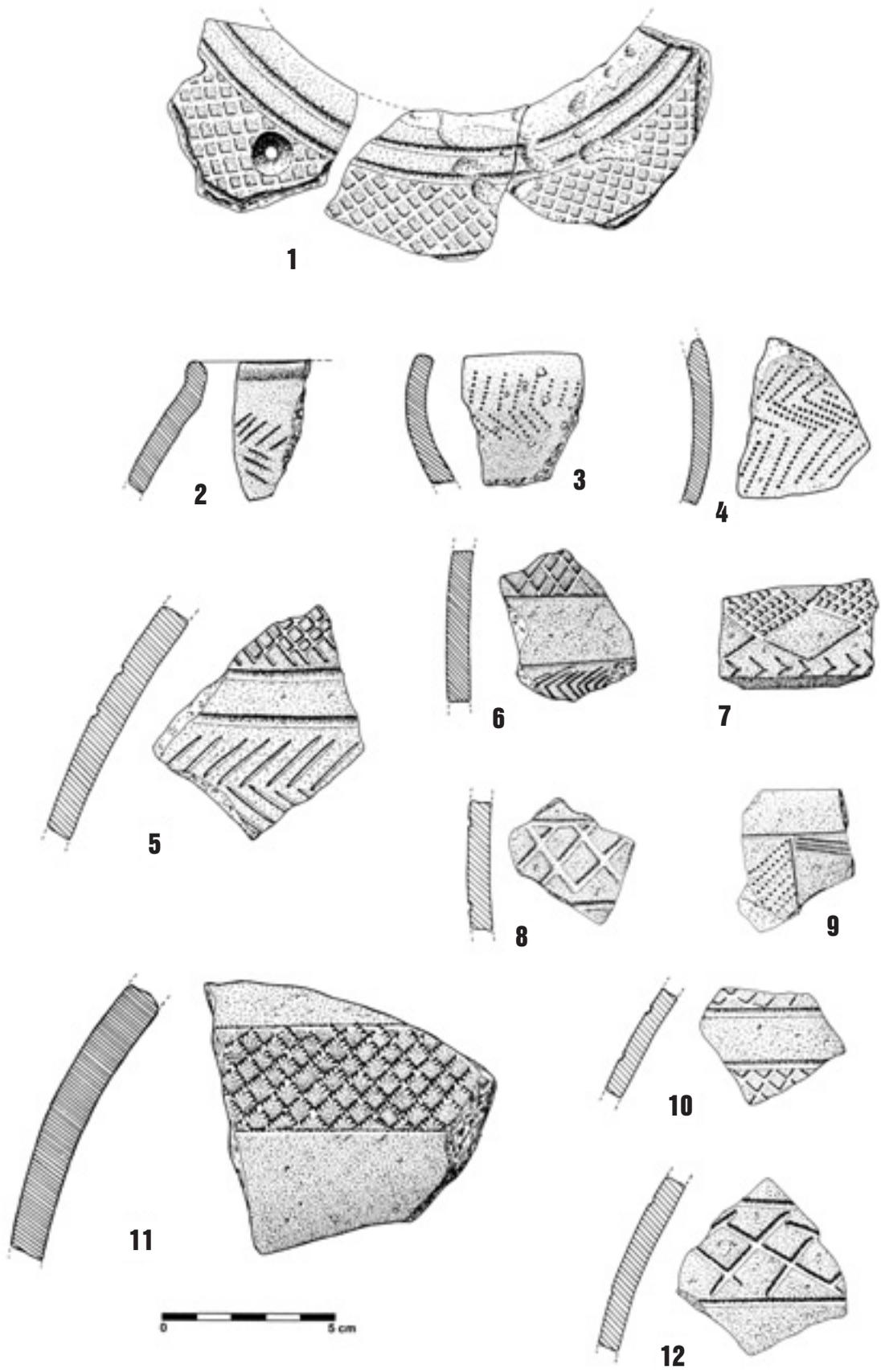


Fig. 50 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas decoradas.

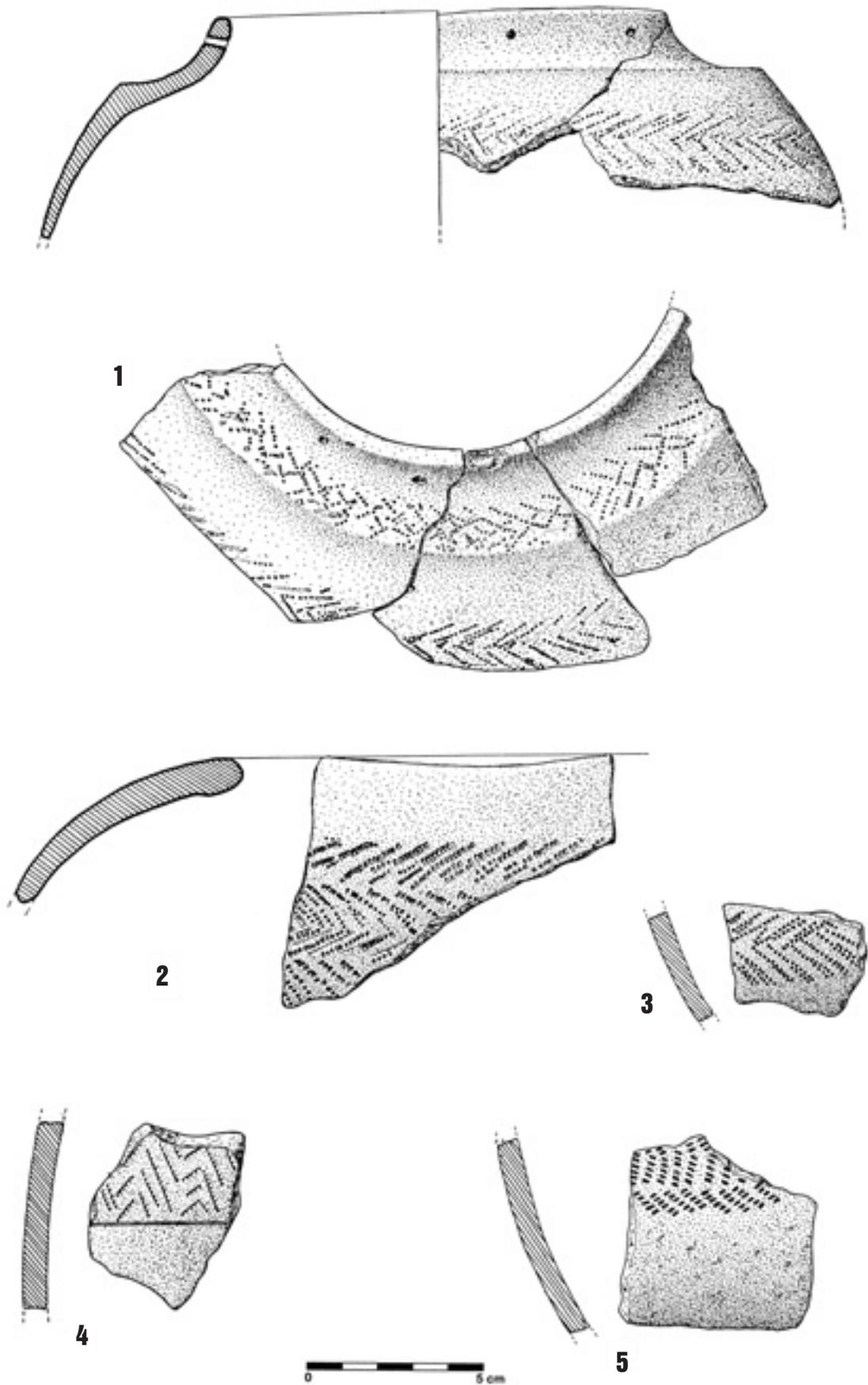


Fig. 51 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas decoradas.

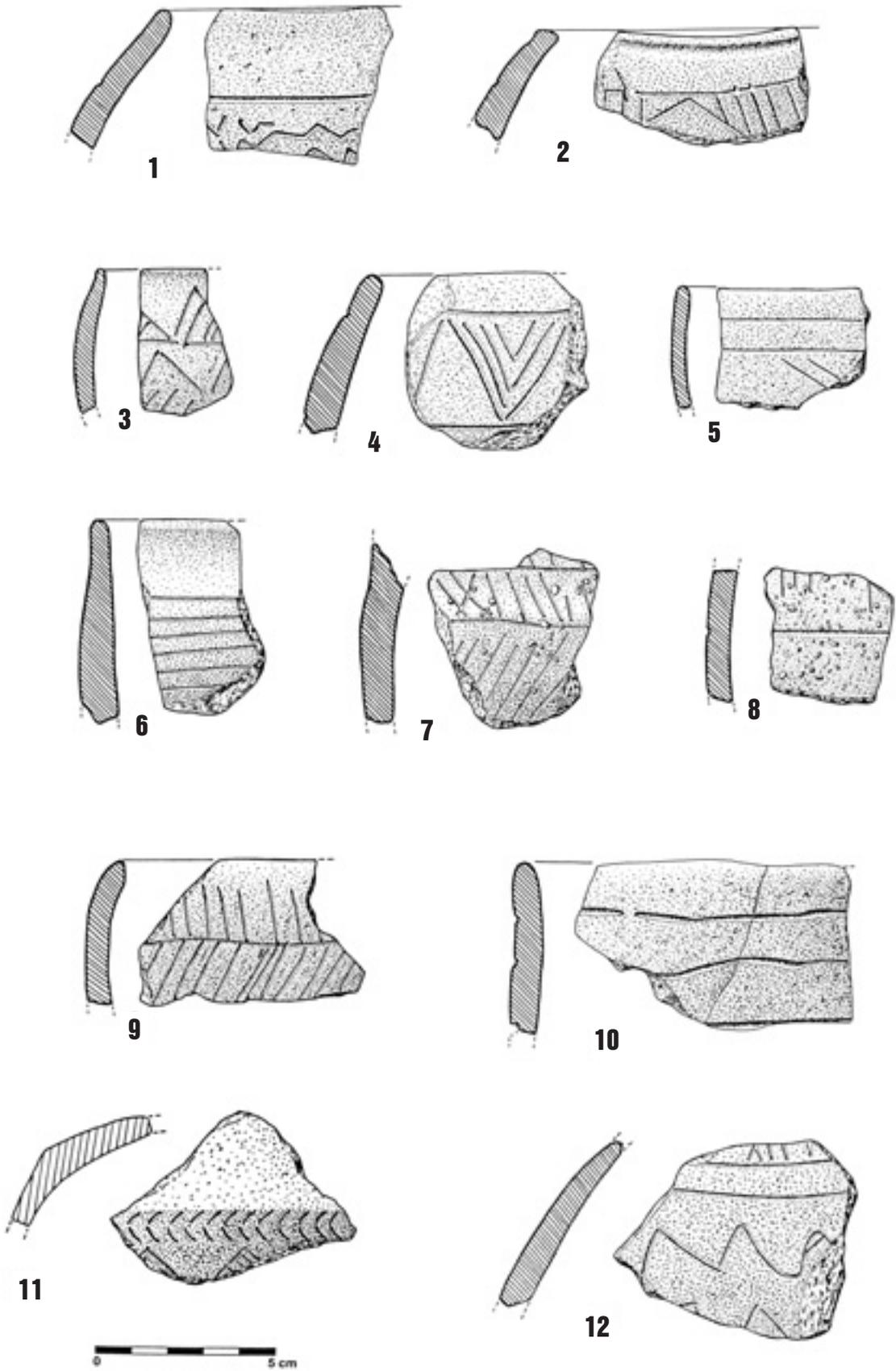


Fig. 52 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas decoradas.

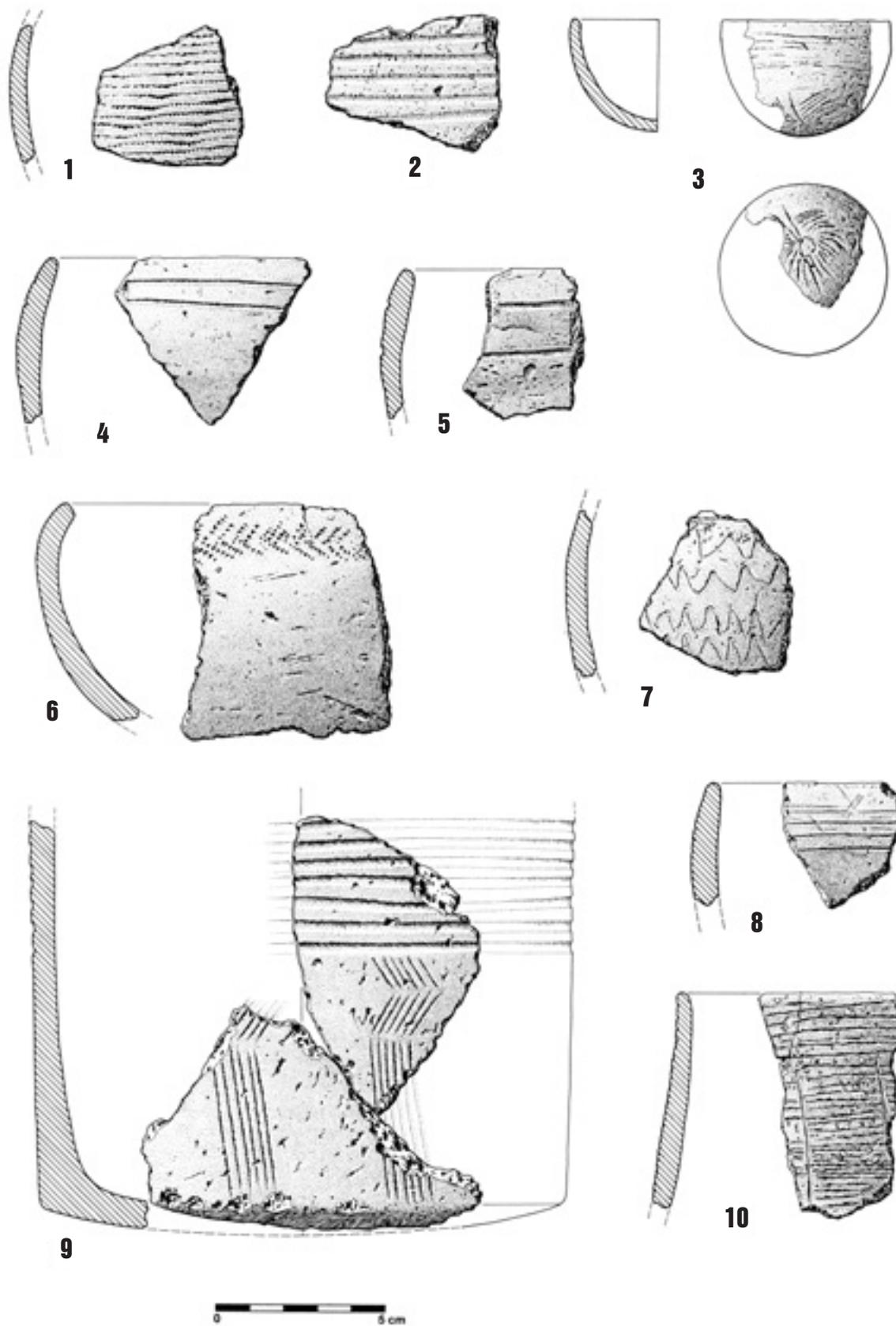


Fig. 53 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas decoradas.

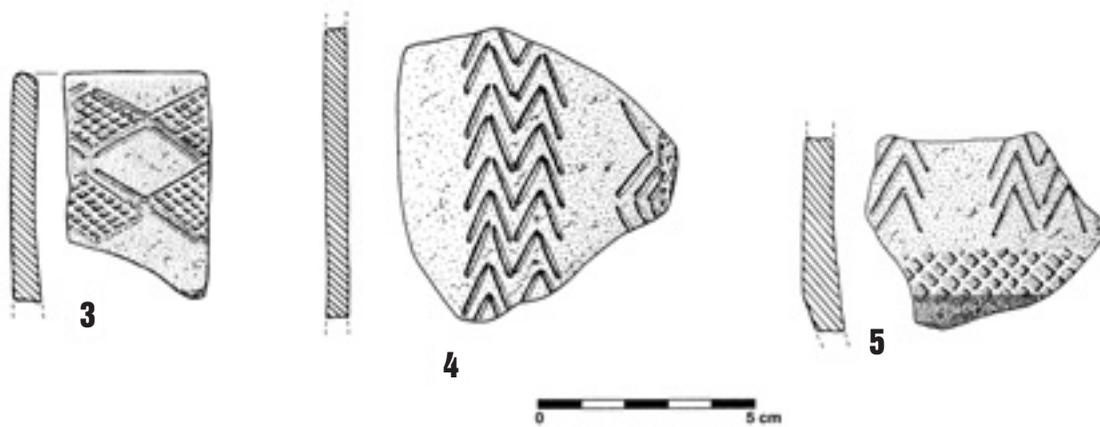
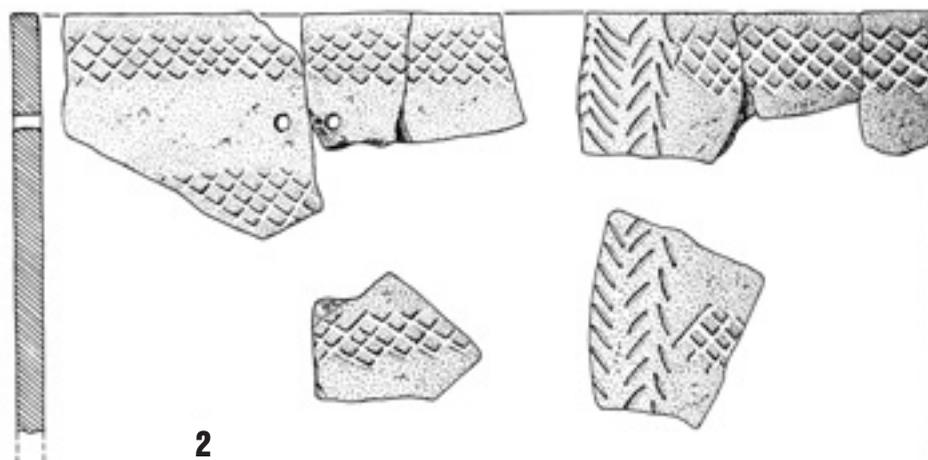


Fig. 54 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas decoradas.

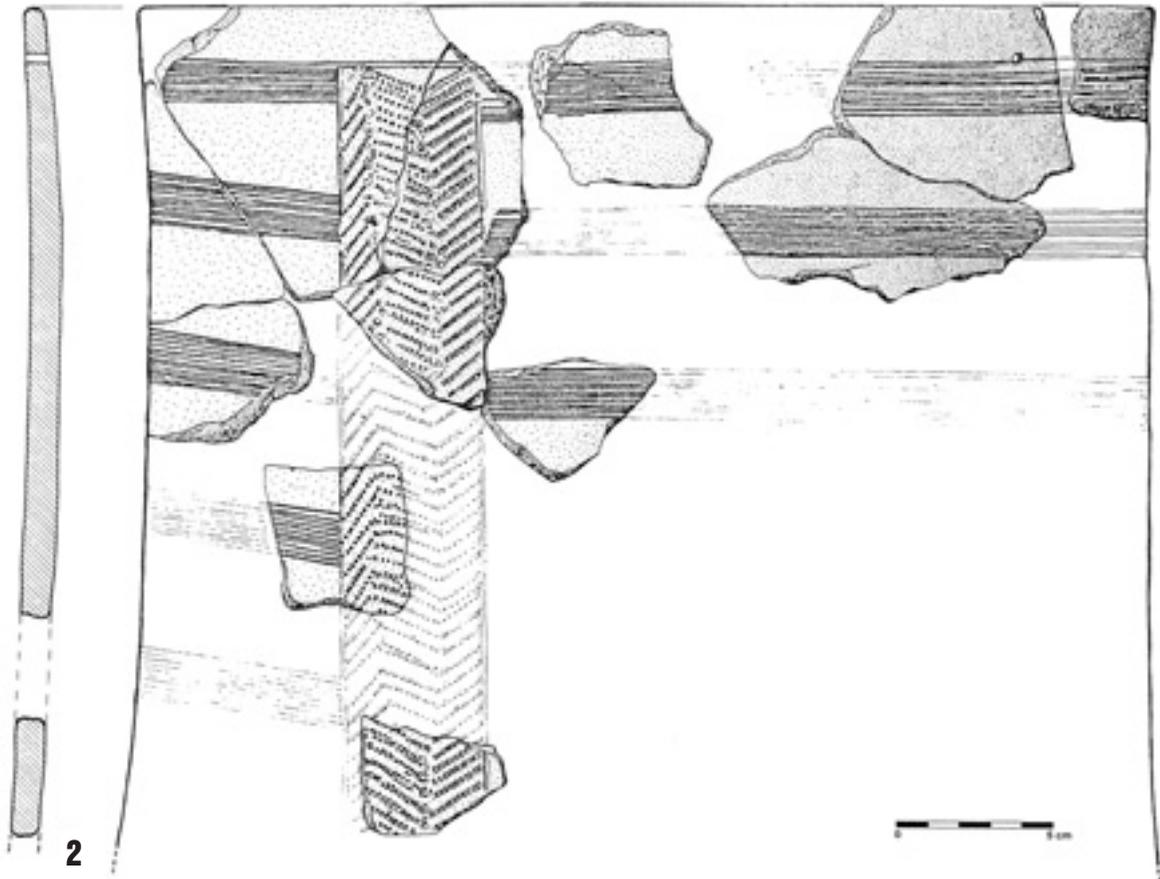
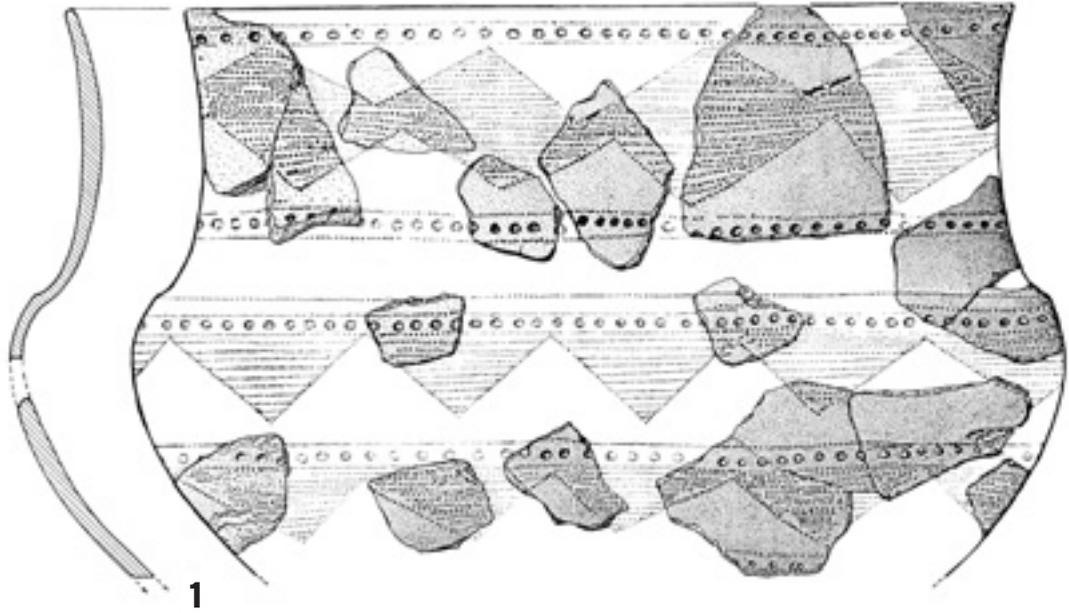


Fig. 55 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas decoradas (n.º 2, cf. GONÇALVES, 1991, fig. 6, n.º 1).

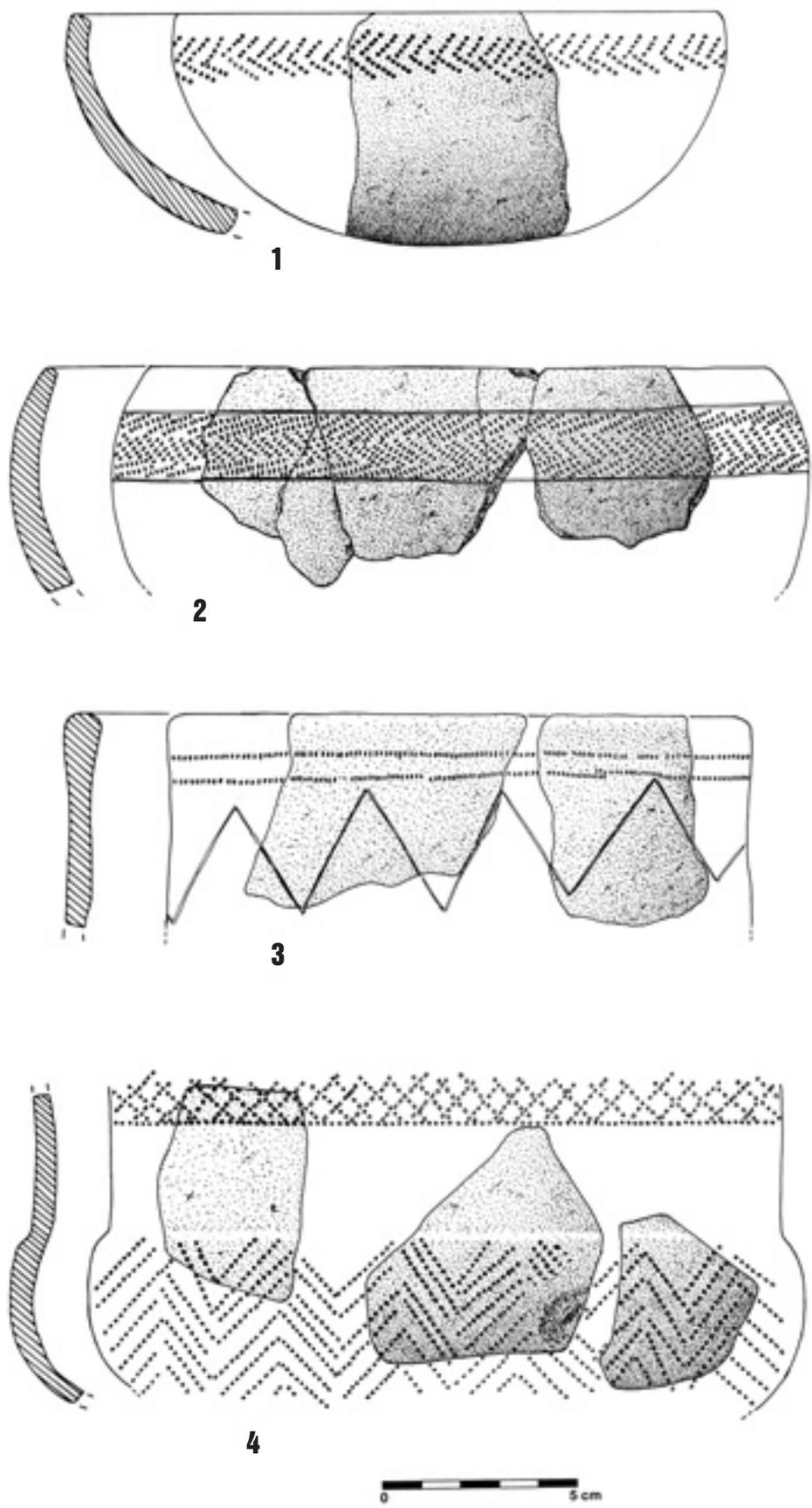


Fig. 56 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas decoradas.

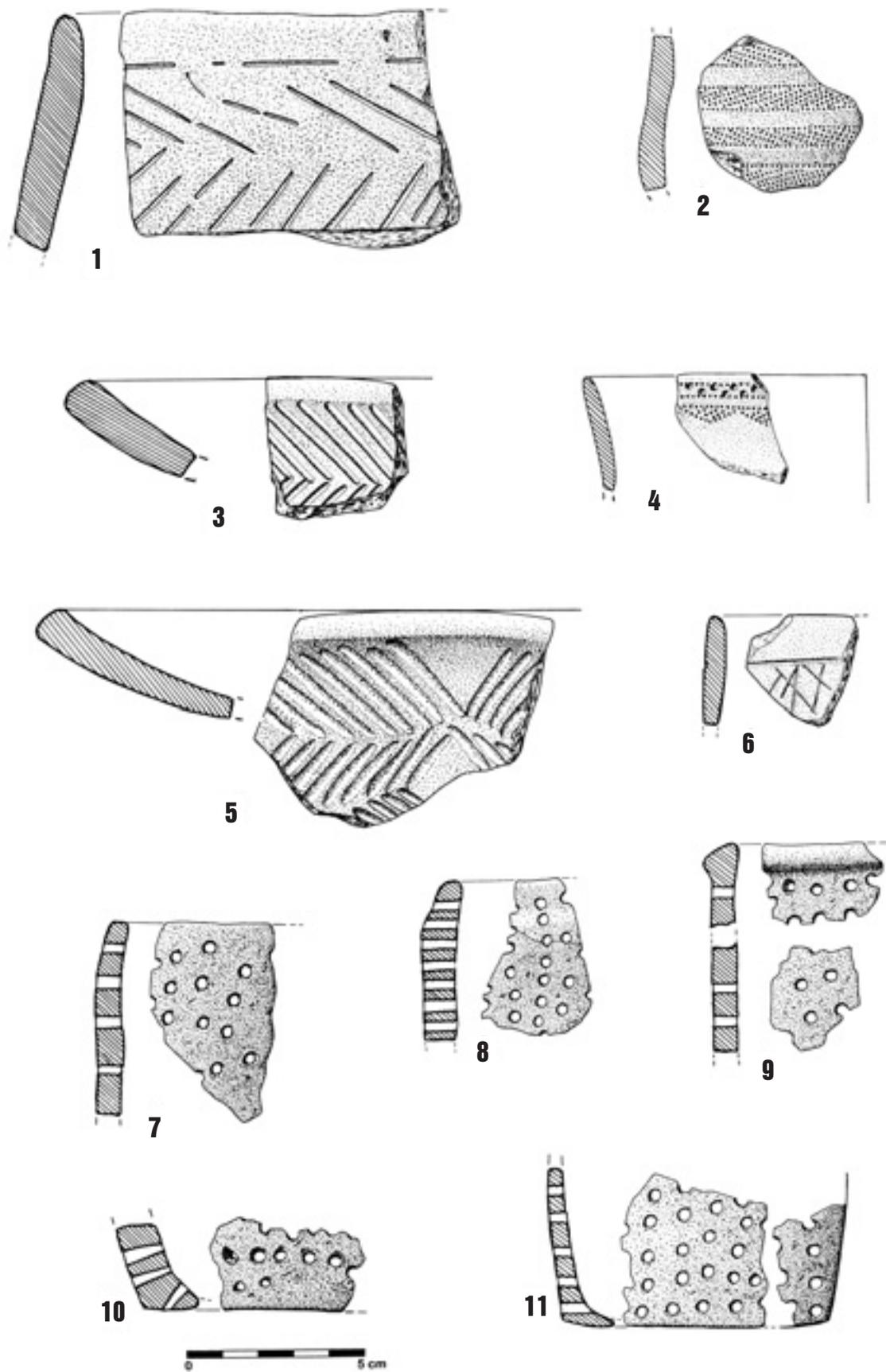


Fig. 57 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas decoradas e cerâmicas industriais.

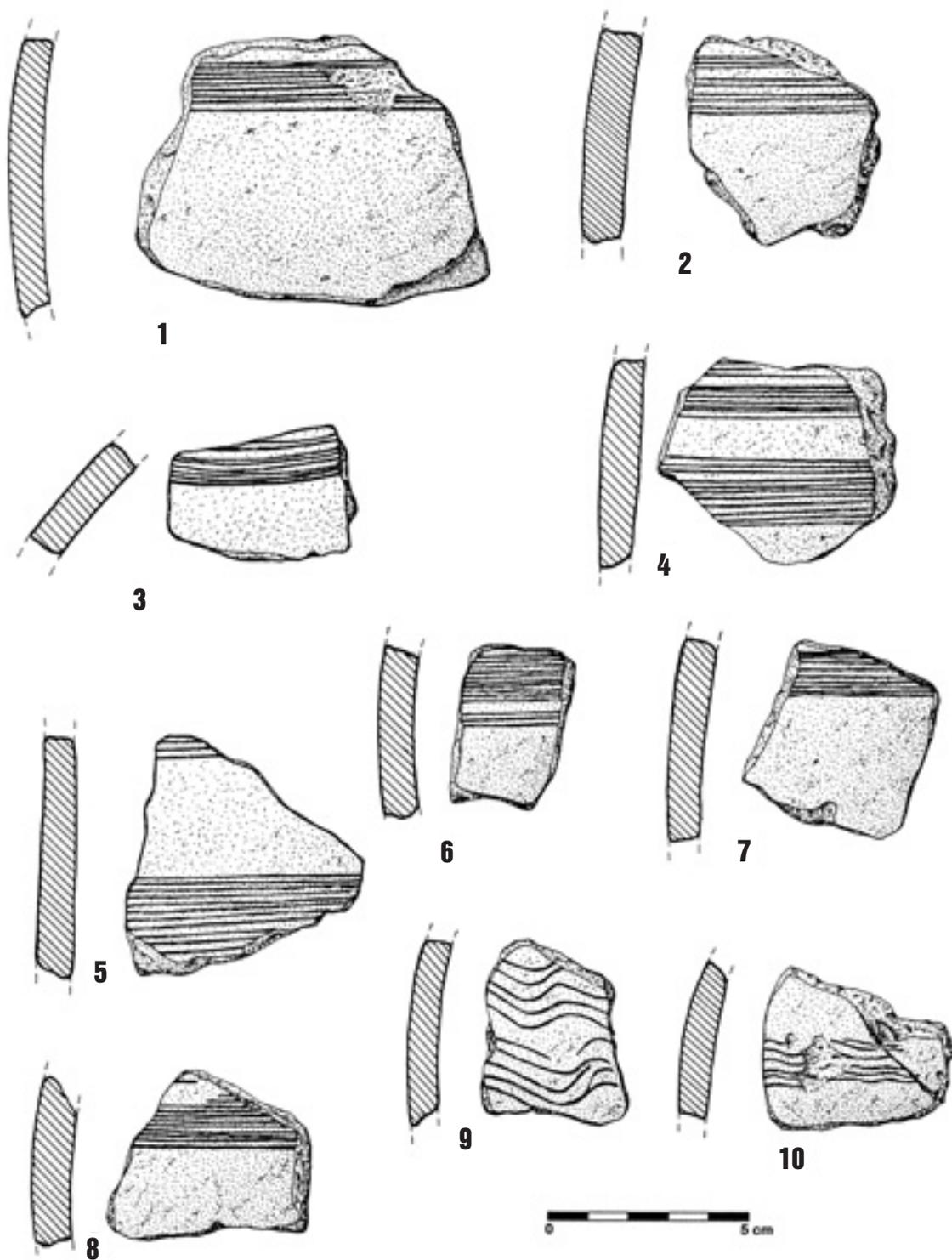


Fig. 58 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas decoradas.

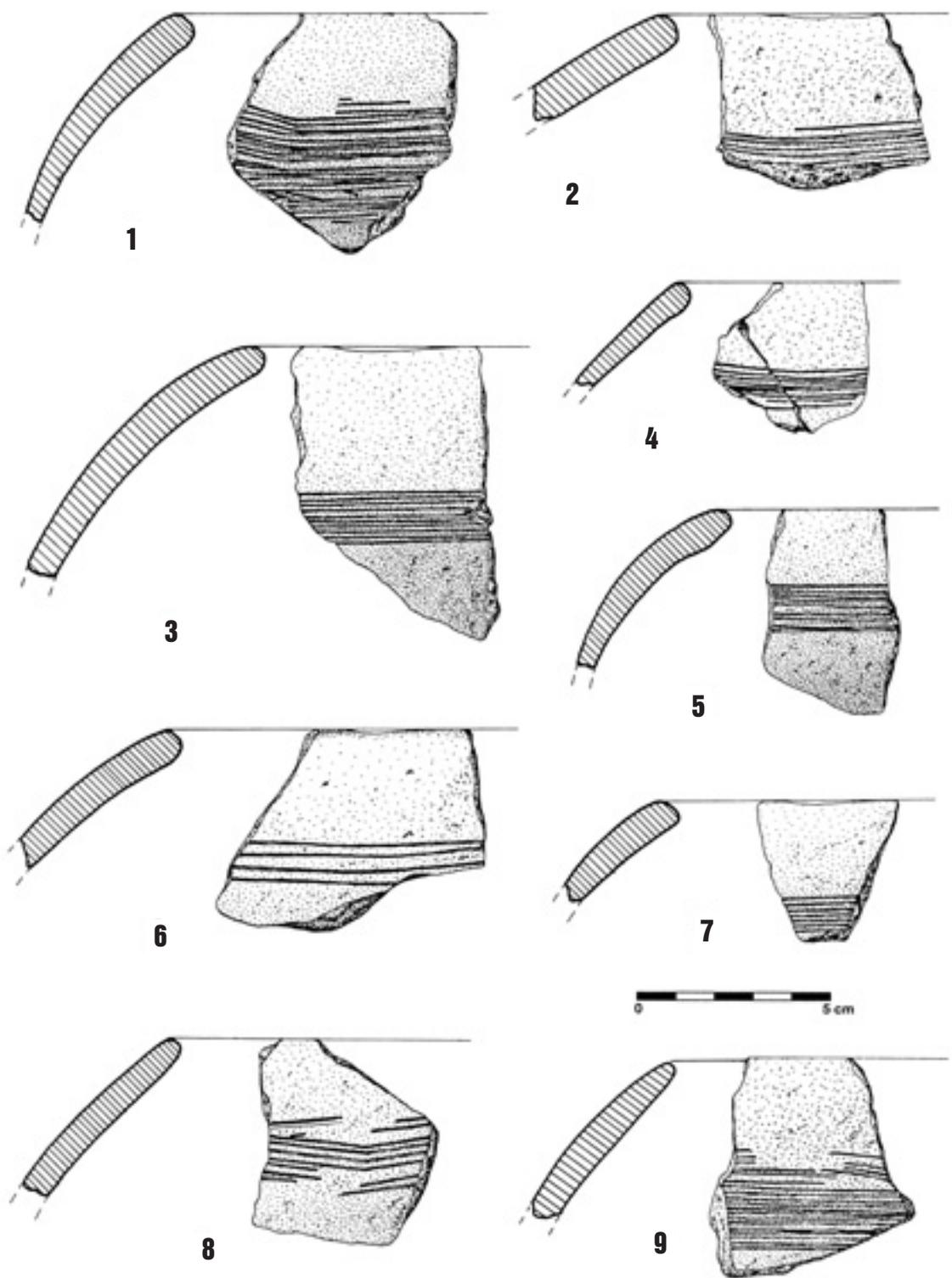


Fig. 59 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas decoradas.

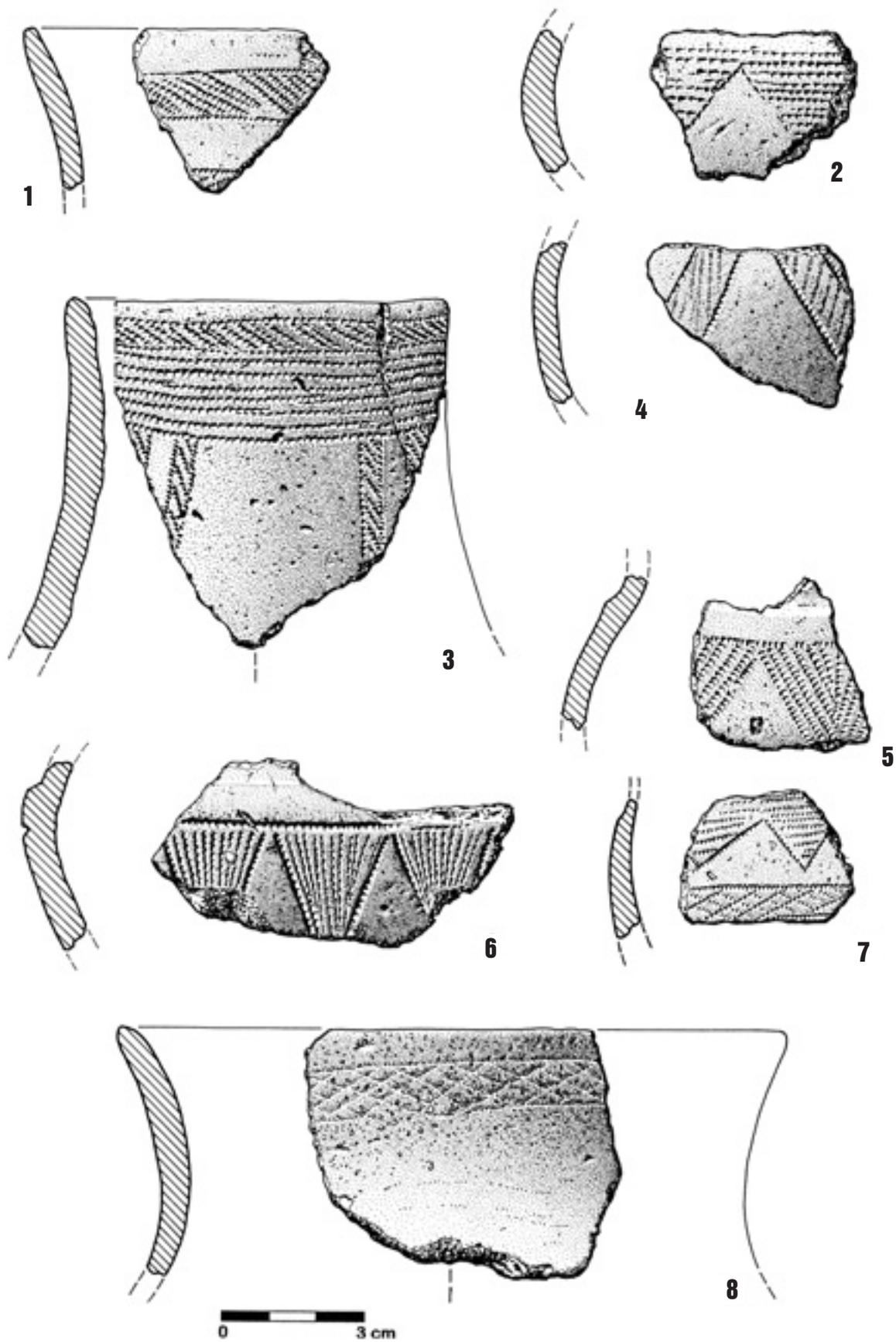


Fig. 60 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas decoradas.

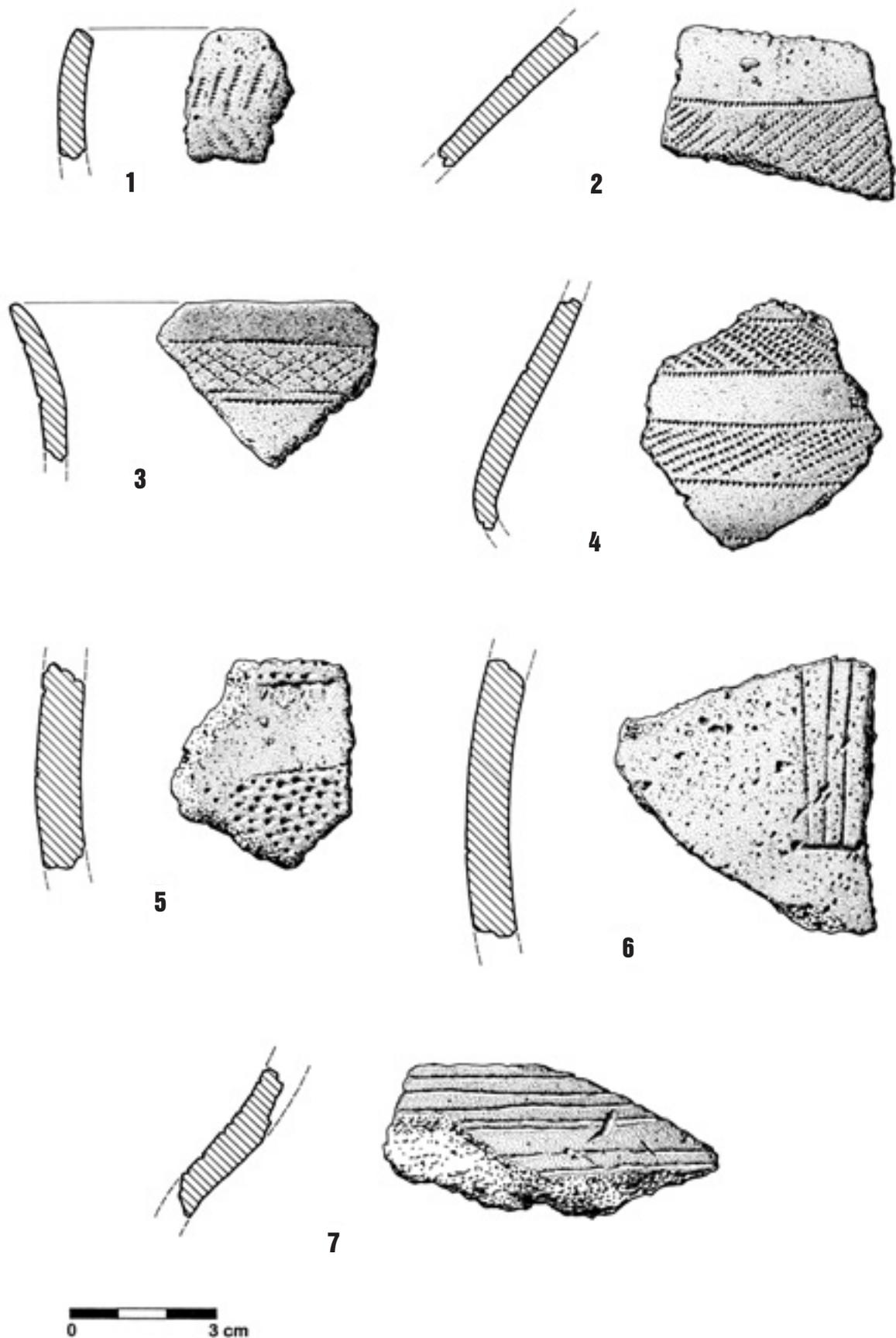


Fig. 61 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas decoradas.

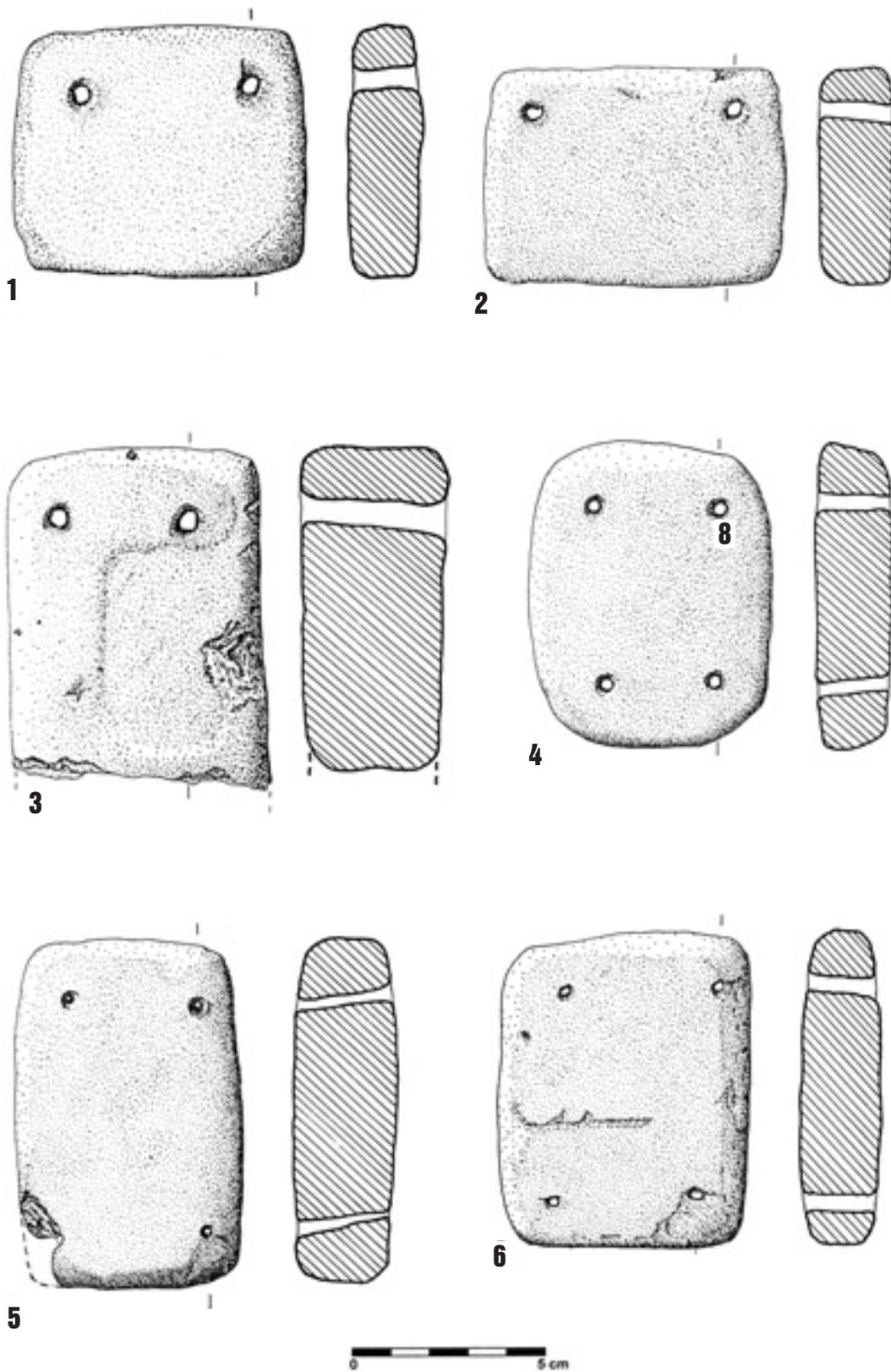


Fig. 62 – Outeiro de São Mamede: elementos de tear, de cerâmica.

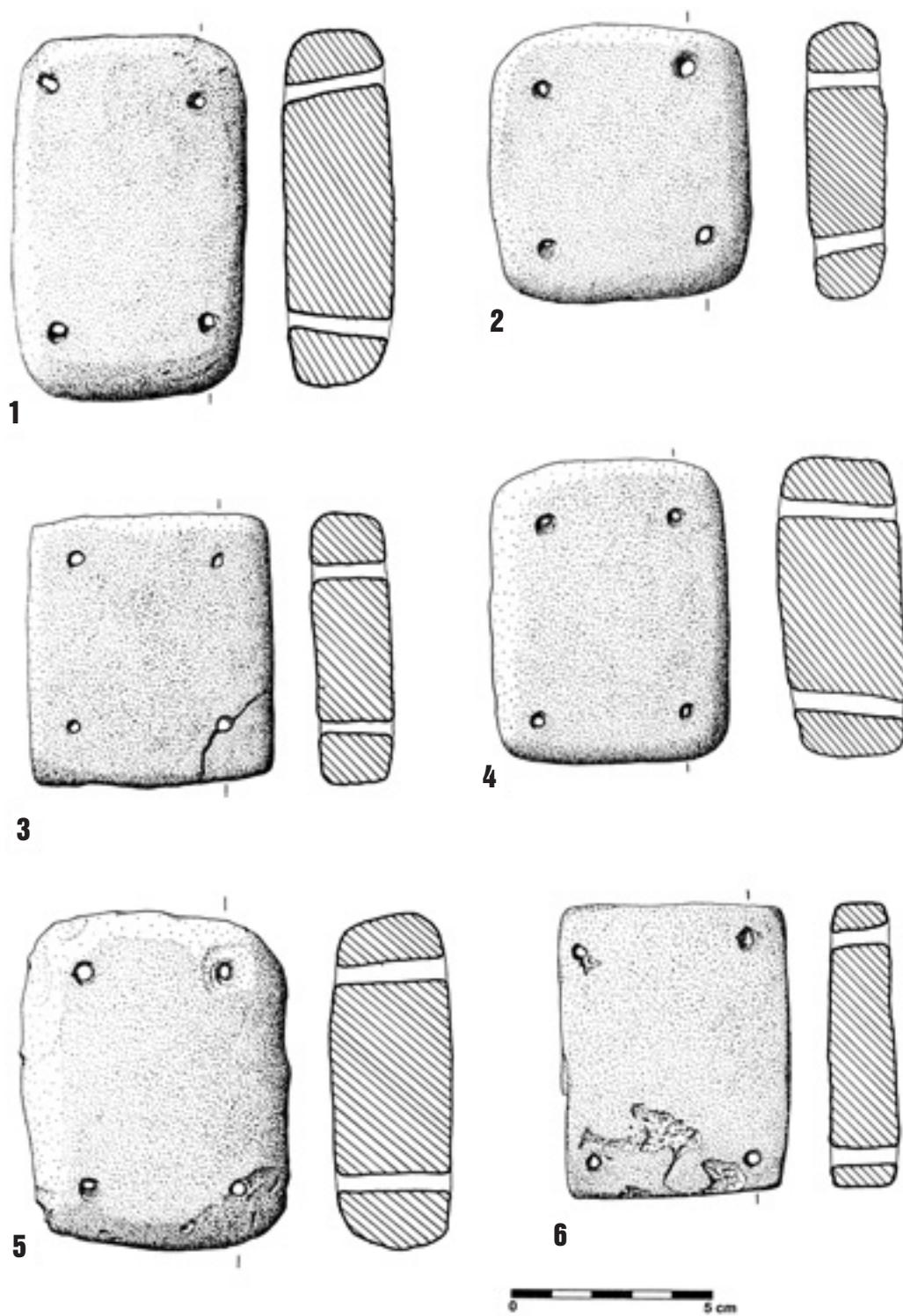


Fig. 63 – Outeiro de São Mamede: elementos de tear, de cerâmica.

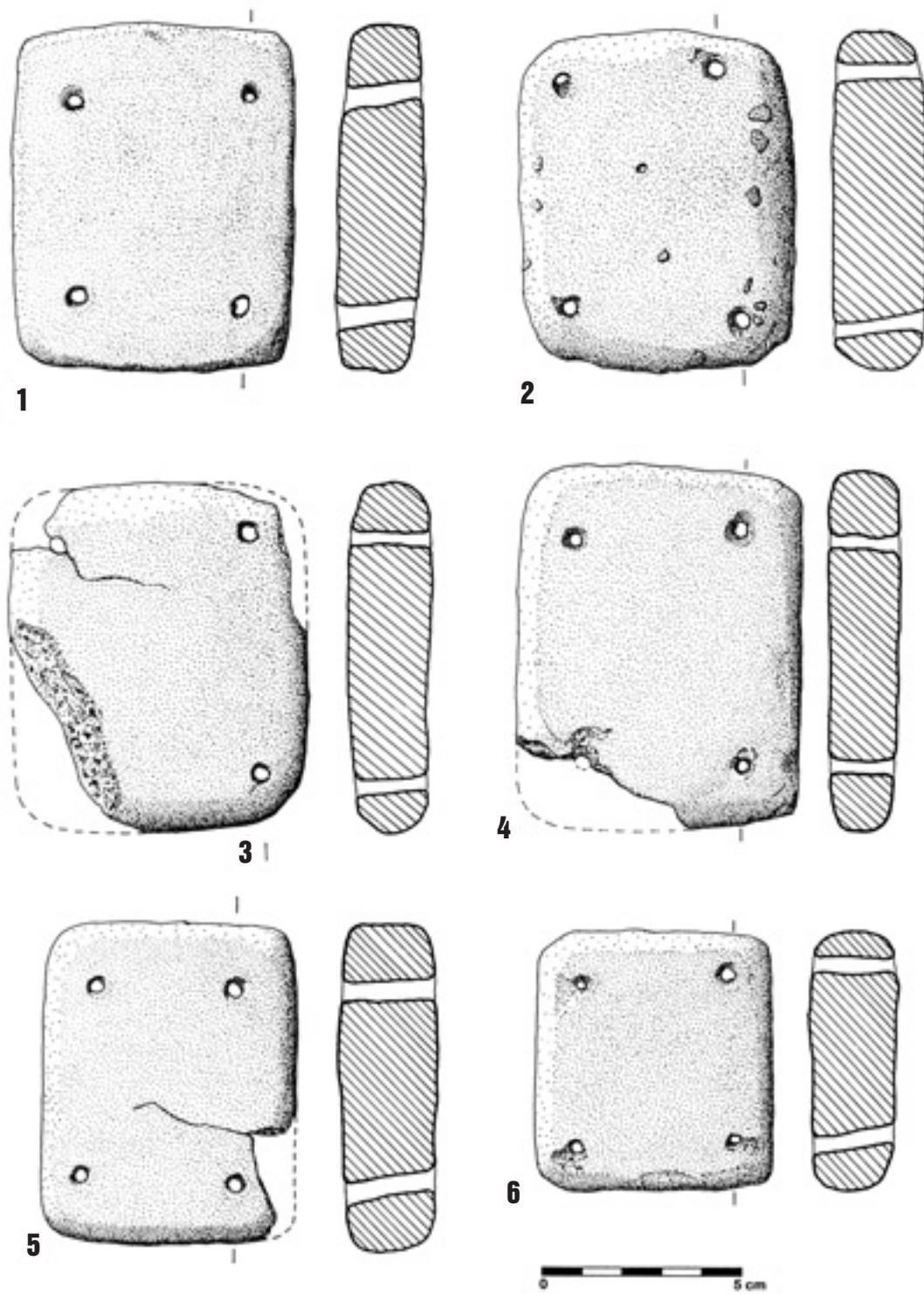


Fig. 64 – Outeiro de São Mamede: elementos de tear, de cerâmica.

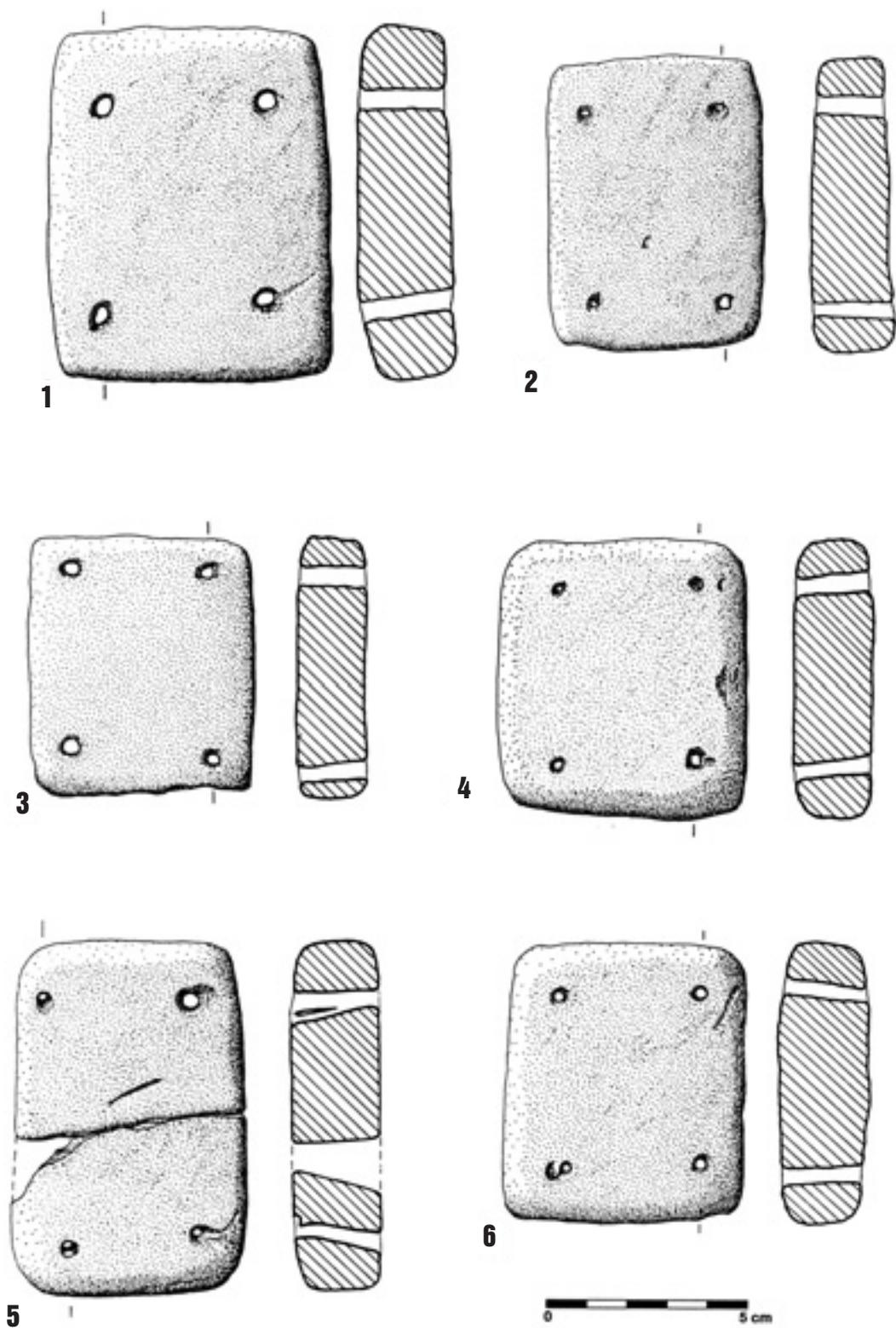


Fig. 65 – Outeiro de São Mamede: elementos de tear, de cerâmica.

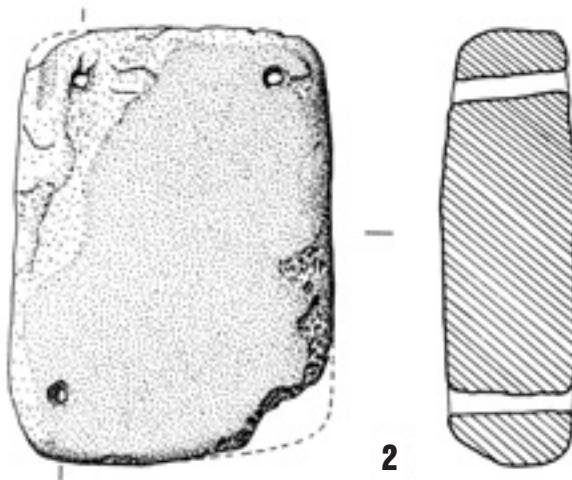
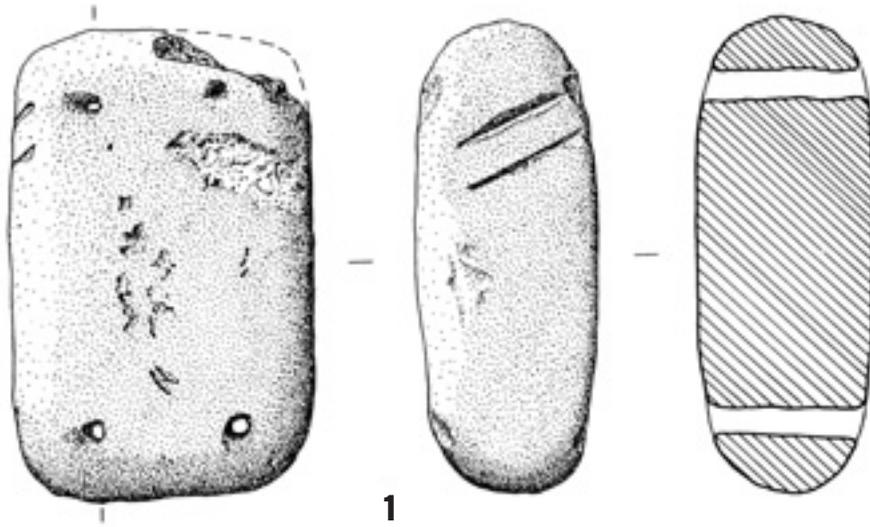


Fig. 66 – Outeiro de São Mamede: elementos de tear, de cerâmica.

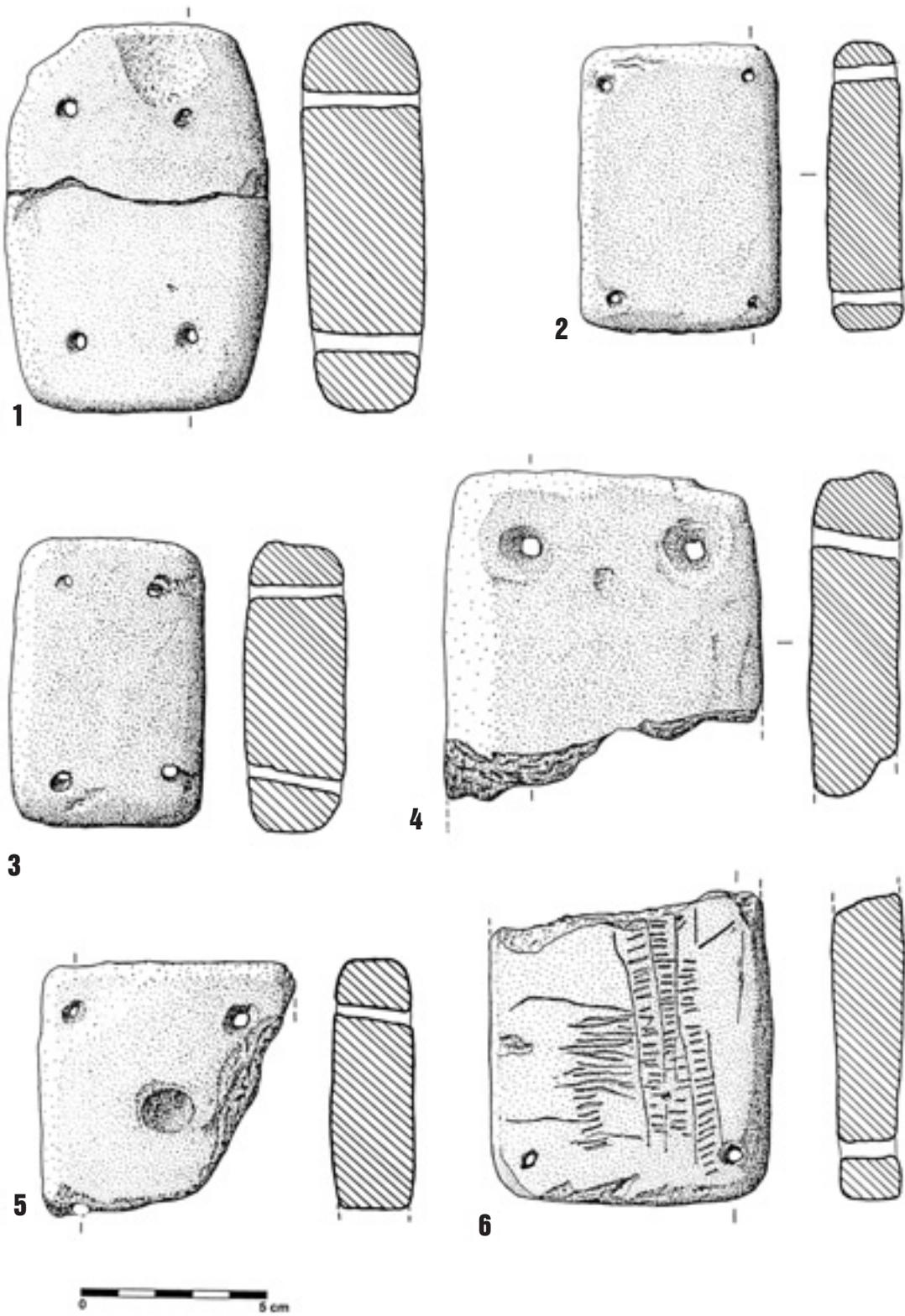


Fig. 67 – Outeiro de São Mamede: elementos de tear, de cerâmica.

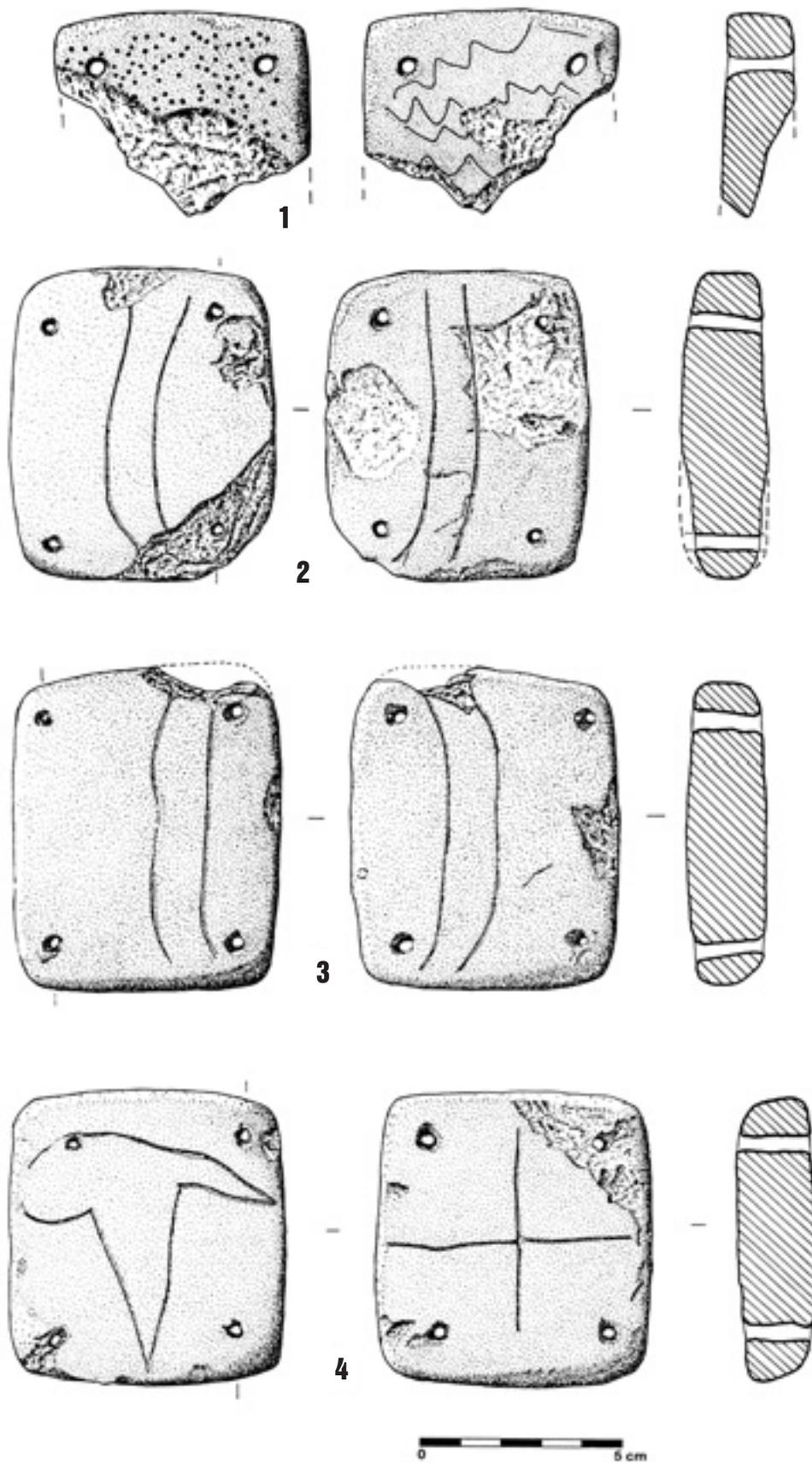


Fig. 68 – Outeiro de São Mamede: elementos de tear, de cerâmica. O n.º 4 ostenta numa das faces, representação estilizada de um machado ou enxó (cf. VASCONCELOS, 1992).

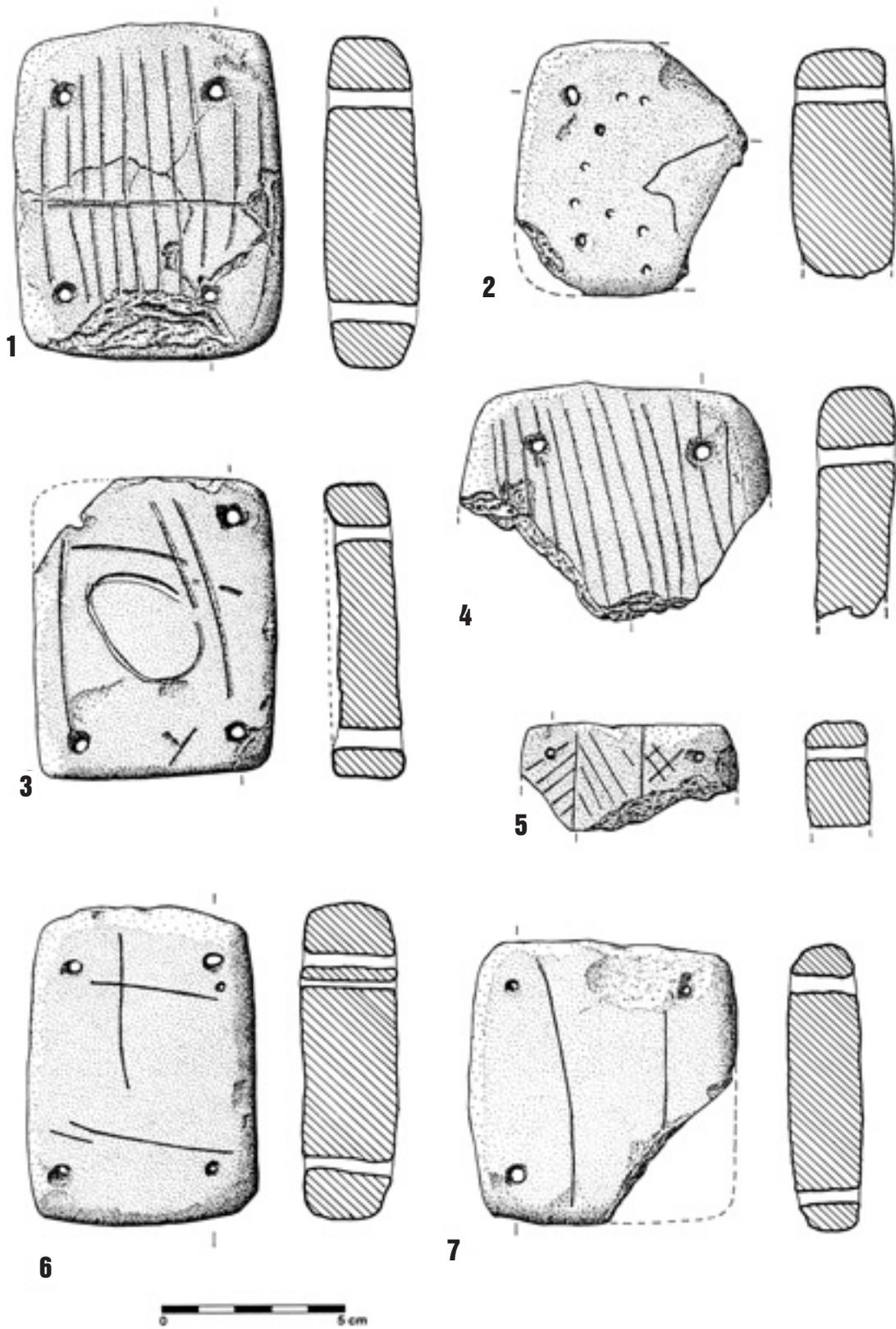


Fig. 69 – Outeiro de São Mamede: elementos de tear, de cerâmica.

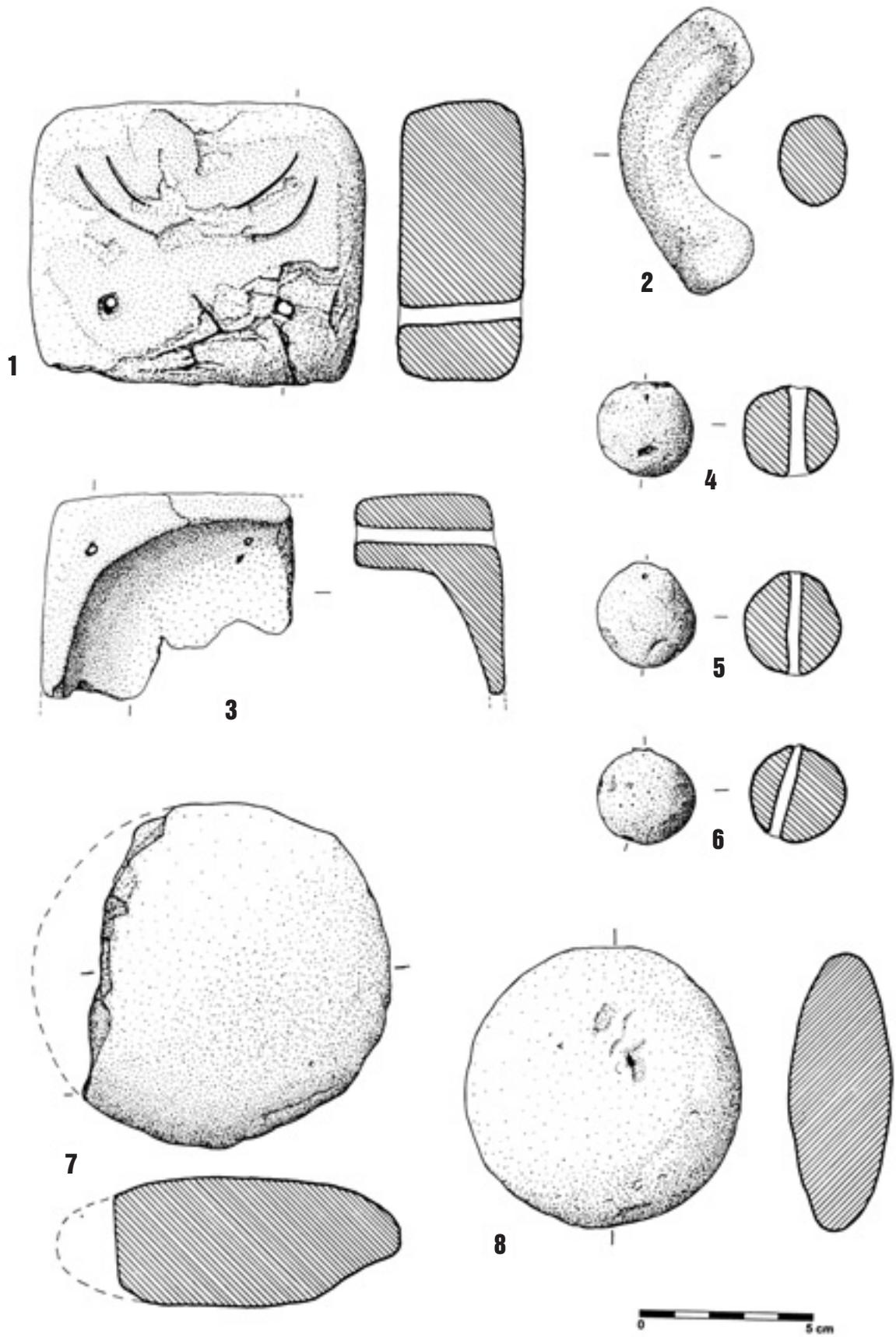


Fig. 70 – Outeiro de São Mamede: artefactos diversos de cerâmica.

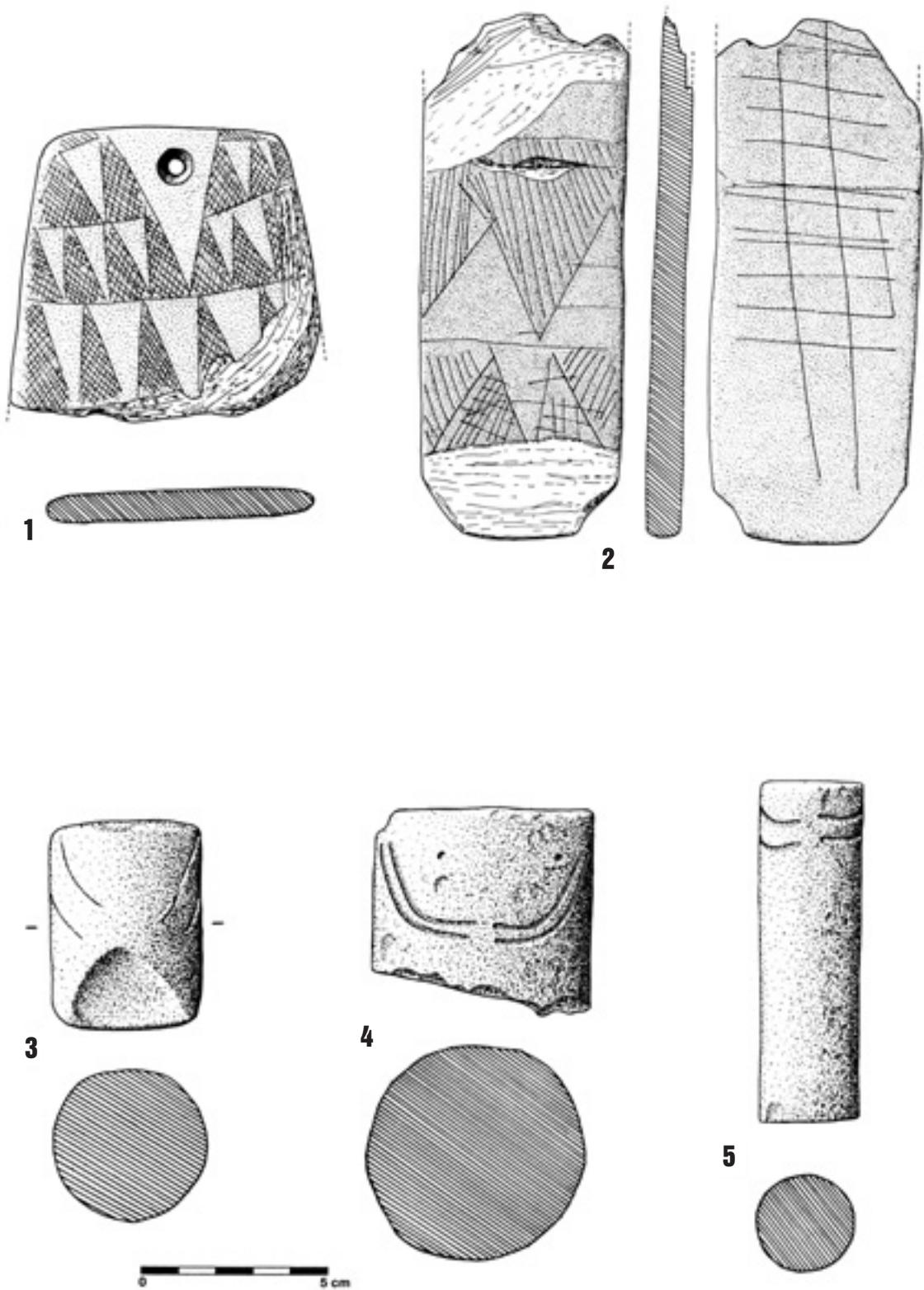


Fig. 71 – Outeiro de São Mamede: artefactos de carácter simbólico, de xisto (n.ºs 1 e 2) e calcário (n.ºs 3 a 5).

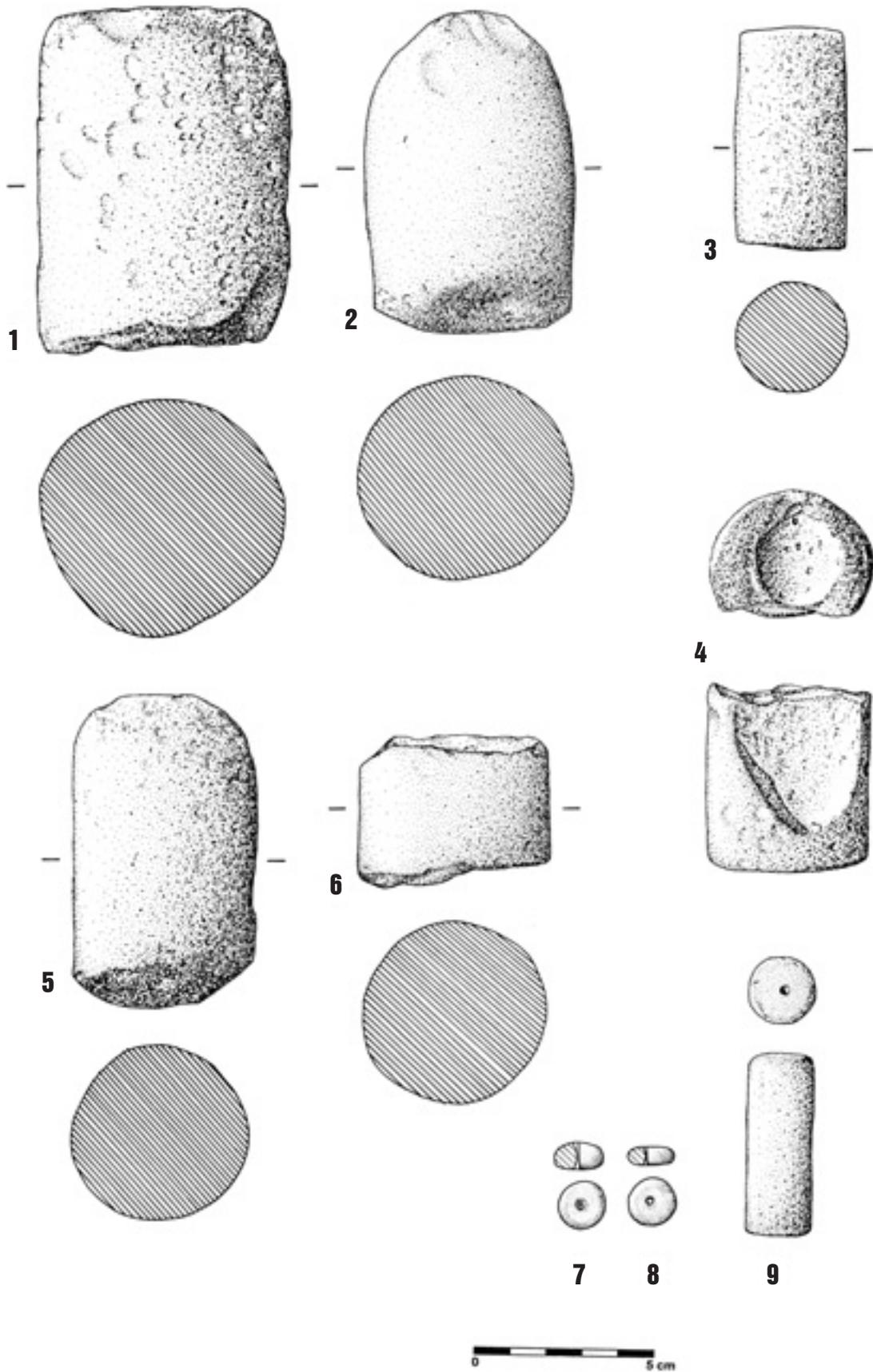


Fig. 72 - Outeiro de São Mamede: artefactos de carácter simbólico (o n.º 9 é o fósil de um caule de crimóide utilizado com escassa transformação) e de adorno (n.ºs 7 e 8).

A GRUTA DO CORREIO-MOR (LOURES)

João Luís Cardoso¹

Colaboração² de O. da Veiga Ferreira[†], G. Zbyszewski[†], M. Leitão, C. T. North, J. Norton & F. Berger

1 - ANTECEDENTES E TRABALHOS REALIZADOS

A gruta natural do Correio-Mor, cerca de 1 km a WNW de Loures e a aproximadamente 10 km a N de Lisboa (Fig. 1), foi identificada em 1974, no decurso de lavra de pedreira que, então, explorava os calcários duros subcristalinos do Cretácico (Cenomaniano superior) que ali se desenvolvem em extensas bancadas, facilmente exploradas (ZBYSZEWSKI, 1964). Desapareceu no decurso da escavação de emergência ali realizada.

O avanço da frente da pedreira, ao intersectar uma cavidade subterrânea de origem cársica até então desconhecida, pôs à vista depósito terroso, que a colmatava em grande parte, formando um talude na frente da exploração, onde desde logo foi recolhido algum espólio arqueológico (Figs. 2 e 13).

O bom estado de conservação dos materiais recolhidos, tanto pré-históricos como proto-históricos, indicava que a gruta teria servido como necrópole, justificando-se deste modo uma intervenção de emergência. Com efeito, as explosões haviam provocado o desmonte da parede oriental da gruta e seccionado longitudinalmente o depósito arqueológico que, contudo, se conservava parcialmente, protegido pela parede rochosa do lado oposto da cavidade.

Contactado pelo Arq. F. Berger, autor das primeiras recolhas, o Dr. J. Norton imediatamente alertou a

¹ *Agregado em Pré-História. Professor da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). Académico de Número da Academia Portuguesa da História.*

² *O Autor agradece a Manuel Leitão e a O. da Veiga Ferreira a cedência dos materiais para estudo, exumados nas escavações efectuadas com C. T. North e J. Norton, sob orientação de O. da Veiga Ferreira e G. Zbyszewski. Agradecimento análogo se endereça a Francisco Berger, ao ceder, para estudo, os primeiros materiais recolhidos, antes da realização das escavações, os quais permanecem em seu poder.*

equipa com a qual já vinha anteriormente trabalhando, constituída por G. Zbyszewski, O. da Veiga Ferreira, M. Leitão e C. T. North, tendo a subsequente intervenção de emergência sido realizada em sucessivos fins de semana.

No decurso de tais trabalhos, regularizou-se o corte longitudinal posto a descoberto pelas explosões, até ao chão primitivo da gruta; porém, novos desmontes feitos sem o conhecimento da equipa e na presença ou ausência desta, vieram a prejudicar irremediavelmente o adequado andamento dos trabalhos, que se limitaram à escavação de um retalho longitudinal do depósito arqueológico ainda conservado no sector mais próximo da presumível entrada, voltada a S, correspondente a apenas cerca de 10% do seu volume primitivo. Nas Figs. 2 a 9, observa-se a evolução dos trabalhos de campo realizados, desde a fase precoce dos mesmos, até à sua conclusão.

2 - FASES DE OCUPAÇÃO

O corte estratigráfico realizado e registado respeita à sequência sedimentar observada na parte média da cavidade original, aproveitando uma depressão e alargamento da mesma, ali existente. Foi assim possível identificar uma sequência cultural de larga diacronia, representada na base por indústrias mustierenses e na parte superior por materiais da Idade do Ferro e posteriores.

Os depósitos conservaram-se ao longo de uma extensão de cerca de 30 m de comprimento, com uma largura máxima de 3 m (Fig. 10). A estratigrafia descrita (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1987), com uma potência máxima de 1,70 m, não foi correlacionada com a sucessão cultural (FERREIRA & LEITÃO, s/d); esta, foi repartida em seis episódios principais (Figs. 11 e 12): Bronze; Campaniforme; “Importação”; Dolménico; Neolítico; e Mustierense. Salienta-se a ausência à referência a qualquer nível do Paleolítico Superior, embora tenha sido afirmado em outra publicação que “le niveau à industrie du Paléolithique supérieur (Solutréen et Solutréen supérieur ibérique) était bien marqué” (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1980/1981, p. 14).

Esta indefinição da estratigrafia e até as contradições entre as diversas publicações sobre a mesma, são em parte explicáveis pelo facto de a larga maioria dos materiais provir de recolhas nos taludes das terras desmontadas pelas explosões da pedreira. Neste caso, foram determinantes as respectivas características tipológicas para o estabelecimento da correspondente seriação cronológico-cultural, princípio que determinou a sua apresentação neste trabalho.

Houve, no entanto, excepções, designadamente na exploração dos depósitos que se conservaram protegidos pelas irregularidades da base rochosa da gruta, onde se recolheram peças ainda nas suas posições originais: está neste caso o notável conjunto calcolítico de ídolos de calcário, formando pequeno altar assente no chão primitivo (CARDOSO *et al.*, 1995). Entretanto, reconheceu-se a importância da presença humana no Neolítico Antigo, caracterizada por cerâmicas decoradas não cardiais. Estes elementos são conotáveis com uma grande acumulação de carvões e de cinzas, testemunho de uma fogueira de uso prolongado, datada pelo radiocarbono na segunda metade do VI milénio a.C. (CARDOSO, CARREIRA & FERREIRA, 1996). Este resultado foi, mais recentemente, confirmado pela datação

radiocarbónica de ossos humanos, com idade idêntica, indicando a existência naquela época do aproveitamento da gruta como necrópole.

A ocupação pré-histórica foi particularmente importante no final do Calcolítico, como se conclui da abundância e qualidade dos fragmentos campaniformes recolhidos, agora publicados e, mais tarde, ao longo da Idade do Bronze, avultando importante conjunto de cerâmicas de ornatos brunidos do Bronze Final, já publicados (CARDOSO, 1997/1998a), acompanhantes de numerosa e diversificada panóplia de cerâmicas lisas, que agora se apresentam. Enfim, importa salientar a presença de materiais da Idade do Ferro, com destaque para duas facas curvas, de ferro, inteiras, e cerâmicas de afinidades mediterrânicas (CARDOSO, 2000b).

2.1 - A ocupação do Paleolítico Superior

No registo do corte estratigráfico dos depósitos arqueológicos, seccionados longitudinalmente pela frente da pedra (FERREIRA & LEITÃO, s/d), não se encontra assinalado, como atrás se referiu, a existência de qualquer nível do Paleolítico Superior. No entanto, na mesma publicação (*op. cit.*, p. 84, n.º 3), reproduz-se uma ponta crenada solutrense, absolutamente característica, a qual, entre outros materiais, não deixava dúvidas quanto à realidade de uma presença humana daquela época na gruta. Importa referir que, em publicação ulterior (ZILHÃO, 1997, p. 840), se declarou que “a hipótese de ter havido uma ocupação solutrense na gruta do Correio-Mor não pode deixar de ser encarada com as necessárias reservas”, o que é sem dúvida contraditório face à descrição correcta que o autor apresenta do exemplar referido.

Outras referências à presença humana do Paleolítico Superior não se confirmaram ulteriormente: é o caso de um fragmento de mandíbula humana (ZBYSZEWSKI *et al.* 1980/1981). Trata-se de peça conservando diversos dentes cariados, conforme o estudo dela realizado pelos Professores M. Telles Antunes e A. Santinho Cunha, o que torna pouco provável tal hipótese (uma datação pelo radiocarbono foi inviabilizada pela ausência de colagéneo). Da mesma forma, o conjunto dos materiais líticos supostamente recolhidos na camada basal da gruta, mas na verdade oriundos, na sua maior parte, das terras desmontadas pelas explosões – e por isso classificados, na respectiva publicação, apenas segundo as suas características tipológicas e aspecto físico (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1987) – não inclui nenhum artefacto típico do Paleolítico Superior, tanto quanto se pode deduzir das respectivas descrições e ilustrações (de má qualidade). Tal situação pode, em parte, explicar as dúvidas de João Zilhão. Neste âmbito, importa, ainda, referir um fragmento de um dente decidual (D/3) esquerdo de rinoceronte, *Dicerorhinus hemitoechus* (Falconer, 1868), incompleto, já estudado (CARDOSO, 1993). Trata-se, com efeito, de espécie que se terá extinto no território português no início do Paleolítico Superior, indício de uma ocupação de cronologia anterior, compatível do Mustierense, aliás confirmada pela tipologia dos materiais líticos já publicados (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1987).

Dada a situação de indefinição que envolvia a presença de indústrias do Paleolítico Superior na

gruta do Correio-Mor, impunha-se a realização de um estudo de conjunto dos materiais já conhecidos, bem como daqueles que, no decurso da revisão sistemática do espólio arqueológico recuperado, vieram a ser identificados como tal. Tal publicação encontra-se em fase de conclusão, pelo que os respectivos materiais não serão agora objecto de análise.

2.2 - A ocupação do Neolítico Antigo

Em estudo anterior, publicou-se conjunto de materiais cerâmicos reportáveis ao Neolítico Antigo (CARDOSO, CARREIRA & FERREIRA, 1996). Tais materiais, dos quais se encontrava ausente qualquer exemplar com decoração pela técnica cardial, foram conotados com uma data de radiocarbono obtida para uma espessa acumulação de cinzas e carvões resultantes de prolongadas combustões efectuadas em área circunscrita do interior da gruta, a qual deu o seguinte resultado:

ICEN - 1099 – 6350 ± 60 BP, a qual, depois de calibrada fazendo uso da curva de Stuiver & Pearson (Radiocarbon, 35 (1), 1993, p. 1-23), deu intersecção em 5274 cal. a.C., correspondente aos seguintes intervalos, para 2 sigma:

5431-5393 cal. a.C.; 5388-5215 cal. a.C.; e 5158-5146 cal. a.C.

Todos os intervalos obtidos correspondem à segunda metade do VI milénio a.C., período a que foram, como se referiu, reportados os materiais cerâmicos então estudados.

Persistia, porém, por clarificar a natureza desta ocupação do Neolítico Antigo, que poderia ser de carácter doméstico – como sugeria a presença da lareira – ou funerário, à semelhança do verificado, na generalidade das grutas estremenhas com ocupação da mesma época. A confirmação desta possibilidade dependia, naturalmente, da obtenção de uma segunda datação radiocarbónica sobre alguns dos escassos restos ósseos humanos disponíveis e em muito mau estado de conservação, a qual, entretanto, foi efectuada, tal como a primeira, por iniciativa do signatário. Os resultados obtidos, recentemente publicados (CARDOSO, 2002), foram os seguintes, fazendo uso da mesma curva de calibração:

Sac - 1717 – 6330 ± 60 BP, correspondente à intersecção em 5266 cal. a.C. e aos seguintes intervalos de intersecção, também para 2 sigma:

5422-5401 cal. a.C.; 5381-5355 cal. a.C.; 5346-5208 cal. a.C.; 5157-5140 cal. a.C.; e 5094-5090 cal. a.C.

Os resultados obtidos, são, pois, totalmente compatíveis com os primeiros, podendo-se concluir que a gruta natural serviu de necrópole no decurso do Neolítico Antigo, explicando-se a grande acumulação de carvões e cinzas por fogueira ritual que, no decurso das cerimónias fúnebres era recorrentemente ateadada e mantida.

Aos materiais cerâmicos já publicados, juntam-se agora outros que, à data, ainda não tinham sido devidamente identificados; as suas características tipológicas, bem como as técnicas e temáticas decorativas são semelhantes às patenteadas naqueles (Fig. 34, n.º. 1 a 5). Dada a falta de indicações estratigráficas, o exemplar decorado por ungulações impressas na pasta fresca (Fig. 34, n.º. 2) pode ser já calcolítico, visto ser motivo igualmente presente nas cerâmicas ditas de “acompanhamento” de conjuntos

campaniformes, como se verificou no povoado calcolítico da Penha Verde, Sintra (CARDOSO, CARREIRA & FERREIRA, 1993) e, na Beira Alta, no sítio da Fraga da Pena, Fornos de Algodres (VALERA, 2000), entre outros sítios da mesma época.

Dois outros recipientes decorados igualmente inéditos inscrevem-se, também, no conjunto do Neolítico Antigo: trata-se de dois vasos de carena alta muito suave, evidenciada apenas por ligeira inflexão da parede, decorados entre o bordo e a referida inflexão por linhas tenuamente incisas (Fig. 35, n.º 1, 2). Exemplares análogos de outras grutas estremenhas – que anteriormente foram incluídos, erradamente, na Idade do Bronze (GOMES, *in* SILVA & GOMES, 1992) – são, na verdade, muito mais antigos, sendo idênticos a materiais que recentemente se têm vindo a identificar tanto na Beira Alta, como na Beira Transmontana e em Trás-os-Montes, em contextos do Neolítico Antigo (VALERA, 1998; SANCHES, 1996). Na Estremadura, cerâmicas decoradas análogas ou estreitamente afins, têm sido recentemente reconhecidas em diversas grutas naturais sepulcrais, como a Senhora da Luz, Rio Maior (CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996) e, sobretudo a Casa da Moura, Óbidos (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002). A ocorrência mais próxima de tais cerâmicas do Neolítico Antigo foi detectada, mas ainda não devidamente valorizada, nas grutas do Poço Velho, Cascais (PAÇO, 1941, Est. 29, b).

A sua presença pode ser o indício, no decurso do Neolítico Antigo, de influências setentrionais, que se prolongariam até ao sul da Estremadura, as quais, doravante se deverão compaginar com a admitida filiação essencialmente litoral e meridional do Neolítico Antigo regional.

É provável, ainda, que algumas das cerâmicas lisas, designadamente taças em calote e vasos esféricos, possam ainda remontar ao Neolítico Antigo, à semelhança de alguns artefactos de pedra polida, e, sobretudo, de materiais de pedra lascada, como lâminas e lamelas desprovidas de retoques, bem como alguns geométricos; no entanto, a raridade dos materiais cerâmicos reportáveis a esta fase cultural remete, na generalidade, tais indústrias líticas (tanto polidas como lascadas) para fases culturais ulteriores, melhor documentadas na cavidade.

Os objectos de adorno atribuíveis ao Neolítico Antigo, encontram-se representados apenas por um exemplar perfurado de *Theodoxus fluviatilis*, em mau estado de conservação (Fig. 32, n.º 6). Conchas deste gastrópode fluvial são conhecidas desde o Paleolítico Superior, ocorrendo no Solutrense da gruta do Caldeirão, Tomar (ZILHÃO, 1989, Fig. 2, n.º 3); até então, era desconhecida em época tão recuada (FERREIRA & ROCHE, 1980). Conhecida também nos inícios dos tempos pós-glaciários, no litoral atlântico, como se verifica pela sua ocorrência no concheiro de Toledo, Lourinhã (ARAÚJO, 1998), torna-se particularmente abundante nos concheiros de Muge; na Moita do Sebastião, recolheram-se centenas destas pequenas conchas perfuradas (CARDOSO, 2002, Fig. 83). No Neolítico Antigo, foram registadas, de novo, na gruta do Caldeirão, Tomar, somando 124 exemplares perfurados nos dois horizontes neolíticos identificados; porém, ao horizonte mais recente correspondem apenas 12 (ZILHÃO, 1992), sugerindo uma diminuição da sua utilização como elementos de adorno. Tal realidade acentua-se para épocas ulteriores; no entanto, existem excepções, como é o caso do conjunto de 23 contas perfuradas deste gastrópode recolhidas na sepultura 1 da necrópole do Neolítico Final da Lapa do Bugio, Sesimbra

(CARDOSO, 1992, Est. 1). deste modo, com as necessárias reservas, é lícito admitir que a concha perfurada deste gastrópode encontrada na gruta do Correio-Mor se inclua no Neolítico Antigo.

2.3 - A ocupação do Neolítico Final e do Calcolítico não-campaniforme

Pertencem a esta etapa cronológico-cultural, as seguintes categorias de objectos:

2.3.1 - Materiais de pedra polida

Comparativamente à abundância dos materiais de pedra lascada, e, por maioria de razão, do espólio cerâmico, as peças de pedra polida provenientes da gruta do Correio-Mor são singularmente escassas, ainda que de tipologia e funcionalidade variadas.

2.3.1.1 - Machados

Apenas dois machados se recolheram nas escavações, ambos de pequenas dimensões, de rochas alteradas superficialmente, um de secção elipsoidal (Fig. 19, n.º. 4) e outro de secção achatada e irregular (Fig. 19, n.º. 2). A estes, somam-se mais dois exemplares, também de secção elipsoidal e com polimento deficiente, mais evidente no gume (Fig. 20, n.º. 11 e 12), um deles incompleto, pertencentes à colecção de F. Berger, todos de anfiboloxistos. Do ponto de vista tipológico, são compatíveis com o Neolítico Final, sobretudo pelo tamanho e regularidade que evidenciam, distinguindo-se, por tal motivo, dos seus homólogos estremenhos do Neolítico Antigo, em geral mais pequenos e irregulares. Diferenciam-se, por outro lado, do tipo dominante no Calcolítico da Estremadura, em geral com polimento mais extenso e de secção transversal sub-rectangular.

2.3.1.2 - Enxós

Identificou-se somente uma enxó (Fig. 19, n.º. 1), feita de rocha fina, acinzentada, totalmente polida e de secção lenticular. A assimetria do perfil longitudinal do gume é evidente, o qual, ao contrário de alguns dos machados, se apresenta intacto. Esta peça tem características similares às numerosas enxós exumadas em contextos funerários da mesma época da Estremadura, em grutas naturais, como a Lapa do Bugio, Sesimbra (CARDOSO, 1992), as grutas do Poço Velho, Cascais (PAÇO, 1941) e a gruta da Casa da Moura, Óbidos (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002), para só referir dois estudos onde tais peças ocorreram de forma abundante.

2.3.1.3 - Escopros

De acordo com critério definido em anterior publicação, dedicada ao estudo de conjunto da indústria de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia, Oeiras (CARDOSO, 1999/2000), os escopros são artefactos de pedra polida de corpo longilíneo, de dimensões geralmente modestas, cujo gume terminal é obtido por bisel simétrico; assim sendo, enquadra-se nesta categoria um artefacto de anfibloxisto, de corpo sub-triangular alongado, totalmente polido, o qual seria encabado longitudinalmente (Fig. 20, n.º 13).

2.3.1.4 - Formões

Um exemplar, de rocha negra, fina e compacta, totalmente polido, de corpo longilíneo, de secção transversal lenticular e gume fortemente convexo e de perfil dissimétrico, enquadra-se nesta categoria de artefactos (Fig. 19, n.º 3).

2.3.1.5 - Martelos transversais

Trata-se de uma categoria de artefactos polidos definida pelo autor, no concernente ao território português (CARDOSO, 1989) e reafirmada ulteriormente, em sucessivos trabalhos (CARDOSO, 1994; CARDOSO, 1999/2000). Corresponde a peças de secção longitudinal algo assimétrica (que sugere um encabamento à maneira das enxós, funcionando assim a parte distal em posição transversal), em que o gume foi substituído por uma superfície polida e convexa; está fora de causa, na maioria dos exemplares, a hipótese de se tratar de reaproveitamentos, dada a estreita largura da referida superfície polida; noutros casos, como o do exemplar recolhido na gruta do Correio-Mor, tal hipótese pode colocar-se, pela razão contrária (Fig. 19, n.º 5).

2.3.2 - Materiais de pedra lascada

A riqueza da Baixa Estremadura em sílex, presente nos calcários onde a própria gruta do Correio-Mor se abre, explica a abundância de artefactos em tal rocha, encontrados na cavidade sepulcral, como oferendas fúnebres.

2.3.2.1 - Geométricos

Trata-se de grupo pouco significativo, como é usual no Neolítico Final, época em que o seu uso declinava. Apesar de representado por apenas três exemplares, todos eles representam formas diversas, sublinhando diversidade que não poderia ser maior: com efeito, trata-se de um trapézio muito alongado (Fig. 22, n.º 1); de um crescente, ou segmento de círculo (Fig. 22, n.º 2); e de um triângulo (Fig. 25, n.º 3).

Ainda dentro da categoria das indústrias microlíticas, pode considerar-se uma lasca de contorno sub-triangular, com uma ponta finamente retocada numa das extremidades, transformada deste modo em furador (Fig. 21, nº. 9).

2.3.2.2 - Lâminas e lamelas não retocadas ou com retoques marginais

Estas duas categorias artefactuais, que se diferenciam apenas pelo tamanho, englobam diversas variantes, consoante a existência ou não de retoques, sejam contínuos ou não, mas sempre marginais e pouco extensos (Fig. 21, nº. 11 a 24; Fig. 22, nº. 15 a 17, 19 e 20; Fig. 23, nº. 1 a 8; 10 a 16; 19 a 21; Fig. 24, nº. 7 a 19; 21 a 25). Por vezes, as lâminas obtidas, são irregulares, podendo ser utilizadas tal e qual, dada a característica cortante dos bordos naturais. Esta panóplia, comum em contextos neolíticos estremenhos, denuncia, pela fraca transformação dos produtos de debitage, a abundância de matéria-prima na área adjacente, a que já antes se fez referência. Domina o sílex cinzento, de origem local; mais raramente, ocorre o sílex avermelhado, característico da região de Rio Maior. Excepcionalmente, uma das lamelas é de quartzo hialino (Fig. 24, nº. 12).

2.3.2.3 - Produtos de debitage em bruto

Para além das lamelas e lâminas desprovidas de transformação significativa, ocorrem produtos de descorticagem, conservando ainda a superfície primitiva das massas nucleares de que foram obtidos (Fig. 21, nº. 11; Fig. 24, nº. 15; Fig. 25, nº. 1 e 6); a tais peças, podem somar-se outras, resultantes do talhe de diversos instrumentos, ou do desbaste de nódulos de sílex, conducentes à sua preparação como núcleos; estão neste caso os exemplares da Est. 25, nº. 2, 4 e 5. Dada a quase ausência de transformação destas peças, assumindo assim o estatuto de rebotalhos resultantes da preparação de outras, não deixa de ser curioso verificar a sua ocorrência num ambiente funerário.

2.3.2.4 - Lâminas de retoque contínuo

Esta categoria caracteriza-se por os bordos laterais ostentarem retoques contínuos e profundos (Fig. 22, nº. 18; Fig. 23, nº. 9, 17 e 18; Fig. 24, nº. 19 e Fig. 26, nº. 1 e 2), diferenciando-se, deste modo, do trabalho marginal dos exemplares anteriores; contudo nem sempre é imediata a separação, pois existem exemplares de características intermédias; do ponto de vista da integração cultural, é certo que tanto as grandes lâminas retocadas como as não retocadas coexistiram tanto no Neolítico Final como no Calcolítico, sendo, contudo, as não retocadas, especialmente as de dimensões mais modestas, a par das lamelas, de origem mais antiga (Neolítico Antigo). No caso da gruta do Correio-Mor, dada a existência de materiais desta época, permanece a indefinição, à falta de indicações estratigráficas, da época a que as últimas devem ser reportadas; o mais certo é pertencerem indistintamente aos diversos períodos culturais representados

na estação.

2.3.2.5 - Pontas de seta

Representadas por dezoito exemplares de sílex finamente trabalhados (Fig. 21, n.º 2 a 8; Fig. 22, n.º 3 a 10 e 12; Fig. 23, n.º 9 e 10), que se integram globalmente no Neolítico Final da Estremadura, sem prejuízo de alguns tipos mais evoluídos, de base côncava, serem já calcólíticos, época, aliás, bem representada na estação: basta recordar o extraordinário conjunto de ídolos calcários, a que já se fez referência, anteriormente estudados (CARDOSO, 1995). Com efeito, dominam os exemplares de base triangular, num caso com aletas laterais incipientes (Fig. 21, n.º 5), estando presentes as pontas de base bicôncava, convexa e rectilínea; apenas dois exemplares possuem a base côncava (Fig. 21, n.º 4; Fig. 23, n.º 10). Este quadro tipológico é, com efeito, idêntico ao patente em outras necrópoles da zona entre Tejo e Atlântico, atribuíveis ao Neolítico Final, onde a referida diversidade é igualmente evidente, como é o caso das grutas da Senhora da Luz, Rio Maior (CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996).

2.3.2.6 - Pontas de dardo (?)

Sob esta designação têm-se por vezes incluído exemplares de dimensões superiores às pontas de seta, mas de tipologia idêntica, sem chegarem às dimensões dos punhais ou das alabardas. Conquanto um dos exemplares em apreço (Fig. 21, n.º 1) se encontre fracturado, é admissível classificá-lo como uma ponta de dardo; outro, igualmente fracturado, corresponde ao apontamento, por retoques directos e inversos, da extremidade de uma lâmina (Fig. 22, n.º 11), podendo ser simplesmente assim classificado, ou, em alternativa, também como extremidade de punhal. Anteriormente, classificou-se como “pequena alabarda” um exemplar proveniente da Gruta II b da Senhora da Luz, Rio Maior (CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996, Fig. 21, n.º 17), o qual poderia ser classificado, à luz deste critério, como “ponta de dardo”.

2.3.2.7 - Serras ou elementos de foice

Uma lâmina de sílex amarelado translúcido, possui um dos bordos laterais profundamente denticulado (Fig. 21, n.º 10). Porém, ao contrário dos elementos de foice da Idade do Bronze, que são sobre lasca, esta lâmina não possui o característico brilho de cereal sobre o gume, facto que não é suficiente para afastar tal possibilidade; em alternativa, poderia ser considerada como um elemento de serra, à semelhança dos recolhidos no povoado calcólítico de Vila Nova de São Pedro, Azambuja, e que assim foram classificados (JALHAY & PAÇO, 1945). Um exemplar, semelhante ao agora estudado, provém da gruta II de Alapraia e foi classificado, pelos mesmos autores, como “serrinha” (JALHAY & PAÇO, 1941, Fig. 13, a).

2.3.2.8 - Núcleos de lamelas de quartzo hialino

Representados por um grande exemplar globuloso, de talhe bipolar, conservando parcialmente as superfícies euédricas do prisma cristalino de onde foi obtido (Fig. 22, nº. 13). Núcleos de quartzo hialino, apesar da extrema raridade desta matéria-prima no País, e em particular na Estremadura, onde é totalmente desconhecida, ocorrem com certa regularidade em contextos funerários desta região, tanto neolíticos – de que são exemplo os recolhidos na Lapa do Bugio, Sesimbra (CARDOSO, 1992) – como calcolíticos, como o recolhido na *tholos* da Tituaria, Mafra (CARDOSO *et al.*, 1996). Exemplares de grandes dimensões, como o agora estudado, e como outros oriundos de contextos funerários, contrastam significativamente com a pequenez dos geralmente encontrados nos povoados, sublinhando deste modo o seu carácter excepcional. Como já anteriormente foi referido pelo autor (CARDOSO, 2002), o carácter de pureza, associado à limpidez desta rocha, poderá deter marcado simbolismo num contexto funerário, onde se admitia o ressurgimento e a purificação do espírito, para além da morte.

2.3.2.9 - Lâminas de talhe bifacial plano

São escassas as ocorrências deste tipo artefactual em contextos funerários. De cunho marcadamente doméstico, são muito frequentes em contextos estremenhos; em Leceia, onde se recolheram largas dezenas de exemplares, registaram-se desde o Neolítico Final, tornando-se progressivamente mais comuns ao longo do Calcolítico (CARDOSO, SOARES & SILVA, 1996). Conotadas usualmente com elementos de foice, tais elementos seriam encastrados em cabos de madeira, de tal forma que apenas um dos bordos seria activo. Tal facto é indicado pelo cuidado diferenciado dispensado ao retoque de um dos gumes, face ao do lado oposto. A hipótese de pertencerem a elementos de foice (“foicinhas”, na sugestiva terminologia de E. Jalhay e de A. do Paço, adoptada em múltiplos estudos em que abordaram os exemplares recolhidos no povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro, Azambuja), é, com efeito, sugerida pelo brilho que frequentemente ostentam, embora este não se observe no presente exemplar (Fig. 22, nº. 14), no qual uma das faces corresponde quase inteiramente à superfície de separação da lasca original. A sua natureza petrográfica – um sílex rosado – é comum em outros contextos calcolíticos estremenhos, como em Leceia, podendo tal variedade provir da região de Rio Maior; com efeito, os nódulos siliciosos dos calcários cretácicos da Baixa Estremadura, são essencialmente esbranquiçados a acinzentados, colorações dominantes, como seria de esperar, nos exemplares da gruta do Correio-Mor.

2.3.2.10 - Punhais

Não se encontra bem definida a separação entre os punhais e as alabardas, de cuidado retoque bifacial que ocorrem em numerosos contextos funerários estremenhos do Neolítico Final. Um critério de separação, utilizado anteriormente, estabeleceu a separação no índice comprimento/largura,

considerando-se como punhais todas as peças em que o referido valor fosse igual ou superior a 2,4 (CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996). Nestes termos, o único exemplar susceptível de poder ser assim classificado é o representado na Fig. 25, n.º 7. Trata-se de exemplar de base côncava, característica muito rara no conjunto das peças estremenhas homólogas. Com efeito, apenas foi compulsado exemplar com tal característica nas grutas do Poço Velho, Cascais (PAÇO, 1941, Est. 15, l), já referido por O. da Veiga Ferreira na sua classificação dos punhais líticos pré-históricos (FERREIRA, 1957), a que fez corresponder o tipo g: punhais delgados, retocados nas duas faces, de forma triangular e base côncava. O exemplar em apreço possui vestígios de polimento na zona central de ambas as faces; como já anteriormente se referiu, aquando do estudo do notável conjunto de punhais e alabardas da gruta da Casa da Moura, Óbidos (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002), a presença de polimento relaciona-se com o desbaste e regularização prévio das placas de sílex a partir das quais eram talhadas peças tão finas como os punhais e as alabardas, que ostentam, frequentemente, zonas com polimento anterior à lascagem.

2.3.2.11 - Alabardas

Um belo exemplar recolhido, tal como o punhal anterior, antes da realização da exploração metódica do depósito arqueológico, apresenta-se totalmente trabalhado em ambas as faces por levantamentos planos, sobrepostos por retoque de regularização junto dos bordos (Fig. 25, n.º 8). Tipologicamente, integra-se no grupo das “alabardas de base bicôncava desprovidas de polimento”, representadas por vários exemplares na gruta da Casa da Moura, Óbidos (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002), entre outras estações estremenhas, como a gruta artificial do Cabeço da Arruda 1, Torres Vedras (FERREIRA & TRINDADE, 1956, Lam. 3, n.º 41). Importa sublinhar o facto de estas peças, de marcado cunho funerário – visto serem excepcionais em contextos domésticos – se encontrarem em geral intactas, apesar da sua evidente fragilidade, facto que reforça o seu carácter ritual, não funcional.

2.3.3 - Materiais de pedra afeiçãoada

2.3.3.1 - Paletas

Nesta categoria podem integrar-se dois fragmentos de placas de arenito fino, com sinais de desgaste nas superfícies das faces maiores (Fig. 29, n.º 5; Fig. 30, n.º 2). Uma delas possui dois sulcos periféricos, acompanhando um dos bordos laterais, que podem ser interpretados como destinados a afiar pontas de osso.

2.3.3.2 - Percutores

Representados por seixo achatado de quartzito, com toda a periferia massacrada por percussão. O

centro de uma das faces maiores ostenta também tais marcas podendo interpretar-se como um percutor passivo, ou bigorna; a face oposta é ocupada por uma depressão obtida por picotagem muito fina, conferindo-lhe contorno elipsoidal regular; desconhece-se qual a sua finalidade (Fig. 29, n.º 1).

2.3.3.3 - Elemento de moagem (?)

Trata-se de uma placa basáltica, com numerosas concavidades naturais, presentes em ambas as faces, das quais uma possui polimento; desconhece-se qual a utilização que foi dada a tal peça, sendo a de ela corresponder ao movente de uma mó manual apenas uma das possibilidades (Fig. 29, n.º 6).

2.3.4 - Artefactos de osso de uso comum

São muito escassos os artefactos de osso, apesar das condições geoquímicas propícias oferecidas pela cavidade à sua conservação. Encontram-se apenas representados por dois furadores ou sovelas, obtidos pelo seccionamento longitudinal de diáfises de ossos longos, polidos nos bordos e apontados numa das extremidades; um deles, pelo marcado alongamento, deverá inscrever-se no grupo das sovelas (Fig. 26, n.º 4, 5). A existência de furadores do tipo dos agora encontrados parece ser especialmente característica de estações do final do Neolítico Médio ou inícios do Neolítico Final, na região a norte do Tejo, como a gruta do Lugar do Canto, Alcanena (LEITÃO *et al.*, 1987), ocorrendo também em estações da mesma região com presenças desde o Neolítico Antigo, como a gruta da Casa da Moura, Óbidos (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002). Curiosamente, tais peças, a partir do Neolítico Final, na baixa Estremadura, como em Leceia, Oeiras, parecem progressivamente, coexistir com furadores obtidos por seccionamento oblíquo das diáfises dos ossos longos, sem, contudo deixarem de continuar a ser fabricadas.

2.3.5 - Objectos de adorno

2.3.5.1 - Alfinetes de cabeça canelada postiça

São peças características do Neolítico Final, tanto na Estremadura como no sul do actual território português. Nalgumas estações do Neolítico Final, com efeito, é notória a sua abundância: é o caso da câmara ocidental do monumento da Praia das Maças, Sintra na verdade uma gruta artificial (LEISNER, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1969; CARDOSO, 2002), bem como, entre outros exemplos que se poderiam referir, no monumento do Monte Canelas, Portimão, que corresponde igualmente a um sepulcro escavado na rocha (escavações de Rui Parreira, cf. SILVA, 1997). Porém, a sua sobrevivência no decurso do Calcolítico, tanto na Estremadura, como no Alto Alentejo, encontra-se comprovada, não apenas pelas datas de radiocarbono obtidas directamente em alguns exemplares por AMS (CARDOSO & SOARES, 1995),

como ainda pelo facto de ocorrerem em monumentos funerários de cronologia inquestionavelmente calcolítica, como é o caso da *tholos* de Olival da Pega 2b (GONÇALVES, 1999).

Trata-se, pois de tipo artefactual que possui uma larga distribuição geográfica, estendendo-se, no Sudeste peninsular, à Andaluzia oriental, como se verifica pela sua ocorrência em dólmen da região de Fonelas, Gor (SIRET, 2001, Album, 1, Est. 51), o que sem dúvida constitui prova da difusão de ideias, veiculadas pelos respectivos artífices, se não mesmo da circulação dos próprios artefactos acabados.

Os exemplares recolhidos na gruta do Correio-Mor correspondem a duas extremidades conservando a respectiva cabeça postiça canelada (Fig. 20, n.º 5; Fig. 26, n.º 8) e a uma extremidade de haste, muito erodida, excepto na parte que estaria protegida por aquele elemento amovível, entretanto desaparecido (Fig. 20, n.º 6).

2.3.5.2 - Contas de azeviche/lignito

Na Estremadura, conhecem-se contas de madeira fóssil em diversas estações; predominam as bitroncocónicas, como as encontradas na gruta do Correio-Mor (Fig. 20, n.º 1 a 3; Fig. 32, n.º 4 e 5), estando presentes nas grutas naturais sepulcrais da Lapa do Bugio, Sesimbra; Cova da Moura, Torres Vedras; Lapa da Galinha, Alcanena; Casa da Moura, Óbidos; e nas grutas artificiais de São Pedro do Estoril, Cascais e da Quinta do Anjo, Palmela (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002). Mais rara é a forma bombeada, presente na estação em estudo (Fig. 20, n.º 4). Uma pequena conta, muito irregular, de cor preta e brilhante, pode ser, também, de azeviche compacto, permitindo polimento (Fig. 20, n.º 9).

2.3.5.3 - Contas discóides de xisto

Trata-se de pequenos discos de xisto, perfurados ao centro (Fig. 20, n.º 10; Fig. 32, n.º 7), por vezes representados em necrópoles entre Tejo e Atlântico em grandes quantidades, como nas grutas da Senhora da Luz, Rio Maior (CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996). A ocorrência destas contas em regiões onde não exista a matéria-prima de que são feitas, só se pode explicar por intercâmbios de objectos manufacturados entre esta região e o interior alentejano, onde tais produções se incluíam.

2.3.5.4 - Pendentas de pedra

Recolheram-se três pendentas de pedra, dos quais um de arenito esbranquiçado, pouco consolidado, fracturado na parte inferior (Fig. 32, n.º 1), com uma perfuração bitroncocónica, feita a partir de ambas as faces. Os dois restantes, perfurados de modo análogo, são de xisto (Fig. 20, n.º 7; Fig. 32, n.º 2).

2.3.5.5 - *Pendente de âmbar*

Trata-se de um exemplar de secção e contorno sub-quadrangular, perfurado numa das extremidades (Fig. 20, n.º 8). O seu estado de evidente fragilidade desaconselhou a obtenção de uma amostra para análise química, tendo em vista a determinação da sua proveniência. Acresce que a larga diacronia dos materiais presentes na estação, impede que se atribua com segurança a uma época a peça em causa. Recente trabalho de inventário e caracterização dos artefactos de âmbar presentes no território português, inseríveis em contextos do Neolítico/Calcolítico e do Bronze Final conduziu à identificação de 18 ocorrências (VILAÇA, BECK & STOUT, 2002), do Douro (mamoá V de Chã de Arcas) ao Algarve (monumentos 3 e 4 de Alcalar). Na área mais próxima da gruta do Correio-Mor, recolheu-se uma conta de âmbar de contorno circular com 3 mm de espessura, no monumento da Bela Vista, Sintra (MELLO *et al.*, 1961), aparentemente associada a materiais do final do Calcolítico (cerâmicas campaniformes), incluindo dois fios com enrolamentos helicoidais, de ouro.

2.3.5.6 - *Pendentes de azeviche/lignito (?)*

Uma peça achatada e alongada, fracturada numa das extremidades, possui na outra uma perfuração cilíndrica, ao centro (Fig. 32, n.º 3), podendo ser utilizada como pendente de grandes dimensões. A morfologia assemelha-se a uma costela de bovidé; contudo, a observação de uma fractura fresca evidenciou estrutura lenhosa incarbonizada característica. Desconhece-se qualquer paralelo para esta peça. Os únicos exemplares comparáveis são de osso e poderiam servir como espátulas: trata-se de peças relativamente comuns, representadas, entre outras, por dois exemplares das grutas do Poço Velho, Cascais (PAÇO, 1941, Est. 20, f, g), por um outro exemplar da gruta da Casa da Moura (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 26, n.º 8), executado numa esquirola de osso longo, com uma perfuração no centro de uma das extremidades; e ainda por um quarto, em osso totalmente polido, com idêntica perfuração, oriundo da Lapa do Bugio, Sesimbra (CARDOSO, 1992, Est. 14, n.º 44).

2.3.5.7 - *Defesas de javali*

Um fragmento de muralha externa de defesa de um canino inferior de javali pode inscrever-se, igualmente, entre os objectos de adorno (Fig. 26, n.º 3). Exemplares análogos, igualmente desprovidos de modificações, foram encontrados noutras necrópoles estremenhas do Neolítico. Entre elas, merecem destaque várias defesas, duas incompletas e uma, de grandes dimensões, completa, recolhidas na Gruta II da Senhora da Luz, Rio Maior (CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996). Um par de defesas inferiores inteiras de javali ocorreram também na jazida de Samarra, Sintra (FRANÇA & FERREIRA, 1958, Est. 7, n.º 18 e 19) e na desaparecida tholos de Agualva, Sintra (LEISNER, 1965, Tf. 51, n.º 52).

A ocorrência destas peças em contextos funerários pode relacionar-se com o simbolismo de força e

vitalidade atribuído desde sempre ao javali, detendo deste modo significado mágico-religioso, ou apotropaico; em alternativa, é de considerar a hipótese de serem objectos de adorno; apesar de não se encontrarem em geral perfuradas intencionalmente, como uma da supra referida estação (*op. cit.* Fig. 31, nº. 4), estas peças poderiam ser utilizadas como adornos, fixadas ao vestuário através de colas ou resinas.

2.3.5.8 - Concha de *Patella* sp.

As considerações sobre as defesas de javali acima apresentadas, podem também aplicar-se a este exemplar (Fig. 32, nº. 12); trata-se de concha muito alta e com a zona saliente, semelhante a um exemplar recolhido na gruta do Escoural, Montemor-o-Novo, ainda inédito. A título comparativo, menciona-se a ocorrência de uma concha atribuível a *Patella safiana*, recolhida no povoado calcolítico do Pedrão, Setúbal (SOARES & SILVA, 1975), afeiçoada por polimento e com o bordo recortado, destinada a utilização como adereço ou adorno.

2.3.6 - Objectos de carácter simbólico/religioso

2.3.6.1 - Placas lisas de micaxisto, de xisto e de grauvaque

Esta categoria de objectos não se deve confundir com as placas de arenito, atrás referidas (Fig. 29, nº. 5; Fig. 30, nº. 2), que possuem carácter essencialmente prático, como se referiu.

De micaxisto, identificaram-se dois fragmentos de fina espessura, conservando parcialmente os bordos laterais, um deles com um furo de suspensão (Fig. 29, nº. 2 e 4). As superfícies de ambos os fragmentos, aproveitando extensos e regulares planos de xistosidade naturais, conservam indícios de regularização por polimento. Deste modo, a conotação destes exemplares com as placas de xisto lisas, muito mais raras que as decoradas, é evidente. Aos dois fragmentos mencionados, podem associar-se vários exemplares, igualmente lisos, de xisto ou de grauvaque como o da Fig. 30, nº. 1.

De xisto, são três dos fragmentos recolhidos na gruta do Correio-Mor (Fig. 27, nº. 1; Fig. 28, nº. 3 e Fig. 30, nº. 1). No que concerne ao território português, um levantamento, não exaustivo, das placas de xisto lisas, foi já anteriormente apresentado (CARDOSO, 1995), a propósito de um exemplar, então erradamente atribuído às grutas de Carnaxide, Oeiras, conforme informação obtida no Museu Nacional de Arqueologia, quando, de facto, é proveniente da sepultura da Cumeada, Silves (VASCONCELOS, 1918). Aqui fica a rectificação, necessária para uma adequada actualização da distribuição geográfica de tais exemplares.

De grauvaque/arenito são os exemplares das Fig. 27, nº. 2; Fig. 28, nº. 2; e Fig. 32, nº. 8. A valorização tipológico-cultural das diferenças das placas de grauvaque/arenito, lisas ou decoradas, face às de xisto, ainda não foi objecto de abordagem sistemática. De todas as recolhidas na gruta do Correio-Mor, merece destaque o fragmento da Fig. 27, nº. 2, de grande espessura e com perfuração bitroncocónica, feita a

partir de ambas as faces, a qual possui um sulco periférico, paralelos aos quatro lados, formando como que uma moldura esquadriada; por tal motivo, possui evidentes semelhanças com o belo exemplar de grauvaque recolhido no alvéolo de fundação do núcleo de estelas-menires de Lavajo 2, Alcoutim (CARDOSO *et al.*, 2002). É de referir, também, outro exemplar de arenito incompleto da Anta Grande da Comenda da Igreja, Montemor-o-Novo, atribuível igualmente ao Neolítico Final, muito próximo, pela grande espessura e assinalável profundidade do sulco marginal (LEISNER & LEISNER, 1959, Tf. 27, n.º 76) ao exemplar em estudo. Ainda no Alto Alentejo, devem referir-se duas placas, igualmente de arenito, recolhidas na necrópole do Neolítico Final da gruta do Escoural, Montemor-o-Novo (SANTOS, 1971, Est. 1). Numa delas, de contorno elipsoidal, o sulco apenas acompanha parte do perímetro de peça, a qual é munida de um furo de suspensão. A outra placa difere da anterior pelo facto de aquele sulco periférico se encontrar substituído por bordadura em alto-relevo. É ainda de referir no que concerne a comparações, um fragmento de placa de xisto, de fina espessura, com um sulco gravado esquadriado, em ambas as faces. Provém de uma sepultura de Castro Marim, recentemente reestudada, outrora atribuída a uma *tholos* e depois considerada como de câmara circular desprovida de corredor, com paralelos neolíticos andaluzes. Com efeito, a datação de uma tibia humana do único indivíduo nela tumulado, deu os seguintes intervalos, para dois sigma: 3370-3030; 2970-2930 cal BC (GOMES, CARDOSO & CUNHA, 1994, Fig. 3, C), cronologia compatível com o Neolítico Final regional e portanto anterior a afirmação das *tholoi*.

O objectivo que parece transparecer nestas placas lisas esquadriadas, foi o da criação de um espaço interior, plano e regular, que poderia ter recebido pintura: neste sentido, deve ser referida a grande placa sub-rectangular, de bordos bombeados e totalmente regularizada, com vestígios de pintura a ocre vermelho do enterramento da Mamoa 3 de Pena Mosqueira, Sanhoane (SANCHES, 1996, Fig. 18), pese embora as suas maiores dimensões e a ausência de furo para suspensão. Outra placa, incompleta, recolhida por José Coelho na anta do Vale de Fachas (Viseu), possui dois furos de suspensão e, tal como a anterior, pinturas a ocre vermelho, na sua parte inferior (COELHO, 1912, Fig. II). Trata-se de monumento dolménico de longo corredor e câmara poligonal, inserível, igualmente, no Neolítico Final.

Das comparações efectuadas, verifica-se que todos os exemplares citados a que é possível atribuir cronologia mais segura, pertencem ao Neolítico Final; a estes, poder-se-ão, ainda, juntar exemplares de arenito, referidos por Victor S. Gonçalves, mas não reproduzidos, das grutas de Alcobaça como possuindo igualmente um sulco periférico. Com efeito, o autor refere a falta de decoração que caracteriza tais peças, chamando, significativamente, a atenção, para os raros casos em que se observavam esquadrias ou traços de delimitação do perímetro, exactamente como na placa em discussão (GONÇALVES, 1978).

Deve ainda referir-se um grupo muito particular de placas de arenito, também lisas, mas com mais evidente significado simbólico, representada por exemplar de contorno antropomórfico do monumento megalítico de Trigache 1, Odivelas (LEISNER & FERREIRA, 1961, Est. 8, n.º 70).

As placas de arenito lisas, são frequentes em diversas necrópoles em gruta natural do Neolítico Final da Estremadura, como a Lapa do Bugio, Sesimbra (CARDOSO, 1992), a Lapa da Galinha, Alcanena (J. R. Carreira, comunicação pessoal) e também em diversas antas alentejanas, designadamente da região de

Montemor-o-Novo (escavações inéditas de Manuel Heleno). Nalguns casos, tais placas lisas de arenito poderiam ter funções práticas, como polidores ou afiadores, à semelhança dos que anteriormente foram assim classificados neste mesmo trabalho; com efeito, mostram por vezes as faces maiores e os lados bombeados, sugerindo aquela função: um dos exemplos mais notáveis é o da placa recolhida nas grutas do Poço Velho, Cascais, (PAÇO, 1941, Est. VI), com um furo de suspensão bicónico numa das extremidades e um terceiro no topo. A esta, poder-se-ia somar outra placa de arenito, com as faces maiores também côncavas, recolhida na gruta 4 da Quinta do Anjo, Palmela (LEISNER, 1965, Tf. 108, n.º 27). O furo de suspensão desta placa poderá, deste modo, ser entendido como atributo funcional, para que a peça fosse pendurada, como qualquer outro artefacto usado no dia-a-dia. Outra placa com furo de suspensão, encontrada na gruta da Cova da Moura, Torres Vedras, apresenta a toda a largura de uma das faces um sulco, é também indício do seu carácter funcional, como afiador (BELO, TRINDADE & FERREIRA, 1961, Est. 2, n.º 37).

Noutros casos, é evidente a finalidade ritual ou simbólica de tais placas, designadamente nos exemplares com representações antropomórficas mais ou menos explícitas, presentes em diversas estações estremenhas e alentejanas (por o tema se afastar da essência da presente discussão, apenas se apresentam algumas referências, sem carácter exaustivo, circunscritas à Baixa Estremadura):

*gruta do Furadouro da Rocha Forte, Cadaval que forneceu uma placa onde tais elementos se encontram explicitados por um par de furações troco-cónicas sugerindo os olhos (GONÇALVES, 1990/1992, Fig. 93, n.º 20);

* tumulus do monumento da Praia das Maças: o exemplar ali recolhido mostra um par de olhos ou mamilos em baixo relevo (GONÇALVES, 1982/1983, Fig. 19, n.º 6), semelhante a outro, das grutas de Alcobça (GONÇALVES, 1978, Est. XXIII).

A estas, podem somar-se outras, de xisto, com as mesmas representações, como a recolhida na gruta artificial de Arruda 1, Torres Vedras (FERREIRA & TRINDADE, 1956).

Este mesmo motivo, de evidente simbolismo, encontra-se associado, numa placa de xisto com decorações geométricas da gruta II de Alapraia (JALHAY & PAÇO, 1941, Fig. 14, n.º 2), prova de que ambos os grupos coexistiram na Estremadura e, mais do que isso, interagiram, do que resultaram exemplares com atributos idênticos, tanto de xisto como de arenito/grauvaque.

2.3.6.2. - Placas de xisto com decoração geométrica

As necrópoles estremenhas do Neolítico Final, sejam grutas naturais, grutas artificiais ou monumentos megalíticos, encerram um copioso conjunto de placas de xisto decoradas, cuja origem alto-alentejana é evidente: a simples presença destas peças, de forma insistente, na Estremadura, ilustra, por si só, a forte interacção entre esta região e o interior do território, a qual se estendeu a domínios de natureza cognitiva e da super-estrutura religiosa, realidade que foi já anteriormente sublinhada (CARDOSO, 1999/2000). A permanência de placas de xisto decoradas, em estações calcolíticas da

Estremadura, tanto em povoados, como é o caso do Zambujal, Torres Novas, Vila Nova de São Pedro, Azambuja, ou Pedrão, Setúbal, como em necrópoles do tipo *tholoi*, como a de Tituaria, Mafra, é indício, tal como no Alto Alentejo, da sobrevivência deste tipo de ideoartefactos até tal época, sem qualquer mudança da respectiva iconografia.

No caso da gruta do Correio-Mor, recolheram-se três placas inteiras ou quase, aquando da identificação do sítio arqueológico (Fig. 27, n.º 3; Fig. 28, n.º 1 e 4), a par de diversos fragmentos, também encontrados nessa altura ou no decurso da desmontagem das terras do enchimento da cavidade (Fig. 27, n.º 4 e 5; Fig. 29, n.º 3; Fig. 32, n.º 10). Do ponto de vista da temática decorativa, trata-se de motivos comuns, de carácter geométrico, constituídos por sequências de triângulos isósceles com o vértice apontado para cima, ou métopas de zigue-zagues, também preenchidas interiormente por linhas intersecantes. As perfurações (simples em dois casos e dupla no terceiro), abrem-se na parte superior, ao centro, em espaço não decorado, como é vulgar em tais casos.

Muito mais rara é uma placa de xisto de contorno sub-triangular alongado, de fina espessura, munida de três largos orifícios numa das extremidades (Fig. 26, n.º 7); apesar da sua pequenez e raridade, está excluída a hipótese de reproveitamento de uma placa de xisto de maiores dimensões, acidentalmente fracturada na época, à semelhança do verificado noutras situações, que se inventariam de seguida por serem exemplo da importância conferida a estas peças, mesmo depois de fracturadas:

- uma placa reaproveitada e regularizada das grutas de Poço Velho, Cascais (PAÇO, 1941, Est. 39, a), de contorno sub-rectangular, sem possuir furo de suspensão;
- uma placa reaproveitada das grutas artificiais de Palmela, recentemente reanalisada (SOARES, 2003, Fig. 118);
- uma placa reaproveitada como tal do dólmen de Monte Abraão, Sintra (RIBEIRO, 1880, Est. 4, n.º 2), também de contorno sub-rectangular, possuindo uma nova perfuração para a suspensão;
- uma placa reaproveitada como pingente de contorno triangular, com a execução de dois furos de suspensão novos (BELO, TRINDADE & FERREIRA, 1961, Fig. 5, n.º 30);
- uma placa reaproveitada como pingente de contorno sub-rectangular alongado, com a execução de um novo furo de suspensão num dos topos (LEISNER, 1965, Tf. 111, n.º 43).

No entanto, a placa-pendente da gruta do Correio-Mor, não só pela fina espessura que possui – o que exclui a hipótese de peça original de maiores dimensões – mas sobretudo pela regularidade, simetria e perfeito enquadramento do motivo geométrico que ostenta no campo disponível, corresponde a objecto feito de raiz; nesse sentido, e pelas mesmas razões, o paralelo mais próximo corresponde a uma placa-pendente, estreita e alongada, recolhida na gruta artificial de Folha das Barradas, Sintra (LEISNER, 1965, Tf. 34, n.º 3).

2.3.6.3 - *Báculos de xisto*

Trata-se de mais uma manifestação material da superestrutura religiosa das populações que, no

Neolítico Final, povoaram a Baixa Estremadura e expressiva, tal como as placas de xisto, das influências que, em tal domínio, com origem no interior alto-alentejano, nessa época aqui se exerceram. Na gruta do Correio-Mor, recolheu-se um exemplar liso, de dimensões médias, do qual se conserva apenas a parte superior (Fig. 32, n.º 9). Esta peça possui a particularidade de o bordo de uma das faces se encontrar limitado por rebordo relevado, à semelhança, salvaguardando as dimensões, de uma das placas lisas de arenito recolhidas na gruta do Escoural, Montemor-o-Novo, à qual já antes se fez referência.

Os grandes báculos de xisto decorados, encontram-se apenas representados na Estremadura por dois exemplares, conhecidos de há muito: trata-se do recolhido por Nery Delgado na gruta da Casa da Moura, Óbidos, dado a conhecer por E. Cartailhac (CARTAILHAC, 1886) e do proveniente do dólmen de Estria, publicado por Carlos Ribeiro (RIBEIRO, 1880). Ainda na região a norte do Tejo, mas já no Ribatejo, assinalam-se três exemplares na gruta da Lapa da Galinha, todos decorados (SÁ, 1959), o que constitui uma excepcional concentração de tal tipo de artefactos.

Na Estremadura, foram, por outro lado, registados exemplares de pequenas dimensões, eventualmente utilizados como adornos, como é o caso, entre outros, do pequeno báculo em esquírola de osso recortado e polido, oriundo da gruta da Cova da Moura, Torres Vedras (SPINDLER, 1981, Tf. 23, n.º 358).

2.3.6.4 - *Ídolos e objectos votivos de calcário*

Nesta categoria incluem-se as notáveis peças que integravam um pequeno altar rupestre, localizado no chão da gruta primitiva, o qual foi já objecto de publicação (CARDOSO *et al.*, 1995) e que, por tal motivo, não serão objecto de reapreciação. Os materiais inéditos que agora se publicam, resultaram de colheitas efectuadas logo após a identificação da gruta, a que se seguiram outras, no decurso dos trabalhos ulteriormente realizados. Do primeiro grupo, fazem parte as seguintes:

Cilindros decorados - representados por um exemplar eventualmente incompleto na parte superior, ostentando em toda a volta, uma sequência de bandas preenchidas por linhas oblíquas, alternadamente para a direita e para a esquerda (Fig. 30, n.º 3). Trata-se de padrão decorativo ainda desconhecido em peças deste tipo, no território português, apesar de a tipologia do respectivo suporte ser dos mais comuns, entre os ídolos calcolíticos estremenhos.

Placas curvas - a presença de placas curvas de calcário, totalmente polidas, como a recolhida na gruta do Correio-Mor (Fig. 30, n.º 4), é bem conhecida entre o conjunto das peças calcolíticas estremenhas de carácter simbólico, domínio geográfico de onde parecem ser exclusivas. Tal é a conclusão da distribuição das peças conhecidas, todas recolhidas em necrópoles colectivas, das quais quatro inventariadas por V. Leisner (LEISNER, 1965): duas, das grutas artificiais de Praia das Maças e de Folha das Barradas, Sintra; duas outras, dos monumentos megalíticos de Agualva (*tholos*) e de Estria (dólmen), ambos do aro de Sintra; a estas, soma-se o exemplar já estudado da gruta do Correio-Mor (CARDOSO *et al.*, 1995); dois

outros, da Lapa do Bugio, Sesimbra (CARDOSO, 1992), e a placa dada agora a conhecer. Esta, porém, diferencia-se de todas as outras – exceptuando o exemplar de Folha das Barradas – por possuir a face convexa decorada por reticulados, dispostos em três áreas, que definem uma faixa lisa longitudinal. Trata-se, pois, de uma variante quase única, cujo paralelo mais próximo é, apesar das diferenças decorativas, o supra citado exemplar.

Placa plana - corresponde a um exemplar semelhante às placas supra referidas, diferenciando-se destas por ser plana (Fig. 31, n.º 4). Apresenta as superfícies muito alteradas e corroídas, encontrando-se incompleta em ambas as extremidades. Trata-se de objecto de assinalável raridade, podendo aproximar-se de um exemplar achatado, totalmente polido, de rocha cinzento-esverdeada e de contorno piriforme, recolhido no dólmen de Estria, Sintra (LEISNER, 1965, Tf. 58, n.º 4).

Enxó votiva - trata-se de um artefacto de pedra polida, muito erodido, cuja assimetria longitudinal sugere tratar-se de uma enxó, apesar de não possuir carácter funcional, dada a natureza da rocha em que foi afeiçoada (Fig. 30, n.º 5). Corresponde, pois, a peça de carácter votivo ou ritual, que se diferencia dos exemplares conhecidos de enxós votivas, faltando-lhe a representação do encabamento; ao contrário, constitui uma réplica rigorosa dos exemplares funcionais, só que numa matéria-prima que impedia a sua utilização como tal.

Ídolos fusiformes - representados por um exemplar com secção elipsoidal, encontrando-se muito corroído à superfície; conserva-se apenas a porção inferior, terminando em ponta (Fig. 31, n.º 3). Ídolos de contorno fusiforme, sejam de secção elipsoidal, como este, sejam de secção plano-convexa (mais frequentes), ocorrem também exclusivamente na área estremenha, como muitas outras peças calcárias, algumas das quais representadas na gruta do Correio-Mor.

2.3.6.5 - Ídolos de rochas siliciosas

Os dois ídolos fusiformes recolhidos na gruta do Correio-Mor são os únicos exemplares conhecidos deste tipo de peças talhados em rochas não calcárias, apesar de, tipologicamente, corresponderem a modelo comum na Estremadura, de secção plano-convexa, mas de calcário. Um deles, encontra-se incompleto na parte superior, sendo talhado num bloco de grauvaque (Fig. 31, n.º 2); o outro (Fig. 31, n.º 1), foi executado numa rocha siliciosa, muito fina, de coloração acinzentada. Como particularidade, possui, ao centro do topo superior do reverso (não desenhado) uma depressão realizada por picotagem. Desconhece-se o significado simbólico deste carácter; contudo, é comum em numerosas peças similares: apenas como exemplo, é de referir que a maior parte do ídolos fusiformes da gruta artificial do Cabeço da Arruda 1, Torres Vedras (LEISNER, 1965, Tf. 4), possuem tal depressão, em posição idêntica à do presente exemplar; o mesmo se verifica no exemplar decorado, talhado sobre um fragmento de caule

fóssil silicificado – também único no seu género – agora assim classificado pelo Autor, de jazida de Samarra, Sintra (LEISNER, 1965, Tf. 49, n.º 12). No conjunto do Correio-Mor anteriormente publicado, se bem que estejam representados os ídolos de calcário fusiformes de secção plano-convexa, todos decorados, nenhum possui a dita depressão.

2.3.6.6 - Blocos de ocre

Recolheu-se um bloco de ocre amarelado/avermelhado, muito pulverulento, o qual foi certamente usado para a obtenção de corante, como sugere a existência de diversos sulcos nele conservados (Fig. 32, n.º 11).

2.3.7 - Indústria cerâmica

2.3.7.1 - Cerâmicas lisas

Taças em calote e esféricas de bordo simples - trata-se de conjunto de dimensões muito variáveis de recipientes lisos que ocorrem, sobretudo, em contextos funerários estremenhos do Neolítico Final (Fig. 20, n.º 14 a 16; Fig. 34, n.º 7 e 8; Fig. 36, n.º 4; Fig. 37, n.º 1 a 16; Fig. 38, n.º 1 a 7; Fig. 40, n.º 1; Fig. 56, n.º 4 e 7). Importa, porém, referir que até pelo menos ao Bronze Pleno estão representadas na Baixa Estremadura taças em calote absolutamente idênticas, o mesmo se verificando com esféricas lisas, conforme foi demonstrado pelo estudo do espólio do povoado do Catujal, Loures (CARREIRA, 1997), pelo que alguns destes exemplares poderão pertencer a esta época, que não foi possível identificar de forma segura na estação, na ausência de indicadores materiais dela característicos.

Exibem, por vezes, marcas do processo de fabrico, com recurso a rolo, sendo frequentemente de acabamento grosseiro. Noutros casos, o calor a que alguns dos recipientes foram submetidos, com estalamentos térmicos – incluindo exemplares de pequenas dimensões (Fig. 20, n.º 14; Fig. 34, n.º 7) – indica utilização anterior à sua deposição na gruta como oferendas, para o aquecimento de substâncias diversas (fármacos, tintas, gorduras, etc.).

Taças em calote e esféricas de bordo espessado - trata-se de recipientes comuns no Neolítico Final e no Calcolítico da região, no caso representados por uma taça (Fig. 40, n.º 4) e por diversos esféricos (Fig. 36, n.º 1 e 5).

Taças carenadas - o exemplar da Fig. 36, n.º 2 é uma forma característica do Neolítico Final da Estremadura, que não deverá ser confundida com as taças carenadas da Idade do Bronze, muito melhor representadas na gruta do Correio-Mor.

Copos de paredes direitas e fundo convexo - trata-se de uma forma típica do Calcolítico Inicial da Estremadura, representada por um recipiente cujo perfil foi possível reconstituir (Fig. 36, n.º 3); corresponde a um dos raros exemplares nestas condições, visto que, embora abundantes em contextos domésticos, o seu grau de fracturação raramente impede reconstituições completas. Apresenta-se liso, à semelhança de muitos outros, coexistindo com os decorados por caneluras, como o exemplar recolhido numa das grutas artificiais da Quinta do Anjo, Palmela (LEISNER, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1961, Pl. 22, n.º. 165), um dos raros exemplos de tais vasos oriundos de necrópoles, o qual também foi possível reconstituir integralmente.

2.3.7.2 - Cerâmicas decoradas

Taças caneladas - representadas por grande fragmento, que possui a característica banda de caneluras paralelas, abaixo do bordo (Fig. 35, n.º. 3). Trata-se, como a anterior, de forma característica do Calcolítico Inicial da Estremadura, mas com uma longevidade aparentemente mais longa, visto ter continuado a ser fabricada, embora vestigialmente, no decurso do Calcolítico Pleno.

2.3.7.3 - Cerâmicas diversas

Colheres - representadas por um grande exemplar de concha pouco acentuada, incompleto em toda a periferia; o cabo, muito desenvolvido, apresenta uma pequena digitação na ligação à concha (Fig. 34, n.º. 6). A ocorrência de colheres relaciona-se com a realização de múltiplas actividades domésticas, com destaque para a preparação de caldos e de papas de cereais. Trata-se de utensílio que, embora jamais se afigure comum, ocorre em contextos do Neolítico Final e do Calcolítico. A evidente escassez de colheres de barro, só pode ser explicada pela existência de exemplares de madeira (à semelhança dos actualmente utilizados) ou em outros materiais perecíveis (cabaças), que, evidentemente, também não se conservaram. Do ponto de vista tipológico, o exemplar em apreço diferencia-se dos dois tipos identificados na Anta do Olival da Pega (LEISNER & LEISNER, 1951, p. 100): um deles, é caracterizado, segundo os referidos autores, pelo arranque do cabo ser vertical, perpendicular à superfície definida pela concha, possuindo paralelos em Vila Nova de São Pedro, Azambuja; no outro, o arranque daquele faz-se na parte inferior daquele plano, igualmente com paralelos em antas alentejanas; para o tipo de colher em que o cabo parte horizontalmente do bordo, os dois autores citados referem paralelos em outras antas do Alto Alentejo, a que se podem associar, na Estremadura, entre outros exemplares, um das grutas da Senhora da Luz, Rio Maior (CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996), atribuível ao Neolítico, de concha profundamente cavada. Outro exemplar, recolhido no povoado pré-histórico de Leceia (CARDOSO, 1994, Fig. 127), no nível basal do Neolítico Final, parece também aproximar-se, apesar do seu estado de fragmentação, da colher agora estudada, também semelhante aos exemplares reproduzidos por A. do Paço e E. Jalhay de Vila Nova de São Pedro (PAÇO & JALHAY, 1939, Fig. 20, n.º. 5).

2.4 - A presença campaniforme

A presença de materiais campaniformes na gruta do Correio-Mor é coerente com a intensidade da distribuição de materiais campaniformes na península de Lisboa, conferindo-lhe o primeiro lugar à escala europeia, como recentemente foi evidenciado (CARDOSO, QUERRÉ & SALANOVA, 2003).

O notável espólio exumado na gruta do Correio-Mor a seguir caracterizado, embora quase exclusivamente representado por materiais cerâmicos, evidencia tal realidade, possuindo paralelo muito próximo, quer pela quantidade dos achados, quer pela modernidade do conjunto campaniforme, como é indicado pela respectiva tipologia, na gruta natural da Verdelha dos Ruivos, Vila Franca de Xira (LEITÃO *et al.*, 1984).

2.4.1 - Indústrias cerâmicas

2.4.1.1 - Vasos marítimos (de tipo AOO)

Estes recipientes, de forma campanular, ostentam a característica decoração de bandas horizontais, ocupando a totalidade da superfície (do tipo AOO, ou "All Over Ornamented"), preenchidas interiormente com segmentos orientados alternadamente. Correspondendo a este estereótipo, apenas se reconheceu um exemplar, decorado a pontilhado, o qual possui, imediatamente abaixo do bordo, uma faixa preenchida com triângulos (Fig. 42, n.º 1).

Uma variante da forma clássica, na qual se inscreve o recipiente supra descrito, é constituída por um vaso, de colo mais acentuado e bojo proeminente, igualmente decorado em toda a superfície (exceptuando pequena faixa junto ao colo) por bandas horizontais, preenchidas interiormente; porém, o preenchimento do interior dessas bandas, neste exemplar, é sempre feito para o lado esquerdo, recorrendo à técnica incisa e não do pontilhado (Fig. 41, n.º 1). Dois outros fragmentos podem pertencer a este mesmo recipiente (Fig. 48, n.º 3; Fig. 51, n.º 2). Há ainda a mencionar fragmento de outro vaso, no qual o preenchimento interno das bandas é realizado por reticulado inciso irregular, o que constitui variante, por certo tardia, dos vasos marítimos (Fig. 51, n.º 6). A existência de vasos campaniformes com decoração de bandas do tipo AOO, executada pela técnica incisa, foi já anteriormente valorizada, a propósito de um exemplar recolhido na gruta 3 da Quinta do Anjo, Palmela (CARDOSO, 2000a, Fig. 10). Com efeito, sendo os vasos marítimos do estilo AOO considerados como representantes mais antigos do "fenómeno" campaniforme na região da Estremadura, e os recipientes com decoração incisa como a sua expressão mais recente, a junção, num mesmo exemplar, da forma e temática decorativa, por um lado, e da técnica com que foi obtida, por outro, introduz uma nova questão, que é a da coexistência dos vários indicadores até agora utilizados para fasear a presença campaniforme na região segundo os critérios definidos em já antigo e excelente ensaio, que ainda não perdeu interesse (SOARES & SILVA, 1974/1977). Sem dúvida que os vasos marítimos decorados por bandas horizontais a pontilhado, por um lado e, por

outro, os recipientes incisos, constituem os extremos cronológicos de uma série que conheceu, no decurso das escassas centenas de anos em que foram produzidos recipientes campaniformes, evidentes coexistências, como já anteriormente se demonstrou pela análise tipológica dos materiais exumados numa unidade habitacional – forçosamente de “vida curta” – a Cabana FM do povoado pré-histórico de Leceia (CARDOSO, 1997/1998b). Ali, com efeito, verificou-se uma nítida coexistência de técnicas, formas e estilos decorativos, demonstrando que o faseamento do “fenómeno” campaniforme tem de atender, necessariamente, a tais coexistências as quais, para serem significativas, têm de apoiar-se em número razoável de elementos.

2.4.1.2 - Taças Palmela

Todos os exemplares recolhidos possuem decorações incisas, o que confere ao conjunto evidente modernidade, aliás compatível com outros indicadores, como o grande desenvolvimento dos lábios dos bordos das taças Palmela, profusamente decorados, característica, aliás, que foi já anteriormente valorizada (CARDOSO, NORTON & CARREIRA, 1996). Estão presentes fundos, definidos por circunferências (Fig. 45, n.º 1; Fig. 51, n.º 5), bojós (Fig. 51, n.º 4) e bordos (Fig. 45, n.º 2; Fig. 46, n.º 1 Fig. 48, n.º 4), para além de exemplares cuja geometria e padrões decorativos foi possível definir totalmente (Fig. 41, n.º 3; Fig. 43, n.º 4). Um dos exemplares, cujo barroquismo decorativo é evidente (Fig. 46, n.º 1), possui uma faixa com decoração pseudo-excisa, técnica já identificada noutros exemplares da Baixa Estremadura e que se pode conotar com alguns vasos do grupo de Ciempozuelos, característicos da Meseta.

2.4.1.3 - Taças em calote

Correspondem a forma comum no Neolítico Final e no Calcolítico da região, mais ou menos decoradas abaixo do bordo, por motivos incisos, mais uma vez os mais frequentes (Fig. 44, n.º 1, 2 e 6), ou a pontilhado, técnica que apenas se encontra presente num das quatro taças estudadas (Fig. 44, n.º 5). Por vezes, dada a pequenez dos fragmentos, a separação entre os bordos de taças em calote e os pertencentes a caçoilas é problemática; nestas últimas, porém, a parede apresenta-se direita e não convexa, como naquelas. Um motivo merece destaque particular: trata-se da alternância entre a técnica pseudo-excisa, muito imperfeita, e métopas constituídas por uma sequência de impressões circulares, numa faixa da sequência decorativa presente em uma das taças (Fig. 44, n.º 2). No tocante à técnica pseudo-excisa, ela já atrás foi mencionada a propósito de uma taça Palmela que a ostenta; quanto à técnica da impressão de circunferências, com recurso a uma matriz, ela foi pela primeira vez assinalada, e devidamente valorizada, dada a sua raridade, em fragmento de taça em calote do povoado de Montes Claros, Lisboa (PAÇO & BÁRTHOLO, 1961).

2.4.1.4 - Esféricos

Trata-se de forma rara, no conjunto da olaria campaniforme, representado apenas por dois exemplares com decoração incisa (Fig. 43, n.º 1 e Fig. 50, n.º 1). É admissível considerar a possibilidade de estes recipientes se encontrarem na descendência directa dos esféricos com decoração em “folha de acácia” e em “crucífera”, característicos do Calcolítico Pleno da Estremadura. Com efeito, encontra-se comprovada estratigraficamente a coexistência de tais produções com cerâmicas campaniformes, tanto em Leceia (CARDOSO, 1989; CARDOSO & SOARES, 1990/1992), como noutros povoados estremenhos, como o da Rotura, Setúbal (GONÇALVES, 1971; SILVA, 1971; FERREIRA & SILVA, 1970).

2.4.1.5 - Garrafas

Esta forma, esférica fechada, com colo pouco marcado, coincidindo com a zona do gargalo, encontra-se representada por um grande exemplar, decorado a pontilhado (Fig. 46, n.º 5). Só excepcionalmente esta forma tem sido registada em povoados, dada a dificuldade de a identificar, com base em pequenos fragmentos, separando-a de outros grandes recipientes, mais comuns, como as caçoilas; uma das excepções verificou-se no pequeno povoado de encosta do Monte do Castelo, Oeiras (CARDOSO, NORTON & CARREIRA, 1996, Fig. 6, n.º 1). Esta designação formal, foi apresentada pela primeira vez a propósito de um vaso recolhido na gruta da Cova da Moura, Torres Vedras (TRINDADE & FERREIRA, 1971), reportado então a influências mediterrâneas, tendo em vista os dois únicos paralelos então conhecidos, do Midi francês e da Catalunha. O exemplar apresenta-se decorado pela técnica incisa, associada a linhas impressas em zigue-zague, também presentes em pequenas caçoilas do Correio-Mor, adiante mencionadas.

A maior parte dos exemplares conhecidos, incluindo o do Monte do Castelo, foram decorados com recurso à técnica incisa: para além dos vasos recolhidos nas grutas da Cova da Moura e da Senhora da Luz, Rio Maior (aparentemente, com uso misto da técnica do pontilhado, junto ao bordo, segundo o desenho publicado, cf. SPINDLER, 1975 Abb. 2), registaram-se, ainda na década de 1970, mais duas “garrafas”, que faziam parte da sepultura individual n.º 1, encontrada na câmara do dólmen de Montum, Santiago do Cacém (FERREIRA *et al.*, 1975). A estes quatro exemplares, somaram-se ulteriormente mais dois recipientes sem indicação de proveniência (LEITÃO *et al.*, 1978, p. 516, n.º 64, 65; FERREIRA & LEITÃO, s/d, p. 209, n.º 64, 65). Curiosamente, a garrafa da gruta do Correio-Mor, já reproduzida pelos autores citados, é a única, dos exemplares cujo desenho é conhecido, que se apresenta decorada pela técnica do pontilhado. Porém, como, para além dos exemplares conhecidos, os autores mencionam a existência de “pelo menos mais uma dezena de exemplares, entre os fragmentos de cerâmica conservados nos Serviços Geológicos de Portugal ou desenhados em várias publicações e comunicações” (*op. cit.*, p. 205), dos quais desenharam apenas os três já referidos, dois incisos e um a pontilhado, é possível que, dos sete remanescentes, algum seja também decorado a pontilhado.

2.4.1.6 - Caçoilas de pequenas dimensões

Representadas por dois exemplares; um, ostenta decoração em zigue-zagues impressos com matriz estreita e alongada, aplicada obliquamente (Fig. 42, n.º 2; Fig. 49, n.º 6); o outro (Fig. 42, n.º 4), é decorado por finas incisões paralelas, entre o bordo e o colo, as quais, pela regularidade, podem ter sido produzidas por ponta afiada ou mesmo uma lâmina metálica, à semelhança do verificado e admitido em uma taça Palmela do Alto do Montijo, Sintra (CARDOSO & CARREIRA, 1996, Fig. 6, n.º 2).

2.4.1.7 - Caçoilas de médias e grandes dimensões

Os exemplares em apreço possuem tamanhos médios ou grandes e decorações quase exclusivamente incisais, exceptuando dois casos, decorados a pontilhado (Fig. 49, n.º 3; Fig. 51, n.º 1 e 3).

De assinalar ainda a existência de um enorme vaso (sem dúvida destinado ao armazenamento), o qual ostenta notável decoração a pontilhado, obtida pela impressão de uma matriz denteada (Fig. 49, n.º 13). Nalguns casos (Fig. 46, n.º 6), observa-se a coexistência entre a técnica incisa e a impressa, limitando-se esta à execução de linhas em zigue-zague horizontais, pela aplicação oblíqua de uma ponta romba, idênticas às que se observam na pequena caçoila atrás mencionada (Fig. 42, n.º 2; Fig. 49, n.º 6).

Nas caçoilas de médias dimensões, ocorre a variante com ombro, marcado por pequeno ressalto na ligação entre o bojo e o colo (Fig. 49, n.º 1); nenhuma se apresenta carenada; as demais, são de perfil suave, incluindo as de grandes dimensões, as quais se apresentam decoradas no espaço mais proeminente do bojo (Fig. 41, n.º 2; Fig. 42, n.º 6; Fig. 45, n.º 3 e 4; Fig. 47, n.º 1 e 8), e abaixo do bordo (Fig. 46, n.º 6; Fig. 48, n.º 2, 5 e 6; Fig. 50, n.º 2 a 7), por vezes com evidente barroquismo (Fig. 51, n.º 7), somando-se ao notável recipiente atrás mencionado (Fig. 49, n.º 13); porém, a maioria limita-se a fragmentos do bordo ou do bojo, impossibilitando o conhecimento completo do respectivo perfil (Fig. 42, n.º 3, 5 e 7; Fig. 43, n.º 2 e 3; Fig. 44, n.º 3, 4 e 7; Fig. 46, n.º 2 a 4; 7 a 9; Fig. 47, n.º 2 a 7; Fig. 49, n.º 2 a 5; 7 a 12).

Uma vez mais, verifica-se a associação da técnica incisa à impressa, correspondente a última a linhas horizontais em zigue-zague, em dois exemplares (Fig. 47, n.º 4 e 5).

A modernidade do conjunto, além de sugerida pela larga predominância da técnica incisa, é reforçada pela presença de recipientes de feitura muito evoluída, evocando a Idade do Bronze: é o caso de um vaso de colo alto e tronco-cónico, decorado por singelo motivo de longos zigue-zagues incisos (Fig. 40, n.º 2) e de um outro, com colo muito marcado e sinuoso (Fig. 40, n.º 3).

2.4.2 - Braçal de arqueiro

Trata-se de uma peça de arenito micáceo, que se integra no grupo em epígrafe, constituindo, como é sabido, um dos elementos mais característicos dos conjuntos campaniformes, embora tenha sobrevivido às cerâmicas campaniformes, visto ocorrer em fases mais tardias, epicampaniformes ou do Bronze Inicial,

como é o caso do Horizonte de Ferradeira, relativo ao sul do País (SCHUBART, 1971); no norte do País, aquele horizonte cronológico-cultural tem equivalente, como é sabido, nas necrópoles de cistas, como a sepultura da Quinta da Água Branca, Vila Nova de Cerveira, que, no entanto, não forneceu nenhum braçal de arqueiro, ao contrário do encontrado na necrópole coeva de Chã de Arefe, Barcelos (SILVA, LOPES & MACIEL, 1981).

2.5 - A ocupação da Idade do Bronze

A existência de um rico conjunto cerâmico da Idade do Bronze na gruta do Correio-Mor, pressupõe intensa ocupação da cavidade, ao menos por um curto período de tempo. Esta ocupação não terá sido, contudo, de carácter funerário, dada a ausência de cinzas (no caso de ter constituído necrópole de incineração) ou de restos osteológicos (no caso de inumações); com efeito, os únicos ossos humanos ali encontrados foram datados do Neolítico. Deste modo, é reforçada a possibilidade de os restos da Idade do Bronze se relacionarem com utilização não-funerária, mas de carácter ritual. Já anteriormente, se tinha admitido tal possibilidade, aquando do estudo das cerâmicas de ornatos brunidos ali encontradas (CARDOSO, 1997/1998a), comparando-se tal realidade com a verificada em outras grutas estremenhas. Deste modo, tal prática terá assumido, no Bronze Final, carácter generalizado, com paralelos mediterrâneos e atlânticos bem conhecidos. Deve, no entanto, valorizar-se um fragmento ainda não publicado (Fig. 48, n.º 1), decorado do lado interno do bordo por uma banda de impressões/incisões “em espiga”, com paralelos evidentes nas cerâmicas do Bronze Final da Meseta.

Neste estudo, não se irão reproduzir as cerâmicas do Bronze Final já publicadas; a análise limitar-se-á à caracterização do conjunto não decorado, ainda não estudado, acompanhante das cerâmicas de ornatos brunidos, sem porém ser possível garantir a ausência de cerâmicas lisas do Bronze Pleno, dificilmente destrincháveis, nalguns casos, das do Bronze Final; aliás, a presença humana na cavidade no Bronze Pleno, é indicada pela descoberta de um machado plano de bronze, de gume peltado, sem dúvida daquela época (Fig. 33, n.º 2).

2.5.1 - Cerâmicas lisas

As formas tipologicamente reconhecidas na gruta do Correio-Mor são as seguintes:

2.5.1.1 - Taças carenadas

Trata-se de forma muito variável, não apenas pela posição da carena face à altura primitiva do recipiente, mas também pelo perfil da mesma, desde os exemplares em que, tanto na parede externa como interna, aquela se encontra bem marcada, até aos que mostram apenas uma ligeira inflexão do perfil, por vezes mesmo inexistente do lado interno. Não se considerou pertinente, ao contrário do

verificado no conjunto cerâmico do povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda, Lisboa (CARDOSO & SILVA, 2004), a identificação de uma categoria de taças diferenciada das formas carenadas, correspondente às “taças de perfil suave”. Deste modo, as taças carenadas da gruta do Correio-Mor foram subdivididas, nas seguintes categorias:

Taças de carena alta: representadas por seis exemplares: Fig. 53, n.º 3 a 7; Fig. 54, n.º 7;

Taças de carena média: representadas por dez exemplares: Fig. 52, n.º 2; Fig. 54, n.º 3 a 6; Fig. 56, n.º 3, 6, 8 e 10; Fig. 57, n.º 2;

Taças de carena baixa: representadas apenas por dois exemplares: Fig. 53, n.º 1 e 2.

2.5.1.2 - Taças em calote

Corresponde a uma forma praticamente imutável desde o Neolítico ao Bronze Final, encontrando-se representada, ao longo de todo o Calcolítico, mesmo no conjunto de cerâmicas campaniformes, onde ocorrem, a par de exemplares lisos, os decorados com temáticas características daquela fase cultural. No Bronze Pleno, continua a verificar-se a presença desta forma, embora em quantidades modestas, nas ainda mais escassas estações estremenhas conhecidas daquele período, na Baixa Estremadura, tanto de carácter habitacional, como o destruído povoado do Catujal, Loures (CARREIRA, 1997), como de carácter sepulcral ou ritual, como é o caso da Lapa da Furada, Sesimbra (CARDOSO & CUNHA, 1995).

Na gruta do Correio-Mor identificaram-se apenas quatro exemplares: Fig. 35, n.º 4; Fig. 55, n.º 5 e 6; Fig. 56, n.º 4. A primeira, possui a particularidade de ser munida de um pega horizontal.

2.5.1.3 - Esféricos de bordo simples ou espessado

Trata-se, também, de uma forma presente desde o Neolítico. Os exemplares susceptíveis de serem reportados ao Bronze Final, pelas suas características tipológicas ou pelo acabamento superficial, são os representados na Fig. 56, n.º 7 e 12; Fig. 57, n.º 4; e Fig. 58, n.º 1 a 4, totalizando sete exemplares.

2.5.1.4 - Potes

É uma forma muito comum no conjunto cerâmico do Bronze Final em apreço, integrando diversas variantes, no tocante ao respectivo perfil. Nota-se a existência de recipientes de tamanhos muito diversos, relacionados directamente com as respectivas funções. Assim, os de maiores dimensões destinam-se-iam ao armazenamento de bens de consumo, como cereais, enquanto os de menores dimensões guardariam líquidos ou outras oferendas, no quadro da admitida utilização ritual da gruta, no decurso do Bronze Final. Do ponto de vista tipológico, consideraram-se as seguintes categorias:

Potes de colo alto em aba mais ou menos desenvolvida e bordo com ou sem espessamento, representados por onze exemplares: Fig. 52, n.º 3, 5 e 6; Fig. 55, n.º 1 e 3; Fig. 56, n.º 1 e 2; Fig. 57, n.º 10; Fig. 59,

nº 2, 4 e 5;

Potes de colo alto, sub-vertical ou ligeiramente extrovertido, representados por apenas três exemplares: Fig. 52, nº 1; Fig. 54, nº 2; Fig. 55, nº 2;

Potes de colo alto, carenado e reentrante, com bordo direito ou extrovertido, dos quais se conhece apenas um exemplar: Fig. 56, nº 9.

2.5.1.5 - Vasos em forma de saco, de paredes verticais

Diferenciam-se dos recipientes anteriores por corresponderem a uma forma aberta, cujo maior diâmetro corresponde à boca do recipiente, com dois exemplares conhecidos: Fig. 58, nº 5; Fig. 59, nº 1.

2.5.1.6 - Vasos troncocónicos abertos

Forma característica do Bronze Pleno, sendo frequente nas tumulações secundárias de monumentos dolménicos da Beira Alta e do norte de Portugal, como se verificou no dólmen de Carapito III, Aguiar da Beira (LEISNER & RIBEIRO, 1968, Abb. 16). Na gruta do Correio-Mor, identificaram-se elementos pertencentes a esta forma, diferenciando-se, contudo da homóloga nortenha por não possuírem asa, como acontece em muitos daqueles exemplares. São dois exemplares: Fig. 52, nº 4; Fig. 56, nº 5.

2.5.1.7 - Vasos cilíndricos

O fundo do único exemplar conhecido (Fig. 54, nº 1) não se conservou; provavelmente, seria plano; em alternativa, o fragmento em apreço poderia pertencer a um suporte, forma ainda mais rara, em território português.

2.5.1.8 - Fundos planos

Trata-se, em geral, de grandes vasos de provisões, do grupo dos de colo alto, atrás referidos, embora também existam exemplares de tipologia diferente e menor tamanho, pertencentes a taças de base ligeiramente onfalada (Fig. 55, nº 7) ou a vasos troncocónicos (Fig. 55, nº 9). Reconheceram-se sete exemplares: Fig. 55, nº 6 a 11; Fig. 57, nº 11.

2.5.1.9 - Formas indeterminadas (Vasos troncocónicos ou potes de colo alto ?)

A porção conservada de vários bordos permite aceitar as duas enunciadas alternativas: Fig. 56, nº 11 e 13; Fig. 59, nº 3.

2.5.1.10 - Elementos de *preensão*

Identificaram-se as seguintes morfologias:

Mamilos simples ou duplos, geminados, com perfuração simples ou dupla vertical, sobre a carena de taças altas: Fig. 53, n.º 3, 4 e 5; Fig. 55, n.º 4;

Mamilos simples com furação vertical: Fig. 57, n.º 5 e 6;

Pegas simples horizontais, de grandes recipientes: Fig. 57, n.º 7, 8 e 9;

Pegas simples horizontais, de taças hemisféricas: Fig. 35, n.º 4;

Asas com arranque na carena, de pequenas taças carenadas: Fig. 57, n.º 2.

2.5.1.11 - Elementos *decorativos*

Além do exemplar decorado já mencionado (Fig. 48, n.º 1), identificaram-se:

Bordos denteados no lábio, com furações sob o bordo, de carácter decorativo: Fig. 55, n.º 1;

Mamilos simples, sobre a carena; correspondem a ligeiras protuberâncias sem utilidade prática: Fig. 57, n.º 1;

Incisões finas de tipo geométrico: Fig. 57, n.º 3. Um exemplar semelhante provém do povoado da Tapada da Ajuda (CARDOSO & SILVA, 2004, Fig. 7, n.º 5).

Trata-se, pois de um conjunto meramente vestigial, face à abundância das formas lisas e das decorações de ornatos brunidos coevas.

No conjunto, as cerâmicas do Bronze Final ora estudadas, não poderão ser vista separadamente dos fragmentos com ornatos brunidos, já estudados (CARDOSO, 1997/1998a), correspondendo estes últimos à componente decorada, cuja presença remete a cronologia das cerâmicas ora estudadas para o Bronze Final II (situável nos séculos XI a IX a.C.; com efeito, a restante componente decorada, encontra-se apenas representada por escassos fragmentos, com decorações incisivas, plásticas ou recorrendo a perfurações decorativas, associadas a bordos de lábio denteado por incisão.

No concernente às formas lisas, são largamente dominantes as taças carenadas, entre as formas abertas e os potes de colo alto, entre as formas fechadas, exactamente as mesmas formas que se verificou serem dominantes no povoado da Tapada da Ajuda (CARDOSO & SILVA, 2004), cuja cronologia poderá ser um pouco anterior, remontando ao Bronze Final I, pela ausência de cerâmicas de ornatos brunidos. Trata-se de formas sem antecedentes calcolíticos estremenhos, embora outros recipientes mostrem evidentes analogias com exemplares mais antigos, como as taças em calote e os esféricos, ainda que representados por escassos exemplares. Vestigiais são, também, os vasos troncocónicos, bem representados no Bronze Pleno do Centro e Norte do País. A sua presença na gruta do Correio-Mor sugere a existência de ligações entre a Estremadura e aquelas regiões, aliás documentadas pela presença de metalurgia do bronze – como bem indica o molde para fundição de foices do tipo Rocanes, do sítio epónimo do concelho

de Sintra (FONTES, 1916) – só possível com a importação do estanho, oriundo das Beiras. Aliás, a via comercial que foi utilizada para a importação desta matéria-prima – o vale do Tejo – encontra-se balizada pela distribuição das cerâmicas de ornatos brunidos, entre a Estremadura e a Beira Interior (BÜBNER, *in* ALARCÃO, 1996).

2.5.2 - Materiais metálicos

2.5.2.1 - Machado

Trata-se de um pequeno exemplar, de gume arqueado, o qual se junta a outros exemplares já conhecidos da Baixa Estremadura e atribuíveis ao Bronze Pleno (Fig. 33, n.º 2). Deste modo, embora as cerâmicas acima estudadas tenham sido atribuídas, globalmente, ao Bronze Final, pela sua aparente associação às cerâmicas de ornatos brunidos, é possível que uma parte delas, por pequena que seja, remonte ainda ao Bronze Pleno, acompanhando deste modo a peça em causa.

Machados planos, com o gume marcadamente convexo, oriundos de diversos locais da Estremadura, correspondem a verdadeiros bronzes, como revelaram as análises. É o caso de exemplares recolhidos no povoado calcolítico fortificado de Vila Nova de São Pedro, Azambuja (PAÇO, 1955; PAÇO & ARTHUR, 1956). A estes, outros se podem juntar, recolhidos no vizinho concelho de Alenquer, em Amaral e na Ota (KALB, 1980).

2.5.2.2 - Argolas

A presença de argolas simples é frequente em estações do Bronze Final; integravam peças compósitas, onde desempenhariam o papel de elementos de suspensão; outras, poderiam ser, simplesmente, utilizados como anéis (Fig. 24, n.º 1 a 3; Fig. 33, n.º 3 e 4).

2.5.2.3 - Furador

Uma ponta, provavelmente de cobre batido, poderia ter a finalidade de furador, não se podendo excluir cronologia calcolítica (Fig. 24, n.º 6).

2.5.2.4 - Lâminas serrilhadas (?)

Dois segmentos estreitos e alongados, de cobre ou bronze, munidos em ambos os bordos de serrilha recortada, poderão ser pré-históricos ou mais modernos; desconhece-se, também, qual a sua finalidade (Fig. 24, n.º 4 e 5).

2.5.2.5 - *Lingote*

Trata-se de uma placa irregular de cobre batido (Fig. 33, nº. 1), a qual se enquadra bem no conjunto de lingotes de cobre calcolíticos reconhecidos na Estremadura, com destaque para os do povoado pré-histórico de Leceia (CARDOSO, 1997; CARDOSO & FERNANDES, 1995) e no Outeiro de São Mamede (CARDOSO & CARREIRA, 2003), sem embargo de poder corresponder à Idade do Bronze. Com efeito, a metalurgia desta liga requeria a disponibilidade de cobre, o qual, mais ainda do que no Calcólítico, proviria, essencialmente, do Alentejo.

2.6 - A ocupação da Idade do Ferro

A presença sidérica na gruta do Correio-Mor foi já objecto de uma curta referência, com a publicação de algumas das peças (CARDOSO, 2000b). Tal ocupação deve interpretar-se, de forma semelhante à do Bronze Final: à época, a cavidade serviria, essencialmente, como um local de carácter ritual, mais do que funerário. Esta realidade tem paralelo nas ocupações representadas por materiais da Idade do Ferro de cunho mediterrâneo, identificadas em algumas outras grutas naturais estremenhãs, com destaque para os materiais, ainda inéditos, pertencentes à colecção do Arq. Gustavo Marques, recolhidos na Lapa do Fumo, Sesimbra.

No conjunto ora estudado devem destacar-se duas facas de gume curvo, de ferro, com cabo de osso rebitado (Fig. 33, nº. 6 e 7), a menor conservando ainda restos do respectivo cabo. A estas duas peças podem associar-se recipientes cerâmicos feitos em torno rápido, tais como taças de cerâmica cinzenta fina (Fig. 60, nº. 1 e 2), a que se podem juntar vasos de colo médio, também de cerâmica fina, cinzenta ou alaranjada (Fig. 60, nº. 3; Fig. 61, nº. 4). Estas formas acompanham, ainda, jarros de cerâmica negra e toque metálico, de superfícies muito bem acabadas, com asas bilobadas bem lançadas (Fig. 60, nº. 4), cuja semelhança já tinha sido anteriormente notada com um jarro recolhido no casal agrícola de Outurela I, Oeiras (CARDOSO, 1990, Fig. 12), embora a secção da asa neste último seja circular e não bilobada. No conjunto, estes materiais são compatíveis com o século V a.C., ou, no limite, com o século anterior, no que, aliás, é concordante A. M. Arruda (ARRUDA, 2002). Facas de fio curvo e de cabo rebitado, como as encontradas no Correio-Mor, afiguram-se de cronologia lata, visto ocorrerem desde, pelo menos, os finais do século VII ou inícios do século VI a.C., sendo comparáveis aos materiais da necrópole de incineração da foz do rio Aljucén, Mérida (ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, 2003), até ao século V/IV a.C., como indica a cronologia da necrópole de inumação do Casalão, onde se encontrou uma faca semelhante (SERRÃO, 1994). A comprovar a assinalável diacronia deste tipo de facas curvas de ferro, podem mencionar-se, entre outros, os achados na necrópole de incineração de La Joya, Huelva, atribuídas aos finais do século VII, inícios do século VI a.C. (BLÁZQUEZ, 1975, Fig. 80; FERNANDEZ-JURADO, 1988/1989, Fig. 12), a que se poderiam somar outros exemplares, da necrópole de incineração de Setefilla, Sevilha (AUBET, 1981).

Outros materiais da Idade do Ferro são de cronologia mais moderna, ou indeterminada: é o caso de

recipientes de cerâmica comum (Fig. 60, n.º 5) e fragmentos anfóricos ou de *pythoi* (Fig. 61, n.º 1, 2 e 5). O fragmento de bordo de ânfora ibero-púnica (Fig. 61, n.º 1) é compatível com o tipo n.º 1401 do Cerro Macareno, Sevilha (PELLICER CATALÁN, 1978, Fig. 5), possuindo paralelo imediato no conjunto anfórico da Quinta da Torre, Almada (CARDOSO & CARREIRA, 1997/1998, Fig. 12, n.º 9).

2.7 - A presença medieval/moderna

Recolheram-se alguns materiais cerâmicos desta época, como o fundo de bilha, de cerâmica fina representado na Fig. 61, n.º 3. Do mesmo modo, um peso de ferro, deverá reportar-se à época em epígrafe (Fig. 33, n.º 5). Algumas peças, como fragmentos de telhas curvas de assinalável espessura, são de difícil explicação, no contexto em apreço.

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, publicam-se, com carácter exaustivo e sistemático, os materiais pós-paleolíticos que ainda se mantinham inéditos da gruta do Correio-Mor (Loures). Infelizmente, as condições em que decorreram os trabalhos arqueológicos não favoreceram uma exploração metódica, com o registo rigoroso e adequado tanto da estratigrafia, como das associações artefactuais, com excepção do notável conjunto de ídolos de calcário, já anteriormente publicados (CARDOSO, 1995). Com efeito, boa parte das colheitas efectuaram-se nas terras de escorrência, resultantes do desmonte da galeria posta a descoberto pela frente da pedreira que em 1974 lavrava no local. Infelizmente, a exploração continuou, já depois de iniciados os trabalhos arqueológicos, sobretudo na ausência no local da equipa, o que levou à destruição completa da parte que ainda restava intacta da gruta. Esta realidade conduziu a que, no presente estudo, se tenha dado prioridade, na falta de indicações estratigráficas seguras, à tipologia dos respectivos materiais, para a sua atribuição cronológico-cultural. Deste modo, com base no referido critério, foi possível confirmar a presença de sucessivas fases de ocupação/utilização da gruta:

- Paleolítico Superior (Solutrense): representado por escassos materiais que ainda aguardam publicação específica;

- Neolítico Antigo: representado por um variado conjunto de cerâmicas decoradas, por certo associado também a cerâmicas lisas e a indústrias líticas, de separação difícil dos conjuntos mais modernos, do Neolítico Final. As cerâmicas decoradas integram-se em dois grupos bem diferenciados: o primeiro, é comum na Baixa Estremadura, representado por decorações plásticas, incisas e impressas, como os motivos “em espiga”, presentes sobretudo em recipientes em forma de saco, esféricos e taças em calote; o segundo, está representado por decorações geométricas incisas a ponta romba, presentes em recipientes de carena alta adoçada, entre o bordo e aquela inflexão, e de fundo parabolóide; recentemente reconhecida em diversas estações da Estemadura setentrional, como a gruta da Casa da Moura, a sua presença

estende-se até ao Tejo, como indica a ocorrência de fragmentos deste grupo nas grutas do Poço Velho, Cascais, para além dos presentes na estação em estudo. Tal distribuição geográfica parece indicar influências setentrionais no Neolítico Antigo da Estremadura, tendo em consideração a ocorrência de idênticos exemplares em estações da Beira Alta e de Trás-os-Montes.

- Neolítico Final/Calcolítico ante-campaniforme: este ciclo cultural encontra-se bem representado, não só por uma abundante indústria de pedra lascada, mas também por importante conjunto de peças mágico-simbólicas, sobretudo de calcário. Sendo certo que a gruta continuou a servir como necrópole – como indicam, entre outros, os objectos de adorno recolhidos – a notável associação de ídolos de calcário, relacionada com altar rupestre, faz crer, também, na sua utilização como santuário.

- A presença campaniforme é, talvez, a mais expressiva das registadas, não só pela quantidade e variedade de materiais cerâmicos que lhe são reportáveis, mas também pela qualidade de alguns deles. A sua abundância e relevância não é, contudo, acompanhada pelo registo antropológico, o que faz crer, em numa ocupação de carácter ritual, não funerária; devem salientar-se alguns grandes recipientes de armazenagem, os maiores conhecidos com decorações campaniformes. Tais recipientes podem ser conotáveis com a utilização da gruta como “celeiro”, com paralelos, aliás, no Buraco da Pala, Mirandela (SANCHES, 1996). A riqueza cerealífera da região envolvente encontra-se, aliás, sublinhada, pela presença de um silo pré-histórico em Verdelha dos Ruivos, Vila Franca de Xira (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1976), perto da gruta funerária de época campaniforme do mesmo nome (LEITÃO *et al.*, 1984).

- Idade do Bronze: a presença de um machado plano de bronze mostra que a presença humana se prolongou pelo Bronze Pleno. É problemática, contudo, a associação de outros materiais a tal ocorrência, designadamente cerâmicas lisas, cuja tipologia, nalguns casos, se manteve com pequenas alterações do Neolítico ao Bronze Final. Só o Bronze Final se encontra indiscutivelmente presente, através de um importante conjunto de cerâmicas de ornatos brunidos, já publicadas, a que se podem associar numerosas formas lisas, de variada tipologia, que agora se publicam. As anteriores considerações sobre o carácter ritual da utilização da gruta, em detrimento da sua ocupação como necrópole, são agora reforçadas, pois continuam a faltar os correspondentes restos humanos.

- À I Idade do Ferro reportam-se alguns materiais de filiação mediterrânea, tanto de ferro como cerâmicos, os quais podem conotar-se a uma utilização ritual ou funerária fugaz, dos séculos VI a IV a.C. A fase posterior reportam-se recipientes de cerâmica comum, incluindo raros fragmentos de ânforas neopúnicas. Não será de excluir uma utilização esporádica da gruta, de carácter profano (arrecadação, celeiro?).

- À época medieval/moderna associam-se, enfim, diversas peças, que revelam a ocupação descontínua, talvez de índole habitacional, da gruta.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, A. C. (1998) - O concheiro de Toledo (Lourinhã) no quadro das adaptações humanas do pós-glaciar. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1 (2), p. 19-38.
- ARRUDA, A. M. (2002) - *Los Fenicios en Portugal*. Barcelona: Laboratorio de Arqueología de la Universidad Pompeu Fabra (Cuadernos de Arqueología Mediterránea, 5/6).
- AUBET, M. E. (1981) - La necrópolis de Setefilla en Lora del Rio (Sevilla) Túmulo A (e Túmulo B). *Andalucía y Extremadura* (J. Maluquer de Motes & M. E. Aubet, ed.). Barcelona. Departamento de Pre-historia y Arqueología Univ. Barcelona, p. 53-160.
- BELO, R.; TRINDADE, L. & FERREIRA, O. da Veiga (1961) - Gruta da Cova da Moura (Torres Vedras). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 45, p. 391-418.
- BLÁZQUEZ, J. M. (1975) - *Tartessos y los orígenes de la colonización fenicia en Occidente*. Salamanca. Universidad de Salamanca (Acta Salmanticensia - Filosofía y Letras, 85)
- BÜBNER, T. (1996) - A cerâmica de ornatos brunidos em Portugal. *In* De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C. (J. de Alarcão, coord.). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 66-72.
- CARDOSO, J. L. (1989) - *Leceia - resultados das escavações realizadas 1983-1988*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (1990) - A presença oriental no povoamento da I Idade do Ferro na região ribeirinha do estuário do Tejo. *Estudos Orientais*. Lisboa. 1, p. 119-134.
- CARDOSO, J. L. (1992) - A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9/10, p. 89-225.
- CARDOSO, J. L. (1993) - *Contribuição para o conhecimento dos grandes mamíferos do Plistocénico Superior de Portugal*. Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (1994) - *Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico*. Estudos Arqueológicos de Oeiras. Número especial.
- CARDOSO, J. L. (1995) - O santuário calcolítico da gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 97-121.
- CARDOSO, J. L. (1997) - *O povoado de Leceia sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo*. Lisboa/Oeiras: Museu Nacional de Arqueologia/Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (1997/1998a) - As cerâmicas de ornatos brunidos da gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 155-167.
- CARDOSO, J. L. (1997/1998b) - A ocupação campaniforme do povoado pré-histórico de Leceia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 89-153.
- CARDOSO, J. L. (1999/2000) - Os artefactos de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 8, p. 241-323.
- CARDOSO, J. L. (2000a) - Na Arrábida, do Neolítico Antigo ao Bronze Final. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa. 14, p. 45-70.

- CARDOSO, J. L. (2000b) - Manifestações funerárias da Baixa Estremadura no decurso da Idade do Bronze e da Idade do Ferro (II e I milénios a.C.): breve síntese. *3º Congresso de Arqueologia Peninsular* (Vila Real, 1999). Porto. Actas, 5, p. 61-99.
- CARDOSO, J. L. (2002) - *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Verbo.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1996) - Materiais campaniformes e da Idade do Bronze do concelho de Sintra. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 317-340.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1997/1998) - A ocupação de época púnica da Quinta da Torre (Almada). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 189-217.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (2003) - O povoado calcolítico do Outeiro de São Mamede (Óbidos): estudo do espólio das escavações de Bernardo de Sá (1903/1905). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 11, neste volume.
- CARDOSO, J. L. & CUNHA, A. S. (1995) - *A Lapa da Furada (Sesimbra). Resultados das escavações arqueológicas realizadas em Setembro de 1992 e 1994*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra.
- CARDOSO, J. L. & FERNANDES, J. M. B. (1995) - Estudo arqueometalúrgico de um lingote de cobre de Leceia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 153-164.
- CARDOSO, J. L. & SILVA, I. Mendes da (2004) - O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa): estudo do espólio cerâmico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7 (1). No prelo.
- CARDOSO, J. L. & SOARES, A. M. M. (1995) - Sobre a cronologia absoluta das grutas artificiais da Estremadura portuguesa. *Al-Madan*. Almada. Série II, 4, p. 10-13.
- CARDOSO, J. L. et al. (1995) - O santuário calcolítico da gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 97-121.
- CARDOSO, J. L. et al. (1996) - O monumento pré-histórico de Tituaria, Moinhos da Casela (Mafra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 135-193.
- CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C.; GRADIM, A. & JOAQUIM, A. do Nascimento (2002) - Menires do Alto Algarve oriental: Lavajo I e Lavajo II (Alcoutim). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5 (2), p. 99-133.
- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. & FERREIRA, O. da Veiga (1993) - Cerâmicas ungladas do povoado calcolítico da Penha Verde. *Al-Madan*. Almada. Série II, 22, p. 35-38.
- CARDOSO, J. L.; FERREIRA, O. da Veiga & CARREIRA, J. R. (1996) - O espólio arqueológico das grutas naturais da Senhora da Luz (Rio Maior). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 195-256.
- CARDOSO, J. L.; NORTON, J. & CARREIRA, J. R. (1996) - Ocupação calcolítica do Monte do Castelo (Leceia, Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 287-299.
- CARDOSO, J. L.; QUERRÉ, G. & SALANOVA, L. (2003) - Bell Beakers relationships along the atlantic coast. *VII European Meeting on Ancient Ceramics* (Fundação Calouste Gulbenkian, 27/31 de Outubro de 2003). Lisboa: Instituto Tecnológico e Nuclear (Grupo Património Cultural e Ciências). No prelo.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1996) - A ocupação neolítica de Leceia (Oeiras). Materiais recolhidos em 1987 e 1988. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 47-89.

- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. & FERREIRA, O. da Veiga (1996) - Novos elementos para o estudo do Neolítico Antigo da região de Lisboa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 9-26.
- CARREIRA, J. R. (1997) - Catujal: um povoado da Idade do Bronze (Médio) à entrada da "ria de Loures". Contribuição para o estudo das influências do Bronze do Sudoeste na formação do Bronze estremenho. *Vipasca*. Aljustrel. 6, p. 119-140.
- CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (2001/2002) - A gruta da Casa da Moura (Cesareda, Óbidos) e sua ocupação pós-paleolítica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 249-361.
- CARTAILHAC, É. (1886) - *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Paris: C. Reinwald.
- COELHO, J. (1912) - *A Prehistoria e o seu ensino. Mamaltar do Vale de Fachas*. Famalicão: Tipografia Minerva.
- ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J. J. (2003) - *Prehistoria de Mérida (cazadores, campesinos, jefes, aristócratas y siervos anteriores a los Romanos)*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano (Cuadernos Emeritenses, 23).
- FERNANDEZ-JURADO, J. (1988/1989) - *Tartessos y Huelva*. Huelva Arqueologica. Huelva. X/XI (1), 310 p.
- FERREIRA, O. da Veiga (1957) - Tipos de punhal lítico da coleção dos Serviços Geológicos de Portugal. *Revista de Gvimarães*. Guimarães. 67 (1/2), p. 185-191.
- FERREIRA, O. da Veiga & LEITÃO, M. (s/d) - *Portugal Pré-Histórico seu enquadramento no Mediterrâneo*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- FERREIRA, O. da Veiga & ROCHE, J. (1980) - Os elementos de adorno do Paleolítico Superior de Portugal. *Arqueologia*. Porto. 2, p. 7-11.
- FERREIRA, O. da Veiga & SILVA, C. Tavares da (1970) - A estratigrafia do povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal). Nota preliminar. *I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1969). Lisboa. Actas, 2, p. 203-225.
- FERREIRA, O. da Veiga & TRINDADE, L. (1956) - La nécropole de "Cabeço da Arruda" (T. Vedras). *IV Congreso Internacional de Ciencias Prehistoricas y Protohistoricas* (Madrid, 1954). Zaragoza. Actas, p. 503-520.
- FERREIRA, O. da Veiga, *et al.*, (1975) - Le monument mégalithique de Pedra Branca auprès de Montum (Melides). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 59, p. 107-192.
- FONTES, J. (1916) - Sur un moule pour faucilles de bronze provenant du Casal de Rocanes. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 21, p. 337-347.
- FRANÇA, J. Camarate & FERREIRA, O. da Veiga (1958) - Estação pré-histórica da Samarra (Sintra). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 39, p. 61-86.
- GOMES, M. V., in SILVA, A. C. Ferreira da & GOMES, M. V. (1992) - *Proto-História de Portugal. O sul de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.
- GOMES, M. V.; CARDOSO, J. L. & CUNHA, A. S. (1994) - A sepultura de Castro Marim. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. Lisboa. 80, p. 99-105.
- GONÇALVES, J. L. M. (1982/1983) - Monumento pré-histórico da Praia das Maças (Sintra). Notícia

- preliminar. *Sintria*. Sintra, 1-2 (1), p. 29-57.
- GONÇALVES, J. L. M. (1990/1992) - As grutas da serra de Montejunto (Cadaval). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 8/10, p. 41-201.
- GONÇALVES, V. S. (1971) - *O castro da Rotura e o vaso campaniforme*. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal.
- GONÇALVES, V. S. (1978) - *A neolitização e o megalitismo da região de Alcobaça*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura.
- GONÇALVES, V. S. (1999) - *Reguengos de Monsaraz territórios megalíticos*. Lisboa: Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz.
- JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1941) - A gruta II da necrópole de Alapraia. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 4, p. 107-140.
- JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1945) - El castro de Vila Nova de San Pedro. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*. Madrid. 20, p. 55-141.
- KALB, P. (1980) - Zur Atlantischen Bronzezeit in Portugal. *Germania*. 58, p. 25-59.
- LEISNER, V. (1965) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*. Der Westen. Berlin: Walter de Gruyter & Co. (Madrider Forschungen Band 1/3).
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1951) - *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz. Materiais para o estudo da Cultura Megalítica em Portugal*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1959) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*. Der Westen. Berlin: Walter de Gruyter & Co. (Madrider Forschungen Band 1/2).
- LEISNER, V. & FERREIRA, O. da Veiga (1961) - Monumentos megalíticos de Trigache e de A-da-Beja. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 45, p. 297-337.
- LEISNER, V. & RIBEIRO, L. (1968) - Die dolmen von Carapito. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg. 9, p. 11-62.
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1961) - *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme au Portugal*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Memória 8 - N. S.).
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1969) - *Les monuments préhistoriques de Praia das Maças et de Casainhos*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Memória 16 - N.S.).
- LEITÃO, M., et al. (1987) - A gruta pré-histórica do Lugar do Canto, Valverde (Alcanede). *O Arqueólogo Português*. O Arqueólogo Português. Lisboa. Série IV, 5, p. 37-65.
- LEITÃO, M., et al. (1978) - La céramique de la Culture du Vase Campaniforme du Portugal essai de systématisation. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 63, p. 449-520.
- LEITÃO, M., et al. (1984) - The prehistoric burial cave at Verdelha dos Ruivos (Vialonga), Portugal. *L'Âge du Cuivre européen civilisations à ases campaniformes* (J. Guilaine, ed.). Paris: CNRS, p. 221-239.
- MELO, O. A. Pereira de et al., (1961) - O monumento pré-histórico da Bela Vista (Colares). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 45, p. 237-249.
- PAÇO, A. do (1941) - As grutas do Poço Velho ou de Cascais. *Comunicações dos Serviços Geológicos de*

Portugal. Lisboa. 22, p. 45-84.

PAÇO, A. do (1955) - Castro de Vila Nova de S. Pedro. VII - Considerações sobre o problema da metalurgia. *Zephyrus*. Salamanca. 6, p. 27-40.

PAÇO, A. do & ARTHUR, M. L. C. (1956) - "Castro" de Vila Nova de S. Pedro. Le problème de la métallurgie. *IV Congreso Internacional de Ciencias Prehistoricas y Protohistoricas* (Madrid, 1954). Zaragoza. Actas, p. 535-541.

PAÇO, A. do & BÁRTHOLO, M. L. (1961) - Nota acerca de uma escudela do povoado do Bronze I de Montes Claros (Monsanto-Lisboa). *Zephyrus*. Salamanca. 12, p. 230-233.

PAÇO, A. do & JALHAY, E. (1939) - A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro. Notas sobre a 1ª. e 2ª. Campanha - 1937 e 1938. *Brotéria*. Lisboa. 28 (6); 29 (1, 4 e 5). 46 p. Separata.

PELLICER CATALÁN, M. (1978) - Tipología y Cronología de las ánforas prerromanas, del Guadalquivir, según el Cerro macareno (Sevilla). *Habis*. Sevilla. 9, p. 365-400.

RIBEIRO, C. (1880) - *Noticia de algumas estações e monumentos pré-históricos. II - Monumentos megalíticos das vizinhanças de Belas*. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa.

SÁ, M. C. M. de (1959) - A lapa da Galinha. *I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958). Actas e Memórias. Lisboa, 1, p. 117-128.

SANCHES, M. J. (1996) - *Ocupação pré-histórica do Nordeste de Portugal*. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques (Serie Monografias y Estudios).

SANTOS, M. Farinha dos (1971) - Manifestações votivas da necrópole da gruta do Escoural. *II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970). Coimbra. Actas, 1, p. 95-97.

SCHUBARTH, H. (1971) - O Horizonte de Ferradeira. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 81 (3/4), p. 189-215.

SERRÃO, E. da Cunha (1994) - *Carta arqueológica do concelho de Sesimbra do vilafranquiano até 1200 d.C.* Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra.

SILVA, A. C. F. da & LOPES, A. B. & MACIEL, T. D. P. (1981) - A necrópole do Bronze inicial da Chã de Arefe (Durrães, Barcelos). *Arquivo do Alto Minho*. Viana do Castelo. Série 3, 6, p. 49-61.

SILVA, A. M. (1997) - "Ler" os ossos: antropologia de campo e antropologia funerária. *Noventa séculos entre a serra e o mar* (M. F. Barata, ed.). Lisboa: IPPAR, p. 207-219.

SILVA, C. Tavares da (1971) - O povoado pré-histórico da Rotura. Notas sobre a cerâmica. *II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970). Actas. 1, p. 175-192.

SIRET, L. (2001) - *España prehistorica*. Album (1). Almería: Junta de Andalucía: Consejería de Cultura.

SOARES, J. (2003) - *Os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do simbólico*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia da Assembleia Distrital de Setúbal.

SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1974/1977) - O Grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Série III, 7/9, p. 101-124.

SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1975) - A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 1, p. 53-153.

SPINDLER, K. (1975) - Bemerkungen zu einigenportugiesischen glockenbecherfunden. *Madrid*

- Mitteilungen*. Heidelberg. 16, p. 56-79.
- SPINDLER, K. (1981) - *Cova da Moura*. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern (Madrider Beiträge, 7).
- TRINDADE, L. & FERREIRA, O. da Veiga (1971) - Vaso campaniforme "tipo garrafa bojuda" do Museu de Torres Vedras. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 81 (3/4), p. 261-264.
- VALERA, A.C. (1998) - A neolitização da bacia interior do Mondego. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 6, p. 131-148.
- VALERA, A. C. (2000) - O fenómeno campaniforme no interior centro de Portugal: o contexto da Fraga da Pena. *3º Congresso de Arqueologia Peninsular* (Vila Real, 1999). Porto. Actas, 4, p. 147-160.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1918) - Pelo sul de Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 23, p. 104-138.
- VILAÇA, R.; BECK, C. W. & STOUT, E. C. (2001) - Provenience analysis of prehistoric amber artifacts in Portugal. *Madrider Mitteilungen*. Mainz am Rhein. 43, p. 61-78.
- ZBYSZEWSKI, G. *et al.* (1976) - Découverte d'un silo préhistorique près de Verdelha dos Ruivos (Vialonga), Portugal. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg. 17, p. 76-78.
- ZBYSZEWSKI, G. *et al.* (1980/1981) - Paléo-anthropologie du Würm au Portugal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6/7, p. 7-23.
- ZBYSZEWSKI, G. *et al.* (1987) - O Paleolítico da gruta do Correio-Mor (Loures). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8, p. 7-27.
- ZILHÃO, J. (1989) - L' art mobilier paléolithique au Portugal. *Almansi*. Montemor-o-Novo. 7, p. 29-36.
- ZILHÃO, J. (1992) - *Gruta do Caldeirão: o Neolítico Antigo*. Lisboa: IPPAR (Trabalhos de Arqueologia, 6).
- ZILHÃO, J. (1997) - *O Paleolítico Superior da Estremadura portuguesa*. Lisboa: Colibri (2 vols.).



Fig. 1 - Gruta do Correio-Mor (Loures). Localização na Península Ibérica e na Carta Militar de Portugal à escala de 1/25000 (folha de Loures), Serviços Cartográficos do Exército, Lisboa.



Fig. 2 – Vista parcial da Gruta do Correio-Mor pouco depois de ali terem sido recolhidos materiais arqueológicos (assinalados pelas setas brancas). Foto de M. Leitão.



Fig. 3 – Pormenor da Fig. 2, observando-se a entrada da parte da gruta ainda intacta. Foto de M. Leitão.



Fig. 4 – Aspecto geral do enchimento arqueológico, cortado longitudinalmente pela frente da exploração da pedra, no início da sua exploração. Foto de M. Leitão.



Fig. 5 – Vista parcial da frente de exploração da pedra, depois de diversos tiros que conduziram à destruição dos depósitos arqueológicos anteriormente identificados junto à entrada da parte da gruta que ainda subsistia intacta, visível à direita (comparar com as Figs. 2 e 3). Foto de M. Leitão.



Fig. 6 – Vista do depósito arqueológico, correspondente ao enchimento longitudinal da galeria, seccionada pela frente da pedreira no decurso dos trabalhos. São visíveis o Eng. C. T. North, de pé, o Dr. G. Zbyszewski, de costas e o Dr. J. Norton, à direita. Foto de M. Leitão.



Fig. 7 – Vista da galeria, no final dos trabalhos. Foto de M. Leitão.



Fig. 8 – Vista da galeria, no final dos trabalhos. Foto de M. Leitão.



Fig. 9 – Pormenor do chão primitivo da galeria, em primeiro plano, evidenciando fenómenos de dissolução e carsificação dos calcários, posto a descoberto no final dos trabalhos. Foto de M. Leitão.



Fig. 10 – Vista transversal do enchimento da galeria, observando-se a inclinação das camadas de calcários e, em baixo, o depósito arqueológico, que colmatava a cavidade destruída. Foto de M. Leitão.

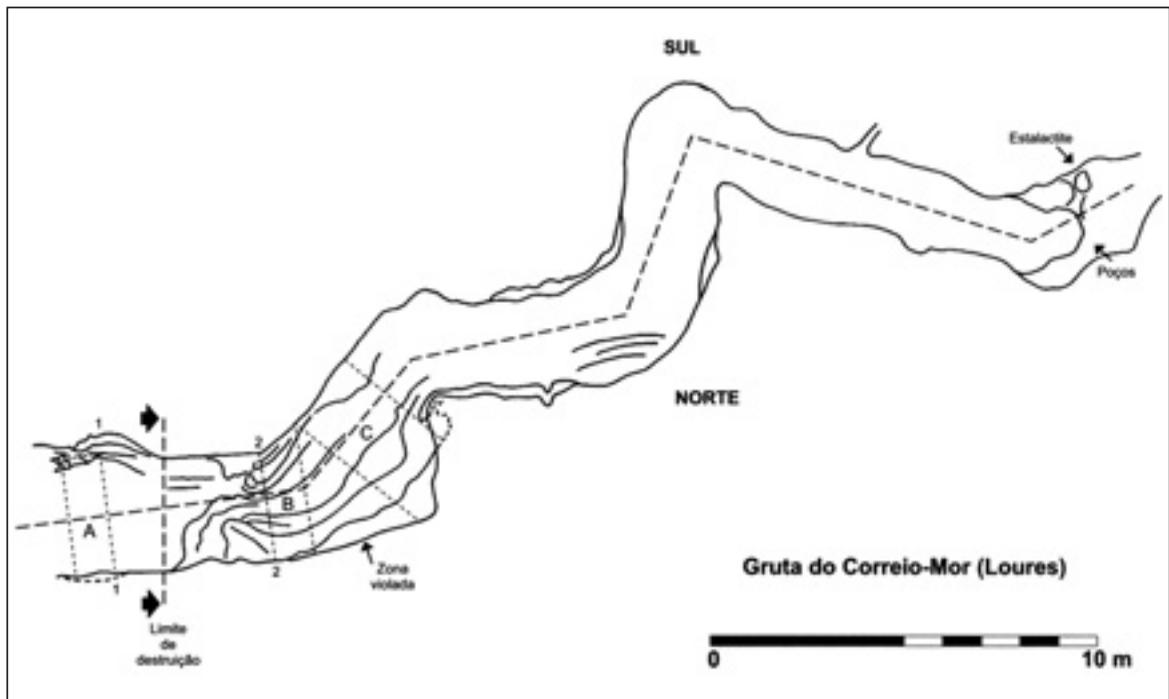


Fig. 11 – Planta da galeria ainda conservada na altura da descoberta da estação, em virtude da lavra da pedra, cuja entrada se assinala, situada à esquerda. Ver Figs. 2, 3 e 5.

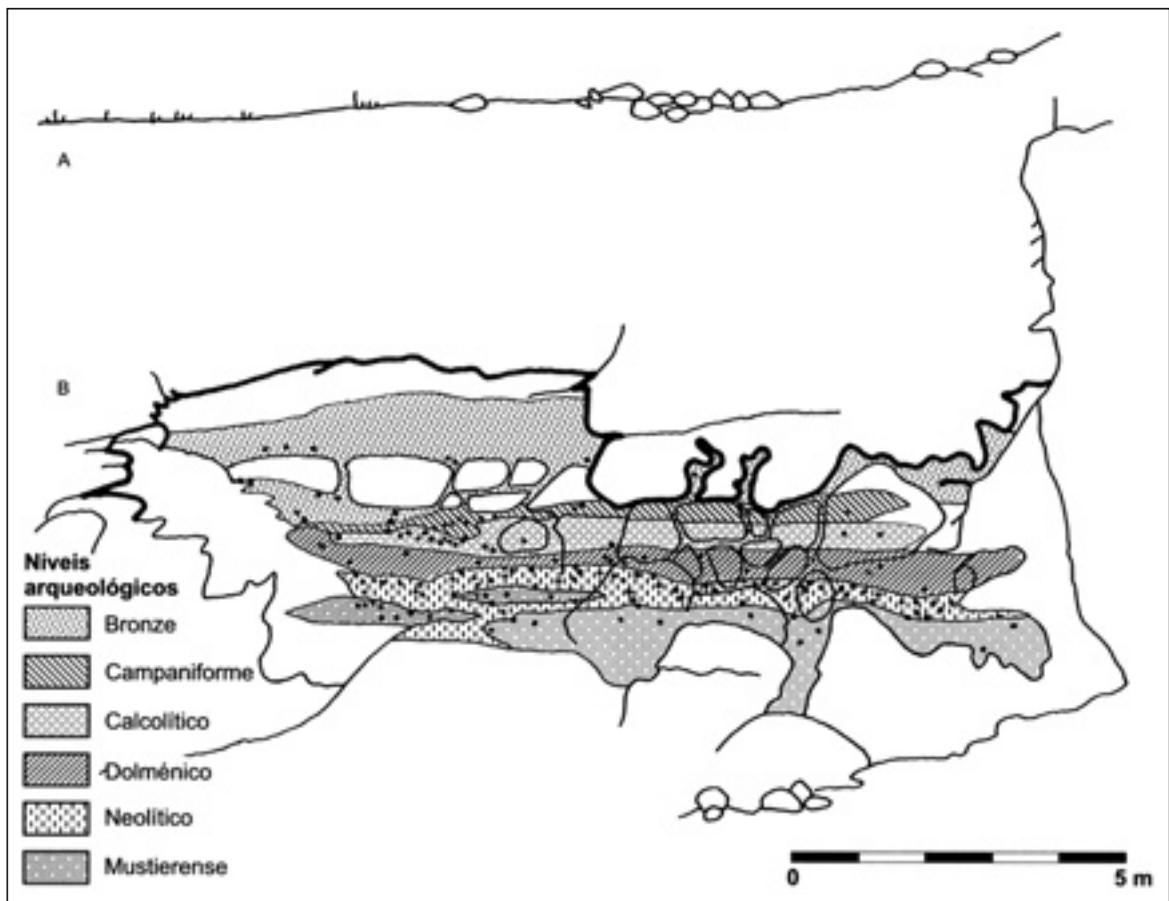


Fig. 12 – Corte longitudinal dos depósitos arqueológicos (reconstituição) observados na galeria principal desmontada pela lavra da pedra.



Fig. 13 – Tiro de pedreira, dos muitos que continuaram a fazer-se, destruindo completamente a parte ainda intacta da gruta (ver Fig. 11). Foto de M. Leitão.



Fig. 14 – Pormenor de dois recipientes campaniformes, na altura da descoberta (ver Fig. 40, nº 3 e Fig. 41, nº 1).



Fig. 15 – Ídolo de rocha siliciosa fina e cinzenta (ver Fig. 31, nº 1) no momento da descoberta. Foto de M. Leitão.



Fig. 16 – Ídolo da Fig. 15, sobreposto a taça em calote lisa, no momento da descoberta (ver Fig. 34, nº 8). Foto de M. Leitão.

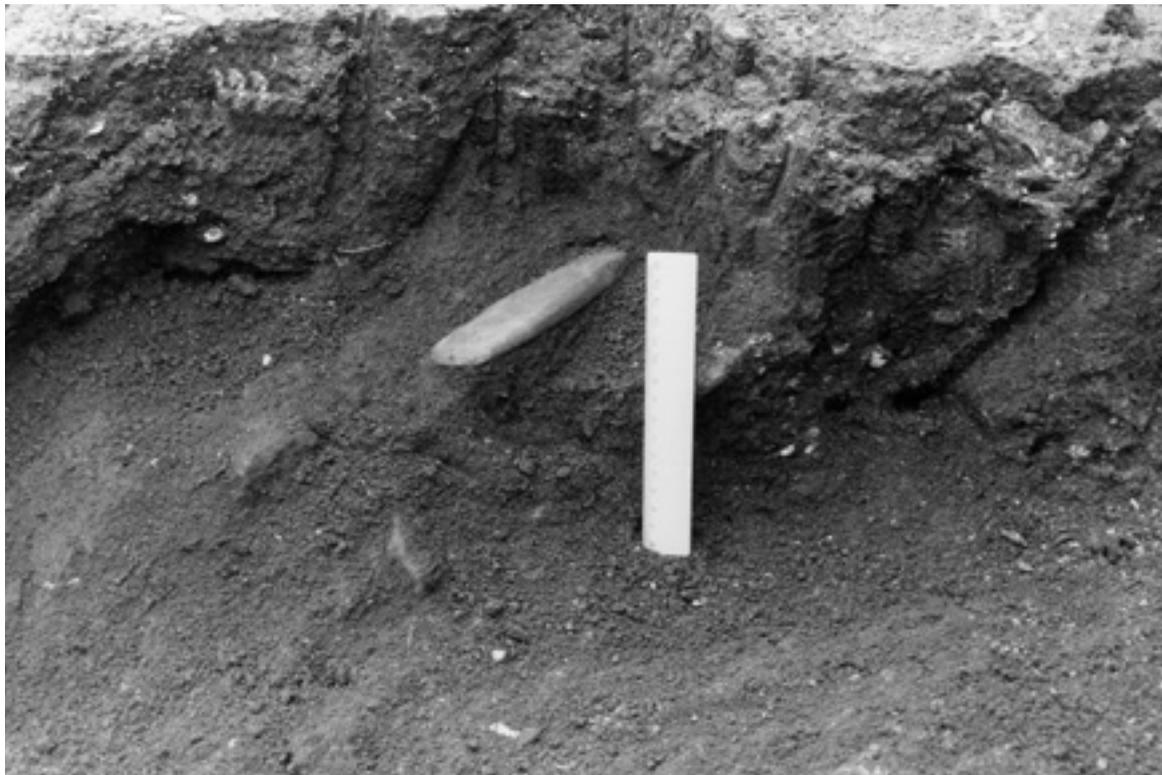


Fig. 17 – Enxó de xisto silicioso compacto (ver Fig. 19, nº 1), no momento da descoberta, no seio de enchimento terroso homogéneo. Foto de M. Leitão.



Fig. 18 – Pequena taça em calote (Fig. 37, nº 1) no momento da descoberta. Foto de M. Leitão.

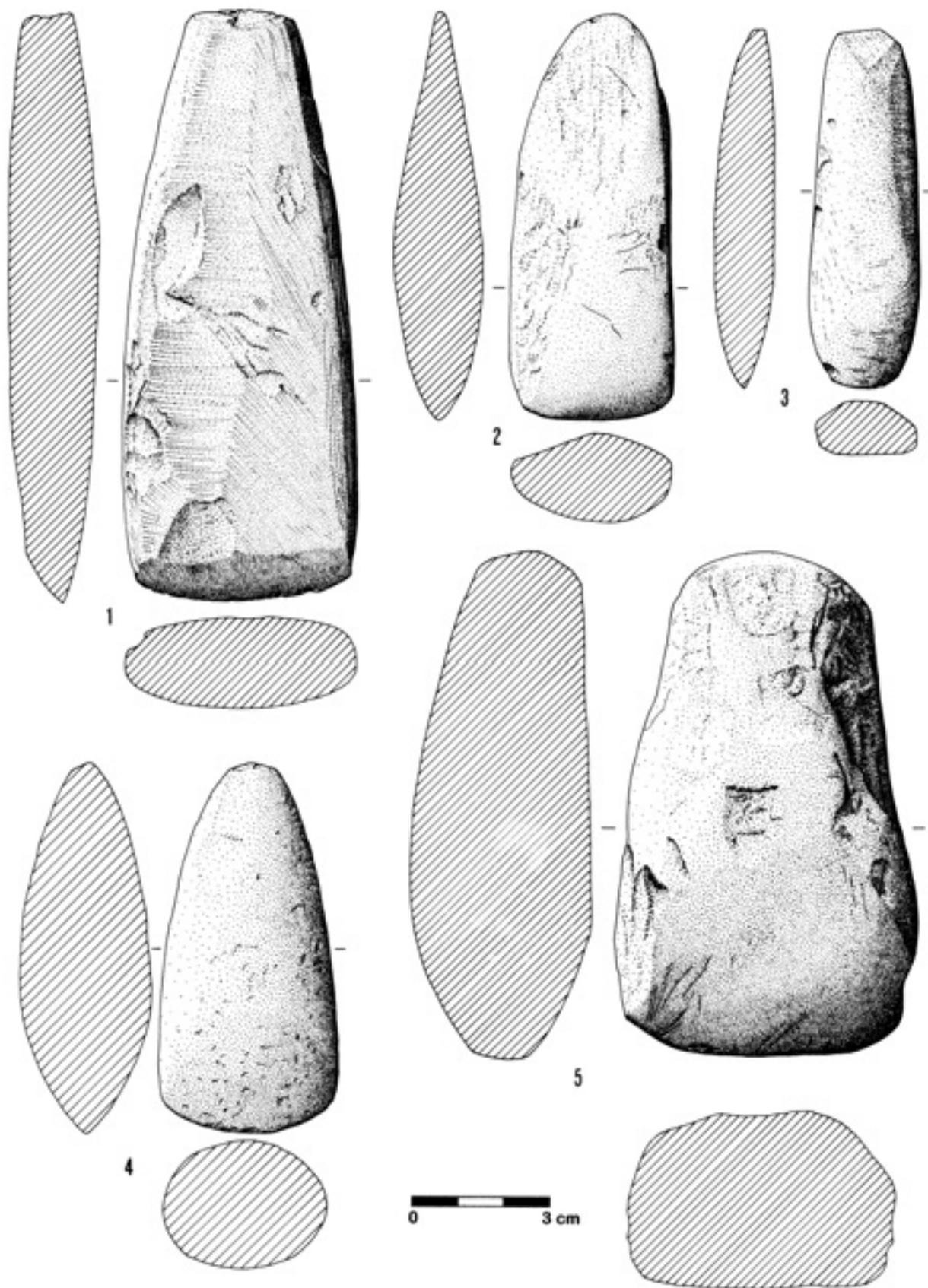


Fig. 19 – Gruta do Correio-Mor: indústria de pedra polida.

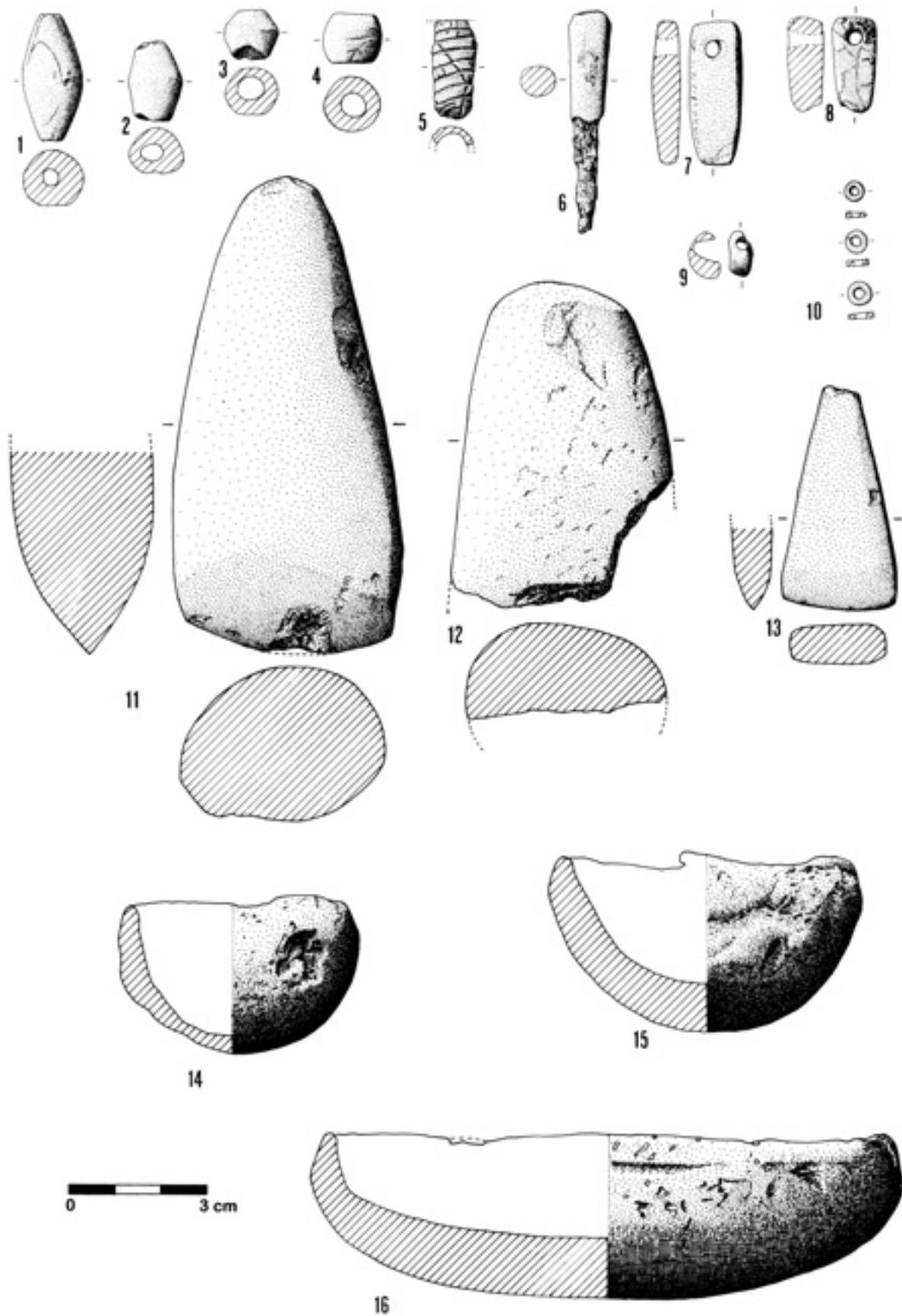


Fig. 20 – Gruta do Correio-Mor: indústria de pedra polida, cerâmica e elementos de adorno (colecção Arq. F. Berger).

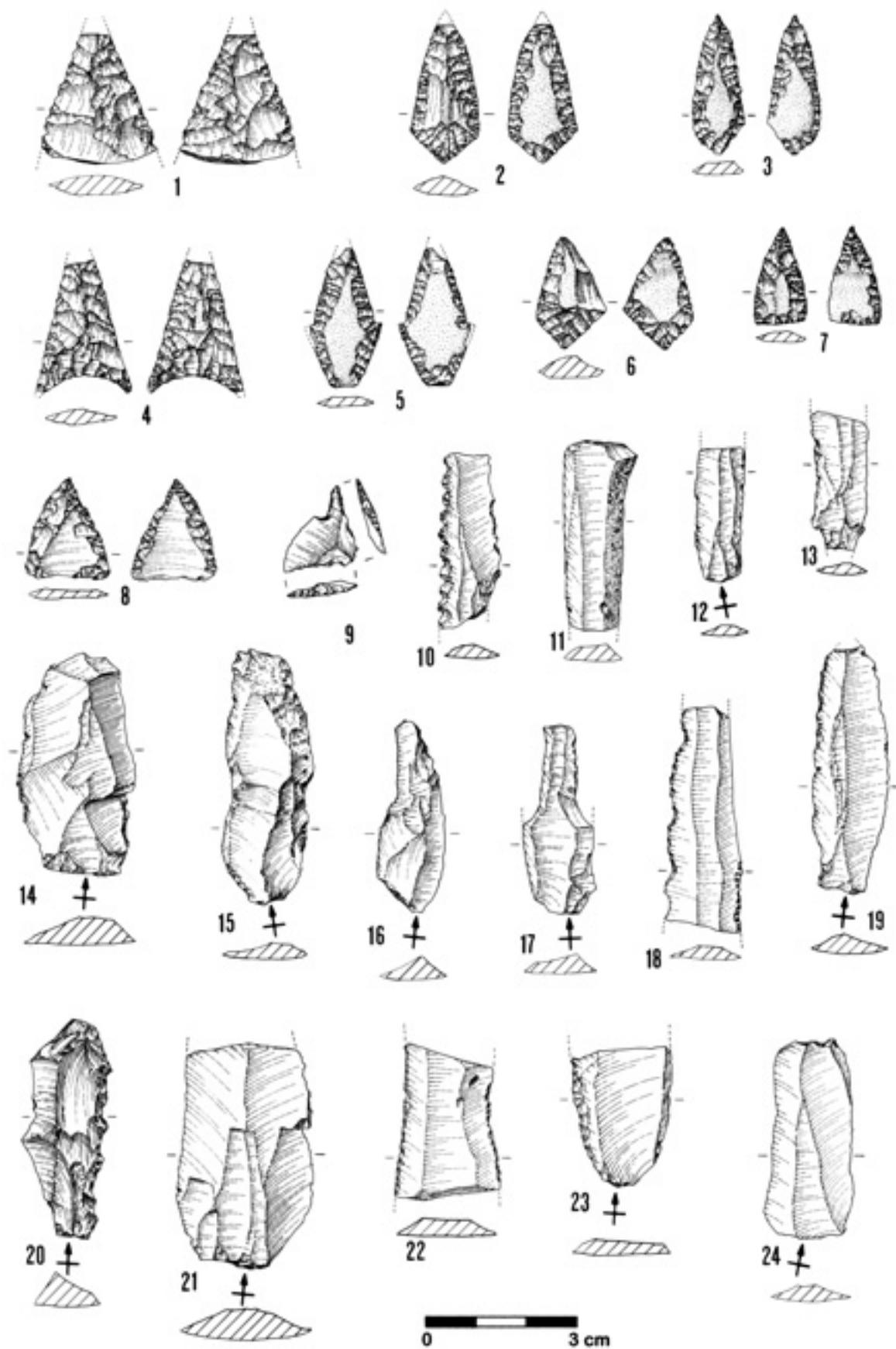


Fig. 21 – Gruta do Correio-Mor: indústrias de pedra lascada.

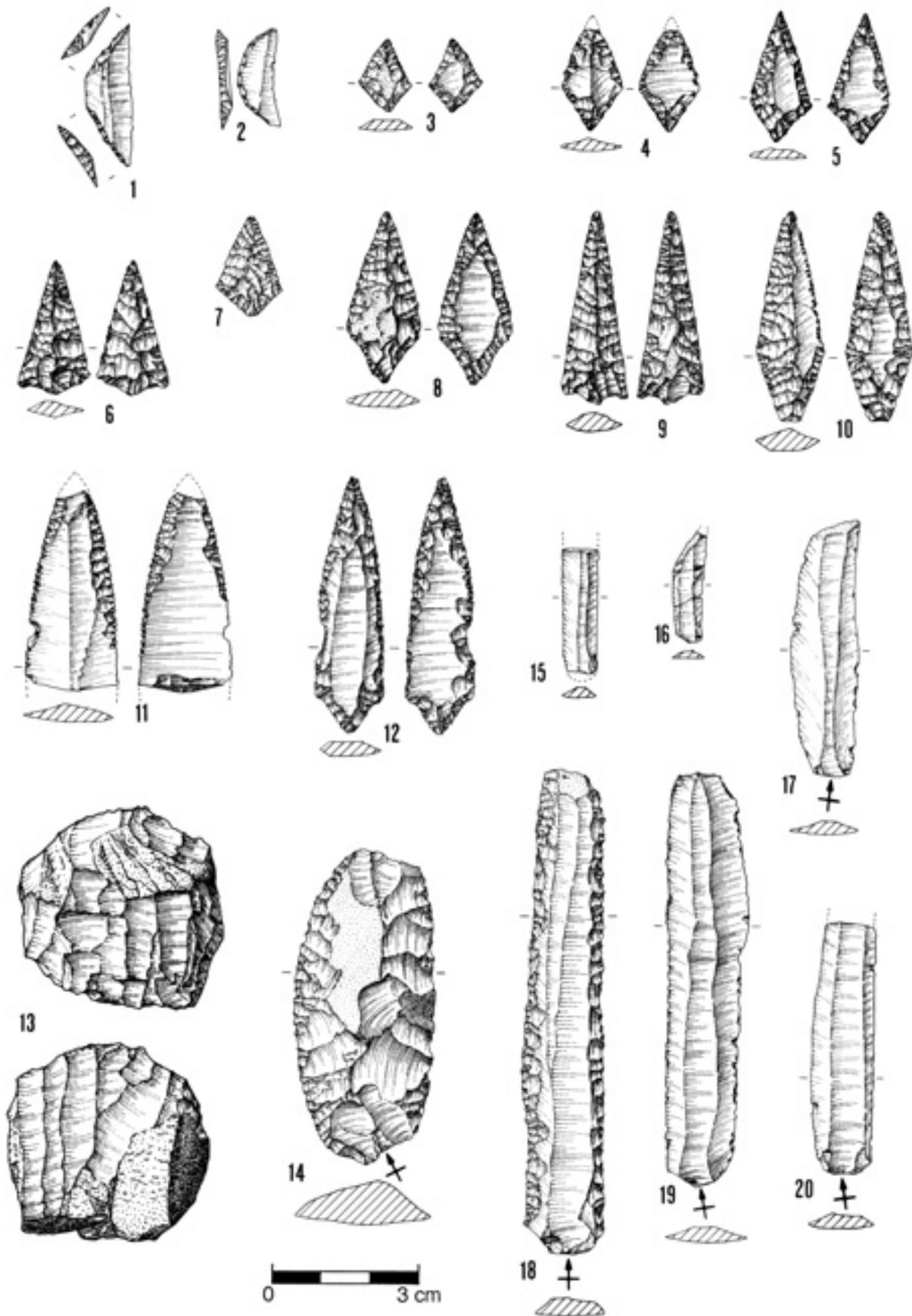


Fig. 22 – Gruta do Correio-Mor: indústrias de pedra lascada.

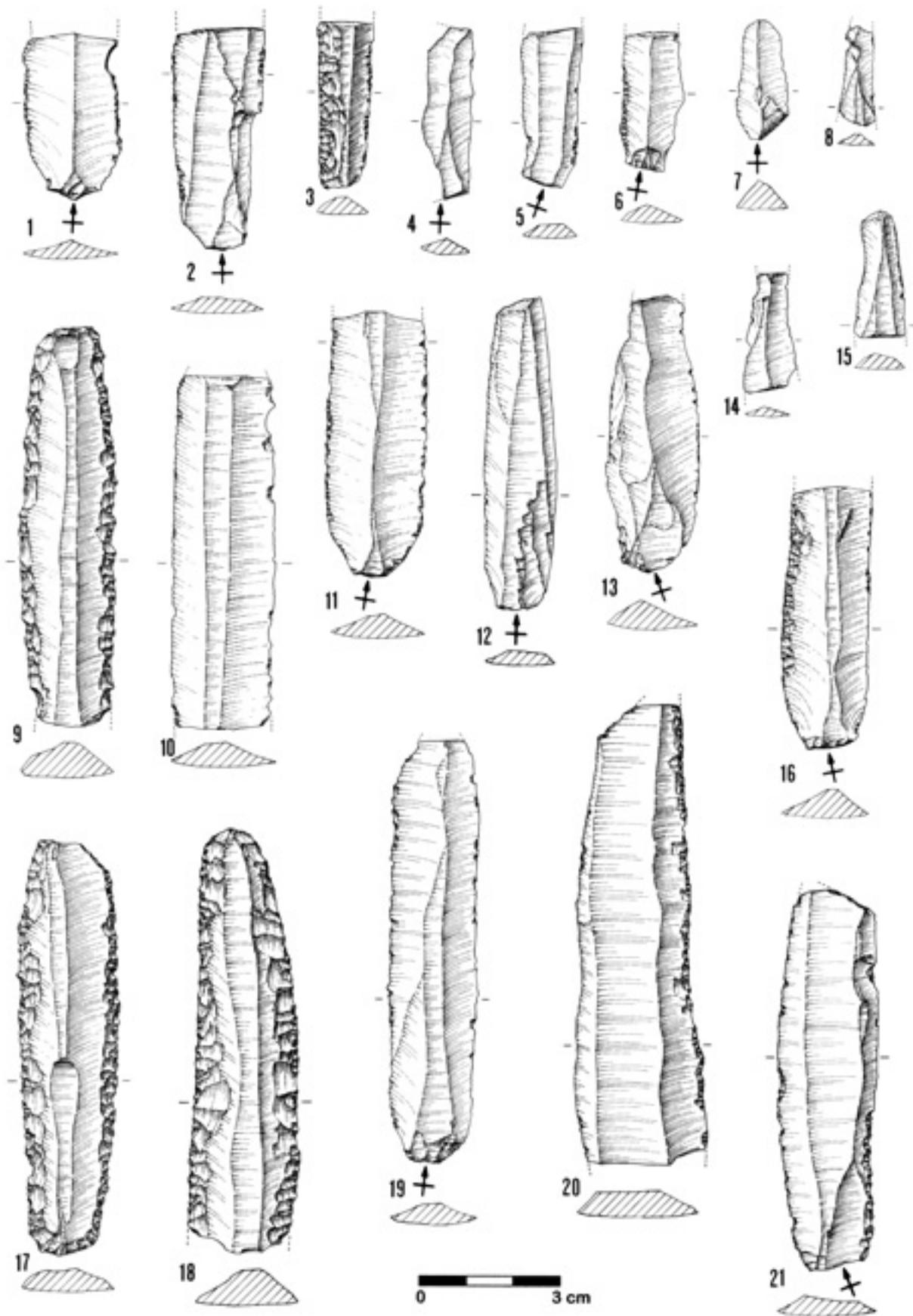


Fig. 23 – Gruta do Correio-Mor: indústrias de pedra lascada (coleção Arq. F. Berger).

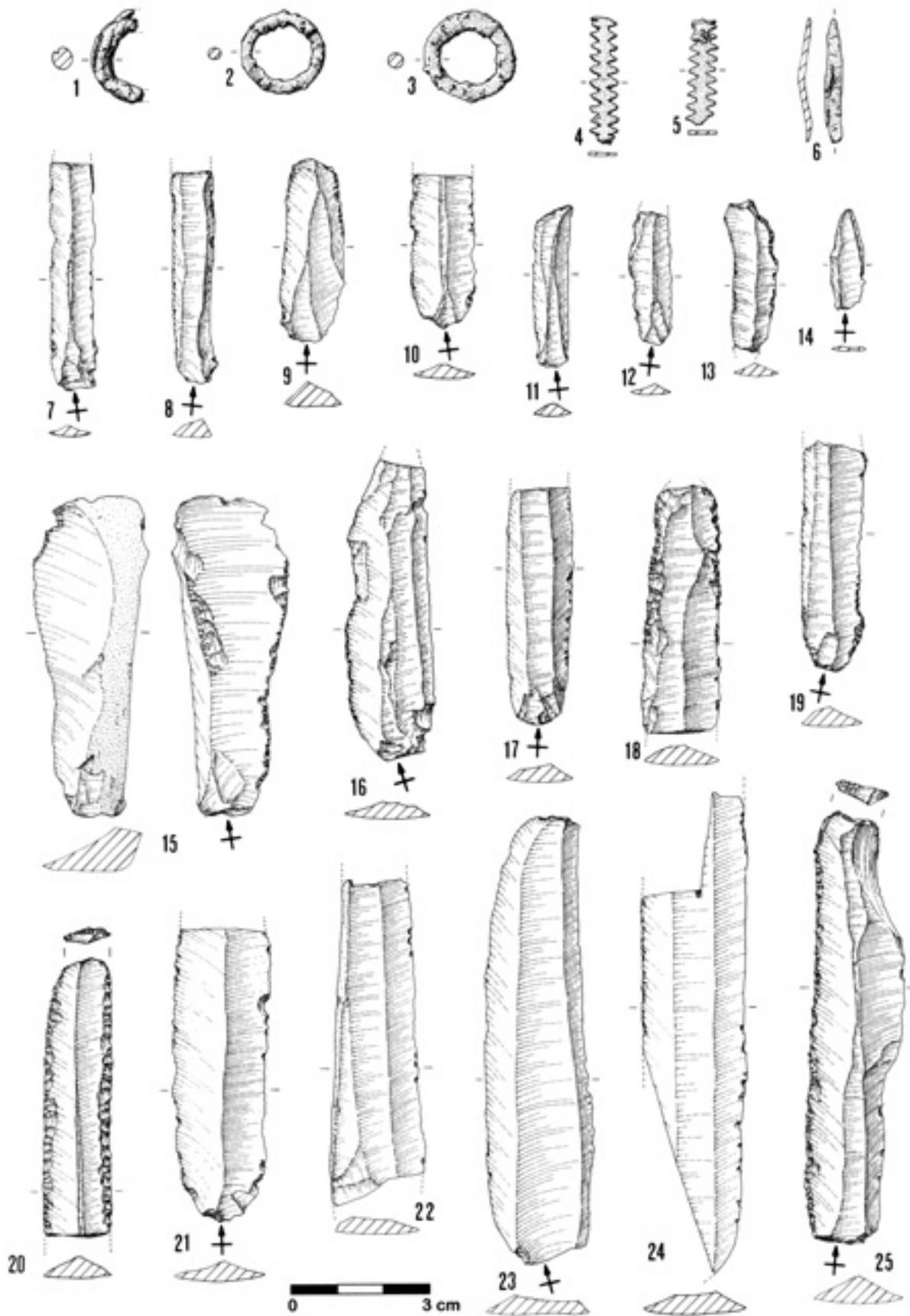


Fig. 24 – Gruta do Correio-Mor: indústrias de pedra lascada e objectos metálicos.

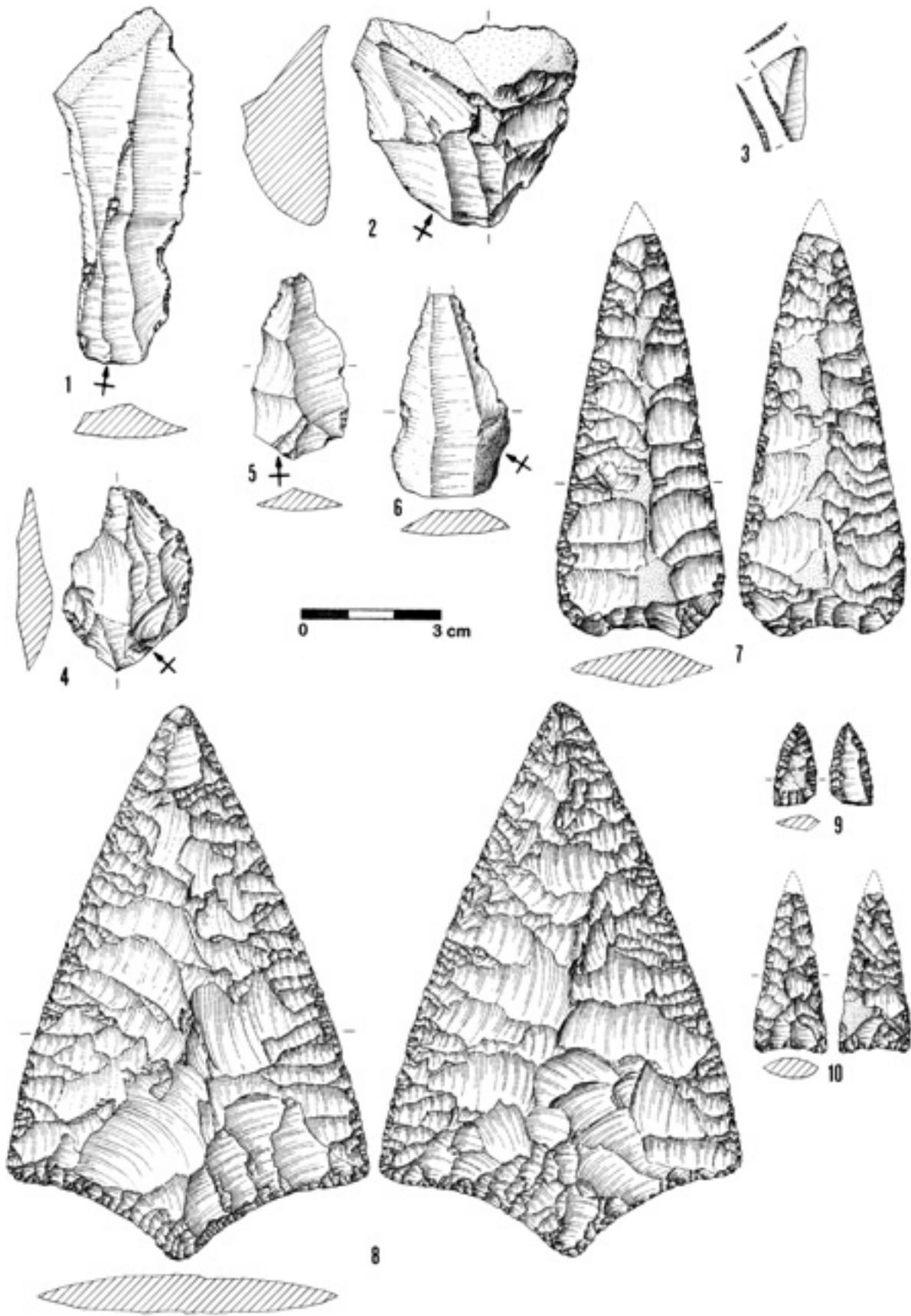


Fig. 25 – Gruta do Correio-Mor: indústrias de pedra lascada (coleção Arq. F. Berger).

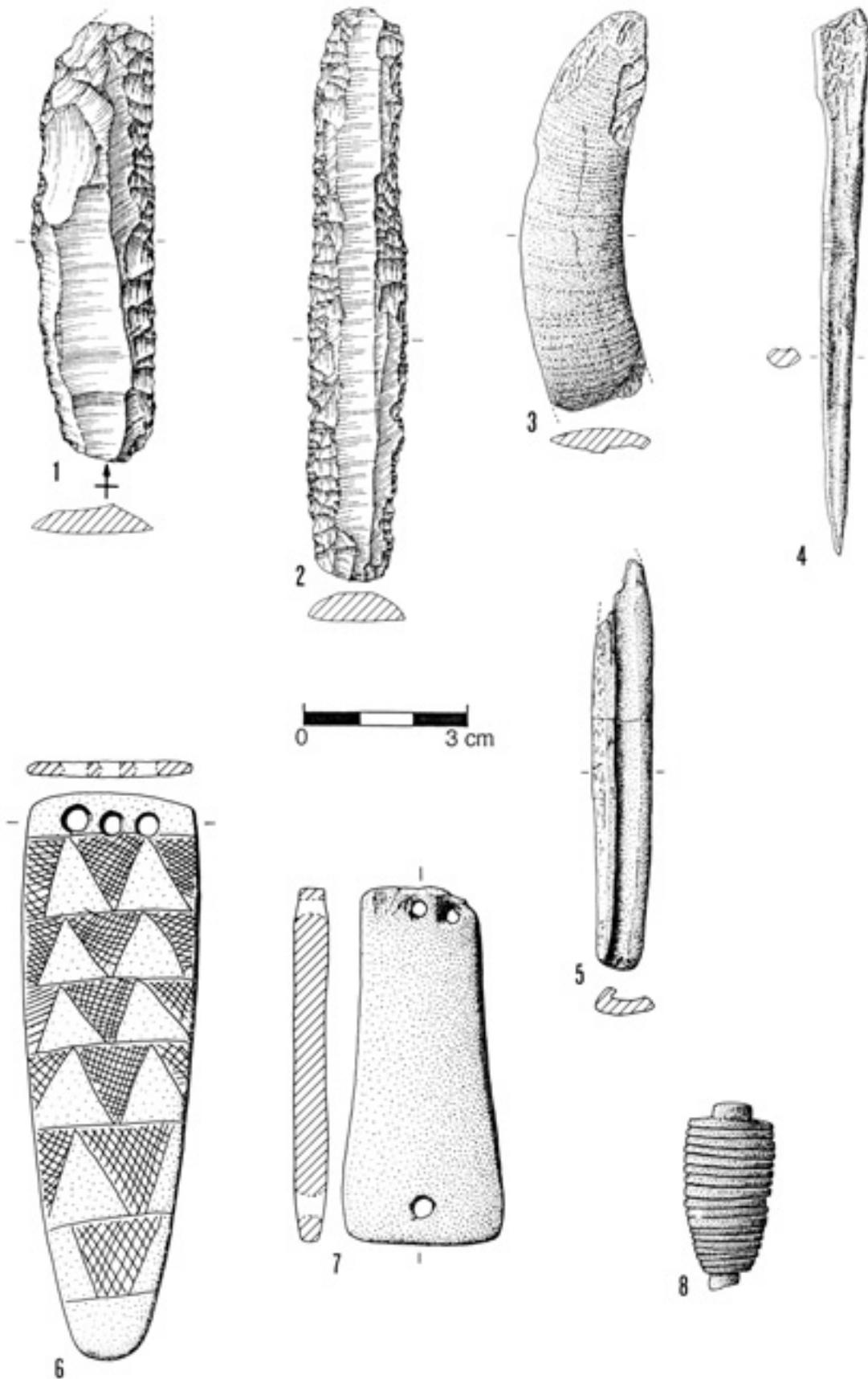


Fig. 26 - Gruta do Correio-Mor: indústrias de pedra lascada, de pedra polida e osso, objectos de adorno e de carácter mágico-religioso.

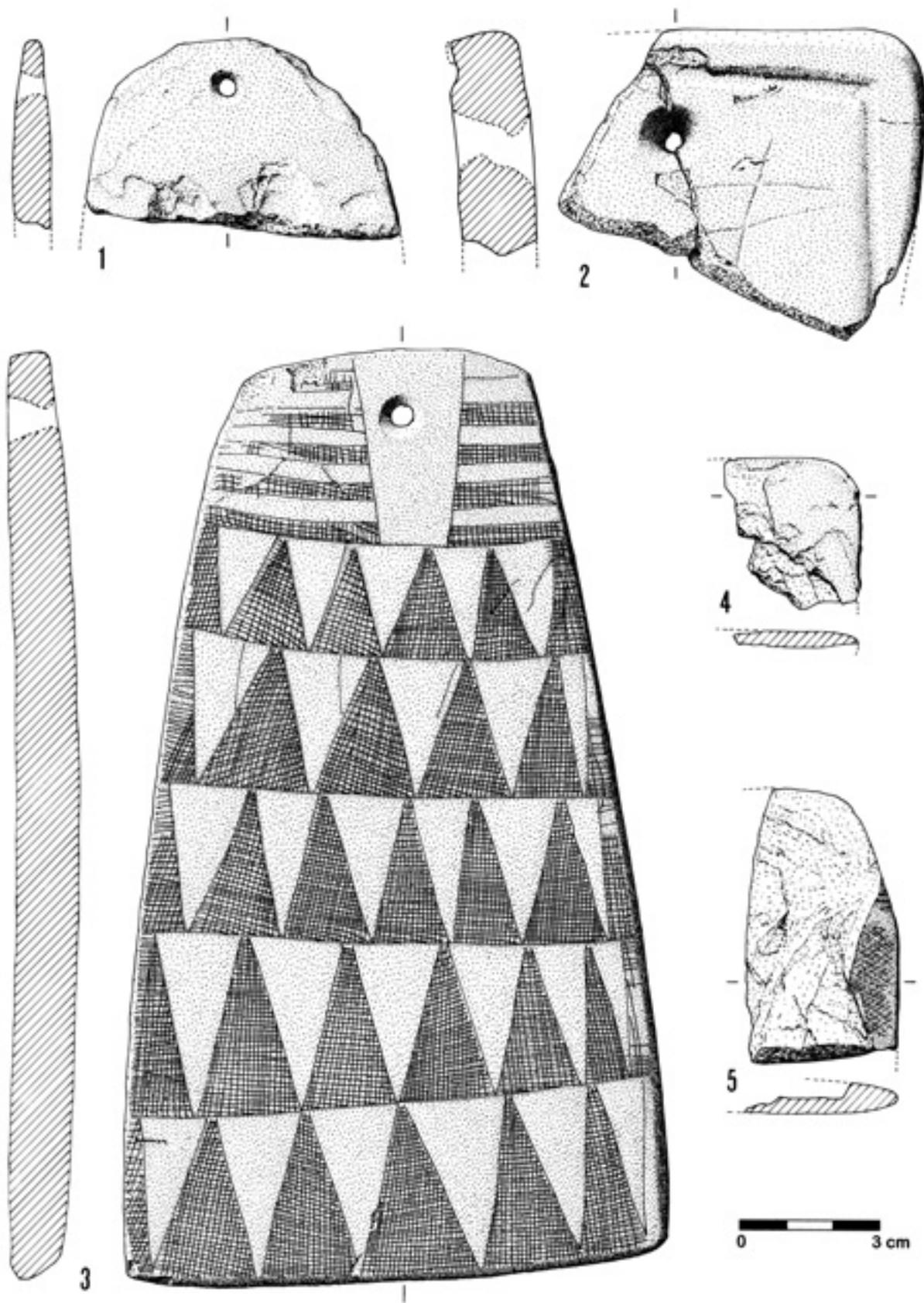


Fig. 27 – Gruta do Correio-Mor: objectos de carácter mágico-religioso (coleção Arq. F. Berger).

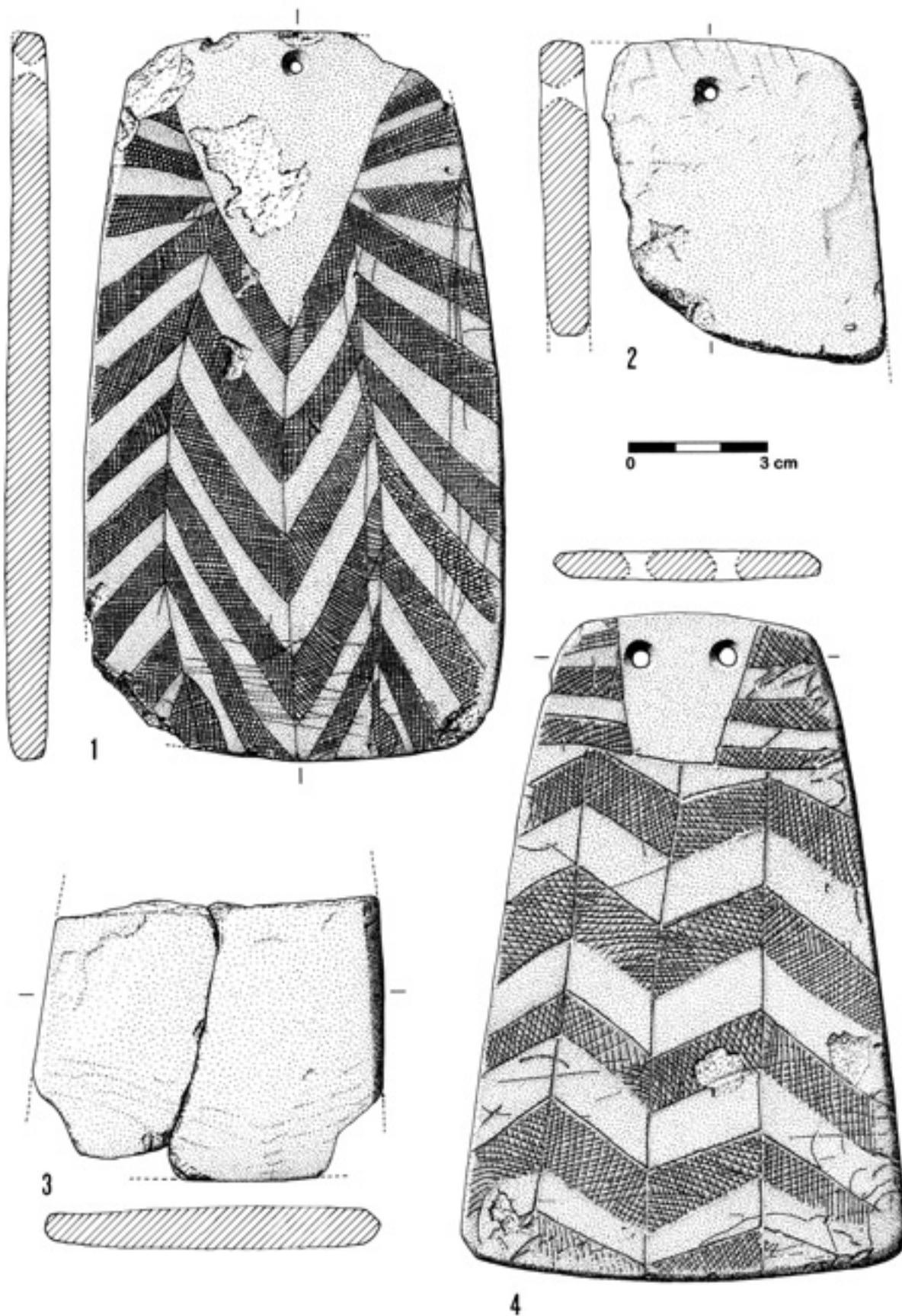


Fig. 28 – Gruta do Correio-Mor: objectos de carácter mágico-religioso (coleção Arq. F. Berger).

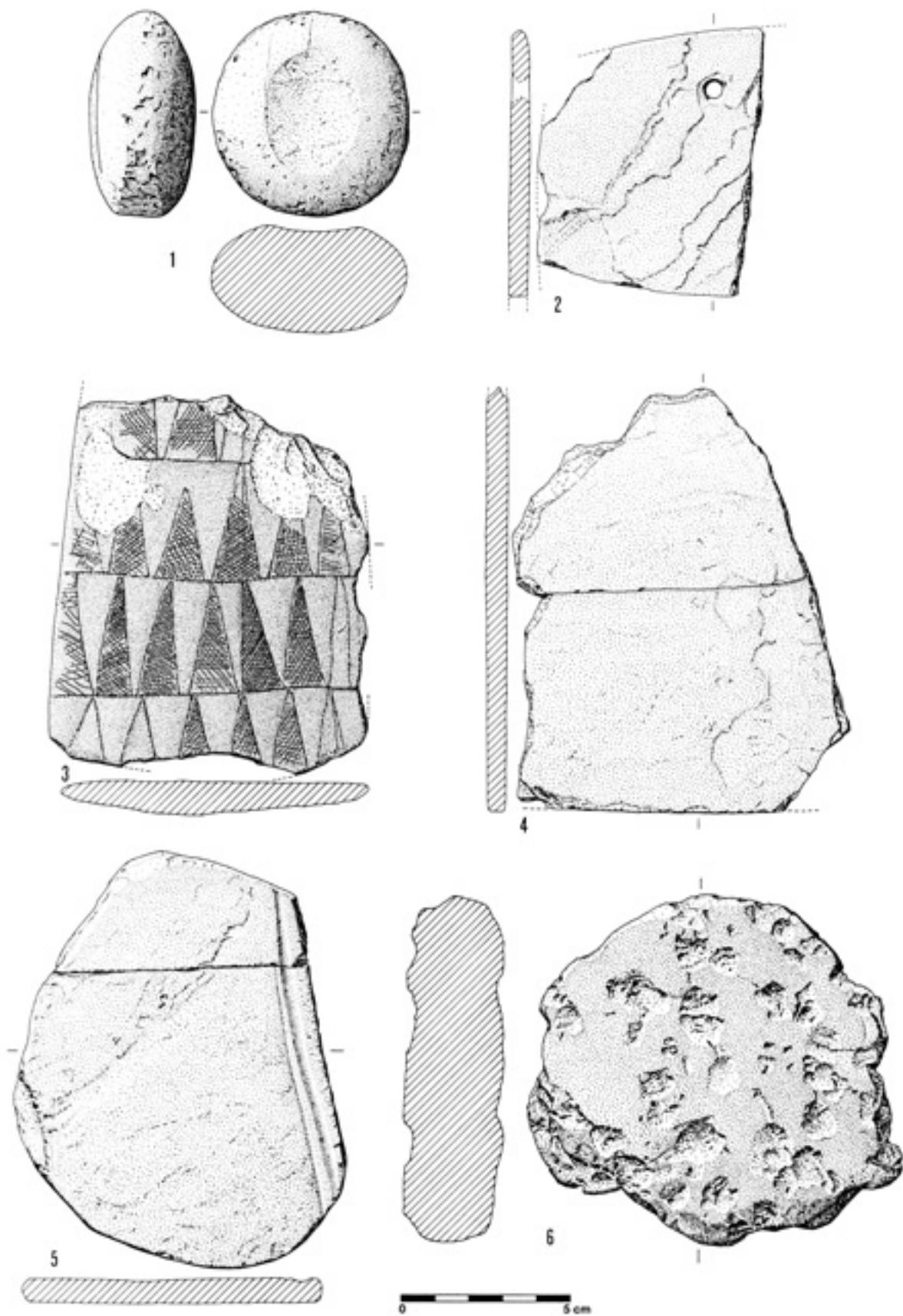


Fig. 29 – Gruta do Correio-Mor: indústrias de pedra afeiçãoada e objectos de carácter mágico-religioso.

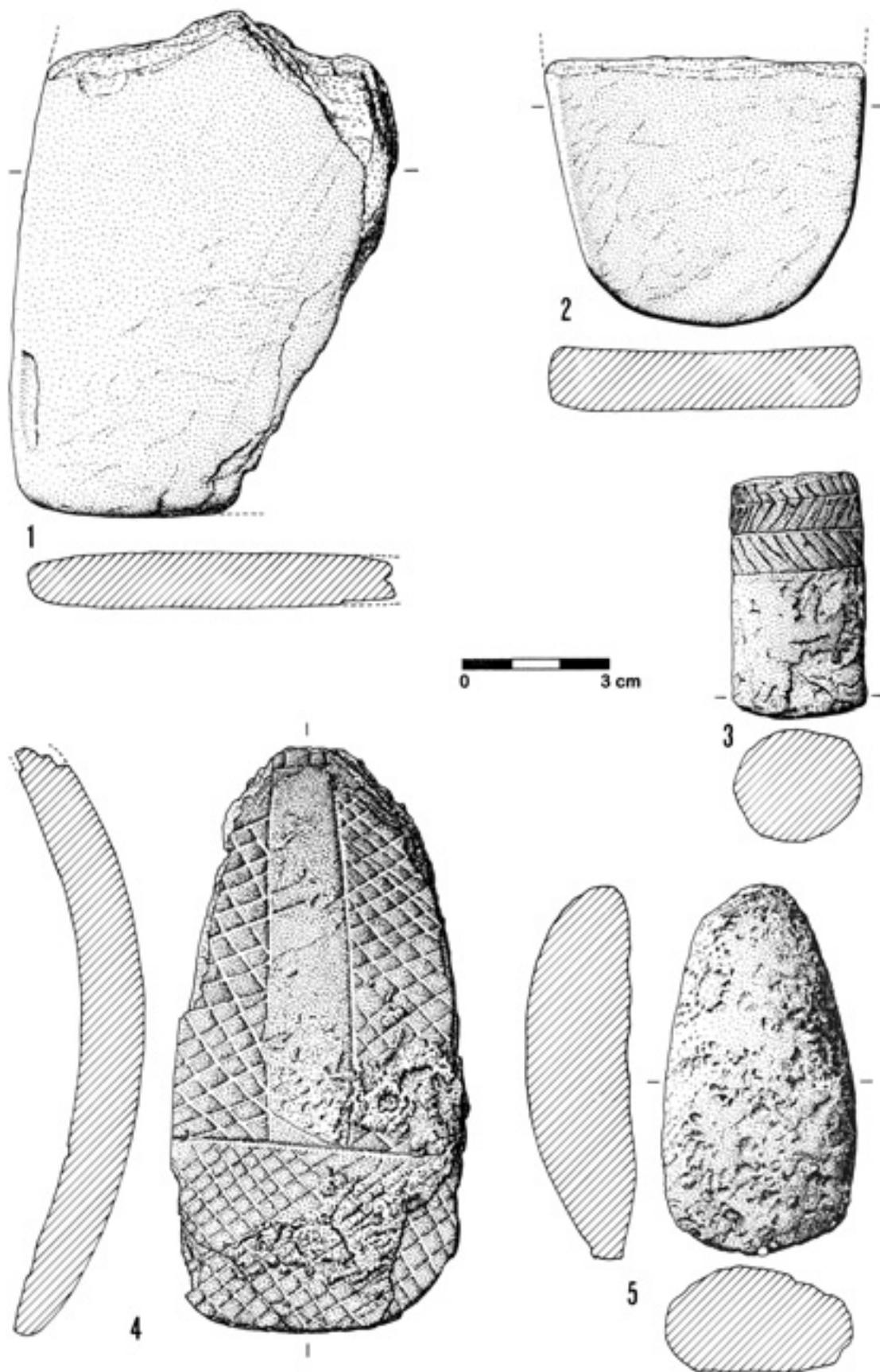


Fig. 30 – Gruta do Correio-Mor: objecto de carácter funcional de pedra afeiçãoada (2) e objectos de carácter mágico-religioso (colecção Arq. F. Berger).

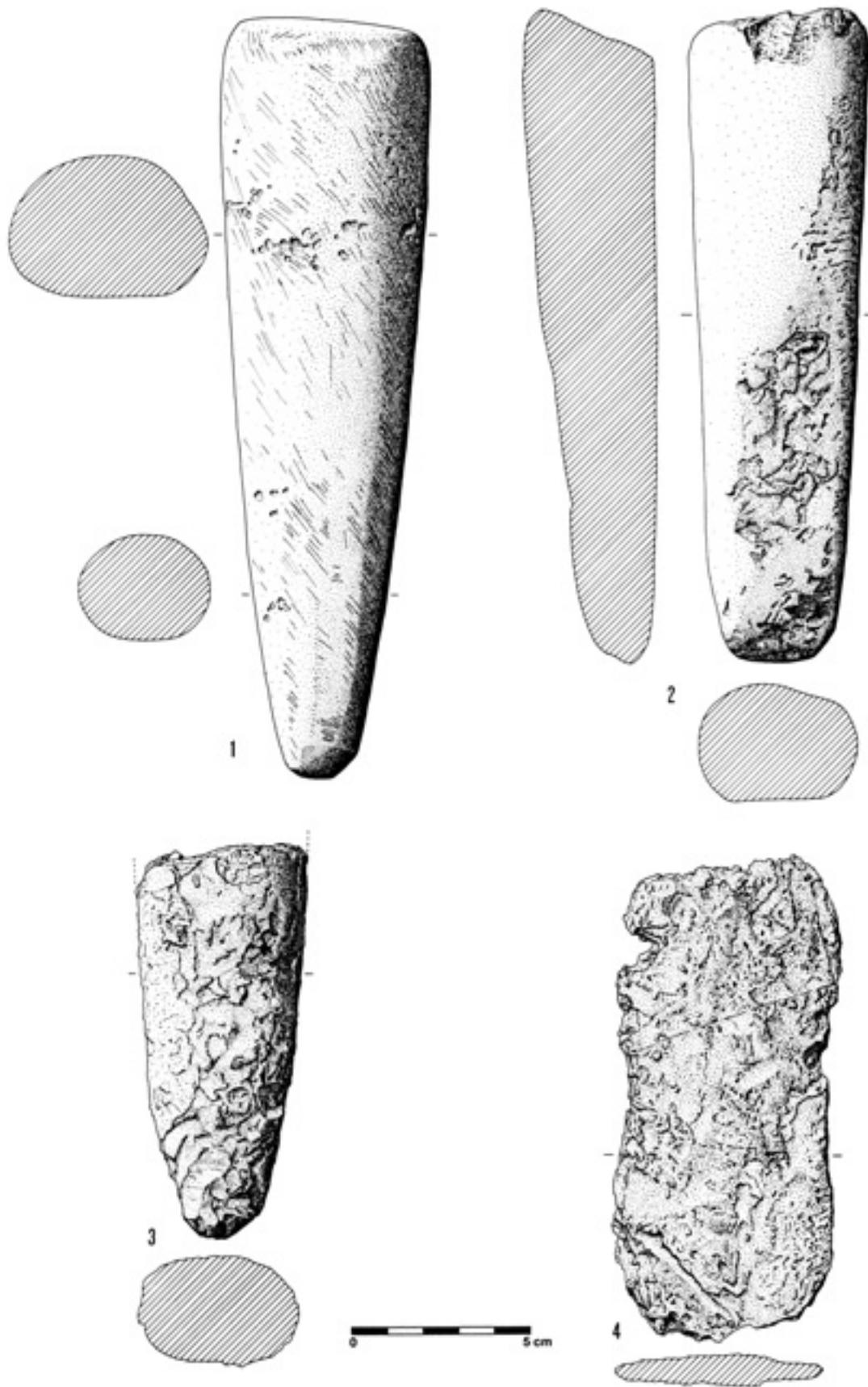


Fig. 31 – Gruta do Correio-Mor: objectos de carácter mágico-religioso.

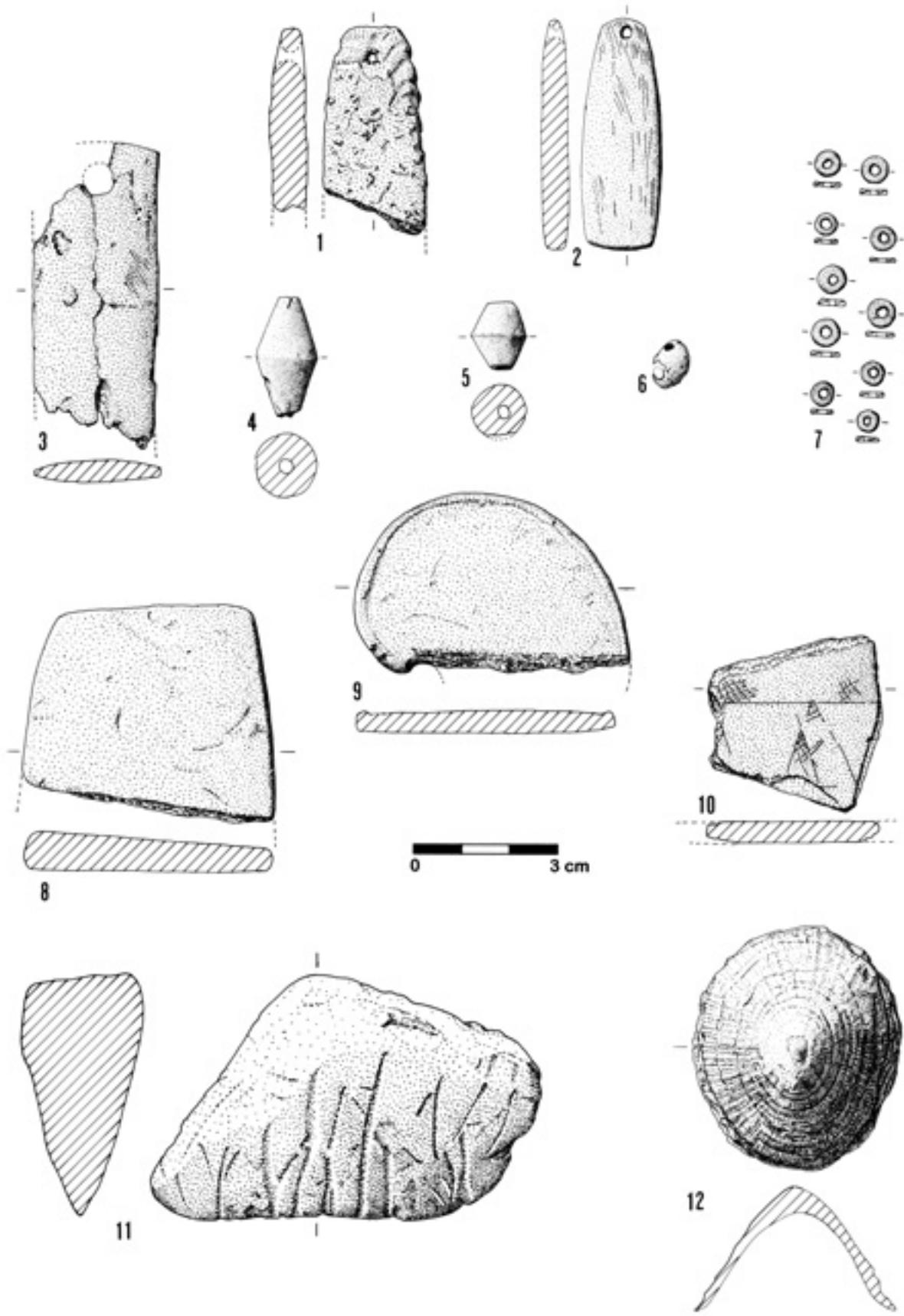


Fig. 32 – Gruta do Correio-Mor: objectos utilitários, de pedra afeiçãoada (8), de adorno e de carácter mágico-religioso.

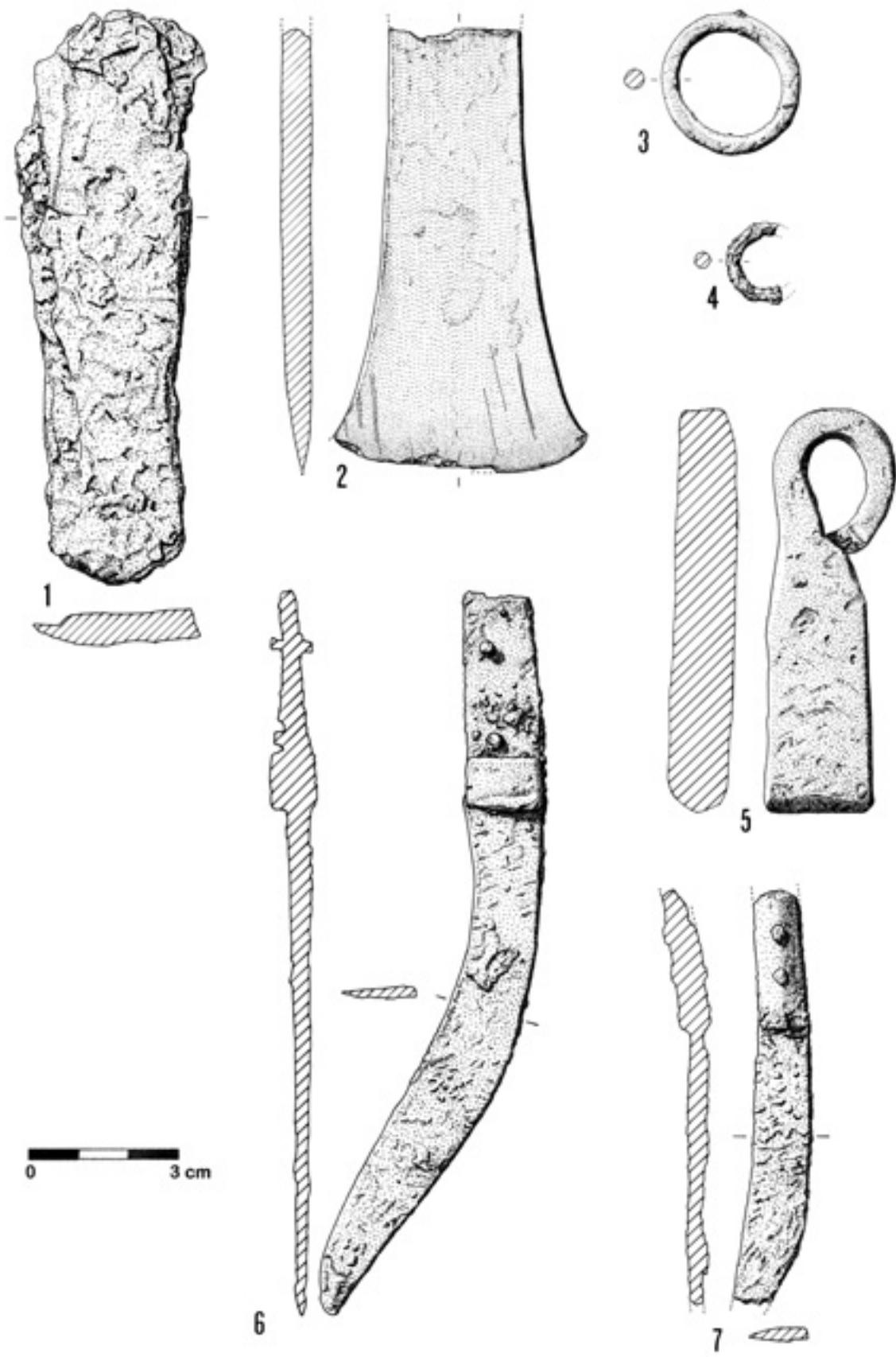


Fig. 33 – Gruta do Correio-Mor: objectos metálicos da Idade do Bronze ou do Calcolítico (1), da Idade do Ferro (6, 7) e medievais ou modernos (5).

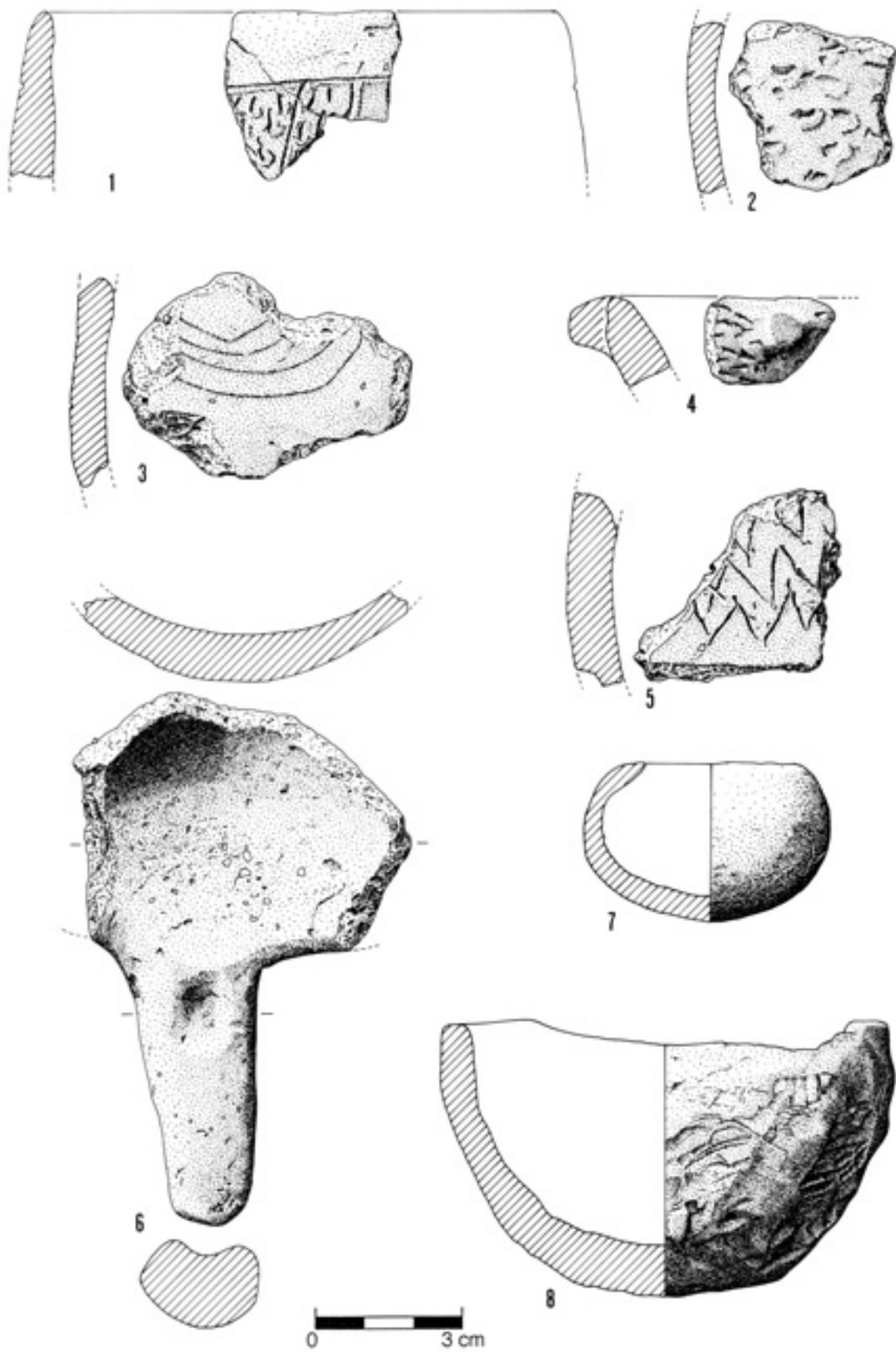


Fig. 34 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas do Neolítico Antigo decoradas, colher e cerâmicas lisas, do Neolítico ou do Calcolítico.

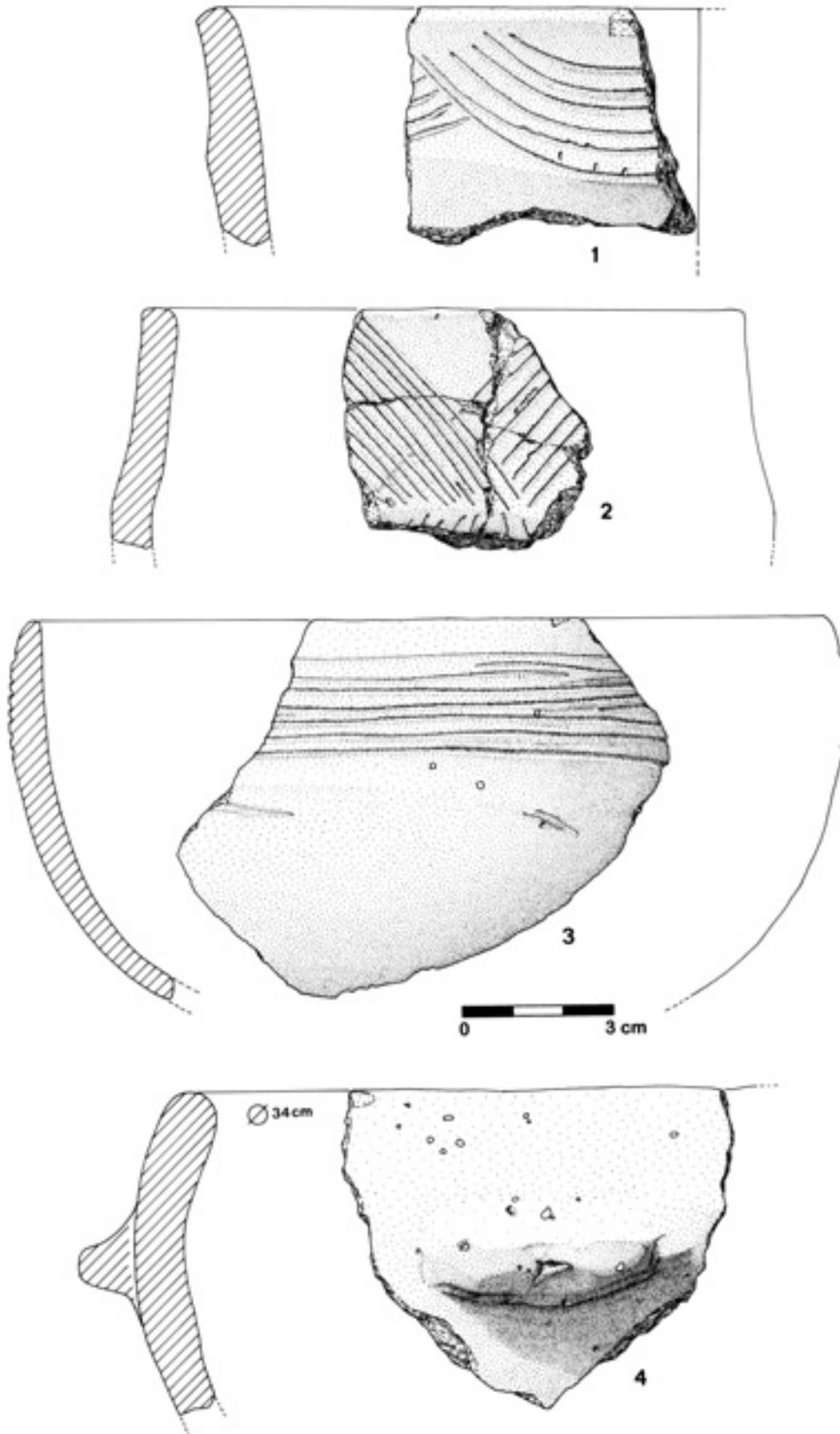


Fig. 35 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas decoradas do Neolítico Antigo (1, 2), do Calcolítico (3) e lisas, da Idade do Bronze (4).

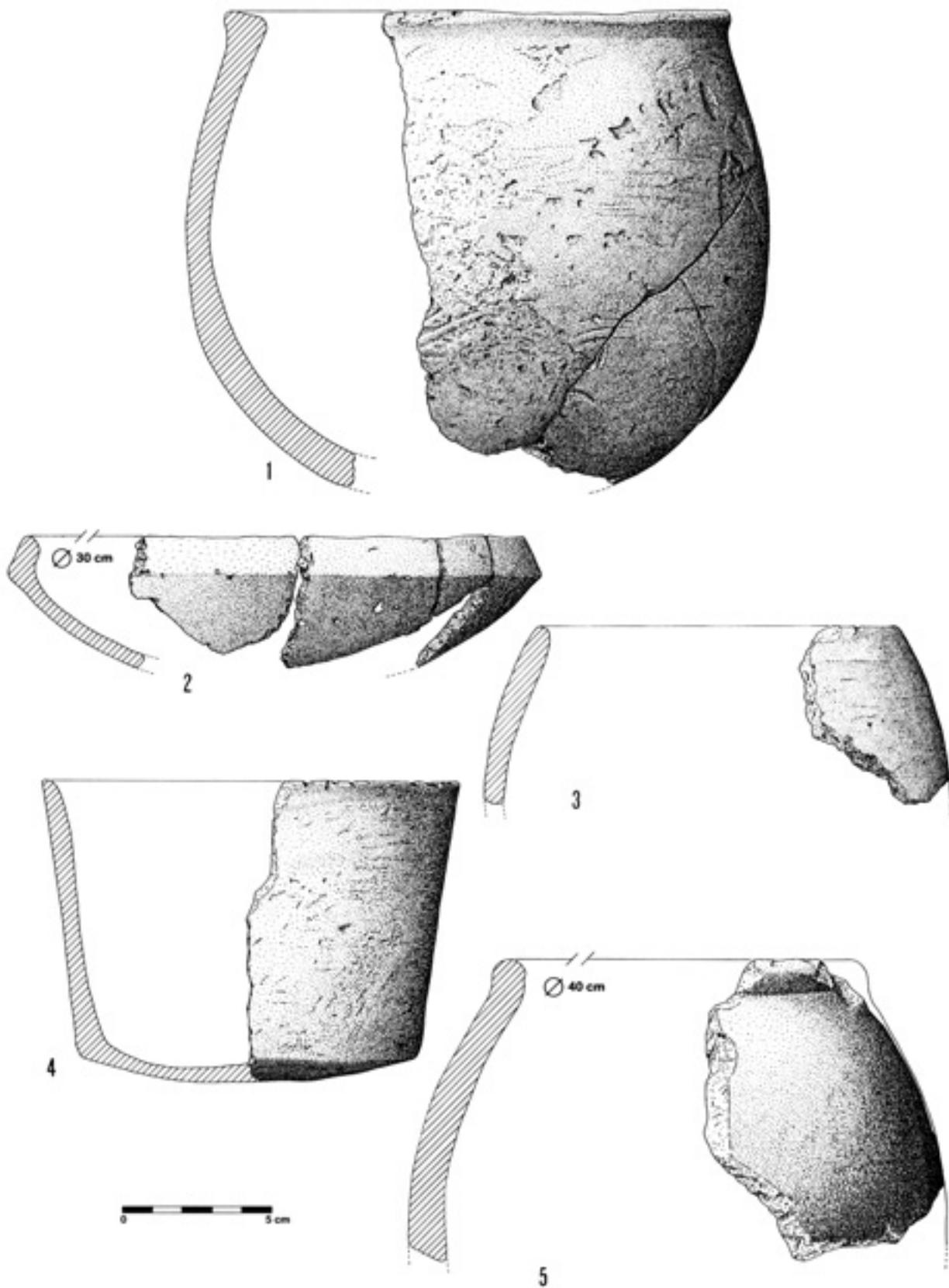


Fig. 36 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas lisas do Neolítico Final e do Calcolítico.

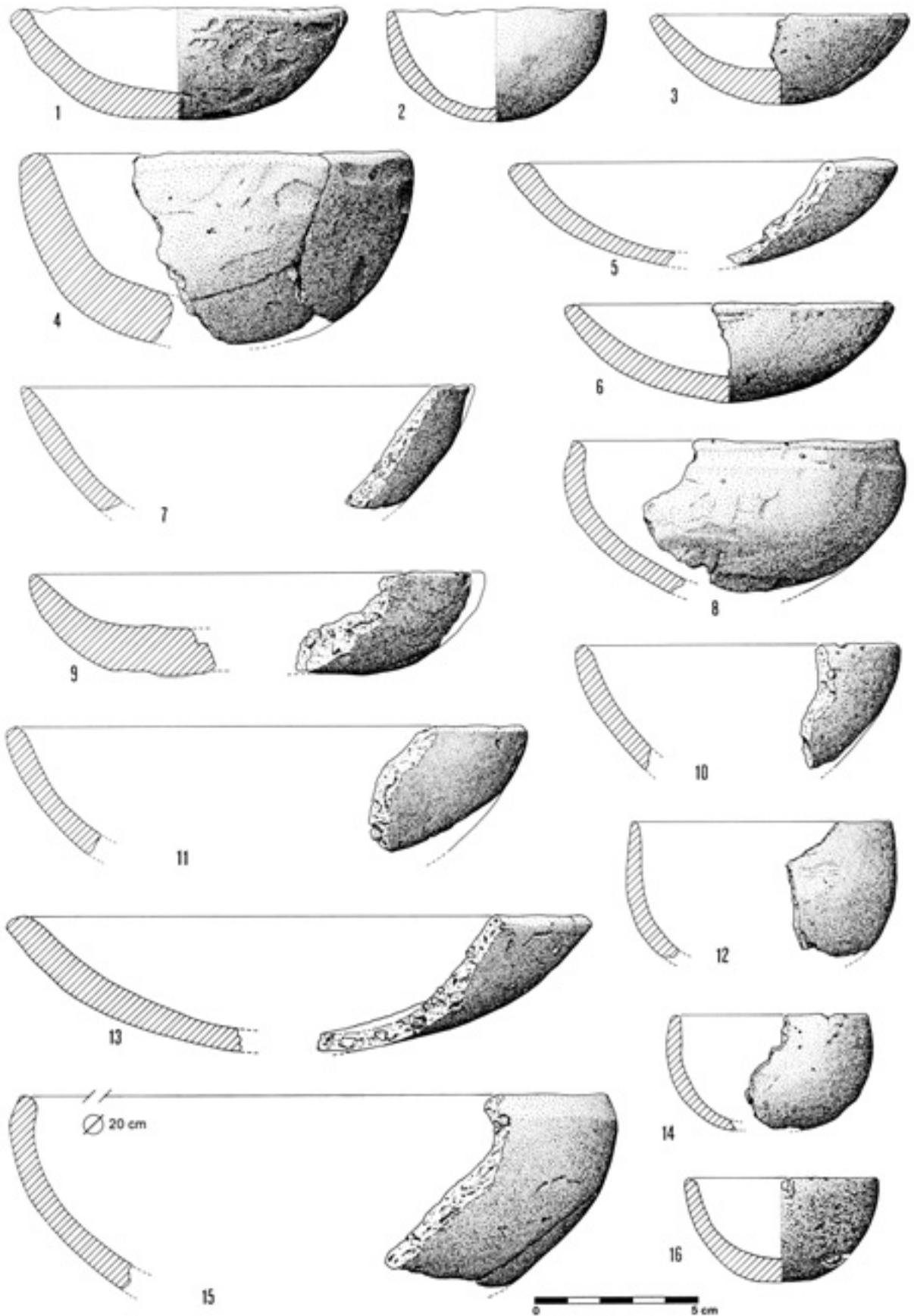


Fig. 37 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas lisas do Neolítico e do Calcolítico.

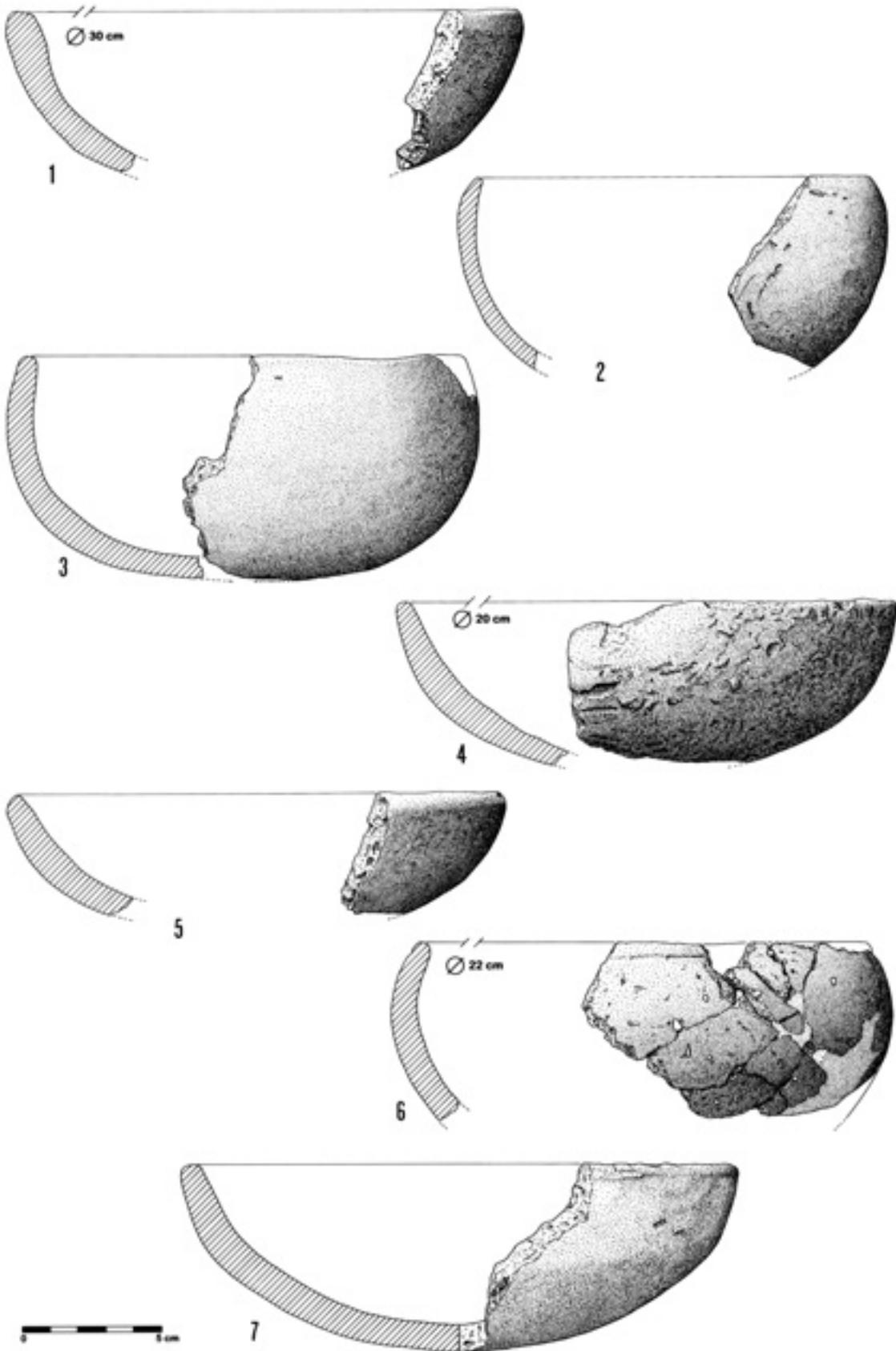


Fig. 38 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas lisas do Neolítico ou do Calcolítico.

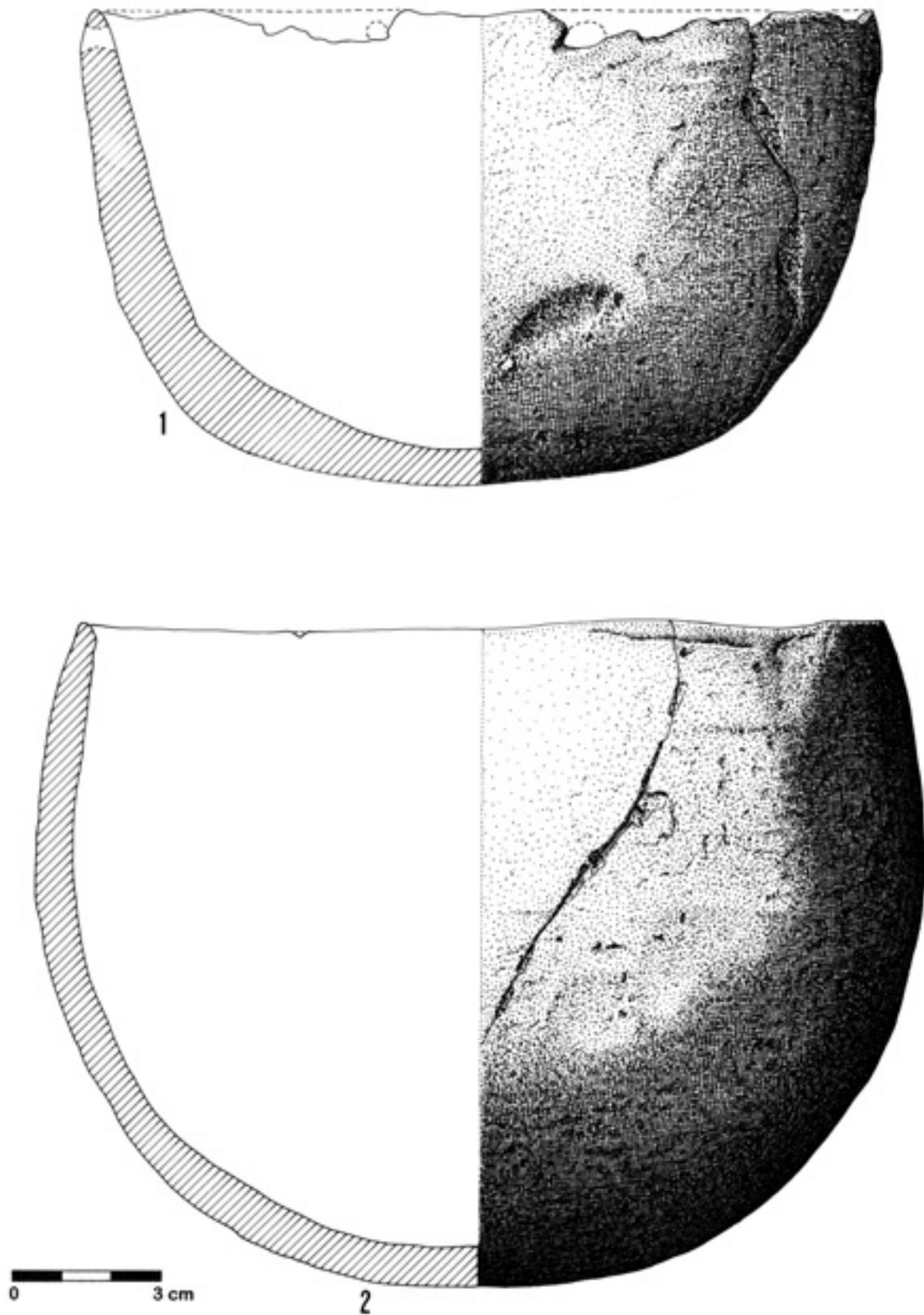


Fig. 39 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas lisas do Neolítico ou do Calcolítico (coleção F. Berger).

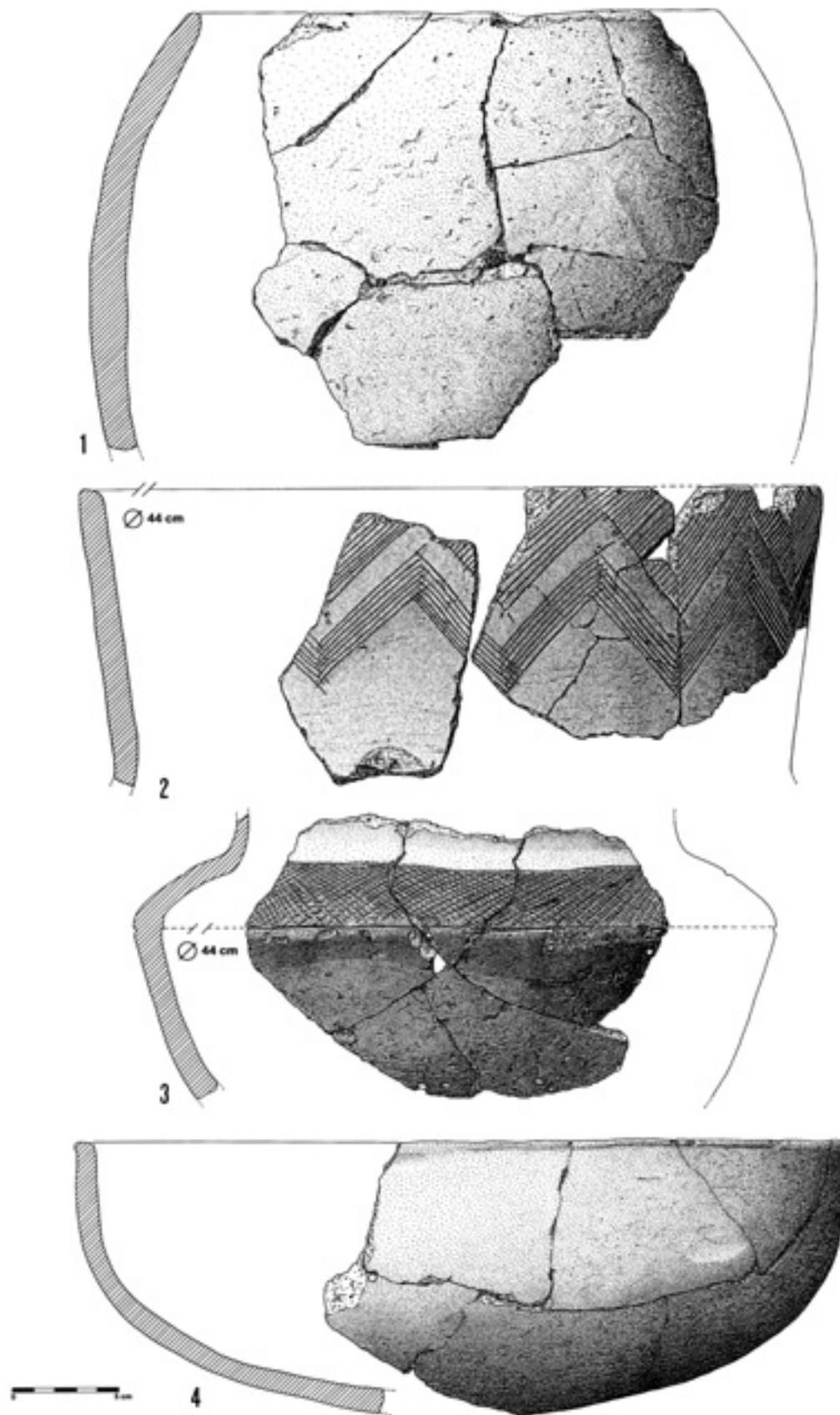


Fig. 40 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas lisas do Neolítico ou do Calcolítico e cerâmicas decoradas campaniformes.

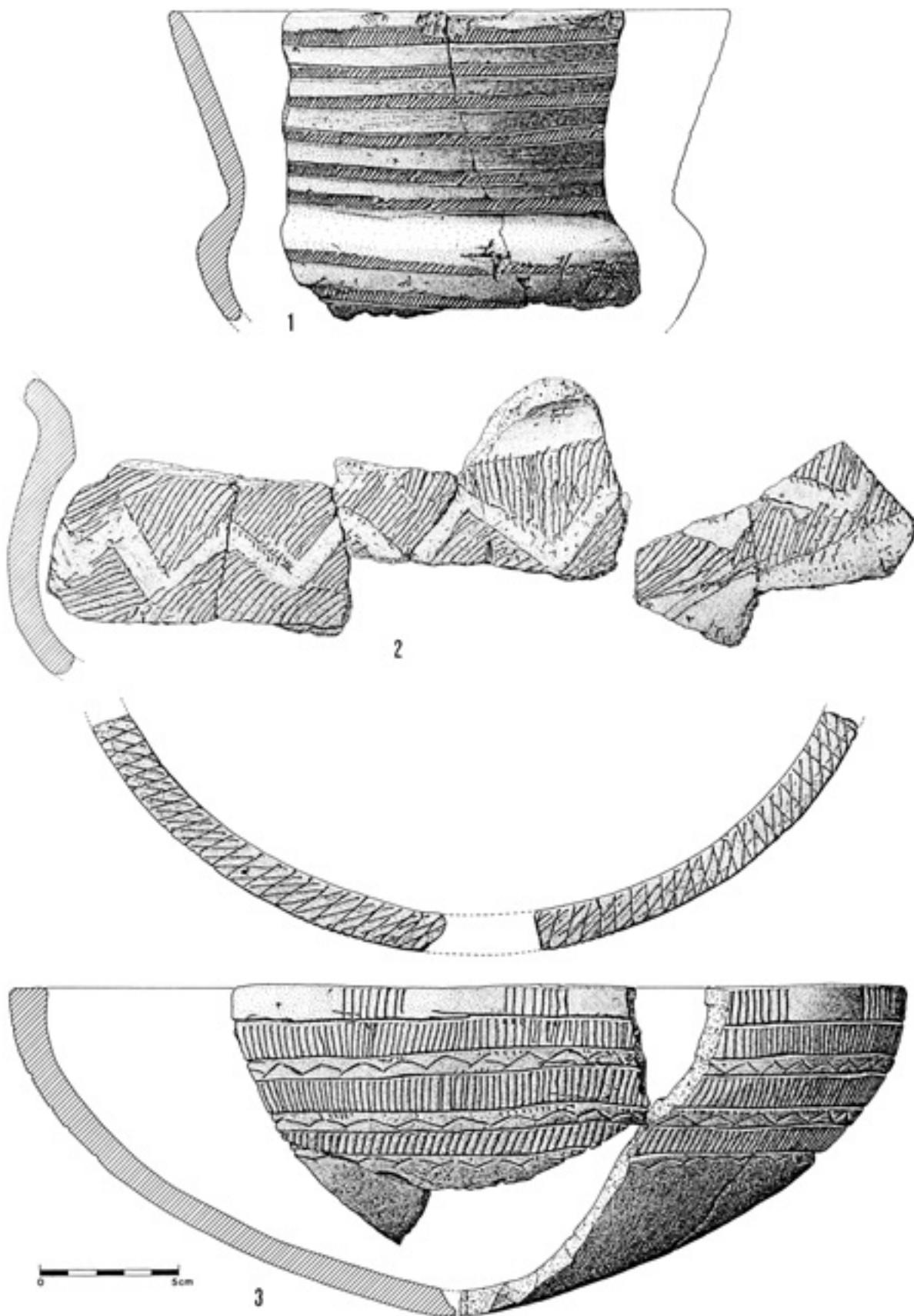


Fig. 41 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas decoradas campaniformes.

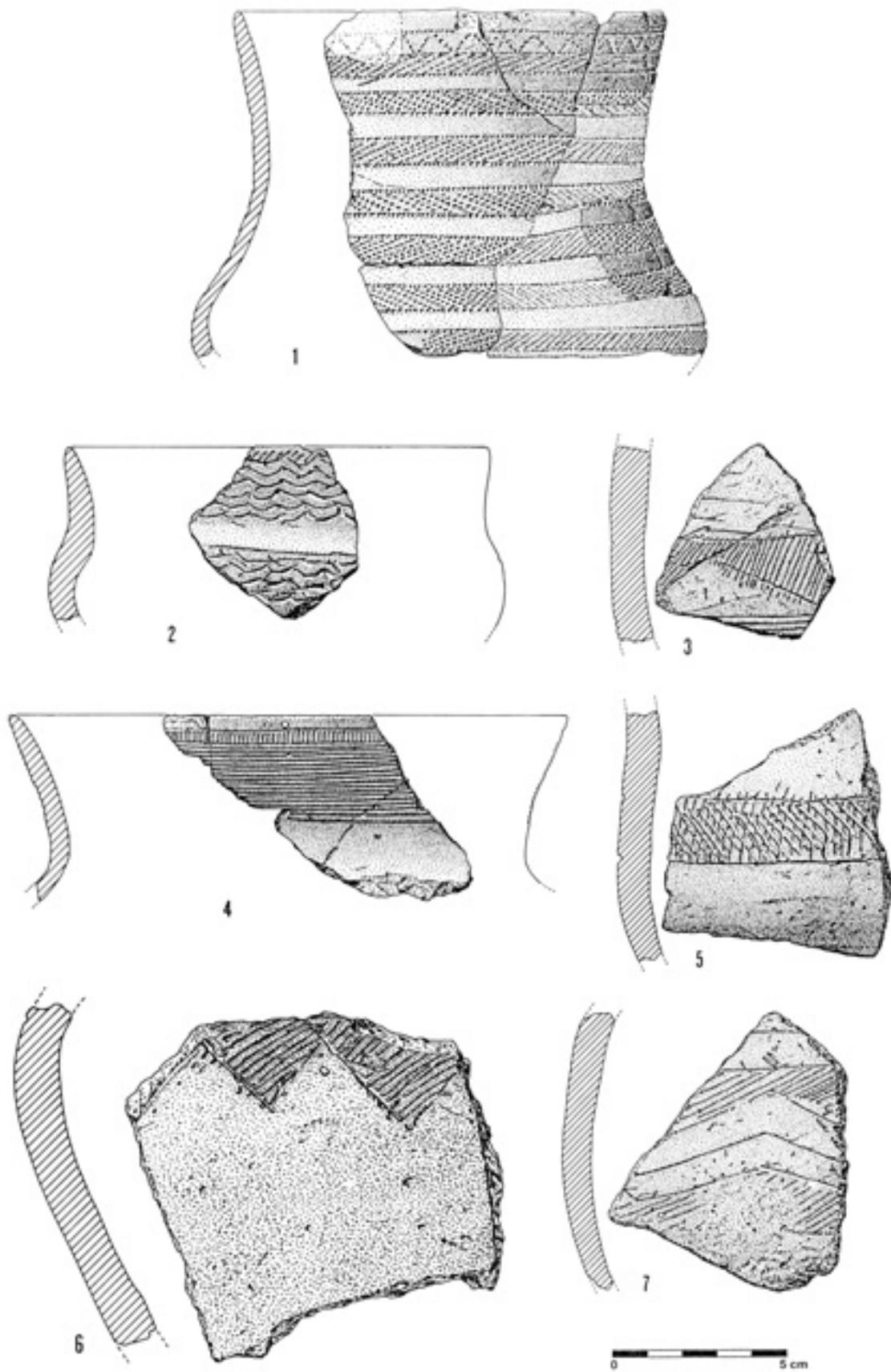


Fig. 42 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas decoradas campaniformes.

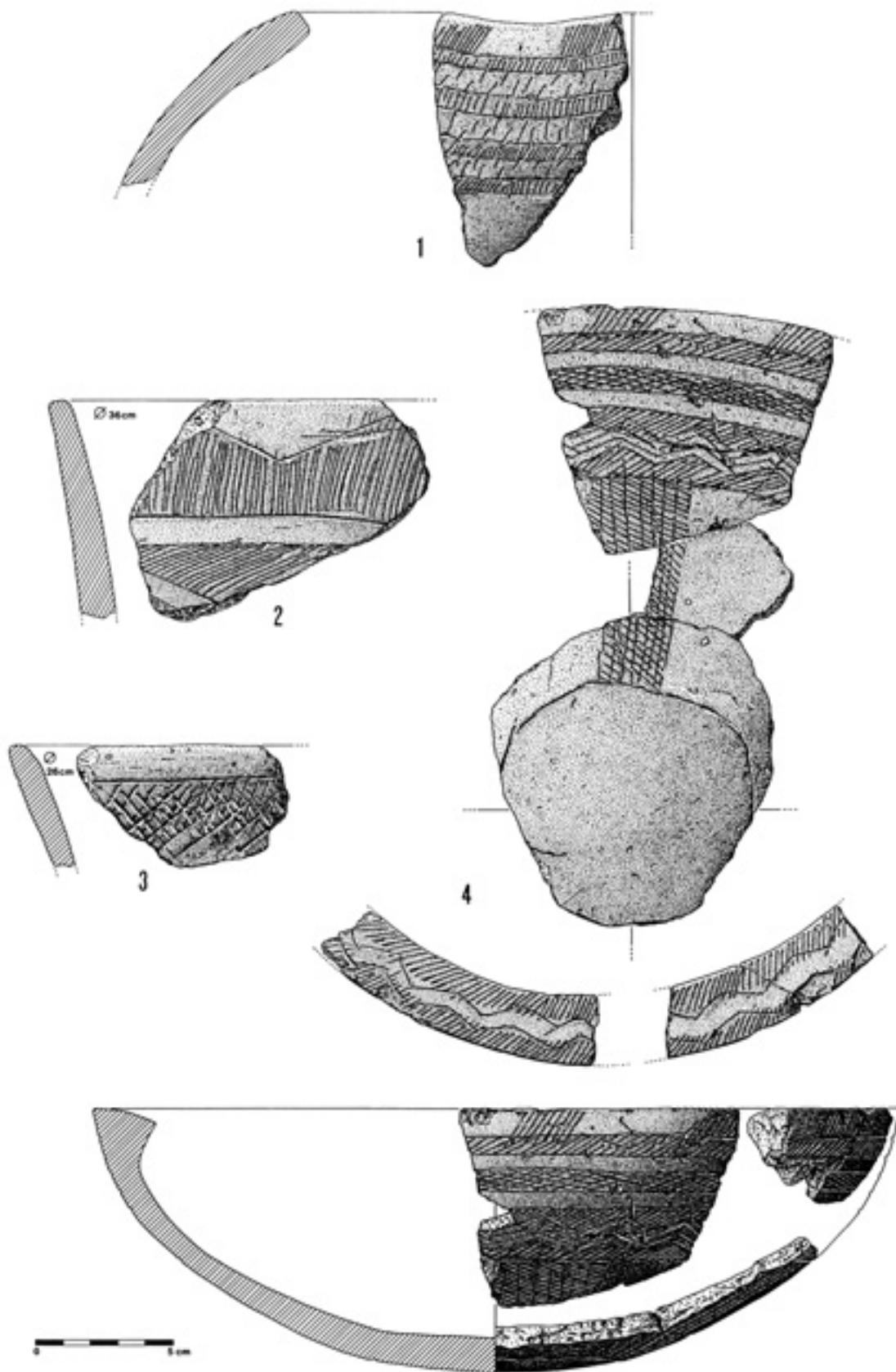


Fig. 43 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas decoradas campaniformes.

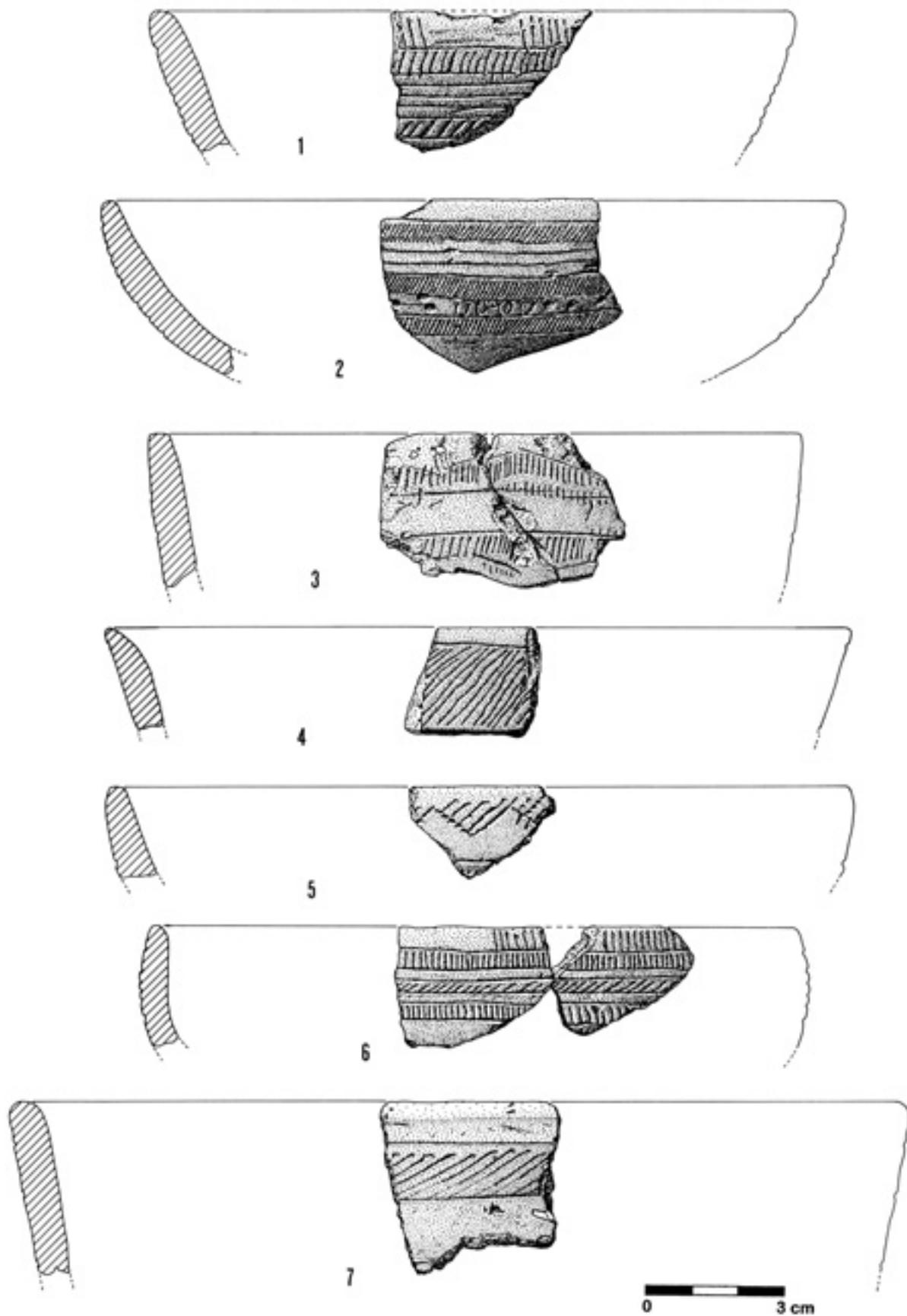


Fig. 44 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas decoradas campaniformes.

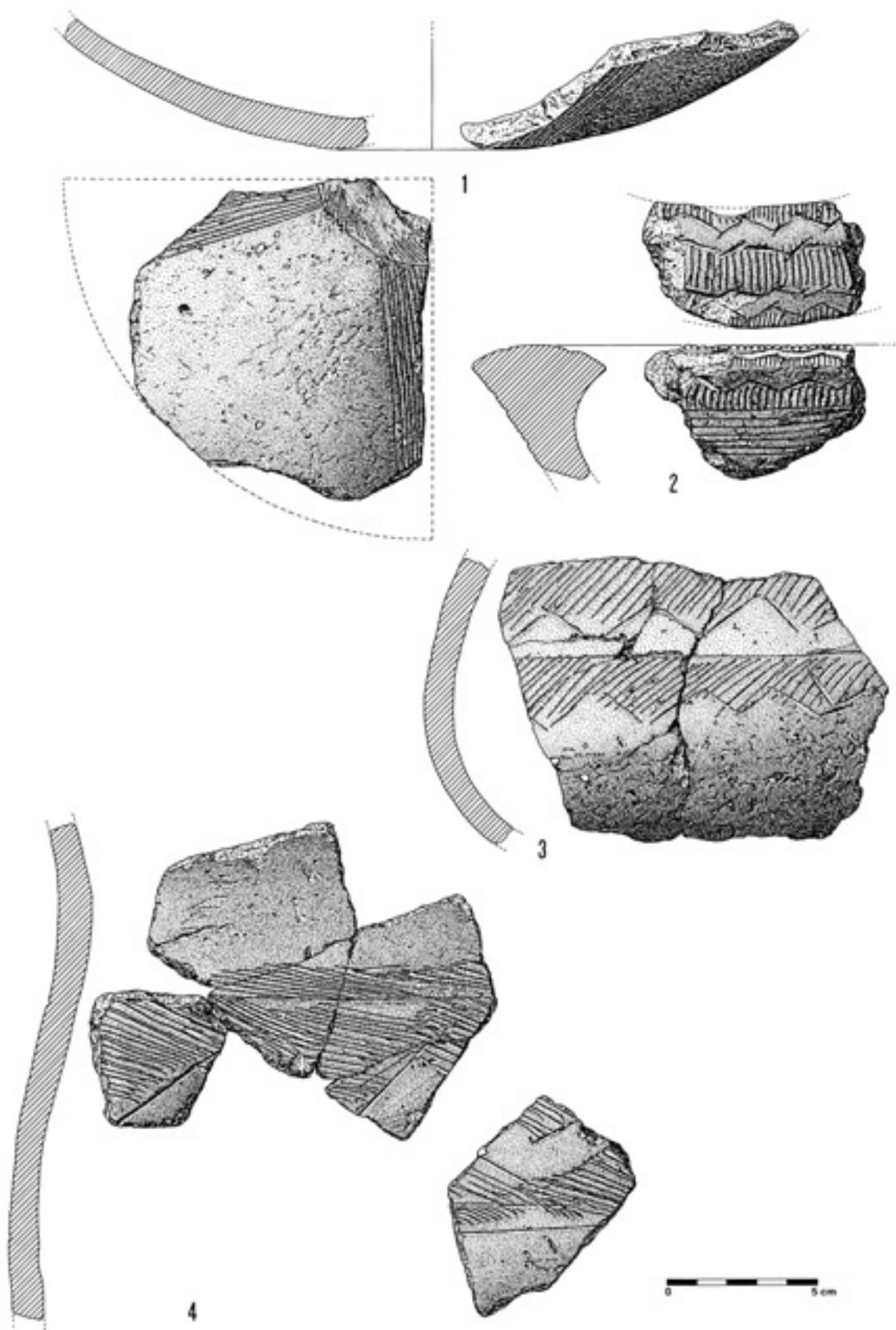


Fig. 45 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas decoradas campaniformes.

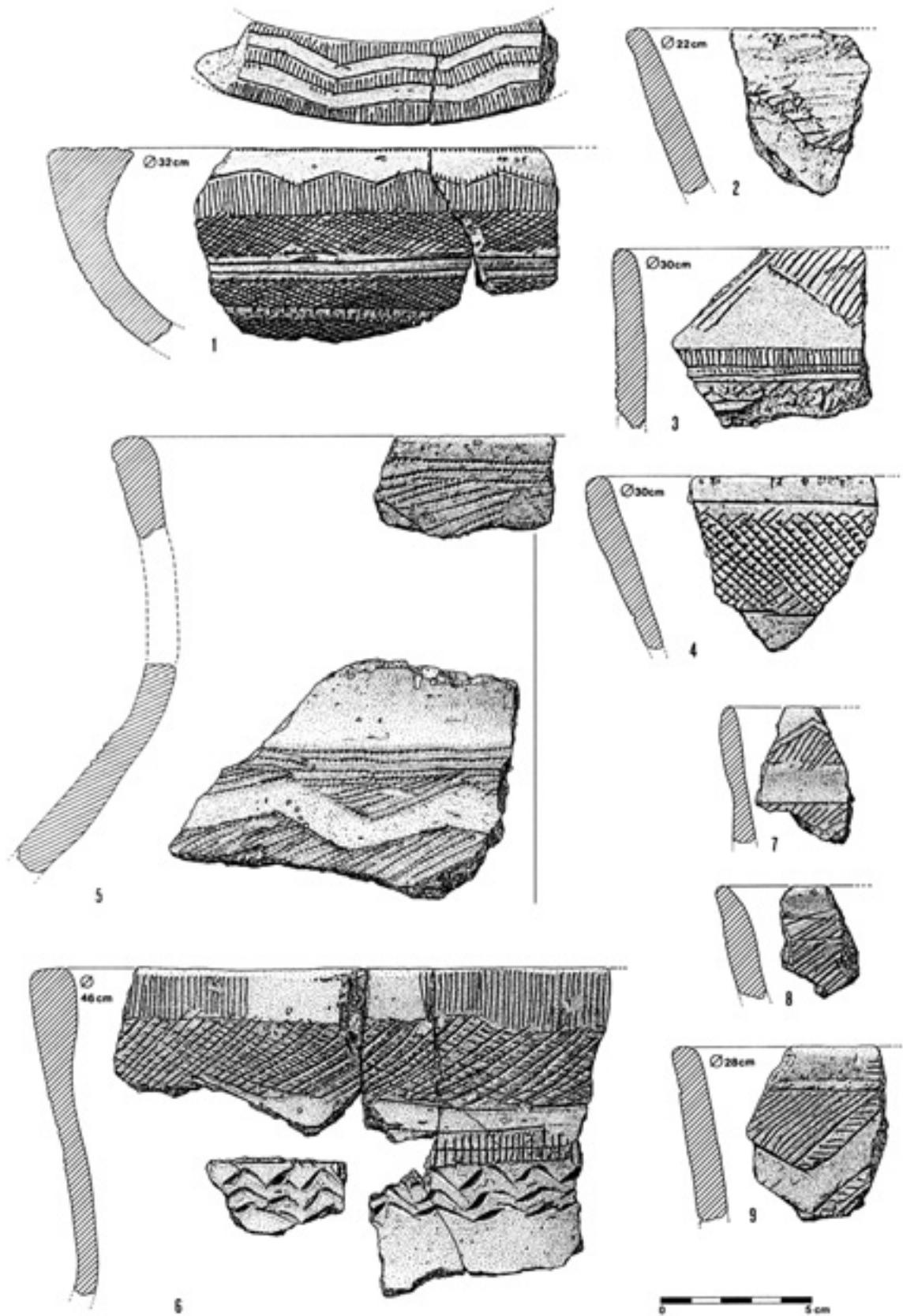


Fig. 46 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas decoradas campaniformes.

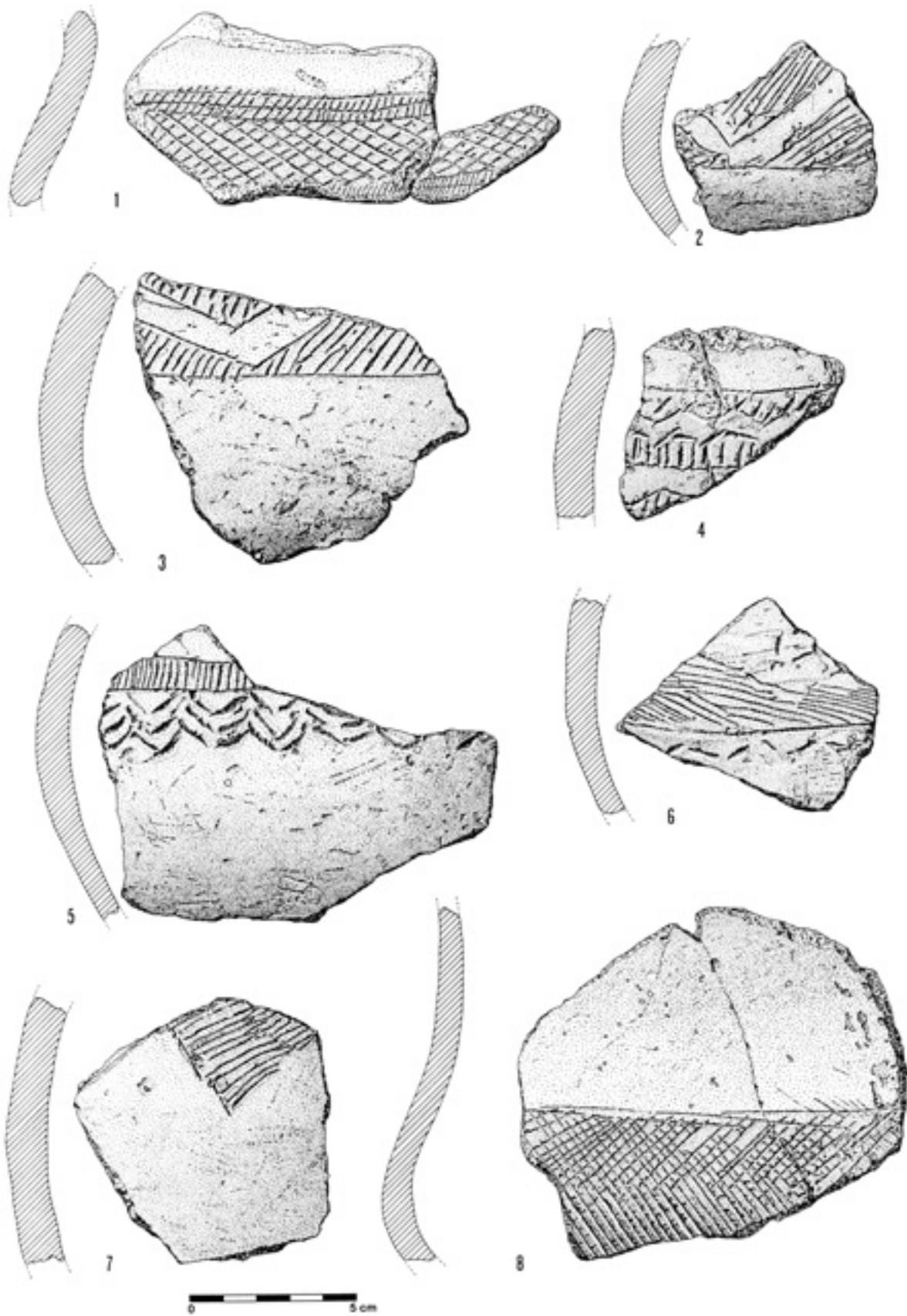


Fig. 47 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas decoradas campaniformes.

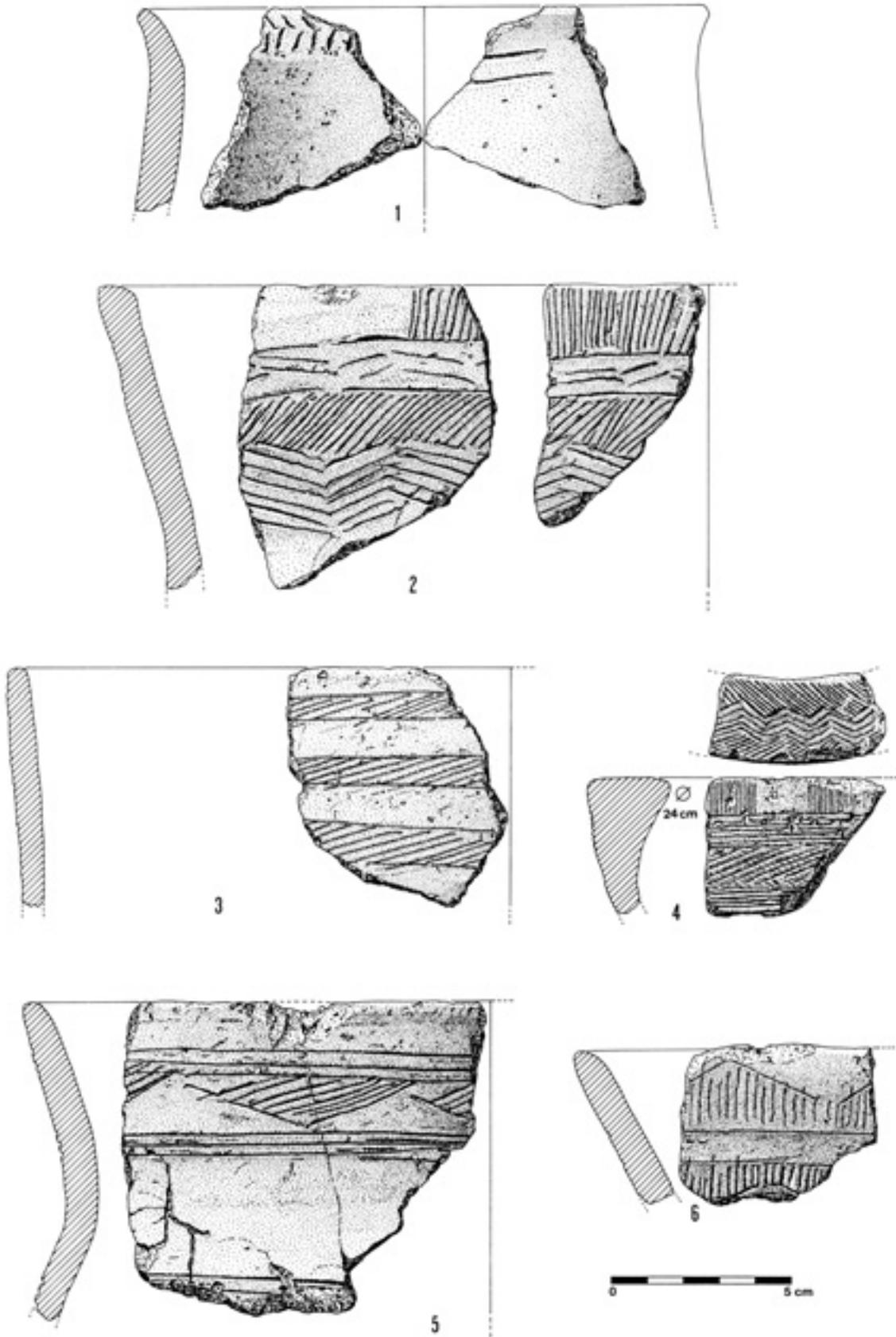


Fig. 48 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas decoradas campaniformes (2 a 6) e da Idade do Bronze (1).

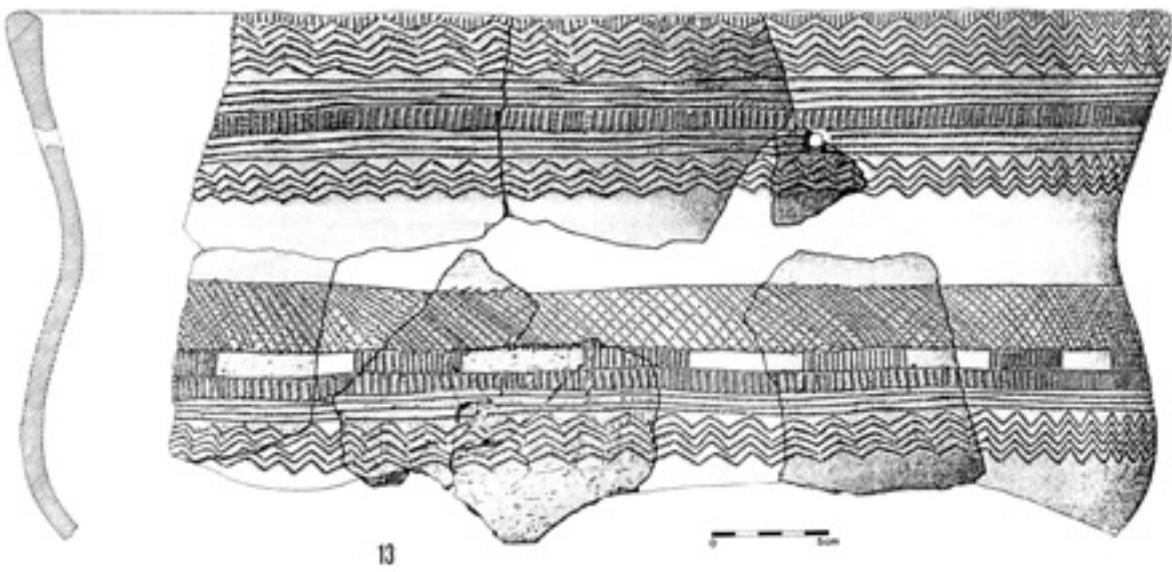
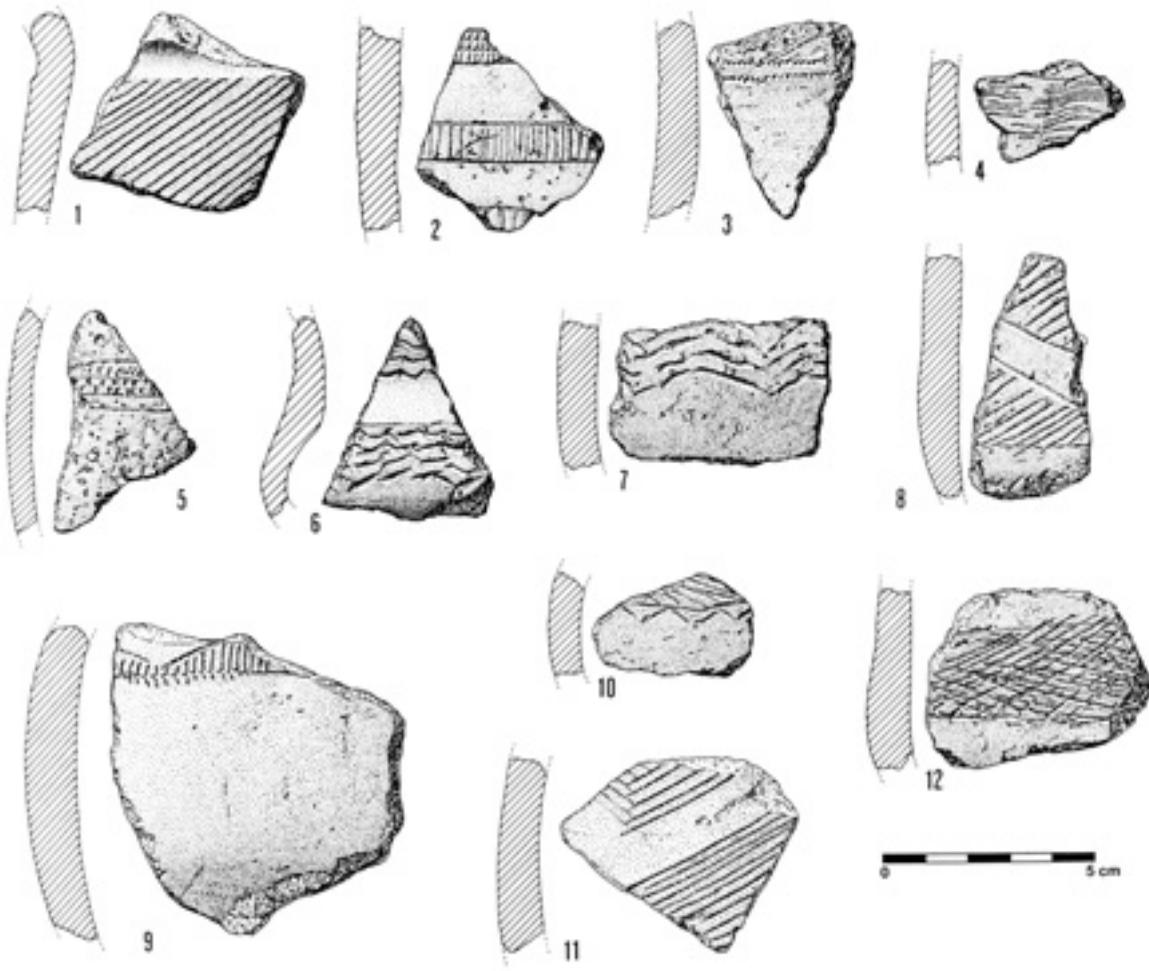


Fig. 49 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas decoradas campaniformes.

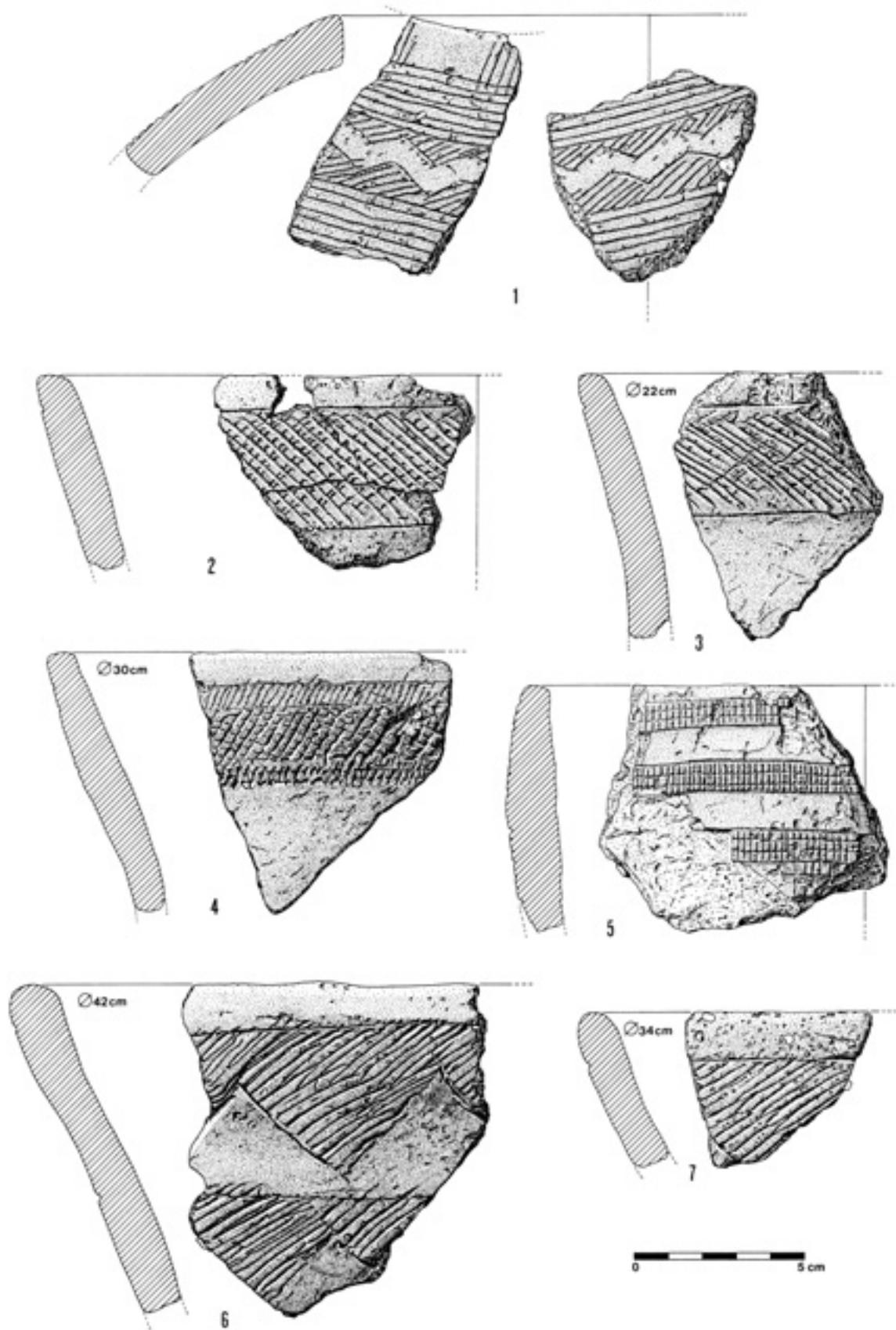


Fig. 50 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas decoradas campaniformes.

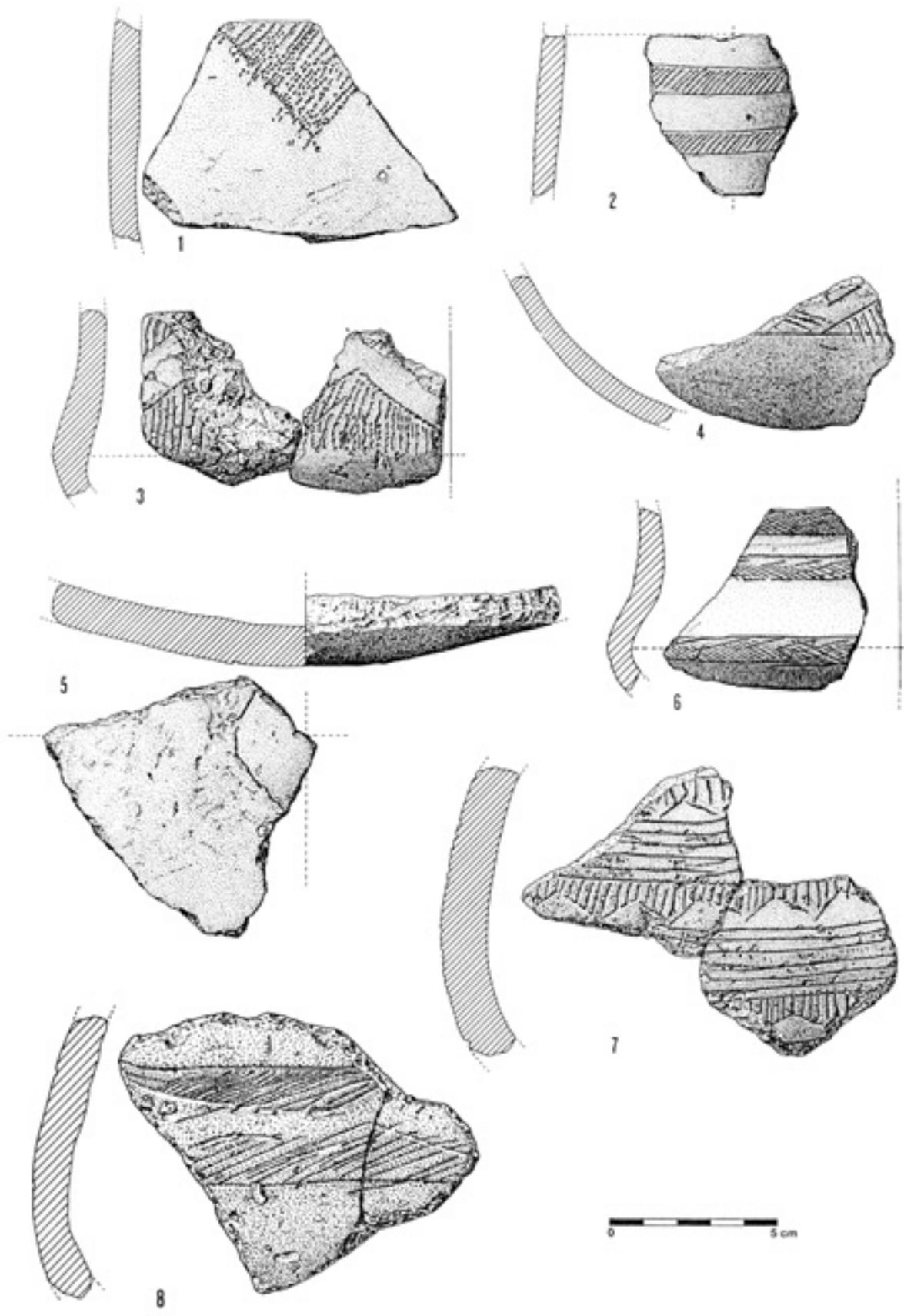


Fig. 51 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas decoradas campaniformes.

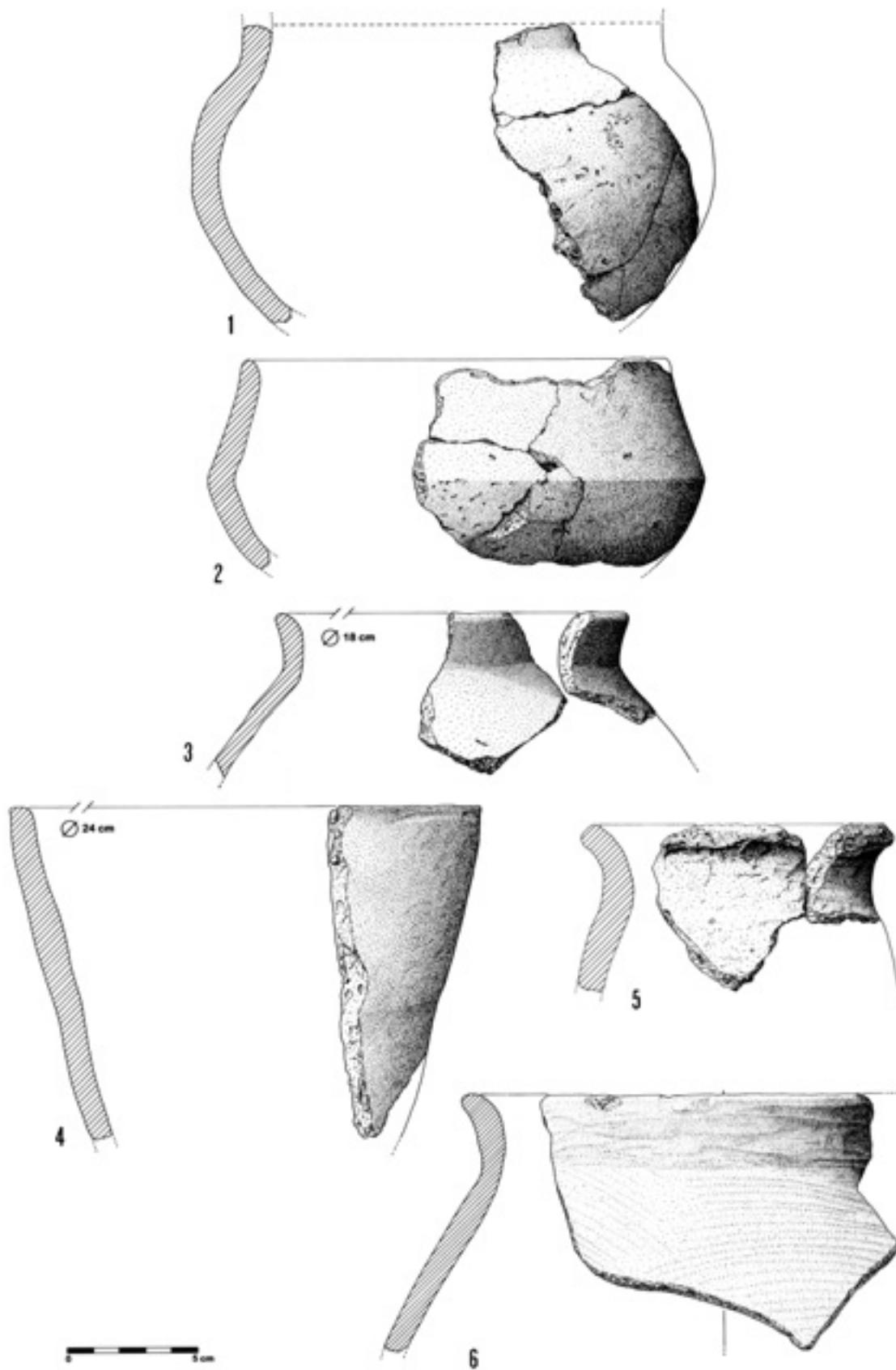


Fig. 52 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas lisas da Idade do Bronze.

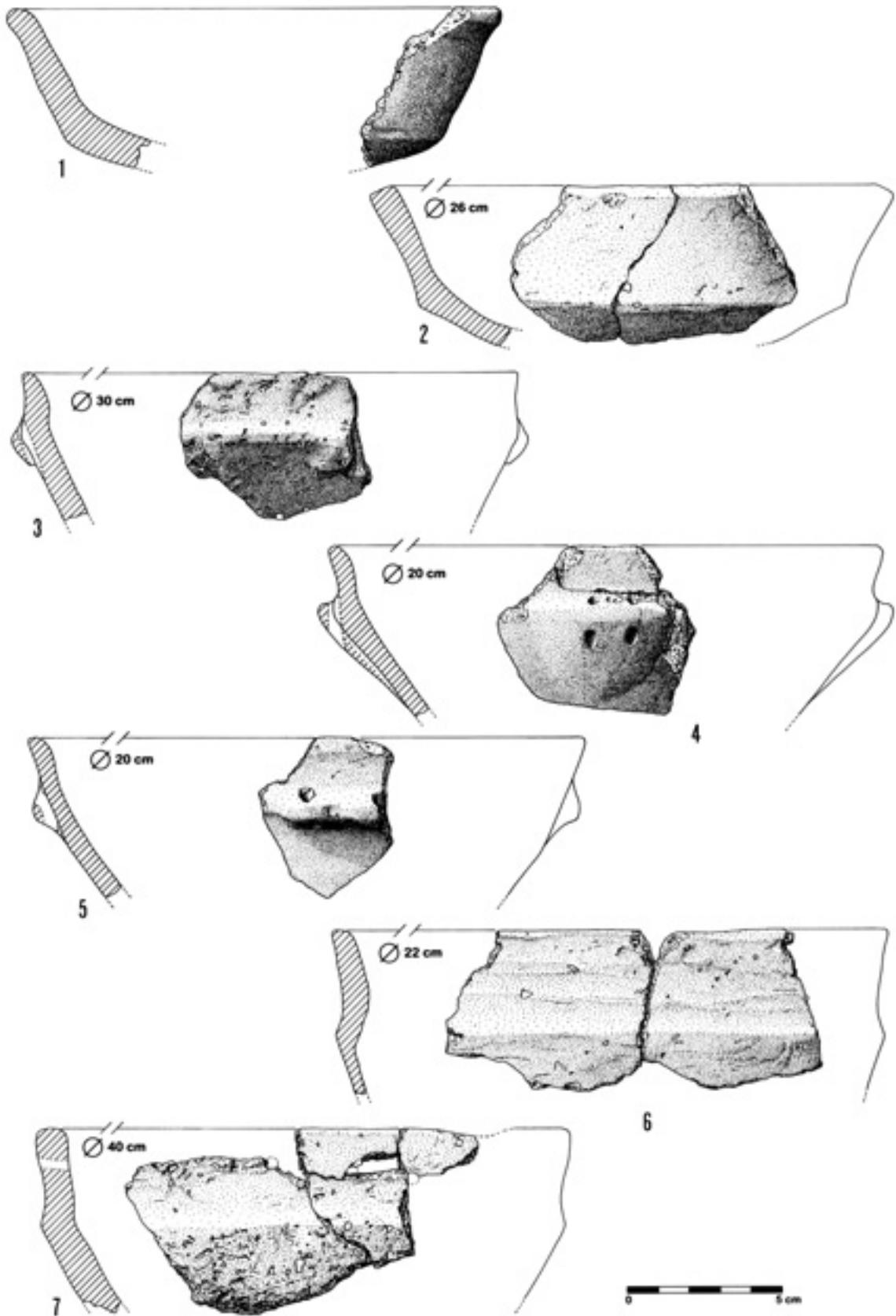


Fig. 53 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas lisas da Idade do Bronze.

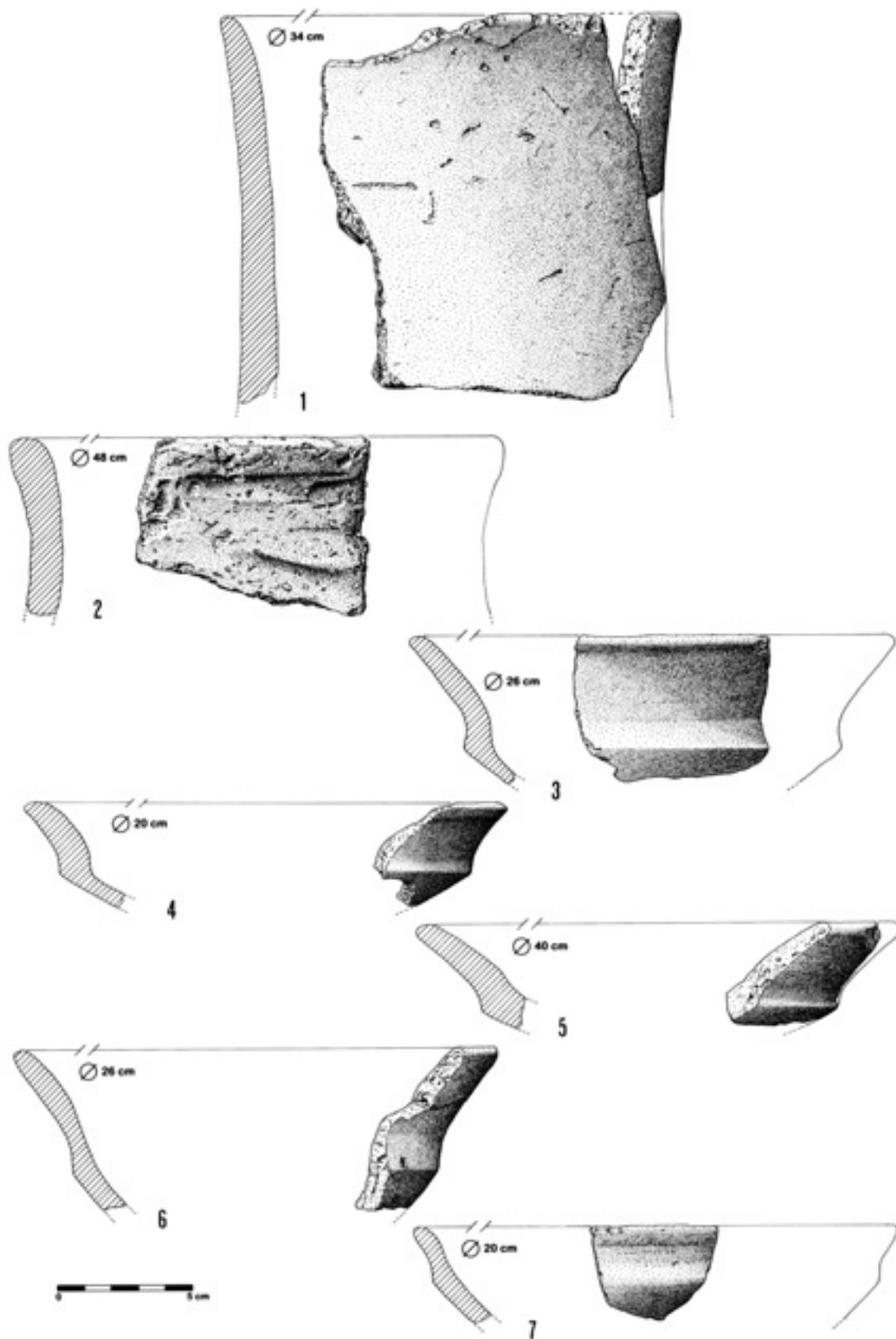


Fig. 54 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas lisas da Idade do Bronze.

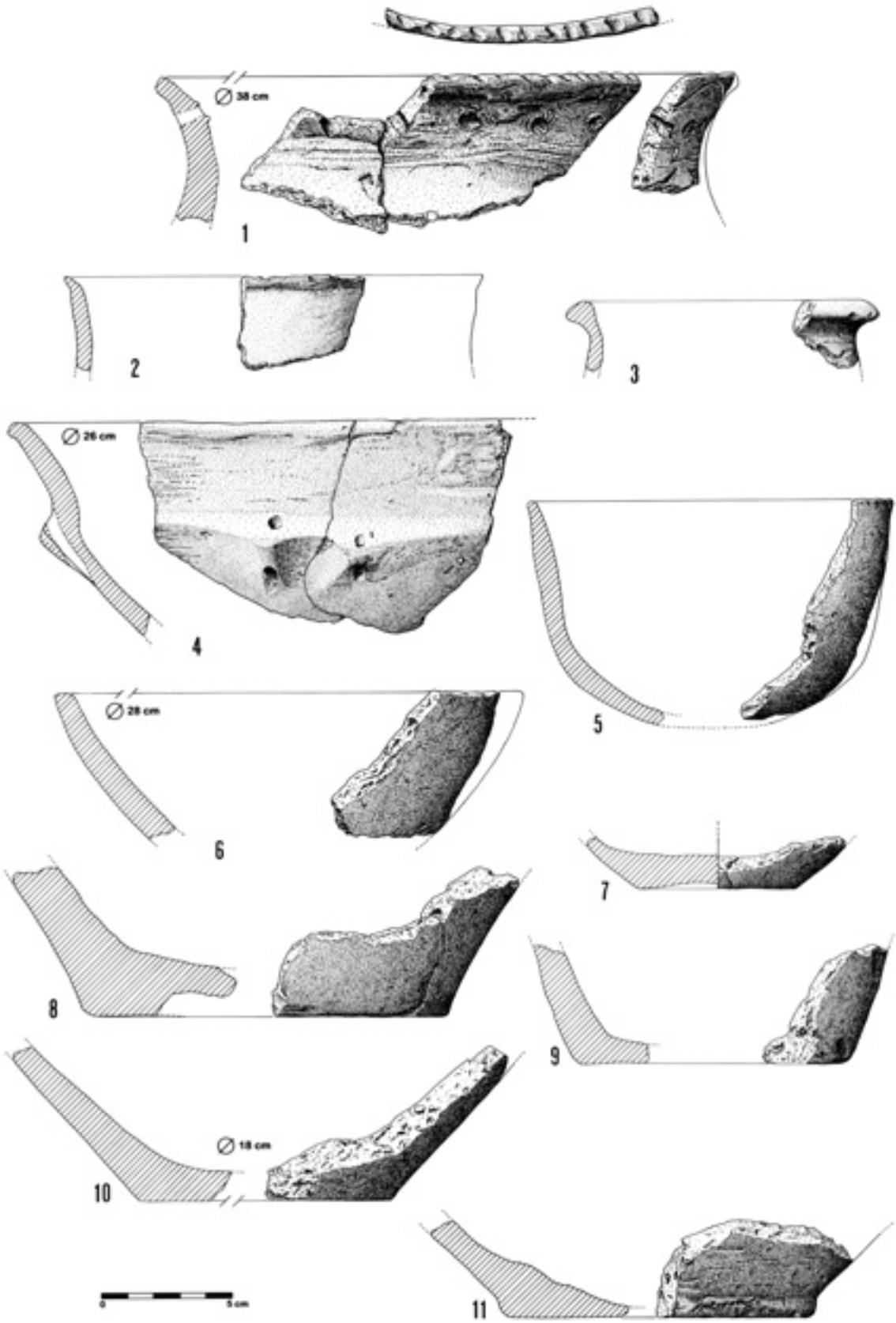


Fig. 55 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas lisas e decoradas da Idade do Bronze.

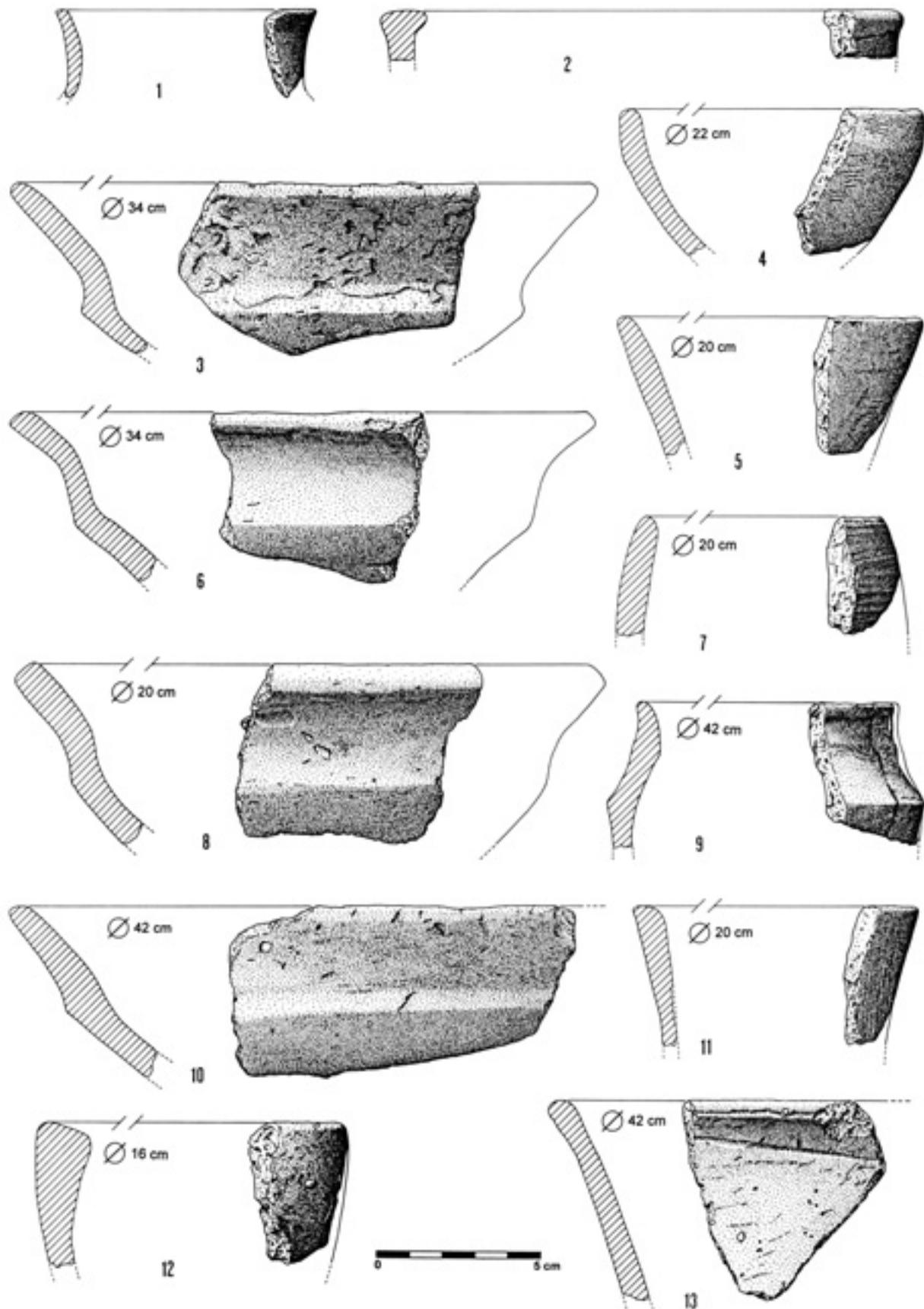


Fig. 56 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas lisas Neolíticas/Calcolíticas e da Idade do Bronze.

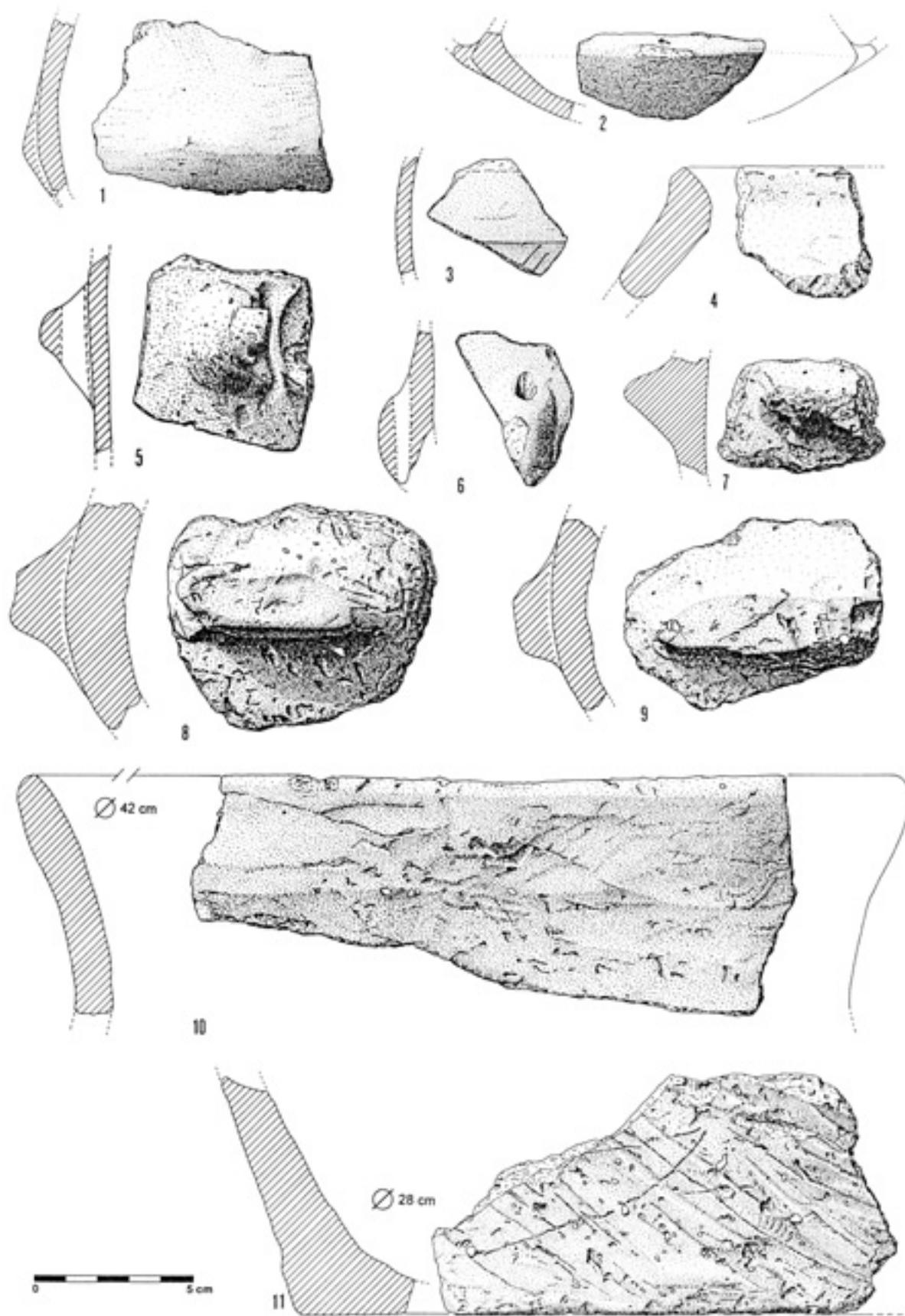


Fig. 57 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas lisas da Idade do Bronze.

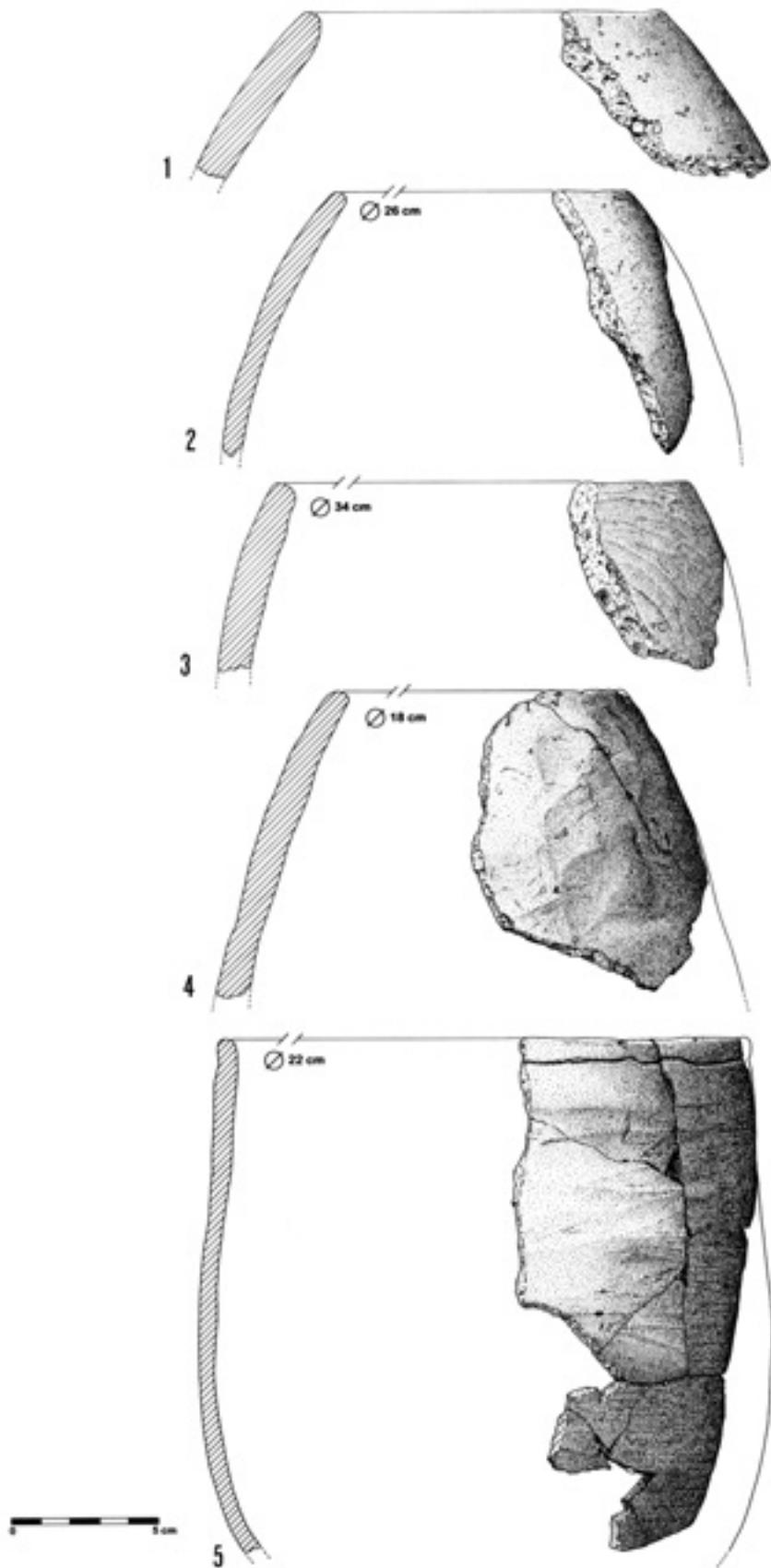


Fig. 58 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas lisas da Idade do Bronze.

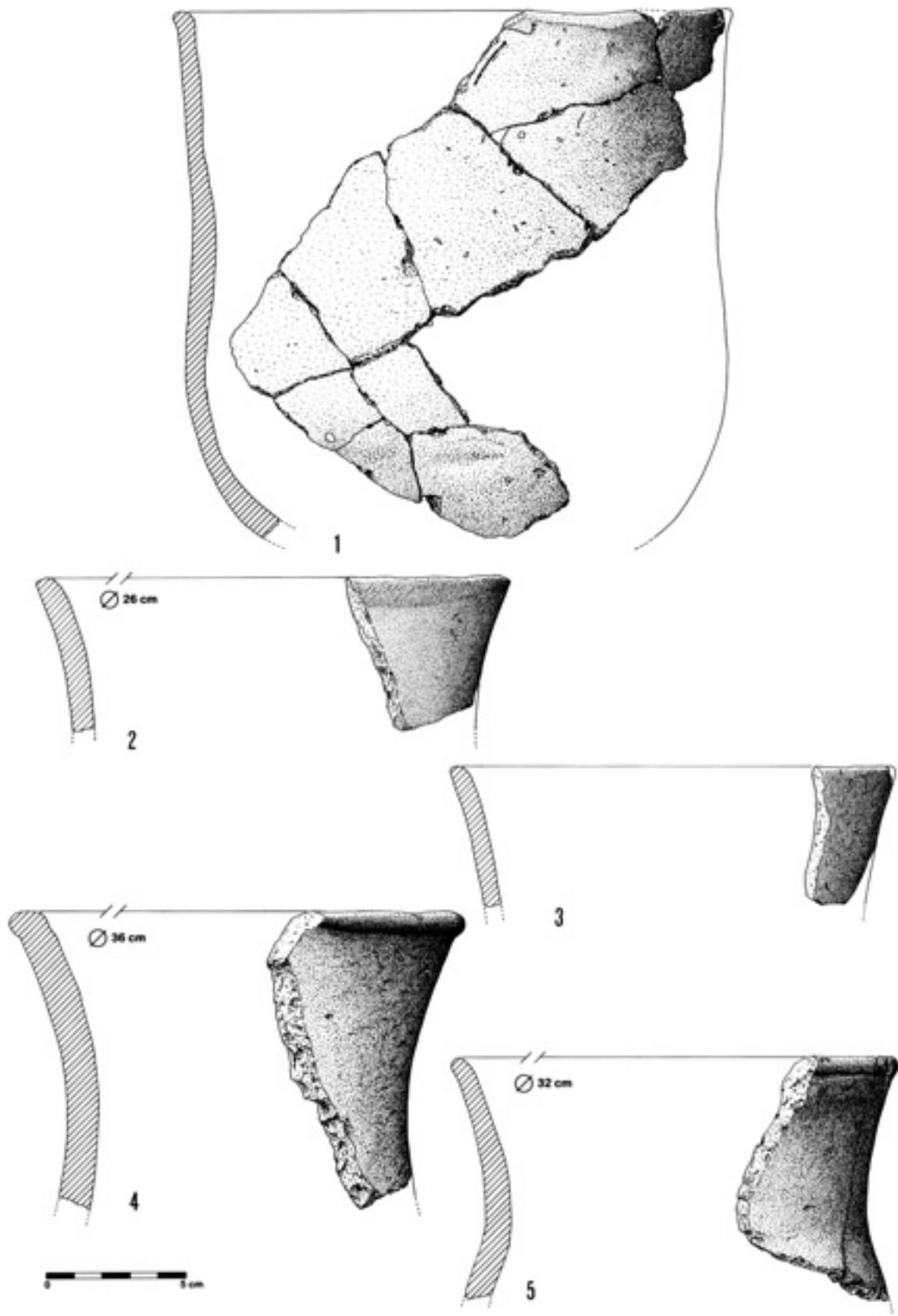


Fig. 59 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas lisas da Idade do Bronze.

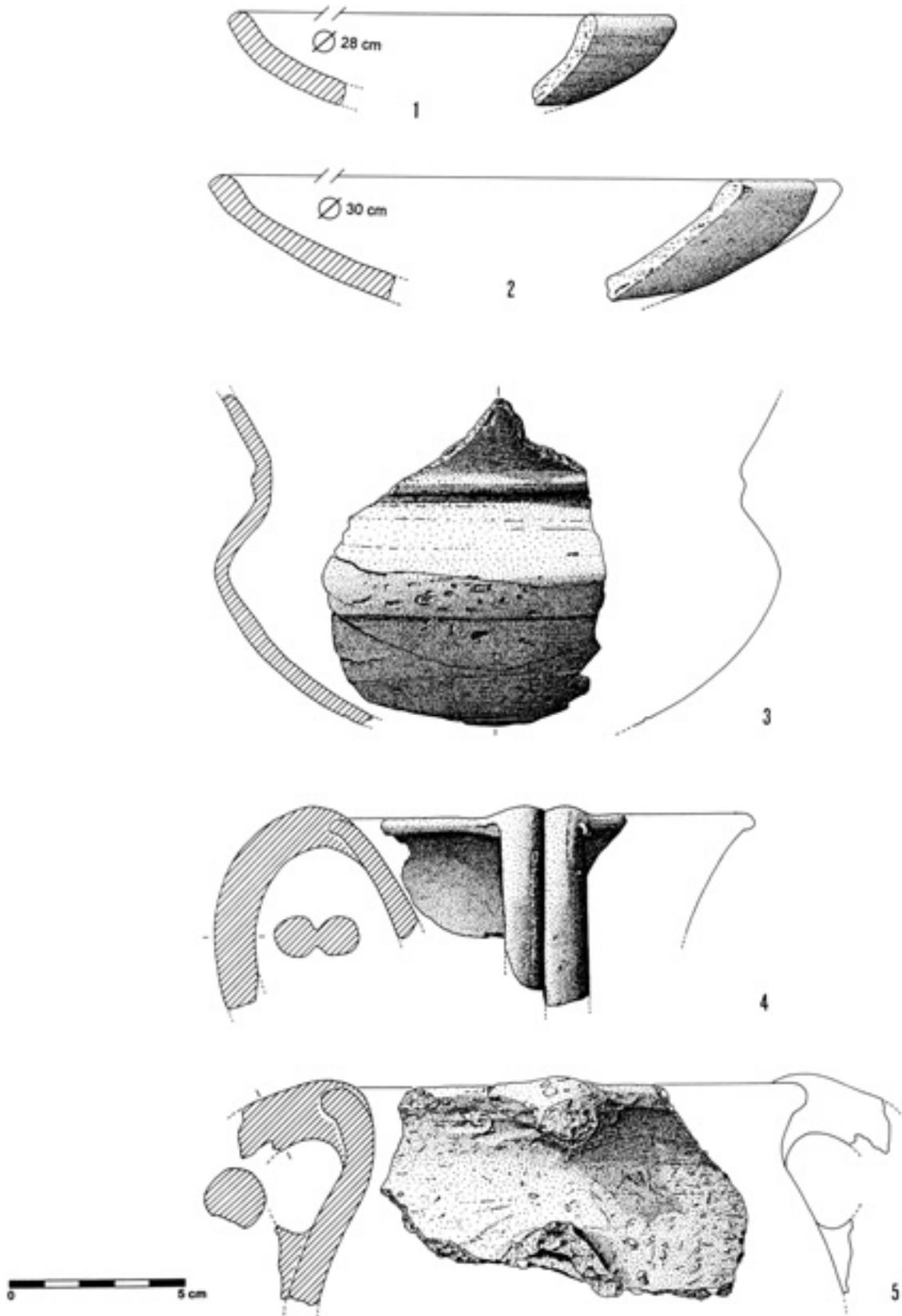


Fig. 60 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas da Idade do Ferro.

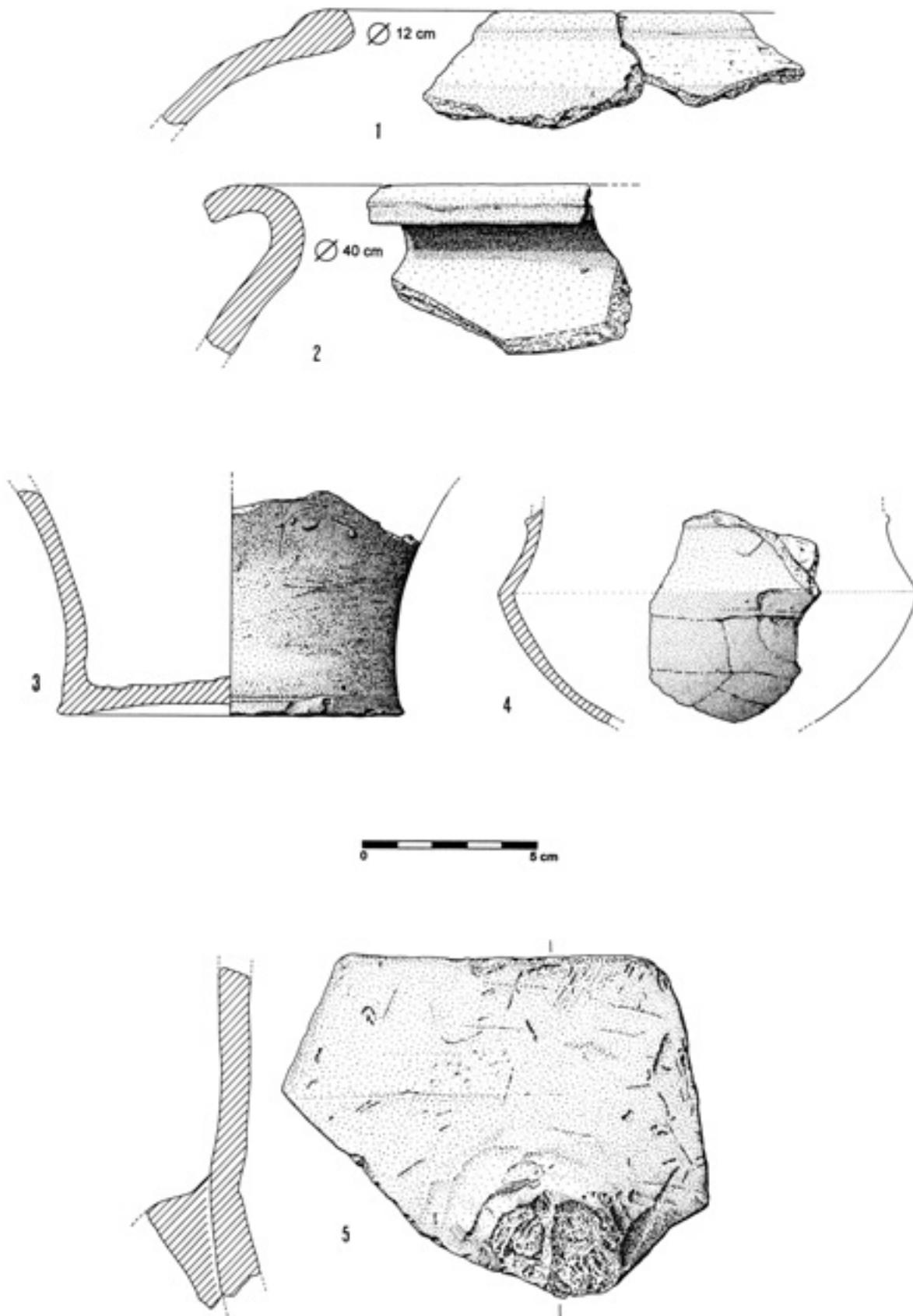


Fig. 61 – Gruta do Correio-Mor: cerâmicas da Idade do Ferro e Medievais/Modernas (3).

NÓTULA SOBRE MATERIAIS ROMANOS PROVENIENTES DO RIO TEJO (OEIRAS)

A. M. Dias Diogo¹ & João Pedro Cardoso¹

1 - INTRODUÇÃO

No âmbito do estudo sistemático dos achados romanos encontrados em águas portuguesas, que efectuamos para o Inventário Nacional do Património Subaquático, publicamos aqui materiais provenientes de achados fortuitos na barra do Tejo, em depósito no Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática.

Por informação do Sr. Ricardo Santos, tivemos conhecimento que o denário de Antonino Pio ora estudado foi recolhido em altura imprecisa, por um mergulhador amador (que apenas conhecemos pelo nome de Sr. Mateus), utilizando escafandro autónomo, a norte do areal do Bugio e a 40° W do enfiamento da fortaleza com o farol da Cruz Quebrada (Fig. 2). O fundo, a cerca de 18 m de profundidade, é de cascalho. Ainda segundo o mesmo informador, o Sr. Mateus recolheu também no mesmo sítio duas moedas de cobre portuguesas datadas de 1823 (N° CA/CNANS 5391.01.0002 e 3) e teria avistado um casco em madeira que não é possível relacionar com qualquer dos achados recolhidos.

O fragmento de ânfora que também será objecto de estudo foi encontrado, também em altura imprecisa, durante a faina da pesca de arrasto, junto à margem norte do Tejo, entre Paço de Arcos e Oeiras. Foi entregue pelo pescador a Filipe Castro, em Julho de 1997.

2 - COMENTÁRIO

O denário de Antonino Pio (Fig. 3) foi cunhado em 158-159 d.C. (**TR P XXII**), propagandeando o restauro do templo de Augusto e Livia e, deste modo, a ordem imperial. O seu estado de conservação não nos permite saber o número total de figuras representadas no reverso, para além das de Augusto e Livia.

¹ *Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática. Avenida da Índia, 136. 1350 LISBOA.*

Segundo Rui Centeno, no Noroeste da Hispânia e para o período compreendido entre os reinados de Nerva e Cómodo (96-192), das 197 moedas provenientes de achados avulsos, 37 (18,78 %) são de Antonino Pio, sendo apenas uma um denário (CENTENO, 1987, p. 276). Nas escavações de São Cucufate, apenas uma moeda de Antonino Pio, um sestércio, foi encontrada entre as 230 provenientes de achados avulsos (ALARCÃO, ÉTIENNE e MAYET, 1990, p. 197).

Os achados avulsos de denários de Antonino Pio não são comuns no nosso território. A moeda agora estudada poderá ter sido encontrada próximo do seu local original de depósito, podendo não ter sido arrastada pelas correntes, dado o seu peso e dimensões, e o facto de se encontrar num fundo de cascalho abundante. Neste caso, pode-se colocar a hipótese da moeda e do casco de madeira estarem associados e estarmos em presença de destroços romanos de cronologia posterior a 158 d. C., questão que apenas poderá ser resolvida com a pesquisa no local. As marés e a dinâmica dos assoreamentos da barra do Tejo junto ao areal de S. Lourenço da Cabeça Seca (Bugio), tornavam perigosa a navegação à vela nesta zona (BOIÇA, 2000, p. 13-14).

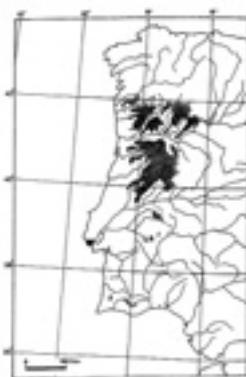


Fig. 1 - Mapa de localização genérica dos achados.

Para além de ter sido recuperado através da pesca de arrasto, sem localização precisa, o fragmento de ânfora aqui estudado encontra-se muito rolado nas fracturas e em ambas as superfícies, o que indicia um depósito instável no leito do Tejo.

A sua pasta é de fabrico lusitano e a sua forma aparenta estar próxima da das ânforas de tipo Lusitana 2 ou 12. No entanto, e embora falte o topo da boca ao fragmento, o que permitiria orientá-lo com maior segurança e ultrapassar a mera estimativa para os diâmetros do seu lábio e colo, o facto é que as dimensões e proporções entre os seus atributos o afastam dos tipos acima referidos (DIOGO, 1987; DIOGO e TRINDADE, 1998, p. 202-204).

Este fragmento tem paralelo em outros dois, que conservam a totalidade dos atributos da boca, colo e asas, encontrados no leito do Tejo, em Porto Sabugueiro, no concelho de Salvaterra de Magos. Um deles está ainda inédito, fazendo parte de um conjunto de materiais cerâmicos que temos em estudo, o outro foi

já publicado por Guilherme Cardoso, que o classifica como Dressel 7-11, situando-se entre os tipos Haltern 70 e Dressel 10 e cujo desenho reproduzimos na Fig. 4, 2 (CARDOSO, 1990, p. 156).

Desconhecendo o produto que transportava e à falta de exemplares completos, que nos permitam modular o tipo, preferimos aqui integrá-lo provisoriamente nas ânforas Beltrán I, dado tratar-se de uma tipologia de ânforas hispânicas. Datamo-la do século I d. C., por simples comparação formal.



Fig. 2 - Localização do achado da moeda na *Carta Militar*. Escala 1/50.000. Folha 34 - III.

3 - CATÁLOGO

- Denário de prata, rolado, de Antonino Pio.

Anverso: No campo, cabeça do imperador laureada à direita, com a legenda: [ANT]ONINVS AVG(ustus) PIVS P(ater) P(atriae)

Reverso: No campo, templo com oito colunas (figuras de Augusto e Livia ao centro), com a legenda: TEMPLVM DIV(i) AVG(usti) REST(itutum). A exergo: CO(n)S(ul) IIII (Quatrum)

Metrologia: 2,9 g.; 16 mm.; 12 h.

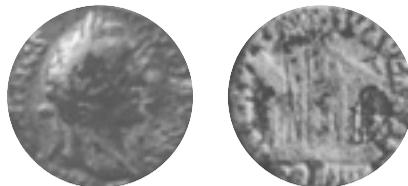


Fig. 3 - Denário de Antonino Pio.

- Fragmento muito rolado de boca, colo e bojo, com asa, de ânfora de tipo Beltrán I, de fabrico lusitano. Lábio de fita muito saliente. Colo curto, largo e ligeiramente côncavo. Asa curta, gamiforme, de secção em fita larga, com uma pequena canelura na face superior, arrancando do topo do colo e da aresta do lábio.

Pasta rosa-alaranjada, com largo cerne acinzentado, dura, com abundantes minúsculos grãos de quartzo e raros pequenos nódulos ferrosos. Superfície externa rosa-alaranjada, manchada.

Diâmetro do lábio na base: est. 19,6 cm. Diâmetro do colo: est. 13,8 cm. Altura do colo: 15,6 cm. Largura da asa: 5,6 cm. Espessura da asa: 2,2 cm.

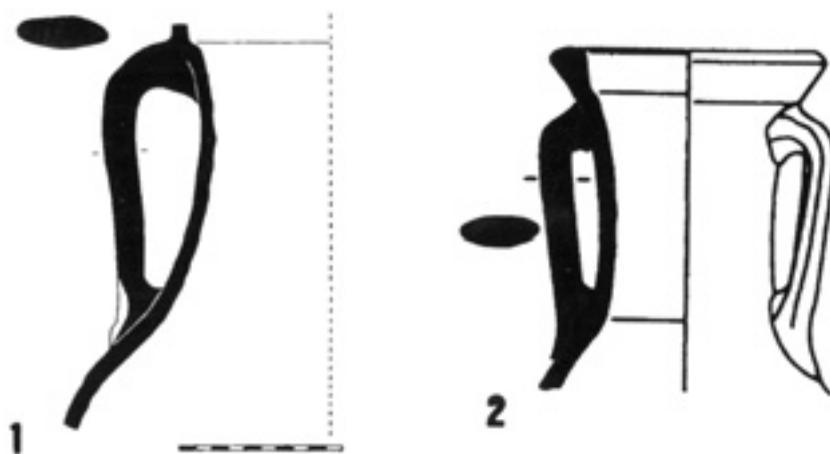


Fig. 4 - Fragmento de ânfora da margem de Oeiras (1) e fragmento superior de ânfora do Porto Sabugueiro, (2). Escala em cm.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, J., ÉTIENNE, R. & MAYET, F. (1990) – *Les Villas Romaines de São Cucufate (Portugal)*. Paris. E. de Boccard.

BELTRÁN LLORIS, Miguel (1970) – *Las Ânforas Romanas en España*. Zaragoza. Institución “Fernando el Católico”.

BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira (2000) – *A Barra do Tejo. O Eixo São Julião/ Bugio. Navegabilidade, Defesa e Alumramento*. Oeiras. C. M. de Oeiras.

CARDOSO, Guilherme (1990) – O forno de ânforas de Muge. *As Ânforas Lusitanas. Tipologia, Produção, Comércio*. Conímbriga. Museu Monográfico de Conímbriga, p. 153-165.

CENTENO, Rui M. S. (1987) – *Circulação Monetária no Noroeste de Hispânia até 192*. Porto. Sociedade Portuguesa de Numismática.

DIOGO, A. M. Dias (1987) – *Ensaio Sobre a Modulação e Tipificação das Ânforas de Fabricos Lusitanos*. Lisboa. Univ. Nova de Lisboa (Policopiado).

DIOGO, A. M. Dias & TRINDADE, Laura (1998) – Uma perspectiva sobre Tróia a partir das ânforas. Contribuição para o estudo da produção e circulação das ânforas romanas em território português. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 16, p. 187-220.

MATTINGLY, Harold (1976) – *Coins of the Roman Empire in the British Museum. Volume IV. Antoninus Pius to Commodus*. London. British Museum Publications Ltd.

NOTÍCIAS
E
RELATÓRIOS
(2002 / 2003)

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
11, Oeiras, Câmara Municipal, 2003, p. 331

**ENTREGA DO PRÉMIO ABOIM SANDE LEMOS
DA ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA
10 DE JULHO DE 2002**



No encerramento do ano académico de 2002 da Academia Portuguesa da História, realizou-se, a 10 de Julho, a entrega dos prémios relativos ao ano de 2001. O Prémio Aboim Sande Lemos, instituído naquela Academia pelo benemérito e saudoso confrade Coronel Aboim Sande Lemos foi atribuído à obra “Sítios, pedras e homens - trinta anos de Arqueologia em Oeiras”, da autoria de João Luís Cardoso, Professor Universitário e Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (CMO), a qual foi publicada pela Câmara Municipal de Oeiras. Trata-se de mais um galardão atribuído ao referido arqueólogo que se reflecte, naturalmente, na Câmara Municipal de Oeiras, na medida em que distinguiu um trabalho de investigação e de divulgação do património arqueológico concelhio patrocinado e publicado pela autarquia.

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
11, Oeiras, Câmara Municipal, 2003, p. 333-336

QUALIFICAÇÃO ARQUITECTÓNICA DA ENTRADA DO POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA

No dia 28 de Novembro de 2003, pelas 15,30 h, foi inaugurada pela Senhora Presidente da Câmara Municipal de Oeiras a nova entrada do povoado pré-histórico de Leceia, correspondente à renovação e requalificação arquitectónica da zona adjacente à anterior entrada no recinto arqueológico. A acção foi da responsabilidade do Departamento de Projectos Especiais (Acções de Conservação e Restauro), dirigido pelo Arq. Pedro Gentil Carrilho e coordenada pelo Arq. Nuno Freitas Lopes. O signatário, enquanto Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/CMO e arqueólogo responsável pela estação, foi chamado a colaborar desde a fase inicial do Projecto; deve-se-lhe, designadamente, a preparação dos textos que se encontram presentes no local, em cinco placas de aço, alusivos à estação pré-histórica, bem como o acompanhamento arqueológico da abertura das fundações das estruturas, como é determinado pelas disposições legais em vigor.

Outros técnicos intervieram na elaboração do Projecto e na execução da obra, que envolveu as seguintes especialidades: design (Arq. designer Gonçalo Pestana); paisagismo (Arq. pais. Alexandre Eurico Lisboa e Arq.^a pais. Carla Correia); estabilidade (Eng. João Cruz); e fiscalidade (Eng. Lapas Soares), pertencentes, para além do Departamento de Projectos Especiais, aos Departamentos de Infraestruturas Municipais/CMO e de Ambiente e Equipamento/CMO.

Na altura, foi editado desdobrável, produzido pelo Gabinete de Comunicação/CMO, de onde se extraíram os seguintes textos:

INTERVENÇÃO

O princípio geral de concepção foi o de criar uma zona de átrio e recepção aos visitantes, face à necessidade de reformular as acessibilidades. Para tal, foi criada uma nova entrada “agarrada” a uma praça de utilização pedonal, local de fruição, ante-câmara de visita. Assim, podemos não só aproveitar o miradouro sobre a Ribeira de Barcarena (de grande valor ambiental e paisagístico), como também, entrar no contexto do Povoado Pré-Histórico através de cinco textos introdutórios que “aproximam” o visitante ao sítio arqueológico.

Outra pretensão foi a de promover a divulgação do Povoado, pelo que, este espaço é pontuado com cinco colunas, que assinalam dramaticamente a entrada, impondo uma lógica sequente de informação até se chegar ao objectivo - a visita à estação arqueológica.

As opções formais e a escolha dos materiais visam enfatizar a intemporalidade e a rudeza dos vestígios, erodidos por milhares de anos.



A Senhora Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr.ª Teresa Pais Zambujo, no uso da palavra (foto GC/CMO).

Reproduz-se também, do referido folheto, o texto da autoria da Senhora Presidente da Câmara Municipal de Oeiras e que corresponde à síntese da sua intervenção:

Encontra-se a Câmara Municipal de Oeiras a desenvolver estratégias que permitam a divulgação do rico património histórico do Concelho. É neste contexto, que surge a obra que hoje inauguramos.

De facto, o Povoado Pré-Histórico de Leceia constitui o mais importante vestígio arqueológico do nosso município, contendo relevante importância histórica e cultural no panorama europeu.

Um primeiro passo nas estratégias de divulgação e valorização foi dado com a criação do núcleo museológico, localizado na Fábrica da Pólvora que agora se complementa, promovendo a descoberta do sítio arqueológico através de visitas ao local. Esta estratégia, completar-se-á com a construção de um museu de sítio nas imediações, dotando assim, o povoado de todos os elementos de apoio à compreensão deste elemento patrimonial.

Julga-se desta forma, estar a dotar a estação arqueológica do Povoado Pré-Histórico de Leceia, de uma estrutura de acolhimento ao visitante que levará a um maior reconhecimento das origens longínquas da vida em sociedade que aconteceram há milhares de anos no nosso Concelho.

Aqui fica o convite a uma visita mais prolongada.



Pormenor da inauguração (foto B. Ferreira).

O mesmo folheto contém o seguinte texto, da autoria do Prof. Doutor J. L. Cardoso:
Povoado Pré-Histórico de Leceia - exemplo da investigação, valorização e divulgação do património cultural do Concelho de Oeiras.

Em 1983, perante a potencial expansão urbanística do espaço ocupado pelo sítio arqueológico – do qual nada se sabia a não ser a sua simples existência – encetou o signatário um ambicioso projecto de investigação, com o apoio desde logo dispensado pela Câmara Municipal de Oeiras e pelos sucessivos organismos de tutela do Património Arqueológico. Estava-se, então, longe de imaginar que, vinte anos volvidos, acorreríamos, neste mesmo local, para festejar a inauguração de uma obra que, a todos os títulos, enobrece o Concelho de Oeiras, ao valorizar, de forma exemplar, uma das estações pré-históricas mais emblemáticas do nosso país. Com efeito, ao longo de vinte anos ininterruptos de escavações arqueológicas pôs-se a descoberto um imponente povoado fortificado da Idade do Cobre; a área investigada, superior a 11 000 m², corresponde talvez à mais vasta escavação arqueológica realizada numa estação pré-histórica portuguesa, permitindo, pela primeira vez, a identificação completa de um complexo dispositivo daquela época, no qual as estruturas defensivas se articulam com as estruturas habitacionais, ao longo de uma ocupação que se estendeu por mais de mil anos, entre cerca de 3200 e 2200 anos antes de Cristo.

A Câmara Municipal de Oeiras, ao contribuir para transformar um valor patrimonial de primeira grandeza como este, com relevantes serviços já prestados à formação e informação dos cidadãos – a começar pelos seus próprios munícipes – em potencial pólo turístico-cultural de expressão nacional, assume-se, também, neste difícil domínio de actuação, como agente de mudança e de progresso, cuja relevância deve ser destacada.

Finda a cerimónia inaugural, que contou também com a intervenção do Arq. Pedro Gentil Carrilho, que explicou não só os conceitos que presidiram à intervenção mas também as acções que se prevê venham a ser futuramente concretizadas, na sequência da projectada valorização geral desta notável estação arqueológica do Concelho de Oeiras, os participantes foram convidados a estar presentes no lançamento do livro “O Povoado Pré-Histórico de Leceia no quadro da investigação, recuperação e valorização do património arqueológico português. Síntese de vinte anos de escavações arqueológicas (1983-2002)”. Trata-se de obra da autoria do Prof. Doutor J. L. Cardoso cuja apresentação, também presidida pela Senhora Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr.^a Teresa Pais Zambujo, teve lugar, pelas 16,30 h do mesmo dia, no restaurante Albapólvora, na Fábrica da Pólvora de Barcarena e que, da melhor maneira, rematou a esta muito concorrida cerimónia de inauguração.

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
11, Oeiras, Câmara Municipal, 2003, p. 337-343

LANÇAMENTO DO LIVRO “O POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA NO QUADRO DA INVESTIGAÇÃO, RECUPERAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO PORTUGUÊS”

A apresentação pública da obra em epígrafe realizou-se no Restaurante Albapólvora, da Fábrica da Pólvora de Barcarena, no dia 28 de Novembro de 2003. A cerimónia foi presidida pela Senhora Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr.^a Teresa Pais Zambujo que, em importante improviso, delineou as principais linhas de orientação presentes e futuras no âmbito da investigação, salvaguarda, divulgação e animação do património arqueológico oeirense e a ela compareceram Vereadores da Câmara Municipal de Oeiras, incluindo o Senhor Vice-Presidente, Eng. José Arménio Neno, bem como numerosos dirigentes, técnicos superiores, e muitos convidados. A mesa de honra era constituída ainda pelo Senhor Vereador do Pelouro da Cultura, Dr. Barreto Xavier, bem como pelo autor da obra, Prof. Doutor João Luís Cardoso, que fez a apresentação desta nos seguintes termos:



(Foto GC/CMO)

*Senhora Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr^a. Teresa Pais Zambujo
Senhores Vereadores da Câmara Municipal de Oeiras
Caros Convidados, Minhas Senhoras e Meus Senhores:*

Num dia do já longínquo mês de Outubro de 1970, tinha eu acabado de fazer 14 anos, recebi como presente um livro, com bonita encadernação em pele, o qual ostentava, na página da guarda, a seguinte dedicatória:

"Ao jovem arqueólogo autodidacta João Luís Cardoso uma lembrança do primo Fernando da Cunha".

Não se tratava de um livro qualquer: correspondia à reunião de diversos estudos publicados pelo General Carlos Ribeiro e oferecidos na década de 1870 a um meu antepassado, o Conselheiro Augusto José da Cunha, Lente da Escola Politécnica, várias vezes ministro nos governos chefiados por José Luciano de Castro, Presidente da Câmara dos Dignos Pares do Reino e, enfim, primeiro Reitor da Universidade de Lisboa, em 1911.

Dos trabalhos reunidos no referido volume, um me chamou particularmente a atenção: era a "Notícia de algumas estações e monumentos prehistoricos", apresentada à Academia Real das Ciências de Lisboa e publicada em 1878, cujo primeiro capítulo se intitulava: "Notícia da estação humana de Licêa".

No Domingo seguinte, fiz, de bicicleta, o caminho entre Caxias, onde vivia e a então pequena aldeia de Leceia, passando pelo Murganhal e Barcarena, num trajecto encantador, de forte cunho mediterrâneo, ao longo da meia-encosta esquerda da ribeira de Barcarena, felizmente pouco alterada desde então. Quando, com a bicicleta numa mão, e o livro de Carlos Ribeiro na outra, cheguei à plataforma por este assinalada, foi com surpresa e emoção que comecei a identificar, juncando o solo, inúmeros restos pré-históricos, que me habituara a ver nos Museus, mas em vitrinas inacessíveis...

Nos anos seguintes, sempre que podia, escapulia-me do Liceu e passava longas horas à cata daqueles vestígios milenares, que pareciam aguardar pacientemente serem estudados por alguém. Era um tempo em que aqueles terrenos ainda se lavravam com juntas de bois, e onde, não raro, apareciam, desviadas pela relha do arado, as ditas "pedras de raio" (os machados de pedra polida) que os lavradores recolhiam na crença de poderes sobrenaturais e depois me ofereciam: assim fui aumentando a minha colecção, que chegou a ter catálogo e inventário próprios, copiando os que sabia existir nos Museus que frequentava.

Logo a seguir, por intermédio do Prof. Doutor O. da Veiga Ferreira, amigo sempre lembrado, tive acesso à colecção reunida pelo Escultor Álvaro de Brée na sua Quinta de Barcarena, posta à disposição por sua Viúva, Dona Marcelle Monestier de Brée, que estudei ao longo de todo o ano de 1975, aproveitando o interregno forçado da entrada na Universidade, imposto pelo então chamado "Serviço Cívico Estudantil", no meu caso concretizado de maneira bem pouco ortodoxa, tendo presentes os cânones dominantes na época...

Publicado em revista de prestígio no meio arqueológico - a Revista de Gvimarães - em 1981 e 1982, este estudo teve imediata continuidade na primeira monografia publicada pela Câmara Municipal de Oeiras, logo em 1982, que preparei por iniciativa da Dr^a. Salette Simões Salvado, intitulada, simplesmente, "O castro de Leceia".

Foi assim que, de forma mais consequente, já de posse de Licenciatura e de Mestrado, me envolvi cada vez mais no estudo daquela que pressentia ser uma estação arqueológica de excepção.

Em princípios de 1983, a área de maior interesse arqueológico encontrava-se fortemente ameaçada: um dos proprietários tinha aberto, indiscriminadamente, inúmeras valas, com retroescavadora, para o plantio de árvores, pondo a descoberto, nas terras amontoadas, inúmeras peças arqueológicas; outro, tinha construído um redondel de madeira, para touradas domésticas...mais grave ainda, encontrava-se em preparação um plano geral de urbanização que iria destruir irreversivelmente, no caso de ser aprovado, o que ainda pudesse subsistir enterrado no solo.

Esta situação calamitosa devia-se ao simples facto de a classificação da estação arqueológica como Imóvel de Interesse Público, efectuada em 1963, não ter sido acompanhada da respectiva delimitação em planta, já que a publicada por Carlos Ribeiro, em 1878, se afigurava de aplicação irrealista, por abranger a totalidade da actual povoação de Leceia, que entretanto crescera desmesuradamente. Perante tal quadro, elaborei e apresentei ao então IPPC, nesse mesmo ano de 1983, um Projecto de Investigação que permitiu a realização das primeiras escavações no mês de Agosto desse ano. Apesar da exiguidade da área escavada (apenas 32 m²), foi possível demonstrar a existência de estratigrafia e de estruturas arqueológicas, as quais, até então, alguns não acreditavam que pudessem ainda existir. A partir desse momento, impunha-se a execução de uma escavação em extensão, de modo a obter informação sobre o desenvolvimento das estruturas arquitectónicas, suas características e cronologia. Estava-se, então, nos inícios de um vasto programa de trabalhos e, confesso, muito longe de imaginar que os próximos vinte anos da minha vida e da minha carreira como arqueólogo, seriam, em boa parte dedicados a fazer renascer do silêncio e do esquecimento dos antigos campos agricultados, o imponente sítio arqueológico que é hoje Leceia.

O trabalho foi-se desenvolvendo, ano após ano, perfazendo vinte campanhas de escavações arqueológicas, sempre realizadas no mês de Agosto, até o ano passado. Por ali passaram centenas de jovens que, na maioria dos casos, tiveram o seu primeiro contacto com a Arqueologia: seja qual for a profissão que tenham abraçado, estou certo de que jamais esquecerão a experiência adquirida: é que naqueles dias árduos de trabalho também se fortaleceu, por força das circunstâncias, o espírito de equipa e a certeza de que o esforço desenvolvido por todos tinha efectiva utilidade, seria aproveitado mais cedo ou mais tarde, e posto à disposição da comunidade. Para alguns, a experiência adquirida terá despertando vocações arqueológicas que felizmente, tiveram oportunidade de mais tarde se afirmar. Para os que ali, ano após ano, deram o melhor do seu esforço, alguns deles hoje aqui presentes, um grande abraço e o meu sincero agradecimento.

Se a escavação se ia alargando, a povoação de Leceia, bem como a paisagem envolvente transformava-se também a olhos vistos. Fui testemunha do crescimento de novos bairros; rasgou-se a CREL; alargou-se o cemitério de Barcarena e o antigo quartel de Bombeiros; a cooperativa de São Pedro para crianças diminuídas construiu as suas novas instalações; concretizou-se a piscina de Barcarena – onde, em alguns anos de escavações, o "pessoal" ia dar um mergulho de graça, depois de um árduo dia de trabalho – e, até, alguns cafés decidiram afixar os recortes das notícias dos jornais que davam conta do progresso das escavações. Um desses proprietários mandou mesmo executar painéis de azulejos com desenhos das estruturas

arqueológicas postas a descoberto, e que cheio de bairrismo, espalhou pelas paredes do seu café, bem no centro de Leceia.

Em 1994, nas palavras prévias que antecediam a monografia que dava conta de onze anos de escavações arqueológicas, o Dr. Isaltino Morais, depois de por mim convencido, não sem alguma dificuldade, de que as muralhas e os bastiões existiam mesmo sob os seus próprios pés, onde jaziam enterrados há milénios, declarou o seguinte:

"... o povoado pré-histórico de Leceia enfileira (...) entre um dos povoados pré-históricos peninsulares mais importantes e espectaculares (...) como um dos locais de visita obrigatória do concelho de Oeiras.

Resultados fáceis e rápidos e para consumo imediato excluem-se, naturalmente, das realidades em Arqueologia. As escavações arqueológicas são, via de regra, morosas, prolongadas e difíceis. Ciente de tudo isto, a Câmara Municipal de Oeiras apoiou, como lhe competia, de forma decidida, o trabalho que de ano para ano tomava forma, complementado, a partir de 1988, com os restauros de estruturas, destinados a melhor visualizar o espaço arqueológico (...)" Assim se resumia o segredo do êxito alcançado.

As aludidas acções de restauro e conservação de estruturas, foram acompanhadas pelo início do programa de visitas guiadas que actualmente decorre de forma cada vez mais intensa, tendo como principais destinatários as escolas do concelho de Oeiras. Tais acções foram desde logo coordenadas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, criado naquele mesmo ano de 1988 por proposta do Dr. Isaltino Morais, à época um dos primeiros a ser organizado em Portugal no âmbito de uma Autarquia. Uma palavra de agradecimento e muito apreço por aqueles que, desde o início, me acompanham diariamente: a Dr^a. Conceição André e o Bernardo Ferreira. A eles se deve, enquanto membros de uma pequena, coesa e motivada equipa, muito do que já se fez, sem esquecer o apoio que a Arq. Isabel Soromenho dispensou nesta fase inicial da vida do Centro.

Importa salientar a visão estratégica que deu forma à plena afirmação desta nova área de competências da Autarquia, do mesmo modo que não devem omitir-se os apoios que os sucessivos organismos governamentais de tutela – o IPPC e o IPPAR, primeiro, através dos respectivos Departamentos de Arqueologia, e por último, o IPA – concederam, facilitados sempre por excelentes relações pessoais, que me apraz deixar aqui bem registadas.

Salvaguardada definitivamente a área de interesse arqueológico, pela publicação da Portaria n.º 470/86, que fixou a "zona non aedificandi", logo vedada pela Câmara Municipal de Oeiras, bem como a "zona de protecção especial envolvente" e findas as escavações, que puseram a descoberto cerca de 95% da área correspondente ao antigo povoado pré-histórico, área que ascende a mais de 11 000 m² escavados, são as seguintes as principais conclusões que podemos, resumidamente, apresentar:

- na segunda metade do quarto milénio, instalou-se na plataforma rochosa, debruçada sobre o fértil vale da ribeira de Barcarena, um povoado desprovido de muralhas; esta primeira ocupação, que ascende ao chamado Neolítico Final, terminou antes de 2900 anos a.C.;
- sucede-se, logo no início da Idade do Cobre (ou Calcolítico), um extenso povoado fortificado, organizado

em três linhas defensivas; as numerosas datações de radiocarbono obtidas permitiram situar esta fase entre cerca de 2900 e 2800 anos a.C., indicando a existência de período de abandono de algumas dezenas de anos face ao povoado anterior; do ponto de vista dos espólios arqueológicos, notam-se assinaláveis inovações, mas o cobre não é uma delas. Tal facto reforçou a ausência de relação entre a prática da metalurgia e a construção desta fortificação, ao contrário do que era postulado pelas doutrinas difusionistas das décadas anteriores, particularmente por parte dos arqueólogos alemães que escavaram o povoado homólogo do Zambujal, perto de Torres Vedras, entre 1964 e 1973. Que o clima de instabilidade social era uma realidade, é-nos mostrado pelos sucessivos rearranjos arquitectónicos e funcionais das estruturas defensivas, que foram sendo objecto de reforços sucessivos, sempre no sentido de melhorar a sua robustez e eficácia. Nalguns casos, as remodelações foram ao ponto de arrasar completamente estruturas arquitectónicas pré-existentes.

- no final do Calcolítico Inicial, cerca de 2700 a.C., o povoado entrou em declínio; sobre os numerosos derrubes das muralhas anteriormente construídas, edificaram-se outras cabanas, de qualidade muito inferior às suas antecessoras. Tal situação de declínio agrava-se no Calcolítico Pleno, cujo início foi pela primeira vez estabelecido em Leceia, cerca de 2600 a.C. Porém, é apenas nesta fase que o cobre se afigura importante, o que indica um assinalável sobreproduto económico, indispensável para a sua aquisição, sendo acompanhado pelo acréscimo de outras matérias-primas, que hoje diríamos “estratégicas”, como as rochas duras de que eram fabricados mais de 80% dos artefactos de pedra polida, só existentes a mais de 120 km em linha recta, em Abrantes e na região de Montemor-o-Novo. Esta realidade configura uma nova ordem social, em que os povoados fortificados, enquanto expressão de um modelo de desenvolvimento que hoje dir-se-ia “não-sustentado”, deixaram de ter interesse. O abandono progressivo de Leceia configura, assim, um novo paradigma de exploração dos recursos naturais da região envolvente, doravante pontuada por pequenos casais agrícolas ou granjas, de base familiar, que potenciavam, muito mais eficazmente, a intensa exploração agro-pastoril, propiciada pela boa aptidão dos solos disponíveis.

A informação fornecida pelas escavações de Leceia, com destaque para a sequência cronológico-cultural assim sumariamente descrita, foi já reconhecida, de entre as sequências congéneres calcolíticas, como a “mais usável da Península Ibérica”, pela voz autorizada do Prof. Victor Gonçalves, Catedrático de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa, e especialista desta época.

As escavações de Leceia deram ainda contributos relevantes noutros campos, como no da cronologia do campaniforme no ocidente europeu: com António Monge Soares, confirmou-se que a eclosão do fenómeno campaniforme era anterior ao geralmente admitido, remontando ainda à primeira metade do III Milénio a.C. E foi possível ir ainda mais longe: ao verificar-se a exclusividade, das cerâmicas campaniformes, entre as cerâmicas decoradas recolhidas em duas cabanas escavadas na zona fora das muralhas, cujas datas de radiocarbono são estatisticamente idênticas à última ocupação humana na zona intramuros, onde tais cerâmicas são vestigiais, não se estará em condições de, finalmente, admitir a existência de duas populações culturalmente diferentes – sendo a campaniforme necessariamente a exógena – as quais, em um curto período de tempo, coexistiram, na mesma região, até se mesclarem entre si? Eis uma questão que perpassa

décadas de discussão, desde os trabalhos pioneiros de Gordon Childe, e que terá de ser aprofundada, necessariamente a partir de novos dados de terreno e em articulação internacional, constituindo Leceia um extraordinário laboratório, que está a ser devidamente aproveitado, neste caso em colaboração com investigadores das Universidades de Rennes e de Paris/Nanterre.

Muitos outros aspectos de ordem científica poderiam ser analisados: mas creio que as setenta e seis referências bibliográficas inventariadas no final do volume hoje lançado, podem, melhor do que eu nesta altura, dar uma ideia da produção científica directamente decorrente dos materiais encontrados em Leceia, a qual se projecta actualmente, muito para lá das fronteiras portuguesas: com efeito, publicaram-se estudos sobre Leceia em revistas internacionais de Arqueologia de nomeada, de Espanha, Inglaterra, França, Itália e Alemanha. Neste aspecto, a série "Estudos Arqueológicos de Oeiras" detém, naturalmente, a primazia: fundada, por iniciativa da Câmara Municipal de Oeiras, em 1991, os onze volumes já publicados (dos quais um volume especial, dedicado exclusivamente ao povoado de Leceia, em 1994), e as mais de 4000 páginas impressas sobre temas de arqueologia, dão bem conta do muito que já se fez, constituindo a referida série um exemplo, a nível local, do muito que se pode fazer neste domínio específico. Não me fica, naturalmente, bem, até pelas funções que desempenho, fazer o seu panegírico; mas as permutas estabelecidas e mantidas internacionalmente com mais de cem revistas de Arqueologia de toda a Europa Ocidental (e não só, como é o caso de Marrocos), dá bem conta do prestígio alcançado além fronteiras, sem esquecer as permutas com as escassas revistas portuguesas da especialidade. Dos restos de mamíferos aos restos de peixes e de aves, das análises petrográficas das rochas duras às análises metalográficas e químicas das ligas metálicas, passando pelo estudo e classificação das conchas e dos pólenes, de cerâmicas e de artefactos, e, até, dos restos humanos encontrados, sem esquecer as análises de radiocarbono e respectivo tratamento estatístico, os trabalhos publicados dão bem conta da dimensão pluridisciplinar dos estudos desenvolvidos em co-autoria com especialistas de diferente formação científica, como é requerido pela prática arqueológica moderna.

Aos trabalhos desenvolvidos em Leceia, dediquei até agora muitos anos da minha vida; talvez não seja exagerado dizer que não passou um dia sem que, directa ou indirectamente, não tivesse contribuído para esta obra ainda inacabada. Valeu a pena? Não tenho dúvidas em responder pela afirmativa, o que equivale a dizer que continuará a valer a pena continuar a trabalhar, agora que duas novas frentes de trabalho prioritárias se desenham:

- a primeira, é a melhoria das condições de visita e de apoio disponível na própria estação através da construção de novas infraestruturas, para além da que hoje se inaugurou, o que dá bem nota do empenho da Câmara por si presidida, Senhora Dr.^a Teresa Pais Zambujo;

- a segunda, consiste na continuação da publicação exaustiva do espólio arqueológico, em monografias a que importa dar continuidade; se tal acontecer, como espero, é a primeira vez que, pelo menos a nível peninsular, um grande povoado pré-histórico se encontrará completamente escavado, devidamente estudado, recuperado e mantido em condições adequadas de visita, de modo a poder ser usufruído por todos. Tarefa imensa, mas que está ao nosso alcance, até porque o mais difícil já se fez, desde o já longínquo Outubro de 1970 em que, quis o destino, fosse presenteado com um livro que, de facto, modificou o que poderia ter sido,

para além do meu próprio, o futuro daquele lugar: um pacato bairro residencial de moradias unifamiliares, algumas delas com vista para o Tejo.

Senhora Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Caros convidados e Amigos:

É na concretização de objectivos como o que hoje aqui nos reúne que melhor ecoam as palavras de José Leite de Vasconcelos, escritas numa época de crise de valores e das instituições, em 1895 quando procurava justificar, com pertinácia, contra a indiferença de muitos, e a oposição de alguns quantos, dos quais não reza a história, a criação do actual Museu Nacional de Arqueologia, que hoje ostenta o seu nome, decisão política que ficou a dever-se ao apoio do então Ministro Dr. Bernardino Machado:

“Bem sei que nem a Archeologia nem a Ethnographia moderna restaurarão as finanças do país, se estas se perderem; todavia, como o viver de um povo não é exclusivamente material, aquellas sciencias contribuem para que, pela investigação exacta e conscienciosa dos elementos da nossa nacionalidade, o sentimento d’esta se radique com solidez nas multidões, e os animos, entibiados pela contemplação dos males actuaes, avancem com esperança e audacia, escudados no amor sancto da patria”.

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
11, Oeiras, Câmara Municipal, 2003, p. 345-373

CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DO CONCELHO DE OEIRAS (CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS)

RELATÓRIO DAS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS EM 2002 E EM 2003

1 - INTRODUÇÃO

Este relatório diz respeito às actividades desenvolvidas pelo Centro de Estudos Arqueológicos nos anos de 2002 e 2003.

As acções efectuadas podem agrupar-se em duas grandes áreas:

- Acções de Inventariação e Investigação do Património Arqueológico
- Acções de Divulgação e de Valorização do Património Arqueológico

2 - ACÇÕES DE INVENTARIAÇÃO E INVESTIGAÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO

2.1 - Inventariação

Realizou-se o inventário, incluindo lavagem, marcação e arquivo de cerca de trinta mil peças recolhidas nas campanhas de escavação do povoado pré-histórico de Leceia nos anos de 2001 e 2002 e do povoado pré-histórico do Carrascal nos anos de 2002 e 2003.

Deu-se, deste modo, seguimento ao inventário sistemático dos materiais ali recolhidos, indispensável aos estudos que ulteriormente se prevê venham a ser efectuados.

É de salientar que se encontra concluído o inventário de todas as peças recolhidas no povoado pré-histórico de Leceia desde o início das escavações, em 1983, até 2001, num total estimado de centenas de milhar de peças; o contributo de jovens, no âmbito do Programa OTL, do Gabinete da Juventude revelou-se inestimável para a satisfação deste objectivo.

2.2 - Investigação

2.2.1 - Escavações Arqueológicas

2.2.1.1 - Povoado pré-histórico de Leceia

Prosseguiram durante o mês de Agosto de 2002 as escavações sistemáticas do povoado pré-histórico de Leceia, com a realização da vigésima campanha de escavações a qual foi, tal como as anteriores, dirigida pelo signatário, ao abrigo de Projecto de Investigação sobre a Arqueologia no Concelho de Oeiras, superiormente aprovado pelo Instituto Português de Arqueologia e patrocinadas pela Câmara Municipal de Oeiras. No final desta campanha, mais de onze mil metros quadrados da estação encontravam-se escavados, correspondendo a, aproximadamente, 95 % da primitiva extensão ocupada pela estação. Tal realidade faz de Leceia o povoado pré-histórico existente no território português até ao presente escavado em maior área, conferindo-lhe importância ímpar, no contexto da investigação internacional, como vem sendo reconhecido. Em 2002, participaram, como em anos anteriores, alunos de Arqueologia e de outros cursos superiores, oriundos de diversas Universidades: Universidade Aberta (Lisboa); Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras; Universidade Nova de Lisboa (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas) e um cantoneiro de limpeza da DSU/CMO. Após vinte anos de escavações ininterruptas, sempre dirigidas pelo signatário, deram-se por concluídos os trabalhos, por se considerar que, escavada a estação na sua quase totalidade, importava agora proceder ao início do estudo sistemático dos materiais recolhidos, os quais já deram origem a cerca de cinquenta publicações; destas, as publicadas no período a que diz respeito este relatório, serão adiante devidamente enumeradas. Com a conclusão dos trabalhos de campo, reúnem-se também as condições adequadas para a musealização da estação, cujo aproveitamento lúdico-cultural remonta a 1988, através de visitas guiadas, adiante enumeradas pormenorizadamente, no que concerne às efectuadas nos anos de 2002 e 2003. A realização de tais trabalhos foi assinalada na imprensa regional e nacional: “Oeiras Actual”, Agosto/Setembro de 2002, p. 8; “Jornal da Costa do Sol”, de 22 de Agosto de 2002, 1ª. pág. e toda a pág. 16; e “Diário de Notícias”, de 28 de Outubro de 2002, pág. 28, que noticiou a descoberta de um raro alfinete de marfim.

2.2.1.2 - Povoado pré-histórico do Carrascal

Em Julho de 2002 e em Julho e Agosto de 2003, foram realizadas a segunda e terceira campanhas de escavações arqueológicas no povoado pré-histórico do Carrascal, situado cerca de 500 m para sul do povoado pré-histórico de Leceia, integrado no já referido Projecto de Investigação sobre a Arqueologia no Concelho de Oeiras, dirigido pelo signatário. Em ambas as campanhas, patrocinadas pela Câmara Municipal de Oeiras, sob orientação do signatário e com a colaboração da Dr.^a. Conceição André, obteve-se a ajuda habitual de alunos universitários de Arqueologia, das Universidades acima referidas e de um

cantoneiro de limpeza da DSU/CMO. Trata-se de um sítio de carácter habitacional cuja importância se evidenciou em 2001 e em 2002 pela existência de uma ocupação arqueológica, representada por abundantes materiais líticos, ósseos e cerâmicos, remontando ao Neolítico Final, para além de diversas estruturas domésticas. Em 2003, as escavações vieram a demonstrar a presença de uma camada arqueológica mais antiga, remontando ao Neolítico Antigo, contendo abundantes materiais, de que se destaca a cerâmica decorada. A importância desta descoberta, foi assinalada em diversas notícias vindas a lume, com destaque para artigo de página inteira da “A Capital”, de 18 de Agosto de 2003, p. 9, “Vestígios do Neolítico Antigo em Barcarena”. Trata-se de um dos cerca de apenas seis sítios conhecidos em Portugal, contendo cerâmicas ditas “cardiais”, correspondentes às mais antigas produções conhecidas no território europeu, remontando a meados do VI milénio a.C. Por este facto, a que se junta a abundância de outros restos arqueológicos, a estação do Carrascal insere-se entre as mais importantes estações do Neolítico Antigo do território português. Ainda antes da realização da terceira campanha (2003), a relevância científica da estação foi devidamente salientada em extensa entrevista concedida ao “Jornal da Costa do Sol”, publicada a 15 de Maio de 2003, pág. 8.

2.2.1.3 - Povoado pré-histórico do Alto dos Barrinhos

De 6 a 24 de Maio de 2002, foi efectuada escavação de emergência, no Alto dos Barrinhos em Carnaxide, durante duas semanas, sob orientação do signatário, com a colaboração da Dr^a. Conceição André e de alunos de Arqueologia da Universidade Autónoma de Lisboa. Tratou-se de uma intervenção motivada pelas obras de requalificação urbanística ali efectuadas pela Câmara Municipal de Oeiras, as quais interessavam uma zona onde, anteriormente, havia sido detectada uma ocupação arqueológica. Finda a escavação, o terreno foi dado como liberto para o prosseguimento das obras, após prévia comunicação ao Instituto Português de Arqueologia. Cumpre salientar o bom acolhimento e o apoio que os trabalhos tiveram por parte do Chefe da Divisão de Habitação/CMO, Arq. Romano de Castro e restante equipa técnica daquela Divisão, que proporcionou os meios logísticos adequados, reforçados pela colaboração de dois cantoneiros de limpeza da DSU/CMO, a quem cumpre igualmente agradecer.

Deste modo, reafirma-se também a vocação do CEACO, iniciada já na década de 1980, como executor directo de trabalhos arqueológicos de emergência envolvendo a construção de obras municipais, para além das escavações programadas em Projectos de Investigação superiormente aprovados pelo órgão de tutela, desenvolvidos sob responsabilidade pessoal do signatário.

2.2.2 - Prospecções Arqueológicas no âmbito de acompanhamento de obras

Procedeu também o signatário, na qualidade de Coordenador do CEACO e após ter sido superiormente credenciado para o efeito, como estipula a legislação em vigor, pelo Instituto Português de Arqueologia, ao acompanhamento de grandes obras que implicaram movimentações significativas de

terras, em diversos locais do Concelho. Algumas das acções a seguir descritas, constituem, actualmente, uma das principais atribuições do CEACO, tendo presente que se trata de uma estrutura municipal que desenvolve a sua actividade num concelho fortemente urbanizado, e onde a pressão urbanística sobre o património arqueológico é acrescida. A relevância da sua actuação neste domínio foi, aliás, devidamente destacada em artigo da autoria do signatário, publicado na Revista Oeiras Municipal, n.º 75 (Dezembro de 2002), p. 26 - 29, intitulado "Obras públicas e património histórico".

2.2.2.1 - Parque dos Poetas (Oeiras)

Os trabalhos arqueológicos realizados no Parque dos Poetas, resultaram da construção do parque urbano temático, do mesmo nome, por iniciativa da Câmara Municipal de Oeiras, atendendo ao elevado espaço interessado pelas obras as quais implicariam significativas movimentações de terras.

As prospecções efectuadas, tanto em fase anterior ao início das obras, como durante a realização dos trabalhos de movimentação de terras, revelaram-se infrutíferas, não tendo sido evidenciados quaisquer indícios de existência de estruturas, camadas ou elementos arqueológicos, como consta de nota datada de 28 de Janeiro de 2003, dirigida pelo signatário ao Dr. Fernando Real, Director do Instituto Português de Arqueologia.

Os trabalhos de acompanhamento foram dados por terminados em meados de 2002 e, nessa mesma altura, comunicados por escrito ao Gabinete do Parque dos Poetas para, eventualmente, se incorporarem em publicação alusiva aos trabalhos efectuados, nas suas diversas especialidades.

2.2.2.2 - Urbanização Parque de Santa Cruz (Carnaxide)

Por comunicação do signatário, de 16 de Outubro de 2001, na qualidade de Coordenador do CEACO e no âmbito das competências deste Centro, foi a firma Imoplus, promotora da urbanização em epígrafe, informada de que o CEACO estaria em condições de efectuar o acompanhamento arqueológico da construção da urbanização em epígrafe, a qual interessava vasta área de terrenos e o aqueduto das Francesas, que faz parte do sistema de adução de água do Aqueduto das Águas Livres.

A 19 de Julho de 2002, foi apresentado pelo signatário o respectivo pedido de realização dos trabalhos arqueológicos ao Instituto Português de Arqueologia tendo-se recebido a 24 de Julho, ofício daquele Instituto, autorizando a realização dos trabalhos arqueológicos.

As referidas obras tiveram apenas início nos finais de Julho de 2002, com os trabalhos preparatórios de movimento de terras.

A 12 de Agosto de 2002, efectuou-se, no estaleiro da obra, reunião entre a Dr.^a Conceição André, técnica superior deste Centro e os responsáveis por parte do Empreiteiro e do Dono da Obra, para definição dos trabalhos a realizar, cujo início teve lugar a 26 de Agosto, com a remoção das terras poluídas por uma antiga bomba de abastecimento de combustíveis. Desde aquela data, regularmente, foi dado

cumprimento ao acompanhamento pormenorizado das obras, visando a salvaguarda do património arqueológico, e, em especial do Aqueduto das Francesas, classificado como Património Nacional, saldando-se em dezenas as visitas realizadas, e em várias reuniões de trabalho, de que resultaram diversos documentos enviados ao IPPAR, com conhecimento à Presidência da Câmara Municipal de Oeiras, alguns incluindo levantamentos gráficos de pormenor, solicitados pelo IPPAR, tendo em vista o prosseguimento das obras. Tais trabalhos, quer de campo, quer de gabinete, sempre da responsabilidade do CEACO, foram dados por concluídos a 9 de Julho de 2003, após recebimento de Ofício do Director Regional de Lisboa do IPPAR.

2.2.2.3 - Encosta esquerda do vale da ribeira da Lage (Oeiras)

Foi remetido ao CEACO pelo DPGU/CMO, o projecto de prolongamento da Rua 1, integrada no Plano de Pormenor da Zona Oeste de Porto Salvo, o qual contemplava a existência da gruta da Lage, de interesse arqueológico, cuja existência tinha sido atempadamente considerada no referido projecto, aliás de acordo com o Plano de Salvaguarda do Património Construído e Ambiental do Concelho de Oeiras.

Tendo-se dado início às obras de escavação do referido arruamento, a empresa adjudicatária, obteve a indicação da disponibilidade do signatário, na qualidade de Coordenador do CEACO, se responsabilizar pelo acompanhamento arqueológico das referidas obras, o qual foi formalizado a 12 de Julho de 2003. Actualmente, o referido trabalho de acompanhamento encontra-se concluído, após sucessivas visitas ao local com o objectivo primordial de acautelar a integridade daquela gruta pré-histórica.

2.2.2.4 - Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição (Algés)

A construção de um complexo residencial e de serviços no local outrora ocupado pela fortaleza de Nossa Senhora da Conceição, cuja existência se sabia segura no local em apreço, pôs a descoberto importantes vestígios da fortificação; tal situação, motivou a solicitação, da parte do signatário na qualidade de Coordenador do CEACO, ao Instituto Português de Arqueologia, de autorização para a realização de trabalhos arqueológicos de emergência, cuja necessidade foi desde logo também reconhecida por parte da DIPE/CMO; aquele pedido de autorização, apresentado em 18 de Outubro de 2002, formalizou um acompanhamento arqueológico que se afigurava urgente, dada a natureza dos vestígios entretanto postos a descoberto.

Por ofício de 22 de Outubro de 2002, obteve o signatário a autorização para a realização dos trabalhos arqueológicos. A 4 de Dezembro do mesmo ano, foi comunicado à Arq.^a Isabel Soromenho, que coordenou, por parte da CMO, a relação institucional com o dono da obra, o programa de trabalhos relativo à metodologia do trabalho de remoção de entulhos com o acompanhamento técnico do CEACO. Este trabalho teve lugar, durante duas semanas, com início a 6 de Janeiro de 2003, tendo sido recolhidos todos os entulhos da demolição do prédio ali existente, até à cota das muralhas da antiga fortificação visíveis

da estrada marginal. Em Maio de 2003, foi realizada a remoção final dos entulhos acumulados junto às estruturas do Forte (panos de muralha actualmente visíveis) com maquinaria leve e com o acompanhamento permanente de elementos do CEACO, a que se seguiu a escavação arqueológica, que se desenvolveu por duas semanas. Desta forma, foi possível delimitar rigorosamente as estruturas coevas da fortificação, de outras, mais modernas, correspondentes a construções que sobre aquela se efectuaram. Por fim, a entre 14 e 15 de Maio de 2003, foi efectuado o levantamento topográfico das estruturas identificadas, constituindo deste modo elemento gráfico indispensável para a remodelação do projecto de arquitectura, previsto para o local, tendo em vista a conservação *in situ* dos testemunhos da antiga fortificação e sua adequada integração no imóvel que se pretende ali edificar.

2.2.2.5 - Acompanhamento da execução das obras da nova entrada do povoado pré-histórico de Leceia

A realização das obras de qualificação da entrada do povoado pré-histórico de Leceia, de acordo com projecto elaborado no Departamento de Projectos Especiais/CMO, superiormente aprovado pelo IPPAR, como obriga a legislação em vigor, por se tratar de obra executada no perímetro de protecção daquela estação arqueológica classificada, foi antecedida do respectivo pedido de autorização, de 28 de Maio de 2003, apresentado ao Instituto Português de Arqueologia para o acompanhamento arqueológico dos trabalhos de abertura das fundações das estruturas, por parte do signatário. Obtida a referida autorização, a 4 de Junho de 2003, os trabalhos foram por si acompanhados, com apoio da Dr^a. Conceição André, até à sua conclusão, verificada a 25 de Junho.

2.2.2.6 - Acompanhamento do esvaziamento de cisterna nos jardins do Palácio dos Arcos, em Paço de Arcos

Por solicitação da Divisão de Espaços Verdes/CMO, foi reconhecida a necessidade de acompanhamento do esvaziamento de uma cisterna nos jardins do Palácio dos Arcos, em curso de recuperação para usufruto público. Com efeito, tal cisterna encontrava-se parcialmente assoreada e, dada a presumível antiguidade do seu último esvaziamento, admitia-se a possibilidade de os sedimentos do fundo conterem materiais de interesse histórico-arqueológico. Assim, os referidos depósitos foram, em Julho de 2003, objecto de crivagem, por via húmida com uso de crivo com malha adequada, sem que se tenham identificado vestígios relevantes.

2.2.3 - Projectos de Investigação

As acções de escavação efectuadas no povoado pré-histórico de Leceia foram, até 1995, apoiadas por um Projecto de Investigação superiormente aprovado pelo então IPPC, desde 1983 dirigido pelo signatário.

Porém, a diversidade cronológica das estações a que, no âmbito da sua actividade, o CEACO era, de forma crescente, chamado a intervir, justificou a elaboração de novo Projecto de Investigação, melhor adaptado à realidade referida, o qual mereceu superior aprovação do IPPAR em 12 de Abril de 1995. Com a criação do Instituto Português de Arqueologia, foi a responsabilidade da gestão desta área para ele transferida. Assim, o signatário submeteu à superior aprovação daquele Instituto, em Março de 1998, o Projecto “Arqueologia no Concelho de Oeiras”, o qual foi classificado com a notação máxima de cinco pontos, pelo respectivo painel avaliador. Ficou, desta forma salvaguardado, um dos requisitos legais, que, de então para cá presidiram à realização das prospecções e escavações arqueológicas na área concelhia. Foi ao abrigo deste Projecto que se realizaram as escavações no povoado pré-histórico de Leceia em 1998, 1999, 2000 e 2001. Finda a vigência deste Projecto, em 2002, foi submetida à apreciação do Instituto Português de Arqueologia um novo Projecto de Investigação, com o mesmo título e objectivos, isto é, procurando interessar os diversos períodos histórico-arqueológicos representados na área concelhia, do Paleolítico Inferior à Alta Idade Média. Revelando o reconhecimento pela qualidade do Projecto apresentado e a valia dos trabalho desenvolvido pelo seu proponente, o painel avaliador voltou a classificar tal documento com a notação máxima, de cinco pontos. Foi já ao abrigo deste novo Projecto, que foi realizada a 20.^a campanha de escavações no povoado pré-histórico de Leceia, em Agosto de 2002, bem como as restantes escavações e prospecções supra referidas.

2.2.4 - Trabalhos Laboratoriais e de Gabinete

No âmbito desta rubrica, avultam os estudos laboratoriais realizados sobre materiais arqueológicos de diferentes épocas e proveniências, os quais deram ou darão origem a publicações de co-autoria, patrocinadas por entidades ou investigadores a quem o CEACO solicitou colaboração científica. Entre eles, destaca-se estudo exaustivo dos artefactos de osso recolhidos no povoado pré-histórico de Leceia, que deu origem a monografia publicada pelo signatário no presente número dos “Estudos Arqueológicos de Oeiras”. De igual modo, foram inventariados e desenhados todos os materiais metálicos exumados naquela estação arqueológica, tendo em vista a preparação de monografia desenvolvida a ser publicada no número seguinte da Revista.

Proseguiu ininterruptamente durante os anos de 2002 e 2003 o desenho de materiais arqueológicos, destinados a ilustrar trabalhos de investigação ou de divulgação, realizados no CEACO por desenhador especialista de Arqueologia do Quadro da CMO, o Sr. Bernardo Ferreira.

3 - ACÇÕES DE DIVULGAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO

3.1 - Publicações

A publicação, com carácter regular, de uma revista científica de arqueologia impõe grande esforço e adequada planificação e organização. Nos dois anos a que respeita este Relatório (2002 e 2003), concluiu-se a impressão do vol. 10 da revista “Estudos Arqueológicos de Oeiras”, em Novembro de 2002, a qual foi enviada a todas as entidades com as quais se estabeleceu permuta. Por outro lado, não se descurou a vertente da divulgação, tendo sido editado novo desdobrável, de distribuição gratuita, sobre o povoado pré-histórico de Leceia, em Setembro de 2002. Em 2003, deu-se continuidade a este projecto editorial, com a publicação do vol. 11 da revista “Estudos Arqueológicos de Oeiras” e de uma edição especial, alusiva aos vinte anos de escavações arqueológicas no povoado pré-histórico de Leceia e principais resultados ali obtidos, cujo lançamento se efectuou no restaurante “Albapólvora”, a 28 de Novembro de 2003.

3.1.1 - Permutas

Manteve-se a permuta com diversas Instituições, Universidades e Museus, nacionais e estrangeiros, só possível pela regularidade com que se têm produzido os sucessivos volumes da revista “Estudos Arqueológicos de Oeiras”. Assim, em 2003, distribuiu-se o vol. 10; no final do ano, distribuiu-se igualmente a edição especial alusiva às vinte campanhas de escavações efectuadas no povoado pré-histórico de Leceia, da autoria do signatário.

Em Outubro de 2003, a referida revista era permutada com 135 publicações periódicas nacionais e internacionais, todas de carácter arqueológico, assim distribuídas por Países: Alemanha; Espanha; França; Inglaterra; Itália; Marrocos e Mónaco.

ALEMANHA

- Archäologische Nachrichten aus Baden - Institut Für Ur-Und Frühgeschichte Der Universität (Freiburg/Br.);
- Boreas (Münster);
- Germania - Romisch Germanische Kommission des Deutschen Archäologisches Instituts (Frankfurt);
- Zeitspuren - Institut Fur Ur-Und Frühgeschichte;

ESPAÑA

- Al-Qannis - Taller de Arqueología Y Prehistoria de Alcañiz;
- Anales de Arqueología Cordobesa - Facultad de Filosofía y Letras (Córdoba);
- Anales de Prehistoria y Arqueología - Universidad de Murcia;
- Antropología y Paleocología Humana - Facultad de Medicina (Granada);
- Aranzadiana - Sociedad de Ciéncias Aranzadi (San Sebastian);
- Archivo Conquense - Museo de Cuenca;
- Archivo de Prehistoria Levantina - Servei de Investigació Prehistorica (València);
- Argensola - Instituto de Estudios Altoaragoneses (Huesca);
- Arqueología Conquense - Museo de Cuenca;
- Bajo Aragon Prehistoria - Grupo Cultural Caspolino (Zaragoza);
- Berceo - Instituto de Estudios Riojanos (Logroño);
- Boletin- Museu de Zaragoza;
- Boletín Avriense Museo Arqueológico Provincial de Ourense;
- Boletín del Museo Arqueológico Nacional - Museo Arqueológico Nacional (Madrid);
- Bolskan - Instituto de Estudios Altoaragoneses (Huesca);
- Cuadernos de Arqueología de Deusto - Departamento de Prehistoria, Universidade de Deusto (Bilbao);
- Cuadernos de Prehistoria y Arqueología - Universidade Autónoma de Madrid;
- Catálogo Monografico - Fundacion Rio Tinto (Huelva);
- Celtiberia - Centro de Estudios Sorianos (Soria);
- Cesaraugusta - Institución "Fernando el Católico" (Zaragoza);
- Ciéncias de la Tierra - Instituto de Estudios Riojanos (Logroño);
- Complutum & Complutum Extra - Univ. Complutense (Madrid);
- Croa - Museo Arqueológico do Castro de Viladonga, Castro de Rey (Lugo);
- Cuadernos de Estudios Gallegos - Consejo Superior de Investig. Científicas (Madrid);
- Cuadernos de Prehistoria - Universidade de Granada;
- Escavacions Arqueològiques a Catalunya - Servei d'Arqueologia, Generalitat de Catalunya (Barcelona);
- Espacio, Tiempo y Forma - Facultat de Geografia e Història (Madrid);
- Estrat - Sección d'Arqueologia del CECI (Igualada - Barcelona);
- Estudios de Prehistoria y Arqueología Madrileñas - Museo de San Isidro;
- Gérion - Universidad Complutense (Madrid);
- Habis - Universidad de Sevilla;
- Historia de Ávila - Institución Gran Duque de Alba (Ávila);
- Huelva en su Historia - Universidad de Huelva;

- Ilerda - Institut d'Estudis Ilerdencs de la Diputació de Lleida;
- Institut d'Estudis Catalans (Barcelona);
- Jornadas de Arqueologia Fenicio-Púnica - Museu Arqueologic d'Eivissa I Formentera (Ibiza);
- Kobie - Diputación Foral de Bizkaia (Bilbao);
- Lucentum - Universidad de Alicante;
- Madrider Mitteilungen - Instituto Arqueológico Alemão (Madrid);
- Marq. - Museo Arqueológico Provincial de Alicante;
- Mélanges de la Casa de Vélasquez (Madrid);
- Memórias de Arqueologia Extremeña - Museu Arq. Prov. de Badajoz;
- Memórias de História Antigua - Universidade de Oviedo;
- Mérida - Consórcio Ciudad Monumental Histórico-Artística y Arqueológica (Mérida);
- Monografías Arqueológicas - Museo d'Arqueologia de Catalunya (Barcelona);
- Monografías de Prehistoria y Arqueologia Castellonenses (Castelló de la Plana);
- Monografías del Museo Arqueológico de Valladolid;
- Monografías del Museo Arqueológico Provincial de Badajoz - Série Arqueológica;
- Munibe - Sociedad de Ciencias Aranzadi (San Sebastian);
- Museo de Salamanca;
- Polis - Universidad de Alcalá (Madrid);
- Pyrenae - Depart. de Prehistoria, História Antigua y Arqueologia, Universidad de Barcelona;
- Quaderns de Difusió Arqueològica - Serv. de Invest. Arqueo. Municipal (València);
- Quaderns de Prehistoria y Arqueologia de Castelló (Castelló de la Plana);
- Revista de Castrelos - Museo Municipal "Quiñones de Leon" (Vigo);
- Saguntum - Departamento de Prehistoria y d'Arqueologia (València);
- Série Arqueológica - Real Academia de Cultura Valenciana;
- Série Arqueológica Municipal - Serv. de Invest. Arqueo. Municipal (València);
- Série Histórica de José Aparicio Perez (València);
- Série de Trabajos Vários - Servei de Investigació Prèhistorica (València);
- Studia Historica, Historia Antigua - Ediciones Universidad de Salamanca;
- Tabona - Universidad de la Laguna (Tenerife - Canarias);
- Trabajos de Arqueologia Navarra (Gobierno de Navarra);
- Trabajos de Prehistoria - Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Madrid);
- Treballs d'Arqueologia - Universidad Autónoma de Barcelona;
- Treballs del Museu Arqueologic d'Eivissa y Formentera;
- Tribuna d'Arqueologia - Servei d'Arqueologia, Generalitat de Catalunya (Barcelona);
- Turiaso - Centro de Estudios Turiasonenses (Tarazona);
- Verdolay - Museu de Murcia;
- Zephyrus - Ediciones Universidad de Salamanca;

FRANÇA

- Antiquités Nationales - Musée des Antiquités Nationales (Saint-Germain-en-Laye);
- Archéologie des Pyrénées Occidentales et des Landes (Ayoie);
- Archives d'Ecologie Préhistorique (Toulouse);
- Bulletin de la Société Préhistorique Ariège- Pyrénées (Foix);
- Mémoires de l'Institut de Préhistoire et d'Archéologie des Alpes Maritimes (Nice);
- Pré-histoire Anthropologie Méditerranées - MMSH/LAPMO (Aix-En-Provence);
- Travaux de Préhistoire Catalane - Centre d'Études Préhistoriques Catalanes (Perpignan);

INGLATERRA

- Archaeological Reports - Architectural and Archaeological Society of Durham and Northumberland Department of Archaeology;
- Buletin - Librarian Institut of Archeology;
- Durham Archaeological Journal - Architectural and Archaeological Society of Durham and Northumberland Department of Archaeology;
- International Archaeology - University College London;

ITÁLIA

- Archivo di Tipologia Analítica - Università degli studi di Siena (Siena);
- Quaderni - Soprintendenza Archeologica (Cagliari);
- Sibirium - Centro di Studi Preistorici ed Archeologici (Varesse);
- Bulletino di Paletnologia Italiana - Soprintendenza Archeologica (Cagliari);

MARROCOS

- Bulletin d'Archéologie Marocaine - Institut Nacional des Sciences de l'Archeologie et du Patrimoine (Rabat);

MÓNACO

- Bulletin du Musée d'Anthropologie Préhistorique de Mónaco;

PORTUGAL

- Algar - Boletim da Sociedade Portuguesa de Espeleologia;
- Al-ulyã - Arquivo Histórico Municipal de Loulé;
- Al-madan - Centro de Arqueologia de Almada;
- Anais - Universidade Autónoma de Lisboa;
- Anais do Município de Faro - Câmara Municipal de Faro;
- Arkeos - Instituto Politécnico de Tomar;
- Arqueologia e Indústria - Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial;
- Arquivo de Cascais - Biblioteca da Câmara Municipal de Cascais;
- Atti della Società Toscana di Scienze Naturali - Bibli. Nac. - Serv. Port. de Trocas Internac.;
- Arqueologia e História - Associação dos Arqueólogos Portugueses;
- Beira Alta - Assembleia Distrital de Viseu;
- Boletim Cultural - Câmara Municipal de Loures;
- Boletim Cultural - Câmara Municipal de Mafra;
- Brigantia - Arquivo Distrital de Bragança;
- Cadernos de Arqueologia e Património - Gabinete de Arqueologia e Património, Câmara Municipal de Paredes de Coura;
- Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz - Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz;
- Cadernos de História Local - Associação Histórico-Cultural de Vila Nova da Barquinha;
- Cadernos do Centro de Estudos Epigráficos da Beira (Castelo Branco);
- Cadernos do Noroeste - Centro de Ciências Históricas e Sociais, Universidade do Minho;
- Câmara Municipal do Cadaval;
- Câmara Municipal da Guarda;
- Conimbriga - Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra;
- Ecomuseu Municipal do Seixal;
- Estudos Pré-históricos - Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta;
- Ficheiro Epigráfico - Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra;
- Fórum - Universidade do Minho;
- Fundação Calouste Gulbenkian;
- Gaya - Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia;
- Comunicações - Instituto Geológico e Mineiro;

- Matesinus - Gab. Munic. de Arqueologia e História da C. M. de Matosinhos;
- Memori (Società Toscana di Scienze Naturali) - Bibli. Nac. - Serv. Port. de Trocas Internac.;
- Conímbriga - Museu Monográfico de Conímbriga ;
- O Arqueólogo Português - Museu Nacional de Arqueologia;
- Portugalia - Faculdade de Letras da Universidade do Porto;
- Relatórios - Associação de Arqueologia da Amadora;
- Revista de Guimarães - Sociedade Martins Sarmento (Guimarães);
- Revista Portuguesa de Arqueologia - Instituto Português de Arqueologia;
- Sintria - Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas;
- Setúbal Arqueológica - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal;
- Techne - Instituto Politécnico de Tomar;
- Trabalhos de Arqueologia da EAM - Associação para o estudo da bacia do Mondego;
- Vipasca - Unidade Arqueológica de Aljustrel, Câmara Municipal de Aljustrel;
- Xelb - Museu Municipal de Arqueologia de Silves.

É de salientar a importância do acervo documental de carácter especializado assim reunido, viabilizando o adequado conhecimento de realidades arqueológicas de outros Países e regiões, indispensável à própria actividade de investigação científica no domínio da Arqueologia do Concelho de Oeiras, desenvolvida neste Centro de Estudos Arqueológicos.

Por outro lado, ao fazer chegar a numerosas instituições de diversos Países, além das nacionais, a actividade que, no domínio da Arqueologia, a Câmara Municipal de Oeiras vem desenvolvendo, contribui-se, decisivamente, para o conhecimento generalizado de importância e relevância de tal área científica e cultural, reconhecida nacional e internacionalmente, como se pode concluir pela importância das permutas estabelecidas.

Conforme despacho presidencial, estas publicações, pelo seu carácter especializado, conservam-se no CEACO, podendo, porém, qualquer artigo delas constante, ser fornecido por fotocópia, mediante solicitação de eventuais interessados.

3.1.2 - Revista "Estudos Arqueológicos de Oeiras"

Em Novembro de 2002 saiu a lume o vol. 10 de "Estudos Arqueológicos de Oeiras". Esta novidade editorial teve repercussão em diversos órgãos da imprensa regional, tendo sido noticiada em "Oeiras - Jornal da Região" a 13 de Fevereiro de 2003, pág. 7 e em "Oeiras Actual", edição de Janeiro/Fevereiro de 2003, pág. 38. A diversidade das temáticas contidas neste volume é evidenciada pelo respectivo índice, confirmando, por um lado, o carácter especializado da publicação, mas, por outro, o âmbito alargado da pesquisa, interessando uma área geográfica que ultrapassa os limites concelhios, única forma, aliás, de se garantir o adequado enquadramento histórico-geográfico dos testemunhos aqui existentes.

Nas 638 pág. do volume, para além de diversos artigos de índole arqueológico-historiográfica, área temática que, merecidamente, vem ganhando acrescido interesse e peso científico no quadro da investigação recente, são de destacar os seguintes contributos, referentes a temáticas especificamente oeirenses:

- de João Luís Cardoso e Frederico T. Regala, “Sobre a presença de Mamute, *Mammuthus primigenius* (Blumembach, 1799) em Portugal: descoberta de uma lamela dentária em depósitos plistocénicos do fundo do estuário do Tejo (Cruz Quebrada, Oeiras)”;
- de Maria Clara Salvado e João Luís Cardoso, “Análise de alguns fragmentos em haste de cervídeo do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras): cabos e caixas”;
- de João Luís Cardoso, “Os esferóides de calcário do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) e suas possíveis finalidades”;
- de António Guerreiro e João Luís Cardoso, “A fauna malacológica encontrada no povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Estudo sistemático e respectivo significado”;
- de João Luís Cardoso e Cleia Detry, “Estudo arqueozoológico dos restos de ungulados do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras)”;
- de Filipa Pires, João Luís Cardoso e Francisco Petrucci-Fonseca, “Estudo arqueozoológico dos Carnívoros do povoado pré-histórico de Leceia, Oeiras”;
- de José d’Encarnação “Uma interessante inscrição romana de Laveiras (Oeiras)”.

A diversidade dos temas tratados ilustra uma das preocupações que têm norteadado o coordenador e responsável científico da revista: a procura incessante de colaborações especializadas e de temáticas de estudo inovadoras; com efeito, só através da abordagem pluridisciplinar, a realidade arqueológica é susceptível de ser devidamente estudada e valorizada, evidência que, actualmente, é por todos reconhecida.

3.1.3 - Outras Publicações

A acção do CEACO na apresentação dos resultados da sua investigação, tem-se projectado muito para além dos limites geográficos do Concelho de Oeiras. Em 2002 e em 2003, foram publicados os seguintes trabalhos e comunicações, além dos já referidos, da autoria do signatário os quais, no todo ou em parte, se referem a aspectos da arqueologia oeirense:

2002

“O território português no quadro das solidariedades comerciais atlanto-mediterrâneas do Bronze Final”. Discursos. Lisboa, Universidade Aberta. Série III, 4, p. 7-54.

“Arqueofaunas: balanço da sua investigação em Portugal”. Arqueologia e História. Lisboa, Associação

dos Arqueólogos Portugueses. 54, p. 281-298.

“Obras públicas e património histórico. Recentes intervenções arqueológicas de emergência do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, no âmbito da realização de obras públicas”. Oeiras Municipal. Oeiras. 75, p. 26-29.

Desdobrável dedicado ao povoado pré-histórico de Leceia, com textos do signatário, arranjo gráfico e ilustrações de Bernardo L. Ferreira e edição do Gabinete de Comunicação/CMO.

2003

“Polished stone artefacts at the prehistoric settlement of Leceia (Oeiras)”. Madrider Mitteilungen. Mainz. 44 (em publicação).

“Oeiras, o Tejo e o mar: uma relação ancestral (da Pré-História à época romana). V Encontro de História Local do concelho de Oeiras (Oeiras, 2000)”. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, p. 27-37.

“O povoado pré-histórico de Leceia no quadro da investigação, recuperação e valorização do património arqueológico português. Síntese de vinte anos de escavações arqueológicas”. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 70 p.

3.2 - Palestras e comunicações a reuniões científicas

Nos anos de 2002 e 2003 o signatário proferiu as seguintes palestras no âmbito da arqueologia concelhia:

2002

Palestras do signatário integradas em visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia e à exposição monográfica permanente exposta na Fábrica da Pólvora de Barcarena:

- a alunos do Instituto Politécnico de Tomar da Licenciatura em Conservação e Restauro;
- a participantes no I Encontro Internacional de Escultura Romana;
- a alunos de História da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (Lisboa).

2003

Palestras do signatário integradas em visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia:

- A membros da Associação Soroptimist International (Portugal);
- A técnicos e dirigentes da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais;

- Comunicação ao VII European Meeting on Ancient Ceramics (Lisboa, 2003): Cardoso, J. L.; Querré, G. & Salanova, L., “Bell beaker relationships along the atlantic coast: preliminary data from the fortified chalcolithic site of Leceia (Oeiras, Portugal)”. Em curso de publicação nas respectivas actas.

- “Arqueozoologia em Portugal”. Palestra apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra aos alunos da Licenciatura em História.

- “Génese e desenvolvimento dos povoados fortificados na Idade do Cobre da Estremadura portuguesa no quadro da intensificação económica do 3º. Milénio a.C.”. Palestra proferida na Sociedade de Geografia de Lisboa. Em curso de publicação no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa.

- “A exploração agro-pastoril, na região oeirense, no decurso da Pré-História”. Comunicação apresentada ao VI Encontro de História Local do Concelho de Oeiras (Oeiras, 2003), em co-autoria com G. Cardoso. Em curso de publicação nas respectivas actas.

- “A exploração agrária da região oeirense no Período Romano”. Comunicação apresentada ao VI Encontro de História Local do Concelho de Oeiras (Oeiras, 2003), em co-autoria com G. Cardoso. Em curso de publicação nas respectivas actas.

- “O povoado pré-histórico de Leceia no quadro da investigação, valorização, e divulgação do património arqueológico nacional”. Conferência apresentada à Mesa-redonda “Recintos murados da Pré-História recente: técnicas construtivas e organização do espaço. Conservação, restauro e valorização patrimonial de arquitecturas pré-históricas”, organizada pelo Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Em curso de publicação nas respectivas actas.

- “O povoado pré-histórico de Leceia no quadro da investigação, valorização, e divulgação do património arqueológico nacional”. Conferência apresentada às VI Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Em curso de publicação nas respectivas actas.

3.4 - Visitas guiadas

As visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia, seguidas de visita à exposição monográfica permanente sobre o mesmo sítio arqueológico, patente ao público na Fábrica da Pólvora de Barcarena,

continuaram a constituir, no decurso de 2002 e de 2003, um das principais pólos da actividade deste Centro de Estudos Arqueológicos, como se poderá facilmente verificar pela seguinte enumeração:

2002

Durante o ano de 2002 realizaram-se, no âmbito das actividades deste Centro, trinta e quatro visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia e Sala de Arqueologia da Fábrica da Pólvora de Barcarena, a pedido de diversos estabelecimentos de ensino (básico, preparatório, secundário e universitário) da área da grande Lisboa, de organismos oficiais e particulares, ou no âmbito de visitas ao Concelho organizadas pelo Município. O número total aproximado de visitantes foi de cerca de 1.100 pessoas, assim distribuídas:

Janeiro

Visita de grupo de alunos do 5.º ano, da Escola St. Julian's de Carcavelos - Secção Portuguesa (cerca de 20 alunos);

Visita de alunos da licenciatura em História, 1.º ano, cadeira de Pré-história da Universidade Lusófona de Lisboa (cerca de 25 alunos);

Fevereiro

Visita dos participantes no IV Encontro de Escultura Romana da Hispânia à Sala de Arqueologia (mosaico romano) (cerca de 20 pessoas);

Visita de alunos do 3.º ano, do Externato “as Descobertas” de Lisboa (cerca de 17 alunos);

Março

Visita de grupo de professores do Centro de Formação de Professores de Carnaxide “Formar para Educar” em colaboração com a Divisão de Educação/CMO, no âmbito do projecto “Conhecer Oeiras” (cerca de 25 pessoas);

Visita de grupo dos aposentados dos Serviços Sociais do Ministério da Saúde (cerca de 34 pessoas);

Visita de grupo de crianças dos ATL da Associação “O cantinho da pequenada”, de Frielas, Loures, da faixa etária dos 6-10 anos. (cerca de 25 crianças);

Abril

Visita de grupo de alunos do 4º ano, da Escola EB 1, nº. 5 de Oeiras, em colaboração com a Divisão de Educação/CMO (cerca de 55 alunos);

Mai

Visita de grupo de alunos do 4.º ano, da Escola EB, n. 2, de Oeiras (cerca de 50 alunos);

Visita de grupo de alunos do 3.º ano, da Escola EB, n.º 1, da Mina, Amadora (cerca de 45 alunos);

Visita de grupo de alunos do 4.º ano, do Colégio Monte Flor de Carnaxide (cerca de 22 alunos);
Visita de grupo de alunos do Centro da Área Educativa da Grande Lisboa - Ensino Recorrente, 5.º e 6.º anos do EB, da faixa etária dos 25-75 anos (cerca de 10 alunos);

Junho

Visita de grupo de alunos do 6.º ano, da Escola EB, 2 - Prof. Pedro D'Orey da Cunha (cerca de 30 alunos);

Julho

Visita de grupo dos participantes no programa “Melhor Exercício, Mais Saúde”, organizado pela Divisão de Desporto/CMO (cerca de 50 pessoas) ;

Agosto

Visita dos participantes no programa “Circuitos Turísticos”, Divisão de Cultura e Turismo/CMO (cerca de 30 pessoas);

Outubro

Visita de alunos do 4.º ano da Escola EB n.º 5 de Oeiras (cerca de 27 alunos);
Visita de alunos do 4.º ano da Escola EB n.º 5 de Oeiras (cerca de 25 alunos);
Visita de alunos do 4.º ano da Escola EB n.º 5 de Oeiras (cerca de 10 alunos);
Visita de grupo de alunos do 5.º ano, da Escola Salesiana de Manique (cerca de 58 alunos);
Visita de grupo de alunos do 5.º ano, da Escola Salesiana de Manique (cerca de 176 alunos);

Novembro

Visita de grupo de alunos do Seminário de Arqueologia do Ambiente, do Instituto Politécnico de Tomar, (cerca de 10 alunos);

Visita de grupo de alunos do 4.º ano do Externato “A Minha Escola”, de Paço de Arcos (cerca de 24 alunos);

Visita de grupo de alunos do 5.º ano da Escola EB, 2, 3, Visconde de Juromenha, de Mem Martins, (cerca de 25 alunos);

Visita de membros da Associação “Olho Vivo” (cerca de 10 pessoas);

Visita de alunos do 7.º ano, da Escola EB 2, 3, Agostinho da Silva, de Casal de Cambra (cerca de 54 alunos);

Visita de grupo de alunos do 5.º ano da Escola EB, 2, 3, Visconde de Juromenha, de Mem Martins (cerca de 55 alunos);

Visita de grupo de alunos do 5.º ano da Escola EB, 2, 3, Visconde de Juromenha, de Mem Martins (cerca de 58 alunos);

Visita de grupo de alunos do 5.º ano da Escola EB, 2, 3, Visconde de Juromenha, de Mem Martins (cerca de 26 alunos);

Dezembro

Visita de grupo de alunos do 5.º ano, do Colégio Inglês - Secção Portuguesa, de Carcavelos (cerca de 18 alunos);

Visita de grupo de alunos do 10.º ano, da disciplina de História da Arte, da Escola Secundária Sebastião e Silva (cerca de 38 alunos);

2003

Durante o ano de 2003 realizaram-se, no âmbito das actividades deste Centro, trinta e seis visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia e Sala de Arqueologia, a pedido de diversos estabelecimentos de ensino (básico, preparatório, secundário e universitário) da área da grande Lisboa, de organismos oficiais e particulares, ou no âmbito de visitas ao Concelho organizadas pelo Município. O número total aproximado de visitantes foi de cerca de 1000 pessoas, assim distribuídas:

Janeiro

Visita de grupo de alunos do 10.º ano, de História de Arte, da Escola Secundária Manuel Cargaleiro da Amora, Seixal (cerca de 20 alunos);

Visita de grupo de alunos do 5.º ano, da Escola EB, 2, 3, Conde de Oeiras (cerca de 52 alunos);

Fevereiro

Visita de grupo dos participantes no programa de promoção de actividades ao ar livre, da Divisão de Desporto/CMO (cerca de 25 pessoas);

Visita de grupo de alunos do 3.º ano, da Escola EB, n.º 3, de Oeiras (cerca de 40 alunos);

Março

Visita de grupo de alunos do 5.º e 6.º anos da Escola EB, 2, 3, Dr. Joaquim de Barros, de Paço de Arcos (cerca de 20 alunos);

Mai

Visita de grupo de alunos do 4.º ano, do Colégio Monte Flor, de Carnaxide (cerca de 25 alunos);

Visita de grupo de membros da Associação Soroptimist International, União Portugal (cerca de 20 pessoas);

Visita de grupo de alunos da Universidade da 3.ª Idade (cerca de 20 pessoas);

Visita de grupo da DGEMN, acompanhando o Sr. Arq.º Manuel Seleiro, Director Regional de Lisboa e

funcionários do Departamento de Projectos Especiais/CMO (cerca de 20 pessoas);

Visita de grupo dos participantes no programa “Circuitos Turísticos” da Divisão de Cultura e Turismo/CMO (cerca de 25 pessoas);

Junho

Visita de grupo dos participantes no XXIASP World Conference on Science and Technology Parks, 2003, no âmbito de programa organizado pela Divisão de Cultura e Turismo/CMO (cerca de 10 pessoas);

Julho

Visita de grupo de alunos do “Boston College” em intercâmbio com a Câmara Municipal de Cascais, integrados nos X Cursos Internacionais de Verão de Cascais (cerca de 10 pessoas);

Visita de jovens, inseridos no programa OTL’s do Departamento Assuntos Sociais e Juventude da Câmara Municipal de Odivelas, à Sala de Arqueologia (cerca de 15 jovens);

Visita de grupo dos participantes no programa “Circuitos Turísticos”, organizado pela Divisão de Cultura e Turismo/CMO (cerca de 23 pessoas);

Visita de grupo dos participantes da Associação Cultural Aeterna (cerca de 10 pessoas);

Agosto

Visita de jovens, inseridos no programa OTL’s do Departamento de Assuntos Sociais e Juventude da Câmara Municipal de Odivelas, à Sala de Arqueologia (cerca de 15 jovens);

Setembro

Visita de grupo de alunos de Arqueologia da Universidade de Goettingen, Alemanha (cerca de 15 pessoas);

Visita de grupo dos aposentados dos Serviços Sociais do Ministério da Saúde, Núcleo de Animação Social de Cultura (cerca de 15 pessoas);

Visita de grupo dos participantes no Programa de Promoção de Actividades de Ar Livre organizado pela Divisão do Desporto/CMO (cerca de 20 pessoas); associaram-se cerca de 10 municípios, por contacto directo com o CEACO;

Visita de grupo de voluntários do CCB - Museu do Design à Sala de Arqueologia (cerca de 25 pessoas);

Outubro

Visita de grupo de alunos do 5.º ano, do Departamento de Gestão do Território, do Instituto Politécnico de Tomar (cerca de 20 alunos);

Novembro

Visita de grupo de alunos do 4.º ano, da Escola EB, n.º 5 de Oeiras (cerca de 50 alunos);

Visita de grupo de alunos do 5.º ano, da Escola EB, 2, 3, Visconde de Juromenha, de Mem Martins (cerca de 35 alunos);

Visita de grupo de alunos do 5.º ano, do Colégio Inglês de Carcavelos - Secção Portuguesa (cerca de 18 alunos);

Visita de grupo de alunos do 5.º ano, da Escola EB, 2, 3, Visconde de Juromenha, de Mem Martins (cerca de 32 alunos);

Visita de grupo de alunos do 4.º ano, da Escola do 1.º Ciclo da Várzea de Sintra (cerca de 38 alunos);

Visita de grupo de alunos do 10.º ano de História de Arte, da Escola Secundária de Seomara da Costa Primo (cerca de 25 alunos);

Visita de grupo de alunos do 5.º ano, da Escola EB, 2, 3, Visconde de Juromenha, de Mem Martins (cerca de 45 alunos);

Visita de grupo de alunos do 5.º ano, da Escola EB, 2, 3, Visconde de Juromenha, de Mem Martins (cerca de 45 alunos);

Visita de grupo de alunos do 5.º ano, da Escola EB, 2, 3, Visconde de Juromenha, de Mem Martins (cerca de 45 alunos);

Visita de grupo de alunos do 5.º ano, da Escola EB, 2, 3, Visconde de Juromenha, de Mem Martins (cerca de 40 alunos);

Visita de grupo de alunos do 7.º ano, da Escola Secundária Luís de Freitas Branco, de Paço de Arcos (cerca de 27 alunos);

Visita de grupo de alunos do 4.º ano, da Escola Cooperativa “A Torre”, do Restelo (cerca de 26 alunos);

Visita de grupo de alunos do 5.º ano, da Escola EB, 2, 3, Visconde de Juromenha, de Mem Martins (cerca de 45 alunos);

Visita de grupo de alunos do 5.º ano, da Escola António Sérgio, do Cacém (cerca de 27 alunos);

Dezembro

Visita de grupo de alunos do 7.º e 8.º anos, do Clube do Património da Escola Secundária Stuart Carvalhais (cerca de 15 alunos);

3.5 - Outras colaborações

2002

Janeiro

Pedido de colaboração (apoio bibliográfico) em projecto pedagógico da Escola Secundária Amélia Rey Colaço, através da Inf.º n.º 474/01 da Divisão de Desporto/CMO. Resposta pela Inf.º n.º 1/02/CEACO, de 02/01/07, com cedência de exemplares dos vol. V e VI dos EAO.

Foi prestada colaboração e apoio bibliográfico a Ana Catarina Jesus Antunes, aluna do 1.º ano do Curso

de Conservação e Restauro da Universidade Nova de Lisboa, no âmbito da preparação de trabalho escolar para a cadeira de História de Arte.

Fevereiro

Pedido de colaboração e visita guiada ao mosaico romano, através da Inf.º n.º 003/Núcleo de Museologia/02, no âmbito do apoio da CMO à realização do IV Encontro sobre Escultura Romana da Hispânia (7, 8 e 9 de Fevereiro de 2002).

Solicitação do Sr. João Manuel Santos Colaço, de Aveiro, de apoio bibliográfico no âmbito de estudo sobre suínos. Enviada cópia de artigo relativo ao tema publicado no vol. 6 dos EAO.

Foi prestada colaboração a André Coelho, aluno do curso de pós-graduação “Gestão Cultural nas Cidades” do Instituto para o Desenvolvimento da Gestão Empresarial do ISCTE, no âmbito de estudo de análise do projecto da Fábrica da Pólvora de Barcarena.

Foi prestada colaboração à Dr.ª Olga Matos, da Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Viana do Castelo, no âmbito da preparação de tese de doutoramento sobre “valorização dos sítios arqueológicos de Portugal” .

Foi endereçado ao CEACO, pelo Sr. António Garcia Borges, da Câmara Municipal da Covilhã, pedido de oferta da publicação “Sítios, Pedras e Homens - Trinta anos de Arqueologia em Oeiras”, vol. 9 dos EAO.

Colaboração prestada à Dr.ª Ana Catarina Sousa e Dr.ª Marta Miranda do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Mafra, no âmbito da recolha de informações sobre valorização de sítios arqueológicos.

Março

Prestação de esclarecimentos a Romana Nunes, aluna do 4.º ano da Universidade Nova de Lisboa, sobre o mosaico romano de Oeiras, no âmbito de trabalho para a cadeira de estágio prático e trabalho final.

Foi solicitado pela Sr.ª Dr.ª Ana Isabel Beça, Vereadora do Pelouro da Cultura/CMO, texto alusivo às escavações realizadas em 2001, nos povoados pré-históricos de Leceia e do Carrascal (enviado p/ fax de 22 de Março de 2002).

Foi prestada colaboração a Rita Simões de Melo Martins Cartaxo, aluna do Curso de Design de Equipamento da Faculdade de Belas-Artes de Lisboa no âmbito da preparação de trabalho para a disciplina de Arqueologia e Património.

Abril

Foi endereçado a este Centro, através da Divisão de Cultura e Turismo/CMO, pedido de preenchimento do “Inquérito ao Financiamento Público das Actividades Culturais. Câmaras Municipais 2001”, do Instituto Nacional de Estatística.

Entrevista concedida à Sr.ª D. Gertrudes Guerreiro, da Rádio Voz de Almada, em colaboração com a

CMO, no âmbito da preparação de textos de índole cultural (gravação a 02/04/17).

Solicitação de parecer pelo Sr. Francisco Pedroso, morador na rua dos Bombeiros Voluntários de Barcarena, relativamente a materiais (telhas, etc..) encontrados em terreno contíguo à sua casa.

Foi prestada colaboração, mediante a abertura da Sala de Arqueologia com o acompanhamento técnico da Dr.^a Maria da Conceição André e do Sr. Bernardo Ferreira deste Centro, na comemoração do dia 18 de Maio, Dia Internacional dos Museus, na sequência de solicitação contida na Inf.^o n.^o 046/Núcleo de Museologia/02, com despacho da Sr.^a Vereadora do Pelouro da Cultura.

Maio

Foi solicitado pela Dr.^a Luciana de Jesus, do Gabinete de Investigação Arqueológica e Antropológica (GAIAA), parecer no âmbito do estudo de avaliação ambiental do projecto de alargamento do IC19 entre os nós do Hospital de Amadora/Sintra e Ranholas.

Foi prestada colaboração a José Luís de Oliveira Gomes, aluno do Curso de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Lusíada, na elaboração de estudo sobre as “Ferrarias d’ El-Rei” - Fábrica da Pólvora de Barcarena.

Foi enviado ao Sr. Arq.^o Carlos Reis, do Departamento de Projectos Especiais, a 21 de Maio de 2002, informação relativa à recepção do ofício do IPPAR, ref.^a DRL-2000/23-10(8) - Estação arqueológica do Castro de Leceia (no âmbito de Plano de Urbanização junto ao povoado pré-histórico de Leceia).

Junho

Solicitação de informações por parte da Dr.^a América Magalhães, da Biblioteca Municipal de Sintra, relativamente à venda e divulgação de exemplares da série Estudos Arqueológicos de Oeiras.

Julho

Solicitação de informações da Sr.^a Vereadora Dr.^a Ana Beça, do pelouro da Cultura da CMO, relativamente ao projecto de investigação do Centro Integrado do Cabeço dos Morros, Salvaterra de Magos, a que foi respondido.

Foi dirigido ao signatário, ofício ref.^a: APA 02/03(3), da Associação Profissional de Arqueólogos, relativo a questionário sobre a “Actividade Arqueológica nas Autarquias”, no âmbito do projecto da reestruturação da actividade arqueológica em Portugal, o qual foi ulteriormente enviado.

Foi dirigida solicitação à Sr.^a Vereadora do Pelouro da Cultura da CMO e posteriormente remetida ao signatário, por parte do Sr. Leonel de Oliveira, Coordenador de “Grandes Obras” - Círculo de Leitores, para cedência de imagens do povoado pré-histórico de Leceia, para inclusão na obra Lugares Mágicos, da autoria do Dr. Paulo Pereira.

Foi solicitada colaboração pelo Dr. José António Pereira, aluno do Mestrado em Sistemas de Informação do Departamento de Sistemas de Informação da Universidade do Minho, no âmbito da preparação de dissertação: “Os sistemas de informação em Arqueologia”.

Agosto

Foi dirigido a este Centro, ofício do Instituto Nacional de Estatística (INE), N.º221/DES/SECV, relativo a “Inquérito aos Museus - Dados referentes a 2001”, sobre a Sala de Arqueologia - Fábrica da Pólvora de Barcarena, o qual foi ulteriormente enviado à referida instituição.

Setembro

Foi solicitado pela Dr.ª Olinda Lopez do DPE/CMO, parecer sobre as grutas de Leceia, no âmbito de estudo relativo a projecto de salvaguarda e arranjo paisagístico das zonas envolventes do povoado pré-histórico de Leceia. Foi-lhe remetida cópia da documentação anterior, relativa a parecer, já anteriormente solicitado a este Centro pela Sr.ª Arq.ª Antónia Lima, Directora do DPGU/CMO (conforme seu parecer exarado na Inf.º n.º 2/2001 da DFM - Secção de Fiscalização, DPM), anteriormente referido em relatório de actividades do CEACO dos anos 2000 e 2001.

Foi solicitada pela Dr.ª Luciana de Jesus, do Gabinete de Investigação Arqueológica e Antropológica (GAIAA), colaboração no estudo de impacto ambiental da rede integrada de transporte colectivo - 1.ª fase Algés/Falagueira.

Foi endereçado ao signatário pedido de colaboração e apoio bibliográfico pelo Sr. António Garcia Borges da Câmara Municipal da Covilhã, no âmbito de investigação pessoal, sobre os Concelhos de Lisboa, Oeiras, Mafra, Amadora, Sintra, Cascais e Loures.

Outubro

Foi dirigido pelo signatário à Sr.ª Arq.ª Isabel Soromenho, Chefe da Divisão de Intervenção no Património Edificado do DPGU/CMO, a Inf.º n.º 33/02/CEACO, de 18 de Outubro de 2002, relativa à demolição do Antigo Palácio da Conceição na Rua Major Afonso Pala em Algés. Relatando o observado, menciona-se a existência de dois panos de muralha do antigo “Forte de N.ª Sr.ª da Conceição”, postos a descoberto na sequência da demolição do Palácio da Conceição que tinha sido construído sobre o Forte. Posteriormente, foi recebida neste Centro, cópia de Memorando da Arq.ª Isabel Soromenho, relativa à recepção da Inf. n.º 33/02/CEACO, e a solicitação da Sr.ª Directora do DPGU, relativamente ao acompanhamento do trabalho de remoção de entulhos e posterior prospecção e acompanhamento arqueológico. Anexa ao Memorando, foi também remetida cópia do ofício ref.º 616/2001/DPGU, da Sr.ª Arq.ª Antónia Lima, Directora daquele Departamento, dirigido ao Administrador da Arena Construções Imobiliária.

A 21 de Outubro de 2002, foi remetida à Sr. Arq.ª Isabel Soromenho, a Inf. n.º 34/02/CEACO, relativa ao acompanhamento arqueológico das obras em curso, com referência à formalização do acompanhamento arqueológico junto do organismo de Tutela. No mesmo dia foi endereçado o pedido de acompanhamento arqueológico, por parte do CEACO, por fax da Directora do DPGU, Arq.ª Antónia Lima.

Foi realizada pelo Sr. André Teixeira, jornalista da Agência Lusa, reportagem sobre as escavações dos povoados pré-históricos de Leceia e do Carrascal em 2002.

Solicitação de parecer do Sr. João Figueiredo funcionário do Sector do Turismo/CMO, relativamente a zona junto à Igreja de N.^a Sr.^a da Rocha em Carnaxide e Pedreira dos Húngaros.

Foi dirigida solicitação à Sr.^a Vereadora do Pelouro da Cultura da CMO e remetida ao CEACO, por parte do Departamento Sócio-cultural da Divisão de Cultura e Património Cultural da Câmara Municipal de Odivelas, para o acompanhamento técnico de visita ao CEACO do arqueólogo Dr. Rui Boaventura do Sector de Museus e Núcleos Museológicos, no âmbito do enriquecimento da sua formação profissional, dado o seu recente ingresso na Câmara Municipal de Odivelas.

Foi endereçada ao signatário pelo Dr. José Miguel Neves, pedido de colaboração, no estudo de materiais líticos recolhidos nas escavações do povoado do Neolítico Final do Belas Clube de Campo, Sintra.

Novembro

Realização de reportagem para o programa “País, País” da RTP 1, pelo Sr. Fernando Miravent a 12 de Novembro de 2002 e transmitida a 9 de Dezembro de 2002.

Execução de registo fotográfico de 2 lápides com inscrições, na Igreja da Cartuxa em Caxias.

Solicitação de informações e visita ao povoado pré-histórico de Leceia, pela jornalista Sr.^a D. Marion Frank, de S. Paulo, Brasil, para elaboração de texto de divulgação turístico-cultural.

Foi prestada colaboração e apoio bibliográfico a Carla Sofia Martinho, aluna do 4.º ano da licenciatura em História, variante Arqueologia da Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, no âmbito da disciplina de Estágio Prático e Relatório Final.

Foi enviada à Dr.^a Olinda Lopez do DPE/CMO, fax datado de 18 de Novembro de 2002, com informação relativa ao povoado pré-histórico de Leceia, relativa à sua classificação e protecção legal, no âmbito do projecto de requalificação da entrada daquela estação arqueológica, a cargo do Departamento de Projectos Especiais/CMO, em colaboração com este Centro.

Dezembro

Foi remetida ao Sr. Arq.^o Pedro Carrilho, Chefe do Departamento de Projectos Especiais da CMO, fax datado de 19 de Dezembro de 2002, com informação relativa ao projecto de requalificação da entrada do povoado pré-histórico de Leceia, referindo a necessidade de pedido de parecer ao IPPAR pelo DPE.

Foi remetida à Sr.^a Presidente, a Inf.^o n.º 41/02/CEACO, de 9 de Dezembro de 2002, relativa ao acompanhamento arqueológico das obras de loteamento do Parque de Santa Cruz em Carnaxide e ofício enviado aos Srs. Vice-Presidente do IPPAR e Director do Instituto Português de Arqueologia.

2003

Janeiro

Entrevista realizada ao signatário pela Dr.^a Carla Rocha do Gabinete de Comunicação/CMO, sobre o vol. 10 dos Estudos Arqueológicos de Oeiras, para a revista Oeiras Municipal.

Fevereiro

Foi solicitado pela Associação Leonel Trindade de Torres Vedras, a oferta de publicações para a Biblioteca daquela Associação, tendo-lhe sido enviada uma colecção completa do Estudos Arqueológicos de Oeiras.

Solicitação da Dr.^a Patrícia Pestana do Gabinete de Comunicação/CMO, para elaboração de nota de imprensa, relativa ao vol. 10 dos Estudos Arqueológicos de Oeiras.

Entrevista ao signatário sobre o vol. 10 dos Estudos Arqueológicos de Oeiras, realizada a 11 de Fevereiro de 2003, pelo Sr. Marcos Fernandes do CSB - Rádio Cascais.

Março

Parecer dirigido à Sr.^a Arq.^a Gisela Duarte, Directora do Gabinete de Apoio às Relações Institucionais, a 18 de Março de 2003, em resposta ao seu pedido de informações sobre os trabalhos arqueológicos realizados no Parque dos Poetas - Oeiras.

Foi dirigido ao signatário, ofício do Arq.^o Pedro Carrilho, do Departamento de Projectos Especiais da CMO, de 19 de Março de 2003, relativo à aprovação do Director Regional de Lisboa do IPPAR, do Projecto de Requalificação da entrada do povoado pré-histórico de Leceia.

Abril

Foi dado conhecimento à Senhora Presidente da CMO, Dr.^a Teresa Zambujo, através da Inf.^o n.^o 6/CEACO/03, de 14 de Abril de 2003, de recensão do vol. 9 dos Estudos Arqueológicos de Oeiras, correspondente a monografia do signatário, intitulada “Sítios, Pedras e Homens - trinta anos de Arqueologia em Oeiras”, pelo Prof. Doutor José D’ Encarnação, Catedrático de Arqueologia da Universidade de Coimbra e publicado na Revista Portuguesa de História, 35, 2001/2002, pp. 641-645 .

Foi dirigido a este Centro, Inf. n.^o 054/Núcleo de Museologia/03, relativa a Integração de estagiário no âmbito do Programa Comunitário Leonardo da Vinci. Tendo sido submetido o assunto à consideração do signatário pela Dr.^a Isabel Garcia, Chefe de Divisão da Divisão de Cultura e Turismo, este foi objecto da Inf. n.^o 8/03/CEACO, de 30 de Abril de 2003.

Foi dirigido ao Sr. Arq.^o Máximo Lapão, Director Regional de Lisboa do IPPAR, o ofício do CEACO de 22 de Abril de 2003 (registo saída CMO: 020473), relativo a suspensão das obras de loteamento no Parque de Santa Cruz em Carnaxide.

Maiο

Foi solicitada, pela Associação dos Antigos Orfeonistas da Universidade do Porto, a oferta de publicações para a recém criada Biblioteca da Associação, pedido que foi satisfeito.

Foi endereçado ao CEACO, pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), o preenchimento do “Inquérito aos Museus - 2002”, relativo à Sala de Arqueologia, ulteriormente remetido àquela entidade.

Junho

Foi remetido a este Centro, ofício do Instituto Português de Arqueologia (IPA), de 4 de Junho de 2003, e dirigido à Sr.^a Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, relativo à autorização dos trabalhos arqueológicos no povoado pré-histórico de Leceia, no âmbito do acompanhamento arqueológico das obras de construção da entrada daquela estação arqueológica (Projecto de Requalificação da Entrada do povoado pré-histórico de Leceia, em colaboração com o Departamento de Projectos Especiais/CMO). Tal acompanhamento arqueológico decorreu em permanência, do início ao fim da execução da abertura dos caboucos das estruturas a implantar no terreno.

Foi dado apoio à realização, pela Universidade Aberta, (ofício da Universidade Aberta ref.^a 036/SPA/2003, de 11 de Junho de 2003), de videograma relativo ao povoado pré-histórico de Leceia e Sala de Arqueologia da Fábrica da Pólvora de Barcarena.

Foi remetido ao Sr. Arq.^o Máximo Lapão, Director Regional de Lisboa do IPPAR, na sequência do ofício de 22 de Janeiro de 2003, fax relativo ao acompanhamento arqueológico das obras de requalificação arquitectónica da entrada do povoado pré-histórico de Leceia, com a documentação enviada ao IPA e respectiva resposta daquele Instituto.

Julho

Foi recebido fax, de ofício do Sr. Arq.^o Máximo Lapão, Director Regional de Lisboa, do IPPAR, de 25 de Junho de 2003, relativo ao envio de cópia da informação DRL-DS/1080/03, com despacho de 03/07/07, e efectuada pela Dr.^a Maria José Sequeira, técnica superior daquele Instituto, no âmbito do projecto de requalificação da entrada do povoado pré-histórico de Leceia e respectivo acompanhamento arqueológico.

Solicitação do Gabinete do Proqual/CMO, de parecer sobre o projecto do Ecoparque em Outurela.

Deu entrada na CMO, a 4 de Julho de 2003, ofício do Instituto Português de Arqueologia (IPA) ref.^a 93/1(23) de 03/06/24, dirigido à Sr.^a Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, relativo a “Trabalhos arqueológicos do arruamento Lage/Porto Salvo (Gruta da Lage)”, com cópia de ofício do Instituto Português de Arqueologia, de relativo às obras de prolongamento da Rua 1 - Lagoas Park, adjacente à gruta da Lage, dirigido à Dr.^a Ana Isabel Costa, da empresa Teixeira Duarte. O referido acompanhamento arqueológico foi efectuado pelo signatário coadjuvado pela Dr.^a Conceição André, tendo em conta a salvaguarda do património arqueológico existente no local (gruta da Lage) e foi já dado por terminado.

A 23 de Julho de 2003, deu entrada na CMO, ofício do Instituto Português de Arqueologia, relativo à autorização dos trabalhos arqueológicos (acompanhamento) na Gruta da Ponte da Lage.

Agosto

Foi realizada reportagem pela jornalista Susana Dutra para o jornal “A Capital”, publicada a 18 Agosto de 2003, sobre as escavações realizadas no povoado pré-histórico do Carrascal.

Setembro

Pedido de parecer apresentado pelo Sr. João Figueiredo do Sector de Turismo/CMO, sobre marcas gravadas em galerias do aqueduto de Carnaxide.

Outubro

Pedido de parecer, pelo Dr. Rui Boaventura, da Câmara Municipal de Odivelas, relativamente a antas da região de Lisboa, no âmbito da preparação de doutoramento.

Foi solicitado pela Dr.^a Olinda Lopez do Departamento de Projectos Especiais/CMO, o envio de informações e localização relativos às pedreiras situadas no Concelho.

Foi solicitada pelos Doutores Simon Davis e Umberto Albarella, autorização para a realização de medidas de materiais osteológicos do género *Sus* recolhidos no povoado pré-histórico de Leceia, no âmbito do projecto de investigação "The archeology of pig domestication and husbandry" da Universidade de Durham (Reino Unido).

Visita de trabalho à antiga Fábrica da Luselite na Cruz Quebrada, realizada no dia 31, com a presença do signatário, da Dr.^a Conceição André, Dr.^a Filomena Serrão da DIPE/CMO e Dr. Jorge Miranda. Posteriormente foi remetida à SILCOGE, proprietária daquele antigo complexo fabril, relatório da visita.

Novembro

Foi realizada reportagem, por Célia Reis, da Rádio Miramar, relativamente à Inauguração da Entrada do povoado pré-histórico de Leceia, no dia 28 de Novembro.

Foi contactado o CEACO, pela Dr.^a Olinda Lopez do DIPE/CMO, para pedido de parecer e acompanhamento das obras preparatórias de urbanização pela CHEPA, Cooperativa de Habitação Económica de Paço de Arcos, no Bairro Casal das Chocas, em Porto Salvo.

Desde então tem sido prestado acompanhamento regular daqueles trabalhos, bem como recolhido diverso material arqueológico.

Foi dirigido pelo Gabinete de Apoio à Juventude/CMO, pedido de colaboração na oferta de material didáctico e de divulgação concelhia para a Associação Juvenil Ambiental e Arqueológica de Castelo de Paiva, após solicitação dirigida à CMO. Foi remetida através daquele Gabinete, uma colecção dos Estudos Arqueológicos de Oeiras, para oferta àquela Associação.

4 - PRÉMIOS

A 10 de Julho de 2002, em sessão solene, foi outorgado ao signatário o Prémio Aboim Sande Lemos, da Academia Portuguesa da História, pela obra publicada pela Câmara Municipal de Oeiras, que constitui o vol. 9 dos Estudos Arqueológicos de Oeiras, "Sítios, pedras e homens. Trinta anos de arqueologia em Oeiras". Trata-se de mais um significativo e público reconhecimento da valia da investigação e da divulgação do património arqueológico oeirense levada a cabo por este Centro de Estudos Arqueológicos.

5 - CONCLUSÃO

Os trabalhos desenvolvidos em 2002 e em 2003 no CEACO deram continuidade aos objectivos estratégicos e programáticos anteriormente definidos. Verificou-se uma estabilização de visitantes ao povoado pré-histórico de Leceia e respectiva exposição monográfica, patente ao público na Fábrica da Pólvora de Barcarena (Sala de Arqueologia). Trata-se, sobretudo de alunos dos diversos graus de ensino (básico e secundário) de estabelecimentos sediados no concelho de Oeiras, integrados em visitas escolares guiadas. Tal situação denuncia o hábito, já adquirido, de realização de visitas regulares àquela estação arqueológica. Esta é, sem dúvida, uma das áreas de intervenção mais significativas e de maior visibilidade do CEACO, constituindo na actualidade uma vertente fundamental de actuação, no quadro das suas atribuições e competências.

Onde as actividades de investigação e divulgação do Património Arqueológico concelhio se encontram mais expressivamente espelhadas, especialmente no que concerne à sua projecção a nível nacional, é no amplo conjunto de revistas de índole arqueológica com as quais os “Estudos Arqueológicos de Oeiras” mantêm ou estabeleceram permuta, no decurso de 2002 e 2003. Verifica-se, com efeito, que no final de 2001 se recebiam 38 revistas nacionais e 88 internacionais, tendo, em 2003, tais valores subido para 44 revistas nacionais e 91 internacionais todas de carácter arqueológico, facto bem demonstrativo da qualidade da investigação desenvolvida neste domínio pelo CEACO, constituindo exemplo ímpar no panorama arqueológico nacional.

Os factos aludidos neste Relatório confirmam o reconhecimento público, ao nível das mais diversas instâncias, da valia e interesse do trabalho desenvolvido no CEACO, já expresso em anteriores relatórios, constituindo, decerto, mais um motivo para prosseguir empenhadamente no rumo traçado, desenvolvido pela equipa que assegura quotidianamente a sua concretização.

Barcarena, 26 de Janeiro de 2004

O Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras

Doutor João Luís Cardoso